"FORMIDÁVEL NOVO LIVRO."
ROBERT P. GEORGE, Princeton University

AMA TEU CORPO



Contrapondo a cultura que fragmenta o ser humano criado à imagem de Deus

NANCY PEARCEY

Autora do best-seller *Verdade Absoluta*

"FORMIDÁVEL NOVO LIVRO."
ROBERT P. GEORGE, Princeton University

AMA TEU CORPO



Contrapondo a cultura que fragmenta o ser humano criado à imagem de Deus

NANCY PEARCEY

Autora do best-seller *Verdade Absoluta*

NANCY PEARCEY

AMA TEU CORPO

Contrapondo a cultura que fragmenta o ser humano criado à imagem de Deus

Traduzido por
Marcelo Siqueira

1ª edição

CPAD
Rio de Janeiro
2021

Todos os direitos reservados. Copyright © 2020 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: Love Thy Body

Baker Books, Grand Rapids, Michigan, EUA

Primeira edição em inglês: 2018

Tradução: Marcelo Siqueira

Preparação dos originais: Daniele Pereira

Revisão: Miquéias Nascimento

Capa: Wagner de Almeida

Projeto gráfico e editoração: Anderson Lopes e Leonardo Engel

Conversão para ebook: Cumbuca Studio

CDD: 240 – Moral cristã e teologia devocional

e-ISBN: 978-65-86146-31-8

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos

lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2020

Alguns nomes e detalhes foram alterados para proteger a privacidade dos indivíduos envolvidos.



AGRADECIMENTOS

Este livro recebeu um rico aporte de opiniões no seu processo de composição. Transmiti este conteúdo na forma de preleções em várias universidades e colégios cristãos, bem como em conferências de Apologética. Além disso, lecionei todo este conteúdo tanto nos cursos de subgraduação, como nos de graduação da Universidade Batista de Houston. Organizei dois grupos de leitura com estudantes do Honors College da UBH. Ao longo do verão, fui recebendo feedback de um grupo de leitura de graduados no sistema de ensino em domicílios organizado por Kathryn Hitt Hart e Patricia Samuelsen da Schola. Outro grupo de leitura foi organizado por David e Sue Tong, líderes de um grupo do ministério Reasonable Faith [Fé Racional]. Também lecionei uma série de aulas com base neste material para um curso de ética de Paul Shockley, no Colégio de Estudos Bíblicos.

Quero agradecer à Barbara Challies e Maria Dunn pelas opiniões valiosas. Às várias pessoas da minha família que leram e debateram o texto original. Ao meu esposo, Rick, que foi, como sempre, o meu melhor editor e parceiro de diálogo.

Sou grata por partilhar de um ambiente acadêmico com colegas dispostos a ler todas as partes do texto original. Alguns deles reuniram-se por várias semanas em um grupo de debate. Quero agradecer a Agnieszka Czopik, Sara Frear, Trae Holcomb, Anthony Joseph, Jeremy Neill, Christopher Sneller, John Oliver Tyler e Jerry Walls.

Além desses, várias pessoas com competências especializadas, ou com experiência, apresentaram comentários importantes em todas as partes do texto original, dentre as quais estão Ryan T. Anderson, Rosaria Butterfield, Alysse ElHage, Greg Jesson, Scott Masson, Darrow Miller, Stella Morabito, Tim Otto, Jennifer Roback Morse, Melinda Selmys, Lianne Simon, Glenn Stanton, Warren Throckmorton, Eve Tushnet e Mark Yarhouse. Eles não concordaram com exatamente tudo o que escrevi, mas foram generosos ao interagir criticamente com o texto apresentado.

Como sempre, o meu agente, Steve Laube, foi um apoiador ativo e entusiasmado do projeto. Por fim, quero expressar a minha gratidão à equipe da Baker

Publishing, especialmente ao meu editor, Bob Hosack, à editora de projeto, Lindsey Spoolstra, ao vice-presidente de Marketing, Mark Rice, à gerente de Marketing, Eileen Hanson, e à diretora de arte, Patti Brinks. É uma alegria trabalhar com pessoas que têm compromisso com a excelência.



APRESENTAÇÃO

Surge de propósito e de modo singular a obra de Nancy Pearcey para o leitor de língua portuguesa. Trata-se de uma autora premiada por várias obras no mundo da literatura evangélica e que se dedica especialmente no campo da Apologética Cristã. As suas qualificações estão expostas neste livro com o intuito de dar a conhecer muito mais o seu apanágio intelectual e teológico do que exibir a pessoa de Nancy Pearcey. Uma autoria que não precisa de confetes humanos porque é uma idealista em termos de filosofia cristã. Nesta obra, ela dedicou-se a tratar de assuntos nos quais discute Ciência e Cosmovisão cristã. A sua obra não tem caráter devocional. Ela escreveu-a com uma visão didática, filosófica e teológica, objetivando discutir assuntos no campo da Ética Cristã. Nesta matéria de ética cristã, Nancy Pearcey trata de assuntos como aborto, eutanásia, casamento homossexual, identidade de gênero, sexualidade e outros assuntos correlatos. Com uma visão ortodoxa e bíblica da Antropologia, Nancy Pearcey defende uma compreensão sólida da dignidade da pessoa humana de forma integral. Ela confronta a ética liberal secular como algo insustentável e defende a ideia do "corpo" como um elemento da unidade mental, física e espiritual da pessoa humana.

Na sociedade contemporânea, o "ethos secular" trata com desdém a expressão "liberdade religiosa" e também a vê como um direito ilegítimo, e não como um direito fundamental na sociedade humana. Para alguns grupos de pretensos intelectuais, a expressão "liberdade religiosa" é vista como hipocrisia, e eles entendem que códigos de discriminação, intolerância, racismo, sexismo, homofobia e supremacia cristã são elementos disfarçados dessa hipocrisia. A tendência atual no mundo moderno é a negação aos cidadãos da sua liberdade religiosa. A Igreja de Cristo, a igreja que resiste à revolução moral, está sendo pressionada por forças intelectuais do sistema mundano. Não há dúvidas de que essas forças são, antes de tudo, forças espirituais das "hostes espirituais da maldade" (Ef 6.12) que dominam o mundo atual e que influenciam nossos governos para aceitarem a quebra dos valores da verdadeira ética. Nancy Pearcey demonstra em toda a sua obra o espírito valente de quem acredita nos valores morais que a Bíblia oferece, além de lutar por esses valores.

A autora rejeita a cultura do "dualismo de dois andares", que separa "o corpo da

pessoa". Essa cultura é tão diabólica que trata fetos e recém-nascidos como meros tecidos materiais para pesquisa. A Bíblia, porém, rejeita essa cultura dualista e declara na sua antropologia que o "corpo físico faz parte da pessoa humana"; por isso, os cristãos autênticos opõem-se ao aborto, à eutanásia e à relação homossexual.

Independentemente das ideias pessoais contradizentes no meio evangélico, aconselho aos leitores da obra que usem do bom senso para discutir, avaliar e chegar a conclusões sobre as matérias tratadas. As preferências pessoais podem discordar da matéria do livro, mas não devem ser feitas sem que entendam "o espírito correto" da autora, que, com autoridade e maturidade, foi capaz de abordar um assunto tão forte e, ao mesmo tempo, tão necessário para nossos dias.

Recomendo aos leitores dessa obra que façam uma leitura não como lazer, mas que a façam com inteligência, pois o modo como a autora confronta as ideias da cultura secular abre luz para entender a cosmovisão cristã e bíblica. Creio que a leitura desta obra contribuirá para o acervo intelectual e pastoral da liderança de nossas igrejas que diariamente enfrentam essas situações na lide pastoral. Recomendo esta obra aos líderes de jovens, de casais, aos professores de Escola Dominical e aos professores de Escolas Teológicas, pois os assuntos tratados nesta obra alicerçarão ainda mais nossa eclesiologia.

Mais uma vez, nossa CPAD destrava-se do trivial e apresenta uma obra sem ferir nossos valores e nossa teologia.

Nossa oração a Deus é para que Ele abençoe a mente dos leitores e que estes façam desta obra um guia de orientação para as lides pastorais.

Curitiba–PR, 15 de maio de 2020

Pastor Elienai Cabral

Consultor Doutrinário e Teológico da CPAD



SUMÁRIO

Agradecimentos

Apresentação à Edição em Língua Portuguesa

Sumário

Introdução: Um Guia para a Terra Desolada

1. Eu me Odeio

A ascensão e o declínio do corpo humano

2. A Alegria da Morte

“Você deve estar preparada para matar”

3. Caro Componente Valioso

Você não se qualifica mais como pessoa

4. Sexo Esquizofrênico

Sequestrado pela cultura do sexo casual

5. O Corpo Imprudente

Como a narrativa homossexual avilta o corpo

6. Transgênero, Transrealidade

“Deus deveria ter me feito menina”

7. A Deusa da Escolha Está Morta

Do contrato social ao colapso social

Guia de Estudos

Notas

Índice Remissivo

Comentários sobre o Livro

Sobre a Autora

O destino, e não Deus, deu-nos esta carne.

Temos direito absoluto sobre o nosso corpo

e podemos fazer com ele como julgarmos conveniente.

(Camille Paglia, Vamps & Tramps

[Vampes e Vadias])

Os cristãos deveriam confessar a sua fé na ordem natural

como a boa criação de Deus...

Devemos estimar a natureza,

devemos submeter-nos às suas leis inerentes

e devemos planejar as nossas atividades em cooperação com elas.

(Oliver O’Donovan, Begotten or Made?

[Gerado ou Fabricado?])



INTRODUÇÃO

Um Guia para a Terra Desolada

A vida humana e a sexualidade tornaram-se as questões morais divisoras de águas de nossa época. Todos os dias, o ciclo de 24 horas de notícias relata o avanço de uma revolução moral secular em áreas como sexualidade, aborto, suicídio assistido, homossexualidade e transgenerismo. A nova ortodoxia secular está sendo imposta por intermédio de quase todas as grandes instituições sociais: academia, mídia, escolas públicas, Hollywood, corporações privadas e a lei.

É fácil ser apanhado pela última controvérsia ou pelas notícias de última hora. Só que os eventos correntes são apenas efeitos superficiais, como ondas no oceano. A ação real acontece abaixo da superfície, no nível das cosmovisões. Elas são como placas tectônicas cujos movimentos causam as ondas que encrespam a superfície. Em Ama teu Corpo, iremos além das manchetes que chamam atenção e dos slogans da moda para revelar a cosmovisão que dirige a ética secular. Ao aprender os princípios centrais dessa cosmovisão, você conseguirá lutar com inteligência e compaixão contra todos os desafios morais mais controversos dos nossos dias.

Tendo sido eu mesma uma agnóstica, apresento um mapa privilegiado das teorias morais pós-modernas, mostrando como elas desvalorizam o ser humano e destroem os direitos humanos.

Aqueles que divergem da ortodoxia do politicamente correto são acusados de intolerância e discriminação, rotulados como fanáticos e misóginos e perseguidos por campanhas de vergonha e intimidação. Querem provas? Na decisão Windsor, de 2013, o decreto da Suprema Corte dos Estados Unidos derrubou o Ato de Defesa do Casamento (DOMA, na sigla em inglês), uma lei federal que reconhecia o casamento como sendo entre um homem e uma mulher. A opinião majoritária acusou os apoiadores do DOMA de serem motivados por “animus” (animosidade, hostilidade, ódio). Alegava que o propósito deles era “depreciar”, “ofender”, “degradar”, “humilhar”, “rebaixar” e “prejudicar” as pessoas em uniões do mesmo sexo [...], marcá-las como “indignas”, “impor uma desvantagem, um estigma” e “negar a eles igual dignidade”. Em resumo, a Corte

não disse apenas que quem apoia o casamento homem-mulher está errado. Denunciou-os como hostis, odiosos e maldosos.

Aqueles que discordam do ethos secular corrente apelam ao direito à liberdade religiosa. Já o presidente da Comissão de Direitos Civis dos Estados Unidos escreveu com desdém que "a expressão 'liberdade religiosa' não representará nada, a não ser hipocrisia, enquanto permanecer como código para discriminação, intolerância, racismo, sexismo, homofobia, islamofobia, supremacia cristã ou qualquer outra forma de intolerância".[1] Observe que a expressão "liberdade religiosa" é colocada entre aspas, como se fosse um direito ilegítimo, e não um direito fundamental em uma sociedade livre.

O próximo passo será negar aos cidadãos a sua liberdade religiosa — e isso já começou. Aqueles que resistem à revolução moral secular têm perdido empregos, negócios e posições de ensino. Outros têm sido expulsos de programas de graduação, perdido o direito de ser pais temporários, sido forçados a fechar centros de adoção, perdido o seu status como organizações de campo [...], e a lista de opressão só tende a crescer.[2]

A mesma ortodoxia do politicamente correto está sendo promovida agressivamente por todo o mundo por intermédio do Departamento de Estado norte-americano, das Nações Unidas, da União Europeia, de fundações privadas e da mídia. Nações ricas estão pressionando as mais pobres a mudar suas leis sobre aborto e sexualidade como pré-requisito para obter ajuda.[3] A revolução sexual está tornando-se algo global.

FREQUENTADORES DE IGREJAS COOPTADOS

Não pense que os frequentadores de igreja estão imunes. Muitas pessoas que se identificam como religiosas ou cristãs estão sendo cooptadas pela cosmovisão secular, muitas vezes sem perceber. Os números são perturbadores:

Pornografia: Cerca de dois terços dos homens cristãos têm contato com a pornografia ao menos mensalmente — a mesma taxa de homens que não

afirmam ser cristãos.[4] Em uma pesquisa, 54% dos pastores disseram ter visto pornografia no último ano.[5]

Coabitação: Uma pesquisa Gallup descobriu que quase metade (49%) dos adolescentes com contexto religioso apoiam o “morar junto” antes do casamento.[6]

Divórcio: Entre os adultos que se identificam como cristãos, mas raramente frequentam a igreja, 60% já se divorciaram. Entre aqueles que frequentam a igreja regularmente, o número é de 38%.[7]

Homossexualidade e Transgenerismo: Esses assuntos estão dividindo até mesmo os grupos religiosos conservadores. Em um estudo de 2014 do Pew Research Center, 51% dos evangélicos da geração nascida na virada do século XX-XXI (os chamados millennials) disseram que o contato sexual entre pessoas do mesmo sexo é moralmente aceitável.[8]

Aborto: Uma pesquisa da LifeWay descobriu que cerca de 70% das mulheres que fizeram um aborto identificam-se como cristãs, e 43% disseram frequentar uma igreja cristã pelo menos uma vez ao mês, ou mais, na época em que abortaram o seu bebê.[9]

O problema é que muitas pessoas tratam a moralidade como uma lista de regras. Mas, na realidade, todo sistema moral repousa sobre uma cosmovisão. Em cada decisão que tomamos, não estamos apenas decidindo o que queremos fazer. Estamos expressando a nossa visão sobre o propósito da vida humana. Nas palavras do teólogo Stanley Hauerwas, um ato moral “não pode ser visto como apenas um ato isolado, mas envolve opções fundamentais sobre a natureza e o significado da própria vida”.[10]

Para sermos estrategicamente eficazes, devemos abordar o que as pessoas acreditam “sobre a natureza e o significado da própria vida”. Devemos lutar contra a sua cosmovisão.

C. S. Lewis expõe desta maneira: “O cristão e o materialista possuem crenças diferentes sobre o universo. Eles não podem estar ambos corretos. Aquele que está errado agirá de uma maneira que simplesmente não se encaixa no universo real”.[11] Meu objetivo em Ama teu Corpo é mostrar que a moralidade secular “não se encaixa no universo real”.

VERDADE PARA VOCÊ, E NÃO PARA MIM?

O primeiro passo é reconhecer que a moralidade secular repousa sobre uma divisão profunda que corre em todo o pensamento e cultura do Ocidente — aquela que acaba com a conexão entre conhecimento científico e conhecimento moral. No passado, a maioria das civilizações defendia que a realidade consiste tanto na ordem natural quanto na ordem moral, integradas em uma unidade maior. Portanto, de modo semelhante, pensava-se que o nosso conhecimento da realidade era um sistema de verdade único e unificado.

Entretanto, na era moderna, muitas pessoas passaram a pensar que o conhecimento confiável só é possível pela ordem natural — de fatos científicos testados empiricamente. O que isso implica para as verdades morais? Elas não podem ser colocadas dentro de uma proveta de teste ou estudadas sob um microscópio. Muitas pessoas concluíram que a moralidade não se qualifica como verdade objetiva. Ela consiste apenas em sentimentos e preferências pessoais.

O conceito unificado de verdade foi explodido, dividido em dois domínios separados.

O teólogo Francis Schaeffer ilustrou a divisão usando a metáfora de dois andares em um prédio. No andar inferior, está a ciência empírica, defendida como sendo objetivamente verdadeira e verificável. Este é o reino das verdades públicas — coisas que todos devem aceitar, independentemente das suas crenças individuais. O andar superior é o reino da moralidade e da teologia, que é tratado como privado, subjetivo e relativo. É aqui que ouvimos as pessoas dizerem: “Isso pode

ser verdadeiro para você, mas não é para mim”.[12]

O conceito de verdade foi dividido

TEOLOGIA, MORALIDADE

Privado, Subjetivo, Relativo

CIÊNCIA

Público, Objetivo, Válido para Todos

Quando os livros de Schaeffer foram publicados pela primeira vez, a maioria das pessoas tratou a sua imagem dos dois andares como um pouco mais do que uma metáfora estranha para o Relativismo. Todavia, anos depois, quando eu estava estudando o que, no mundo acadêmico, chamamos de divisão fato/valor, descobri que era disso que Schaeffer estava falando, embora não tivesse usado a mesma expressão.[13] Você consegue ver os paralelos?

A divisão fato/valor

VALORES

Privado, Subjetivo, Relativo

FATOS

Público, Objetivo, Válido para Todos

Descrevi os paralelos no meu livro anterior, Total Truth [Verdade Absoluta], e, de repente, a análise de dois andares de Schaeffer tornou-se visivelmente relevante para os nossos dias. Um importante filósofo cristão disse-me que tinha lido toda a obra de Schaeffer e, como professor, ele disse: “Ensinei sobre os perigos da divisão fato/valor a minha vida toda [...] mas eu nunca havia feito a conexão”. Ao fazer essa conexão, Total Truth [Verdade Absoluta] ajudou a trazer as ideias de Schaeffer para uma conversa nova e frutífera com o pensamento secular.

UMA COSMOVISÃO FRAGMENTADA

Ainda mais tarde, percebi que a divisão fato/valor é apenas a ponta do iceberg — que toda a filosofia moderna foi dividida em duas correntes principais. Uma corrente começou com a revolução científica. Deu surgimento à tradição do Iluminismo, composta de filósofos que alegavam construir sobre a ciência. Eles propuseram filosofias que tratam o reino do fato (andar inferior) como a realidade primária — “ismos” como empirismo, racionalismo, materialismo e naturalismo.

Entretanto, como você deve lembrar-se das aulas do Ensino Médio, houve uma reação contra o Iluminismo chamada de Movimento Romântico. Ele foi composto por pensadores que buscavam manter vivo o reino do valor (andar superior). Eles concentravam-se em questões de justiça, liberdade, moral e significado. Os pensadores dessa tradição propuseram “ismos” como idealismo,

marxismo, existencialismo e pós-modernismo.

Hoje essas duas tradições estão resumidas superficialmente sob os títulos de modernismo versus pós-modernismo e continuam brigando. A divisão entre elas ficou tão grande que um filósofo diz que é quase como se o pensamento ocidental tivesse se dividido em “dois mundos filosóficos”. Outro filósofo chega a ficar preocupado por termos “alcançado um ponto no qual parece que estamos trabalhando em assuntos diferentes” e “gritando através de um abismo”.[14]

Os modernistas alegam que o andar inferior é a realidade primária ou única — fatos e ciência. Os pós-modernistas alegam que o andar superior é o primário — que os fatos e a ciência são apenas construções mentais.[15]

A divisão no pensamento ocidental

TRADIÇÃO ROMÂNTICA

Pós-Modernismo

TRADIÇÃO ILUMINISTA

Modernismo

Como a filosofia é absolutamente fundamental, essa divisão afeta todas as outras áreas de conhecimento, incluindo a moralidade.[16] Nas questões morais, estamos perguntando: Qual a maneira correta de se tratar as pessoas? A nossa resposta depende daquilo que pensamos sobre quem são as pessoas — ou do que significa ser humano. (Os filósofos chamam isso de antropologia.) A chave para

compreender todos os assuntos controversos dos nossos dias é que o conceito de ser humano também foi fragmentado nos andares inferior e superior. O pensamento secular atual presume uma divisão corpo/pessoa, com o corpo definido no reino do “fato” pela ciência empírica (andar inferior) e a pessoa definida no reino dos “valores” como base para os direitos (andar superior). Esse dualismo criou uma visão quebrada, fragmentada do ser humano, na qual o corpo é tratado como algo separado do eu autêntico.

UMA NOVA ESTRATÉGIA

Essa divisão em dois andares equipa-nos com uma nova estratégia poderosa para ajudar as pessoas a verem por que a ética secular fracassa, tanto pessoal quanto publicamente. O capítulo 1, “Eu me Odeio”, investiga todos as questões mais relevantes, destacando a visão de dois andares do ser humano que motiva todas elas. Mesmo que você queira concentrar-se em um tópico posterior, recomendo que comece lendo o capítulo 1 para familiarizar-se com a estratégia geral que aplicarei ao longo do restante do livro. (Como esses são assuntos controversos, nem todas as objeções podem ser abordadas no texto. Por favor, consulte as notas finais para uma análise mais aprofundada.)

O capítulo 2, “A Alegria da Morte”, pergunta como o dualismo corpo/pessoa reforça os argumentos seculares para o aborto e o infanticídio. O capítulo 3, “Caro Componente Valioso”, revela o impacto devastador do mesmo dualismo nos argumentos pela eutanásia, assim como em assuntos relacionados, como pesquisa com células-tronco embrionárias, direitos dos animais, engenharia genética e Transumanismo. O capítulo 4, “Sexo Esquizofrênico”, expõe as mentiras da cultura do sexo casual. Ao contrário de suas alegações pela liberdade do corpo, na realidade ela expressa desdém pelo corpo. O capítulo 5, “O Corpo Imprudente”, revela como a prática sexual com pessoas do mesmo sexo também humilha o corpo. O capítulo 6, “Transgênero, Transrealidade”, pergunta como ajudar as pessoas que acham que o seu corpo não corresponde ao seu eu verdadeiro e autêntico. O capítulo final, “A Deusa da Escolha Está Morta”, passa do reino individual para o reino social: Como o dualismo corpo/pessoa está destruindo os nossos relacionamentos mais íntimos, especialmente o casamento e a família, deixando as pessoas solitárias e isoladas?

…

Vivemos em uma terra desolada na questão da moral, onde os seres humanos estão buscando, de forma desesperada, respostas para perguntas difíceis sobre vida e sexualidade. Só que existe esperança. Podemos cultivar um jardim na terra desolada. Podemos descobrir uma moralidade baseada na realidade que expressa uma visão positiva e afirmadora da vida sobre a pessoa humana — uma visão mais inspiradora, mais atraente e mais libertadora do que a cosmovisão secular. Para começarmos a aprender sobre isso, avancemos para o capítulo 1.



Capítulo 1

EU ME ODEIO

A ascensão e o declínio do corpo humano

Zoe parecia ter tudo a seu favor. Estudante educada em casa com brilhantismo, ela recebeu bolsa completa em duas universidades de primeira linha quando tinha apenas 17 anos e tinha acabado de entrar no Ensino Médio.

Então, sem aviso prévio, Zoe fugiu de casa.

Desvairados, com medo e aflitos, seus pais descobriram que ela tinha sido seduzida por uma estudante universitária de 22 anos — a quem chamaremos Holly — que frequentava uma universidade cristã evangélica das redondezas. Elas tinham-se conhecido em uma organização de educação cristã onde Holly estava ensinando. Como a idade para consentimento no Estado onde viviam é 18 anos, o seu relacionamento era ilegal. Preocupada com um possível processo, Holly persuadiu Zoe a fugir com ela para outro Estado, que tinha uma idade de consentimento mais baixa.

Embora os pais de Zoe tenham escolhido não prestar queixa, as leis de abuso sexual que poderiam ter sido aplicadas incluem estupro de incapaz, aliciamento de menores para atividade sexual, abdução de menores e abuso sexual de uma criança por um funcionário de escola ou pessoa que trabalhe ou seja voluntária com crianças. (Na lei, “criança” significa menor de idade.)

Para conseguir simpatia (e benefícios governamentais), Zoe alegou que seus pais tinham-na expulsado de casa. Muitos amigos da família acreditaram nela, e seus pais, além da dor de terem perdido a filha, acabaram cortados do relacionamento com esses amigos.

Depois de meses persuadindo Zoe a mudar-se com ela para o outro extremo do país, Holly trocou-a por outra mulher. Hoje, Holly está terminando o seu doutorado em uma universidade prestigiada, estudando gênero e orientação sexual, e Zoe está servindo mesas em uma cafeteria — confusa e deprimida —, uma vítima da revolução sexual.[1]

Nos nossos dias, questões de vida e sexualidade não são apenas teóricas; elas afetam praticamente todas as pessoas de maneira pessoal. Para responder de

maneira eficaz à revolução moral secular dos dias de hoje, devemos cavar mais fundo para encontrar a cosmovisão subjacente que a dirige. Na introdução, aprendemos que a cosmovisão que apoia a moralidade secular é um dualismo profundamente fragmentador que separa corpo e pessoa. Se você dominar essa divisão de dois andares, terá as ferramentas para revelar a cosmovisão profundamente desumanizadora que está no centro do aborto, do suicídio assistido, da homossexualidade, do transgenerismo e do caos sexual da cultura do sexo casual.

Neste capítulo, mapeio a cosmovisão de dois andares por intermédio de um panorama de suas questões morais mais evidentes. Depois, nos próximos capítulos, entrarei com mais detalhes em cada uma delas, respondendo às objeções mais comuns. Pelo contraste com a cosmovisão secular, ficará claro que a ética bíblica afirma uma visão integral e ampla da pessoa que apoia os direitos e a dignidade humanos.

SER HUMANO NÃO É O SUFICIENTE

A melhor maneira de compreender a dicotomia corpo/pessoa é por meio de um exemplo. Há poucos anos, uma jornalista britânica chamada Miranda Sawyer, que se descrevia como feminista liberal, escreveu um artigo. Nele, ela dizia que sempre tinha sido pró-escolha com convicção.

Até que ela mesma engravidou.

Foi aí que a luta começou. “Eu chamava a vida dentro de mim de bebê porque eu a queria. Mas, se eu não a quisesse, pensaria naquilo como apenas um grupo de células que não tinha problema em matar. [...] Aquilo me pareceu irracional. Talvez até imoral.”[2] Bebês no útero não se qualificam como seres humanos apenas porque alguém os quer.

Miranda tinha dado de cara com o muro da realidade — e a realidade não se encaixava em sua ideologia. Ela, então, começou a pesquisar sobre o assunto e chegou a produzir um documentário. Finalmente chegou a uma conclusão: “Por fim, tenho que concordar que a vida começa na concepção. Então, sim, aborto é terminar essa vida”. E, depois, acrescentou: “Entretanto, talvez o fato da vida

não seja o importante. O importante é se essa vida já cresceu o suficiente [...] para tornar-se uma pessoa".[3]

O que aconteceu aqui com o conceito de ser humano? Ele foi dividido em dois. Se um bebê é vida humana desde a concepção, mas não é uma pessoa até algum tempo depois, então essas são duas coisas claramente diferentes.

Essa é uma visão radicalmente fragmentada, quebrada, dualista do ser humano.

Em uma conversa normal, é claro, usamos a expressão ser humano com o mesmo significado de pessoa. Os dois termos foram separados pela Suprema Corte norte-americana em 1973, na decisão pelo aborto em Roe vs Wade, que regulamentou que, mesmo que o bebê no útero seja humano, não é uma pessoa sob a 14ª Emenda.

Assim, temos uma nova categoria de indivíduo: o ser humano "não pessoa".

Para ilustrar esse dualismo moderno, podemos aplicar a imagem de Schaeffer dos dois andares de um edifício (veja a introdução). Nos primeiros estágios, o feto está no andar inferior. Aqui ele é reconhecido como ser humano desde a concepção, no sentido de que é um organismo biológico verificável pelos métodos empíricos da ciência, mas não tem nenhum nível moral, nem proteção legal garantida. Mais tarde, em algum ponto indefinido no tempo, ele pula para o andar superior e torna-se uma pessoa, definida tipicamente em termos de certo nível de funcionalidade cognitiva, consciência e autoconhecimento. Só então ele adquire posição moral e legal.

A isso chamamos teoria da pessoalidade, sendo uma decorrência da divisão fato/valor: Ser biologicamente humano é um fato científico. Porém, ser uma pessoa é um conceito ético, definido por aquilo a que damos valor.

O aborto apoia-se na teoria da pessoalidade

PESSOA

Tem Posição Moral e Legal

CORPO

Um Organismo Biológico Descartável

A implicação dessa visão de dois andares é que ser apenas um ser humano não é o suficiente para qualificar-se para o direito. Lembre-se das palavras de Miranda Sawyer: “O fato da vida não é o importante”. Imagina-se que a vida humana por si só não tem valor nenhum, e o que fazemos com ela não tem significado moral.

É claro, um indivíduo tomando uma decisão sobre o aborto pode não estar pensando conscientemente sobre essas implicações filosóficas. Algumas pessoas disseram-me que podem apoiar o aborto e ainda sentir que o bebê tem valor. Só que uma ação pode ter a sua própria lógica, quer pretendamos, quer não.

Se você é a favor do aborto, está dizendo nas entrelinhas que, nos estágios iniciais da vida, um bebê não nascido tem tão pouco valor que pode ser morto por qualquer motivo — ou sem motivo algum — sem nenhuma consequência moral. Quaisquer que sejam os seus sentimentos, essa é uma visão muito pequena da vida. Então, pela lógica, você deve dizer que, em algum momento posterior, o bebê torna-se uma pessoa e, nesse ponto, adquire um valor tão alto que seria um crime matá-lo.

Como consequência, enquanto a criança não nascida é considerada ser humano, mas não pessoa, ela é apenas um pedaço descartável de matéria — um recurso natural como madeira ou milho. Ela pode ser usada para pesquisa e experimentos, ser remexida geneticamente, ter os seus órgãos colhidos e depois ser descartada juntamente com outros rejeitos médicos.

A hipótese no centro do aborto, portanto, é a teoria da pessoalidade, com a sua visão de dois andares do ser humano — que não vê valor na vida do corpo humano, mas coloca todo o nosso valor na mente ou na consciência.[4]

A teoria da pessoalidade, portanto, supõe uma visão muito baixa do corpo humano, o que, por fim, desumaniza a todos nós. Porque, se os nossos corpos não têm valor inerente, então uma parte importante de nossa identidade é desvalorizada. O que descobriremos é que essa mesma dicotomia corpo/pessoa, com a sua depreciação do corpo, é a hipótese implícita que norteia a visão secular sobre eutanásia, sexualidade, homossexualidade, transgenerismo e um conjunto enorme de questões éticas relacionadas.

"LENDO" A NATUREZA

Para entendermos esse dualismo dos dois andares, precisamos perguntar de onde ele veio e como se desenvolveu. Para começar, o que significa a palavra dualismo? Por um lado, é apenas a afirmação de que a realidade consiste de dois tipos de substância, em vez de apenas um. Nesse sentido tradicional, o Cristianismo é dualista porque afirma que existem corpo e alma, matéria e espírito. Essas duas substâncias interagem entre si em relação causal, mas nenhuma pode ser reduzida à outra. Defender a realidade do mundo espiritual é importante hoje porque o mundo acadêmico está dominado pela filosofia do materialismo (a afirmação de que não existe nada além do mundo material).[5]

Mesmo assim, o Cristianismo sustenta que corpo e alma, juntos, formam uma unidade integrada — que o ser humano é uma alma corporificada (como veremos com mais detalhes no final deste capítulo). Em contrapartida, a teoria da pessoalidade pressupõe um dualismo de dois andares que coloca o corpo contra a pessoa, como se fossem duas coisas separadas que estão apenas coladas. Por isso, rebaixa o corpo como algo extrínseco à pessoa — algo inferior que pode ser utilizado para propósitos puramente pragmáticos.

Como se desenvolveu essa visão tão negativa do corpo?

Como o corpo é parte da natureza, a resposta encontra-se na maneira como as pessoas pensam sobre a natureza. Por séculos, a cultura ocidental foi permeada por uma herança cristã que considera a natureza como obra de Deus, refletindo seus propósitos. Como os Pais da Igreja afirmaram, a revelação de Deus vem até nós em "dois livros" — o livro da Palavra de Deus (a Bíblia) e o livro do mundo de Deus (a criação).[6] A natureza é uma expressão dos propósitos de Deus e uma

revelação do seu caráter. O salmista escreve: “Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos” (Sl 19.1). Em Romanos, o apóstolo Paulo diz que a criação dá evidências de Deus: “Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis” (Rm 1.20).

Em outras palavras, mesmo que o mundo esteja decaído e quebrado pelo pecado, ele ainda fala de seu Criador. Podemos “ler” os sinais da existência e dos propósitos de Deus na criação. A isso chamamos visão teleológica da natureza, do grego telos, que significa propósito ou objetivo. É evidente que as coisas vivas estão estruturadas para um propósito: olhos para ver, ouvidos para ouvir, barbatanas para nadar e asas para voar. Cada parte de um órgão é delicadamente adaptada aos outros, e todas interagem de maneira coordenada e com um objetivo de alcançar o propósito do todo. Esse tipo de estrutura integrada é a marca registrada do design — plano, vontade, intenção.

Ainda hoje, os biólogos não conseguem evitar a linguagem da teleologia, embora muitas vezes prefiram expressões como “bom design de engenharia”.[7] Os cientistas dizem que um olho é um bom olho quando está cumprindo o seu propósito. Uma asa é uma boa asa quando está funcionando da maneira como deveria.

Os exemplos mais impressionantes de engenharia, porém, só se tornaram visíveis com a invenção do microscópio eletrônico. Cada uma das nanomáquinas dentro da célula (como as proteínas) tem a sua própria função distinta. Os pesquisadores conduzem experimentos que descrevem como “engenharia reversa”, como se tivessem um aparelho nas mãos e estivessem tentando reconstruir o processo pelo qual ele foi projetado.

A evidência final do design, entretanto, está dentro do núcleo da célula — o seu centro de comando e controle. A molécula do DNA armazena uma quantidade imensa de informação. Os geneticistas falam do DNA como um “banco de dados” que armazena “bibliotecas” de informação genética. Eles analisam a maneira como o RNA “traduz” a linguagem de quatro letras dos nucleotídeos na linguagem de 24 letras das proteínas. A pesquisa pela origem da vida foi reestruturada como a pesquisa pela origem da informação biológica.

Informação implica a existência de uma mente — um agente capaz de intenção,

vontade, plano ou propósito. As últimas evidências científicas sugerem que o Novo Testamento acertou: “No princípio, era o Verbo” (Jo 1.1). No original grego, o termo traduzido como “Verbo” é logos, que também significa razão, inteligência ou informação.

Os cientistas, entretanto, não descobriram evidências da teleologia apenas nas coisas vivas, mas também no universo físico. Eles descobriram que as suas constantes físicas fundamentais são requintadamente coordenadas para apoiar a vida. O astrofísico Howard Smith, da Universidade de Harvard, escreve: “As leis do universo incluem números fundamentais, como a interação das quatro forças, a velocidade da luz, a constante de Planck, as massas de elétrons e prótons, e outras. [...] Se esses valores fossem diferentes, mesmo que por uma pequena porcentagem, nós não estaríamos aqui. [...] A vida, e muito menos a vida inteligente, não existiria”.

A isso chamamos problema do ajuste fino e significa que até mesmo o mundo físico exibe a marca registrada do design. O subtítulo do artigo de Smith afirma: “Quase apesar deles mesmos, cientistas são levados a uma visão teleológica do cosmos”.[8]

COMO SER HUMANO

Se a natureza é teleológica, e o corpo humano é parte da natureza, então ele também é teleológico. O corpo tem um propósito intrínseco, e parte desse propósito é expresso como lei moral. Somos moralmente obrigados a tratar as pessoas de maneira que as ajude a cumprir o seu propósito. Isso explica por que a moralidade bíblica não é arbitrária. A moralidade é o guia para cumprir o propósito original de Deus para a humanidade, o manual de instruções para tornar-se o tipo de pessoa que Deus idealizou, o mapa para alcançar o telos humano. Isso, às vezes, é chamado de ética da lei natural, porque nos diz como cumprir a nossa verdadeira natureza, como nos tornar plenamente humanos.

Nessa visão conduzida pelo propósito, não há dicotomia entre corpo e pessoa. Os dois, juntos, formam uma unidade psicofísica integrada. Respeitamos e honramos o nosso corpo como parte da revelação do propósito de Deus para a nossa vida. Ele é parte da ordem criada que está “manifestando a glória de

Deus”.

O resultado é que a estrutura física do nosso corpo revela pistas de nossa identidade pessoal. A maneira como o nosso corpo funciona fornece justificativas racionais para as nossas decisões morais. É por isso, como veremos, que a ética cristã sempre leva em conta os fatos da biologia, seja falando do aborto (os fatos científicos sobre quando a vida começa), seja falando da sexualidade (os fatos sobre diferenciação sexual e reprodução). A ética cristã respeita a teleologia da natureza e o corpo.

MATÉRIA SEM SIGNIFICADO

O que mudou essa visão da natureza conduzida pelo propósito? Como o ocidente perdeu a sua visão positiva do corpo?

Na era moderna, o ponto de virada mais importante foi a teoria da evolução de Charles Darwin, publicada em 1859. (Houve outros antes dele, como veremos, mas Darwin tem o maior impacto hoje.) Darwin não podia negar que a natureza parece ter um design. Mas, ao abraçar a filosofia do materialismo, ele quis reduzir essa aparência a uma ilusão. Darwin esperava mostrar que, embora as estruturas vivas parecessem ser teleológicas, na realidade elas eram o resultado de forças cegas e sem direção. Embora elas parecessem ser produzidas com intenção (vontade, plano, inteligência), na realidade eram produto de um processo material sem propósito. Os dois elementos principais em sua teoria — variações aleatórias e seleção natural — foram propostos expressamente para eliminar o plano ou propósito.

Como observa o historiador Jacques Barzun: “A negação do propósito é a alegação característica de Darwin”.[9] O zoólogo Richard Dawkins concorda: “A seleção natural, o processo automático cego e inconsciente que Darwin descobriu [...] não tem o propósito em mente”.[10]

Em uma escala Richter de pensadores, a teoria de Darwin causou um terremoto que fica bem acima de 9.0, e as suas ondas sísmicas não se limitaram à ciência. Elas também causaram vários tremores secundários no pensamento moral. Porque, se a natureza não é obra de Deus — se ela não carrega sinais dos bons

propósitos de Deus — então ela não fornece mais a base para as verdades morais. É apenas uma máquina agitada por forças materiais cegas. O filósofo Charles Taylor explica: “O cosmos não é mais visto como a materialização da ordem significativa que pode definir o que é bom para nós”.[11]

O próximo passo na lógica é crucial: se a natureza não revela a vontade de Deus, então é um mundo moralmente neutro onde os seres humanos podem impor a sua vontade. Não há nada na natureza que os humanos sejam moralmente obrigados a respeitar. A natureza torna-se o reino dos fatos de valor neutro, disponível para servir a quaisquer valores que os seres humanos possam escolher.

E como o corpo humano é parte da natureza, ele também é demovido para o nível de mecanismo amoral, sujeito à vontade do ser autônomo. Se o corpo não tem propósito intrínseco, implantado por Deus, então só os propósitos humanos importam. O corpo é reduzido a um maciço de matéria — uma coleção de átomos e moléculas, sem nenhuma diferença essencial de qualquer outra configuração aleatória de matéria. É matéria bruta a ser manipulada e controlada para servir à agenda humana, como qualquer outro recurso natural.[12]

Temos a tendência de pensar no materialismo como uma filosofia que valoriza muito o mundo material, porque afirma que a matéria é tudo o que existe. Mas, ironicamente, na verdade ele valoriza muito pouco o mundo material, colocando-o como apenas partículas em movimento sem um significado ou propósito superior.

HUMANOS DESCARTÁVEIS

Você percebe como isso explica a lógica que fundamenta o aborto? No passado, os defensores do aborto normalmente negavam que um bebê não nascido fosse humano: é apenas uma bolha de tecidos — uma vida em potencial — uma coleção de células. Como consequência, muitos argumentos pró-vida concentravam-se em provar que o feto é uma vida humana. Hoje, entretanto, devido aos avanços na genética e no DNA, quase todos os profissionais da bioética concordam que a vida inicia-se na concepção. O embrião tem um conjunto completo de cromossomos e DNA. É um indivíduo completo e integral,

capaz de desenvolvimento internamente dirigido em uma continuidade ininterrupta desde a fertilização.

Por que isso não é considerado evidência conclusiva de que o aborto é moralmente errado? Porque, segundo a teoria da pessoalidade, quando falamos do ser humano como um organismo biológico, estamos no mundo da ciência (andar inferior), onde a vida foi reduzida a um mero mecanismo sem propósito ou dignidade intrínsecos. Ele foi reduzido ao nível de um material bruto que pode ser utilizado para qualquer benefício pragmático que possamos dele obter. Como resultado, até mesmo os especialistas em bioética que reconhecem o feto como ser humano biológico não concluem necessariamente que ele tenha posição moral ou que deveria ser protegido pela lei. Ao contrário, o feto é tratado apenas como um pedaço de matéria que pode ser utilizado para pesquisa ou experimentos e, depois, jogado fora junto com outros rejeitos médicos.

Na cosmovisão de dois andares, ser apenas um membro da raça humana não é o suficiente para qualificar o embrião ao nível da pessoalidade. O bebê no útero tem que ganhar o status de pessoalidade ao adquirir certo nível de funcionamento cognitivo — a capacidade de consciência, autoconhecimento, autonomia e assim por diante.

A teoria da pessoalidade é a hipótese por trás dos argumentos mais comuns para o aborto. Por exemplo, quando John Kerry estava concorrendo à presidência dos Estados Unidos em 2004, surpreendeu o público ao concordar que “a vida começa na concepção”. Nesse caso, como ele poderia apoiar o aborto? Porque, como ele explicou em uma entrevista ao jornalista Peter Jennings, o bebê não nascido “não é a forma de vida que carrega a pessoalidade nos termos em que julgamos que ela deva ser”.[13]

Os especialistas em bioética que adotam a teoria da pessoalidade muitas vezes afirmam ser científicos, mesmo que a teoria não tenha nenhuma base científica. Claramente, seria necessária uma transformação dramática para converter um simples organismo humano sem direitos em uma pessoa com direito inviolável à vida. Todavia, não há evidências científicas de tal transformação — nenhum único ponto de transição dramático que possa ser detectado empiricamente. O desenvolvimento embrionário é um processo contínuo, revelando gradualmente os potenciais para os quais fomos projetados desde o início. O conceito de dois andares da pessoalidade não é empírico nem científico.

A evidência científica na verdade favorece uma visão teleológica, que vê o ser humano como um todo coerente desde a concepção. Em uma cosmovisão cristã, todos os seres humanos também são pessoas. Os dois não podem ser separados. Essa visão evita a desvalorização radical da vida humana. Desde os seus primeiros estágios, o corpo participa do telos humano e, destarte, compartilha do propósito e da dignidade da pessoa humana. (Exploraremos mais completamente o aborto e responderemos às suas objeções no capítulo 2.)

DR. MORTE HUMANA

E a eutanásia? Como ela expressa a cosmovisão dividida dos dois andares? Muitos norte-americanos ainda se lembram do caso Terri Schiavo, de 2005. Terri era uma jovem casada que sofreu uma parada cardíaca e foi declarada em estado vegetativo persistente por alguns médicos. Seu marido queria descontinuar a sua alimentação. Só que a sua família biológica, que cuidava dela, contestou o diagnóstico. Eles reuniram médicos especialistas que afirmavam que Terri respondia aos esforços para comunicar-se. Depois de uma série de processos judiciais que ganharam a mídia — e mesmo depois da intervenção do Congresso norte-americano —, a sua alimentação e hidratação foram cortadas, levando-a a uma morte lenta por desidratação e fome.

A história de Terri foi apresentada na mídia como um caso de direito de morrer. Só que Terri não estava morrendo. Não estava com uma doença terminal. Portanto, esse não era, na verdade, o centro do debate. A questão central era a teoria da pessoalidade. Em um debate televisivo, Wesley Smith, do Instituto Discovery, perguntou a um especialista em bioética da Universidade da Flórida: “Você acha que Terri é uma pessoa?”.

“Não, não acho”, respondeu o especialista. “Acho que ter consciência é um critério essencial da pessoalidade.”[14]

Independentemente da sua opinião sobre a política em torno do caso de Terri, esse intercâmbio captura o seu significado dentro da cosmovisão. Segundo a teoria da pessoalidade, se você for mentalmente incapaz, se deixar de ter certo nível arbitrariamente prescrito de funcionamento neocortical, então você não é mais uma pessoa — ainda que seja, é claro, um ser humano.

Entre aqueles que argumentaram a favor de cortar a alimentação de Terri, estava um neurologista chamado Ronald Cranford, que se autodenomina “Dr. Morte Humana”. Cranford tem a reputação de promover a eutanásia até mesmo para deficientes que estão conscientes e com mobilidade parcial. Em um caso na Califórnia, um homem chamado Robert Wendland ficou com danos cerebrais depois de um acidente de carro. Ele conseguia executar testes de lógica com pinos coloridos, pressionar botões para responder a perguntas de sim e não e até mesmo correr pelos corredores do hospital em uma cadeira de rodas elétrica (como o famoso físico Stephen Hawking). Mesmo assim, Cranford argumentou no tribunal que Wendland não era uma pessoa e que a sua alimentação deveria ser descontinuada.[15]

Segundo a dicotomia corpo/pessoa, ser parte da raça humana apenas biologicamente (o andar inferior) não é relevante para a moral. Os indivíduos devem merecer o status de pessoalidade reunindo um conjunto adicional de critérios — a capacidade de tomar decisões, o exercício do autoconhecimento, planejar o futuro e assim por diante (o andar superior). Apenas aqueles que reúnem essas condições adicionais qualificam-se como pessoas.

Aqueles que não atingem a nota de corte são rebaixados a “não pessoas”. E uma “não pessoa” é apenas um corpo — um pedaço descartável de matéria, um recurso natural que pode ser utilizado para pesquisa, para obter-se órgãos ou para outros propósitos puramente utilitários, sujeitos apenas a uma análise de custo-benefício.

Assim, como no caso do aborto, estamos falando sobre a lógica implícita pelo próprio ato, não importando como o indivíduo sinta-se sobre ele. Você pode ter a intenção de ser compassivo ao terminar a vida de um paciente em sofrimento, só que as suas ações implicam uma cosmovisão de dois andares que é desumanizadora — na qual os seres humanos não têm direitos, apenas as pessoas têm. A única maneira de colocar-se contra a cultura da morte é aceitar que todos os seres humanos também são pessoas. Ninguém está excluído. (Exploraremos a eutanásia e o suicídio assistido com mais profundidade no capítulo 3.)

JUNTA, SEPARA

E a sexualidade? Surpreendentemente, a visão secular sobre a sexualidade demonstra o mesmo dualismo corpo/pessoa.

Na cosmovisão de dois andares, se o corpo está separado da pessoa, como vimos no aborto e na eutanásia, então o que você faz com o seu corpo, em termos sexuais, não precisa ter nenhuma conexão com quem você é como pessoa integral. O sexo pode ser apenas físico, separado do amor.

Nossa cultura sexualizada na verdade incentiva as pessoas a manterem as duas coisas separadas. A revista Seventeen alerta as adolescentes a "manter o seu coração escondido" ou os garotos podem achá-las "chatas e grudentas". A revista Cosmo alerta as mulheres de que a maneira de "impressionar um homem depois do sexo" é pedir uma carona para casa. (Deixando claro que você não tem intenção de ficar junto a ele, esperando por um relacionamento.)

Esses exemplos foram coletados por Wendy Shalit em seu livro Girls Gone Mild [As Garotas Ficaram Meigas].[16] Em seu website, Wendy posta cartas de leitoras, algumas muito aflitas. No dia em que entrei no site, havia a carta de Amanda, de 16 anos, lamentando que, em uma escola normal de Ensino Médio, "quanto mais você puder ser independente de sua sexualidade, mais legal você é". Ela acrescentava que até mesmo os adultos — professores, livros, revistas, pais — muitas vezes insistem que os adolescentes adotem uma atitude "Nada Demais" em relação à sexualidade.

Como se provando o ponto, os comentários sobre o livro de Wendy na verdade defendiam os encontros físicos sem amor. O jornal Washington Post sugeriu que é saudável quando as adolescentes "recusam-se a associar" amor e sexo: "Às vezes eles coexistem, às vezes não". O jornal Nation perguntou de maneira desafiadora: "Por que o sexo deveria ter uma garantia duradoura de amor associada a ele?".[17] Por que o corpo deveria ser apenas um pedaço de matéria que pode ser estimulado para o prazer sem ter significado para a pessoa integral?

A mesma visão desoladora da sexualidade é incutida até mesmo nas crianças. Um vídeo divulgado pelo Children's Television Workshop, amplamente utilizado em aulas de educação sexual, define as relações sexuais apenas como "algo feito por dois adultos para dar prazer um ao outro".[18] Nenhuma menção ao casamento ou à família — ou mesmo ao comprometimento e ao amor. Nenhuma pista de que o sexo tenha um propósito mais rico do que pura gratificação sensual.

Isso é o sexo separado da pessoa integral — sexo como uma troca de serviços físicos entre indivíduos autônomos e desconectados. Temos a tendência de pensar que o hedonismo sexual valoriza demais a dimensão puramente física. Mas, na realidade, ele desvaloriza o corpo, sugando o seu significado moral e pessoal.

Na cultura do sexo casual, os parceiros são chamados de “amigos com benefícios”. Só que esse é um eufemismo, porque, na verdade, eles não são nem amigos. A etiqueta não escrita diz que você não se encontra apenas para conversar ou passar tempo juntos. Um artigo do New York Times explica: “Você apenas mantém o relacionamento puramente sexual, e, dessa maneira, as pessoas não confundem as expectativas, e ninguém sai machucado”.[19] Exceto quando elas se machucam. O mesmo artigo apresenta uma adolescente chamada Melissa que estava com depressão porque o seu parceiro sexual tinha acabado de “terminar” com ela. Não importa o que diga a filosofia secular corrente, as pessoas não conseguem dissociar as suas emoções daquilo que fazem com o seu corpo.

Na cosmovisão bíblica, a sexualidade é integrada com a pessoa total. A união física mais completa e íntima deve expressar a união pessoal mais completa e íntima do casamento. A moralidade bíblica é teleológica: o propósito do sexo é expressar a aliança de uma só carne do casamento.

A maneira amorosa de tratar os jovens não é entregando-lhes anticoncepcionais, o que equivale a conspirar para encontros sexuais impessoais e, no fim, insatisfatórios. É muito mais amoroso inspirá-los com uma visão maior da sexualidade. Ao reconectar corpo e pessoa, eles podem experimentar um sentido mais profundo de cura e integração pessoal. (Vamos mergulhar mais fundo na sexualidade no capítulo 4.)

MESMO SEXO EM CONFLITO

E a homossexualidade? Até mesmo nas igrejas, os jovens muitas vezes não compreendem por que a Bíblia ensina que relacionamentos de mesmo sexo são moralmente errados. Isso faz mais sentido quando percebemos que a abordagem secular fundamenta-se na mesma visão dividida do ser humano, com a sua

desvalorização do corpo.

A maioria das pessoas supõe que o desejo pelo mesmo sexo tem base genética. Com certeza não escolhemos as nossas atrações sexuais. Elas chegam de maneira involuntária e parecem naturais. Mesmo assim, apesar das pesquisas intensivas, os cientistas não conseguiram evidências claras de uma causa genética.

O que os estudos mostram é que os desejos sexuais têm relação física. Por exemplo, quando os cientistas usam imagens de ressonância magnética, descobrem que o cérebro de alguns homens acende-se em resposta a imagens femininas, enquanto de outros acende-se em resposta a imagens masculinas. Só que o cérebro das pessoas também se acende em resposta a medo, amor e até mesmo a experiências religiosas. Isso não deveria ser surpresa. Os seres humanos são seres unificados. Saber que os sentimentos têm relações físicas pode ajudar-nos a sermos mais compassivos em relação ao outro. Só que isso não nos diz o que é certo ou errado, moral ou imoral.

Quaisquer que sejam as causas das inclinações homoeróticas, quando agimos por elas, estamos implicitamente aceitando a divisão de dois andares. Pense sobre isso desta maneira: machos e fêmeas são equivalentes um ao outro nos âmbitos biológico, psicológico, cromossômico e anatômico. Foi assim que o sistema sexual e reprodutivo do ser humano foi projetado. O teólogo anglicano Oliver O'Donovan escreve: "Ter um corpo masculino é ter um corpo ordenado estruturalmente para a união amorosa com um corpo feminino, e vice-versa".[20] O corpo tem um telos, ou propósito, intrínseco.

Envolver-se no comportamento sexual com o mesmo sexo, então, é dizer implicitamente: por que o meu corpo deveria informar a minha identidade psicológica? Por que a ordem estrutural do meu corpo deveria ter algo a dizer sobre o que faço sexualmente? Por que as minhas escolhas morais deveriam ser direcionadas por esse telos? A implicação é que o que conta não é o meu corpo sexuado (andar inferior), mas apenas a minha mente, sentimentos e desejos (andar superior). A suposição é que o corpo não dá pistas para a nossa identidade; não nos proporciona um guia para quais deveriam ser as nossas escolhas sexuais; é irrelevante e insignificante.

Essa é uma visão profundamente desrespeitosa do corpo humano.

Toda prática vem com uma cosmovisão relacionada — visão que muitos de nós podem não achar verdadeira ou atraente se ficarmos cientes dela. Portanto, é importante tornarmo-nos cientes. O comportamento sexual com o mesmo sexo tem a sua própria lógica, separada daquilo que sentimos ou pretendemos subjetivamente. A pessoa que adota a identidade de mesmo sexo deve dissociar os seus sentimentos sexuais de sua identidade biológica como macho ou fêmea — aceitando implicitamente o dualismo de dois andares que rebaixa o corpo humano. Assim, tem um efeito fragmentador e alienador sobre a personalidade humana.

Em contrapartida, a moralidade bíblica expressa uma visão maior da dignidade e do significado do corpo. A visão bíblica da sexualidade não é baseada em uns poucos versículos bíblicos espalhados. É baseada em uma cosmovisão teleológica que nos incentiva a viver de acordo com o design físico de nosso corpo. Ao respeitar o corpo, a ética bíblica supera a dicotomia que separa o corpo da pessoa. Ela cura a alienação e cria integridade e plenitude. A raiz da palavra integridade significa completo, integrado, unificado — a nossa mente e emoções em sintonia com o nosso corpo físico. A visão bíblica leva a uma integração plena da personalidade e encaixa-se em quem realmente somos. (Vamos conhecer vários exemplos reais e responder às objeções à visão bíblica nos capítulos 5 e 6.)

“EU NÃO SOU O MEU CORPO”

Muitas pessoas acham mais fácil reconhecer a depreciação do corpo em argumentos que apoiam a transexualidade ou o transgenerismo. Pessoas transgênero muitas vezes dizem que estão presas no “corpo errado”.

Esse sentimento de incompatibilidade entre sexo físico e gênero psicológico é chamado disforia de gênero. A maioria das pessoas supõe que ela deva ter alguma base bioquímica, talvez uma causa hormonal. Até o dia de hoje, entretanto, não se descobriu nenhuma evidência científica clara. E, mais importante, os próprios defensores dos transgêneros argumentam o oposto: eles negam que a identidade de gênero esteja enraizada na biologia. O seu argumento é que o gênero é completamente independente do corpo.

Por exemplo, Jessica Savano é uma transexual, modelo e atriz de 1,93m, que criou uma página de financiamento coletivo para um documentário intitulado "Eu não Sou o meu Corpo". Esse título diz tudo. Jessica postou um vídeo promocional argumentando que a nossa identidade central é completamente dissociada de nosso corpo: "Eu sei que não sou o meu corpo. Sou um ser espiritual".[21]

Em outras palavras, o ser autêntico não tem conexão com o corpo. A pessoa real reside no espírito, mente, vontade e sentimentos.

Em um segmento do vídeo, Jessica é filmada fazendo um teste para um papel de transexual em um filme, lendo um roteiro que diz: "Por que você está olhando para o meu pênis? Eu sou uma mulher!". O espectador é atingido de frente pela contradição quando Jessica afirma uma identidade como mulher mesmo falando sobre ter um corpo masculino.

A implicação é que o corpo não importa. Não é o local do ser autêntico. A matéria não importa. O que importa são os sentimentos internos da pessoa, ou o seu sentido de "eu".

Esse dualismo radical aceita uma visão moderna e materialista do corpo no andar inferior, bem como uma visão pós-moderna do eu no andar superior. Não vê o corpo como tendo qualquer propósito ou telos. Ele é apenas uma coleção de sistemas físicos — músculos, ossos, órgãos e células — que não dão nenhuma pista de quem somos ou de como devemos viver. Os nossos atributos físicos não sinalizam a maneira correta de explorar a nossa sexualidade.

E, se o significado de nossa sexualidade não é algo que extraímos do corpo, então ela torna-se algo que impomos ao corpo. É uma construção social. A identidade sexual é reduzida a um conceito pós-moderno completamente desconectado do corpo.

Há muitos equívocos cercando o transgenerismo, os quais abordarei no capítulo 6. As pessoas muitas vezes confundem disforia de gênero com intersexualidade, ou associam a identidade de gênero com papéis sociais. Meninas vestem cor-de-rosa e meninos vestem azul? Homens trabalham e mulheres cuidam dos filhos? Essas práticas dependem de circunstâncias históricas, e a igreja deveria ser o primeiro lugar onde as pessoas são incentivadas a pensar crítica e criativamente sobre estereótipos.

A questão levantada pelo movimento transgênero é muito mais fundamental: nós aceitamos ou rejeitamos a nossa identidade biológica básica como macho ou fêmea? Na cosmovisão de dois andares, o corpo é visto como irrelevante — ou até mesmo como um limite a ser superado, uma limitação da qual devemos libertar-nos.

Em contrapartida, a cosmovisão bíblica leva a uma visão positiva do corpo. Ela diz que a correspondência biológica entre macho e fêmea é parte da criação original. A diferenciação sexual é parte do que Deus declarou ser "muito bom" — moralmente bom — o que significa que fornece um ponto de referência para a moralidade. Há um propósito nas estruturas físicas de nosso corpo que somos chamados a respeitar. A moralidade teleológica cria harmonia entre a identidade biológica e a identidade de gênero. O corpo/pessoa é uma unidade psicossexual integrada. A matéria importa.

OBSESSÃO PELO CORPO, REJEIÇÃO DO CORPO

É verdade que a cultura ocidental desvaloriza o corpo? Entretanto, não é fato que muitas pessoas atribuem um valor ridiculamente alto à aparência e à aptidão física? Considere a ampla obsessão por dietas, exercícios, musculação, cosméticos, cirurgia plástica, botox, tratamentos antienvelhecimento e assim por diante. Estamos cercados por imagens manipuladas eletronicamente que apresentam ideais impraticáveis de beleza física. Um professor de uma faculdade cristã uma vez disse-me: "Parece que as pessoas tendem a ir na direção oposta — fazem de seu corpo um ídolo".

Só que ser obcecado pelo corpo não significa que o aceitamos. "O culto ao corpo jovem, a veneração ao corpo retocado e produzido pela mídia, esconde o ódio pelo corpo real", escreve a teóloga Beth Felker Jones, do Wheaton College. "A prática cultural expressa aversão ao corpo."[22]

Até mesmo o culto ao corpo pode ser uma expressão do dualismo de dois andares. A obsessão pelo exercício, musculação e dietas pode revelar uma mentalidade semelhante à do dono de um carro de luxo polindo e ajustando o seu carro caríssimo. Os filósofos chamam isso de "instrumentalizar" o corpo, o que significa tratá-lo como uma ferramenta a ser utilizada e controlada, em vez de

valorizá-lo pelo que ele é.

Quando fazemos isso, objetificamos o corpo como parte da natureza a ser conquistada. A filósofa feminista Susan Bordo escreve: “O treinamento, tonificação, emagrecimento e esculpimento do corpo [...] incentivam um relacionamento contraditório com o corpo”.[23] Essas práticas expressam a vontade de conquistar e subjugar o corpo — e, no final, ser liberto de seus limites.

O especialista em ética radical Joseph Fletcher declarou: “Ser uma pessoa [...] significa ser livre da fisiologia!”.[24] A natureza é tratada como um limite negativo a ser superado.

Dessa forma, terminamos onde começamos: a nossa visão do corpo depende de nossa visão da natureza. Será que vemos a natureza como essencialmente boa, um presente do Criador a ser aceito com gratidão? Ou será que vemos a natureza como um conjunto de limitações negativas a serem controladas e conquistadas? É claro, os cristãos também fazem dietas e exercícios, mas as suas ações deveriam ser motivadas pela convicção de que o corpo é um presente. Temos a responsabilidade da mordomia diante de Deus, de tratar o corpo com cuidado e respeito.

Para tornar confiável a mensagem positiva da Bíblia, ela deve ser comunicada não apenas com palavras, mas também por intermédio do comportamento, tratando os outros com dignidade simplesmente porque são feitos à imagem de Deus. As igrejas, em alguns momentos, usaram de retórica dura e desrespeitosa para descrever posições com as quais não concorda, criando um estereótipo negativo que a mídia adora transmitir para o mundo. Por muitos séculos, o Cristianismo foi a cosmovisão dominante na cultura ocidental, e os cristãos infelizmente adquiriram algumas das características negativas típicas dos grupos dominantes — por exemplo, não ouvindo de verdade os grupos minoritários e nem respondendo às suas objeções, mas calando-os com condenação moral.

Hoje essa resposta não é mais possível. Só que ela nunca foi correta nem necessária. As Escrituras Sagradas fornecem os recursos intelectuais para responder a qualquer questão com confiança. E os mais confiantes são também livres para ser os mais amorosos e mais respeitosos.

…

A CURA DA ALIENAÇÃO

Qual é a resposta bíblica para a revolução moral secular? Vamos começar abordando, já de início, o próprio dualismo de dois andares corpo/pessoa. Nos próximos capítulos, vamos mergulhar em cada assunto individualmente.

Devemos começar expressando compaixão pelas pessoas presas em uma visão destrutiva e desumanizadora do corpo. A cosmovisão de dois andares é, "acima de tudo, um ataque ao corpo", escreve um teólogo católico.[25] Devemos, portanto, responder com uma defesa bíblica do corpo. Devemos encontrar maneiras de curar a alienação entre corpo e pessoa.

O ponto de partida é uma filosofia bíblica da natureza. A Bíblia proclama o profundo valor e dignidade do mundo material — incluindo o corpo humano — como obra das mãos de um Deus amoroso. É por isso que a moralidade bíblica coloca grande ênfase no fato da encarnação humana. O respeito pela pessoa é inseparável do respeito pelo corpo.

Afinal de contas, Deus poderia ter escolhido fazer-nos como os anjos — espíritos sem corpo. Ele poderia ter criado um mundo espiritual onde flutuássemos por aí. Pelo contrário, Ele criou cada um de nós com corpos materiais e em um universo material. Por quê? Claramente, Deus valoriza a dimensão material e quer que a valorizemos também.

A Bíblia trata corpo e alma como dois lados de uma mesma moeda. A vida interior da alma é expressa por intermédio da vida exterior do corpo. Isso é destacado pelo paralelismo característico da poesia hebraica (grifos da autora):

"A minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito." (Sl 63.1)

“Pois a nossa alma está abatida até ao pó; o nosso corpo, curvado até ao chão.” (Sl 44.25)

“Guarda [as minhas palavras] no meio do teu coração. Porque são vida para os que as acham e saúde, para o seu corpo.” (Pv 4.21,22)

“Enquanto eu me calei [me recusei a me arrepender], envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia.” (Sl 32.3)

Em certo sentido, o nosso corpo tem primazia diante de nosso espírito. Afinal de contas, o corpo é a única maneira que temos para expressar a nossa vida interior ou para conhecer a vida interior de outra pessoa. O corpo é o meio pelo qual o invisível é feito visível. “Não temos acesso algum ao espírito livre a não ser por sua encarnação no corpo”, escreve o teólogo luterano Gilbert Meilander. “O corpo vivo é, portanto, o local da presença pessoal.”[26]

Essa visão bíblica integral é confirmada pela experiência humana diária. Quando você come, não diz: “Minha boca está comendo”. Você diz: “Eu estou comendo”. Quando a sua mão está machucada, você diz: “Eu estou machucado”. A divisão de dois andares do ser humano não é verdadeira em nossa experiência diária inevitável.

O filósofo Donn Welton resume isso dizendo que, na Bíblia, o corpo “não é reduzível a um objeto material ou a uma entidade biofísica, porque pertence ao universo moral e espiritual tanto quanto pertence ao mundo físico”. Ou seja, a Bíblia não separa o corpo em um andar inferior, onde é reduzido a uma máquina bioquímica. Pelo contrário, o corpo é intrínseco à pessoa e, portanto, será redimido no final junto com a pessoa — um processo que começa ainda aqui, nesta vida. Welton escreve: “Na análise final, o Novo Testamento não afirma a rejeição do corpo, mas a sua redenção e transformação em um lugar de revelação moral e espiritual”.[27]

A ética bíblica é encarnacional. Somos feitos à imagem de Deus para refletir o caráter de Deus, tanto em nossa mente quanto em nossas ações corporais. Não há

divisão, não há alienação. Somos seres encarnados.

BARRO AMBULANTE

No tempo da Igreja Primitiva, essa visão bíblica era uma contracultura radical. A cultura pagã antiga era permeada por filosofias que negavam o mundo, como o Maniqueísmo, o Platonismo e o Gnosticismo, e todos desacreditavam o mundo material como um reino de morte, decadência e destruição — a fonte do mal. O Gnosticismo, em essência, associava as duas doutrinas, da criação e da Queda: tratava a criação como um tipo de queda da alma de um mundo espiritual elevado para o mundo material corrupto.

Dessa maneira, o Gnosticismo treinava as pessoas a pensarem no corpo "como totalmente outro ao eu", escreve o historiador de Princeton, Peter Brown. Era um "pedaço de matéria" indisciplinado que a alma tinha que lutar para controlar e governar.[28] O objetivo da salvação era escapar do mundo material — deixá-lo para trás e ascender novamente ao mundo espiritual. Um trocadilho popular na época era que o corpo (grego: soma) é um túmulo (grego: sema).

O Gnosticismo ensinava que o mundo era tão mau que deveria ser criação de um deus mau. Na cosmologia gnóstica, existem múltiplos níveis de seres espirituais, desde a mais alta divindade até a mais baixa, que era, na verdade, uma subdivindade maligna. E foi essa divindade de baixo nível que criou o mundo material. Afinal de contas, nenhum deus de respeito humilharia a si mesmo a ponto de sujar-se com a matéria.

Nesse contexto cultural, as afirmações do Cristianismo eram bem revolucionárias, porque ele ensina que a matéria não foi criada por uma subdivindade do mal, mas pela divindade principal, o Mais Alto Deus — e, portanto, o mundo material é intrinsecamente bom. No Gênesis, não há depreciação do mundo material. Ao contrário, há repetidas afirmações de que ele é bom: "E viu Deus que era bom" (Gn 1.10,12,18,21,25).

Os seres humanos são apresentados como seres cuja pessoalidade inclui serem parte da terra da qual foram criados. O segundo capítulo de Gênesis diz que Deus formou Adão "do pó da terra" (Gn 2.7). O nome para humanidade, Adão, é

um trocadilho no original hebraico, significando “da terra” (adamah = terra).

Foi esse barro ambulante e animado que Deus afirmou ser “muito bom” (Gn 1.31). Foi essa criatura encarnada, terrena, sexual que Deus descreveu como refletindo a sua própria imagem divina: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1.26). O rabino Lord Jonathan Sacks, antigo grão rabino do Reino Unido, explica: “No mundo antigo, havia governadores, imperadores e faraós que eram considerados a imagem de Deus. Dessa forma, o que Gênesis estava dizendo era que todos somos da realeza”.[29] Os primeiros leitores do Gênesis sabiam que o texto estava fazendo a impressionante afirmação de que todos os humanos, não apenas os governantes, eram representantes de Deus na terra.

A BOMBA DE BELÉM

O que realmente distinguiu o Cristianismo no mundo antigo, entretanto, foi a encarnação — a afirmação de que o Mais Alto Deus havia entrado, Ele mesmo, no mundo da matéria, tomando para si um corpo físico. No Gnosticismo, a mais alta divindade não tinha qualquer relação com o mundo material. Em contrapartida, a mensagem cristã é que o Deus transcendente entrou na história como um bebê nascido em Belém. A encarnação é genuinamente física, acontecendo em um período específico, em uma localização geográfica específica. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14).

Nos dias da Igreja Primitiva, esse era o maior escândalo do Cristianismo. É por isso que os apóstolos enfatizavam repetidamente o corpo de Cristo: de que nele “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9), que “[levou] ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pe 2.24), que “temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo” (Hb 10.10). João chega a dizer que o teste crucial da ortodoxia é afirmar que Jesus “veio em carne” (1 Jo 4.2).

Quando Jesus foi executado em uma cruz romana, podemos dizer que Ele “escapou” do mundo material, assim como os gnósticos ensinavam que deveríamos aspirar fazer. Todavia, o que Ele fez a seguir? Ele voltou — em uma ressurreição corpórea! Para os gregos antigos, isso não era progresso espiritual.

Isso era regresso. Quem desejaria voltar para o corpo? A ideia de uma ressurreição corpórea era total “loucura para os gregos” (veja 1 Co 1.23).

Até mesmo os discípulos de Jesus acharam que estavam vendo um fantasma. Ele teve que garantir a eles que estava presente no corpo: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho”. Então, Ele pediu aos discípulos algo para comer: “o que ele tomou e comeu diante deles” para demonstrar que o seu corpo ressurreto era genuinamente físico (Lc 24.39,43).

Jesus não apenas ressuscitou dos mortos, como também ascendeu aos céus. Muitas vezes pensamos na ascensão como uma espécie de extra, sem significado teológico importante. Entretanto, o que ela significa é que a natureza humana que Cristo assumiu não foi um expediente temporário para ser deixado para trás quando terminasse a obra da salvação. Como Ele foi levado para o céu em seu corpo, a sua natureza humana está conectada permanentemente à sua natureza divina.

MORTE, NÃO SE ORGULHE

Enfim, o que acontecerá no fim dos tempos? Deus não vai arranhar a ideia de um mundo material no tempo e no espaço, como se tivesse errado da primeira vez. O ensino bíblico é que Deus vai restaurar, renovar e recriar esse mundo, levando a “novos céus e nova terra” (Is 65.17; 66.22; Ap 21.1, grifo da autora). E o povo de Deus viverá nessa nova terra em corpos ressurretos. Desde o tempo da Igreja Primitiva, o Credo Apostólico já afirmava com ousadia “a ressurreição do corpo”.

É verdade que, na morte, os seres humanos passam por uma separação temporária de corpo e alma, mas essa não era a intenção original de Deus. A morte separa o que Deus idealizou como unificado. Um teólogo do século II, Melitão de Sardes, escreveu que, quando “o homem foi dividido pela morte”, então “houve uma separação daquilo que uma vez foi ajustado com beleza, e o belo corpo foi dividido”.[30]

Por que Jesus chorou diante do túmulo de Lázaro mesmo sabendo que estava

prestes a levantá-lo dos mortos? Porque “o belo corpo foi dividido”. O texto diz duas vezes que Jesus “moveu-se muito em espírito e perturbou-se” (Jo 11.33,38). No original grego, essa expressão significa, na verdade, uma indignação furiosa. Ela era usada, por exemplo, para cavalos de guerra dando coices logo antes de entrar na batalha. Os Guinness, outrora em L’Abri, explica: parado diante do túmulo de Lázaro, Jesus “está indignado. Por quê? Porque o mal não é normal”. O mundo foi criado bom e belo. Só que agora “ele havia entrado no mundo de seu Pai, que fora destruído e quebrado. E a sua reação? Ele estava furioso”.[31] Jesus chorou pela dor e tristeza causadas pela invasão inimiga que tinha devastado a sua bela criação.

Os cristãos nunca são aconselhados a aceitar a morte como parte natural da criação. Os gnósticos viam a morte como libertação do embaraço do corpo. Mas, para os cristãos da Igreja Primitiva, diz Peter Brown, a morte “era um rasgar do eu que deixava a alma em choque e horror, como um pai ou esposo enlutado, na perspectiva de separar-se do amado corpo”.[32] A Bíblia retrata a morte como algo estranho — um inimigo que entrou na criação com a Queda.

E, ainda assim, é um inimigo conquistado. “Morte, não te orgulhes”, escreveu o poeta John Donne. Pois, no final, “Morte não haverá mais. Morte, tu morrerás”.[33] Como escreve Paulo, a morte é “o último inimigo que há de ser aniquilado” (1 Co 15.26). Na nova criação, corpo e alma serão reunificados, como Deus idealizou que fossem. Eternamente.

Quando a Bíblia fala de redenção, não significa somente que vamos para o céu quando morrermos. Significa a redenção de toda a criação. Paulo escreve que toda a criação sofre e geme de dor, mas será libertada no fim dos tempos: “a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.21). A mensagem do evangelho é que todo o mundo físico será transformado. Os seres humanos não serão salvos da criação material, mas serão salvos com a criação material.

Não podemos saber com certeza como será a vida na eternidade, mas o fato de a Bíblia chamá-la de nova “terra” significa que não será uma negação da vida que conhecemos nessa terra. Pelo contrário, será um melhoramento, uma intensificação, uma glorificação dessa vida. Em The Great Divorce [O Grande Abismo], C. S. Lewis retrata a vida após a morte como similar a este mundo de maneira reconhecível, mas, ainda assim, um lugar onde cada folha de grama parece, de alguma forma, mais real, mais sólida, mais substancial do que

qualquer coisa que tenhamos experimentado.[34]

A ressurreição de Jesus é uma afirmação eloquente da criação. Ela implica que este mundo quebrado será consertado no final. A criação de Deus será restaurada. E você e eu viveremos naquela criação renovada em corpos renovados. No final do grande drama, não estaremos flutuando no céu como espíritos leves, transparentes e etéreos. Teremos pés físicos plantados com firmeza em uma terra física renovada. A Bíblia ensina uma visão elevada e surpreendente do mundo físico.

VINGANÇA DOS INIMIGOS DO CORPO

O conceito do Novo Testamento de uma ressurreição corpórea era uma novidade completa no mundo antigo.[35] De fato, era tão surpreendente que muitos simplesmente a negavam. No século II, muitos gnósticos afirmavam ser cristãos, mas ajustavam as doutrinas bíblicas para adequarem-se à sua filosofia. Negando a encarnação, eles ensinavam que Cristo era um avatar de um plano espiritual superior que entrou temporariamente no mundo físico para trazer iluminação e depois retornou para um estado superior do ser. Insistiam que Ele não se encarnou realmente em um corpo humano, nem morreu de verdade na cruz. A espiritualidade não tinha qualquer relação com este mundo, mas apenas com a fuga para mundos superiores. Como diz o teólogo N. T. Wright, os gnósticos "traduziram a linguagem da ressurreição a uma espiritualidade privada e a uma cosmologia dualista".[36]

Assim como hoje, uma espiritualidade privada, escapista e de outro mundo era muito mais aceitável na sociedade. Por exemplo, os gnósticos não eram perseguidos pelo Império Romano como eram os cristãos. Por que não? Porque uma espiritualidade que se aplica estritamente no mundo privado não apresenta ameaça ao poder. Como explica Wright: "a morte é a última arma do tirano, e o ponto da ressurreição [...] é que a morte foi derrotada". Isso explica por que "eram aqueles que acreditavam na ressurreição corpórea que eram queimados nas estacas e jogados aos leões".[37] Eles entendiam que, quando Jesus foi ressuscitado dos mortos e recebeu um corpo novo e ressurreto, Deus estava inaugurando a nova criação prometida, na qual toda a injustiça e corrupção

seriam eliminadas — e, como resultado, eles recebiam poder para posicionar-se contra a injustiça aqui e agora.

Em sua ascensão, Jesus disse: “É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt 28.18, grifo da autora). Com essas palavras, Ele autorizou os seus seguidores a estabelecerem o seu reino na terra opondo-se ao mal e estabelecendo a justiça. É isso que significa viver como um cidadão do céu. Quando Paulo diz em sua carta aos Filipenses que somos cidadãos do céu, a maioria dos cristãos interpreta que deveremos olhar para o futuro, para deixar a terra e ir para o céu, que é o nosso verdadeiro lar. Só que não era isso que a passagem significava para os leitores do primeiro século. A cidade de Filipos, na Grécia, era uma colônia romana onde muitos tinham o privilégio da cidadania romana. Os cidadãos de uma colônia não deveriam aspirar voltar para Roma. O seu trabalho era assegurar uma região conquistada permeando a cultura local com a cultura romana. Ao dizer aos cristãos que eles são cidadãos do céu, portanto, Paulo estava dizendo a eles para permearem o mundo com a cultura do céu.[38]

É por isso que C. S. Lewis chama o Cristianismo de “uma religião de luta”.[39] Isso significa que os discípulos de Jesus não devem permitir passivamente que o mal prospere na terra enquanto olham para o futuro, para um dia fugir para um mundo superior. Ao contrário, eles são chamados a lutar ativamente contra o mal aqui e agora. A doutrina da ressurreição significa que o mundo físico importa. Importa para Deus e deveria importar para o povo de Deus.

A cultura secular de hoje está voltando a um dualismo que denigre o mundo material, assim como fazia o antigo paganismo. Assim como na Igreja Primitiva, são os cristãos ortodoxos que têm base para defender uma visão superior do corpo humano.

…

NÃO MEXA! NÃO TOQUE!

Entretanto, não é o próprio Cristianismo que ensina que o corpo é inferior ao

espírito? Que o corpo é uma pedra de tropeço e uma causa do pecado?

É verdade que, às vezes, atitudes negativas em relação ao corpo infiltram-se na igreja. Muitas pessoas têm a ideia de que o Cristianismo é contra qualquer forma de prazer ou diversão. Isso é chamado de ascetismo, a ideia de que o caminho para a santidade é a autonegação severa. Só que a fonte do ascetismo não era a Bíblia; eram as filosofias gnósticas e platônicas. Como essas filosofias consideravam o mundo físico como inerentemente mal, elas concluíam que a santidade poderia ser obtida pela privação física — jejum, pobreza, solitude, silêncio, trabalho árduo, vestimentas simples, rejeição ao casamento e à família e outras formas de austeridade.

Os ascéticos no mundo antigo eram vistos como "atletas espirituais" de sua época (a palavra ascetismo é derivada do termo grego para treinamento atlético). Como resultado, eles influenciaram até mesmo os cristãos. Isso explica por que, ainda hoje, existem correntes do Cristianismo que ensinam um ascetismo austero e de extrema discrição — como se a santidade consistisse simplesmente em dizer não à diversão e ao prazer. Essas versões do Cristianismo falam do corpo como algo vergonhoso, sem valor ou importância. Tratam o pecado sexual como o pior na escala de pecados. Elas têm um conceito escapista de salvação, como se Jesus tivesse morrido para roubar-nos para o céu.

Certa vez, visitei uma igreja luterana onde o pastor falou repetidas vezes sobre pedir perdão a Deus "para que possamos ir para o céu", sobre ter confiança de que "iremos para o céu", sobre agradecer a Deus por "estarmos indo para o céu". Comecei a perguntar a mim mesma: "Será que esse pastor acha que o Cristianismo faz alguma diferença nesta vida? Sermões como esse são mais gnósticos do que bíblicos."[40] Eles dão a impressão de que a Bíblia preocupa-se apenas com o que acontece quando morremos.

É claro que as disciplinas espirituais como jejum podem ser úteis, mas não deveriam ser motivadas pela ideia errada de que o corpo é mau ou sem valor. O texto bíblico pode ser confuso porque, em algumas passagens, Paulo usa a palavra carne como sinônimo de natureza pecadora (ver Rm 8; Gl 5). Assim como em qualquer idioma, uma palavra pode ter significados diferentes dependendo do contexto.

Só que Paulo rejeita com segurança a noção de que a santidade pode ser alcançada por intermédio da privação do corpo. Ele descreve os ascéticos como

aqueles que “proíbem o casamento e ordenam a abstinência dos manjares que Deus criou” — aqueles que dizem: “Não toques! Não proves! Não manuseies!” (cf. 1 Tm 4.3; Cl 2.21). Regras como essas não funcionam, afirma ele. “[Essas doutrinas] têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria [...] em disciplina do corpo, mas não são de valor algum, senão para a satisfação da carne” (Cl 2.23). Paulo chega a alertar que é heresia proibir o casamento: “Porque toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças” (1 Tm 4.4).

ENFIM, QUEM INVENTOU A MATÉRIA?

A influência do ascetismo chegou a criar uma versão cristã da divisão de dois andares — chamamos a isso divisão sagrado/secular. É uma mentalidade que trata o mundo espiritual como bom e importante, enquanto rebaixa o mundo físico a um mal necessário.

Cristianismo de dois andares

SAGRADO

Espírito, Alma, Trabalho da Igreja

SECULAR

Corpo, Intelecto, Trabalho Profissional

A divisão sagrado/secular é um grande motivo pelo qual os cristãos não desfrutam do poder e da alegria prometidos nas Escrituras Sagradas. Eles vão à igreja no domingo, mas não acham que o Cristianismo tenha qualquer relevância no restante de sua vida. Como escreve C. S. Lewis, eles consideram o mundo físico como “bruto e não espiritual”.

Lewis, por outro lado, oferece uma resposta rápida: “Não há bem algum em tentar ser mais espiritual do que Deus. Deus nunca quis que o homem fosse uma criatura puramente espiritual. [...] Ele gosta da matéria. Ele a inventou”.[41]

E, no final, Ele irá redimi-la. A imagem teológica para a ressurreição do corpo é a semente: “Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. [...] Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual” (1 Co 15.42,44). O termo corpo espiritual é muitas vezes mal interpretado como algo fantasmagórico e intangível. Só que o adjetivo não nos diz do que o corpo é feito, mas o que o move. Por analogia, um motor a gasolina não é feito de gasolina, mas movido por ela. Agostinho explica: “Eles serão espirituais não porque não serão mais corpos, mas porque serão sustentados por um Espírito estimulante”.[42] Na ressurreição dos mortos, o nosso corpo será totalmente sustentado e movido pelo Espírito de Deus.

Naquele tempo, o que o antigo profeta Jó disse será realizado: “Em minha carne verei a Deus” (Jó 19.26, grifo da autora).

Ao contrário do ascetismo, a Bíblia não trata o corpo como fonte de corrupção moral. Em vez disso, ela diz que o pecado origina-se no “coração”. Na Bíblia, a palavra coração não significa as nossas emoções, como é hoje. Significa o nosso eu interior e as nossas motivações mais profundas, como vemos nestas passagens: “Não cobices no teu coração” (Pv 6.25); “o seu coração segue a sua avareza” (Ez 33.31); Deus diz: “Pelo que eu os entreguei aos desejos do seu coração, e andaram segundo os seus próprios conselhos” (Sl 81.12).

O próprio Jesus deu a afirmação definitiva: “Mas o que sai da boca procede do coração, e isso contamina o homem. Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias” (Mt 15.18-19).

Ezequiel resume o ensino bíblico ao dizer que os seres humanos levantam “ídolos no seu coração” (Ez 14.3-7). A mola principal do pecado não é que

temos corpos, mas que colocamos outras coisas além de Deus no centro de nossa vida e que as transformamos em ídolos. Paulo revela essa ideia ao dizer que aqueles que não adoram ao Criador transcendente adorarão algo no mundo criado: em suas palavras, eles “mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador” (Rm 1.25).

Quando colocamos qualquer outra coisa no lugar de Deus, isso funciona como o nosso ídolo.

É por isso que os Dez Mandamentos começam com o mandamento de amar e adorar a Deus acima de todas as outras coisas. Quando o nosso coração estiver centrado em Deus, só então receberemos poder para cumprir o restante dos mandamentos que dizem respeito ao comportamento — o que fazemos com o nosso corpo.

POSITIVIDADE DO CORPO

Porém, espere um pouco, Paulo não fala também do “corpo do pecado” (Rm 6.6)? E isso não significa que o corpo é a fonte do mal? Não. O contexto deixa claro que Paulo está falando que o corpo pode tornar-se um instrumento do pecado — mas pode também se tornar um instrumento de justiça: “Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?” (v. 16). O problema não é o corpo, mas o pecado. O corpo é apenas o lugar onde a batalha entre o bem e o mal é encarnada.

Essa batalha explica por que às vezes nos sentimos afastados de nosso corpo. Paulo expressa esse sentimento de autoalienação quando escreve: “Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço” (Rm 7.15). Observe que ele experimenta o pecado como uma força estranha e não desejada dentro de seu corpo: “De maneira que, agora, já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim” (v. 17).

Todos nós já tivemos experiências parecidas de escravidão e vício — de fazer compulsivamente o que não queremos fazer. No mesmo texto, entretanto, Paulo promete que podemos ser libertos: “Mas graças a Deus que, tendo sido servos do

pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues” (Rm 6.17). É possível quebrar o poder da escravidão do pecado: “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências” (Rm 6.12).

A única resposta apropriada a tal graça libertadora é: “glorificai, pois, a Deus no vosso corpo” (1 Co 6.20), ou, de maneira mais completa: “apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1). É emocionante pensar que Deus quer mesmo se relacionar conosco em nosso corpo, amando o nosso formato e tamanho específico, as nossas peculiaridades corporais, a nossa aparência física. Deus quer amar-nos e interagir conosco não apenas espiritualmente, mas também em nosso ser integral.

A Bíblia utiliza até mesmo uma metáfora corporal marcante quando fala da comunidade de cristãos: a Igreja é o Corpo de Cristo. E é sustentada pela comida e bebida física, um ato de consumação corporal: “Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo; porque todos participamos do mesmo pão” (1 Co 10.16-17). Como observa Welton: “Sem dúvida, foi um choque para aqueles que trabalhavam dentro da estrutura do pensamento grego o fato de Jesus ter oferecido não a sua mente ou a sua alma, mas a sua ‘carne’ ou corpo, simbolizado no elemento do pão”.[43] Em uma cosmovisão bíblica, o corpo não tem apenas a sua própria dignidade, mas também fornece imagens e analogias, metáforas e símbolos para a nossa participação no mundo espiritual.

A OBRA DE ARTE DE DEUS

Esse mundo, entretanto, não está decaído, e isso não significa que ele é corrupto? Sim, mas é perigoso enfatizar demais a Doutrina da Queda em detrimento de outras doutrinas das Sagradas Escrituras.

A teologia bíblica é composta de três temas fundamentais: Criação, Queda e Redenção. Toda a realidade criada vem das mãos de Deus e, portanto, é original e intrinsecamente boa. Os seres humanos são chamados a ser mordomos do

mundo físico — o que inclui o nosso corpo — e a ser responsáveis diante daquEle que os criou e que os possui.

Mesmo assim, toda a realidade criada está danificada e corrompida pelo pecado. Como os seres humanos são responsáveis pela criação, o seu destino está ligado ao nosso. Vemos isso até mesmo na experiência humana — quando um pai é abusivo, toda a família, provavelmente, é disfuncional; quando um líder nacional é corrupto, toda a nação sofre. Da mesma forma, quando os seres humanos pecaram, toda a criação foi tirada do prumo.

Finalmente, no fim dos tempos, toda a criação será restaurada e renovada pela graça de Deus. A Bíblia fala da salvação usando termos como restaurar, renovar, redimir — e todos eles sugerem uma recuperação de algo que era originalmente bom. Se os seres humanos fossem original e inerentemente maus, não haveria nada para restaurar. Deus teria que destruir a humanidade e começar tudo de novo. Só podemos ser resgatados, libertos e restaurados porque o pecado é uma força estranha na boa criação de Deus. O corpo pode, uma vez mais, tornar-se um instrumento de justiça, como foi idealizado: “mas apresentai [...] os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça” (Rm 6.13).

De fato, o motivo pelo qual a Queda é uma tragédia tão grande é precisamente porque os seres humanos têm um valor tão elevado desde o princípio. Quando uma bijuteria barata porventura se quebra, jogamos fora sem a necessidade de pensarmos duas vezes. Só que, quando uma obra de arte inestimável é destruída, ficamos de coração partido. O pecado é tão trágico porque destrói um ser humano — uma obra de arte inestimável que reflete o caráter do Artista Supremo.

É claro que o cristão sabe que o mundo criado não é a realidade completa. Só que isso não implica que ele não tenha valor ou seja desprezível. Há momentos, em especial momentos de crise, dor e sofrimento, em que somos profundamente gratos porque o mundo físico não é a única realidade — por existir um mundo espiritual e transcendente que é de igual modo real. Deus é a única realidade completa autoexistente e autossuficiente; o mundo material é dependente dEle. É por isso que somos chamados a “[pensar] nas coisas que são de cima e não nas que são da terra” (Cl 3.2). Esses versículos não estão ali para fazer-nos desprezar a criação de Deus, mas para intensificar a nossa dependência de Deus.

O Pai da Igreja Justino Mártir, escrevendo no século II, enfrentou as mesmas

objeções que enfrentamos hoje. Em A Dignidade do Corpo, ele escreve esta passagem maravilhosa:

Devemos, agora, falar com respeito àqueles que pensam maldosamente a respeito da carne. [...] Essas pessoas parecem ser ignorantes à obra completa de Deus. [...] Pois a Palavra não diz: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”? Que tipo de homem? Evidentemente, ele está falando de homens de carne, pois a Palavra diz: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra.” É evidente, portanto, que o homem feito à imagem de Deus era feito de carne. Não é, então, absurdo dizer que a carne feita por Deus à sua própria imagem é desprezível e não vale nada?[44]

A percepção teológica de Justino Mártir no século II é ainda necessária no século XXI. À medida que enfrentamos as doenças sociais de nossos dias, devemos ir além das denúncias que podem soar duras, iradas ou críticas e, ao contrário, trabalhar para mostrar que a ética bíblica é baseada em uma visão positiva do corpo como parte da imagem de Deus. O objetivo não é vencer uma guerra cultural ou impor a nossa visão aos outros, mas amar nosso próximo, o que significa trabalhar pelo bem do nosso próximo.

Como esse contexto bíblico e histórico dá a nós ferramentas melhores para compreender a moralidade secular? Agora que já investigamos as questões mais controversas, vamos mergulhar em cada uma com mais detalhes, respondendo às objeções mais comuns e identificando a cosmovisão desumanizadora que está na raiz de tudo. Começaremos com o aborto.



Capítulo 2

A ALEGRIA DA MORTE

“Você deve estar preparada para matar”

Antonia Senior, uma jornalista britânica, sempre apoiou o aborto com convicção. “Então veio um bebê, e tudo mudou. [...] A minha certeza moral sobre o aborto está hesitante, a minha posição absoluta está sitiada.” Por fim, a jovem jornalista endureceu novamente em seu apoio absoluto ao aborto: ainda assim, de maneira surpreendente, ela continuou a reconhecer que a vida começa na concepção.

“A minha filha foi formada na concepção”, escreve Antonia. “Qualquer outra conclusão é uma mentira conveniente que nós, que somos pró-escolha, contamos a nós mesmos para sentirmo-nos melhor sobre a atitude de tirar uma vida.” Ela conclui: “Sim, aborto é assassinato. Só que é o mal menor”.

Que mal poderia ser maior do que tirar uma vida humana? Na visão de Antonia, o pior seria colocar limites no direito de uma mulher de controlar a sua reprodução: “Você não pode separar os direitos das mulheres do seu direito ao controle de fertilidade. O maior fator na liberdade feminina foi a nossa recém-descoberta capacidade de impor o nosso desejo à nossa biologia. [...] Os quase 200.000 bebês abortados no Reino Unido a cada ano são o mal menor, não importa como você defina o que é vida”.

Antonia termina o seu artigo com esta frase assustadora: para defender os direitos da mulher, “você deve estar preparada para matar”.[1]

Como é que chegamos ao ponto em que tantas pessoas estão “preparadas para matar”? Que cosmovisão explica uma desvalorização tão drástica da vida? Como Antonia, muitas pessoas cientificamente informadas sabem que a vida começa na concepção. Quando lidamos com cavalos, beija-flores ou qualquer outro organismo, a ciência reconhecida é que um novo indivíduo começa na fertilização. Daquele momento em diante, o organismo apenas revela as capacidades que pertencem intrinsecamente ao tipo de ser que ele é. Os mesmos fatos científicos aplicam-se aos seres humanos.[2] Tudo o que é intrínseco ao ser humano é apresentado desde a fertilização. Nenhuma força ou substância exterior entra no embrião, em qualquer ponto, para transformá-lo de alguma outra criatura em um ser humano. O ser humano como um todo desenvolve-se em uma continuidade ininterrupta desde a concepção.[3]

Segundo a teoria da pessoalidade, entretanto, mesmo o feto sendo considerado um ser humano, ele pode ser morto sem nenhuma consequência moral. Não temos a obrigação moral de proteger o feto enquanto ele não atingir a pessoalidade (veja o capítulo 1). Para compreender as raízes mais profundas do aborto, devemos perguntar: de onde veio essa dicotomia corpo/pessoa e por que ela tem consequências tão desumanas?

Em contrapartida, como veremos, a cosmovisão bíblica é integral. Ela reconhece que corpo e alma são complementares, formando uma unidade psicofísica integrada. Todos os seres humanos também são pessoas. Somos pessoas encarnadas. A ética cristã é baseada em uma visão rica e multidimensional segundo a qual as pessoas têm valor moral em todos os níveis: físico e espiritual.

A beleza da ética bíblica surge com clareza quando comparada à visão fria e impiedosa da vida no pensamento secular atual. Mesmo assim, essa mensagem positiva só chegará às pessoas se a apoiarmos com atos de graça e misericórdia àqueles que experimentaram o trauma do aborto — mulheres (e homens) que foram persuadidos pelo "roteiro" do aborto de que o feto é apenas uma coisa sem valor moral algum. E devemos colocar-nos ao lado daqueles que se posicionam contra a pressão do aborto e, com coragem, escolhem carregar os seus bebês até o fim.

O TRIBUNAL POSICIONA-SE

Como vimos no capítulo 1, a teoria da pessoalidade, com a sua dicotomia entre corpo e pessoa, prevalece hoje entre os especialistas seculares em bioética — assim como entre os especialistas em ética religiosos que se inspiram no secularismo. Joseph Fletcher, um ex-pastor episcopal, expressa a divisão de dois andares quando escreve: "O que é crítico é o status pessoal, e não apenas o status humano". Em sua visão, fetos e recém-nascidos com deficiências genéticas não recebem o status de pessoalidade: eles são organismos "subpessoais" e, portanto, não se qualificam ao direito à vida.[4]

Outro exemplo vem de Hans Küng, um teólogo católico liberal, que escreve: "um óvulo fertilizado é vida humana, mas não é uma pessoa".[5] O especialista em ética de Princeton, Peter Singer, escreve: "a vida de um organismo humano

começa na concepção", mas "a vida de uma pessoa — [...] [um] ser com algum nível de autoconsciência — não começa tão cedo".[6] Para Singer, ser apenas um ser humano não tem significado moral. E, se você acha que tem, é culpado de especismo, definido como "um preconceito imoral em favor de sua própria espécie" (paralelo ao racismo).

As pessoas, muitas vezes, alegam que as leis que legalizam o aborto são neutras. A ideia é que, como não há consenso em relação ao momento em que a vida começa, o Estado deveria manter-se neutro, permitindo o aborto. Acontece que as leis que permitem o aborto não são neutras. Elas são uma expressão da teoria da pessoalidade, que é uma filosofia importante que exclui os bebês no útero da proteção constitucional. Na decisão da Suprema Corte norte-americana no caso Roe vs Wade, o juiz Harry Blackmun afirmou diretamente que o bebê não nascido não é uma pessoa: "A palavra 'pessoa', como utilizada na 14ª Emenda, não inclui o não nascido". Ele reconheceu que, se o feto fosse reconhecido como uma pessoa, então o aborto seria obrigatoriamente ilegal: "Se a sugestão da pessoalidade for estabelecida [...], o direito do feto à vida então será garantido".[7]

Portanto, ao legalizar o aborto, a Suprema Corte norte-americana não se manteve neutra. Ao contrário, estabeleceu a teoria da pessoalidade, com o seu dualismo corpo/pessoa, como a lei da terra.

O ESPÍRITO NA MÁQUINA

Quais foram as fontes da dicotomia corpo/pessoa? De onde ela veio e como se desenvolveu? As suas raízes mais antigas remontam ao princípio da filosofia ocidental. O pensador grego da antiguidade, Platão, disse que a alma no corpo é como o condutor da carruagem tentando conduzir um cavalo rebelde.[8] Ele tratava o corpo como externo ao verdadeiro eu.

O dualismo tomou uma forma moderna, entretanto, na obra do filósofo francês do século XVII René Descartes. Usando a nossa metáfora dos dois andares, Descartes colocou o corpo no andar inferior, considerando-o uma máquina — um robô ou autômato, como um relógio ou um brinquedo de corda. De fato, ele pensava em toda a natureza como um amplo conjunto de máquinas colocadas em movimento por Deus na criação e, desde então, movendo-se em padrões fixos,

submetidas à necessidade matemática.[9]

No andar superior, Descartes colocou a mente humana — o reino do pensamento, percepção, consciência, emoção e vontade. Em suas palavras, a mente é uma "alma racional unida a esta máquina". O dualismo cartesiano foi apelidado com irreverência de "o espírito na máquina".[10] Se você viu o filme de 2004 Eu, Robô, com Will Smith, deve lembrar-se de que essa expressão foi utilizada repetidas vezes para descrever um robô particularmente capaz: "Deve haver um espírito nesta máquina".

Dualismo de dois andares de Descartes

MENTE

Um ser livre e autônomo

CORPO

Um mecanismo operando segundo as leis da natureza

Descartes é mais conhecido por sua famosa frase: "Penso, logo existo". Nessa frase, ele colocou a identidade humana autêntica apenas na mente. A implicação disso é que o corpo não é um aspecto do eu verdadeiro. Ao contrário, o corpo é um mecanismo que serve às necessidades e desejos da mente, como o piloto de um avião ou o motorista de um carro. O filósofo Daniel Dennett explica: "Desde Descartes, no século XVII, temos a visão do eu como um tipo de espírito imaterial que possui e controla um corpo da mesma forma como você possui e controla o seu carro".[11]

O que os textos típicos de filosofia não mencionam é que Descartes era um católico devoto, e a sua divisão de dois andares era, na realidade, uma tentativa de transmitir uma cosmovisão mecanicista compatível com o ensino da igreja. A sua estratégia para proteger o mundo espiritual foi separá-lo completamente do mundo material.[12] Como explica um filósofo, o dualismo cartesiano "parecia fazer uma concessão e uma reconciliação entre a Igreja e os cientistas". A regra era "a cada um a sua própria jurisdição — aos cientistas, a matéria e as suas leis mecânicas de movimento, e aos teólogos, a substância mental, a alma dos seres humanos".[13]

Foi uma estratégia inteligente, mas será que funcionou? Não, porque ela não se mantém pela lógica. Como pode uma mente livre influenciar um corpo que funciona automaticamente como uma máquina ou robô? Como pode uma mente controlar um corpo cujo comportamento é determinado por leis mecânicas irracionais? Esses dois conceitos são contraditórios. O termo "cartesiano" veio a referir-se ao conflito irreconciliável entre um sujeito livre conectado de alguma forma a uma máquina determinista.

Como explica o filósofo católico Jacques Maritain: "O dualismo cartesiano quebra o homem em duas substâncias completas — por um lado, o corpo, que é apenas extensão geométrica; por outro, a alma, que é apenas pensamento". O ser humano é "dividido ao meio".[14]

O dualismo cartesiano de dois andares, no entanto, foi amplamente aceito. Qual era o seu apelo? Para os cientistas, o apelo era que a sua filosofia mecanicista parecia justificar o controle humano sobre a natureza. Se a natureza é uma máquina, então só precisamos descobrir as suas leis para dominá-la e manipulá-la.[15] O próprio Descartes disse que esperava dar poder aos seres humanos para tornarem-se "mestres e possuidores da natureza". A vontade do ser humano foi confrontada com as obras cegas e mecânicas da natureza para arrancarmos dela o que quiséssemos. A promessa cartesiana era que a mente iria tornar-se independente do corpo e de suas limitações.

A LÓGICA DO ABORTO

Você percebe como essa história explica os argumentos para o aborto? Ao menos

desde Descartes, a mente tem sido considerada como o eu autêntico. Ela é a parte de nós que pensa e que pode dizer “logo, existo”. O corpo foi reduzido ao subpessoal, funcionando apenas no nível da biologia e da química. Nesse nível, quase todos hoje concordam que o bebê no útero é humano — nos âmbitos biológico, fisiológico e genético. Quando órgãos reconhecíveis estão sendo colhidos e vendidos pela fundação Planned Parenthood [Paternidade Planejada] — olhos, corações, pulmões, tecido cerebral de fetos — não é mais viável insistir que o feto é “apenas um conjunto de células”. Quase nenhum profissional especialista em bioética nega que a vida começa na concepção.[16]

Na metáfora de dois andares, entretanto, falar sobre o feto como um ser humano biológico está no andar inferior, no mundo da ciência —, onde o corpo foi reduzido a uma máquina irracional a ser utilizada e explorada, como o restante da natureza. Ele é apenas um pedaço descartável de matéria.

Isso explica por que um ser humano biológico não é mais considerado como possuidor de status moral ou garantia legal de proteção. Ser um ser humano não equivale mais a ser uma pessoa. A vida humana foi reduzida à matéria bruta sem nenhum significado ou propósito intrínseco, sujeita a quaisquer propósitos que escolhamos impor.

A questão central do aborto, portanto, é o status do corpo humano. Será que o corpo humano é parte integral da pessoa, compartilhando da sua dignidade? Ou ele é extrínseco à pessoa — um pedaço de matéria que podemos controlar e manipular da maneira como quisermos, como se dirigíssemos um carro?

Para que tenha efeito, as pessoas não precisam adotar a teoria da pessoalidade de modo consciente. Ela está implícita na prática do aborto. Para apoiar o aborto, por pura lógica, devemos decidir que a vida humana em seus estágios iniciais não tem valor real — tanto que pode ser morta por qualquer motivo. Então, devemos decidir que, em algum estágio posterior, ela é transformada em um tipo diferente de ser, com tanto valor que a sua morte é considerada assassinato.

Por pura lógica, então, ao aceitarmos o aborto, estamos adotando implicitamente alguma forma de dualismo corpo/alma, mesmo que não façamos uso desses termos. As nossas ações podem insinuar ideias sobre as quais ainda não pensamos com clareza.

É claro, quando as pessoas estão tomando a decisão sobre fazer ou não um

aborto, a sua escolha é, com frequência, baseada em motivos pessoais — medo de perder o emprego, de largar a escola, custos financeiros ou estigma social. Mulheres cristãs disseram-me que o seu maior e principal medo era: “O que as pessoas da minha igreja vão pensar?”. Essas são preocupações genuínas, e as igrejas deveriam ser as primeiras a apoiar essas mulheres com suporte financeiro, creches, treinamento profissional, aconselhamento — e, acima de tudo, com graça e misericórdia.

Entretanto, quando discutimos a teoria da pessoalidade, não estamos falando dos motivos pessoais ou dos sentimentos das pessoas, mas da lógica inerente ao apoio ao aborto. Como analogia, imagine que uma pessoa pergunte-lhe por que alguém é cristão. Então imagine que essa pessoa peça-lhe argumentos lógicos de por que o Cristianismo é verdadeiro. A sua resposta pode ser bem diferente. A teoria da pessoalidade é a premissa oculta em argumentos pró-aborto.

QUEM SE QUALIFICA COMO PESSOA?

Depois de reconhecermos o dualismo inerente à teoria da pessoalidade, temos novas ferramentas para debater com os nossos amigos que apoiam o aborto. O problema mais óbvio para a teoria é que ninguém consegue chegar a um consenso sobre como definir a pessoalidade. Se ela não for a mesma coisa do que ser biologicamente humano, então o que é? E quando começa?

Até mesmo os especialistas em bioética apresentam respostas diversas. Alguns propõem que a pessoalidade surge quando o organismo em desenvolvimento começa a exibir atividade neural, a sentir dor, a alcançar certo nível de funcionalidade cognitiva, ou consciência, ou inteligência, ou até mesmo a ter um sentido de futuro. Fletcher propõe quinze qualidades para definir quando uma vida humana é digna de respeito e proteção (tais como inteligência, autoconhecimento, autocontrole, sentido de tempo, preocupação pelos outros, comunicação, curiosidade e função neocortical). Se alguma dessas medidas estiver muito baixa, para Fletcher, o ser não se qualifica como pessoa. É “mera vida biológica”.[17]

Porém, quais dessas funções cognitivas são realmente essenciais para definir a vida humana? E quão desenvolvidas elas têm que ser? Sobre isso não existe

consenso. Escolher qualquer etapa da gestação como o ponto quando o bebê pré-nascido torna-se uma pessoa é arbitrário e subjetivo.

O problema é que a maioria dessas características surge gradualmente. Não há características que alguém tenha ou não tenha. Há graus diferentes — diferenças quantitativas. O que não conseguimos encontrar é um ponto de transição qualitativo claro para a importante transformação de "não pessoa" para pessoa.

Aliás, até mesmo adultos completamente desenvolvidos exibem essas características em graus variados. Quando conheço alguém que é mais inteligente do que eu, isso significa que ele é mais pessoa do que eu — e que deveria ter mais direitos do que tenho? O apologista pró-vida Scott Klusendorf diz que a ideia de basear a proteção legal em características variáveis entre a população "rebaixa a proposição de que todos os homens são criados iguais até as cinzas da história".[18]

A única base lógica para afirmar-se que "todos os homens são criados iguais" é um apelo a um Criador. É por isso que os fundadores dos Estados Unidos escreveram na Declaração de Independência que os direitos humanos são "providos pelo Criador". Embora os fundadores nem sempre vivessem de acordo com os seus mais altos ideais (alguns eram senhores de escravos), eles estavam corretos nesse ponto. Até mesmo o supremo ateu, Friedrich Nietzsche, reconheceu que o "conceito cristão [...] da 'igualdade das almas diante de Deus' [...] apresenta o protótipo de todas as teorias de direitos iguais".[19]

Para os fundadores, esse conceito cristão era tão óbvio que eles escreveram: "Defendemos que essas verdades são óbvias". Hoje, entretanto, aquelas verdades não são mais óbvias. Precisamos estruturar argumentos explícitos segundo os quais a existência de um Criador fornece a única base lógica para a igualdade de direitos.

QUEM ESTÁ DISCRIMINANDO MESMO?

E o que dizer sobre a cronologia? A maioria das pessoas diz que um bebê torna-se uma pessoa ainda dentro do útero. Miranda Sawyer, a jornalista britânica cuja história lemos no capítulo 1, concluiu que a pessoalidade começa em algum

momento antes do nascimento: “Uma vez que o embrião tenha-se desenvolvido o suficiente para sentir dor, ou para começar uma personalidade, então [...] interromper essa vida é errado”.[20]

Entretanto, o especialista em bioética John Harris ridiculariza essa ideia: “Nove meses de desenvolvimento são insuficientes para tornar o embrião humano algo que possa ser chamado de uma pessoa”. Harris define uma pessoa como “uma criatura capaz de valorizar a sua própria existência”. Matar é errado apenas no caso de alguém que tenha atingido um desenvolvimento cognitivo em nível suficiente para nutrir um desejo explícito e consciente de viver. “‘Não pessoas’ ou ‘pessoas em potencial’ não podem ser ofendidas dessa maneira, pois a morte não as priva de qualquer coisa que elas valorizem”, argumenta Harris. “Se elas não conseguem desejar viver, não podem ter esse desejo frustrado ao serem mortas” — como se o valor da vida dependesse de nossa vontade privada.

James Watson, um dos descobridores da dupla hélice do DNA, defende que se espere três dias depois do nascimento de um bebê para decidir se ele deve ter permissão para viver. O raciocínio é que alguns defeitos genéticos não são detectáveis antes do nascimento. O seu colega Francis Crick concorda: “Nenhum bebê recém-nascido deveria ser declarado humano até que tenha passado por certos testes relativos ao seu conteúdo genético e, se ele for reprovado nesses testes, perde o direito à vida”.[22] Peter Singer diz que até mesmo “uma criança de três anos de idade é uma situação cinzenta”.[23] Afinal de contas, quanta função cognitiva tem uma criança pequena?

Como vimos antes, Singer acusa outros de discriminação com base nas espécies (o que ele chama de especismo), mas, ironicamente, ele propõe discriminação com base na função do córtex cerebral. Todavia, por que a função mental deveria ser a base para decisões morais, e não a participação na espécie humana? Com certeza, o ser humano é mais objetivo e mais fácil de ser determinado.

O conceito cristão de pessoalidade não depende do que eu possa fazer, mas de quem eu sou — de eu ter sido criado à imagem de Deus e de Ele ter-me chamado à existência e continuar a conhecer-me e a amar-me. Os seres humanos não precisam merecer o direito de serem tratados como criaturas de grande valor. A nossa dignidade é intrínseca, está enraizada no fato de que foi Deus quem nos fez, conhece-nos e ama-nos.

O “DIREITO HUMANO” MANCHADO DE SANGUE DE SCARLETT JOHANSSON

Se os médicos negam a pessoalidade com base nos defeitos, onde eles traçam o limite? E os defeitos menores ou corrigíveis? Uma nova história que vem da Inglaterra cita um pai chamado David Wildgrove: “Os médicos sugeriram com veemência que considerássemos o aborto depois que descobriram que o nosso bebê tinha um pé torto”. Wildgrove ficou horrorizado. Ele sabia que o pé torto é facilmente corrigido, até mesmo sem cirurgia. (Usam-se talas e gesso para colocar o pé na posição correta.) Dentre as pessoas famosas que nasceram com pé torto, estão o poeta Lord Byron, o ator Dudley Moore e a patinadora artística Kristi Yamaguchi, vencedora da medalha de ouro nas Olimpíadas de 1992.

Mesmo assim, um estudo de 2006 descobriu que, na Inglaterra de hoje, os bebês com pé torto são frequentemente abortados. O filho de Wildgrove não foi um deles: “Nós resistimos, o problema foi tratado, e agora ele corre por aí e joga futebol com todos os amigos”.[24]

E existem os casos contundentes de bebês nascidos vivos depois de um aborto. No caso Floyd vs Anders, agora famoso, um menininho sobreviveu por 21 dias depois do aborto. Mesmo assim, um juiz federal disse que, porque a mãe tinha decidido abortar, “o feto, neste caso, não era uma pessoa cuja vida a lei estadual poderia proteger”.[25] Então, uma criança que sobreviveu a um aborto por 21 dias “não era uma pessoa”, nem era protegida pela lei estadual.

Quando a polícia descobriu a clínica de aborto de Kermit Gosnell em Filadélfia, encontraram uma cena terrível de bebês mortos, muitos dos quais tinham nascido com vida e depois intencionalmente mortos cortando a medula espinhal com uma tesoura. Só que os supervisores disseram aos policiais que a investigação de aborto não era responsabilidade deles. O supervisor aparentemente pensava que, mesmo quando uma tentativa de aborto gera um bebê vivo, ele não está protegido pela lei de forma alguma. (Mais tarde, Gosnell foi condenado por homicídio qualificado.)[26]

Como observa de forma incisiva o colunista George Will, quando se recusa a proteger um bebê nascido vivo de um aborto malsucedido, a lei está basicamente dizendo que o objetivo não é apenas terminar a gravidez. Está dizendo: “Se você

paga por um aborto, deve receber um bebê morto”.[27]

A lição deixada é que qualquer definição de pessoalidade não conectada a simplesmente sermos humanos é subjetiva e arbitrária. Mesmo assim, essas definições infundadas têm consequências de vida e morte. Quando os especialistas em ética decretam que alguém é uma “não pessoa”, então os doutores e juízes negarão a este ser a proteção legal. Como resultado, a vida humana não é mais inviolável.

A atriz Scarlett Johansson afirmou que o aborto não é mais “‘uma questão de direitos das mulheres’, mas ‘uma questão de direitos humanos’”.[28] No entanto, é um estranho direito humano que justifica matar humanos.

Os argumentos que justificam o aborto rebaixam o corpo ao nível subpessoal. Banalizam o corpo como um tipo de matéria bruta que pode ser mexida, manipulada, experimentada ou destruída sem nenhuma consequência moral. Reduzem a vida humana a cálculos utilitários, pesando custos e benefícios práticos. Como escreve Klusendorf, se o não nascido não é pessoa, então matá-lo por qualquer motivo “não exige nenhuma justificativa a mais do que arrancar um dente”.[29] Na clínica Planned Parenthood [Paternidade Planejada], bebês abortados são tratados como nada mais que tecidos para pesquisa, ou lixo para ser dividido em partes vendáveis e depois jogado fora.[30]

O desenvolvimento do ultrassom transformou o debate, tornando o bebê visível desde as primeiras etapas. Essas imagens transformaram a mente de muitas pessoas, só que não de todas. Em entrevistas para a mídia, muitas vezes perguntam-me como as pessoas podem olhar para um bebê no útero, chutando as suas pernas, sugando os dedos e ainda dizer: “Não, não é uma pessoa”. Minha resposta é: “Você está testemunhando o poder de uma cosmovisão. Quando alguém aceita a cosmovisão de dois andares, pode literalmente olhar para um bebê como apenas um organismo, um pedaço de matéria, sem valor e sem direito à proteção”.

Usando uma linguagem mais acadêmica, Leon Kass, antigo presidente do Conselho de Bioética da presidência dos Estados Unidos, diz que a visão de dois andares “estabelece de forma dualista o conceito de ‘pessoalidade’ em oposição à natureza e ao corpo”, e, portanto, “falha em fazer justiça à realidade concreta de nossas vidas corpóreas”.[31] A ética cristã rejeita o dualismo e reconhece a nossa dignidade como seres corpóreos.

ABORTO PÓS-NASCIMENTO

Em anos recentes, os especialistas em bioética começaram a aplicar a cosmovisão de dois andares não apenas ao aborto, mas também ao infanticídio. Em 2013, dois filósofos provocaram uma tempestade com um artigo defendendo o que eles chamaram de “aborto pós-nascimento”.[32]

Do que eles estavam falando com essa expressão? Infanticídio. O assassinato de bebês recém-nascidos.

Os dois filósofos defendiam que um bebê é humano, mas não é uma pessoa — e que, antes da pessoalidade, a vida humana não tem reivindicações morais sobre nós. “Ser apenas um ser humano não é, em si mesmo, um motivo para atribuir a alguém o direito à vida”, sustentaram eles. Destarte, “fetos e recém-nascidos não são pessoas”. E, “já que ‘não pessoas’ não têm direito moral à vida, não há motivo para banir os abortos pós-nascimento”.[33]

Você consegue reconhecer aqui os elementos centrais da teoria da pessoalidade? Segundo esses filósofos, um recém-nascido é “apenas humano” e, assim, uma “não pessoa”. Ele existe apenas no andar inferior, o que implica que não tem qualquer valor moral. Ele é apenas um pedaço de matéria que pode ser utilizado para pesquisa e experimentação, ter os seus órgãos colhidos e depois ser jogado fora, na lata de lixo.

Os pensadores pró-vida já têm alertado há muito tempo que os Estados Unidos estão trilhando a mesma direção que os nazistas na Alemanha, e isso não é simples alarmismo. Os nazistas não começaram matando judeus. Eles primeiramente utilizaram as suas câmaras de gás para matar os aleijados, e o movimento foi liderado pelos profissionais da medicina. Os médicos defendiam que a vida dos deficientes físicos “não valia a pena” (a expressão alemã era “lebensunwertes Leben”).[34] De maneira perturbadora, o artigo de 2013 usa exatamente a mesma expressão, defendendo que o aborto pós-nascimento deveria ser permitido para os bebês cuja vida “não vale a pena”.

…

CIÊNCIA E A ALMA

O fato de os especialistas em bioética chegarem a definições tão radicalmente conflitantes sobre a pessoalidade mostra que o conceito é quase impossível de ser definido depois de separado do simples fato de sermos biologicamente humanos. O papel central da biologia no debate lança uma luz nova e surpreendente sobre o que os dois lados estão, de fato, a dizer.

Por exemplo, normalmente ouvimos que as pessoas pró-vida são motivadas por ensinamentos religiosos sobre a alma, enquanto os pró-escolha confiam estritamente na ciência. A blogueira Libby Anne escreve: “A ampla, ampla maioria das pessoas antiaborto alega ter problemas com o aborto porque acredita que o zigoto/feto tem alma”. Ela conclui que se opor ao “aborto baseado na alma do zigoto é realmente empurrar crenças religiosas específicas sobre o público geral [...], [o que é] uma violação contundente da separação entre igreja e Estado”.[35]

Todavia, essa objeção comum compreende as coisas exatamente ao contrário. Como fato sociológico, é verdade que muitos pró-vida são membros de comunidades religiosas, que ensinam que os seres humanos têm (ou são) almas espirituais. Mesmo assim, os argumentos pró-vida não começam com a alma; eles começam com a ciência.[36] Ninguém discute o valor moral da vida humana até que a evidência científica primeiramente demonstre que a vida existe.[37]

Nos Estados Unidos, muitas leis contra o aborto foram, inicialmente, aprovadas no século XIX, quando o conhecimento médico demonstrou pela primeira vez que a vida começa na concepção. É ali que o destino genético é lançado. No campo puramente científico, os conceitos mais antigos foram considerados irrelevantes, tais como o “despertamento” (o momento quando uma mãe começa a sentir o bebê movendo-se) ou o momento quando o bebê respira pela primeira vez. Como resultado, foram os médicos — e não as igrejas — os principais defensores das leis que criminalizavam o aborto.[38]

Afinal de contas, o governo não decide se dá proteção legal a adultos de 35 anos

com base na presença ou não de alma neles. A lei protege-os porque eles são seres humanos.

É claro, as pessoas são muito mais do que organismos biológicos, e a biologia não é a dimensão mais importante da vida. Mesmo assim, a biologia fornece a base para identificarmos quem é humano. Ela é um marcador objetivo, empiricamente testável e universalmente detectável da condição humana. O corpo é algo que podemos ver e identificar cientificamente — algo sobre o que todos podemos concordar. Os humanos reproduzem-se "segundo a sua espécie", assim como diz Gênesis 1. Assim, todo ser humano é também uma pessoa; ele não precisa satisfazer nenhum critério adicional.

De maneira oposta, a teoria da pessoalidade diz que alguns humanos não se qualificam como pessoa. Nesse caso, como determinamos quais humanos se qualificam? Como identificamos quais critérios adicionais eles devem satisfazer? Como vimos, não há consenso nem entre os especialistas em bioética sobre o que é a pessoalidade ou sobre quando ela começa. As suas definições são apenas subjetivas e refletem os seus próprios valores pessoais.

Por que precisamos do conceito de pessoalidade como distinto de "simplesmente sermos humanos"? Como aponta o jornalista de ciência Dick Teresi, quando falamos sobre o nosso animal de estimação, não falamos sobre "gaticidade" ou "cachorricidade" como algo distinto do fato biológico de ser gato ou cachorro. Não, se o seu animal é biologicamente um cachorro, isso é o suficiente. Teresi conclui que o conceito de dois andares da pessoalidade é um conceito "filosófico/religioso"[39] — não uma questão de fatos, mas uma afirmação sobre valores. Cada especialista em bioética propõe uma lista diferente de capacidades necessárias para qualificar alguém como pessoa, baseada no que ele mais valoriza.

A teoria da pessoalidade, desse modo, reflete a divisão fato/valor, segundo a qual o valor não é baseado em fatos, mas é uma escolha subjetiva (ver a introdução). A lição é que, quando aceitamos um conceito modernista do corpo no andar inferior, inevitavelmente acabamos com um conceito pós-moderno de pessoalidade no andar superior, desconectado de qualquer critério objetivo.

Em última instância, alguém terá que estabelecer um limite definindo quem se qualifica como pessoa. Mas, sem critérios objetivos, o conceito será definido por puro poder. Quem tiver o maior poder — ou seja, o Estado — decidirá quem se

qualifica como pessoa.

Em 2016, um grupo internacional de especialistas em bioética publicou uma declaração solicitando às autoridades estatais que começassem a tomar decisões sobre contratações na saúde. Ela instigava os governos a estabelecerem "tribunais" para coagir médicos e outros trabalhadores da saúde a realizar abortos, infanticídio e eutanásia mesmo se acreditassem que essas práticas fossem moralmente erradas. E se os médicos continuassem a protestar, dizia a declaração, eles deveriam ser punidos com a exigência de prestar serviço comunitário e comparecer a sessões de reeducação.[40]

O infanticídio como política de Estado já existe há muito tempo. Abra sua Bíblia no capítulo 1 do livro de Êxodo:

E o rei do Egito falou às parteiras das hebreias [...] e disse: Quando ajudardes no parto as hebreias e as virdes sobre os assentos, se for filho, matai-o; mas, se for filha, então, viva. As parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram como o rei do Egito lhes dissera; antes, conservavam os meninos com vida. (Êx 1.15-17)

Quando o Estado decide quem se qualifica como pessoa, a porta da tirania e da opressão é aberta. Se o Estado cria direitos, o Estado também pode retirá-los. Qualquer pessoa, em qualquer etapa da vida, pode ser rebaixada à condição de "não pessoa" e ter o seu direito à vida negado. Quando os fundadores dos Estados Unidos escreveram na Declaração de Independência que os seres humanos têm direitos inalienáveis "concedidos pelo seu Criador", estavam falando que os direitos devem vir de uma fonte transcendente — uma fonte maior do que o Estado. Ou, do contrário, eles não seriam "inalienáveis".

QUEM ESTÁ TRAZENDO A RELIGIÃO PARA O ÂMBITO PÚBLICO?

Hoje, muitas pessoas pensam que é impróprio falar sobre direitos concedidos por um Criador, pelo menos no âmbito público. Por quê? Porque na divisão fato/valor, quando uma posição é tachada de religiosa, presume-se que seja privada e subjetiva, não compartilhada por outros dentro da esfera política. Só que, ironicamente, por essa definição, é a visão secular da pessoalidade que deveria ser barrada da esfera pública. Embora alegue ser científica, na realidade ela é privada e subjetiva.

Ouça o que diz Paul Bloom, professor da Universidade de Yale, escrevendo sobre aborto no The New York Times: "A questão não é, na verdade, sobre a vida em qualquer sentido biológico. Ela é, antes, o perguntar-se sobre o momento mágico no qual um agrupamento de células torna-se mais do que apenas uma coisa física". E que força "mágica" tem o poder de converter "uma coisa apenas física" em uma pessoa com dignidade tão profunda que seja moralmente errado matá-la? Essa "não é uma pergunta que os cientistas poderão algum dia responder", entoa Bloom. "É uma questão sobre a alma."[41]

Então, quem está injetando religião na política?

Falando de maneira objetiva, os apoiadores do aborto perderam o argumento no âmbito científico. Não podem mais negar que um embrião é, biologicamente, humano. Como resultado, mudaram a sua tática para um argumento baseado na pessoalidade, definida, em última instância, por suas próprias visões e valores. E, quando a sua visão é codificada em forma de lei, os seus valores privados são impostos sobre todos os outros.

Essa mudança de tática ficou evidente em um debate fascinante há poucos anos. Começou quando o professor Stanley Fish escreveu no jornal First Things que os pró-vida não tinham direito de trazer as suas posições para a esfera pública. Por que não? Porque suas posições eram baseadas na fé, alegou ele, enquanto os defensores do aborto baseiam a sua visão na ciência.[42] Robert George, de Princeton, desafiou Fish para um debate em um encontro da American Political Science Association [Associação de Ciência Política dos Estados Unidos]. Em seu relatório, George argumentou que, na realidade, a posição pró-vida é que se baseia na ciência.

Como é de costume, os dois estudiosos trocaram os seus relatórios antes do debate. Na abertura do encontro, Fish jogou o relatório de George na mesa e anunciou: "O professor George está certo, e ele está certo em me corrigir". A

admissão foi seguida de um silêncio atônito.

Mais tarde, Fish explicou a sua reviravolta espantosa. Os defensores do aborto normalmente se lançam como “defensores da ciência racional contra as forças da ignorância e superstição”, disse. Só que, quando a ciência começa a empurrar cada vez mais para trás, de maneira implacável, o momento em que a vida começa, “eles mudaram de tática [...] Hoje em dia, são os pró-vida que tornam a questão científica de quando acontece o início da vida seu ponto principal [...], enquanto os pró-escolha querem transformar a questão em ‘metafísica’ ou ‘religiosa’ fazendo a distinção entre simples vida biológica e ‘vida moral’”.[43]

As expressões “simples vida biológica” vs “vida moral” são a maneira de Fish colocar a dualidade corpo vs pessoa. Seu ponto é que, quando os pró-escolha perderam o argumento no âmbito científico, eles “mudaram de tática”, adotando o dualismo de dois andares e apelando para um conceito não científico e não empírico de pessoalidade.

É hora de virar a mesa sobre os velhos estereótipos.

A cada avanço da ciência, fica mais evidente que ser pró-vida é estar do lado da ciência e da razão. Os cientistas descobriram recentemente que, quando um espermatozoide encontra um óvulo, acontece uma explosão de pequenas faíscas no óvulo no momento exato da concepção. Eles chegaram a capturar em vídeo esses impressionantes fogos de artifício. “Ver o zinco ser irradiado em uma explosão de cada óvulo humano foi de tirar o fôlego”, disseram os pesquisadores.[44] A vida humana começa literalmente em um clarão de luz brilhante.

POR QUE O ABORTO É ANTICIÊNCIA

A única estratégia que sobra para aqueles que apoiam o aborto é descartar a evidência da ciência. Jennie Bristow, editor de Abortion Review [Revista do Aborto], escreveu um artigo intitulado: “Aborto: Pare de esconder-se atrás da ciência”. O artigo começa assim: “Com o pessoal antiaborto empurrando ‘evidências científicas’ sobre viabilidade fetal, está na hora de reafirmar a questão moral pelo direito de escolha das mulheres”. Observe as aspas na

expressão “evidências científicas”, como se estivesse ali para desacreditar a própria ideia. Repetidas vezes Bristow insiste que “a questão do aborto não pode ser resolvida no âmbito científico [...] é uma questão política sobre a necessidade da mulher de abortar em uma sociedade comprometida com a igualdade feminina e a autonomia individual”.[45]

Traduzindo: quem se importa com fatos científicos?

A teoria da pessoalidade, com a sua rejeição dos fatos biológicos, é a hipótese não falada mesmo em argumentos que não a citem diretamente. Considere a alegação de que o direito do feto à vida depende de ele ser ou não desejado. Há alguns anos, a apresentadora da MSNBC, Melissa Harris, disse: “Quando a vida começa? Eu proponho que a resposta dependa de uma grande quantidade de sentimentos dos pais”. E acrescentou: “Uma gravidez não desejada pode ser biologicamente o mesmo do que uma desejada. Só que a experiência pode ser totalmente diferente”.[46]

Então, os fatos biológicos importam menos do que os “sentimentos dos pais”.[47]

Um artigo na revista Salon pergunta de maneira desafiadora: “E qual o problema se o aborto terminar com uma vida?”. A autora, Mary Elizabeth Williams, começa reconhecendo os fatos científicos: “Acredito que a vida começa na concepção. [...] Durante todos os meus momentos de gravidez, nunca duvidei, nem por um instante, que estava carregando uma vida humana dentro de mim”.

Mary até mesmo repreende os seus companheiros liberais por negarem esse fato óbvio: “Quando tentamos agir como se a gravidez não envolvesse uma vida humana, acabamos traçando linhas semânticas estúpidas na areia: aborto no primeiro trimestre vs aborto no segundo trimestre vs aborto tardio, dançando ao redor do assunto, tentando decidir se há um momento mágico singular quando um feto torna-se uma pessoa”. É claro que não há um “momento mágico”, nenhuma mudança aguda, nenhuma transformação súbita. O desenvolvimento humano é um processo gradual e contínuo.

Mesmo assim, como Mary Elizabeth apoia o aborto, pela lógica, ela mesma tem que selecionar algum “momento mágico”. Para ela, o fator decisivo é a autonomia. Quem tem autonomia vence. Eis a sua explicação: “Um feto pode ser vida humana sem ter os mesmos direitos da mulher em cujo corpo ele reside. Ela é quem manda. A vida dela, o que é certo para as circunstâncias dela e de sua

saúde deveria automaticamente exceder os direitos da entidade não autônoma dentro dela. Sempre".

Mary termina o seu artigo com estas palavras desoladoras: "O feto é, de fato, uma vida. Uma vida que vale a pena sacrificar".[48]

Aqueles que apoiam o aborto não estão baseados na ciência. Eles tomaram uma posição moral de que a Declaração de Independência está errada ao pronunciar que todas as pessoas são criadas iguais. A afirmação de Mary é direta: "Nem toda vida humana é igual". Para citar uma frase de A Revolução dos Bichos, de George Orwell: "algumas vidas são mais iguais do que outras".

QUEM SERÁ QUE ESTÁ IMPONDO AS SUAS CRENÇAS?

O debate sobre o aborto é, muitas vezes, retratado como um conflito entre aqueles que pensam que o Estado deveria permanecer neutro em relação às questões morais e aqueles que querem "impor" a sua crença sobre os outros. Mas, como temos visto, a teoria da pessoalidade está longe de ser neutra.

Há alguns anos, fui convidada para falar em uma conferência sobre cosmovisão cristã organizada por uma universidade de ponta dos Estados Unidos e rapidamente notei um padrão surgindo. Depois de cada palestrante, invariavelmente, alguns estudantes levantavam a mesma pergunta, só que colocada de diferentes formas: se falamos sobre uma cosmovisão cristã, não estamos impondo a nossa visão sobre os outros? Claramente, mesmo sendo muito bem instruídos, os alunos das universidades de ponta absorveram a doutrina secular de que é ilegítimo falar a partir de uma perspectiva cristã no âmbito público — e que fazer isso viola ideais de neutralidade e objetividade.

Quando a mesma pergunta surgiu depois da minha palestra, como sempre acontecia, eu estava pronta com outra pergunta: será que a posição secular é neutra? Será que ela é imparcial e objetiva? É claro que não. A posição secular repousa sobre uma visão altamente controversa de dois andares da natureza humana, que envolve uma visão bruta e utilitária de corpo (andar inferior) e uma definição subjetiva e arbitrária de pessoa (andar superior). Não há nada de neutro aqui.

E quando o governo define políticas baseadas nessa cosmovisão, está impondo a ideologia secular sobre toda uma sociedade.

O problema é que as cosmovisões não vêm com rótulos organizados. Ninguém diz que as controvérsias bioéticas envolvem duas visões conflitantes sobre a natureza humana. Em vez disso, as pessoas caem novamente em expressões estereotipadas — ciência vs religião, fatos vs fé. Quando ouvimos esse tipo de linguagem, devemos pressionar para que todos coloquem as suas cartas de cosmovisão na mesa. Somente assim teremos um debate genuinamente livre e aberto.

O QUE A NPR NÃO ENTENDE

Certa vez, fui convidada para ser entrevistada em um programa da National Public Radio [Rádio Pública Nacional] em São Francisco. Antes do programa, o produtor entrevistou-me sobre meus pontos de vista sobre vários assuntos, incluindo o aborto. Ele comentou que a maioria das pessoas acha que o aborto é aceitável "até que o feto torne-se uma pessoa".

"Essa expressão carrega uma bagagem filosófica enorme", apontei. "Ela presume uma visão fragmentada, quebrada do ser humano que trata o corpo como extrínseco à pessoa, sendo, portanto, algo descartável. Por outro lado, aqueles que se opõem ao aborto têm uma visão integral da natureza humana como uma unidade integrada — o que significa que o corpo tem valor e dignidade intrínsecos."

O produtor pareceu surpreso por esse argumento e não teve resposta. Então continuei. "A posição pró-escolha é exclusiva. Diz que algumas pessoas não estão à altura. Não passam no teste. Não se qualificam para os direitos da pessoalidade."

"Por outro lado", disse, "a posição pró-vida é inclusiva. Se você é um membro da raça humana, você está dentro. Tem a dignidade e a posição de membro integral da comunidade moral".

Poucos dias depois, o produtor entrou em contato comigo para dizer que a minha

entrevista tinha sido cancelada. Pode ser difícil para as pessoas seculares aceitarem as implicações desumanizadoras de sua própria visão. Eu tinha usado chavões liberais venerados (inclusiva, integral) para demonstrar que a cosmovisão bíblica, na verdade, preenche os mais altos ideais do liberalismo, melhor do que qualquer cosmovisão secular.

Os jovens parecem compreender isso melhor do que os seus pais, da geração dos Baby Boomers. Estudos descobrem de forma sistemática que os eleitores abaixo dos 30 anos são mais pró-vida do que os seus pais. Entre os millennials, 51% acreditam que o aborto é moralmente errado, comparado com 37% que afirmam ser moralmente aceitável.[49] O motivo não é que os millennials tenham-se tornado, em geral, mais conservadores. É que eles compreendem o aborto como uma questão de direitos humanos. Tendo crescido em um mundo cheio de imagens de ultrassom, eles têm mais empatia pelas crianças agora visíveis dentro do útero. E, tendo crescido em uma cultura científica, eles testemunharam o milagre da medicina neonatal que torna possível que até mesmo os bebês nascidos muito prematuros sobrevivam e cresçam — bebês da mesma idade daqueles que estão sendo abortados na clínica de aborto no fim da rua.

Como escreve um colunista, para muitos millennials, “a destruição intencional da vida no útero parece menos um ato de ‘liberdade reprodutiva’ e mais um ato de violência contra uma vítima inocente”.[50]

SERÁ QUE OS DIREITOS HUMANOS SÃO UM “MITO CRISTÃO”?

A única cosmovisão com recursos intelectuais para proteger essas vítimas inocentes é o Cristianismo. Até mesmo os pensadores seculares admitem isso. Yuval Harrari, autor do best-seller internacional Sapiens: A Brief History of Humankind [Sapiens: uma Breve História da Humanidade], defende que, se você aceita que a vida evoluiu por processos materiais (como ele), não há base lógica para os direitos humanos.

Considere a Declaração de Independência dos Estados Unidos e o seu conceito de “direitos inalienáveis [...] concedidos pelo Criador”. Harrari defende que a seleção natural é um processo para selecionar as variações mais viáveis entre os seres vivos. Assim, a chave para o avanço evolutivo não é a igualdade, mas a

diferença: "'Criados iguais' deveria, portanto, ser traduzido como 'evoluídos de maneira diferente'".

Em uma cosmovisão materialista, é claro, não há Criador para "conceder" direitos para os seres humanos. "Há apenas um processo evolutivo cego, desprovido de qualquer propósito", escreve Harrari. Os organismos simplesmente fazem o que as suas capacidades evolutivas permitem-lhes fazer: "Pássaros não voam porque têm direito de voar, mas porque têm asas". E essas capacidades evolutivas não são "inalienáveis". Estão constantemente mudando e sendo transformadas. Assim, não existem direitos inalienáveis.

Frase por frase, Harrari destrói as afirmações principais da Declaração. Segundo o materialismo evolutivo, diz ele, os seres humanos são apenas organismos biológicos movidos pelo instinto na busca por prazer. E conclui que o conceito de direitos iguais não é nada além de um "mito cristão".[51]

À medida que as implicações do materialismo secular infiltram-se na mente pública, os direitos desfrutados nas sociedades livres serão rebaixados ao status de "mito". E, então, quem defenderá esses direitos?

ESPOSA DIZ AO MARIDO: VIRE HOMEM

Não deveríamos esquecer que metade da população está, na verdade, privada de direitos no que diz respeito ao aborto. Repete-se aos homens que eles não têm direito de ter uma posição sobre o assunto porque nunca ficarão grávidos. Em minha página no Facebook, uma discussão acirrada sobre o assunto acabou quando uma mulher interrompeu com raiva: "Não discuto aborto com homens".

E muitos homens ficam felizes em esquivar-se do assunto. "Eu me alinhei com a posição pró-escolha", escreve Ruben Navarrette Jr.

E cheguei ali por um motivo simples: porque eu sou homem. Muitos dirão que não é um bom motivo, mas é o meu motivo. Como não tenho a capacidade de

ficar grávido e, assim, sou poupado do que tem sido uma decisão angustiante de amigas minhas sobre manter a gravidez ou não, fui deixado de lado e afastado pela outra metade da população.[52]

Essa atitude pode soar humilde. Porém, Navarrette diz que percebeu que, na realidade, a sua tentativa de permanecer neutro não passava de outra expressão para ‘acovardar-se’”.

Foi a sua esposa que o desafiou a mudar de opinião. “Ela é pró-vida [...] E não aceita o meu argumento de que, como homem, tenho que transferir para as mulheres a responsabilidade de fazer as suas próprias escolhas sobre o que fazer com seu corpo. Para ela, isso é covardia.” É hora de virar homem, disse a esposa de Navarrette para ele. “Há bebês sendo mortos. Milhões deles. E você precisa usar a sua voz para protegê-los. É isso que um homem faz. Ele protege os filhos — os seus próprios filhos e os filhos dos outros. É isso que significa ser um homem.”[53]

Ser homem também significa proteger mulheres. Muitas mulheres são pressionadas pelos pais, esposos ou namorados a fazer abortos que elas não desejam. Em um estudo do Medical Science Monitor, 64% das mulheres pós-aborto nos Estados Unidos disseram que “se sentiram pressionadas por outros” a realizar o aborto. Por elas mesmas, 54% disseram que “não estavam certas sobre a decisão na época”, e 50%, na verdade, “sentiam que o aborto era moralmente errado”.[54]

Metade das mulheres que abortam acreditam que ele é moralmente errado.

Não espanta que, no mesmo estudo, 78% das mulheres tenham colocado que se sentiram “culpadas” depois, e 56% relataram “sentir tristeza e perda”. Em uma de minhas aulas, um estudante chamado Christopher disse: “Eu era pró-escolha até entender o que o aborto estava fazendo com as mulheres. Tenho várias amigas que fizeram aborto. Todas elas queriam o aborto no começo. E todas se arrependeram depois. Elas estavam convencidas de que tinham tirado uma vida humana. Quando eu vi como lutavam com a culpa e a depressão, comecei, então, a repensar o assunto”.

Ser um homem significa proteger os vulneráveis, os desprovidos de direito, os desfavorecidos.

E, mais importante ainda, é isso que significa ser cristão. Os cristãos opõem-se ao aborto por causa da admoestação bíblica acerca de proteger os fracos, incapazes, dependentes e necessitados. Como disse Jesus aos seus seguidores, o que fizermos “a um destes [...] pequeninos irmãos”, fazemos a Ele (Mt 25.40).

…

JUSTIÇA PARA O NÃO NASCIDO

“Desde os tempos antigos”, escreve Timothy Keller, “o Deus da Bíblia destacou-se dos deuses de todas as outras religiões como um Deus que se colocava ao lado dos fracos e que fazia justiça ao pobre”.[55] A Bíblia fala claramente que o amor de Deus estende-se a todos os seres humanos, incluindo aqueles ainda não nascidos. A expressão mais eloquente vem do poeta e profeta, o Rei Davi:

Pois possuíste o meu interior; entreteceste-me no ventre de minha mãe. [...]

Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra.

Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe. (Sl 139.13,15-16)[56]

Da mesma forma, Jó diz que foi criado por Deus no princípio da sua vida: “As tuas mãos me fizeram e me entreteceram; [...] De pele e carne me vestiste e de ossos e nervos me entreteceste” (Jó 10.8,11). Jeremias relata que Deus o chamou para ser profeta mesmo antes do nascimento: “Assim veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci; e, antes

que saísses da madre, te santifiquei e às nações te dei por profeta" (Jr 1.4-5). Esses versículos deixam claro que Deus está envolvido intimamente na vida das pessoas antes do nascimento.

No Novo Testamento, Lucas faz um relato espantoso de uma criança que foi cheia do Espírito Santo mesmo antes do nascimento. João Batista foi especialmente comissionado para proclamar a chegada do Messias. Para essa tarefa profética, ele recebeu o Espírito de Deus (juntamente com a sua mãe) enquanto ainda estava no útero: "E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo". Esse preenchimento capacitou-a para reconhecer a grávida Maria como "a mãe do meu Senhor" (Lc 1.41-43). O pequeno embrião em seu útero já era "meu Senhor".

O colunista Matt Walsh escreve: "O próprio Jesus foi, em determinado momento, um bebê não nascido. Se havia alguma dúvida antes da sua vinda sobre a santidade da vida humana, essas dúvidas foram respondidas há dois mil anos".[57]

COMO SER CONTRACULTURAL

Organizações de teologia liberal, como a Religious Coalition for Abortion Rights [Coalisão Religiosa pelo Direito ao Aborto], defendem que a Bíblia não proíbe o aborto. E é verdade que não existem versículos explícitos quanto a isso. Isso ocorre porque, durante a era bíblica, os judeus não pensavam no aborto como algo aceitável e, portanto, não havia a necessidade de tornar isso algo "ilegal". Eles consideravam o aborto como uma forma de assassinato; logo, as leis contra o assassinato eram suficientes.

Na época da Igreja Primitiva, entretanto, os cristãos tiveram que se posicionar. Como veremos na próxima seção, a cultura greco-romana aceitava e praticava amplamente o aborto e o infanticídio. Assim, é impressionante como os Pais da Igreja colocaram-se contra essas práticas de maneira forte e uniforme. O Didaquê, um texto cristão antigo (50-120 d.C.), diz: "Não assassine uma criança pelo aborto, nem a mate no nascimento". A Epístola de Barnabé, do século II, diz: "Não matarás uma criança pelo aborto". Justino Mártir escreveu: "Fomos

ensinados que é iníquo expor até mesmo crianças recém-nascidas [...] [pois] seremos, então, assassinos". Atenágoras escreveu: "Dizemos que as mulheres que usam drogas para cometer aborto cometem assassinato [...] [pois] consideramos que o feto no útero é um ser criado e, portanto, objeto do cuidado de Deus".

No início do século III, Tertuliano escreveu: "Não importa se você tira uma vida já nascida, ou destrói uma que vai nascer. Em ambos os casos, destruição é assassinato". No século IV, Basílio de Cesareia escreveu: "Uma mulher que aniquila deliberadamente um feto é responsável por assassinato". João Crisóstomo perguntou: "Por que você abusa do dom de Deus [...] e transforma a câmara de procriação em uma câmara de assassinato?". Jerônimo chamou o aborto de "assassinato de uma criança não nascida". Agostinho alertou contra o terrível crime de "assassinato de uma criança não nascida".[58]

O relato histórico do Cristianismo é impressionante por sua oposição uniforme ao aborto. Os cristãos da Igreja Primitiva não estavam sendo "conservadores" no sentido de seguirem o que diz a sua cultura. Ao contrário, eles eram radicais, até mesmo contraculturais.

Mesmo se não tivermos certeza de que a criança no útero é totalmente uma pessoa, quando em dúvida, a "justiça generosa" nos aconselharia a errar para o lado de proteger a vida. É isso que faríamos em qualquer outra situação. Se testemunhássemos um acidente de carro e não tivéssemos certeza se a vítima ainda estava viva, não diríamos: "Já que não temos certeza, vamos matá-lo". Não, nós tentaríamos salvar a sua vida. O mesmo princípio aplica-se ao aborto.

POR QUE AS MULHERES AMAM O CRISTIANISMO

A Igreja Primitiva não teria obtido sucesso contra o aborto se não tivesse, ao mesmo tempo, promovido uma visão superior das mulheres. Essa é uma lição importante para as igrejas hoje. Por causa da oposição do Cristianismo ao aborto, as críticas atuais retratam-no como hostil aos direitos das mulheres. Mas, de forma surpreendente, na Igreja Primitiva, era a oposição ao aborto e ao infanticídio que o tornava especialmente interessante para as mulheres.

Eis o motivo: uma cultura que pratica o aborto e o infanticídio é uma cultura que rebaixa as mulheres e desrespeita a sua contribuição especial para a tarefa da reprodução. Ela não trata a capacidade das mulheres de gestar e carregar um filho como uma capacidade maravilhosa e impressionante, mas como uma responsabilidade, uma desvantagem, uma deficiência. Não valoriza e protege as mulheres em sua capacidade de gerar filhos, mas busca suprimir as funções corporais das mulheres, usando produtos tóxicos e aparelhos mortais para destruir com violência a vida dentro dela.

Até agora, já falamos como o aborto expressa uma visão inferior do corpo em relação ao feto. Contudo, há dois corpos em jogo — e o aborto também expressa desrespeito pelo corpo da mulher.

Esse desrespeito era comum na sociedade romana no tempo da igreja cristã primitiva. Rodney Stark, um sociólogo da religião, escreve: “O mundo greco-romano era uma cultura masculina que tinha o casamento em baixa consideração”.[59] Também tinha as mulheres em baixa consideração, o que se expressava parcialmente por intermédio de uma alta taxa de abortos, que era um grande matadouro não só de crianças, como também de mulheres naquele período. O infanticídio também era amplamente praticado. De fato, os principais pensadores do mundo antigo — Platão, Aristóteles, Cícero — recomendavam o infanticídio como política legítima de Estado.[60]

Os arqueólogos descobriram tubulações entupidas com pequenos ossos de bebês recém-nascidos jogados pelo ralo. Um artigo de jornal explica: “Durante o período romano, não era incomum assassinar os bebês como forma de controle de natalidade. Não era um crime, e os bebês eram vistos como ‘não completamente humanos’”.[61] A maioria desses bebês assassinados era composta de meninas. De fato, era raro uma família romana ter mais do que uma filha. Os historiadores descobriram uma carta escrita no primeiro século d.C. por um soldado romano para a sua esposa grávida em casa, dizendo: “Se for um menino, deixe-o viver; se for uma menina, exponha-a”[62] (isto é, deixe-a para morrer).

Nesse contexto, a igreja cristã colocou-se com uma visão superior da mulher. Ao proibir o aborto e o infanticídio, a igreja mostrou que valorizava a contribuição feminina de trazer nova vida ao mundo, tratando-a como algo digno de respeito e proteção. As menininhas não deviam ser jogadas pelo ralo, mas amadas e cuidadas como os meninos. Os cristãos da Igreja Primitiva foram além de simplesmente condenar o aborto e forneceram alternativas — resgatando e

adotando as crianças que tinham sido abandonadas.

Nunca deveríamos defender o Cristianismo dizendo que ele é tradicional. Desde o princípio, ele levantou-se contra as tradições do seu tempo. Hoje, assim como nos tempos antigos, o aborto e o infanticídio são praticados principalmente contra bebês meninas. O aborto por seleção de gênero criou um excedente de homens em várias nações, da China à Índia. As meninas também têm mais probabilidade de morrer de desnutrição e negligência. As mulheres adultas são sujeitas à violência e morte nas mãos do marido e de outros membros da família. A ONU estima que, demograficamente, estão faltando 200 milhões de mulheres.

Alguns rotularam isso como "feminicídio".[63]

Um documentário sobre o assunto diz: "As três palavras mais letais do mundo são: 'É uma menina'".[64] O mundo precisa desesperadamente de uma visão bíblica do valor da mulher.

COMO A CULTURA ANTIGA HUMILHAVA" AS MULHERES

Na Igreja Primitiva, as mulheres também eram atraídas ao Cristianismo por causa da ética sexual bíblica. Não é segredo que o maior fator que leva à demanda por aborto e infanticídio é a imoralidade sexual. O sexo fora do casamento produz crianças não esperadas e não desejadas. O historiador Michael Gorman escreve que, no mundo greco-romano, "sem dúvida, a razão mais frequente [para o aborto] era ocultar atividade sexual ilícita".[65] Existe uma relação direta e óbvia entre o hedonismo sexual e o aborto.

E o hedonismo sexual é outra expressão para uma visão inferior da mulher. Na cultura antiga grega e romana, era amplamente aceito que maridos tivessem relações sexuais com amantes, concubinas, escravas e prostitutas (tanto homens quanto mulheres). Um antigo ditado ateniense dizia: "Esposas são para herdeiros legais, prostitutas são para o prazer". Em Roma, os impostos coletados da prostituição constituíam uma porção significativa do tesouro real.[66] (Essa pode ser uma razão pela qual Jesus andava com prostitutas: havia tantas!)

A promiscuidade era até considerada aprovada pelos deuses. Os deuses romanos

praticavam tanto adultério como estupro. Na Ilíada de Homero, Hera, a esposa de Zeus, enfeita-se para seduzi-lo longe do campo de batalha de Troia. Ela é tão bem-sucedida que, para elogiá-la, Zeus discorre sobre uma lista de outras mulheres, deusas e ninfas com quem ele deitou-se (ele ignora os homens nessa lista), insistindo que nenhuma delas atraiu-o tanto quanto ela está atraindo-o naquele momento. Tocante.

Pelo contrário, os Pais da Igreja escreveram sermões instando os maridos a não praticar o sexo com escravas ou prostitutas. Essas práticas não eram fáceis de erradicar. No século IV, João Crisóstomo ainda estava pregando sobre por que não está certo que homens casados tenham relações sexuais com as suas escravas. Um antigo tratado cristão sobre o sofrimento das mulheres casadas incluía a "humilhação" de ser substituída por servas nas afeições de seus maridos.[67]

E quanto a humilhação daquelas servas que eram coagidas à escravidão sexual? Na cultura romana, a violência sexual contra mulheres pobres e desprovidas era amplamente aceita. Como elas eram consideradas "não pessoas" sociais, não se pensava que elas tinham qualquer direito legal a ser violado. Começando no século V, os líderes cristãos finalmente começaram a empunhar influência política suficiente para aprovar leis contra a escravidão sexual. Os Pais da Igreja chamavam isso de "pecado coagido". Como a igreja poderia pregar contra o pecado sexual quando muitas mulheres (e homens) não tinham escolha? Para um escravo, resistir aos avanços sexuais de seu senhor ou senhora significava a morte. Um historiador observa que o índice mais confiável de cristianização de uma sociedade antiga era o reconhecimento da injustiça da escravidão sexual. "Como a prostituição estava no centro de uma cultura sexual antiga [...], a percepção progressiva de sua injustiça é um índice privilegiado de cristianização."[68]

Deixe esse fato histórico ser assimilado: o índice mais confiável de quanto o Cristianismo tinha permeado uma sociedade era se ela condenava a escravidão sexual. Hoje, quando a escravidão e o tráfico sexual estão espalhando-se novamente, os cristãos modernos devem recuperar a sua rica herança moral e humanitária. Enquanto o mundo ocidental afunda-se na moralidade pré-cristã, os seguidores de Jesus devem, mais uma vez, tornar-se contraculturais.

“A MESMA MESA, MAS NÃO O MESMO LEITO”

De que outras maneiras o Cristianismo era atraente às mulheres? Na cultura antiga, muitos casamentos não eram baseados no amor. Os cônjuges eram selecionados de olho em coisas como condição social, propriedades e herdeiros legais. Em contraste absoluto, o Novo Testamento ensinava os homens a “amar a sua própria mulher como a seu próprio corpo”. A posição de “cabeça” do homem era redefinida como autossacrifício, tendo como modelo o amor sacrificial de Jesus (Ef 5.25-33). Os homens não deveriam abandonar a sua esposa pelo divórcio. Não poderiam abusar de sua esposa física ou emocionalmente: “Vós, maridos, amai a vossa mulher e não vos irriteis contra ela” (Cl 3.19).

Os maridos tinham o mandamento positivo de não buscar escravas e prostitutas para o sexo, mas, ao contrário, manter um relacionamento sexual constante com a sua esposa: “Não vos defraudeis um ao outro, senão por consentimento mútuo, por algum tempo, para vos aplicardes à oração; e, depois, ajuntai-vos outra vez, para que Satanás vos não tente pela vossa incontinência” (1 Co 7.5).

Para assombro do mundo antigo, o Novo Testamento ensinava que os homens (não apenas as mulheres) deveriam ser fiéis à sua esposa. O Cristianismo destacava-se como radicalmente diferente por seu ensino de que o marido, na verdade, ofende a sua esposa com o seu adultério. Jesus disse: “Qualquer que deixar a sua mulher e casar com outra adultera contra ela. E, se a mulher deixar a seu marido e casar com outro, adultera” (Mc 10.11-12). Um tratamento com tanta igualdade era revolucionário. Naquela época, “as pessoas pensavam que os homens não podiam cometer adultério”, explica Beth Felker Jones. Era “o corpo das mulheres [que] era propriedade e poderia ser ‘roubado’ ou ‘danificado’”. Jesus “desafia toda a economia de mercado que podia comprar e vender corpos, especialmente corpos de mulheres. O adultério não é um crime de propriedade. O adultério é uma violação do desejo de Deus para a humanidade [...] Jesus iguala radicalmente o homem e a mulher na união de uma só carne”.[69]

Da mesma forma, Paulo ordenou uma simetria não ouvida na cultura pagã: “O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher, ao marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também, da mesma maneira, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher” (1 Co 7.3-4). Nunca se tinha dito nada

como isso antes.

Para enfatizar que estava descrevendo uma obrigação, não uma opção, Paulo empresta a linguagem legal nessa passagem. A palavra usada em “o marido pague à mulher” refere-se a um débito de dinheiro. A palavra usada para “poder” incluía o poder estatal. A palavra para “privar” normalmente significava “defraudar” ou “recusar pagamento”.[70] Paulo não se importava de que, no mundo antigo, a liberdade sexual do homem fosse considerada completamente aceitável. Na igreja, havia uma nova lei: os homens eram chamados à fidelidade e exclusividade sexual assim como as mulheres. Observe que à mulher foi dado o “poder” sobre o corpo do seu marido, uma ideia tão radical que, mesmo hoje, há provavelmente poucos que praticam isso em sua totalidade.

Paulo descreve novamente a mutualidade do casamento com essas palavras: “Mas o que é casado cuida [...] em como há de agradar à mulher. [...] a casada cuida [...] em como há de agradar ao marido” (1 Co 7.33-34). Essa mutualidade é tão completa que alguns Pais da Igreja chegavam a tratar a primeira parte com incredulidade — com certeza, para eles, Paulo estava brincando quando disse que um homem casado deveria cuidar de agradar a sua mulher.

Em uma época quando esposas eram consideradas posse legal de seu marido, os escritos de Paulo eram radicais. Ao elevar o status das mulheres, eles deram um duro golpe no padrão duplo que era a norma pré-cristã. E, ao manter o sexo dentro do casamento, a ética bíblica reduziu a demanda por abortos e infanticídio. As crianças nasciam em famílias comprometidas em amá-las e cuidar bem delas.

Um documento do século II chamado “A Epístola a Diogneto” resume os comportamentos surpreendentes que separaram os cristãos do mundo pagão: “Casam como todos e geram filhos, mas não abandonam à violência os recém-nascidos. Servem-se da mesma mesa, mas não do mesmo leito”.[71]

De fato, muito radical.

Não é espanto algum que as mulheres afluíram em bando para o Cristianismo. Como escreve Stark: “A mulher cristã desfrutava de mais segurança e igualdade no casamento do que a sua vizinha pagã”. Ele acrescenta: “O Cristianismo era excepcionalmente atrativo porque, dentro da subcultura cristã, as mulheres desfrutavam de uma condição muito superior do que as mulheres no mundo

greco-romano em geral”.[72]

Naquela época, assim como agora, o que os cristãos fazem com a sua sexualidade é um dos testemunhos mais importantes para o mundo ao redor. Eles são chamados a construir uma comunidade de famílias que respeitam as mulheres e cuidam dos jovens e vulneráveis.

…

A VERDADEIRA GUERRA CONTRA AS MULHERES

Desde os tempos antigos, o princípio é que uma cultura que aceita aborto, infanticídio e liberdade sexual é uma cultura que desrespeita as mulheres. À primeira vista, as sociedades modernas parecem contradizer esse princípio. Afinal de contas, a cultura ocidental aceita essas práticas e, mesmo assim, as mulheres têm mais direitos e oportunidades do que em qualquer outro lugar no mundo.

Sim, mas há um preço. “Essa é a barganha que nós, mulheres profissionais, estamos fazendo”, escreve a economista Jennifer Roback Morse.[73] Para alcançar níveis maiores de educação e profissionalismo, as mulheres devem suprimir a sua fertilidade por intermédio do controle de natalidade — neutralizar-se com substâncias tóxicas durante o auge de sua fertilidade. (A Organização Mundial da Saúde classifica os anticoncepcionais hormonais como “carcinogênicos classe 1”, ou seja, substâncias conhecidas por causar câncer em humanos.) Já que todos os anticoncepcionais têm uma margem de falha, as mulheres recorrem ao aborto como segunda opção. (Segundo estatísticas do Instituto Guttmacher, cerca de metade das mulheres que praticam o aborto alega que estava usando anticoncepcionais durante o mês em que engravidou.)

Para não atrapalhar o caminho da educação ou da carreira, as mulheres são estimuladas a “satisfazer as suas necessidades sexuais” em encontros casuais sem comprometimento emocional. A jornalista Hanna Rosin escreve (em aprovação) que, durante a universidade, “as mulheres beneficiam-se muito de

viver em um mundo onde podem ter aventuras sexuais sem compromisso [...] e onde podem entrar em relacionamentos temporários que não atrapalham o sucesso futuro".[75]

O problema é que, quando as mulheres estão finalmente estabelecidas em suas carreiras, muitas estão descobrindo que a sua fertilidade caiu — às vezes, danificada por doenças sexualmente transmissíveis — e que não podem mais ter a família que desejavam. Nesse ponto, estão se sujeitando a tratamentos de fertilidade invasivos, caros e, muitas vezes, frustrados, ou se utilizam de práticas problemáticas moralmente, como a barriga de aluguel. Quando conseguem engravidar, as mulheres que passaram por abortos têm maior probabilidade de sofrer complicações — tais como o parto muito prematuro —, e os seus bebês passam meses em unidades de tratamento intensivo neonatal.[76]

Isso é pró-mulher?

Jennifer Morse está escrevendo por experiência própria. Ela adiou o casamento e a família para avançar profissionalmente e depois descobriu que não poderia ter filhos quando quis. Ela e o marido sofreram ao longo de anos de infertilidade antes de finalmente adotar uma criança estrangeira. Ela conclui que "estão vendendo uma mentira cínica" para as jovens. Elas aceitaram o imperativo cultural de que devem estabelecer-se em suas carreiras antes de poder pensar seriamente em casamento e maternidade. "Elas não percebem que estão se dando às suas carreiras durante seu auge de fertilidade, com a expectativa de que, algum dia, de alguma maneira, elas poderão 'ter tudo'."[77]

O padrão de trabalhador ideal no mercado norte-americano foi estabelecido numa época anterior quando os homens podiam atuar no local de trabalho essencialmente como se fossem solteiros, porque as suas esposas estavam em casa o dia todo para cozinhar, fazer compras, manter a casa e criar os filhos. Hoje ainda prevalece o mesmo padrão no mundo corporativo, com a consequência de que as mulheres também têm que atuar essencialmente como homens solteiros se quiserem carreiras profissionais. Muitas jovens estão morrendo de medo de ficarem grávidas e de saírem da trilha da carreira.

Essa questão é pessoal para mim, porque engravidei de meu primeiro filho quando estava no seminário. A única maneira que conhecia de satisfazer as minhas aspirações mais profundas era no mundo acadêmico; então, largar os estudos para criar um filho foi semelhante a cair em um buraco negro. Mais

tarde, descobri que amava ser mãe, mas na época senti-me muito indecisa sobre minha gravidez. Parecia, para mim, muito injusto que meu marido, por sua vez, não enfrentasse a possível perda da sua vida profissional. Os sacrifícios que as mulheres têm que fazer em sociedades industrializadas, ao abandonar a sua vida pública e a sua carreira, são os maiores motivos pelos quais muitas pessoas têm uma visão negativa da gravidez e da criação de filhos, e elas acabam recorrendo ao aborto.[78]

Uma solução melhor seria se as universidades e locais de trabalho fossem mais sensíveis tanto para mães quanto para pais que procurassem um equilíbrio melhor entre trabalho e família. O padrão de trabalhador ideal de 1950 não tem nada de sagrado, e não deveríamos sentir-nos obrigados a suportá-lo quando ele não funciona mais para nós. (Esse padrão não era muito saudável na época também, porque as crianças raramente tinham relacionamentos próximos com os seus pais. Havia muita "fome de pai" mesmo quando os pais, tecnicamente, estavam em casa.)

Jennifer resume: "Até agora, nós [mulheres] temos adaptado o nosso corpo à universidade e ao mercado. Digo que deveríamos respeitar o nosso corpo o suficiente para exigir que a universidade e o mercado adaptem-se a nós e ao nosso corpo".[79] Ou seja, em vez de pedir às mulheres que maltratem o seu corpo com substâncias tóxicas (anticoncepcionais), atos violentos (aborto) e tratamentos laboratoriais invasivos de fertilidade, para que possam encaixar-se em um caminho profissional essencialmente projetado para homens solteiros, deveríamos projetar caminhos profissionais que sejam solidários com as famílias — com as mães e os pais.

Uma cultura que respeita o corpo da mulher criará trajetórias profissionais mais flexíveis, que permitam à mulher ter a sua família no melhor momento biológico. Isso criará padrões de educação e trabalho que se encaixem nas responsabilidades familiares. Quando fizermos isso, reduziremos um grande motivo para o aborto.

ACOLHENDO O FERIDO

Também é crucial que a igreja, mais uma vez, torne-se conhecida como um lugar

que valoriza a mulher. Rejeitar o aborto é uma maneira de expressar respeito não apenas pela criança, mas também pela mãe.

A ligação entre os dois era clara para mim mesmo antes da minha conversão ao Cristianismo. Em minha juventude e início da vida adulta, identificava-me com o movimento hippie — comidas naturais, parto natural, roupas de fibras naturais. Não me opunha moralmente ao aborto. (Mesmo depois de tornar-me cristã, demorou vários anos até que entendesse por que o aborto é moralmente errado.) Mesmo assim, eu não considerava o aborto uma opção, porque o via como uma intrusão violenta nos processos naturais do corpo. Eu acreditava em trabalhar com, e não contra, as funções naturais do corpo da mulher. A gravidez é uma função biológica saudável, não uma doença para ser atacada com instrumentos afiados e substâncias letais. Por fim, entrei para uma organização chamada Feministas Pró-Escolha, porque me parecia que um feminismo genuíno deveria apoiar, afirmar e respeitar o corpo da mulher e o seu papel especial na reprodução.

A igreja também deveria lutar para ser conhecida como um santuário para aqueles feridos pelo cinismo cruel da cultura do aborto. As mulheres que fizeram abortos muitas vezes têm medo até de conversar com cristãos sobre isso. Uma de minhas alunas, Nicole, estava frequentando uma faculdade cristã quando foi estuprada em seu quarto no alojamento por um ex-namorado irado. Quando ela percebeu que estava grávida, os seus primeiros pensamentos foram: O que a minha igreja vai pensar? Será que a minha família será rejeitada? Em pânico, marcou um horário para realizar o aborto na primeira data disponível. Até hoje, ela não contou a ninguém em sua igreja sobre isso.

“É mais provável que os cristãos aceitem um criminoso condenado do que uma mulher que realizou um aborto”, disse Nicole. “Isso pode parecer um exagero, mas pense: muitas igrejas têm ministérios nas prisões. Só que quantas têm ministérios para mulheres que passaram por um aborto?”.

Ironicamente, Nicole era pró-vida na época do seu aborto — e ainda é. É lamentável que ela tivesse tanta certeza de ser rejeitada por sua igreja que acabou anulando as suas próprias convicções morais. Que mensagem a igreja está mandando para as mulheres para que muitas delas estejam com medo de pedir ajuda àqueles mais equipados para ajudá-las?

LECRAE: “UMA PARTE DE NÓS MORREU”

E o que falar dos homens feridos pelo aborto? Uma de minhas alunas, Hannah Zarr, trabalhava em um centro de gravidez e lembra-se do desespero dos pais que acompanhavam as esposas ou namoradas. Um homem colocou as mãos na cabeça, depois ficou andando de um lado para o outro e finalmente confidenciou a Hannah que ele queria manter a gravidez, mas a namorada não. “Ele ficou me perguntando o que ele poderia fazer se a sua namorada decidisse ir adiante com o aborto”, contou Hannah. A resposta é que, legalmente, não há nada que um pai possa fazer. A Suprema Corte norte-americana rejeitou o consentimento do parceiro no caso Planned Parenthood vs Danforth (1976) e rejeitou até mesmo a notificação do parceiro no caso Planned Parenthood vs Casey (1992).

Hannah disse: “Enquanto olhava nos olhos daquele homem — cheios de tanto desespero —, percebi como é injusto que ele não tenha, legalmente, nenhuma voz sobre a vida de seu filho. Era o seu filho também. Só que ele não tinha como proteger o seu bebê”.[80]

Até mesmo os homens que forçam as esposas ou namoradas a realizar abortos podem arrepender-se depois. Lecrae Moore, um artista do hip-hop, ganhador do Grammy, admitiu publicamente o papel que teve de persuadir sua namorada a abortar o filho deles em 2002. Na época, ele tinha-se convertido ao Cristianismo, mas ainda vivia uma vida de sexo e drogas. Enquanto deixava a sua namorada na clínica de aborto, ele sabia que o seu ato era — em suas palavras — uma expressão de “eu escolho a minha vida, e não a sua”. Em sua música “Good, Bad, Ugly” [Bom, mau, feio], ele diz: “Eu era egoísta demais com o meu tempo / Temia que meus sonhos não sobrevivessem / Então a deixei naquela clínica / Naquele dia, uma parte de nós morreu”.[81]

Lecrae não confrontou o seu sentimento de culpa até anos mais tarde, quando estava se preparando para casar com a mulher que hoje é a sua esposa. “Eu literalmente fui quebrado pela culpa, remorso e vergonha daquilo tudo”, diz ele. “Aquele foi o começo do processo de cura para mim.”[82] O aborto é a causa número 1 de mortes entre os afro-americanos hoje.[83]

A próxima vez que você estiver em um culto na igreja, olhe para os bancos ao redor e considere o número de pessoas afetadas pelo aborto — tanto mulheres

quanto homens. Como podemos trazer uma mensagem bíblica de esperança e cura? Como diz John Piper: “O evangelho nos ensina como viver, mas também nos resgata quando fracassamos em viver da maneira como deveríamos viver”.[84]

Felizmente, cristãos criativos estão quebrando o modelo e iniciando programas de recuperação para aqueles que se arrependem de seu aborto, como Rachel’s Vineyard [A Vinha de Raquel] e Surrendering the Secret [Desistindo do Segredo]. Mesmo assim, o número de pessoas afetadas pelo aborto excede em muito aqueles que estão atualmente recebendo ajuda.[85]

“VOCÊ NÃO TEM DIREITO DE FALAR”

Outra resposta criativa ao aborto é o trabalho dos centros de gravidez que dão apoio a pessoas que experimentam uma gravidez problemática. Esses centros oferecem ajuda prática, apoio social, assistência financeira, roupas e creches para mulheres grávidas e seus filhos.

Um amigo meu, secular, disse uma vez, com raiva: “Vocês, povo pró-escolha, não têm direito de falar sobre aborto até que estejam dispostos a ficar ao lado das mulheres grávidas e dar a elas o apoio necessário”. Só que essa demanda já foi suprida. Nos Estados Unidos, há quase duas vezes mais centros de gravidez pró-vida do que clínicas de aborto.[86] Esses centros são todos, ou quase todos, operados por cristãos. As pessoas seculares que alegam cuidar das mulheres estão ausentes da ação no que se refere a dar ajuda prática a mulheres enfrentando gravidez difícil.

Em 2016, Stephanie Chatfield, esposa do deputado estadual de Michigan, Lee Chatfield, revelou publicamente que tinha praticado um aborto. Seu marido tinha recebido a informação de que uma fonte anônima planejava vir a público com a informação, em uma tentativa de desacreditá-lo. Então, Stephanie decidiu ir a público antes, com sua própria confissão.

Em uma postagem no Facebook, ela compartilhou que, quando era uma adolescente do Ensino Médio, foi a uma festa onde bebeu demais. “Não me lembro da maior parte daquela noite, mas, julgando pela minha aparência e condição física na manhã seguinte, sabia que tinha sido abusada”, escreveu.

“Três semanas depois, descobri que estava grávida.” Ela não contou a ninguém. “Estava envergonhada e com medo.” Uma semana depois, ela fez o aborto.

Hoje ela chama essa decisão de “a pior da minha vida”. Ela escreve: “Foi minha saída fácil, mas eu nem imaginava que seria atingida por uma culpa insuportável por meses, e até anos depois. [...] Aquilo me assombrava. Fazia-me chorar. Tornou difícil eu me olhar no espelho às vezes”.

Finalmente, ela confiou em seus pais e em Lee, que era o seu ex-namorado na época. Eles abraçaram-na com as boas novas do “perdão e graça total que Deus oferece por intermédio de seu Filho Jesus Cristo. [...] Cristo tomou o meu lugar na cruz e carregou o peso do meu pecado, para que eu pudesse ter vida eterna”.[87]

Na postagem do Facebook, Stephanie dirige-se às jovens que estão enfrentando uma gravidez não planejada:

Há centros de gravidez de crise em sua região, que existem pelo único propósito de ajudar garotas como você. O apoio está lá. Você não será julgada, mas amada e perdoada. Tenha coragem. Estenda a mão e procure por apoio![88]

Imagine o potencial de cura se as igrejas se tornassem amplamente conhecidas como lugar de transparência e cura. Muitas pessoas têm a impressão de que os cristãos são um povo que alega ser santo enquanto olha os outros de cima. Deveríamos lutar para tornar as nossas igrejas lugares onde pessoas como Stephanie sintam-se seguras para compartilhar a sua história e para incentivar outras.

AMOR EM AÇÃO: CAIXAS DE BEBÊ

Enquanto isso, ao redor do globo, um pastor descobriu uma maneira criativa de

ajudar a salvar bebês abandonados. Em um bairro pobre de trabalhadores braçais em Seul, Coreia do Sul, uma casa tem uma pequena caixa de coleta na parede. Um cartaz escrito à mão fora da caixa diz: “Se você não puder cuidar de seu bebê deficiente, não o jogue fora, nem o deixe na rua. Traga-o aqui”. A caixa é revestida com um cobertor macio rosa e azul e tem um sino que toca quando a pequena porta é aberta.

A caixa de coleta está na casa do pastor presbiteriano Lee Jong-rak, e, desde 2009, Lee salvou a vida de mais de 600 crianças. Ele e sua esposa adotaram dez (número máximo permitido na Coreia do Sul), e depois arranjaram a adoção para os outros.

Escrito acima da caixa está Salmos 27.10: “Porque, quando meu pai e minha mãe me desampararem, o SENHOR me recolherá”.

A preocupação do pastor Lee com os deficientes começou quando ele e sua mulher deram à luz um bebê com danos cerebrais severos. A tragédia foi o estopim para uma cascata de perguntas que os levaram a repensar até suas convicções cristãs: “Perguntei a Deus: ‘Por que o Senhor me daria um filho deficiente?’”.

Entretanto, enquanto cuidava de seu filho impotente, Lee começou a convencer-se da preciosidade da vida. No hospital onde o filho passou a maior parte de seus primeiros anos de vida, ele começou a incentivar outras famílias com filhos deficientes. Na Coreia do Sul, diz Lee, os bebês com deformidade são vistos como uma vergonha nacional. É uma cultura viciada em perfeição, onde as cirurgias estéticas tornaram-se tão comuns quanto cortes de cabelo.[89]

Todavia, o abandono de bebês não é um problema apenas na Coreia. Em 2016, a primeira caixa de bebês dos Estados Unidos foi instalada no Quartel de Bombeiros de Woodburn, Indiana. Sob a Lei do Refúgio Seguro de Indiana, uma mãe tem 30 dias depois do nascimento para decidir se quer ficar com a criança ou entregá-la às autoridades, sem maiores perguntas.

Quando uma mãe coloca seu bebê dentro da caixa de coleta, ela automaticamente se tranca, e as autoridades são alertadas. Em até 3 minutos depois do alerta, o pessoal da emergência chega para cuidar do bebê.

Não é à toa que uma mulher que foi abandonada quando bebê seja a fundadora da organização Safe Haven Baby Boxes [Organização de Caixas Infantis Abrigo

Seguro], a qual hoje também patrocina esse tipo de iniciativa em outros estados para mães em crise. “Como criança que foi abandonada pela minha mãe biológica duas horas depois do nascimento”, diz Monica Kelsey, “sinto-me honrada de Cristo ter-me colocado na liderança de um programa que salvará a vida de crianças abandonadas”.[90]

O melhor cenário, é claro, é que algum dia essas caixas de coleta não sejam mais necessárias. Enquanto isso, há uma maneira de os cristãos mostrarem ao mundo que mesmo aqueles que foram rejeitados e não desejados têm grande valor aos olhos de Deus.

No mundo antigo, os cristãos distinguiam-se por seus esforços humanitários — cuidar de bebês e escravos, de viúvas e órfãos, de doentes e idosos, dos não desejados e abandonados. Hoje, enquanto o Ocidente mergulha novamente em práticas pré-cristãs, devemos, mais uma vez, estar prontos para tomar posição com coragem e convicção. Precisamos confrontar a cosmovisão subjacente da teoria da pessoalidade, com o seu impacto desumanizador, e então encontrar maneiras práticas de expressar a visão bíblica superior da vida humana.

Conforme a população envelhece, a questão da pessoalidade também está vindo para o primeiro plano em um formato novo e perturbador à medida que cuidamos de uma população crescente de idosos. Além disso, a tecnologia está levantando novos desafios éticos. No próximo capítulo, analisaremos tais práticas como: a eutanásia e a eugenia, a pesquisa com células-tronco e a venda de tecido fetal — enquanto oferecemos alternativas cristãs pela vida.



Capítulo 3

CARO COMPONENTE VALIOSO

Você não se qualifica mais como pessoa

O escritor de ficção científica Philip K. Dick é muito respeitado por seus vários contos que se transformaram em filmes, incluindo Blade Runner: O Caçador de Androides , Minority Report: A Nova Lei e O Vingador do Futuro . Só que um conto certamente o expôs a uma intensa crítica e controvérsia pública.

Era intitulado “The Pre-Persons” [As Pré-Pessoas].[1]

Dick escreveu a história logo após a decisão da Suprema Corte norte-americana no caso Roe vs Wade, de 1973, e o seu propósito era destacar a dificuldade de definir-se a pessoalidade. Como vimos no capítulo 2, já que o conceito de pessoalidade está separado da biologia, não há maneira objetiva de estabelecer o limite — nenhum ponto no qual possamos dizer logicamente: “Até aqui, havia apenas um ser humano, mas agora ele transformou-se magicamente em uma pessoa”.

Nos Estados Unidos fictícios de Dick, a idade na qual uma criança poderia ser legalmente abortada tinha sido avançada incansavelmente. Primeiro, o aborto era legal apenas nos primeiros meses da gravidez. Depois, até os últimos meses. Então, o lobby do aborto defendeu que até mesmo os recém-nascidos eram apenas fetos expelidos pelo corpo.

“No final, onde é que deveríamos colocar o limite?”, reflete uma personagem na história. “Quando o bebê der o seu primeiro sorriso? Quando falar sua primeira palavra ou alcançar pela primeira vez um brinquedo de que gosta?”.

Os legisladores continuaram movendo o limite de um ponto arbitrário a outro, até que finalmente decidiram que a idade certa era... 12 anos, ou seja, a idade quando você consegue resolver problemas de álgebra. Só aí você tem a capacidade cognitiva para qualificar-se como pessoa. “Até então, era apenas corpo, instintos animais e corpo, reflexos animais e respostas a estímulos. Como os cães de Pavlov.”

Até os 12 anos de idade, então, as crianças eram pré-pessoas e poderiam ser mortas por qualquer motivo. Se os pais decidissem que não queriam mais o

filho, chamavam o centro de aborto local. Este enviaria um caminhão para coletar a criança, como uma carrocinha de cachorros, e iria levá-la para passar por uma eutanásia. O procedimento era chamado de aborto pós-parto. O caminhão era até equipado com um jingle de bom humor, tocando músicas infantis. Leia as primeiras linhas do conto:

Depois do arvoredo de ciprestes [...], Walter viu o caminhão branco e sabia para que servia. Ele pensou: É o caminhão de aborto. Veio pegar alguma criança para um pós-parto no lugar de aborto.

E pensou: Talvez meus pais o chamaram. Para mim.

Ele correu e escondeu-se entre as amoras, sentindo o arranhão dos espinhos, mas pensando: "É melhor do que ter o ar tirado de seus pulmões. É assim que eles fazem. [...] E têm uma grande sala para isso".

Para as crianças que ninguém quer.[2]

A ideia é que, quando o conceito de pessoalidade é separado da biologia, ele torna-se arbitrário, sem critérios objetivos. Por fim, a definição de pessoa será forçada por qualquer grupo que tiver mais poder, usando a instrumentalidade do Estado. Se um bebê não nascido não é uma pessoa, o que dizer das crianças já nascidas? E as pessoas com deficiências? E os doentes terminais? Os doentes mentais? Os idosos?

Por fim, estamos todos correndo o risco. A personagem principal do conto reflete: "O mais triste era a visão agora da criancinha brincando bravamente em seu quintal, dia após dia, tentando ter esperança, tentando fingir uma segurança que ela não tinha".[3] Uma vez que a condição humana não é suficiente para garantir direitos, somos todos como aquelas criancinhas, fingindo ter uma segurança que nenhum de nós tem.

Quando os cristãos defendem questões éticas em público, não estão procurando impor os seus valores sobre todos os outros, como muitas vezes são acusados de fazer. Não estão buscando poder e controle para si mesmos. Ao contrário, estão trabalhando para proteger os direitos humanos de forma que beneficiem a todos.

Neste capítulo, veremos como a teoria da pessoalidade, que foi primeiramente aplicada ao aborto, está agora sendo aplicada a uma grande quantidade de outros assuntos, da eutanásia à venda de tecido fetal, da pesquisa com células-tronco aos direitos dos animais, da engenharia genética à eugenia. A teoria da pessoalidade é o conceito que ameaça a dignidade da vida humana hoje.

CAMINHÕES DE EUTANÁSIA

Sem dúvida, Philip Dick imaginou “The Pre-Persons” como uma ficção distópica. Só que a vida muitas vezes imita a arte. Em 2015, a colunista britânica Katie Hopkins começou a pedir literalmente por caminhões de eutanásia. “Temos simplesmente idosos demais”, disse Katie em uma entrevista. “É ridículo viver em um país onde podemos colocar os cães para dormir, mas não podemos fazer o mesmo com pessoas.” Sua proposta de solução? “Fácil. Caminhões de eutanásia — como os caminhões de sorvete — que viriam até a sua casa.”

Hopkins estava sendo deliberadamente provocativa, mas também estava falando sério. “Seria tudo perfeitamente encantador”, disse ela. “Eles poderiam até ter uma musiquinha de fundo. Estou falando sério. Sou muito entusiasta dos caminhões de eutanásia.”[4]

Tenho certeza de que sim... até que chegue um para ela.

A referência de Hopkins aos caminhões de sorvete tocando música fazem-me pensar que ela pode ter lido “The Pre-Persons”. Ou talvez ela tenha apenas lido os jornais. Nos últimos anos, a Holanda já tem utilizado caminhões de eutanásia. Uma organização holandesa pelo direito de morrer oferece um serviço móvel de eutanásia, com equipes viajando pelo país para entregar drogas ou injeções letais para pacientes cujos próprios médicos têm objeções éticas para ajudá-los a morrer. As críticas apelidaram esses caminhões de “esquadrões da morte móveis”.

Quando uma sociedade aceita uma cosmovisão, tende a resolver as consequências lógicas. O processo pode ser rápido ou lento, mas, como somos seres racionais criados à imagem de Deus, costumamos viver pelas implicações

de nossas convicções. Como vimos no capítulo 2, a cosmovisão dualista de dois andares foi primeiramente aplicada aos bebês no útero. O feto foi declarado uma "não pessoa" — dispensável, descartável e com uso justificado para pesquisa e experimentação. Mas, hoje, os especialistas em bioética começaram a aplicar a mesma lógica desumanizadora aos já nascidos.

Segundo a teoria da pessoalidade, a dignidade humana consiste na capacidade de exercer um controle deliberado e consciente sobre a sua vida (andar superior). Se um paciente deficiente perde esse controle mental devido a uma doença ou lesão, então ele perde a própria pessoalidade — mesmo que esse paciente esteja ainda vivo e seja humano (andar inferior).

Por exemplo, o especialista em bioética Daniel Callahan diz que, uma vez que o paciente tenha perdido "a capacidade de raciocinar, de ter emoções e de entrar em relacionamentos", ele não pode "mais ser chamado de 'pessoa'. [...] É apenas um simples corpo". Nesse ponto, conclui Callahan, o princípio da "santidade da vida" não se aplica mais.[5] Você pode ter os equipamentos desligados, o tratamento suspenso, a alimentação descontinuada, os órgãos colhidos.[6]

Teoria da pessoalidade aplicada à eutanásia

PESSOA

Exerce Autonomia e Controle

CORPO

É um Pedaço Descartável de Matéria

É claro, os profissionais de medicina sempre tiveram que tomar decisões práticas difíceis quando tratam pacientes com doenças severas. O melhor princípio sempre é errar para o lado da vida. Todavia, o fato de um procedimento médico particular estar salvando a vida ou apenas prolongando a morte pode ser uma decisão subjetiva. Quando os órgãos de um paciente estão falhando, apesar dos melhores tratamentos médicos, a intervenção pode apenas prolongar o processo de morte. Nesse caso, interromper formas de intervenção médica invasivas e dolorosas pode "permitir um cuidado mais humano do paciente".

Como observa Hauerwas, há "uma distinção entre colocar para morrer e deixar morrer".[7]

Acontece que a bioética não é movida apenas por essas considerações práticas. É movida também por cosmovisões. Peter Singer expressa a cosmovisão dualista quando insiste "que o conceito de pessoa é distinto do de membro da espécie Homo sapiens, e é a pessoalidade, e não a participação na espécie, que é mais significativa em determinar quando é errado terminar uma vida".[8] Em outras palavras, ser um membro da espécie humana não é o suficiente para qualificar uma pessoa para o direito à vida. Você deve também satisfazer alguns padrões adicionais, alguns níveis de funcionamento mental. Se você não consegue satisfazer esse padrão, é apenas um pedaço de matéria, e o seu corpo pode ser utilizado em experimentos, ter os órgãos colhidos, sujeito apenas a uma análise de custo-benefício. Como escreve o especialista em bioética Tom Beauchamp: "Como muitos humanos falham em atingir as propriedades da pessoalidade, ou são menos do que pessoas completas [...], podem ser usados agressivamente como sujeitos de pesquisa humana ou fontes de órgãos".[9]

Em nossos dias, são especialistas em bioética seculares como Singer e Beauchamp que influenciam os médicos que estabelecem as políticas hospitalares, os legisladores que escrevem as leis, os juízes que decidem casos no tribunal e os trabalhadores da saúde que tomam decisões sobre os seus pais e parentes — e, por fim, sobre si mesmos. Por isso, é crucial que mergulhemos mais profundamente na teoria da pessoalidade que está no centro da bioética secular.

O CAMINHO DARWINISTA PARA A MORTE

No capítulo 2, aprendemos que um ponto essencial no desenvolvimento da cosmovisão de dois andares foi a Teoria da Evolução de Darwin. Então, não é de surpreender que muitas das figuras de liderança que primeiro demandaram o aborto e a eutanásia eram apoiadores do Darwinismo. Muitos deles defendiam a eugenia, a tentativa de melhorar a humanidade eliminando pessoas com deficiências e defeitos genéticos, assim como pessoas consideradas de raças "inferiores". Na imaginação pública, a eugenia está ligada aos nazistas, mas, na realidade, já era praticada e promovida por grande parte do mundo ocidental mesmo antes do surgimento do nazismo.

No século XIX, o biólogo alemão Ernst Haeckel obteve fama como promotor explícito da teoria de Darwin. Em sua opinião, as civilizações modernas que cuidam dos deficientes estão interferindo com o princípio evolutivo da sobrevivência do mais forte. Ele insistia que fosse seguido "o exemplo dos espartanos e dos indígenas", que matavam crianças deficientes logo depois do nascimento. Ele também apoiava a eutanásia para adultos deficientes.[10]

Também deste lado do Atlântico, o Darwinismo levou muitos pensadores importantes a aceitar o aborto e a eutanásia. Um historiador escreve: "O ponto de virada mais importante na história inicial do movimento pela eutanásia foi a chegada do Darwinismo à América".[11]

Por exemplo, muitas pessoas conhecem os famosos romances de Jack London, tais como The Call of the Wild [O Chamado Selvagem]. Elas, porém, não sabem que London era um apoiador entusiasmado tanto da eutanásia como da eugenia. Quando jovem, London passou por aquilo que um historiador chama de "uma experiência de conversão"[12] ao materialismo radical ao ler as obras de Charles Darwin. Ele memorizou longas passagens de Darwin e conseguia citá-las de cor, da mesma forma como os cristãos memorizam e citam a Bíblia.

Em seu conto "The Law of Life" [A Lei da Vida], escrito em 1901, London retrata um velho esquimó deixando para trás a sua tribo nômade para morrer na neve. À medida que os lobos aproximam-se para devorá-lo, o velho homem reflete que, afinal de contas, a evolução só atribui uma tarefa ao organismo: reproduzir-se para que a espécie sobreviva. Depois disso, se o indivíduo morre, "O que isso importa, afinal? Não é essa a lei da vida?".[13]

O conto deixa muito claro o tema de que o ser humano não tem nenhum propósito superior além da pura sobrevivência biológica — que aqueles que ultrapassaram a sua utilidade biológica deveriam estar dispostos a morrer.[14]

Margaret Sanger, que fundou a Planned Parenthood [Paternidade Planejada] em 1921, foi outra discípula de Darwin. As feministas modernas consideram-na uma das primeiras promotoras do controle de natalidade, mas muitas não sabem que ela também promovia o controle de morte (eutanásia) — o "primeiro para ter sob o controle da razão a entrada na vida, e a segunda para ter sob o controle da mesma razão a saída da vida". Ela escreveu: "A atitude mais misericordiosa que a família numerosa faz para um de seus menores membros é matá-lo".[15]

Oliver Wendell Holmes Jr. foi um dos juízes da Suprema Corte mais reverenciados na história dos Estados Unidos. Muitos se surpreendem ao saber que ele também era um darwinista ávido que apoiava a eutanásia e a eugenia. Ele assinou a infame decisão do caso Buck vs Bell, de 1927, apoiando as leis de esterilização compulsória que muitos estados tinham aprovado para promover a eugenia. Em uma correspondência privada, ele também defendia "colocar para morrer bebês que não passassem no exame". Holmes expressava o seu "desprezo" por qualquer um que "não esteja preparado [...] para matar alguém abaixo dos padrões".[16]

Outro apoiador da eutanásia era Clarence Darrow, um advogado mais conhecido por argumentar a favor do Darwinismo no julgamento Scopes, de 1925. Muitas pessoas sabem o seu nome por causa do famoso filme O Vento Será a tua Herança. Darrow favorecia o infanticídio, incentivando as pessoas a "anestesiar as crianças com clorofórmio. Mostre a elas a mesma misericórdia que é demonstrada a animais que não são mais úteis para viver".[17]

POR QUE O CRISTIANISMO É "NOCIVO"

Por que o Darwinismo levou tantos pensadores importantes a apoiar a eugenia? A teoria de Darwin muitas vezes é considerada um apoio científico crucial para a filosofia do materialismo, que reduz os seres humanos a organismos materiais, motivados pela dor e prazer físico. Como explica o jornalista John Zmirak, segundo o materialismo, os seres humanos são "apenas locais em potencial para

a dor ou para o prazer. Se não podemos garantir o seu prazer, podemos ao menos terminar com o seu sofrimento”,[18] mesmo que a única maneira de acabar com o seu sofrimento seja acabando com a sua vida.

A consequência natural é que qualquer moralidade que proíba tirar a vida em tais circunstâncias deve ser suprimida — especialmente a moralidade cristã. Afinal de contas, princípios morais não são materiais. Não podem ser vistos, ouvidos, pesados ou medidos. Consequentemente, a filosofia materialista conclui que a moralidade não é real. É uma ilusão — cortina para disfarçar o que, na realidade, não é nada além do desejo do organismo humano de evitar a dor e aumentar o prazer.

A ironia é que, na prática, até mesmo os materialistas convictos acabam com uma forma de dualismo. Para usar a nossa metáfora dos dois andares, os materialistas tentam “viver” no andar inferior, definindo a realidade estritamente em termos de objetos materiais que a ciência pode conhecer. Mas, pela lógica, eles devem decidir que há alguma linha divisora que distingue aqueles que são subpessoas, que podem ser mortos com impunidade, daqueles que são pessoas completas e merecem proteção legal. De outra maneira, eles achariam que é certo matar todo o mundo.

Até mesmo os materialistas mais rigorosos devem operar, pela lógica, com um dualismo de pessoalidade implícito. Eles têm que traçar uma distinção entre o ser humano como organismo biológico (andar inferior), que é dispensável, e a pessoa (andar superior), que tem direitos e liberdade.

Cada ato tem a sua própria lógica intrínseca, e a lógica da eutanásia é a divisão de dois andares do ser humano.

…

QUEM MERECE VIVER?

O conceito de pessoalidade foi inicialmente proposto de modo explícito em 1968

por um grupo de treze médicos e professores que se reuniram na Escola de Medicina de Harvard. Eles propuseram o que veio a ser chamado “o critério de Harvard” para estabelecer quando um paciente havia morrido. No processo, diz o jornalista de ciência Dick Teresi: “o critério de Harvard mudou o debate da biologia para a filosofia. Você está morto não quando o seu coração não pode mais bater, você não pode mais respirar, ou as suas células morreram, mas quando sofre uma ‘perda de pessoalidade’”.[19]

O problema é que o conceito de pessoalidade não está baseado em nenhuma realidade objetiva. A maioria das pessoas acha que a morte cerebral é estabelecida por um eletroencefalograma (EEG). Não é bem assim. Em 1971, descobriu-se que alguns pacientes diagnosticados com morte cerebral ainda tinham ondas cerebrais, então se eliminou a exigência de um EEG. As medidas que os médicos usam agora para determinar a morte variam muito.[20] Como vimos no capítulo 1, alguns médicos como Ronald Cranford argumentaram que mesmo pacientes conscientes — que podem responder a perguntas e andar pelo hospital em cadeiras de rodas elétricas — não são “pessoas” e deveriam ter a sua alimentação e hidratação descontinuada.

Teresi conclui que a morte tornou-se “uma construção social. Consideramos mortas algumas pessoas quando é conveniente. [...] Os médicos não estão fazendo juízos médicos, mas juízos morais sobre quem merece viver ou morrer”.[21]

Em essência, um paciente não é mais pessoa quando o seu médico assim o diz.

QUANDO A MORTE É MAIS BARATA

Pesquisas revelam que muitas pessoas comuns estão aceitando a teoria da pessoalidade, mesmo quando não estão familiarizadas com o termo. Ou seja, elas aceitam a ideia de que o valor de sua vida depende de sua capacidade de exercer autonomia e controle. Os defensores do suicídio assistido usam normalmente táticas de intimidação que exploram o nosso medo da dor intensa. Todavia, em jurisdições que legalizaram o suicídio assistido, surpreendentemente, a maioria das pessoas que escolhe morrer não está passando por dor ou sofrimento. Um estudo descobriu que elas estão com mais medo da “iminente perda do ser,

capacidades, e qualidade de vida” — e, quando isso acontece, “elas temem ser um fardo para os outros”.[22]

Da mesma forma, outro estudo descobriu que a maioria daqueles que buscam um médico para receber uma prescrição letal teme perder o controle. Eles assinalam motivos como “perder a autonomia” (91%) e “ser menos capaz de participar de atividades” (89%). Apenas uma minoria assinalou motivos que normalmente esperaríamos, tais como dor incapacitante (24%) ou preocupação com os custos do tratamento médico (3%).[23]

Essas pesquisas mostram que a sociedade secular incutiu com sucesso na mente das pessoas a ideia de que, quando perdemos o controle e a autonomia, a nossa vida perde o valor.

Em 2015, uma mulher de 75 anos chamada Gill Pharaoh terminou a sua vida em uma clínica de suicídio assistido, abandonando os seus filhos e companheiro que a amavam. Seu motivo? “Não acho que envelhecer seja divertido.” A mulher não sofria de nenhum problema sério de saúde. Ela até chegou a afirmar: “Estou desfrutando a minha vida”. Ela, porém, preocupava-se que, algum tempo depois, pudesse deteriorar-se a um “estágio em que poderia exigir muita ajuda”.[24]

É absurdo que as pessoas hoje temam ter que pedir “ajuda” um dia. Devemos ficar ao lado das pessoas que lutam com os seus medos e fazê-las saber que, quando se tornarem menos independentes e produtivas, continuarão sendo pessoas dignas de valor e merecedoras de cuidado e respeito. Um aluno meu chamado Alison Delong, que trabalha para uma central telefônica contra o suicídio, disse-me: “Passo horas todas as semanas persuadindo pessoas a não darem cabo das suas vidas, dizendo-lhes que a sua vida ainda tem valor. Fico arrasado em ver como as pessoas acham que devem conseguir atuar de certa maneira para serem consideradas significativas”.

No futuro, a decisão pode ser tirada de nossas mãos. Em estados onde o suicídio assistido (também chamado de eutanásia voluntária) é legal, alguns pacientes relatam serem pressionados a acabar com a sua vida para evitar tratamentos médicos caros. No Oregon, tem havido vários relatos de pacientes de câncer sendo pressionados para o suicídio assistido porque é mais barato do que o tratamento médico do qual eles necessitam. Os medicamentos contra o câncer custam entre três mil e seis mil dólares por mês, enquanto o custo da medicação letal é de 35 a 50 dólares.[25]

Ninguém precisa ser um gênio para ver que a maneira mais fácil de reduzir os custos com saúde é o suicídio assistido. Quando a vida humana não é mais vista como possuidora de um valor inerente, ela fica sujeita ao cálculo puramente utilitário de custo e benefício.

A eutanásia voluntária pode não permanecer voluntária.

É uma tragédia ver a profissão médica mover-se da prevenção do suicídio para a facilitação do suicídio. O movimento pelo direito a morrer apresenta a eutanásia como uma forma de compaixão, só que depreciar a vida humana como algo descartável não é compassivo. O termo compaixão significa literalmente “sofrer com”. A verdadeira compaixão significa estar disposto a sofrer em nome de outros, amando-os o suficiente para levar o fardo de cuidar deles.

SE OS HUMANOS SÃO MÁQUINAS, POR QUE NÃO OS DESLIGAR?

E o que falar da eutanásia involuntária, quando os indivíduos não são capazes de dar o consentimento informado? Se elas não estão lúcidas o suficiente para tomar decisões por si só, a própria situação já significa que elas não são mais pessoas. Peter Singer insiste que aqueles com incapacidades cerebrais severas são candidatos para a eutanásia porque “já foram pessoas”, mas não são mais. “Suas vidas não têm nenhum valor intrínseco. [...] Estão biologicamente vivos, mas não biograficamente.”[26]

Joseph Fletcher chega a conseguir transformar a ética da vida em uma forma de crueldade: “Prolongar a vida em vão, enquanto as qualidades pessoais de liberdade, conhecimento, autocontrole, posse de si mesmo e responsabilidade são sacrificadas, é atacar a condição moral de uma pessoa”.[27]

As artes também estão abordando a questão. Uma ópera do compositor minimalista Steve Reich explora várias ameaças à vida humana, com um livreto que coloca lado a lado relatos de cientistas. Ouve-se o famoso cientista ateu Richard Dawkins dizendo que os humanos “são máquinas criadas por nossos genes”. Imediatamente, o biólogo Robert Pollack chega à conclusão lógica: “Não tenho nenhum sentimento de culpa ao desligar qualquer máquina”.[28]

Se os seres humanos são reduzidos a máquinas, por que alguém deveria levantar alguma objeção a desligá-las?

Essas não são questões de moral para serem debatidas apenas no sentido abstrato. Muitas vezes sou convidada a dar palestras sobre os tópicos deste livro, e, quando chego ao assunto eutanásia, alguém invariavelmente começa a chorar na sala. Falando com essas pessoas depois, descubro que elas passaram pela experiência de tomar a difícil decisão de vida ou morte para um pai, mãe ou avô.

Durante uma palestra, observei que uma imponente mulher negra de mais idade tinha lágrimas nos olhos. Apresentando-se como Evelyn, ela explicou que o seu pai estava no hospital com problemas cardíacos, mas não estava morrendo. No entanto, os médicos decidiram que a sua hora havia chegado. Infelizmente, Evelyn estava fora da cidade, e os médicos persuadiram o restante da família a dizer sim para uma injeção letal. Em telefonemas urgentes, Evelyn implorou para que eles não decidissem até que ela pudesse voltar para casa, mas ela chegou tarde demais. Quando saiu do avião, a vida de seu pai já havia sido terminada.

A única defesa confiável para os direitos humanos é a convicção preservada na Declaração de Independência dos Estados Unidos de que “todos os homens foram criados iguais”, mesmo se forem deficientes ou idosos. A cosmovisão bíblica diz que uma pessoa deficiente é apenas isso — uma pessoa deficiente. Sua visão do ser humano é integral e encarnacional, tratando o corpo como a encarnação da pessoa. Como afirma Meilander, na bioética devemos lembrar-nos constantemente de que, ao lidar com o corpo humano, estamos lidando com “o lugar onde conhecemos uma pessoa”.[29]

Os defensores da eutanásia estão essencialmente dizendo que a nossa pessoalidade consiste apenas nas funções mentais superiores. A implicação disso é que o nosso corpo não é parte de nossa identidade como pessoa. Só que a ideia de pessoalidade baseada na função cerebral é muito frágil. A minha pessoalidade pode terminar no momento em que o meu córtex começar a funcionar mal. Ao contrário, a visão bíblica é muito mais resiliente e duradoura. “No pensamento cristão”, escreve o médico John Wyatt, “independentemente do que vier a acontecer com você no futuro, qualquer doença ou acidente que possa suceder ao seu sistema nervoso, mesmo se você for atingido por demência ou entrar em estado vegetativo persistente, você continuará sendo você: uma pessoa única e maravilhosa, conhecida e amada por Deus”.[30] Não existe a pressão de provar o

nosso valor ou persuadir pessoas de que a nossa vida tem valor.

No fim dos tempos, com a redenção do corpo, finalmente reconheceremos a beleza e a grandeza em cada ser humano. Podemos começar agora mesmo a treinar-nos para ver as pessoas dentro dessa perspectiva escatológica. Nas palavras do teólogo David Hart, podemos aprender a reconhecer que há "uma glória escondida nas profundezas de cada pessoa, mesmo no menor de nós — mesmo nos 'defeituosos', 'doentes mentais' e 'geneticamente inferiores' se você quiser — esperando para ser revelada, uma beleza e dignidade e poder de tanta magnificência e esplendor que, se pudéssemos vê-la agora, ela nos moveria à adoração ou ao terror".[31]

NÃO IMPONHA A SUA VISÃO

Os liberais muitas vezes dizem: "Se você é contra o aborto, então não faça um. Se é contra o suicídio assistido, não faça. Porém, não imponha a sua visão sobre os outros". À primeira vista, isso pode parecer justo. Todavia, o que os progressistas não conseguem entender é que toda prática social repousa sobre certas suposições de como é o mundo — uma cosmovisão. Quando uma sociedade aceita a prática, ela absorve a cosmovisão que a justifica.

É por isso que temas como o aborto e a eutanásia não são questão puramente de indivíduos isolados fazendo escolhas pessoais. Eles envolvem decidir em que cosmovisão moldaremos a nossa vida comum.

Entendemos a conexão com mais clareza quando consideramos outros temas: "Você não gosta de assassinato? Então, não mate ninguém. Não gosta de escravidão? Então, não tenha escravos. Porém, não me diga que não tenho essa escolha". Ninguém utiliza esses argumentos. Entendemos que garantir aos indivíduos o direito ao assassinato e a escravizar pessoas implica inevitavelmente uma cosmovisão — segundo a qual a vida das pessoas é descartável, não digna de proteção legal.

Da mesma forma, aceitar o aborto e a eutanásia implica inevitavelmente a teoria da pessoalidade — segundo a qual algumas vidas são descartáveis, não dignas de proteção legal. E quando essa cosmovisão é absorvida, ela tem consequências de

vida e morte para todos. Qualquer ponto de corte torna-se arbitrário. Os efeitos da desumanização colocam todos em risco. Quando os cristãos defendem a verdade da cosmovisão bíblica, estão procurando proteger os direitos humanos e a dignidade para todos.

…

COLETANDO HUMANOS

Para obter-se um sentido mais claro do papel central da dicotomia de dois andares na ética secular, vamos percorrer várias questões adicionais que aparecem com regularidade nas manchetes de notícias, começando pela pesquisa com embriões humanos. No pensamento de dois andares, os embriões humanos são apenas entidades biológicas, não são pessoas. Portanto, se um cálculo utilitarista sugerir algum benefício prático para a sociedade, eles podem ser destruídos sem qualquer significado moral. Muitas pessoas aceitaram a ideia de que, na busca por novas curas medicinais, os embriões humanos podem ser semeados, colhidos, patenteados e vendidos — como se fossem apenas mais um recurso natural.

Entretanto, se rejeitarmos o dualismo de dois andares, então a pessoalidade estará ligada, de maneira indissolúvel, ao ser biologicamente humano em qualquer estágio de desenvolvimento. Destruir um embrião é moralmente semelhante a assassinar um adulto. Todos os argumentos no capítulo 2 contra o aborto aplicam-se igualmente à destruição de embriões no laboratório.

E é mais problemático ainda, porque a pesquisa com embriões envolve tipicamente criar vida humana com a intenção específica de destruí-la. Mesmo aqueles que não têm certeza de que o embrião é completamente uma pessoa acham isso complicado. Um princípio fundamental da ética é que as pessoas devem ser tratadas como intrinsecamente valiosas, e não como valiosas apenas como meio para algum fim externo. Ou, como dizemos no dia a dia, é errado usar as pessoas.

Por exemplo, o colunista Charles Krauthammer escreve: “Não sou religioso. Não acredito que a pessoalidade é conferida na concepção. Só que também não acredito que um embrião humano seja o equivalente moral de uma cutícula e que não merece mais respeito do que um apêndice”. Então, onde traçamos o limite? Krauthammer sugere que tracemos uma “linha brilhante proibindo a criação deliberada de embriões humanos somente para o propósito instrumental de pesquisa — uma violação clara do imperativo categórico de não se fazer da vida humana (mesmo se apenas uma vida humana em potencial) um meio, e não um fim”.[32]

Wesley Smith coloca essa objeção de maneira mais sucinta: Há algo profundamente desumanizador em “tratar a vida humana — não importa o quanto esteja nascente — como um mero recurso natural a ser colhido como uma plantação de soja”.[33]

Até mesmo a nossa língua reflete uma mudança de cosmovisão. No antigo Israel, enfatizando a transmissão da vida de pai para filho, usava-se um verbo traduzido como “gerar”. No mundo cristão, impressionado com a primazia do Criador na geração da vida, usava-se o verbo “procriar”. E hoje? Hoje usamos a linguagem da máquina e da fábrica — “reproduzir”. Quando passamos o processo para o laboratório e falamos sobre “tecnologias reprodutivas”, a ênfase está em tratar a vida como um produto que podemos dominar e remodelar livremente. E aqueles que fazem seres humanos in vitro sentem-se autorizados a desfazê-los — a tratá-los como produtos de tecnologia, objetos à nossa disposição. A vida está sendo reduzida a um produto de mercado.[34]

A ironia é que a pesquisa com células-tronco embrionárias nem é necessária. A pesquisa com células-tronco adultas muitas vezes produz resultados melhores. Por exemplo, um artigo de 2016 do Washington Post descreve um estudo que chocou os pesquisadores. Eles injetaram células-tronco adultas, colhidas da medula óssea, no cérebro de pacientes com derrame. “Sua recuperação não foi apenas uma recuperação mínima, como alguém que não conseguia mover o dedo e agora consegue balançá-lo. Foi muito mais significativa. Um paciente de 71 anos, preso à cadeira de rodas, estava andando novamente”, disse Gary Steinberg, chefe de neurocirurgia em Stanford. O resultado positivo do estudo desafia “uma crença central sobre danos cerebrais — que eles são permanentes e irreversíveis”.[35] Utilizar células-tronco adultas evita as questões éticas envolvidas na destruição de embriões, ao mesmo tempo em que produz resultados melhores.[36]

CULTIVAR BEBÊS PARA COLHER ÓRGÃOS

E a questão de colher os órgãos de bebês abortados? Uma vez que desumanizamos os fetos como sendo objetos, é natural perguntar: por que não obter algum benefício deles, assim como reciclamos sacolas plásticas e garrafas de vidro para beneficiar-nos de outros resíduos? A comediante Sarah Silverman defendeu que, já que "o aborto é legal" nos Estados Unidos, "seria loucura não usar o tecido fetal para ciência e educação". (Os críticos responderam que, já que as câmaras de gás eram legais na Alemanha nazista, teria sido loucura não usar a pele humana para fazer abajures.)[37]

Quando aceitamos a ideia do garimpo humano, o próximo passo é a venda direta de órgãos fetais. O especialista em bioética Jacob Appel defende: "Se uma mulher tem o direito fundamental de encerrar uma gravidez, por que não tem o direito de usar os produtos daquela gravidez encerrada como ela bem quiser?", "Por que não permitir que ela obtenha algum benefício econômico?", "Muitas mulheres provavelmente usariam os ganhos dessas vendas para financiar o Ensino Superior ou para ajudar a criar os seus filhos."

Appel termina fazendo a seguinte previsão: "Algum dia, se tivermos sorte, a pesquisa científica pode tornar possível fazendas de 'úteros' artificiais produzindo fetos para colher-se órgãos".[38]

Vale a pena lembrar por que a nossa lei não permite a venda de seres humanos ou de órgãos humanos. "Há, na sociedade civilizada, algumas coisas que o dinheiro não pode comprar", escreveu a Suprema Corte de New Jersey em 1988. "Há [...] valores que a sociedade considera mais importantes de que conceder à riqueza tudo o que ela pode comprar, seja trabalho, seja amor, seja vida."[39] O caso de New Jersey envolvia "barriga de aluguel", e a corte considerou que é uma forma de venda de bebê e, portanto, ilegal. A venda de crianças é moralmente problemática da mesma forma como a escravidão é problemática: os seres humanos não são objetos e nunca deveriam estar à venda.

Há também o problema da condição das "barrigas de aluguel", que são reduzidas a úteros alugados. "O aumento rápido de barrigas de aluguel para casais homossexuais [...] representa uma queda perturbadora para a exploração brutal

de mulheres que geralmente vêm de países em desenvolvimento e muitas vezes são coagidas ou agenciadas para vender o seu útero para satisfazer os caprichos egoístas de gays ou lésbicas ocidentais ricos", escreve a jornalista Julie Bindel, que se identifica como lésbica. "A crueldade está acompanhada de uma hipocrisia épica. Pessoas da Europa e dos Estados Unidos que estremeceriam com a ideia de envolvimento em tráfico humano ou sexual acabaram se rendendo a uma forma grotesca de 'tráfico reprodutivo'."[40]

Um membro do Parlamento Europeu diz que a barriga de aluguel "reduz a mulher a uma máquina reprodutora e a criança a um bem em uma transação comercial".[41]

O princípio ético aqui é que algumas coisas deveriam estar imunes de transações comerciais — que algumas esferas sociais estão fora do alcance do mercado. O mais fundamental é o direito do ser humano não ser comprado ou vendido. Nas palavras do especialista em ética cristã Scott Rae, o motivo pelo qual não permitimos a venda de seres humanos "é que há coisas tão próximas à pessoalidade e autorrealização individual que não podem ser objetos de permuta sem que a pessoalidade seja denegrida".

O problema subjacente, explica Rae, é que, "quando se coloca um preço monetário em um ser humano ou em um atributo da pessoalidade, isso cria uma alienação, separando a pessoa da coisa que foi mercantilizada".[42] Aquilo que é monetizável — incluindo o corpo — é, portanto, tratado como alienável ao ser, e não integral ao ser.

O centro da questão é um dualismo que aliena o corpo do ser.

TRANSUMANISMO: CRIANDO SUPER-HOMENS

Um movimento relativamente novo que adota a ética secular de dois andares é o transumanismo. A lógica é a seguinte: já que os seres humanos não são nada de especial, por que não usar a tecnologia para criar um novo estágio de vida além da humanidade? Os transumanistas dizem que é tempo de assumirmos o controle da evolução por meio da engenharia genética. Eles defendem que a vida humana, tal como ela hoje existe, é apenas um passo em uma cadeia evolutiva infinita,

uma configuração de células ao acaso que será superada no próximo estágio da evolução. Falando de maneira poética, o filósofo John Gray escreve que os seres humanos são “apenas correntes no deslocamento dos genes”.[43]

O transumanismo promove com zelo a visão de uma utopia criada pela bioengenharia na qual seremos libertos de nossas limitações humanas. Ele promete que estamos na direção de um futuro “pós-humano”, quando pais ricos poderão custear melhoramentos genéticos tão profundos que criarão literalmente uma nova raça.

O corpo humano foi reduzido a um mecanismo no nível de dispositivos e engenhocas, o que abre caminho para experiências desenfreadas com genes e DNA.

Porém, alto lá: isso não é eugenia? E não testemunhamos os resultados trágicos da eugenia dos nazistas? Para evitar qualquer associação repulsiva com o nazismo, os transumanistas enfatizam que a nova eugenia será baseada no consumidor. Os pais terão o poder da tecnologia para escolher os traços genéticos de seus filhos. A escolha, o princípio básico do liberalismo moderno, como um passe de mágica, torna tudo moralmente aceitável.

Na realidade, entretanto, a nova eugenia será tão perigosa para a liberdade quanto a antiga eugenia. Nick Bostrom, um transumanista importante de Oxford, diz que a natureza humana é “uma obra em progresso, um início mal concebido que podemos aprender a remodelar de formas desejáveis”.[44] Porém, quem terá o poder de decidir que formas são desejáveis? Será que é razoável esperar que um poder dessa magnitude fique nas mãos dos pais? Dificilmente.

Se pudermos remodelar a própria natureza humana, na realidade isso levará às piores formas de tirania.

Um dos maiores defensores do transumanismo é o geneticista Lee Silver, da Universidade de Princeton. Em Remaking Eden: Cloning and Beyond in a Brave New World [A Recriação do Éden: Clones e além em um Admirável Mundo Novo], Silver prolonga um cenário onde a humanidade será bifurcada em duas raças separadas — übermenschen genéticos (super-homens) que governam sobre os untermenschen (sub-homens). No primeiro grupo, teremos os controladores da sociedade. No segundo grupo, teremos trabalhadores de baixo custo e fornecedores de serviços.[45]

Silver é claramente inspirado pelo conceito de Nietzsche de übermensch (super-homem) como o próximo estágio da evolução. Embora ele projete essa sociedade criada pela bioengenharia como uma utopia, é muito mais provável que ela torne-se uma distopia forçada. Quando negamos que os humanos têm uma dignidade singular apenas por serem humanos, abrimos a porta para a tirania. Como alerta o filósofo Mortimer Adler: “Grupos de homens superiores conseguirão justificar a escravidão, exploração e até genocídio de grupos humanos inferiores com bases factuais e morais semelhantes àquelas que defendemos para justificar o nosso tratamento aos animais que usamos como burros de carga”.[46]

O dualismo cartesiano da mente como entidade separada que controla o corpo será entendido socialmente como uma classe de trabalhadores mentais que controla uma classe de trabalhadores manuais.

Essa previsão traz-nos à memória o enredo de incontáveis romances e filmes distópicos. C. S. Lewis, em A Abolição do Homem, resume o problema em uma de suas frases mais inesquecíveis: “O que chamamos de poder do Homem sobre a Natureza revela-se como um poder exercido por alguns homens sobre outros, tendo a Natureza como instrumento”.[47]

Finalmente, existem transumanistas que esperam transcender o próprio corpo. Ray Kurzweil, diretor de engenharia do Google, espera que os avanços na inteligência artificial permitam que façamos o download do nosso cérebro para o computador, tornando possível um tipo de imortalidade digital. “Toda a ideia de ‘espécies’ é um conceito biológico”, diz ele. “O que estamos fazendo é transcender a biologia.”[48]

Uma ideologia anticorpo similar anima a obra do influente futurista Martine Rothblatt, que é uma transgênero (nascido homem). O livro de Rothblatt, Virtually Human [Praticamente Humano], propõe que uma base de dados digital de sua vida e personalidade possa ser usada para criar um “clone de mente”, um tipo de consciência digital que sobreviverá à morte do seu corpo. Você prefere um corpo de carne e osso? Então, na visão de Rothblatt, você é culpado de “carnismo”.[49]

E as pessoas acusam o Cristianismo de ser anticorpo!

Em uma cultura que diminui e deprecia o corpo de carne e osso, a visão superior

da Bíblia sobre o mundo material é um motivo pelo qual ela é “Boas Novas”. A mensagem do Cristianismo não começa com a salvação, mas com a criação. O que Deus criou tem valor e dignidade intrínsecos.

O LIVRO DA VIDA BIOLÓGICO

Se os seres humanos são só uma coleção de células ao acaso, como alega a teoria da pessoalidade, por que não misturar células de outras espécies, criando híbridos humano-animal? Os transumanistas defendem que não há barreira ética para a união do DNA animal com o DNA humano. Essas tecnologias transgênicas (transgênico significa “entre espécies”) estão sendo propostas como um meio para melhorar as habilidades humanas e criar uma raça pós-humana.

As mesmas tecnologias também poderiam ser aplicadas para melhorar as habilidades animais. O futurista James Hughes defende o que ele chama de “elevar” geneticamente chimpanzés para dar a eles capacidades intelectuais humanas — não por ser bom para os chimpanzés, mas porque provaria que eles merecem a condição legal de pessoas. Hughes diz: “As pessoas não têm que ser humanas, e nem todos os seres humanos são pessoas”[50] — o que revela como o conceito secular de pessoalidade tornou-se indefinido e inconclusivo.

Usando uma metáfora literária, o biólogo Thomas Eisner diz que uma espécie não é “um volume encadernado da biblioteca da natureza”, mas “um livro de folhas soltas, cujas páginas individuais, os genes, podem estar disponíveis para transferência seletiva e modificação de outras espécies”.[51]

Essa é uma metáfora muito reveladora. Ela sugere que, se o livro da vida não tem nenhum autor, então não há base para considerar os organismos como seres completos e integrais. Quando um autor conta uma história, todos os segmentos são mantidos juntos por um tema unificador. Porém, se a vida for um acidente produzido por forças materiais cegas, os organismos podem ser tratados como coleções aleatórias de genes e outras peças sobressalentes a serem misturadas e combinadas à vontade. Se não há nada de especial nos seres humanos segundo a metáfora, por que não unir genes humanos e animais para criar uma raça pós-humana?

O pressuposto que conduz todos esses cenários futuristas, explica o embriologista Brian Goodwin, é a alegação darwiniana de que não existe o que chamamos de espécies. A maioria das pessoas não percebe que, tecnicamente, o Darwinismo nega que as espécies sejam reais. A teoria propõe que a evolução acontece por meio de pequenas mudanças em uma cadeia contínua de indivíduos. O que parece ser uma espécie são apenas agrupamentos temporários nas populações em constante mudança de organismos em evolução, redemoinhos na corrente genética. (É irônico que a maior obra de Darwin é chamada A Origem das Espécies quando, de fato, ele negava a realidade das espécies.)

Quais são as consequências disso? Por causa do pressuposto de que não há espécies, explica Goodwin, "perdemos até mesmo o conceito de natureza humana". Não atribuímos nenhuma condição especial ao ser humano — porque não existe espécie humana. Como resultado, "a vida torna-se um conjunto de partes, bens que podem ser trocados" para satisfazer a visão de progresso de alguns geneticistas.[52] As comportas foram abertas para remodelar irrestritamente a própria natureza humana.

Como escreve o falecido papa João Paulo II, para os secularistas não há "verdade da criação que deva ser reconhecida, ou um plano de Deus para a vida que deva ser respeitado". Por isso, "tudo é negociável, tudo está aberto para barganha".[53] A própria humanidade está disponível.

Quando o plano de Deus é respeitado, a pesquisa genética pode ser uma ferramenta para um bem maior. Dentro da cosmovisão cristã, a pesquisa genética pode ser aprofundada com os mesmos motivos pelos quais aprofundamos outras formas de pesquisa científica. A ciência é um meio de cumprir o mandato cultural dado aos nossos primeiros pais de "sujeitar a terra" descobrindo as leis da natureza e desenvolvendo o seu potencial. Temos a liberdade de ser criativos e inventivos desde que não violemos a dignidade humana. Muitos historiadores dizem que foi o Cristianismo que desencadeou, num primeiro momento, a revolução científica. Por exemplo, a ciência exigia a convicção de que a natureza tem uma ordem racional porque foi criada por uma Mente racional.[54]

A ciência também pode ser um meio de superar os efeitos da Queda, reparando o seu sofrimento e recuperando a sua condição original. A medicina genética, como outras formas de medicina, tem como objetivo aliviar o sofrimento causado pela Queda e recuperar a vida saudável e integral que Deus tinha em mente quando criou a humanidade.[55]

APROVEITADORES, VAMPIROS E BARATAS

Os transumanistas muitas vezes falam em tons eufóricos, como se a utopia criada pela tecnologia estivesse à porta. Estamos “à beira de uma nova iluminação”, entusiasma-se Adrian Woolfson, da Universidade de Cambridge. Podemos finalmente “acalentar a possibilidade de modificar a nossa própria natureza e criar vida artificial”.[56] Entretanto, essa visão utópica é uma ilusão. O que conta mais para ser produzida uma sociedade verdadeiramente humana não é o nível de tecnologia, mas a cosmovisão predominante. E uma cosmovisão que preconiza a vida humana como destituída de qualquer valor ou dignidade inerentes nunca levará à utopia, não importa o quanto as ferramentas e a tecnologia estejam avançadas.

O filósofo Luc Ferry — de maneira surpreendente, em um livro que promove o ateísmo — diz que foi o Cristianismo que apresentou o conceito de direitos iguais. Ele derrubou as antigas hierarquias sociais entre ricos e pobres, senhores e escravos. “De acordo com o Cristianismo, somos todos ‘irmãos’, estamos no mesmo nível como criaturas de Deus”, escreve Ferry. “O Cristianismo é o primeiro ethos universalista.”[57]

Outro ateísta, Richard Rorty, concorda. Em uma palestra na UNESCO, ele observou que, ao longo da história, as sociedades inventaram várias maneiras de excluir certos grupos da família humana. Aqueles que pertenciam a diferentes tribos, clãs, raças ou religiões eram classificados como sub-humanos. Ao contrário, observa Rorty, o Cristianismo deu origem ao conceito de direitos universais, derivado da convicção de que “todos os seres humanos são criados à imagem de Deus”.

Entretanto, Rorty diz que, na era moderna, devido a Darwin, não aceitamos mais uma ideia de criação. Portanto, segundo ele não estamos mais moralmente limitados a sustentar que todos os seres biologicamente humanos têm a mesma dignidade.[58]

A implicação é clara: quando uma cultura abandona a convicção de que todos os seres humanos são criados à imagem de Deus, os direitos humanos ficam de lado. Qualquer categoria de seres humanos é um alvo fácil para ser excluída e

até mesmo eliminada. É por isso que há tanto em jogo nesse debate. Como escreve Wesley Smith: “Se a vida humana não importa apenas e simplesmente por ser humana, isso significa que o valor moral torna-se subjetivo e uma questão de quem tem o poder de decidir”. E já sabemos o que acontece nesse caso: “A história mostra que, quando criamos diferentes categorias de valor, esses humanos denegridos pela estrutura de poder político como tendo menos valor são explorados, oprimidos e mortos”.[59]

A história da escravidão nos Estados Unidos e dos sistemas totalitaristas do século XX apresenta provas categóricas das consequências moralmente terríveis de tratar os seres humanos como simples coisas. Os escravagistas defendiam que os africanos não eram totalmente humanos, então os vendiam, açoitavam, caçavam, estupravam e matavam. A propaganda nazista desumanizava os judeus, chamando-os de “ratos” e “peste da humanidade”, e, por isso, assassinou 6 milhões deles. No Terror Vermelho, Lenin chamou categorias inteiras de pessoas de “ex-pessoas” ou, de forma mais colorida, de “aproveitadores”, “vampiros”, “parasitas” e “classe inimiga”. Isso tornou mais fácil enviá-los para campos de concentração ou apenas matá-los. No massacre de Ruanda em 1994, a rádio do governo incitou os Hutus à violência chamando os Tutsis de “baratas” que deviam ser “exterminadas”.

Além do testemunho da história, o impacto da teoria da pessoalidade foi testado de maneira experimental. Em um estudo sociológico engenhoso, John H. Evans mediu a visão moral dos cristãos contra aqueles que aceitam a teoria da pessoalidade. O experimento descobriu que a teoria da pessoalidade está, de fato, associada ao baixo apoio aos direitos humanos. Membros do público que concordam com a teoria da pessoalidade apoiam mais a compra de órgãos de pessoas pobres, os experimentos em prisioneiros contra a sua vontade, a tortura de pessoas para potencialmente salvar vidas — e estão menos dispostos a sacrificar-se para acabar com o genocídio.[60]

Nossa tendência é desenvolver a lógica de nossas convicções básicas. Por causa de Darwin, muitas pessoas não têm mais uma base moral para os direitos humanos universais. Deveríamos viver com a expectativa de depararmo-nos com as consequências lógicas representadas pela negação dos direitos humanos àqueles que são considerados “não pessoas”.

DIREITOS DOS ANIMAIS E ENGANOS FATAIS

As pessoas muitas vezes perguntam-me se o conceito de direitos dos animais contradiz a teoria da pessoalidade. Ele não expressa respeito pela vida biológica, orgânica? Nem um pouco. Os argumentos para os direitos dos animais são apenas mais um exemplo de que se pesa o valor da vida por medidas instrumentais, tais como capacidade cognitiva, e não pelo valor intrínseco.

Os ativistas dos direitos dos animais dizem que querem elevar os direitos dos animais ao mesmo nível dos direitos humanos e, sem dúvida, eles são sinceros. No entanto, qual é a lógica do seu argumento? Como eles apoiam o direito dos animais? Defendendo que certos animais — como porcos, cães, chimpanzés, golfinhos — têm capacidades cognitivas maiores do que alguns seres humanos. Portanto, esses animais qualificam-se como pessoas, enquanto seres humanos "inferiores" não se qualificam.

Com esse raciocínio, nem todas as pessoas são pessoas, mas alguns animais são pessoas. Peter Singer afirma que um bebê recém-nascido não é uma pessoa, mas animais mais inteligentes são: "A vida de um bebê recém-nascido tem menos valor para si mesmo do que a vida de um porco, um cachorro ou um chimpanzé tem para o animal não humano".[61] Ele recomenda usar humanos em vez de animais em pesquisas médicas caso os animais tenham capacidades cognitivas maiores.

Assim, o valor de qualquer coisa viva é medido por sua função mental. O movimento dos direitos dos animais não contradiz a teoria da pessoalidade. Ele depende dela.

O respeito genuíno pelos animais e por toda a natureza não repousa em uma ideologia que menospreza a biologia em favor das capacidades mentais. Ele deriva da convicção de que toda a criação vem da mão de Deus e, portanto, tem valor e dignidade intrínsecos. A Bíblia ensina que os seres humanos são mordomos da criação, responsáveis pelo modo como cuidamos do mundo que nos cerca perante uma autoridade maior (Gn 1.28). Provérbios 12.10 diz: "O justo olha pela vida dos seus animais". A humanidade não é o degrau mais alto de uma escada evolutiva, livre para usar a natureza de qualquer modo, para o nosso benefício próprio. Ao contrário, responderemos ao Criador pela maneira

como tratamos a sua criação.

…

COMO AS CRIANÇAS TORNARAM-SE PESSOAS

A opinião pública, em grande parte, ainda considera que o infanticídio e a eutanásia são moralmente errados, mas esqueceu-se de onde veio essa ideia. O historiador O. M. Bakke defende que foi o Cristianismo que tornou essa visão moral quase universal no Ocidente.

No seu livro When Children Became People [Quando as Crianças Tornaram-se pessoas], Bakke explica que, na Grécia e na Roma antigas, as crianças não eram consideradas pessoas. A sociedade antiga era organizada no que podemos visualizar como círculos concêntricos: no centro, estava o homem adulto nascido livre. Eles tinham o maior valor. As outras pessoas eram valorizadas dependendo de quão similares fossem a esse modelo: mulheres, estrangeiros, escravos e crianças. A literatura do mundo clássico descreve as crianças em tons de desprezo, usando adjetivos como fracas, medrosas e irracionais.

Esse rebaixamento das crianças tinha consequências concretas. Naturalmente, levava a uma visão fria e insensível das crianças. O aborto era generalizado. Crianças indesejadas eram abandonadas ou expostas, deixadas fora de casa para morrerem de fome ou para serem devoradas por animais selvagens. As crianças eram tratadas de forma rude; considerava-se normal bater nelas. Em Roma, os pais tinham até o direito legal de matar os filhos por qualquer motivo.

A visão negativa das crianças também contribuiu para uma visão aviltante das mulheres. O próprio fato de as mulheres serem mais envolvidas na criação dos filhos e desenvolverem maior ligação emocional com as crianças era um sinal de fraqueza e vulgaridade por parte delas. Bakke resume assim: “Crianças e escravos eram propriedade do pai, como objetos materiais. Em grande parte, ele poderia tratar a sua esposa, os seus filhos e outros membros da casa como melhor lhe aprouvesse, sem qualquer medo de consequências legais”.[62]

Isso incluía o direito legal de abusar sexualmente de seus escravos — homens e mulheres, adultos e crianças. Prostíbulos especializados em escravos sexuais, incluindo crianças, eram negócios legais e prósperos. Bebês abandonados muitas vezes eram resgatados e depois forçados à escravidão sexual. Os romanos que possuíam escravos jovens chegavam a alugá-los para os prostíbulos.[63]

Ouvimos várias vezes hoje em dia que o mundo antigo era mais "tolerante" em questões sexuais, mas tolerância não tem qualquer relação com isso. Era uma expressão de status social: a maioria dos atos sexuais era considerada permissível desde que envolvessem uma pessoa de maior status dominando uma pessoa de menor status social. No mundo antigo, como explica a filósofa Martha Nussbaum:

O gênero do objeto [...] não é moralmente problemático em si mesmo. Meninos e mulheres são muitas vezes tratados, de maneira intercambiável, como objetos de desejo [masculino]. O que importa socialmente é penetrar, e não ser penetrado. O sexo é compreendido fundamentalmente não como uma interação, mas como fazer algo em alguém; e o recipiente passivo é marcado pelo fato de ter um status social inferior.[64]

Essa é a cultura em que a igreja cristã nasceu. Essa é a cultura em que Jesus chocou os seus contemporâneos ao tratar as crianças não como desprezíveis, mas como valiosas: "Vede, não desprezeis algum destes pequeninos. [...] E qualquer que receber em meu nome uma criança tal como esta a mim me recebe" (Mt 18.10,5). Jesus até usou as crianças como paradigma positivo a ser copiado pelos adultos: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos céus" (v. 3). "Deixai os pequeninos e não os estorveis de vir a mim, porque dos tais é o Reino dos céus" (Mt 19.14). Nunca antes alguém tinha estabelecido crianças como um modelo positivo para os adultos. Os Pais da Igreja escreveram extensivamente sobre as palavras de Jesus, intrigados com o que elas significavam em uma cultura em que uma visão superior das crianças era uma novidade completa.

Em determinado momento, à medida que os cristãos foram conquistando influência política no Império Romano, eles foram bem-sucedidos em aprovar leis proibindo o infanticídio (em 374 d.C.). Eles também aprovaram leis garantindo auxílio governamental para as famílias pobres que não tinham como criar os seus filhos para que não fossem tentadas a abandonar ou "expor" as crianças. Mesmo assim, o hábito da "exposição" (ou abandono) não terminou apenas com a aprovação de leis. Ele continuou a ser praticado até que o clero finalmente persuadiu os pais a, em vez de abandonarem os infantes, entregarem-nos na porta das igrejas, o que, por sua vez, fez surgir os primeiros orfanatos.

O ESCÂNDALO TERRÍVEL DE JESUS

Os cristãos contemporâneos precisam recuperar a valorização da singularidade da cosmovisão cristã. Desde que éramos pequeninos na Escola Dominical, cantamos "Jesus ama as criancinhas". Acontece que nós já não percebemos mais como o Cristianismo foi radical quando ensinou, desde o início, o valor das crianças.

Em última instância, foi a própria vida e morte de Jesus que destruiu o conceito básico de que o valor da vida depende do status social. Afinal de contas, o Deus que fez o céu e a terra humilhou-se a si mesmo para tornar-se uma criança. Ele viveu uma vida de pobreza e fraqueza e, então, submeteu-se à morte, e morte de cruz. Estamos acostumados a ver a cruz cercada de flores e vitrais de janelas, ou usada como uma peça brilhante de joalheria. A maioria de nós não percebe que, na Roma antiga, a crucificação era considerada uma forma de execução bárbara, reservada para os criminosos mais vis e injuriados — em sua maioria escravos e rebeldes políticos. Ela era a forma de vergonha e humilhação suprema, algo que não deveria nem mesmo ser mencionado em seu círculo íntimo. A execução de Jesus foi, portanto, considerada um escândalo terrível.

E, ao submeter-se a uma humilhação tão horrível, Ele destruiu completamente as diferenças no status social. Os cristãos começaram a proclamar a mensagem radical de que os direitos humanos básicos não dependem de status, poder ou estágio da vida. Ao pé da cruz, o pobre, o escravo, o oprimido, o jovem e o fraco são todos iguais ao rico e ao poderoso. Os cristãos estão proibidos de demonstrar

favoritismo (Tg 2.1-9; 5.1-6).

Desde o início, portanto, os cristãos da Igreja Primitiva viam as crianças como seres humanos completos e valiosos. Um resultado disso — diz Bakke — é que os pais cristãos praticavam um "envolvimento muito maior na criação de seus filhos do que acontecia normalmente em famílias pagãs".[65] Ao contrário dos ricos romanos, que muitas vezes passavam o cuidado de seus filhos para servos e enfermeiras, os Pais da Igreja estimulavam os pais a criarem os seus próprios filhos. No século IV, João Crisóstomo escreveu: "Deixe tudo em segundo plano para cuidar de nossos filhos, para criá-los na disciplina e na instrução do Senhor".[66] Afinal de contas, o que está em jogo é o destino eterno de um ser humano.

De todas essas formas, o Cristianismo inventou um novo conceito de infância, uma nova mentalidade que considerava as crianças como pessoas que deveriam ser valorizadas, amadas e cuidadas.

As práticas da sociedade pré-cristã sinalizam a direção que a nossa sociedade pós-cristã está prestes a tomar. Conforme o mundo rejeita a ética bíblica, ele perde não apenas a base para os direitos humanos em geral, como vimos antes, mas também a base para o cuidado humano das crianças. A crítica social observa que práticas como a contracepção, o aborto e a reprodução artificial já estão criando uma atitude de que ter um filho é apenas uma escolha de estilo de vida, um acessório para enriquecer a vida dos adultos e satisfazer as suas necessidades. Se removermos a visão cristã da infância, ficamos sem a garantia de que a nossa sociedade continuará a oferecer proteção especial às crianças.

ODEIE O SEU PRÓXIMO

Vivemos em um tempo de propaganda e anúncios, em que as palavras são utilizadas para manipular. Por exemplo, uma pesquisa do instituto Gallup mostra um aumento de 20% no apoio ao suicídio assistido se ele for descrito usando eufemismos. Um total de 70% dos norte-americanos é a favor de permitir-se que os médicos acelerem a morte de um paciente terminal quando isso é descrito como permitir que os médicos "terminem a vida do paciente por algum meio indolor". Só que apenas 51% apoiam a eutanásia quando ela é descrita como

médicos ajudando um paciente a “cometer suicídio”.[67] Claramente, ainda há uma oposição moral ao suicídio.

Isso quer dizer que males sociais como infanticídio, eutanásia e suicídio assistido provavelmente se tornarão consagrados na lei de uma forma muito diferente dos grandes males anteriores da história, como a escravidão ou o Holocausto. Essas práticas provavelmente serão impostas em nome de ser reduzido o sofrimento e aumentar a escolha, sob a liderança da bioética.

Elas podem até mesmo aparecer com um verniz cristão. Há poucos anos, Anne Lamott, uma autora apreciada entre jovens adultos cristãos, ajudou um homem a tirar a própria vida. “O homem que eu matei não queria morrer, mas não sentia mais que tivesse outra escolha”, escreve Lamott no Los Angeles Times. Com o corpo sendo consumido pelo câncer e a mente começando a hesitar, o homem estava aberto à oferta de Lamott de adquirir as drogas letais necessárias para cometer suicídio.

O amigo “ficou um pouco surpreso de que, como cristã, eu concordasse com tanta firmeza com ele sobre o suicídio assistido”, observa Lamott. Para justificar a sua perspectiva, ela não reflete profundamente sobre os dados da Bíblia ou a história do pensamento moral cristão. De fato, ela não reflete nem um pouco sobre essas coisas. Ao contrário, ela compara a vida a uma escola, assegurando a seu amigo que não há problema em desistir antes da hora e receber uma graduação incompleta.[68] Embora Lamott posicione-se como cristã em seus escritos, ela essencialmente descarta os princípios bíblicos que consideram a vida como um dom de Deus. Não há nada distintivamente cristão em seu texto, mesmo que ele trate de um assunto tão sério como dar cabo à vida de uma pessoa.

Lamott também não demonstra qualquer interesse na Bíblia na questão do aborto. Em uma matéria anterior no Los Angeles Times, ela descreve uma conferência onde ela desencadeou uma bronca raivosa contra a posição pró-vida. “Como cristã e como feminista”, ela escreve que se sentia estimulada a falar pelas “mulheres cujas vidas foram regularizadas e redimidas por Roe vs Wade”.[69]

“Regularizadas e redimidas” pelo aborto? Isso é colocar um verniz de linguagem bíblica sobre uma ética secular. Isso ilustra como até mesmo quem se identifica como cristão pode ser levado por uma cosmovisão secular. Muitas vezes, eles

não conseguem reconhecer isso porque conhecem o Cristianismo apenas como uma experiência espiritual, não como uma cosmovisão alternativa. Não percebem que a Bíblia fornece não apenas uma mensagem de salvação, como também uma lente através da qual devemos enxergar toda a vida — pessoa humana, história, natureza e sociedade.

Para que tenhamos uma estratégia eficaz na proteção da dignidade humana, precisamos ver além dos slogans e anúncios, ajudando os outros a reconhecer as cosmovisões seculares que moldam o pensamento das pessoas. Devemos tomar posição contra aqueles que possibilitam a morte e o desespero, ao mesmo tempo em que defendem o "amor ao próximo".

UM CORPO DE OSSOS QUEBRADOS

Um motivo pelo qual questões como a eutanásia estão tão em voga hoje é que as pessoas não têm mais maneiras positivas de responder ao sofrimento. A resposta bíblica ao problema do sofrimento e morte é que eles não eram parte do plano original de Deus. O mal entrou na criação em um tempo particular na história — o que causou uma mudança cataclísmica, distorcendo e desfigurando a criação original. Por isso o mal é tão odioso, repulsivo e trágico. Quando recuamos da doença e da morte, a nossa resposta é completamente apropriada. É importante lembrar que Deus está do nosso lado. Ele não criou o mal. E Ele abomina-o ainda mais do que nós.

O Cristianismo, porém, também ensina que, maravilhosamente, o próprio Deus entrou na condição humana e experimentou o sofrimento e a morte pela execução em uma cruz romana. Ao fazer isso, Deus reverteu a morte, transformando-a em um meio de alcançar nova vida. "[...] pelas suas pisaduras, fomos sarados" (Is 53.5).

Como resultado, Deus pode usar eventos difíceis e dolorosos de maneira redentora para aprofundar o nosso caráter e reconciliar os nossos relacionamentos. A minha analogia favorita é um osso quebrado que se solidificou de forma errada. O cirurgião tem que quebrar o osso de novo, o que é doloroso, para que ele volte a crescer forte e da forma correta. Espiritualmente falando, estamos cheios de ossos quebrados. O nosso caráter está ferido por

padrões pecaminosos que se solidificaram. É por isso que muitas vezes precisamos de crises e dificuldades para “quebrar” os nossos padrões destrutivos de vida, para que possamos crescer fortes e da forma correta.[70]

Embora o mal ainda seja mau, a maravilha é que Deus é maior e pode transformá-lo em bem.

Até mesmo os psicólogos seculares observam que o sofrimento pode ser transformador e cunharam um termo para isso: “crescimento pós-traumático”. Um artigo no Psychology Today relata que muitas pessoas que sofreram eventos traumáticos na vida, como luto, divórcio, doenças sérias, perda de emprego ou combates, podem, na verdade, crescer por meio da experiência: “Elas tornaram-se mais compassivas com o sofrimento dos outros [...], então tiveram relacionamentos mais profundos e satisfatórios. Uma das mudanças mais comuns foi que desenvolveram uma atitude mais filosófica ou espiritual em relação à vida”.[71]

Ou seja, a crise estimulou uma busca espiritual. A psicóloga Judith Neal estudou 40 pessoas que passaram pelo crescimento pós-traumático e descreve o processo nestas palavras:

Inicialmente, a maioria delas experimentou uma “noite escura da alma”, em que os seus valores prévios foram colocados em questão e a vida não teve nenhum significado. Depois disso, passaram por uma fase de busca espiritual, tentando entender o que tinha acontecido com elas, e encontraram novos valores. E, finalmente, quando encontraram novos princípios espirituais pelos quais viver, entraram em uma fase de “integração espiritual”, em que aplicaram esses novos princípios. Nesse ponto, encontraram novos significado e propósito para a vida, juntamente com uma gratidão por estarem vivas e até mesmo por terem passado por uma crise tão grande.[72]

A última frase é a mais surpreendente: Eles ficaram gratos até mesmo pela própria crise, porque foi o estímulo para o crescimento interior. A conclusão é

que não deveríamos supor que uma pessoa é candidata à eutanásia apenas porque está sofrendo.

É claro, esse resultado positivo não tem nada de automático. O sofrimento pode aprofundar-nos, mas também pode deixar-nos raivosos, amargos e ressentidos. A chave é se respondemos nos voltando para Deus em nosso sofrimento. Então, torna-se possível seguir o caminho de Jesus, que "aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu" (Hb 5.8).

…

ELLA: A HEROÍNA DA CADEIRA DE RODAS

Às vezes, o melhor argumento contra práticas como o suicídio assistido é um exemplo marcante. Ella Frech é uma menina de 11 anos, corajosa e educada em casa, que atualmente é a número dois no ranking profissional feminino de skate de cadeira de rodas (WCMX, na sigla em inglês) no mundo. Ela pratica regularmente as manobras radicais no skate park. (Você sabia que as pessoas podem usar a cadeira de rodas como skates, desempenhando manobras de arrepiar os cabelos?)

Ella escreveu um artigo protestando contra o filme Como eu Era antes de Você, que fala sobre um jovem em cadeira de rodas que comete suicídio assistido. Ela colocou como subtítulo de seu artigo: "Querida Hollywood, por que vocês me querem morta?".

"Por favor, não neguem isso", ela começa. "Os filmes que vocês fazem dizem-me a verdade sobre o que vocês realmente pensam a meu respeito." Ela faz referência a um filme pró-eutanásia anterior, Menina de Ouro, e então continua:

"Como eu Era antes de Você" [é] a história de um rapaz que se envolve em um acidente, tem a medula espinhal lesionada e tem que passar o resto de sua vida

em uma cadeira de rodas. Um rapaz que você acha que deveria querer morrer por ter que viver uma vida parecida com a minha.

Bem, o que há de errado com uma vida parecida com a minha?[73]

Hollywood está promovendo uma cosmovisão segundo a qual se o seu corpo não é perfeito, você deveria parar de ser um fardo para si mesmo e para a sociedade e simplesmente se matar, escreve Ella. Ela conclui:

Vocês podem não acreditar em Deus. [...] Só que eu acredito, e por causa disso eu creio no valor de todas as pessoas. Creio que todos somos feitos à Sua imagem e semelhança. É por isso que creio que todas as pessoas valem alguma coisa. Se vocês acreditam que as pessoas só têm valor pelo que são umas para as outras, então as pessoas podem mesmo tirar a sua vida. Só que, se o nosso valor vem de Deus, então ninguém tem o direito de dizer que uma pessoa capaz de andar vale mais do que alguém que não anda.[74]

A maioria das pessoas não percebe que o movimento pelos direitos dos portadores de deficiência está quase todo unificado na oposição ao suicídio assistido — precisamente porque os portadores de deficiência sabem que são os principais alvos do movimento da morte.

GAROTO FANTASMA: “EU ODIAVA O BARNEY”

Como outro exemplo inspirador, conheça um homem que passou 12 anos preso dentro de seu corpo sem ter como comunicar-se com o mundo exterior. Depois de sofrer uma doença aos 12 anos, Martin Pistorius entrou em coma. Quando recobrou a consciência alguns anos depois, não conseguia falar ou se mover.

Todos pensavam que ele ainda estava em estado vegetativo. Essa condição tenebrosa é conhecida como síndrome do encarceramento. Os médicos dizem que Martin deveria apenas ser mantido confortável até que morresse. Todo dia, seus pais deixavam-no numa clínica onde os funcionários deixavam-no na frente de uma televisão por horas para assistir a reprises de desenhos infantis.

“Não consigo nem expressar o quanto eu odiava o Barney” — diz Martin hoje, referindo-se a um show infantil da TV mostrando um dinossauro roxo, que ele era forçado a assistir o dia inteiro. Pior ainda, ele era abusado mental e fisicamente, e até mesmo sexualmente, por vários cuidadores. Sem uma voz, ele não conseguia dizer nada a ninguém. Ele chegou a ouvir sua mãe dizer em um momento de frustração extrema: “Gostaria que você morresse”.

Só que o pai de Martin nunca desistiu. Todos os dias, ele dava banho e alimentava Martin, vestia-o e levava-o para o centro médico. A persistência de seu pai finalmente deu resultados. Quando Martin tinha 25 anos, uma terapeuta empática percebeu que ele conseguia fazer acenos e dar sorrisos quase imperceptíveis e persuadiu seus pais a testá-lo. Para surpresa de todos, o seu cérebro estava totalmente funcional. Nos anos seguintes, ele aprendeu a usar o computador para comunicar-se, aprendeu a ler e escrever sozinho, formou-se na faculdade como web designer e casou-se.

Em seu livro Ghost Boy [Quando eu Era Invisível], Martin diz que, em todo o tempo, ele teve um sentimento forte da presença de Deus. Como a sua família nunca foi à igreja, ele não sabia nada da doutrina cristã. “Eu não tinha ideia do porquê sentia a Sua presença com tanta força. [...] Só que, de alguma forma, eu sabia, por instinto, que Ele estava comigo. [...] A minha fé não vacilou. Ele era tão presente para mim quanto o ar, tão constante quanto o respirar.”[75] Quando Martin encontrou a bela mulher cristã que mais tarde se tornaria a sua esposa, finalmente aprendeu sobre o Deus cuja presença sentiu por toda a sua vida.

TORNANDO O ÚTERO UM “LUGAR SEGURO”

É claro, a maioria das pessoas com danos cerebrais não acorda. Porém, um estudo de 1996 descobriu que quase a metade — 43% — dos pacientes que se imaginava estar em estado vegetativo persistente foram mal diagnosticada.[76] A

dificuldade em tomar decisões de vida e morte é que o conhecimento humano nunca é completamente certeiro. (Os hebreus sabiam que as pessoas, às vezes, revivem depois que parecem estar mortas, então a sua tradição era esperar três dias depois da morte para certificar-se de que a pessoa estava mesmo morta — o que pode explicar por que Jesus esteve no túmulo por três dias.)[77]

Mesmo nos casos em que o resultado é mais previsível, como é que deveríamos responder: terminando a vida ou amando a vida pelo tempo que Deus a dá?

Joseph e Janelle Banks descobriram em um ultrassom que os seus gêmeos estavam unidos (eles compartilhavam o coração e o fígado) e provavelmente não sobreviveriam ao parto. Como predito, os dois meninos, Josiah e Josias, nasceram mortos. Durante a gravidez, o aborto foi apresentado como opção mais de uma vez, mas Janelle diz: "Fui grata pela oportunidade de desfrutar de meus bebês pelo tempo que Deus os deu a nós". O casal também acolheu a chance de explicar questões profundas de vida e morte aos seus filhos mais velhos.[78]

Betsey e o seu marido sabiam que o seu filho não nascido sofria de anencefalia (ele não tinha grande parte do cérebro e crânio), o que significava que ele, provavelmente, viveria apenas alguns dias. Apesar da pressão para abortar, eles escolheram manter Jacen até o fim e amá-lo pelo tempo que Deus tinha-lhe dado vida.[79]

Pelo ultrassom, o filho de Marshall e Susan, Toby, foi diagnosticado com trissomia do cromossomo 13, o que significava que ele não sobreviveria por muito tempo fora do útero. Perguntada se queria abortar, Susan respondeu: "Cremos que Deus é quem dá e quem tira a vida. Se a única oportunidade que tenho de conhecer essa criança é no meu útero, não quero encurtar esse tempo. Se o único mundo que ele vai conhecer é o útero, quero que esse mundo seja o mais seguro que eu possa dar".[80]

Nesses e em vários outros casos, os pais estão escolhendo a vida, e não a morte.

BEBÊS FLOCO DE NEVE

Os cristãos também estão criando soluções engenhosas para as questões morais

apresentadas pela tecnologia moderna. Considere a adoção de embriões. As pesquisas que destroem embriões são muitas vezes justificadas pelo fato de que a fertilização in vitro (FIV) produz embriões em excesso. A FIV é um processo no qual os óvulos são extraídos da esposa e fertilizados pelos espermatozoides do marido em uma placa de Petri. Os embriões resultantes são então implantados de volta na esposa. Normalmente, são criados muito mais embriões do que são de fato implantados, e os embriões excedentes são usados para pesquisa ou simplesmente jogados pelo ralo como lixo hospitalar.

Casais com princípios morais fortes muitas vezes pedem que a clínica fertilize apenas o número de embriões que serão, de fato, implantados. Só que isso ainda deixa a questão do que fazer com os embriões excedentes que as clínicas de FIV estão criando para outros casais. Em alguns casos, os embriões extras são congelados e preservados para o caso de o casal querer mais filhos. Surpreendentemente, quando esses embriões congelados são descongelados e implantados no útero da mãe, eles desenvolvem-se exatamente como em uma gravidez normal. Essas pequeninas pessoas foram apelidadas de bebês “floco de neve”.

Se os embriões congelados podem ser implantados, por que não os oferecer para adoção? Organizações como a Nightlight Christian Adoptions [Adoções Cristãs Luz da Noite] e National Embryo Donation Center [Centro Nacional de Doação de Embriões] unem casais e clínicas para facilitar a adoção de embriões congelados. Um amigo e colega que tenho na Universidade Batista de Houston, Bruce Gordon, descobriu que ele e sua mulher não poderiam ter filhos. Do outro lado do país, outro casal cristão que sofria de problemas de fertilidade tinha passado pela fertilização in vitro e tinha dois embriões extras congelados. Bruce e a esposa adotaram-nos e ficaram felizes de formar a sua própria família dessa maneira.

Quais são as vantagens da adoção de embriões? “É muito mais barata do que a adoção tradicional”, disse Bruce. “E dá aos pais a oportunidade de ter controle do cuidado pré-natal para garantir um bebê saudável — sem fumo ou bebidas.”

“Os bebês também se ligam aos seus pais ainda no útero”, acrescentou sua esposa, Mari-Anne. De acordo com um estudo, “fetos podem ouvir ainda no útero, e, portanto, os bebês recém-nascidos já têm familiaridade com a voz da mãe. Em experimentos usando vozes gravadas, os bebês preferem a voz da mãe à voz de outras mulheres”.[81]

Eu li o contrato de Gordon com a clínica de fertilidade, e era quase cômico ver a complexa ginástica verbal empregada para evitar reconhecer que o embrião congelado é uma pessoa. O procedimento não foi descrito como uma adoção de embrião, mas como um “transplante de tecido”. O próprio embrião era um “espécime criopreservado” consistindo de “materiais biológicos” com a intenção de “chegar a uma gravidez”. O que seria capaz de “chegar a uma gravidez” se não um embrião humano vivo?

A adoção de embriões está provando ser uma estratégia humana e inovadora para preservar a vida de pequeninos humanos já vivos e dar-lhes a chance de serem criados por pais amorosos.

CUIDADO TOTAL PELA PESSOA COMO UM TODO

Outro exemplo de soluções práticas é o surgimento dos cuidados paliativos. A maioria das pessoas não sabe que o movimento de cuidados paliativos tem raízes cristãs. Foi criação de uma médica humanitária inglesa, Dame Cecily Saunders, nos anos 1960, e despertou diretamente de sua profunda fé anglicana. Depois de trabalhar por anos com pacientes terminais como assistente social de um hospital, ela ansiava por uma estratégia melhor.

Os médicos treinados apenas com uma perspectiva científica tinham a tendência de ver o corpo como nada mais do que um sistema de células e órgãos. Em décadas recentes, conforme a tecnologia médica avançava, os pacientes estavam morrendo trancados em ambientes institucionais isolados e estéreis, cercados por estranhos, presos a máquinas e muitas vezes sujeitos a tratamentos dolorosos e invasivos. Essa forma de tratamento médico podia prolongar a sua vida física, mas não abordava as necessidades da pessoa como um todo. De fato, grande parte do avanço da eutanásia e do suicídio assistido é uma reação contra essa abordagem tão fria e desumana — que trata os pacientes apenas como sistemas físicos cuja vida física deve ser prolongada a qualquer custo.

O conceito por trás do movimento de cuidados paliativos é que os pacientes são pessoas completas, não apenas organismos físicos. Saunders diz: “Cunhei o termo ‘dor total’ do meu entendimento de que as pessoas que estão morrendo têm dores físicas, espirituais, psicológicas e sociais que devem ser tratadas”.[82]

Para muitas pessoas, a maior dor na morte é o isolamento emocional.

Saunders argumentou que o cuidado médico deveria ser equilibrado por outras formas de cuidado: cuidado paliativo para controlar a dor, aconselhamento psicológico para apoio emocional e auxílio prático para a família cuidadora. No centro de cuidados paliativos, o objetivo final é permitir ao paciente viver o mais integralmente possível nos seus meses finais, com uma mente clara, cercado pela família e pelos amigos. Muitas vezes, os pacientes descobrem que esse se torna um tempo de resolver conflitos em relacionamentos, fortalecer laços com os seus amados e trabalhar os desafios espirituais de enfrentar a sua mortalidade. Pode ser um estágio profundamente significativo de sua vida.

Os cuidados paliativos mudaram até mesmo a mente de alguns não cristãos. Ian Haines, um oncologista que se descreve como humanista secular, costumava acreditar que "a eutanásia era a única solução humana. Agora não acredito mais nisso". O que transformou a sua mente? Como explica Haines, as técnicas de gerenciamento de dor têm avançado ao ponto que a maioria dos pacientes não sofre mais com dores excruciantes, mas consegue envolver-se em atividades relevantes. Há "oportunidades para que os pacientes e as suas famílias compartilhem momentos profundos e comoventes de união e reflexão, ou cuidem de netos recém-nascidos, ou participem de casamentos ou formaturas". Os partidários da morte defendem a eutanásia como uma "morte com dignidade". Haines, porém, conclui: "Tenho visto os cuidados paliativos alcançarem um ponto onde os doentes terminais podem morrer com a mesma dignidade, ou mais, do que a eutanásia pode fornecer".[83]

Infelizmente, essa está se tornando uma visão minoritária na bioética atual, mesmo no movimento de cuidados paliativos. Muitos profissionais de cuidados paliativos estão aceitando a cosmovisão de dois andares que justifica a eutanásia e o suicídio assistido. Como um defensor da eutanásia declarou, eles estão transformando "os cuidados paliativos em veneno".[84]

A CULTURA DA MORTE NÃO PERMITE DIVERGÊNCIAS

O que os especialistas em bioética debatem hoje acaba um dia virando lei, aplicada por meio dos tribunais. Isso já está acontecendo em países que

legalizaram o suicídio assistido. Na Holanda, em 2015, um médico foi processado por recusar-se a assinar um pedido para um paciente obter as drogas para cometer suicídio. Na Bélgica, em 2016, um centro católico de cuidados foi processado por recusar-se a permitir que um médico desse uma injeção letal em uma mulher por causa das premissas da igreja.[85]

Na cultura da morte, as divergências não são permitidas.

Isso quer dizer que, algum dia, os profissionais médicos cristãos do mundo todo poderão ser forçados pela lei a agir contra as suas convicções bíblicas — ou perder o seu emprego e fechar as suas instalações médicas. É imperativo agir agora para persuadir os nossos colegas, vizinhos, alunos e filhos para uma visão mais humana da vida.

Precisamos desesperadamente de uma visão bíblica também no campo da ética sexual. No próximo capítulo, descobriremos que, de forma surpreendente, a ética sexual secular está baseada no mesmo dualismo de dois andares corpo/pessoa que motiva o aborto e a eutanásia. Quando compreendermos como a visão dividida do ser humano molda a cultura do sexo casual, estaremos mais bem equipados para falar da verdade que cura no meio do caos sexual de hoje.



Capítulo 4

SEXO ESQUIZOFRÊNICO

Sequestrado pela cultura do sexo casual

Depois de fazer uma apresentação sobre apologética recentemente em uma igreja local, fui cercada por vários jovens na casa dos 20 anos. “Agora precisamos conversar sobre como conseguir um encontro”, disse um jovem, com um sorriso irônico. “Talvez você possa nos dar algumas dicas.” Conforme se sucediam os comentários, descobri que ninguém daquela meia dúzia de rapazes tinha tido um relacionamento amoroso.

A cultura atual do “ficar” enaltece o sexo impessoal, mas não tem ideia de como começar um relacionamento real. Uma noite em que você só sai para jantar e conversar? Nenhum daqueles jovens tinha passado por isso.

Na Faculdade de Boston, a professora Kerry Cronin ficou chocada quando descobriu que nenhum dos alunos de fim de curso de seu seminário havia tido um relacionamento sério até aquele momento. Kerry, então, começou a incluir lições sobre relacionamentos. A última tarefa: você deve convidar alguém para sair. Ao longo dos anos, a tarefa “Saia com alguém” de Cronin alcançou uma notoriedade considerável no campus. Ela foi apelidada de “doutora de relacionamentos”.[1]

Qual o diagnóstico da doutora? Por que tantos jovens adultos perderam a capacidade de formar relacionamentos? Porque o “script social” que eles ouvem diz a eles com frequência que se divertir significa envolver-se em relacionamentos físicos sem ligação emocional.

Se você não tem conversado com jovens nos últimos tempos, pode não perceber como a cultura do ficar é cruel. O “ficar” pode significar qualquer nível de envolvimento físico: desde o beijo até o ato sexual propriamente dito. Segundo as regras do jogo, você não deve envolver-se emocionalmente. Sem relacionamento, sem comprometimento, sem exclusividade. O script diz que você deve conseguir sair daquela experiência como se ela não tivesse acontecido.

A pesquisadora Donna Freitas, depois de entrevistar centenas de estudantes, concluiu que a cultura do ficar “cria uma divisão drástica entre a intimidade

física e a intimidade emocional". Ela ensina os jovens a não "levarem em conta a pessoalidade do outro".[2]

Será que a cultura do ficar reflete o mesmo conceito de pessoalidade que sustenta os argumentos para o aborto, o infanticídio e a eutanásia? Por mais que pareça surpreendente, a resposta é sim. O mesmo dualismo cartesiano é responsável pela "divisão drástica" que Freitas observou entre a intimidade física e emocional. A mentalidade dualista incentiva os jovens a dissociarem o seu corpo sexual de quem eles são como pessoa integral. Ela desvaloriza o corpo e retira a profundidade moral e emocional dos relacionamentos.

Os jovens precisam desesperadamente ouvir a ética bíblica estruturada em termos positivos, mostrando que ela supera a divisão de dois andares — que reintegra corpo e pessoa. Quando os jovens aprendem como "considerar a pessoalidade do outro", o resultado será relacionamentos sexuais muito mais saudáveis e satisfatórios.

O QUE DIZ A ROLLING STONE

O que significa dizer que a cultura do ficar está baseada no dualismo cartesiano? A maioria dos estudantes universitários provavelmente nunca leu Descartes. No entanto, podem descrever perfeitamente a mentalidade dividida. Em uma entrevista para a revista Rolling Stone, uma estudante chamada Naomi disse que o sexo casual fez "as pessoas presumirem que há dois elementos muito diferentes em um relacionamento, um emocional e um sexual, e elas fingem que há linhas claras entre eles".[3]

Você reconhece a linguagem do dualismo? Os jovens presumem que os relacionamentos pessoais podem ser apenas físicos (andar inferior), desconectados da mente e das emoções (andar superior) — com "linhas claras" entre eles. Esse é o espírito na máquina de Descartes sob um novo disfarce. Você pode visualizar a divisão assim:

A cultura do ficar: "linhas claras entre eles"

PESSOAL

Relacionamento Mental e Emocional

FÍSICO

Relacionamento Sexual

O ato sexual, a mais íntima das relações corporais, foi desconectado das relações pessoais. O sexo é considerado uma atividade puramente recreativa que pode ser desfrutada sem qualquer vestígio de amor ou compromisso. O que importa é o consentimento (como se simplesmente concordar em fazer alguma coisa torne isso certo).

Os jovens conseguem recitar o script decorado, mesmo que não gostem muito dele. Uma estudante universitária chamada Alicia diz: “O sexo casual tem um script muito claro. [...] Você aprende a desligar tudo, exceto o seu corpo, e a tornar-se emocionalmente invulnerável”.[4] Outro estudante, Fallon, lamenta: “O sexo deveria partir da intimidade emocional, mas o que acontece conosco agora é o oposto”. Uma graduanda chamada Stephanie queixa-se: “É primeiro o corpo, depois a personalidade”.[5]

A sexualidade é tratada não como expressão corporal do nosso ser, mas apenas como um instrumento de recreação e alívio físico.

O QUE MILEY CYRUS ACHA DIFÍCIL FAZER

Entretanto, viver o script do sexo casual não é fácil. Em suas entrevistas, Donna Freitas descobriu que os estudantes têm que trabalhar muito para dissociar os seus sentimentos de seus encontros sexuais. Eles acham que os encontros sexuais sem significado são muito frustrantes. Sentem-se feridos e solitários. Em particular, admitem que desejam saber como ir mais fundo — como criar um relacionamento genuíno onde são conhecidos e apreciados pelo que são como um todo. Até mesmo Miley Cyrus diz: “Sexo casual é fácil. Você consegue encontrar alguém para transar em cinco segundos. Só que queremos alguém com quem possamos conversar e sermos nós mesmos. Isso torna a escolha bem reduzida”.[6]

Ao mesmo tempo, os estudantes sentem muita pressão para não admitir a sua insatisfação com o cenário do sexo casual. Eles disseram à Donna que, se você admite que quer mais do que sexo, será tachado de carente, pegajoso e dependente. Uma estudante chamada Amanda disse: “É uma competição para ver quem se importa menos. [...] Só que se você expressa isso, é como se fosse fraca, não independente, como se tivesse ficado completamente alienada da terceira onda do feminismo”.[7]

Para suprimir as suas emoções, os estudantes muitas vezes voltam-se para o álcool. Muitos admitem que se embebedar é a única maneira de conseguir ter relações sexuais com alguém de quem não gostam ou que nem conhecem. Uma estudante foi particularmente direta: embora ela tivesse um parceiro sexual regular, admitiu que sem álcool os dois não conseguiam nem sustentar uma conversa. “Na verdade, não gostamos um do outro quando estamos sóbrios”, contou ao New York Times. “Não conseguimos nem nos sentar e tomar café juntos.”[8]

George Bernard Shaw destacou o mesmo problema em sua peça de 1932, Too True to Be Good [Verdadeiro demais para Ser Bom], usando até mesmo a imagem de um andar superior e um andar inferior. Uma personagem diz: “Quando homens e mulheres escolhem um ao outro apenas para um pouco de diversão, descobrem que escolheram mais do que esperavam, porque homens e mulheres têm um andar superior assim como um piso térreo”. Ele acrescenta: “Não podemos ter um sem o outro. Sempre tem alguém tentando; mas isso não funciona”.[9]

Os jovens de hoje ainda estão “tentando” desesperadamente, mas isso ainda não funciona. Donna escreve: “Não importa que os estudantes contem vantagem para

os seus amigos, a maioria deles não consegue isolar as dimensões emocionais da intimidade sexual”.[10]

O fato de que isso não funciona deve dizer-nos alguma coisa. Significa que a cultura do ficar está fundamentada em um conceito inadequado da natureza humana. As pessoas estão tentando viver uma cosmovisão que não se encaixa em quem elas realmente são. Como os seres humanos são criados à imagem de Deus, a visão secular nunca vai coincidir com a experiência real. O parafuso quadrado de suas convicções nunca vai encaixar-se no buraco redondo da realidade. O que isso quer dizer, na prática, é que os não cristãos sempre vão chegar em algum ponto de contradição entre a sua cosmovisão secular e a sua experiência de vida real.

Essa contradição dá-nos abertura para defender que a visão secular tem falhas. Ela não se encaixa na realidade. Os jovens estão tentando viver em uma cosmovisão que não coincide com a sua natureza verdadeira, e isso os está despedaçando com as suas dores e aflições.

…

O ESPÍRITO NA MÁQUINA DO SEXO

A chave para entendermos a ética secular é que ela está baseada em uma visão materialista da natureza. Ela diz que o nosso corpo é produto de forças darwinistas amorais e sem propósito e, portanto, é moralmente neutro. A implicação disso é que não importa o que fazemos com o nosso corpo. O ser é livre para usar o corpo como quiser, sem consequências morais.

“O sexo não levanta nenhuma questão moral”, diz Peter Singer, de Princeton. “As decisões sobre o sexo podem envolver considerações de honestidade, preocupação pelos outros, prudência e assim por diante, mas não há nada especial no sexo a esse respeito, pois o mesmo pode ser dito de decisões sobre a direção de um carro.”[11] Para Singer, o ato sexual em si é amoral. Não tem nenhum significado moral. A única dimensão moral vem de atitudes associadas

como honestidade e prudência — como dirigir um carro.

Como essa visão amoral mostra-se na prática? A autora feminista Naomi Wolf descobriu em amplas entrevistas com estudantes. Uma jovem disse: “Temos uma agenda muito apertada. Por que conhecer alguém antes? É uma perda de tempo. No sexo casual, podemos satisfazer as nossas necessidades e seguir o nosso caminho”.[12] Essa visão deprimente e unidimensional da sexualidade presume que o sexo é apenas uma necessidade física — que não há um anseio mais profundo, porém integral de conectar-se com outra pessoa. Encontros sexuais anônimos são o suficiente para “satisfazer as nossas necessidades”.

Podemos chamar isso de a representação de Provérbios 30 da sexualidade, com o seu retrato de alguém que cometeu adultério: “Ela come, e limpa a sua boca, e diz: Não cometi maldade” (Pv 30.20). Em outras palavras, sexo é apenas um apetite natural, como alimentar-se. Quando você sente fome sexual, você simplesmente a satisfaz sem problemas. É uma visão desanimadora e inferior da sexualidade.

Alguns podem pensar que o hedonismo sexual dá ao sexo importância demais, mas, na realidade, ele dá ao sexo importância de menos, pois trata o corpo como nada mais do que um organismo físico motivado por necessidades físicas. Trata o sexo como um ato estritamente físico isolado da rica vida interior da pessoa integral. Assim, priva o sexo de sua profundidade, separando-o de seu significado como autodoação entre um homem e uma mulher casados e comprometidos a construir toda uma vida juntos.

Por trás de toda essa mentira sobre o sexo como diversão, está, na verdade, “um desespero fundamental” sobre o corpo, explica a autora católica (e ex-lésbica) Melinda Selmys. “Por trás de toda a pompa do sexo livre e do autoamor, há uma crença fundamental de que o corpo não significa nada, que é insignificante no sentido literal: sem significado.” Portanto, o que você faz com o corpo não tem consequências morais. “Você pode fazer o que quiser com ele”, diz Selmys. “Pode satisfazê-lo com um aspirador de pó ou [...] pode dá-lo a qualquer um por qualquer motivo. É apenas um tipo de máquina, uma ferramenta que você pode usar e trocar por qualquer coisa que satisfaça os seus caprichos.”

Quando os cientistas e filósofos decidem que a natureza é apenas uma ampla máquina, isso tem implicações para a moralidade. O corpo humano torna-se uma “máquina lubrificada”. Como conclui Selmys, devemos aceitar implicitamente

que “nosso corpo não é o nosso, é apenas uma casca, ou um robô suculento, que o eu real — o espírito incorpóreo — controla”.[13]

O espírito na máquina do sexo.

Na literatura do movimento pela ecologia, muitas vezes afirma-se que o dualismo cartesiano alienou-nos da natureza, levando-nos a maltratar e poluir o meio ambiente. Porém, raramente fazemos a conexão com a moralidade: o mesmo dualismo alienou muitas pessoas de seu corpo, levando-as a maltratar o seu corpo sexualmente. Como diz Meilander, o movimento ambiental ensinou-nos que “não [deveríamos] tratar a natureza simplesmente como um objeto sobre o qual exercemos domínio”. Mesmo assim, muitas pessoas estão “estranhamente despreocupadas quando objetificamos e instrumentalizamos o corpo”.[14]

As feministas reclamam que o hedonismo sexual objetifica as mulheres, mas o problema é bem mais profundo: ele objetifica o próprio corpo humano.

“SEJA COMO AS ESTRELAS PORNÔ”

Infelizmente, a cultura adulta não está ajudando. Os cursos de educação sexual normalmente se concentram apenas na dimensão física: as partes do corpo, os riscos para a saúde, como evitar a gravidez e a mecânica do sexo. As universidades convidam empresas de brinquedos sexuais para exibir os seus artigos no campus. Na Semana Sexual da Universidade de Yale, estrelas pornô foram convidadas como palestrantes, e os estudantes foram convidados para participar de seminários sobre tópicos como sadomasoquismo, incesto e bestialidade. “A mensagem: Não seja entediante. Seja como as estrelas pornô”.[15] Acontece que os programas de educação sexual não ensinam como formar e manter um relacionamento.

A cultura adulta está, em essência, dizendo aos jovens que eles são maduros, que estão prontos para o sexo se conseguirem ser descompromissados e desconectados emocionalmente. Shalit diz que a mensagem nesse tipo de literatura é que aqueles que conseguem separar o sexo do amor são sofisticados. “Estão prontos para embarcar em uma vida de encontros sem significado. Pelo contrário, aqueles que ainda sonham com o amor são imaturos e deveriam voltar

a brincar com bonecas e carrinhos até que sejam insensíveis o bastante para buscar a ‘não intimidade’ sexual.”[16]

Os educadores têm tanto medo de serem “moralistas” que se submetem ao código rígido do “politicamente correto” que governa o que dizem aos alunos. Uma psiquiatra da Universidade da Califórnia em Los Angeles, Miriam Grossman, revela que não obteve permissão para aconselhar alunos em termos morais de certo e errado — ou mesmo para desincentivar comportamentos nocivos. Ela ficou tão frustrada com as limitações colocadas sobre o seu aconselhamento que escreveu um livro chamado Unprotected: A Campus Psychiatrist Reveals How Political Correctness in Her Profession Endangers Every Student [Desprotegidos: uma Psiquiatra do Campus Revela como o Politicamente Correto em sua Profissão Coloca em Perigo todos os Estudantes].

Por exemplo, Miriam descreve uma caloura chamada Olivia que foi conversar com ela em depressão profunda por causa da primeira relação sexual com um rapaz que a largou logo depois. “Por que, doutora?”, perguntou ela, “por que eles falam sobre como proteger o seu corpo — do herpes e da gravidez — mas não falam do que isso faz com o seu coração?”.

“Realmente, por quê?” — pergunta Miriam. “Por que os estudantes são inundados com informações sobre contracepção, dieta saudável, higiene do sono, como lidar com estresse e pressão, mas não ouvem uma palavra sobre o caos que o sexo casual lança sobre as emoções de uma jovem?”.[17] Apesar de suas amplas pesquisas, Miriam não achou quase nenhum material de educação planejado para levar os jovens para além da dimensão física.

A educação sexual reduz o significado do sexo a um manual de como fazer.

Estamos desmoralizando os jovens ao sugerir que a única proteção de que precisam é instrução sobre como usar drogas e dispositivos para um sexo seguro. Isso os infantiliza, negando a eles qualquer ação moral em um contexto em que precisam desesperadamente ser capacitados para agir como agentes morais — em questões que afetam a sua saúde física, psicológica e espiritual. Um estudante chamado Vu Le escreve em um jornal estudantil: “Estou espantado ao ver que não há nenhum curso acadêmico ou orientação nessa área tão importante: o Relacionamento Romântico”.[18]

E não nos esqueçamos de outro segmento da cultura adulta que empurra os

jovens para a experimentação sexual precoce. Empresas e corporações são cúmplices na sexualização de crianças, produzindo moda vulgar para meninas pequenas — chegando até as roupas para bebês que dizem “Sou Sexy Demais para as Minhas Fraldas”. As bonecas transformaram-se em “vadias” usando meia arrastão, lingerie vermelha e maquiagem pesada. Anunciantes usam o sexo para vender; cineastas usam o sexo para seduzir o público; músicos incorporam letras sexualizadas em suas músicas e vídeos.

A ironia é que, quando os jovens experimentam a sua sexualidade, normalmente acham que estão se rebelando contra a cultura adulta. Só que, na realidade, eles só estão seguindo o script que a cultura adulta está apresentando a eles. Estão caindo no argumento do vendedor. A rebelião real em nossos dias é praticar a castidade. Isso exige coragem genuína.

“SEM NOMES, SÓ SEXO”

Por que a moralidade sexual secular coloca uma ênfase tão grande no distanciamento emocional? Porque, se o objetivo principal é o prazer, então levar em consideração o parceiro como uma pessoa integral atrapalha o jogo. “Quando o sexo é reduzido a uma troca de prazeres, a personalidade do outro torna-se um fardo”, explica Selmys.

Se o propósito da sexualidade é apenas o prazer, mais cedo ou mais tarde o outro, com a sua personalidade e os seus próprios desejos individuais, tornar-se-á um fardo pesado. O ideal, então, torna-se “sem nomes, só sexo”; os parceiros usam um ao outro para obter um prazer particular, tentando o máximo possível permanecer totalmente separados, em seus próprios domínios de experiência subjetiva.[19]

Reconhecer a pessoalidade individual do outro é um “fardo” para o sexo

impessoal.

A ironia é que o sexo impessoal raramente é satisfatório, até mesmo para quem o procura. O prazer da atividade sexual não é apenas físico. Quando buscamos outra pessoa, não somos levados por um desejo de mero prazer físico, mas por uma esperança de conseguir, ao menos, algum nível de contato pessoal.

William Beardslee, professor de Psiquiatria na Universidade de Harvard, diz que os jovens estão tentando persuadir-se de que "a verdadeira intimidade sexual está desconectada da intimidade pessoal". Acontece que eles estão se enganando.[20] Os seres humanos não conseguem deixar de funcionar como uma unidade corpo-pessoa — que é exatamente o que a cosmovisão bíblica diz que somos.

O Cristianismo muitas vezes é acusado de ser negativo por causa de seu ensino sobre pecado e culpa. Contudo, na realidade, ele tem uma visão muito mais positiva da sexualidade do que a visão secular. Como Juli Slattery e Dannah Gresh escrevem em Pulling Back the Shades [Afastando as cortinas]: "A verdade é que fomos criados para algo mais! A sua sexualidade não foi feita para ser separada de seus anseios espirituais e relacionais mais profundos, mas para ser uma expressão deles".[21]

PORNOGRAFIA X INTIMIDADE

O exemplo mais extremo de sexo despersonalizado é a pornografia. O espectador desconecta o corpo da mulher de qualquer interesse em quem ela é como pessoa. A pornografia separa o que deveria ser integrado, tratando o corpo como um objeto ou instrumento para os propósitos individuais de alguém.

Tragicamente, é na pornografia que muitos jovens estão obtendo a sua educação sexual hoje em dia. Naomi Wolf descreve estudantes que ela entrevistou em uma grande universidade: "Ficou claro que, depois de uma década tendo acesso à Internet, eles tinham muita intimidade com a pornografia, mas a intimidade — e o coração do sexo oposto — eram um mistério cada vez maior".[22]

Desde a infância, os jovens são inundados com imagens sexuais, mas a intimidade sexual está cada vez mais difícil de atingir.

Até mesmo pesquisadores seculares estão ficando cada vez mais alarmados com as consequências danosas da pornografia. A pornografia é “uma crise de saúde pública”, alertou um artigo do Washington Post. “A ciência agora é incontestável.” Por exemplo: “Em uma análise de conteúdo dos filmes pornográficos mais comprados e alugados, os pesquisadores descobriram que 88% das cenas analisadas continham agressão física”. A maioria das vítimas era mulheres. Como resultado, aqueles que assistiam à pornografia dominante “tinham maior probabilidade de dizer que cometeriam estupro ou abuso sexual (se soubessem que não seriam pegos)”.[23]

Hoje, a idade média na qual um menino descobre a pornografia é 9 anos. Até chegar à idade adulta, ele já consumiu pornografia por mais de uma década. Como isso afeta os seus relacionamentos com as mulheres de verdade? A revista Time relata: “Muitos deles são simplesmente incapazes de experimentar uma resposta sexual com uma mulher real, viva. Só conseguem responder à pornografia. De fato, eles preferem a pornografia”.[24] Em outras palavras, eles preferem não ter o problema de lidar com uma pessoa de verdade.

Quando esses homens se casam, eles ficam chocados — chocados mesmo — ao descobrir que a pornografia destruiu a sua capacidade de relacionar-se com as esposas. Ela simplesmente os treinou para objetificar o sexo oposto. Eles literalmente não sabem como se relacionar com uma mulher como pessoa integral.

O primeiro estudo longitudinal sobre pornografia descobriu que os homens que começam a assistir a pornografia depois do casamento têm duas vezes mais chance de divorciarem-se.[25] Outros estudos descobriram que assistir a pornografia na verdade encolhe o cérebro e reduz a atividade neural.[26] Existem agora dados sólidos que mostram que a pornografia é viciante, destrói relacionamentos e alimenta o tráfico sexual e a prostituição.

Mesmo assim, surpreendentemente, adolescentes e jovens adultos tendem a minimizar a pornografia como algo não importante. Em uma pesquisa Barna, eles classificaram-na como menos moralmente condenável do que “comer demais” ou “não reciclar”.[27] Como consequência, uma organização chamada Fight the New Drug [Lute contra a Nova Droga] dirige-se especialmente aos jovens com a mensagem de que “a pornografia mata o amor”. Por exemplo, uma pesquisa descobriu que a pornografia coloca uma pressão enorme sobre as mulheres:

Meninas e jovens mulheres estão sob muita pressão para dar aos meninos e homens o que eles querem, para tornar-se uma personificação na vida real daquilo que os meninos assistiram na pornografia, adotando papéis e comportamentos exagerados e fornecendo os seus corpos como simples subsídios sexuais. Ao crescer na cultura pornográfica de hoje, as meninas aprendem rapidamente que são estações de serviço para a gratificação e prazer masculinos.[28]

Há um motivo pelo qual Jesus disse que o pecado apossa-se de nós primeiramente em nosso coração: "Qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela" (Mt 5.28). Poderíamos traduzir isso em linguagem moderna dizendo: "Não objetifique as mulheres. Não retire delas a sua identidade como pessoas completas reduzindo-as a objetos da sua cobiça sexual". A pornografia está treinando uma geração de jovens a violar a proibição de Jesus ao envolver-se em sexo despersonalizado. E os hábitos mentais ensinados pela pornografia contaminam os relacionamentos reais.

O próximo passo, dizem alguns, é o sexo robótico (com bonecas sexuais). Os futuristas preveem que, em dez anos, os robôs sexuais irão tornar-se mais populares do que a pornografia. O primeiro prostíbulo de bonecas sexuais já abriu em Barcelona, Espanha.[29] Uma filosofia materialista está ensinando às pessoas que elas são apenas mecanismos complexos, e agora estamos vendo o resultado lógico — a substituição de pessoas reais por máquinas. Eis a despersonalização definitiva.

A CIÊNCIA DO SEXO

A ironia é que a ciência está descobrindo constantemente novas evidências da interconexão profunda entre corpo e pessoa. Abra qualquer livro recente sobre sexualidade e você lerá sobre o papel dos hormônios como a ocitocina e a

vasopressina. Os cientistas descobriram sobre a ocitocina por causa de seu papel no parto e na amamentação. A substância é liberada quando uma mãe acalenta o seu bebê e estimula um instinto de cuidado e proteção. É muitas vezes chamada de hormônio do apego.

Imagine a surpresa quando os cientistas descobriram que a ocitocina é também liberada durante o ato sexual, especialmente (mas não exclusivamente) nas mulheres. Como consequência, o desejo de apegar-se ao outro quando temos relações sexuais não é apenas uma emoção, mas também parte de nossa química interna. Já se demonstrou que a ocitocina cria um sentimento de confiança. Como escreveu um terapeuta sexual, quando temos relações sexuais, criamos "um compromisso químico involuntário".[30]

O desfecho é que, mesmo que você pense que está tendo um relacionamento casual, na verdade está criando um laço químico — quer você queira, quer não. Um colunista de aconselhamento da revista Glamour alerta que, por causa dos hormônios, "muitas vezes nos apegamos de forma prematura". Mesmo quando a sua intenção é apenas o sexo casual, "a biologia pode ultrapassar as suas intenções".[31]

Deve ser por isso que Paulo disse: "Todo pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo" (1 Co 6.18). O sexo envolve o nosso corpo até o nível da bioquímica.

O mesmo é verdade para os homens. A principal substância neuroquímica responsável pela resposta masculina no contato sexual íntimo é a vasopressina. Ela tem estrutura similar à ocitocina e efeito emocional similar. Os cientistas acreditam que estimula a ligação com uma mulher e com os filhos. A vasopressina foi apelidada de molécula da monogamia.[32]

Como observa Grossman: "Podemos dizer que fomos projetados para nos conectarmos".[33]

As palavras de Paulo soam ainda mais verdadeiras hoje do que no seu tempo: "Ou não sabeis que o que se ajunta com a meretriz faz-se um corpo com ela? Porque serão, disse, dois numa só carne" (1 Co 6.16). Lauren Winner, da Universidade de Duke, traduz as palavras de Paulo assim: "Você não sabe que, quando dorme com alguém, o seu corpo faz uma promessa, mesmo que você não faça?".[34]

A implicação é que ter repetidas relações de sexo casual envolve quebrar repetidas vezes essa “promessa” corporal. Não é espanto algum que as separações são tão dolorosas que muitos jovens cultivam uma atitude cínica simplesmente para superar a dor. Em muitos casos, o seu distanciamento emocional é uma forma daquilo que os psicólogos chamam de distanciamento defensivo: “Tenho medo que você me machuque, então vou construir um muro emocional para evitar ficar vulnerável a você”. Como resultado, entretanto, a conexão profunda fica ainda mais difícil. Mesmo quando os jovens adultos querem casar-se, eles têm mais dificuldade de assumir um compromisso duradouro. Uma enquete da YouGov descobriu que quase metade da geração millennial desistiu da esperança — ou mesmo do desejo — de ter um relacionamento monogâmico.[35]

A cultura do ficar está desfiando o tecido social. Ela produz adultos isolados e alienados que se unem temporariamente para liberação fisiológica. Ao separarem-se repetidas vezes (ou nunca se conectarem de verdade), muitas pessoas não conseguem aprender como formar os laços fortes e resilientes necessários para criar casamentos e famílias felizes, satisfatórios e de longa duração.

Até mesmo a pornografia tem o seu poder viciante porque, literalmente, muda a química do nosso cérebro. Como outros gatilhos viciantes, a pornografia inunda o cérebro com dopamina. Essa investida de substâncias químicas cerebrais, quando acontece de forma repetida, reconstrói o caminho de recompensa do cérebro e torna-se uma configuração padrão.

Os neurocientistas chamam isso de neuroplasticidade: neurônios que disparam juntos, que permanecem conectados.

Em algum momento, o cérebro fica sobrecarregado com a sobrecarga química e desliga alguns de seus receptores de dopamina — o que significa que quem assiste a pornografia não consegue a mesma sensação e tem que buscar algo mais pesado para sentir o mesmo efeito de dopamina. É por isso que a pornografia é viciante.[36]

As últimas descobertas da ciência estão confirmando que o ser humano é um ser integral e unificado. A divisão corpo/pessoalidade não é a verdade de quem somos. De fato, o motivo pelo qual é necessária toda essa educação e desprogramação sexual dos jovens é precisamente porque eles, por natureza, não

se desenvolvem com encontros sexuais casuais e sem significado. Eles anseiam por intimidade e fidelidade emocional.

SEM PROZAC PARA O CORAÇÃO

Quando não conseguem encontrar intimidade e fidelidade, muitas pessoas procuram ajuda na Psicoterapia. O psiquiatra dr. Paul McHugh diz que muitas jovens consultam-no porque continuam a envolver-se sexualmente com homens que não querem casar-se. “Deve haver algo errado comigo”, dizem essas mulheres. “Dr. McHugh, receite-me um comprimido.” Elas estão pedindo Prozac para ajudá-las a superar a sua dor e frustração. “Não há nada errado com você”, responde McHugh a cada uma delas. O problema é que o mundo está pressionando-a para “pular imediatamente na cama com todos esses homens”.[37]

A professora de filosofia Anne Maloney relata a mesma angústia entre as suas alunas: “Não é coincidência que as duas drogas mais prescritas no centro médico de nossa universidade sejam antidepressivos e pílulas anticoncepcionais”.[38]

Contudo, nenhuma quantidade de Prozac ou Zoloft resolverá essa forma de depressão.

Os homens jovens muitas vezes sentem uma pressão maior para não admitir a sua insatisfação com a cultura do sexo casual, mas muitos estão ficando cínicos. Um repórter da revista Vanity Fair entrevistou vários rapazes que usam aplicativos de relacionamento como o Tinder. Cerca de 100 milhões de pessoas estão usando os seus celulares como um tipo de clube de solteiros portátil e diário. “É como pedir comida pelo iFood”, diz Dan, um banqueiro de investimentos, referindo-se ao aplicativo de entrega de comida. “Só que você está pedindo uma pessoa.”

Será que os homens estão felizes com o “serviço de entrega”? Não. Eles reclamam que os aplicativos deixam os encontros tão acessíveis que reduzem todo o incentivo para formarem relacionamentos. “Quando perguntados se havia alguma coisa que eles não gostavam nos aplicativos de relacionamento”, escreve o repórter, repetidas vezes os jovens respondiam: “‘Fácil demais’, ‘Fácil demais’, ‘Fácil demais’”. Alex, um nova-iorquino de 25 anos, lamentou: “O

romance está completamente morto”.[39]

Um jovem citado pela organização de pesquisas em saúde Verily diz: “Não me conformo com a maneira como os anúncios e a TV mostram e a cultura pop retrata a ideia de que os homens querem apenas relacionamentos casuais. [...] Quem é que se satisfaz com isso? Todos queremos algo que dure, alguém em quem possamos nos apoiar e confiar. Queremos relacionamentos autênticos baseados em sacrifício, e não apenas em sentimentos fugazes e prazer”.[40]

…

O QUE O TERAPEUTA SEXUAL PRESCREVE

Roger Libby é um terapeuta sexual que apareceu em todos os grandes programas de entrevista dos Estados Unidos, como Oprah, Donahue e Geraldo. Sua contribuição tão aclamada é incentivar os casais a terem uma DPS: uma Discussão Pré-Sexo para conhecerem-se melhor. Com todo o floreio de anunciar uma descoberta inovadora, Libby diz que os relacionamentos sexuais são mais satisfatórios quando o casal de fato conversa antes. “A DPS é uma conversa íntima e divertida que informa os futuros amantes sobre os sentimentos, desejos e expectativas um do outro. [...] A DPS incentiva a honestidade mútua; sexo sem honestidade não é significativo, divertido, nem durável.” Libby conclui que “uma DPS bem conduzida minimiza os perigos e maximiza os prazeres”.[41]

Quem adivinharia? Se as pessoas se conhecerem como pessoas, mesmo que só um pouco, na verdade experimentarão um prazer sexual maior. Deve ser por isso que os estudos mostram de forma sistemática que as pessoas mais felizes sexualmente são cristãos conservadores casados e de meia idade.[42]

Como é que tantos ocidentais perderam de vista uma verdade tão sensata? Quais são as raízes mais profundas da cultura do ficar? Podemos ajudar as pessoas a formarem uma ideia mais verdadeira sobre a sexualidade se soubermos de onde vieram as falsas ideias e de como elas foram desenvolvidas. Como vimos no capítulo 3, depois do Iluminismo, muitos pensadores importantes começaram a

adotar uma cosmovisão materialista, que enxerga os seres humanos como nada além de organismos físicos complexos. A conclusão lógica é que o objetivo da vida é evitar a dor física e maximizar o prazer físico.

O que uma cosmovisão materialista faz com realidades não materiais como ideais e princípios morais? Os ideais não podem ser observados, pesados ou medidos em laboratório. Ou seja, materialistas absolutos consideram-nos irreais. Eles aprovam uma ética utilitarista na qual o único bem é o prazer. “O grande marco histórico do Iluminismo é a validação do prazer”, diz o historiador Roy Porter. “A nova ciência promoveu modelos mecânicos do homem, em essência, como uma máquina motivada a perseguir o prazer e a evitar a dor.”[43]

Certa vez perguntaram-me em um programa de rádio: “Por que os Estados Unidos estão no caminho de uma depravação moral tão grande?”. Eu respondi: “Isso prova o poder das cosmovisões em nossa mente. Se é verdade que os seres humanos são apenas máquinas complexas, operando por mecanismos de estímulo e resposta, a conclusão lógica é que são movidos apenas por prazer e dor. Os seus corpos são máquinas de prazer. E eles podem usar o corpo da maneira como bem entenderem, contanto que isso maximize o prazer físico”.[44]

A RELIGIÃO DO SEXO

Quem são os principais pensadores que forjaram o ethos sexual moderno — cujas ideias moldaram o que é ensinado nos livros atuais, do jardim de infância até a faculdade? Quando olhamos para a história dessas ideias, descobrimos que, ironicamente, até mesmo aqueles que adotam uma cosmovisão materialista pura muitas vezes acabam transformando o sexo em uma religião substituta. Se você imagina o assunto no andar inferior, até mesmo os materialistas continuam escalando para o andar superior e alegando um significado religioso para a sexualidade.

E, quando o sexo torna-se uma religião, nada pode ficar em seu caminho — especialmente a moralidade cristã. Todos os teóricos sexuais mais importantes são “críticos da moralidade” (para pegar emprestada uma expressão do filósofo Brian Leiter). Eles tratam a moralidade como um obstáculo à felicidade humana, uma força do mal da qual precisamos ser libertos.[45] Vamos conhecer alguns dos

mais influentes e aprender como eles moldaram a ortodoxia sexual politicamente correta de hoje.[46]

SIGMUND FREUD: SEXO COMO INSTINTO

Sigmund Freud encaixa-se no estereótipo do cientista alemão, com os seus óculos redondos e barba branca pontuda e um grande charuto entre os dedos. Freud era um darwinista dedicado e que tratava a sexualidade apenas como impulso biológico. Ele escreveu que o prazer é "o propósito principal" de todo o nosso "aparato mental". Jonathan Ned Katz, um historiador da sexualidade, diz que Freud concebia a pessoa como "uma máquina que tinha a satisfação como a sua missão".[47]

Freud admitia que a restrição sexual é necessária para a civilização, mas ensinava que, para o indivíduo, ela é nociva e insalubre, levando à neurose. Ele não sentia nada além de desprezo pelas pessoas que mantinham o sexo dentro do laço de aliança do casamento: "Apenas os fracos conformam-se com uma invasão tão brutal de sua liberdade sexual".[48] Freud teve enorme influência em persuadir o mundo moderno de que a liberação sexual é o caminho para a saúde mental e sexual.

Δ Margaret Sanger: Sexo como salvação

Margaret Sanger, fundadora da Planned Parenthood [Paternidade Planejada], foi outra crítica da moralidade. Ela descreveu o grande drama da história como uma luta para libertar o nosso corpo e a nossa mente dos grilhões da moralidade — "a moralidade cruel da autonegação e do 'pecado'". Em seu ponto de vista, a liberação sexual era "o único método" pelo qual uma pessoa poderia encontrar "paz interior, segurança e beleza".[49] Era também o meio para avançarmos para o próximo nível de evolução — para "remodelar a raça" e criar "uma civilização real".

Sanger chegou a recorrer à linguagem explicitamente religiosa: “Por meio do sexo, a humanidade pode obter a grande iluminação espiritual que transformará o mundo, que iluminará o único caminho para um paraíso terreno”.[50]

Se isso não é uma visão religiosa, não sei o que poderia ser. Para os pensadores materialistas, a imersão nos instintos biológicos tornou-se nada menos do que um meio de salvação.

Δ Alfred Kinsey: A pseudociência do sexo

O filme de 2004 Kinsey — Vamos Falar de Sexo retratou-o como um pioneiro heroico. Acontece que Alfred Kinsey também era um crítico da moralidade. Ele enfatizou repetidas vezes que o sexo é “uma função biológica normal, aceitável de qualquer forma que se manifeste”.[51]

Para libertar o sexo da moralidade, Kinsey reduziu-o a um simples ato de orgasmo físico. Ele, então, alegou que todos os orgasmos são moralmente equivalentes, entre pessoas casadas ou não, entre pessoas de sexos opostos ou do mesmo sexo, entre adultos e crianças, entre estranhos ou com prostitutas e até mesmo entre humanos e animais. Ele ignorou o fato de que essas situações envolvem dimensões relacionais, emocionais, sociais, morais e espirituais amplamente diversas. Rotulou todas essas coisas apenas de “válvulas de escape sexual” e declarou que todas eram igualmente aceitáveis.

Como diz o chavão atual: “amor é amor”.

Como os seus antecessores, Kinsey era profundamente dedicado ao materialismo darwinista, referindo-se à humanidade em linguagem reducionista como “o animal humano”. Qualquer comportamento que pudesse ser encontrado entre animais ele considerava normativo também para os humanos. Por exemplo, ele alegava que se observa em certos mamíferos o contato sexual entre machos e até mesmo entre espécies diferentes. Portanto, concluiu que tanto a homossexualidade quanto a bestialidade são “parte da representação mamífera normal” e aceitável também para os humanos.

Kinsey alegava que a sua abordagem era científica, mas os seus métodos de

pesquisa claramente não eram. As suas amostras incluíam uma porcentagem desproporcional de abusadores sexuais, sadomasoquistas, voyeurs, exibicionistas e pedófilos. Os pedófilos, em particular, estavam envolvidos em comportamento ilegal. Mesmo assim, Kinsey aceitou a palavra deles quando afirmavam que as crianças de quem abusavam gostavam da experiência.

Kinsey não demonstrou nenhuma preocupação com os seus métodos de pesquisa não científicos porque, em última instância, ele não era movido pela ciência. De acordo com o professor Paul Robinson, da Universidade de Stanford, Kinsey via a história "como um grande drama moral, onde as forças da ciência competiam com as da superstição" (que era como ele se referia à religião e à moralidade). Ele chegava a falar como se a introdução da moralidade sexual baseada na Bíblia fosse o marco da história humana, um tipo de "queda" da qual devemos ser redimidos.[52] A liberação sexual seria o meio para salvar os seres humanos da opressão da religião e da moralidade.

Δ Wilhelm Reich: Sexo da Nova Era

Nos anos 1960, o psicólogo Wilhelm Reich tornou-se uma figura cult no movimento pelo potencial humano. Foi Reich quem cunhou a expressão "revolução sexual" (em um livro com esse título). Ele pregava um evangelho de redenção por meio da imersão completa nos instintos sexuais. Em suas palavras, "O centro da felicidade na vida é a felicidade sexual".[53] Ele prometia que todas as disfunções humanas poderiam ser consertadas desenvolvendo-se "a capacidade de render-se ao fluxo da energia biológica sem qualquer inibição, a capacidade de descarregar completamente toda a excitação sexual represada por meio de contrações prazerosas involuntárias do corpo".[54]

A serpente no Éden sexual de Reich era a moralidade cristã. Ele denunciava-a como uma "filosofia assassina" que cria culpa e neurose. O livro que descreve a sua filosofia é adequadamente intitulado de Salvation through Sex [Salvação pelo sexo]. Ele explica que, para Reich, o orgasmo "é a única salvação do homem, levando ao Reino dos céus na terra".[55]

Δ Robert Rimmer: Sexo como “ato de adoração”

As ideias de Reich foram amplamente disseminadas por meio de um romance de 1966 escrito por Robert Rimmer e intitulado The Harrad Experiment [O Experimento Harrad], que vendeu 3 milhões de cópias e foi leitura obrigatória em cursos universitários sobre casamento e família. O livro é considerado a força principal por trás da criação das acomodações mistas nas universidades norte-americanas. A visão de sexo de Rimmer é abertamente religiosa. Uma personagem afirma que a relação sexual “é, na verdade, um ato de adoração”. Outro diz: “O que os amantes sentem um pelo outro nesse momento [da relação sexual] não é nada além de adoração no puro sentido religioso”. Por meio do sexo, vemos que o amado é “o naturalmente divino”.[56] Quando eu estava no Ensino Médio, um menino que eu namorava deu a mim uma cópia de The Harrad Experiment, com certeza esperando converter-me à religião do sexo de Rimmer.

Em um posfácio à edição de 1990 do romance, Rimmer escreveu que o sexo pode “tornar-se a nova religião — uma religião humanista, sem a necessidade de um deus”.

Δ Foucault: Sexo é “mais importante do que a nossa alma”

Claramente, os arquitetos da revolução sexual eram movidos por nada menos do que uma visão de redenção. A filosofia do materialismo alega manter-se solidamente no andar inferior, o domínio dos fatos e da ciência. Só que, como todos os outros, os materialistas buscam um sentido de significado para a vida e, como resultado, acabam escalando para o andar superior — mesmo que isso signifique transformar o próprio materialismo em uma religião.

Todavia, por que os materialistas escolhem o sexo como a sua religião? Porque, no materialismo, o centro da identidade humana está no biológico, no natural, no instintivo — especialmente nos instintos sexuais. O sexo é, afinal de contas, central para a sobrevivência da espécie. A teoria da evolução de Darwin chegou a elevar a reprodução a elemento decisivo do progresso evolutivo. Como a teoria

não oferece nenhum critério independente de sucesso, ela é reduzida à reprodução diferencial — quem tiver a descendência mais viável vence. A reprodução é a chave para o avanço evolutivo.

Michel Foucault, um pós-modernista francês e autor de um conjunto de 3 volumes sobre a história da sexualidade, escreve que, no passado, os biólogos tratavam o sexo e a reprodução apenas como uma entre as muitas funções de um organismo. Todavia, no espaço de alguns séculos, o sexo passou de apenas uma atividade da vida para ser a nossa identidade central. Nas palavras de Foucault, os geneticistas agora "veem no mecanismo reprodutivo o próprio elemento que introduz a dimensão biológica: a matriz não apenas do ser vivo, mas da própria vida". O sexo é tratado como a "chave mestra" para conhecermos "quem somos. [...] Sexo, a explicação para tudo". Ele chega a dizer que "vale a pena morrer pelo sexo". Ele é "mais importante do que a nossa alma".[57]

SERÁ QUE MEU FILHO ESTÁ LENDO ESSAS COISAS?

Por que deveríamos nos importar com o que pensadores, de Freud a Foucault, escreveram? Porque eles são os santos e teólogos da religião do sexo. Os seus ensinos moldam a ortodoxia sexual de hoje. Muitos jovens dizem que os programas de educação sexual fazem com que se sintam pressionados a ter relações sexuais. Em um estudo, adolescentes relataram que sentiam mais pressão de suas aulas de educação sexual do que de suas namoradas ou namorados.[58] E isso não é surpresa: se a liberação sexual é uma versão alternativa da salvação, então as aulas de educação sexual tornam-se centros de recrutamento.

Muitas famílias esperam proteger os seus filhos das ideias radicais isolando-os do mundo secular — supervisionando os livros que leem, os filmes a que assistem, as músicas que ouvem. Só que a cosmovisão secular não vem cuidadosamente rotulada para que possamos reconhecê-la com facilidade. Ao contrário, ela é transformada em formatos que mal reconhecemos, tornando-se parte de todo o ar que respiramos. As cosmovisões mais poderosas são aquelas que absorvemos sem sequer percebê-las. São as ideias sobre as quais ninguém conversa — as hipóteses que captamos quase que por osmose.

As ideias que identificamos, de Freud a Foucault, constituem a ortodoxia sexual predominante. Elas formam o pensamento dos juízes quando decidem sobre questões sexuais. Elas moldam os argumentos dos legisladores quando formulam novas leis. Guiam a maneira como os repórteres estruturam as notícias. São a atitude retratada em seriados de TV, jornais de supermercado e artigos de revista. Estão refletidas nas letras das músicas populares. Enfim, elas permeiam quase toda a indústria do entretenimento. (Quantos filmes você já viu que mostram a restrição sexual como uma coisa boa?)

E, mais importante, é a ortodoxia sexual que molda a perspectiva dos professores dos seus filhos e os escritores dos livros de educação sexual deles. Quase todos nós fomos influenciados pela visão desses pensadores sobre a sexualidade — mesmo que nunca tenhamos lido uma só palavra de seus escritos.

Para termos um pensamento independente, devemos aprender de onde vieram essas teorias e, então, propor a cosmovisão cristã como uma alternativa viável.

A história confirma o que Paulo diz em Romanos 1 — que todos baseiam a sua vida em alguma definição de realidade definitiva. Aqueles que rejeitam o Deus transcendente da Bíblia colocam outra coisa em seu lugar. Eles trocam “a glória do Deus incorruptível” por algo da criação (Rm 1.23). Ou seja, em resumo, eles criam ídolos.

Desde o início da era moderna, muitos pensadores ocidentais são materialistas. Isso significa que eles colocam a matéria no lugar de Deus como a causa definitiva, autoexistente e não causada de tudo o mais. A matéria é seu ídolo. Pela lógica, então, eles devem definir os seres humanos como apenas organismos materiais evoluídos pelos processos darwinianos. O comportamento humano é moldado por motivações e instintos biológicos. A liberação do instinto sexual torna-se o caminho para a salvação — para uma utopia sexual.[59]

Isso explica por que é tão difícil impedir a sexualização da cultura moderna. A liberação sexual não é apenas questão de gratificação ou excitação sensual. É uma ideologia completa, uma visão de redenção. Para colocarmo-nos contra isso, não podemos apenas expressar desaprovação moral. A moralidade de alguém sempre deriva de algo. Ela origina-se de sua cosmovisão. Para sermos efetivos, temos que atacar a cosmovisão subjacente.

…

LINGUAGEM CORPORAL

Como reconectar a sexualidade a um universo moral mais amplo — a uma visão de verdade, bondade e beleza? Em uma cosmovisão teleológica, toda a criação declara a glória de Deus. O fato de que os seres humanos reproduzem-se sexualmente não é apenas uma espécie de casualidade evolutiva. Ele é parte da criação original que revela a maravilha e a beleza de seu Criador.

É por isso que o corpo "fala" a sua própria língua. Todos sabemos que um sorriso significa cordialidade, enquanto um soco na cara significa hostilidade. Apesar das diferenças entre culturas, há grandes similaridades. Quando você anda de mãos dadas com alguém, isso significa alguma coisa? Será que comunica cuidado e afeição? E um beijo? O que ele comunica?

O poeta John Donne escreveu que o corpo é como um livro onde lemos as intenções da alma: "Os mistérios do amor na alma crescem / Mas, contudo, o corpo é seu livro".[60]

Isso explica por que é possível mentir com o nosso corpo. Você já beijou ou andou de mãos dadas com alguém de quem não gostava de verdade? Talvez porque se sentiu pressionado a isso? Ou porque queria que a pessoa pensasse que você se importava mais do que realmente se importava? Em qualquer caso, refletindo nessas situações, podemos sentir que estávamos mentindo — que os nossos gestos "diziam" algo que não representava a verdade.

É por isso que o método de Judas para trair Jesus foi tão dolorosamente irônico — "Judas, com um beijo trais o Filho do Homem?" — de tudo o que ele podia ter feito (Lc 22.48, grifo da autora).

Os gestos têm significado. A relação sexual, como forma mais íntima de união física, deveria expressar a forma definitiva de união pessoal no casamento. Expressões comuns para a relação sexual indicam que é o máximo que podemos fazer sexualmente — é "chegar aos finalmentes", "marcar um gol" ou "fechar negócio". Esse é o motivo pelo qual ela pertence apenas a relacionamentos em

que se “chega aos finalmentes” em todos os outros níveis também — quando você se compromete com a outra pessoa nos níveis legal, econômico, social e espiritual. Você só deveria despir-se e tornar-se vulnerável fisicamente quando estivesse pronto para despir-se e tornar-se vulnerável com todo o seu ser. Como escreve C. S. Lewis, quem pratica o sexo fora do casamento “está tentando isolar um tipo de união (a sexual) de todos os outros tipos de união que deveriam caminhar juntos e formar a união total”.[61]

Invariavelmente, meus alunos perguntam a mim: “Estar apaixonado não é o suficiente?”. A resposta é que mesmo o estar apaixonado não é suficiente para comprometer o seu ser integral e o seu futuro na nudez bíblica diante de outra pessoa. A moralidade bíblica pede-nos consistência no que dizemos com o nosso corpo e no que dizemos com o restante da nossa vida: contar a verdade com o nosso corpo.

Timothy Keller escreve: “Sexo é a maneira que Deus designou para duas pessoas dizerem reciprocamente um ao outro: ‘Eu pertenço completa, permanente e exclusivamente a você’”.[62] Quando praticamos o sexo fora do casamento, estamos essencialmente mentindo com o nosso corpo. As nossas ações estão “dizendo” que estamos unidos em todos os níveis, quando, na verdade, não estamos. Estamos nos contradizendo. Estamos fingindo. Estamos sendo desonestos.

Algumas pessoas acham que é muito espiritual dizer que Deus está acima de importar-se com algo tão inconsequente como o que fazemos sexualmente. Uma feminista católica escreve: “Deus não se importa com o que fazemos com o corpo um do outro, importa-se apenas se tratamos um ao outro como pessoa”.[63] Todavia, será mesmo que podemos realmente fazer qualquer coisa com o corpo de alguém e, ainda assim, respeitá-lo como pessoa? Uma divisão tão nítida entre corpo e pessoa é mais gnóstica do que bíblica. A ética bíblica expressa um valioso conceito da pessoa integral como um ser corporificado. O nosso corpo importa.

YADA YADA

A primeira passagem bíblica que fala sobre sexo é o relato de Gênesis sobre

Adão e Eva, e fala de maneira poderosa sobre a interconexão entre corpo e pessoa. “Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn 2.24). Será que a expressão “uma carne” refere-se apenas à correspondência corporal entre os dois sexos? Claramente não. A referência à unidade física deveria expressar uma unidade alegre em todos os outros níveis também — incluindo mente, emoção e espírito. A Bíblia oferece uma visão espantosamente elevada da união física como uma união de pessoas integrais em todas as dimensões.

Gênesis usa um eufemismo charmoso para a relação sexual — o verbo conhecer. “E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu, e teve a Caim”, o seu primeiro filho (Gn 4.1). A palavra conhecer é uma tradução do hebraico yada, que significa conhecer por experiência. É a mesma palavra usada no salmo mais pessoal de todos: “Senhor, tu me sondaste e me conheces [yada]” (Sl 139.1). Em outros lugares, o piedoso rei Josias é descrito nestas palavras: “Julgou a causa do aflito e do necessitado; [...] porventura, não é isto conhecer-me [yada]? — diz o SENHOR” (Jr 22.16). O termo carrega conotações de uma maneira profunda e pessoal de conhecer e, quando é usado como eufemismo sexual, significa que o sexo deve ser uma conexão profunda entre duas pessoas.

A Bíblia ensina que o relacionamento de marido e esposa tem até mesmo a suprema dignidade de refletir o relacionamento entre Deus e o seu povo. Por meio do profeta Oseias, Deus diz ao povo de Israel: “E desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias. E desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás [yada] o SENHOR” (Os 2.19-20). A aliança do casamento deve ser uma imagem visual do relacionamento humano-divino.

No Novo Testamento, a mesma representação do casamento é aplicada a Cristo e à Igreja como a sua noiva. Paulo diz: “Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25). E, em sua visão do fim dos tempos, João diz: “E eu, João, vi a Santa Cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido” (Ap 21.2). Quando as pessoas testemunham o relacionamento amoroso e fiel entre marido e esposa, deveriam ver um retrato de como Deus ama o seu povo.

Δ Criação: O sexo foi ideia de Deus

Como podemos chegar a uma compreensão equilibrada do que a Bíblia diz sobre sexo? A Bíblia ensina que toda a criação participa de um grande drama de três atos: Criação — Queda — Redenção. Se somos, às vezes, tentados a pensar que o sexo é sujo ou corrompido, precisamos sempre nos lembrar de que foi Deus quem o criou em primeiro lugar. O sexo não foi algo introduzido depois da Queda. Era parte da criação original dos seres humanos à imagem de Deus, que Deus pronunciou ser "muito bom". Tendo criado os seres humanos como macho e fêmea, Deus ordenou que eles "fossem frutíferos e se multiplicassem". Formar uma cultura começa com fazer bebês.

O ensino bíblico de que somos criados à imagem de Deus significa que, mesmo sendo parte da natureza, os seres humanos não encontram a sua identidade completa na natureza. Não podemos ser reduzidos a uma simples parte do mundo natural. Mesmo as características que compartilhamos com outros organismos, como a nossa sexualidade, não podem ser completamente compreendidas em termos apenas biológicos. O sexo não é apenas uma questão de motivações e necessidades biológicas, seja por prazer, seja por reprodução, mas também uma questão de comunhão entre um homem e uma mulher casados. A comunhão de macho e fêmea deve espelhar a comunhão das pessoas divinas dentro da Trindade.

A definição teológica clássica de Trindade é que Deus é uma substância em três pessoas. O significado prático é que Deus, em seu ser definitivo, não é uma força impessoal, como nas religiões orientais; ao contrário, Deus existe como pessoas distintas que se dão uma à outra em amor. "Como os seres humanos são criados à imagem de Deus", escreve John Wyatt, "refletimos a natureza de Deus em nossa pessoalidade; somos criados para darmo-nos a Deus e aos outros em amor".[64]

É por isso que Paulo chama o relacionamento do casamento de "grande mistério" (Ef 5.32). A palavra grega para mistério significa a revelação de algo de outra forma oculto.[65] A nossa sexualidade deve revelar o caráter do próprio Deus. Romanos 1 diz que a ordem criada apresenta evidências de Deus; e, como o nosso corpo é parte da ordem criada, deve falar de Deus e dar evidência do seu caráter. Temos que sintonizar nossos ouvidos para "ouvir" o que nos diz o corpo

sobre a natureza divina. O Deus que existe como uma comunhão de Pessoas criou pessoas corporificadas que receberam mandamento para aproximarem-se umas das outras fisicamente como homem e mulher.

• A Queda: Divididos

Lendo adiante em Gênesis, aprendemos sobre o segundo grande ato no drama da história — a Queda no pecado. O texto diz que, quando os primeiros humanos desobedeceram a Deus, "foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais" (Gn 3.7). Ao longo da história, muitas pessoas concluíram a partir dessa passagem que o pecado original foi o sexo. De outra forma, por que a referência a coser aventais? Essa, porém, é uma compreensão errada do texto.

Gênesis diz que, em nosso estado criado original, homem e mulher estavam "nus e não se envergonhavam". Essa expressão fascinante significa que, em uma condição sem pecado, duas pessoas poderiam estar completamente abertas e vulneráveis uma à outra sem medo ou vergonha. A integração de corpo e alma era tão completa que o corpo era uma expressão integral, honesta, genuína e sem distorções da pessoa. Contudo, depois do pecado dos nossos primeiros pais, essa unidade corpo-pessoa foi dividida. Deus já os tinha alertado de que, se desobedecessem à sua palavra, eles "certamente morreriam" (Gn 2.17). Embora eles não morressem imediatamente, experimentaram o início da divisão entre espírito e corpo. O corpo poderia agora ser usado para mentir e oprimir e fazer avançar os objetivos e agendas pecaminosos contra outra pessoa. A abertura expressa na nudez original abriu caminho para culpa, acusações, medo e vergonha. O primeiro casal começou a construir muros entre si.

Adão e Eva esconderam-se não apenas um do outro, mas também de Deus (Gn 3.8). De fato, o tema de Gênesis 3 é que todos os relacionamentos foram rompidos pela Queda, incluindo nosso relacionamento interno conosco mesmos (nossa unidade psicofísica), nosso relacionamento com os outros, o nosso relacionamento com Deus e até mesmo nosso relacionamento com a natureza. A natureza agora opõe as duas vocações humanas fundamentais: o chamado para trabalhar (a imagem de "espinhos e cardos") e o chamado ao relacionamento (o

alerta de que “com dor terás filhos”). A harmonia na ordem criada é substituída pela alienação.

Como resultado da Queda, o sexo foi torcido e distorcido para significar muitas coisas além da união de uma carne, que é o seu verdadeiro propósito. Hoje, é cada vez mais difícil persuadir as pessoas de que alguma forma de comportamento sexual é errada ou ruim para nós. Muitos ocidentais pensam que o significado de qualquer ato sexual está dentro da nossa cabeça. “Nós decidimos o que o sexo significa em qualquer situação. Damos significado a ele pela nossa própria interpretação”.

No entanto, paradoxalmente, se o sexo significa qualquer coisa que desejarmos, então, objetivamente — em si mesmo — ele não significa nada. É, literalmente, sem sentido. Um baterista em Austin, Texas, disse para a revista Rolling Stone que sexo é apenas “um pedaço de corpo tocando outro pedaço de corpo”. É “existencialmente sem sentido”.[66]

Essa visão “vale tudo” da sexualidade está roubando a profundidade e o significado de nossa vida sexual. Não é por acaso que muitas pessoas continuam agarrando-se com avidez a muitas experiências sexuais enquanto encontram cada vez menos satisfação genuína.

• Redenção: Boas novas para o corpo

Depois que o mundo foi dividido pelo pecado, Deus não o abandonou. Quando Adão e Eva deixaram o jardim, Deus prometeu um Redentor que, um dia, consertaria todas as coisas novamente. Esse é o terceiro ato no drama da história. Por causa da Queda, “toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora”. Porém, na redenção, “a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (ver Rm 8.21,22). Não apenas a nossa alma, mas o nosso corpo também será redimido.

João Paulo II escreveu uma grande Teologia do Corpo porque reconheceu que muitas das questões morais urgentes de hoje envolvem o corpo. Ele defende que uma parte importante da mensagem cristã é a cura da alienação entre corpo e pessoa. Ele a chama de “redenção do corpo”, uma expressão que “se refere à

reintegração da sexualidade corporal e da pessoalidade, ou seja, à ‘pessoalização’ radical da masculinidade e da feminilidade”.[67]

Esse processo de pessoalização pode começar até mesmo nesta vida. O apóstolo Paulo lista vários comportamentos pecaminosos, incluindo pecados sexuais, e depois afirma: “é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus” (1 Co 6.11, grifo da autora). Em outras palavras, somos libertos daqueles padrões destrutivos e pecaminosos de vida. Por isso, é possível começar a viver agora a vida ressurreta, com uma reunificação radical de corpo e pessoa em nossa vida sexual.

A Bíblia apresenta uma visão equilibrada do sexo que inclui a afirmação da bondade da criação, o realismo sobre o pecado e a Queda e a mensagem de cura da redenção.

A igrejas precisam tornar essa mensagem digna de confiança ao acolher aqueles que necessitam de cura. Uma aluna minha da graduação, Katrina, contou uma história angustiante sobre ter crescido em um lar devastado pelo alcoolismo e pelo abuso sexual. Quando chegou à idade adulta, como acontece muitas vezes, ela repetiu o mesmo padrão destrutivo. Só que, quando testemunhou os seus próprios filhos repetindo o ciclo doentio mais uma vez, ela finalmente tomou a determinação de quebrá-lo. Em desespero, começou a participar de uma igreja e converteu-se ao Cristianismo. Todavia, será que ela contou sobre o seu doloroso passado na igreja? Nem pensar! Ela disse-me: “Tenho medo de que as pessoas descubram como o meu passado foi pecaminoso — medo de ser tratada como ‘danificada’ ou como ‘mercadoria usada’”.

Como é trágico quando as pessoas têm medo de ser vulneráveis no mesmo lugar onde deveriam encontrar a cura! Da mesma forma como as igrejas comunicam claramente as verdades morais da Bíblia, deveriam também se tornar lugares de refúgio para as vítimas da revolução sexual que foram machucadas por suas mentiras.

…

ESCRAVOS ROMANOS E PROSTITUTAS

Em seu livro Unashamed [Sem vergonha], Lecrae Moore diz que ficou assustado na primeira vez em que participou de uma conferência cristã sobre sexo: “O palestrante disse que o nosso corpo é valioso. [...] Eu nunca havia feito a ligação entre a espiritualidade e a sexualidade antes. E nunca tinha ouvido alguém falar sobre o quanto eu era valioso”.[68]

Como Lecrae, muitas pessoas surpreendem-se quando descobrem que a ética sexual cristã expressa uma visão superior do corpo. As pessoas, com frequência, pensam nos cristãos como pudicos e puritanos que têm uma visão negativa do corpo e de suas funções, especialmente do sexo. Por exemplo, um artigo da revista eletrônica Salon fez a acusação de que o objetivo real do movimento pró-vida é evitar que as mulheres “tenham uma vida sexual feliz e saudável”.[69] Porém, a verdade é que o Cristianismo tem uma visão muito mais respeitosa da nossa identidade psicossexual.

Ele não é antissexo, mas pró-corpo.

Temos um retrato mais claro da visão bíblica se conhecemos um pouco do idioma grego no qual o Novo Testamento foi originalmente escrito. Por exemplo, em versículos como Gálatas 5.19, Paulo diz que os cristãos não deveriam envolver-se em porneia (que é a raiz da palavra pornografia). Traduções mais antigas transmitiram a palavra como “farras” ou “deleites,” o que fazia parecer que a Bíblia opunha-se a simples festas e diversões.

Traduções mais recentes usam o termo “fornicação” ou “imoralidade sexual”. Essas expressões, no entanto, ainda são muito tímidas. A palavra porneia vem da palavra que significa “comprar” e, na literatura politeísta da época, significava “prostituição” ou “devassidão”. E a prática da porneia era, no mínimo, tão desumanizadora quanto é hoje.

Na Roma e na Grécia antigas, uma pornē ou prostituta era normalmente uma escrava. As escravas sexuais eram muitas vezes abusadas fisicamente. “Pinturas em vasos gregos mostram homens batendo nelas, evidentemente por diversão”, diz a classicista Sarah Ruden.[70] Horácio, o grande poeta lírico romano da era de Augusto, dá recomendações sobre como comprar a sua escrava sexual. Comparando com a compra de cavalos, Horácio alerta que os comerciantes

sabem como esconder as falhas, então “inspecione com cuidado a saúde delas”. Herodes, um autor grego do século III a.C., conta de um cafetão que reclamou que uma de suas prostitutas tinha sofrido abuso — ela foi “retalhada” e “rasgada” por um cliente que “a arrastou e bateu nela de maneira tola”. Mesmo assim, o cafetão imediatamente tenta vendê-la para um novo cliente, convidando-o a “ferir sua mercadoria do jeito que quiser”.[71]

A essência de porneia, então, “era tratar outro ser humano como um objeto”, explica Ruden. O que os primeiros leitores de Paulo teriam compreendido é que não é mais aceitável tratar uma pessoa como objeto.[72] “Mortificai” a velha vida, diz Paulo, com a sua porneia e outros pecados (Cl 3.5). O corpo não é para porneia, “senão para o Senhor” (1 Co 6.13).

Tenha em mente que essa era uma época em que a recusa da porneia por um escravo ou escrava sexual poderia significar a punição capital. Alguns dos primeiros mártires eram escravos que proclamaram a sua liberdade em Cristo recusando-se a servir os seus senhores sexualmente — e foram executados por isso. Potamiaena era uma escrava em Alexandria, Egito, cujo senhor ficou tão bravo quando ela recusou os seus avanços que ele entregou-a ao prefeito acusando-a de ser cristã. Ele, por sua vez, ameaçou entregá-la aos gladiadores para ser estuprada, mas ela persuadiu-o a executá-la por imersão lenta em piche fervente. A beleza de seu caráter enquanto enfrentava a morte inspirou a conversão de muitas outras pessoas, incluindo um de seus guardas, Basilides, que também foi martirizado.[73]

O Cristianismo deu às pessoas coragem de dizer não ao sexo forçado e aos casamentos forçados, mesmo que isso às vezes significasse prisão, encarceramento e morte. Como escreve Jones: “O consentimento real era uma raridade no mundo onde o Cristianismo começou. Podemos dizer que o Cristianismo inventou o consentimento sexual quando desenvolveu uma ética sexual que presumia que Deus liberta os indivíduos”.[74]

Desde o início, o Cristianismo não foi tradicional; foi radicalmente contracultural.

SEXO — “TÃO ESPIRITUAL QUANTO A PREGAÇÃO”

O fundamento da moralidade sexual bíblica é uma visão notavelmente elevada da criação. Quando Paulo argumenta contra a imoralidade sexual, como ele o faz? Denegrindo o prazer sexual? Não, mas exaltando o corpo. “Não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, pois, os membros de Cristo e fá-los-ei membros de uma meretriz? Não, por certo” (1 Co 6.15). O raciocínio de Paulo para a moralidade sexual é que o seu corpo tem a dignidade de ser um membro do Corpo de Cristo, o locus de sua presença na terra.

Paulo diz, então, algo verdadeiramente espantoso: “vosso corpo é o templo do Espírito Santo” (v. 19). O templo era um espaço sagrado, aonde as pessoas iam para encontrar-se com Deus. De maneira surpreendente, essa passagem está dizendo que o seu corpo é o lugar onde as pessoas encontrarão a Deus. E o corpo das outras pessoas é onde você verá a Deus.

Os cristãos precisam libertar-se da letargia que se estabelece depois de ouvir essas expressões por anos, talvez desde a infância. Em seu contexto histórico original, esses versículos eram espantosos. No mundo antigo, quase todos os grandes “ismos” — Platonismo, Neoplatonismo, Gnosticismo, Maniqueísmo, Panteísmo hindu — ensinavam uma visão inferior do mundo material. Nessas filosofias, a salvação era concebida como uma quebra completa entre matéria e espírito, uma fuga do mundo físico. Para fazer essa quebra, os seguidores adotavam um regime de Ascetismo para suprimir as necessidades e desejos corporais.

Como vimos no capítulo 1, até mesmo os cristãos foram influenciados em certo nível pelo ascetismo, que levou à divisão entre sagrado e secular. Um dos temas mais revolucionários da Reforma foi a sua rejeição à divisão sagrado/secular e a sua afirmação da sacralidade do mundo criado. No despertar da Reforma, Martinho Lutero deixou o mosteiro e casou-se. O ex-monge casou-se com uma ex-freira. Com um único ato, Lutero disse mais do que todas as suas palavras poderiam dizer sobre a dignidade do casamento e o valor da família em uma cosmovisão bíblica.

O termo “puritano” muitas vezes é utilizado com o significado de uma mentalidade inflexível, severa e de outro mundo. Só que, na realidade, os puritanos compartilhavam da visão da Reforma de que toda a vida é sagrada. O pregador puritano William Perkins insistia que o sexo é tão “espiritual” quanto a pregação: “Sim, os atos do matrimônio são puros e espirituais [...] e são feitos absolutamente dentro das leis de Deus, embora sejam efetuados pelo corpo [...]

mesmo assim, são santificados”.[75]

Donn Welton resume os efeitos da Reforma dizendo: “Talvez nada contraste mais com a Cristandade medieval do que a rejeição da depreciação do corpo pela Reforma. Dentro de certos limites morais, os poderes do corpo foram completamente celebrados. Mais uma vez foi permitido cantar os textos antigos. ‘Eu te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado’, diz o salmista, que continua: ‘maravilhosas são as tuas obras’ (Sl 139.14)”.[76]

A nova atitude aplicava-se especialmente ao sexo. Os teólogos medievais em geral tinham interpretado o livro de Cantares de Salomão de maneira alegórica, como se falasse do amor entre Deus e a alma. É claro, todo amor reflete o amor divino de alguma forma. Agora, porém, Cantares poderia ser compreendido de maneira mais direta como uma celebração das delícias do amor sensual: “O meu amado é para mim um ramalhete de mirra; morará entre os meus seios. [...] Favos de mel manam dos teus lábios, minha esposa! Mel e leite estão debaixo da tua língua [...] Qual a macieira entre as árvores do bosque, tal é o meu amado entre os filhos; desejo muito a sua sombra e debaixo dela me assento; e o seu fruto é doce ao meu paladar” (Ct 1.13; 4.11; 2.3).

A linguagem é rica e poética. Como escrevem os especialistas em ética cristã Scott Rae e Paul Cox: “O casal real em Cantares regozija-se no amor um do outro, exibindo uma paixão profunda que a maioria dos casais gostaria de reproduzir em seu próprio casamento”.[77]

O idioma hebraico, em duas descrições sensuais, é ainda mais explícito do que as traduções deixam transparecer. “[...] o seu ventre [ou membro], como alvo marfim [ou uma presa de marfim], coberto de safiras” (Ct 5.14). Como escreve o estudioso do Antigo Testamento, Tremper Longman:

O hebraico é bem erótico, e a maioria dos tradutores não consegue trazer o significado óbvio. [...] Não há movimento mecânico tímido e envergonhado debaixo dos lençóis. Ao contrário, os dois colocam-se diante um do outro, excitados, sem sentir vergonha, mas apenas deleite na sexualidade do outro.[78]

Em Provérbios, a Bíblia manda literalmente os maridos “embriagarem-se” nos seios de suas esposas: “Que os seios dela saciem você em todo o tempo; embriague-se sempre com suas carícias” (Pv 5.19, NAA). Em uma característica encantadora, porém realista, da Lei do Antigo Testamento, um marido recém-casado não deveria ser recrutado para o serviço militar ou qualquer outro serviço governamental: “Quando algum homem tomar uma mulher nova, não sairá à guerra, nem se lhe imporá carga alguma; por um ano inteiro ficará livre na sua casa e alegrará a sua mulher, que tomou” (Dt 24.5). Esse é um afastamento surpreendente da visão inferior de mulher nas culturas politeístas vizinhas. A antiga Lei Judaica estava dizendo literalmente para os maridos que o seu trabalho é “alegrar” as esposas.

E as palavras de Paulo de que é “melhor casar do que abrasar-se” (1 Co 7.9)? Com frequência interpreta-se isso de maneira negativa, como se Paulo estivesse dizendo que você só deve casar-se se não conseguir controlar-se. Porém, o “abrasar-se” aqui é uma tradução da palavra grega pyroutsthai, que era uma metáfora usada para ser “frustrado no amor”.[79] Ou seja, ela implica estar apaixonado com fervor. O versículo deveria ser compreendido contra o pano de fundo da cultura romana, onde a paixão sexual não era considerada importante para o casamento. A maioria dos casamentos era arranjada. Os cônjuges eram selecionados não por amor, mas com um olho no status, dinheiro e herdeiros legais. Para a satisfação sexual, o homem buscava escravas e prostitutas.[80] As ruínas de Pompeia revelam uma cultura saturada de sexo, cheia de prostíbulos sinalizados com afrescos eróticos seduzindo os passantes com expressões como “Hic habitat felicitas” (Aqui mora a felicidade) ou “Sum tua aere” (Sou sua por dinheiro).[81] O que Paulo está dizendo de fato, então, é que, se você descobre uma atração apaixonada por alguém, certamente vá adiante e case-se com essa pessoa. Canalize a sua energia sexual no casamento.

Paulo coloca o gênio sexual na garrafa do casamento. Ao proibir os homens de manterem relações sexuais com escravas, prostitutas ou outros homens, a Bíblia estava dizendo que todo desejo erótico, afeição e energia sexual do homem deveriam concentrar-se em sua esposa. Isso desencadeou uma transformação social drástica e teve um impacto enorme ao elevar o status tanto das mulheres quanto do casamento.

E SE VOCÊ FOR SOLTEIRO?

Ao mesmo tempo, a Bíblia não despreza a vida de solteiro, nem a trata com uma condição inferior à do casamento. Hoje, a igreja ficou para trás de maneira trágica na questão de dirigir-se ao número crescente de solteiros. Paulo deixa claro que ser solteiro tem vantagens distintas. Os solteiros podem entregar-se de modo mais completo ao seu chamado e ao ministério (veja 1 Co 7). Para aqueles com paixão pelo serviço, o foco concentrado que é possível para os solteiros pode ser uma bênção genuína. Ele pode responder ao anseio de seu coração por um impacto profundo. Liberta o seu tempo e as suas emoções para amar e servir em um campo maior do que os casados, que têm a obrigação moral de colocar a família em primeiro lugar. A Bíblia mantém um equilíbrio singular ao tratar tanto o casamento quanto a vida de solteiro como igualmente válidos e como formas valiosas de vida e serviço.

Há alguns anos, conheci um cineasta europeu cujo trabalho envolvia viajar por todo o mundo para produzir documentários cristãos. Embora fosse loiro e atraente, observei que ele não usava aliança.

“Percebi desde o início que esse trabalho exigia viagens demais para permitir que eu fizesse justiça a uma esposa e família”, explicou. “Decidi permanecer solteiro para que pudesse exercer essa forma singular de ministério.” A igreja necessita encontrar maneiras de honrar e apoiar os solteiros pelas contribuições distintas que eles fazem. Será que o apóstolo Paulo teria conseguido fazer todas as suas viagens missionárias se tivesse uma família para cuidar? Não nos surpreende vermos como ele fala sobre os benefícios da vida celibatária. Os solteiros têm a oportunidade de estar nas linhas de frente do ministério.

A Igreja do Novo Testamento ficou impressionada com o ensino de Jesus de que ninguém vai “se casar ou dar em casamento” nos céus. Se o casamento é um símbolo e sinal da união de Deus com o seu povo, então no céu não precisaremos do símbolo porque desfrutaremos da realidade. Desde o início, a igreja deu testemunho dessa esperança escatológica ao apoiar a vocação à vida de solteiro.

Alguns dos primeiros mártires eram mulheres que rejeitaram casamentos arranjados ou por conveniência em favor de permanecerem solteiras — uma

opção que não era tolerada pela cultura circundante. Ágata de Catânia recusou várias ofertas de casamento, especialmente de um magistrado romano chamado Quinciano, que tentou coagi-la dizendo que a denunciaria como cristã (isso ocorreu durante a perseguição de Décio em 250-253 d.C.). Como ela insistia em não mudar de ideia, foi torturada e acabou morrendo na prisão. Inês de Roma recusou repetidas ofertas de casamento de pretendentes de alto nível, até que um deles denunciou-a como cristã. Ela foi executada durante o reinado de Diocleciano em 304 d.C. Luzia rejeitou um casamento arranjado para dedicar a sua vida ao Senhor e distribuir a sua fortuna aos pobres. O seu pretendente denunciou-a como cristã, e ela também foi executada durante a perseguição de Diocleciano.[82]

Aqueles que rejeitavam o casamento estavam anunciando que a vida cristã de comunidade e serviço oferecia um caminho radicalmente diferente para o significado e a satisfação. O seu modelo era o próprio Jesus, que viveu uma vida completamente humana sem sexo, romance ou casamento. A lição é que o sexo é bom, mas não deveria tornar-se um ídolo. Sexo e casamento não deveriam ser elevados ao nível de significado da vida.

COMUNIDADES INTENCIONAIS

Talvez o medo mais opressivo das pessoas solteiras e divorciadas seja a solidão. Todavia, não se deveria tirar dos solteiros a oportunidade de formar relacionamentos profundos, gratificantes e íntimos, especialmente na igreja. O próprio Jesus disse: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15.13). Por quem mesmo? Pelos seus amigos.

Em nossa cultura sexualizada, a nossa tendência é igualar sexo e intimidade. Não pensamos que as pessoas possam encontrar satisfação sem um parceiro romântico. Só que a maioria das outras culturas tem uma compreensão mais rica da amizade.

Nas sociedades pré-industriais (o que inclui a maior parte da história humana), quando indústrias caseiras produziam a maior parte dos produtos que agora compramos nas lojas, havia sempre espaço para outro adulto em casa — outro par de mãos para ajudar a assar o pão, bater a manteiga, tecer as roupas, plantar

o trigo, tirar leite das vacas, cuidar dos cavalos e outras tarefas. Adultos não casados não enfrentavam a perspectiva de chegar em casa à noite em um apartamento vazio. Eles poderiam ser parte integral de um lar estendido.

Até mesmo uma geração atrás, havia menos pressão para casar-se e maior aceitação de alternativas como as famílias estendidas. O meu tio-avô permaneceu solteiro por toda a vida, compartilhando a casa com as suas duas irmãs não casadas — assim como Lázaro nos dias de Jesus, que compartilhava a casa com as suas irmãs Marta e Maria. Em muitas culturas, isso ainda é comum. No meu bairro, refugiados cristãos do Egito recentemente se mudaram para o outro lado da rua, e a família inclui uma tia solteira vivendo com eles.

Em eras anteriores, a igreja também tomava a iniciativa de criar estruturas para os solteiros viverem em comunidade — a saber, mosteiros e conventos. Essas estruturas foram fechadas pelos protestantes porque estes as viam como expressão da divisão sagrado/secular. Porém, no processo, eles perderam algo vital que não substituíram. Os mosteiros forneciam situações de vida em grupo reconhecidas, onde os solteiros poderiam experimentar relacionamentos íntimos e comprometidos ao mesmo tempo em que praticavam o ministério.

O desafio hoje é criar novos apoios estruturais para a prática do celibato — estruturas que integram solteiros novamente em nossas famílias e igrejas, especialmente solteiros mais velhos que, muitas vezes, são desprezados.[83] Algumas igrejas têm estimulado comunidades intencionais (famílias e solteiros vivendo no mesmo complexo de apartamentos, por exemplo). Em 2016, a revista Christianity Today fez um artigo sobre “cohousing” [casa compartilhada], uma tendência crescente de compartilhar a casa para superar a endemia de isolamento e solidão.[84]

Finalmente, os cristãos precisam começar os seus próprios cursos de “Como enamorar alguém” para os solteiros que gostariam de casar-se, mas perderam a arte da conquista. Ouço constantemente de jovens adultos como os meus alunos que eles saem em grupo, mas nunca aprendem como passar tempo um a um com alguém do sexo oposto. Um estudante universitário chamado Mark observa que a igreja respondeu à revolução sexual “ensinando regras e não treinando habilidades sociais”.[85] A igreja deveria tomar a frente no ensino de habilidades relacionais práticas.

…

TRANSFORMANDO BEBÊS EM INIMIGOS

Nossa visão do sexo tem repercussões para a nossa compreensão de casamento, família, filhos e sociedade. Por exemplo, Jennifer Fulwiler é uma convertida ao catolicismo, mas ela ainda permaneceu por anos a favor do aborto mesmo depois da sua conversão. Por quê? A sua resposta dá uma ideia inestimável sobre como muitos dos nossos amigos seculares pensam.

Jennifer explica que a sua atitude foi moldada pela visão secular de sexualidade. A literatura usada em aulas de educação sexual, diz ela, era orientada quase exclusivamente para questões de técnica — um "como fazer" do sexo e da contracepção. Raramente, os materiais mencionavam palavras como amor, casamento, família ou filhos. "A mensagem que eu ouvia alto e claro era que o propósito do sexo era para prazer e contato, que o seu potencial para criação de vida era puramente tangencial, quase ao ponto de ser completamente esquecido."[86]

Depois de anos de educação sexual em escolas públicas, Jennifer explica: "Eu pensava na gravidez não planejada como ser atingida por um raio enquanto caminhava pela rua: algo totalmente imprevisível e imerecido". Ela via o aborto como uma maneira humana de proteger as mulheres de algo semelhante a um desastre natural. "Não queria que as mulheres tivessem que sofrer com uma gravidez indesejada que estava tão fora de seu controle. [...] Os bebês tinham-se tornado o inimigo por causa da sua tendência de aparecer do nada e arruinar tudo."

Bebês tinham-se tornado o inimigo. Assim como na guerra, as sociedades tendem a desumanizar o inimigo para justificar a sua morte.

Até mesmo materiais escritos por cristãos tendem a menosprezar a conexão entre o sexo e os bebês. Depois de sua conversão, Jennifer e o seu marido assistiram a uma série de vídeos sobre casamento de um grupo cristão não denominacional. "No segmento chamado 'Sexo Bom', eles não mencionaram nem uma vez filhos ou bebês. Em toda a conversa sobre contato, massagens nas costas e intimidade,

ficar em forma, o mais perto que eles chegaram de conectar o sexo à criação da vida foi dizer rapidamente que os casais deveriam discutir o tópico da contracepção. O sexo não poderia ter sido mais desconectado do conceito de criar vida."[87]

Em uma cultura que afirma termos direito aos prazeres do sexo ao mesmo tempo em que nega a sua função biológica, muitos acabam tratando os bebês como inimigos — intrometendo-se onde não são desejados ou bem-vindos. Não podemos abordar a questão do aborto de forma eficaz se não abordarmos a visão secular do sexo. Como observa Fulwiler: "Uma sociedade só pode respeitar a vida humana na medida em que respeita o ato que cria a vida humana".[88]

G. K. Chesterton certa vez escreveu: "Sexo é um instinto que produz uma instituição. [...] Essa instituição é a família; um pequeno Estado ou nação" que inclui interdependência econômica, responsabilidade social, criação de filhos, educação, recreação, adoração compartilhada e caridade aos de fora. Chesterton acrescenta que podemos imaginar a instituição da família como uma casa: "O sexo é o portão dessa casa. [...] Só que a casa é muito maior do que o portão. Há, de fato, certo número de pessoas que gostam de passar tempo no portão e nunca entram mais fundo".[89] A maioria de nós, porém, diria que ficar só no portão é mostrar uma visão um tanto míope.

O Cristianismo olha mais longe: oferece uma visão satisfatória e multidimensional da sexualidade como o portão para várias outras camadas significativas da vida.

UM "FELIZ SEXO CASUAL"?

Um fato pouco conhecido é que, mesmo com os programas de educação sexual que tratam o sexo na adolescência como um rito normal de passagem e mesmo com a glorificação do sexo casual da mídia, mais da metade dos adolescentes não está tendo relações sexuais. Um relatório de 2016 do Centers for Disease Control (CDC) [Central de Controle de Doenças] revela que quase 60% dos estudantes do Ensino Médio nos Estados Unidos hoje ainda não tiveram relações sexuais — um aumento de 28% desde 1991.[90] Já é tempo de os cursos de educação sexual das escolas públicas começarem a oferecer um apoio positivo

para esses adolescentes.

Programas alternativos existem. Programas de Sexual Risk Avoidance (SRA) [Prevenção de Risco Sexual] abordam a pessoa por inteiro, ajudando os adolescentes a estabelecerem objetivos de vida e desenvolverem as capacidades para alcançá-los. Os programas de SRA não são apenas programas de abstinência sexual. Eles incluem instrução sobre contracepção, mas "evitam transformar as aulas de educação sexual em sessões de defesa da camisinha".[91] Esses programas incentivam categoricamente os adolescentes a esperarem pelo sexo. Pesquisas mostram que os alunos não ficam menos propensos a usar métodos anticoncepcionais se eles tornam-se sexualmente ativos, mas que eles atrasam o início da vida sexual e têm menos parceiros.

Os adolescentes cristãos precisam tanto dessas habilidades quanto todos os outros. Uma menina de 16 anos que tinha perdido a virgindade recentemente escreveu em um site de aconselhamento cristão: "Eu não acho que o sexo tem relação com o fato de você ser solteiro ou casado. Acho que é uma escolha que cada um tem que fazer, perguntando-se se está preparado para arcar com as consequências, caso alguma coisa venha a dar errado".[92] Essa adolescente pode ir à igreja, mas claramente absorveu a teoria secular do sexo como nada mais do que uma decisão pragmática, baseada em custos e benefícios.

Mais surpreendente ainda, em uma pesquisa do site de relacionamentos cristão ChristianMingle, 61% dos que se autoidentificavam como cristãos disseram que estavam dispostos ao sexo casual sem estarem apaixonados. Apenas 23% disseram que teriam que estar apaixonados. E apenas 11% disseram que estavam esperando para ter relações sexuais apenas quando se casassem.

Certa vez, deparei-me com um artigo na Internet aconselhando estudantes universitários em como ter um "feliz sexo casual". A autora recomendava conseguir "consentimento claro e concordância mútua sobre o envolvimento em atos sexuais". Desse modo, "toda a experiência do sexo casual será mais positiva para todos os envolvidos".

Dei uma olhada na biografia da autora e fiquei surpresa em descobrir que se tratava de uma aluna de uma universidade cristã conservadora.[93]

Fica claro que, mesmo nos círculos cristãos, dizer aos jovens para "apenas dizer não" não é o suficiente. Uma jovem recentemente me disse: "A principal

mensagem que recebi ao crescer na igreja foi: ‘Não fique grávida’”. Só que uma abordagem somente negativa muitas vezes leva à hipocrisia. Anos atrás, a nossa família participava de uma igreja bíblica muito respeitada até que o nosso filho, então no Ensino Médio, confidenciou que estava muito infeliz com o grupo de juventude. “Os jovens da igreja são piores que os jovens da minha escola pública”, disse ele. “Eles bebem mais, falam mais palavrões e estão sempre falando sobre os seus relacionamentos sexuais.” Só que os líderes da igreja não estavam cientes disso, porque os adolescentes escondiam com cuidado o seu comportamento.

Os jovens precisam de mais do que regras; eles precisam de motivos para dar sentido às regras. Precisam desesperadamente de uma cosmovisão lógica para combater a visão de sexualidade “nada demais” que os cerca, dos filmes às letras de música aos materiais de educação sexual.

Imagine uma criança que aprenda uma visão de comida “nada demais”. Que comida é apenas questão de prazer. Que não importa o que você coma, contanto que se sinta bem. Que a comida é um assunto estritamente privado e ninguém pode julgar se uma comida em particular é boa ou ruim para você. Que você pode não gostar de brócolis, mas está tudo bem, porque o que é bom para mim pode não ser bom para você. É tudo questão de preferência pessoal. Se uma criança ouve esse discurso por toda a vida, acreditará nele e fará uma dieta constante de biscoitos, pizza e sorvete — e depois não terá ideia de por que o seu corpo não é saudável. A criança não recebeu ferramentas para compreender a conexão entre comida e os fatos biológicos da nutrição. Ela precisa de informações para compreender o que, de fato, o seu corpo precisa para se desenvolver.

Da mesma forma, os jovens não recebem as ferramentas para compreender a conexão entre sexo e o que a pessoa precisa para desenvolver-se. O sexo não é simplesmente uma questão de preferência pessoal, assim como a comida não é. Os jovens precisam de informação sobre como o sexo está relacionado com uma ordem moral objetiva.

Um relatório de 2017 do Centers for Disease Control [Central de Controle de Doenças] descobriu que os adolescentes que se abstêm do sexo também têm maior probabilidade de envolver-se em um leque mais amplo de outros comportamentos saudáveis, desde tomar café da manhã até exercitar-se e dormir o suficiente. Também estão menos propensos a fumar, usar drogas, sofrer de

depressão ou relatar relacionamentos violentos. Por que os comportamentos saudáveis têm a tendência de agrupar-se assim? Os pesquisadores não sabem. Só que, nas palavras de Glenn Stanton, da organização Focus on the Family [Foco na Família]: “Os nossos filhos deveriam saber que há evidências científicas muito convincentes [...] mostrando como deixar o precioso dom da sexualidade para ser desfrutado dentro do porto seguro do casamento não se trata de moralismo antiquado ou repressão sexual nociva. Na verdade, é bem o contrário”.[94] Isso faz parte de um padrão geral de escolhas saudáveis e vitais.

Não basta que as igrejas ensinem as regras bíblicas de comportamento como um conjunto do que se “pode” e do que “não se pode” fazer. Elas precisam quebrar o jargão interno e aprender a falar a linguagem que os jovens estão absorvendo na cultura pós-moderna que os cerca. Eles precisam explicar por que a cosmovisão secular é, em última instância, desumanizadora e insatisfatória, devendo argumentar de maneira persuasiva que a moralidade bíblica é convincente no âmbito racional e atraente no âmbito pessoal — que expressa uma visão mais elevada e mais positiva da pessoa humana do que qualquer moralidade rival.

QUERIDO ALUNO: UMA “SEMANA DE SEXO REAL”

Como podemos educar as pessoas em uma visão mais integral e bíblica do sexo? Uma estudante universitária tomou a responsabilidade para si. Sage Patterson, presidente do movimento Students for Life [Estudantes pela Vida] da Universidade do Novo México, ficou preocupada depois que a universidade reuniu-se a outras para oferecer uma “semana do sexo”. Os workshops apresentavam títulos como “Como ser um cavalheiro e mesmo assim conseguir transar” e “Como ter uma relação a três bem-sucedida”. Foram convidados artistas eróticos com nomes sexuais sugestivos. Os organizadores andavam pelo evento vestidos em fantasias de genitália para “eliminar a vergonha” associada ao sexo.

“O padrão de objetificação e a falta de responsabilidade tornaram-se evidentes” — escreve Sage. “Ficou claro que os organizadores tinham uma agenda — ensinar aos meus pares que qualquer coisa vale e que não há consequências.”

Sage Patterson decidiu organizar o que ela chamou de “semana de sexo real”.

Eis a sua descrição: “Começamos com um workshop debatendo o corpo masculino e feminino, a biologia por trás do ato sexual e como o ato sexual afeta a nossa mente e os nossos relacionamentos, ligando os seres humanos pela química e contrastando a noção de que o sexo casual não tem impacto na psiquê das mulheres”. A semana do sexo patrocinada pela universidade havia garantido aos alunos que o aborto não tinha efeitos danosos duradouros, mas “as mulheres que participaram dos nossos seminários estavam, de fato, sofrendo com a sua escolha pelo aborto e receberam perdão e cura em uma noite cheia de lágrimas, abraços e palavras de encorajamento”.[95]

Estudantes grávidas foram enviadas a grupos de apoio. Como explica Sage: “Quando uma mulher engravida enquanto estuda, as duas maiores pressões que ela enfrenta são largar os estudos ou fazer um aborto. Não há apoio e incentivo suficiente para homens e mulheres continuarem a estudar e serem pais”. Sage Patterson fala de experiência própria, já que engravidou quando ainda era estudante. Mais de vinte organizações montaram bancas oferecendo informação sobre clínicas de saúde, centros de gravidez, programas de auxílio a pais, creches, aconselhamento, prevenção de abuso sexual e outros mais.

Estudantes radicais não gostaram da nova versão de semana do sexo de Sage. Um grupo estudantil que promove o aborto (Alliance for Reproductive Justice [Aliança pela Justiça Reprodutiva]) incitou uma oposição, unindo-se à Planned Parenthood [Paternidade Planejada] e a uma organização que vende brinquedos sexuais (Self Serve Sexuality Resource Center [Centro de Autosserviço de Recursos de Sexualidade]). Eles rasgaram os cartazes promocionais de Patterson, organizaram sessões pró-aborto concorrentes, denunciaram o evento como “homofóbico” e exigiram que o reitor da universidade cancelasse o evento. Eles colocaram mesas na frente dos eventos para dissuadir os alunos de participar. Vestiram-se novamente com as fantasias de genitália e entregaram camisinhas.[96]

Apesar de tudo, Patterson persistiu, convencida da necessidade de oferecer uma alternativa à cultura da promiscuidade no campus. Contrariando a divisão corpo/pessoa, ela disse: “Nossa biologia, na verdade, aponta para estarmos em um relacionamento monogâmico”.[97]

Hoje, a revolução sexual chegou mais além, não apenas dividindo o corpo da pessoa, como também separando o corpo de nosso sentido interior de identidade de gênero e desejo sexual. A dicotomia de dois andares é a raiz de teorias que

defendem e justificam a prática homossexual. No próximo capítulo, veremos como podemos equipar-nos para responder a tudo isso de maneira mais eficaz.



Capítulo 5

O CORPO IMPRUDENTE

Como a narrativa homossexual avilta o corpo

Sean Doherty sente atração sexual por outros homens. Ele também é cristão, professor de ética, tem um casamento feliz com uma mulher e três filhos.

Como todas essas coisas se encaixam?

“Tornei-me cristão no final da minha adolescência”, diz Doherty.[1] “Também tinha atração sexual exclusivamente por homens. Determinei que o único caminho aberto para mim seria permanecer celibatário. Aceitei o ensino bíblico de que Deus havia criado o casamento para um homem e uma mulher e, como era gay, a minha única opção ética era abraçar a vida de solteiro.”

Como a perspectiva de Doherty mudou? Ele explica que começou a refletir sobre “a identidade sexual que Deus tinha me dado” — a saber, o “fato tangível de que eu sou um homem. [...] Assim, como homem, a intenção original de Deus para mim na criação era conseguir me relacionar sexualmente com uma mulher”. No jardim do Éden, macho e fêmea foram criados para serem a contrapartida ou complemento um do outro. Na linguagem da versão King James, a mulher é “apropriada” para o homem — um termo que significa compatível ou correspondente a ele (Gn 2.18,20).

Para resumir, Doherty concentrou-se no fato de que é um homem nos âmbitos biológico, genético e fisiológico, orientado na direção de uma mulher, não importando quais fossem os seus sentimentos e desejos. “Na verdade, cheguei a pensar que, de fato, os meus sentimentos estavam superficiais em comparação à minha identidade física.” E começou a basear a sua identidade em seu corpo.

Com o passar do tempo, Doherty começou a observar uma mudança sutil. “Sem negar ou ignorar os meus sentimentos sexuais, parei de considerá-los como a minha identidade sexual e comecei a considerar o meu corpo físico como a minha identidade.” Para a sua surpresa, descobriu que os seus desejos sexuais começaram a mudar. “Em vez de tentar mudar os meus sentimentos para poder mudar o meu rótulo, mudei o meu rótulo, e os meus sentimentos começaram a seguir a mudança.” Os seus sentimentos mudaram o suficiente a ponto de ele passar a gostar de uma mulher e casar-se com ela.

“Embora os nossos sentimentos sejam importantes”, concluiu Doherty, “não são eles que definem a nossa identidade. Tampouco eles são um guia confiável para os propósitos de Deus. Como são decaídos e pecaminosos, os nossos sentimentos oscilam com o tempo. O marcador mais confiável de quem somos é a nossa identidade física e corporificada, dada por Deus, como homem e mulher.”

Será que isso significa que Doherty está livre da sua atração sexual por homens? Não. Como pode acontecer com todos os outros seres humanos decaídos e pecadores, ele às vezes sente atração por uma pessoa diferente da sua esposa. E, quando isso acontece, normalmente esse alguém é outro homem.

A Bíblia ensina que a diferenciação entre macho e fêmea na criação é uma coisa boa. A nossa natureza complementar fala do nosso anseio por união, que, por sua vez, reflete a natureza divina — um Deus que é uma Trindade, Pessoas diferentes em relacionamento mútuo. A questão é: será que aceitamos essa estrutura criada ou a rejeitamos? Será que afirmamos a bondade da criação ou a negamos? Será que vemos o corpo como um reservatório de significado, uma fonte de verdades morais? Existe alguma teleologia do corpo que somos chamados a respeitar? Ou vemos o corpo apenas como um pedaço de matéria sem nenhuma mensagem moral? Essas são as questões de cosmovisão em jogo na temática da homossexualidade.[2]

Quando tomamos decisões sexuais, não estamos decidindo apenas se vamos seguir algumas regras. Estamos expressando a nossa visão do cosmos e da natureza humana. Descobriremos que os argumentos que apoiam a prática homossexual aceitam implicitamente a mesma cosmovisão de dois andares que abordamos nos capítulos anteriores — a que nega a bondade da criação e a teleologia do corpo.

O meu objetivo não é defender nenhuma teoria em particular acerca do que causa a atração pelo mesmo sexo, ou se as pessoas podem mudar isso. Como Doherty, algumas pessoas mudam, mas muitas não, e aqueles que o fazem normalmente mudam aos poucos, ao longo de um período de tempo. Ao contrário, o meu objetivo é argumentar contra a reação automática que estigmatiza o Cristianismo como algo odioso e discriminatório. A maior barreira para considerar-se o Cristianismo hoje é o seu padrão moral. Muitas pessoas não perguntam mais se o Cristianismo é verdadeiro. Perguntam por que os cristãos são assim fanáticos. O desafio é mostrar que, na realidade, a moralidade bíblica

expressa uma visão superior da criação e do corpo, muito maior do que a moralidade secular. Ela concede dignidade e valor maiores ao ser humano, sendo, em última instância, mais satisfatória.

“EU NASCI ASSIM”

A maioria das pessoas considera que o desejo pelo mesmo sexo deve ter alguma base biológica. Certamente, os nossos desejos sexuais parecem expressar um aspecto forte e profundo do nosso ser. Parece natural agir de acordo com esses sentimentos. Só que, como vimos no capítulo 1 (pode ser útil reler essa parte), os cientistas não descobriram nenhuma causa biológica clara.[3]

Muitos cientistas consideram os estudos com gêmeos idênticos como a forma mais confiável de evidência, e esses estudos não parecem apoiar a hipótese da causa genética.[4] Francis Collins, diretor do Projeto Genoma Humano e o mais importante geneticista dos Estados Unidos, escreve que “a orientação sexual é geneticamente influenciada, mas não programada pelo DNA, e quaisquer genes que estejam envolvidos representam predisposições, não predeterminações”.[5] Em resumo, não temos que aceitar o determinismo genético.

Mesmo assim, as pessoas de ambos os lados do assunto podem ter direcionado energia demais ao debate sobre genética. Todos reconhecem que até mesmo traços que têm base genética podem não ser bons para nós. Lady Gaga pode cantar: “I was born this way” [“eu nasci assim”], mas até mesmo John Corvino, defensor da causa gay, escreve: “Não importa se você nasceu assim. O fato é que há muitos traços com influência genética que são, todavia, indesejáveis”.[6] A predisposição a coisas tais como depressão, alcoolismo, vício em drogas e doenças do coração pode ser genética (isto é, eles tendem a repetir-se na família). Entretanto, a maioria das pessoas concordaria que somos moralmente responsáveis pela maneira como respondemos à nossa herança genética. Localizar uma ligação genética pode ajudar-nos a ter mais compaixão pelas pessoas, mas a genética não nos diz se um comportamento é certo ou errado, bom ou ruim para nós.

Além disso, “os genes não são fixos; eventos da vida podem desencadear mensagens bioquímicas que os ativam ou desligam”, escreve o psiquiatra Bessel

van der Kolk.[7] Isso não significa que temos a capacidade de controlar os nossos genes à vontade. Significa, porém, que não deveríamos concluir que, se um traço for genético, ele seja, portanto, fixo e imutável.

Alguns pesquisadores respondem que, mesmo se o desejo sexual não for genético, continua podendo ter base na biologia — nos hormônios pré-natais ou na estrutura cerebral. Por exemplo, alguns estudos descobriram diferenças no tamanho de várias regiões do cérebro de homens homossexuais, quando comparados com homens heterossexuais. Acontece que as diferenças no cérebro também podem ser influenciadas pela experiência. Um artigo do New York Times relata: “A parte do cérebro que lida com a navegação é aumentada nos motoristas de táxi de Londres, assim como a região que lida com os movimentos dos dedos da mão esquerda é aumentada em violinistas destros”.[8] Como violinista, acho esse fato interessante.

Outros estudos medem as correlações físicas da excitação sexual. Se você conectar homens a uma máquina de ressonância magnética (RM) e mostrar a eles fotos de pessoas nuas, o cérebro de um homem atraído por mulheres acende quando ele vê uma mulher, ao passo que o cérebro de um homem atraído por homens acende quando ele vê um homem. Uma diferenciação similar acontece quando os pesquisadores conectam homens a uma máquina que mede a resposta genital a fotos. Muitos pesquisadores sexuais concluem, a partir desses estudos, que o desejo sexual é biologicamente inato e fixo.[9]

O caso é que essa conclusão não é lógica. Os padrões cerebrais não são fixos. No capítulo 4, vimos a neuroplasticidade em relação à pornografia — como ela literalmente reorienta os caminhos neurais do cérebro. Os especialistas em neurobiologia descobriram que o cérebro pode também se reorientar por causa de traumas, seja abuso infantil, seja combate militar ou um acidente de carro. Quando as pessoas revivem o trauma, o seu cérebro acende como árvore de natal em um padrão característico (especialmente a amígdala, a parte do cérebro que registra ameaças). E esses padrões também não permanecem fixos. Exames cerebrais antes e depois da terapia de trauma revelam que os caminhos podem ser reorientados. Como escreve van der Kolk, a terapia pode literalmente “mudar as configurações da amígdala”.[10]

Até mesmo a religião tem correlações físicas. Exames de RM mostram quais áreas do cérebro são ativadas quando pessoas têm experiências religiosas. Quando uma freira católica ora ou um monge budista medita, eles geram exames

cerebrais parecidos. Será que isso significa que ser freira ou monge é algo fixo, inato e geneticamente programado? É claro que não. Então, por que chegar a essa conclusão a partir de exames cerebrais que mostram respostas sexuais?

O que o estudo realmente mostra é que somos seres corporais; os nossos pensamentos e desejos têm correlações físicas dentro do nosso cérebro.[11] Em estudos sobre tristeza, raiva, felicidade e medo, diz van der Kolk, "exames cerebrais mostraram que [...] cada tipo de emoção produzia um padrão característico, distinto dos outros".[12] Então, não podemos dizer que é surpresa o fato de os sentimentos sexuais produzirem respostas físicas. A ciência está enfatizando a realidade de os seres humanos serem uma unidade entre mente e corpo — exatamente como o Cristianismo ensina. Tanto os nossos pensamentos como os nossos sentimentos afetam o nosso corpo. Como diz o livro de Provérbios: "A boa fama engorda os ossos" e "O coração alegre serve de bom remédio, mas o espírito abatido virá a secar os ossos" (Pv 15.30; 17.22).

É interessante que a correlação mais confiável com o desejo homoerótico não é nenhum traço genético ou físico, mas comportamental: estudos descobriram que "a não conformidade de gênero na infância — comportar-se como o outro sexo — tem uma correlação forte com a orientação sexual adulta que tem sido replicada de maneira consistente e repetida".[13] Como essa correlação é amplamente apoiada por pesquisas, iremos analisá-la com mais detalhes no capítulo 6. (Esses dois capítulos deveriam ser lidos como uma unidade.)

…

O MEU CORPO "SOU EU"?

Não importa quais sejam os fatores causais, o que fica claro é que a atração pelo mesmo sexo não se alinha com o sexo biológico como macho ou fêmea. Esse fato é o ponto inicial das teorias de gênero pós-modernas.

A influente filósofa Judith Butler é aclamada como a fundadora da teoria queer, definida como uma teoria que "se concentra nos desequilíbrios entre sexo,

gênero e desejo”.[14] Naturalmente, nós aspiramos por uma “coerência interna” ou “unidade de experiência” entre esses três aspectos do nosso ser, observa Butler.[15] Todavia, como se identifica como lésbica, ela mesma não se encaixa nesse ideal integrado. A sua conclusão é que devemos rejeitar a nossa aspiração natural por unidade interna. De fato, chamar isso de “natural” já é, em si mesmo, um ato de opressão na visão de Butler. Com a teoria queer, ela tem por objetivo romper o elo que conecta o sexo biológico ao gênero e ao desejo. Ela promove uma teoria da natureza humana concentrada na interrupção e na fragmentação.

Imagine um desses brinquedos de criança feitos de três blocos que se conectam, com cabeças de animais no bloco superior, corpos no bloco do meio e pernas no bloco inferior. As crianças podem misturar os blocos para criar animais de fantasia, como uma cabeça de elefante com corpo de girafa e pernas de flamingo. Essa é a imagem que me vem à mente quando leio a tentativa de Butler de persuadir-nos de que o ser humano é um conjunto de blocos de montagem que se pode construir a bel-prazer: o sexo físico, o gênero e o desejo sexual. “A ideia de que a congruência interna é melhor ou natural é uma ficção”, diz ela. Misture os blocos da maneira como quiser.

A teoria queer defende o comportamento não heterossexual ao retalhar o ser humano em partes desconexas e afirmar que essas partes não têm relação umas com as outras.

TEORIA QUEER X CORPO

Precisamos dar crédito à teoria queer pela sua consistência lógica. Ninguém nega de fato que, no nível da biologia, fisiologia, anatomia e bioquímica, homens e mulheres correspondem um ao outro. O sistema sexual e reprodutivo do ser humano foi projetado assim. Portanto, abraçar uma identidade não heterossexual provoca, de fato, uma ruptura interior. Isso contradiz o nosso projeto biológico.

Implicitamente, a pessoa está dizendo: “Por que eu deveria me importar com a estrutura do meu corpo? Por que eu deveria deixar que isso definisse a minha identidade? Por que o meu corpo sexuado deveria ter algo a dizer sobre as minhas escolhas morais?”. Dessa forma, o corpo estaria dissociado de quem somos como pessoa, como se não tivesse nenhuma dignidade ou propósito

intrínseco, ao qual teríamos a obrigação moral de respeitar.

Essa é uma visão muito aviltada do nosso corpo.

Pense sobre isso desta maneira: é amplamente aceito hoje que, se uma pessoa sente uma disfunção entre o sexo biológico e o desejo sexual, o único caminho apropriado a seguir é aceitar a sua condição psicológica como o seu eu autêntico e verdadeiro. Todavia, por quê? Por que supor que os sentimentos são mais importantes do que o corpo?

Uma pessoa envolvida em comportamento homossexual pode não pretender, conscientemente, menosprezar o corpo. Porém, as nossas ações podem ter implicações lógicas que ainda não discernimos com clareza. As nossas escolhas implicam toda uma metafísica — nesse caso, a mesma cosmovisão dividida de dois andares abordada nos capítulos anteriores, com a sua visão negativa da existência corporal. Não é de espantar que o Novo Testamento diga que a atividade sexual com o mesmo sexo "desonra" o corpo: "Pelo que também Deus os entregou [...] para desonrarem o seu corpo entre si" (Rm 1.24).

Muitas pessoas denunciam a moralidade bíblica por ela ser dura e cheia de juízos. Só que, na realidade, ela é baseada no respeito pela nossa biologia como parte integral da pessoa e oferece uma visão rica e multidimensional do que significa ser humano.

A BÍBLIA É PRÓ-CORPO

A questão central é como definimos a nossa identidade. Atualmente, a suposição geral é que os seres humanos são movidos, fundamentalmente, por desejos, sentimentos e atrações — que os seus sentimentos sexuais definem a sua identidade.

Porém, como escreve Sean Doherty, a Bíblia tem "uma definição muito mais terrena, física e corpórea da sexualidade: 'macho e fêmea os criou' (Gn 1.27)". A ética sexual cristã está fundamentada no modo como os seres humanos foram originalmente criados. "No princípio" é quando aprendemos quem somos, como fomos feitos por Deus e o que significa ser totalmente humano.

Algumas formas de terapia e ministério buscam ajudar as pessoas a mudarem os seus sentimentos sexuais, só que a tentativa de mudar diretamente os sentimentos tem pouca eficácia. “Para mim”, escreve Doherty, “uma descoberta muito mais libertadora e útil foi que a minha identidade sexual como homem já estava fixa e segura — porque a sexualidade (no sentido das diferenças sexuais entre homens e mulheres) é um dom de Deus à humanidade na criação”. Ele conclui que, em vez de concentrar-se nos sentimentos, uma estratégia melhor “era receber ou reconhecer o que eu já tinha (um corpo masculino) como presente de Deus”.[16] Em resumo, Doherty aprendeu a confiar que a identidade biológica que Deus concedeu a ele era para o seu bem.

O Cristianismo é, muitas vezes, acusado de ser contra o sexo e contra o corpo. Todavia, a ética secular, na realidade, é contra o corpo. Os ativistas gays subestimam o corpo — a nossa identidade biológica como macho ou fêmea — e definem o nosso eu verdadeiro pelos nossos sentimentos e desejos. Eles presumem que o corpo não apresenta nenhum ponto de referência para a nossa identidade de gênero ou para as nossas escolhas morais. Em essência, a cosmovisão secular retomou o antigo desdém gnóstico pelo corpo. O Cristianismo honra o corpo como macho e fêmea, em vez de subordinar o sexo biológico a sentimentos psicológicos.[17]

É claro, muitas pessoas apoiam slogans como “igualdade no casamento” apenas porque acham que é a coisa mais compassiva a ser feita, ou porque pensam que outras visões são discriminatórias. Todavia, não estamos falando dos sentimentos subjetivos das pessoas ou da sinceridade dos seus motivos. Estamos revelando a lógica da ética que apoia a prática homossexual, quer se reconheça isso conscientemente, quer não. Em sua decisão Obergefell, a Suprema Corte norte-americana decidiu que o casamento legal não tem conexão com a biologia — que o seu propósito é proteger a “pessoalidade”. Todavia, por que estabelecer uma oposição entre biologia e pessoalidade? Por que aceitar um dualismo de dois andares que diminui o corpo e aliena as pessoas do seu sexo biológico?

A moralidade bíblica afirma o valor elevado da criação. Em uma visão teleológica, a natureza não é matéria bruta indiferenciada sem nenhum caráter positivo próprio. Ela exibe um plano, um projeto, uma ordem e um propósito. E, por isso, dá fundamento racional para as nossas decisões morais. A nossa identidade sexual deve estar em harmonia com a nossa identidade psicológica. O objetivo é superar a alienação própria e recuperar um sentido de coerência interior.

…

VIVEMOS EM “DOIS MUNDOS”

O principal motivo pelo qual as pessoas acham difícil compreender a ética sexual bíblica é que, pela mentalidade dos dois andares, o seu pensamento foi treinado a fazer uma divisão entre a ordem natural e a ordem moral. No mundo acadêmico, a visão teleológica da natureza como algo com propósito foi derrubada por uma visão materialista que vê a natureza como desprovida de significado espiritual e moral. (Veja o capítulo 2 sobre o impacto da visão modernista da natureza.) Como resultado, a maioria das pessoas não “ouve” mais a própria mensagem do corpo — por exemplo, como a própria estrutura da diferenciação entre macho e fêmea fala de relacionamento, amor mútuo e autodoação.

E, se a moralidade estiver desconectada da natureza, torna-se, então, apenas uma construção social. Ou seja, ela passa a ser o que nós decidirmos. Uma visão modernista da natureza leva, inevitavelmente, a uma visão pós-modernista da moralidade. A teoria de gênero pós-moderna não fundamenta a sua identidade com base na sua biologia, mas na sua mente. Você é o que você sente.

Para envolvermo-nos com os nossos amigos seculares — e até mesmo com os nossos amigos cristãos que absorveram ideias seculares —, devemos saber ao menos um pouco sobre o pós-modernismo. De onde ele veio e como está moldando as ideias das pessoas sobre as questões sexuais?

Para localizar a origem do pós-modernismo, temos que retornar ao filósofo Immanuel Kant, no século XVIII. Embora tenha crescido em uma família luterana pietista e devota e tenha permanecido solteiro a vida toda, as ideias de Kant foram o trampolim para a visão pós-modernista de sexualidade de hoje. Kant continuou a partir do ponto em que o dualismo de dois andares de Descartes parou (veja o capítulo 3). Os seres humanos habitam em “dois mundos”, disse ele. No andar inferior, eles são parte da natureza que, para ele, era a máquina mundial determinista da física clássica. No andar superior, o ser

humano opera no mundo da liberdade como agente livre que faz escolhas morais. Os filósofos chamam isso de dicotomia natureza/liberdade de Kant.[18]

O motivo pelo qual essa é uma dicotomia genuína é que os "dois mundos" são logicamente contraditórios. Em um mundo materialista, onde todas as ações são determinadas pelas leis da natureza, logicamente falando, a liberdade é impossível. Não há nenhuma cosmovisão consistente e com lógica coerente que possa englobar os dois "mundos". Kant nunca encontrou uma maneira de resolver essa contradição — o que significa que a sua filosofia nunca foi consistente com um todo unificado. "Kant deixou um abismo entre a sua concepção de conhecimento e a sua teoria da moral", escreve o filósofo Robert Solomon, "e, então, deixou a mente humana fendida em duas partes".[19]

A MINHA MENTE DECIDE O QUE É REAL

Kant, então, "fendeu" ainda mais a mente humana em duas. Ele propôs que até mesmo o andar inferior — o mundo da natureza — fosse uma criação da mente. Afinal de contas, disse ele, como conhecemos qualquer coisa sobre a natureza? Impressões sensoriais invadem os nossos olhos e ouvidos em um emaranhado de caos. Como essas percepções organizam-se em uma concepção coerente e ordenada do cosmos? Pela ação da mente humana.

Segundo Kant, é a mente que organiza as nossas sensações ao fornecer os princípios ordenadores de causa e efeito, antes e depois, espaço e tempo, número e assim por diante. A mente humana engloba uma matriz mental que injeta ordem ao caos dos dados sensoriais — impondo organização no fluxo das percepções. O mundo só parece ser ordenado e legítimo porque a mente humana cria essa ordem legítima, assim como pressionar uma bola de argila dentro de um molde dará a ela a sua forma.

O resultado é que, na filosofia de Kant, não vivemos em um mundo estruturado por Deus. Vivemos em um mundo estruturado pela consciência humana. Kant escreveu: "A mente é a legisladora da natureza".[20] É como se os seres humanos estivessem diante de um amontoado de matéria bruta, um universo ainda sem forma e vazio, com o poder de gritar: "Haja...!"

Kant chamou a isso de sua “revolução copernicana” e certamente era radical o suficiente para tal. Enquanto Copérnico havia estabelecido o sol como centro do sistema planetário, Kant estabeleceu a mente humana como o centro da realidade. Em suas palavras, até agora, “presumiu-se que todo o nosso conhecimento devia conformar-se aos objetos”. Porém, e se virarmos isso de cabeça para baixo? E “se supusermos que os objetos é que devem conformar-se ao nosso conhecimento”[21] — ou seja, à nossa mente?

Dessa forma, Kant absolutizou a mente, tratando-a como a realidade definitiva à qual tudo deve conformar-se.

Ao fazer isso, ele plantou as sementes do pós-modernismo, que reduz todo o conhecimento humano a construções mentais. Com Kant, “o eu torna-se não apenas o centro da atenção, mas todo o sujeito-matéria da filosofia”, escreve Solomon. “O eu não é apenas outra entidade no mundo, mas, em um sentido importante, ele cria o mundo”.[22]

Para compreender como essa reviravolta foi radical, lembre-se de que, desde o Iluminismo, muitos pensadores ocidentais têm sido materialistas, insistindo que o andar inferior da natureza é a única realidade. Eles absolutizaram a matéria (vimos exemplos nos capítulos anteriores). Kant contrapôs isso ao insistir que o andar superior da mente é a realidade primária — e que chega a criar a natureza como a conhecemos.

Afinal de contas, se o eu deve ser verdadeiramente livre e autônomo, não deve ser confrontado com um universo objetivamente ordenado. O universo deve ser reduzido à matéria bruta — simples “coisas” sem qualquer ordem inerente. Podemos pensar que estamos percebendo uma ordem no mundo que existe independentemente de nossa mente. Todavia, segundo Kant, isso é uma ilusão. Na realidade, a mente humana está constantemente impondo ordem em nossas percepções, como um cortador impondo forma à massa de biscoito. O mundo, como o percebemos, não passa de uma construção da consciência humana.

E o que isso significa para a ética? Para Kant, o eu iluminado é completamente autônomo, no sentido literal da palavra: uma lei para si mesmo (auto = eu, nomos = lei). Para o ser autônomo, qualquer fonte externa de lei moral é inerentemente opressiva.[23]

OS FILÓSOFOS GOVERNAM O MUNDO

Levou séculos até que a filosofia de Kant fosse desdobrada em todas as suas implicações. (Platão disse que os filósofos deveriam governar o mundo, e eles assim o fazem — centenas de anos depois da sua morte.) O pós-modernismo de hoje leva a divisão de Kant à sua conclusão lógica. Trata o mundo material — incluindo o corpo — em grande parte como uma construção da mente humana. Não há ordem criada que sejamos moralmente obrigados a honrar ou respeitar. A consciência determina o que é real para nós.

O trampolim para o pós-modernismo foi a frase de Nietzsche: "Não existem fatos, apenas interpretações".[24] Quando tratamos a sexualidade de acordo com o pós-modernismo, os fatos biológicos não existem, apenas interpretações. O corpo sexuado não tem significado moral em si mesmo; a mente impõe os seus próprios significados.

A divisão pós-moderna corpo/pessoa

EU AUTÔNOMO

Livre para Impor as suas Próprias Interpretações ao Corpo

CORPO FÍSICO

Matéria Bruta sem Identidade ou Propósito Intrínseco

Uma pessoa envolvida em relacionamentos homossexuais pode não aceitar,

conscientemente, a ética pós-moderna. Porém, as nossas ações podem implicar ideias lógicas que ainda não discernimos com clareza. A prática homossexual implica a visão pós-moderna de que a nossa identidade é definida pelos nossos sentimentos e desejos; que podemos usar o nosso corpo de maneiras que contradizem a nossa estrutura biológica. Como explicou o papa João Paulo II, muitas pessoas hoje acreditam que a nossa identidade como pessoa é igualada à livre escolha do eu, enquanto o corpo torna-se "extrínseco à pessoa", uma posse subpessoal sob o nosso controle, que pode ser manipulada para servir aos nossos desejos.[25] Camille Paglia, que se descreve como uma lésbica pagã, defende a homossexualidade dizendo: "O destino, e não Deus, deu-nos essa carne. Temos direito absoluto ao nosso corpo e podemos fazer com ele como nos aprouver".[26]

O Cristianismo, ao contrário, afirma que vivemos em um universo estruturado não por forças cegas, mas pelos propósitos amorosos de um Criador pessoal, e que somos chamados a viver em harmonia com essa estrutura. Os críticos pintam a ética bíblica em cores negativas e opressoras. Contudo, na realidade, a cosmovisão teleológica afirma a sexualidade como parte do nosso projeto mais profundo, o qual nos fala de Deus e da beleza do seu caráter.

O "ROTEIRO GAY"

A cultura secular apresenta um "roteiro gay" que muitos acham bem atraente.[27] Ele diz que qualquer pessoa que experimente desejos pelo mesmo sexo descobriu o seu eu autêntico e que eles serão mais bem satisfeitos quando são afirmados como a sua verdadeira identidade. Esse roteiro é apresentado em incontáveis filmes, romances, artigos, músicas e programas de televisão. Tornou-se uma narrativa poderosa que modela o pensamento, muito especialmente dos jovens.

A ironia é que a ideia de colocar a atração sexual no centro da nossa identidade é uma invenção recente. É claro que, ao longo da história, as pessoas já se envolviam em comportamento homossexual, só que isso era visto exatamente dessa forma — como um comportamento no qual qualquer pessoa podia envolver-se. Não era visto como uma identidade inalterável. Em The Invention of Heterosexuality [A Invenção da Heterossexualidade], o historiador Jonathan

Ned Katz escreve que, desde as épocas mais antigas, o adjetivo homossexual era usado para descrever atos que qualquer pessoa poderia desempenhar, não uma condição imutável ou uma identidade essencial. Isso se referia a uma ação, não a uma categoria de pessoa.[28]

Quando foi que o significado do termo mudou? No século XIX, quando a influência moral cristã começou a declinar, a ciência médica tomou para si a definição de sexualidade. Os termos morais certo e errado foram alterados para os supostos termos científicos objetivos saudável e anormal.[29] Sob esse novo "regime médico-sexual", diz Foucault, o que era um "pecado habitual" agora se tornou uma "natureza singular". O que era uma "aberração temporária" tornou-se agora "uma espécie".[30] A ciência forjou a hetero e a homossexualidade como tipos psicológicos divergentes, inatos e imutáveis.

LESBIANISMO NO GULAG

Hoje, porém, a ciência está mudando mais uma vez. Estudos recentes descobriram que o desejo sexual é mais fluido do que a maioria das pessoas pensava. Lisa Diamond, que se identifica como lésbica, é uma pesquisadora da Associação Psicológica Americana e descobriu (para a sua própria surpresa) que os sentimentos sexuais não são fixos. Eles podem ser influenciados pelo ambiente, cultura e contexto. Pessoas com erotismo exclusivo e imutável pelo mesmo sexo são, na verdade, a exceção, não a norma.[31] A decisão Obergefell, da Suprema Corte norte-americana, que declarou a sexualidade "imutável", já está ultrapassada. Lisa afirma de maneira direta: "Sabemos que não é verdade. [...] Os homossexuais têm que parar de dizer: 'Por favor, nos ajudem, nascemos assim e não podemos mudar' como argumento para a sua posição legal".[32]

Lisa não está afirmando que todos têm a capacidade de fluidez, ou que podemos mudar os nossos desejos sexuais à vontade. Mesmo assim, dizer que a sexualidade é fluida é reconhecer que somos todos suscetíveis às pressões e possibilidades do nosso ambiente. Uma das minhas alunas, Gabriela, cresceu em uma cidadezinha tradicional, onde nunca lhe ocorreu questionar a sua sexualidade. No entanto, quando ela saiu de casa para ir à universidade em uma cidade grande, fez amizade com mulheres que eram lésbicas — e descobriu-se

tentada. “Eu não fazia ideia de que a atração pelo mesmo sexo seria um problema para mim”, contou-me Gabriela. “Acontece que, quando fui confrontada com uma oportunidade concreta, surpreendi-me ao descobrir ser atraída por ela.” Por muitos anos, Gabriela identificou-se como lésbica, até que passou por uma experiência espiritual profunda. Ela disse para mim: “Reconheci que Deus me fez mulher para estar em um relacionamento com um homem e decidi confiar que a vontade de Deus era o melhor para mim”.

A fluidez sexual pode explicar por que surge a homossexualidade circunstancial, às vezes, em ambientes de um só sexo, como em prisões. Em The GULAG Archipelago [O arquipélago GULAG], Aleksandr Solzhenitsyn descreve como o lesbianismo surgiu no sistema prisional soviético depois que Stalin segregou os sexos: “As mulheres sofreram mais do que os homens com a separação. [...] O amor lésbico desenvolveu-se rapidamente”.[33]

Hoje, nos campi universitários, tornou-se quase um rito de passagem experimentar relações com o mesmo sexo. Há até mesmo gírias para isso, como LAF (Lésbica Até a Formatura). Em alguns lugares, pode existir uma pressão considerável para adaptar-se. Uma jovem chamada Lisa, que se formou recentemente em Música em uma universidade estadual, contou-me: “Na faculdade de Artes, se você não for gay, será tratado como um ninguém”.

Em algumas partes do país, os pais relatam que seus filhos estão sofrendo uma imensa pressão social para experimentar diversas identidades sexuais até mesmo no Ensino Fundamental. Um amigo com uma filha de 11 anos contou para mim: “As escolas tornaram a questão de gênero tão importante agora que as crianças estão sempre se perguntando: ‘Você é gay? Você é trans?’. Minha filha tem colegas de classe lésbicas que a pedem em namoro. Eu lembro a ela que há vários elementos interessantes na personalidade de alguém além do gênero!”.

TIM KELLER: GUERREIRO OU HABITANTE DA CIDADE?

A fluidez sexual significa que a maneira como interpretamos os nossos sentimentos e desejos sexuais pode ser influenciada pelas forças sociais. Timothy Keller oferece o seu exercício intelectual sobre o guerreiro anglo-saxão contra o habitante de Manhattan:

Imagine um guerreiro anglo-saxão na Britânia do século XIX. Ele tem dois impulsos e sentimentos internos muito fortes. Um deles é a agressão. Ele adora esmagar e matar pessoas quando elas demonstram desrespeito. Vivendo em uma cultura de vergonha e honra, com a sua ética de guerra, ele identifica-se com esse sentimento. Ele diz para si mesmo: “Esse sou eu! Isso é quem eu sou! Eu expresso isso”. O outro sentimento que ele experimenta é a atração pelo mesmo sexo. Para isso ele diz: “Esse não sou eu! Vou controlar e suprimir esse impulso”.

Agora imagine um jovem caminhando por Manhattan hoje. Ele tem os mesmos dois impulsos, ambos igualmente fortes, ambos difíceis de controlar. O que ele diz? Ele olhará para a agressão e pensará: “Esse não é quem eu quero ser” e buscará libertação na terapia e em programas de gerenciamento da raiva. E olhará para o seu desejo sexual, entretanto, e concluirá: “Esse é quem eu sou”.

O que Keller está dizendo com esse exercício? Que “não construímos a nossa identidade simplesmente de dentro. Pelo contrário, recebemos alguma estrutura moral de interpretação, colocamos sobre os nossos vários sentimentos e impulsos e, por meio disso, selecionamo-los. Essa estrutura ajuda-nos a decidir quais sentimentos são ‘eu’ e deveriam ser expressados — e quais não são e não deveriam ser”.

Os seres humanos não são criaturas autocriadas, autoexistentes e autodefinidas. Todos olhamos para fontes externas para informar-nos sobre quem somos e como deveríamos viver. Procuramos uma regra ou estrutura para ajudar-nos a decidir quais sentimentos e impulsos são bons e quais são prejudiciais ou imorais e deveriam ser reorientados. Keller conclui: “E onde o nosso guerreiro anglo-saxão e o nosso homem moderno de Manhattan obtêm as suas estruturas? Em suas culturas, comunidades e histórias heroicas”. Eles podem pensar que estão apenas escolhendo ser o seu eu autêntico. Porém, na realidade, “estão filtrando os seus pensamentos, descartando alguns e abraçando outros. Estão escolhendo ser o eu que sua cultura diz a eles que deveriam ser”.[34]

ESCOLHENDO A SUA IDENTIDADE

O problema é que, quando o desejo sexual é visto como característica definidora da sua identidade, ele torna-se rígido e inviolável. O questionamento à identidade de alguém é tomado como um ataque à sua individualidade e valor. Quando a pessoa abstém-se de agir conforme os seus sentimentos sexuais, ela é acusada de repressão e ódio próprio.

Porém, por que colocar os sentimentos sexuais no centro da nossa identidade? A Bíblia oferece um roteiro mais atraente que define a nossa identidade em termos de imagem de Deus, criado para refletir o seu caráter. Somos filhos de Deus, amados e remidos. Quando colocamos o centro da nossa vida nessas verdades, a nossa identidade está, verdadeiramente, segura, independentemente de quais sejam os nossos sentimentos sexuais — e se eles mudam ou não.

Os psicólogos oferecem uma distinção útil entre sentimentos, comportamento e identidade. Não escolhemos os nossos sentimentos, mas escolhemos o nosso comportamento e a nossa identidade. Muitas pessoas que experimentam sentimentos homossexuais não se envolvem em comportamento homossexual e, menos ainda, adotam uma identidade homossexual.[35]

Um relatório de 2009 da Associação Psicológica Americana (APA) reconheceu que algumas pessoas com desejos homoeróticos são, na verdade, mais felizes quando se abstêm desses desejos. “Agir de acordo com atrações pelo mesmo sexo pode não ser a solução satisfatória”, diz o relatório — especialmente no caso daqueles para quem a identidade religiosa é mais importante.[36] Judith Glassgold, que comandou a força-tarefa da APA sobre o assunto, disse: “Precisamos reconhecer que, para algumas pessoas, a identidade religiosa é uma parte tão importante da sua vida que pode transcender todas as outras”.[37]

Em resumo, de maneira surpreendente, a APA desmascarou o “roteiro gay” segundo o qual qualquer pessoa com sentimentos homossexuais será mais feliz ao afirmá-los abertamente. Ao contrário, somos mais felizes quando escolhemos uma identidade que é congruente com as nossas convicções mais profundas, vivendo de acordo com elas até mesmo quando é difícil e complicado.

Alguns ativistas da causa gay têm enfatizado o papel da escolha na identidade sexual há muito tempo. Em um artigo de ampla circulação em 1992, Donna Minkowitz escreve:

Lembre-se de que grande parte da conversa sobre a homossexualidade como sendo a natureza de alguém, não uma escolha, foi articulada como resposta à opressão brutal. “Não é nossa culpa!” — começaram a proclamar os ativistas gays no século passado. [...] “Não escolhemos ser assim, então não nos punam por isso!” Cem anos depois, é tempo de abandonar essa postura defensiva e caminhar de cabeça erguida sobre a terra. Talvez você não tenha escolhido ser gay — e está tudo bem. Só que eu escolhi.[38]

Em um caminho similar, Darrel Yates Rist, cofundador da Aliança de Gays e Lésbicas Contra a Difamação, descarta a ideia de que as pessoas não heterossexuais são uma minoria genética, “semelhante a judeus e negros”. “A artimanha não cola”, escreve Rist.

No fim, a ciência pode até descobrir alguma maneira de descrever o complicado jogo entre genes e o ambiente que compele qualquer um de nós a fazer as sutis escolhas durante a nossa vida que nos levam a expressões [sexuais] particulares. Tudo bem. Porém, em última instância, parece-me covarde abnegar a nossa responsabilidade individual diante da construção dos desejos sexuais.[39]

A MUDANÇA DA ESTRUTURA

Como podemos assumir a “responsabilidade individual” pela nossa identidade e viver de acordo com as nossas convicções mais profundas? A definição bíblica de arrependimento significa, em primeiro lugar, uma mudança da mente ou da perspectiva mental. No grego, o termo é metanoia, que significa literalmente “mudar a mente de alguém” (noia é uma forma de nous = mente). Paulo escreve:

“Transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (Rm 12.2). Jesus conecta o arrependimento a uma mudança de mente ou crença: “Arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15).

Podemos parafrasear dessa maneira: “Mudem a sua estrutura de interpretação”.

Como exemplo, vejamos a história de Rebecca. “Cresci morando na área rural, e os meus pais não permitiam que eu usasse o carro da família para visitar minhas amigas na cidade. As únicas pessoas com motivação suficiente para dirigir até o campo para me ver eram os rapazes.” Como resultado, durante toda a adolescência, Rebecca namorou muito, mas não teve amigas próximas. “Quando saí de casa para a faculdade, ansiava por amizades femininas. Encontrei outra aluna que era lésbica — e fui fisgada na hora. Não houve hesitação. Voltei para o meu dormitório e soube imediatamente que era isso que eu queria.”

Durante a década seguinte, Rebecca repetiu “paixões femininas”, mesmo depois de converter-se ao Cristianismo e casar-se com um homem. “Finalmente, conversei sobre isso com o meu marido”, disse ela. “A sua resposta foi: como você é, biologicamente, uma mulher, pode ter certeza de que, não importa quais sejam os seus sentimentos agora, no final será mais satisfeita por um homem do que por outra mulher.” E ele acrescentou: “Isso serve para os dois lados: como eu sou, biologicamente, um homem, não importa quais possam ser os meus sentimentos, no final serei mais satisfeito por uma mulher do que por outro homem. Foi assim que Deus nos criou”.

Esse argumento pareceu lógico para Rebecca e mudou a sua estrutura de interpretação — o que acabou sendo um ponto de virada e reduziu a sua atração lésbica indesejada. Será que ela libertou-se completamente da tentação? Não. Por exemplo, ela contou para mim: “Ainda não posso ver cenas lésbicas em filmes e séries”. Ela, porém, foi gradualmente liberta das intensas e obsessivas paixões lésbicas que perturbavam a sua vida e o seu casamento. Agora que tem filhos, ela vê a sexualidade como algo não apenas para o prazer individual e para a conexão romântica, mas também como parte de um plano maior de Deus para criar famílias seguras e amorosas, que são a base para construir civilizações justas e compassivas.

Ao contrário do que diz Kant, a nossa mente não cria a ordem do mundo. A nossa satisfação é maior quando aceitamos uma estrutura mental que reconhece a existência de uma ordem objetiva criada por Deus.

Oliver O’Donovan escreve: “A responsabilidade no desenvolvimento sexual implica responsabilidade para com a natureza — para o bem ordenado da forma corporal que nos foi dada”.[40] Até mesmo quando temos dificuldade de alcançar esse bem, não significa que deveríamos mudar a norma ou desistir dela. Em uma ética teleológica, a forma de amar as pessoas é apoiando o seu telos — o que é genuinamente bom para elas à luz da maneira como fomos projetados por Deus para funcionar e prosperar. É uma ética que expressa respeito pelo ser humano como uma unidade psicofísica integrada e que, no final, leva a relacionamentos sexuais mais ricos e profundos.

UM TRAFICANTE ENCONTRA A BÍBLIA

É significativo que tanto Sean Doherty quanto Rebecca tenham dito que os seus sentimentos não mudaram completamente. A nossa tendência é pensar em categorias rígidas, como se alguém precisasse ser 100% homossexual ou 100% heterossexual. Só que, como vimos acima, pesquisas recentes acreditam que muitas pessoas não são exclusivamente uma coisa ou outra. A pesquisa de Lisa Diamond descobriu que, entre aqueles que se identificam como homossexuais, 40% dos homens e 48% das mulheres relataram atração sexual pelo sexo oposto no ano anterior. Entre aqueles que se identificam como heterossexuais, 25% dos homens e 50% das mulheres relataram ter sentido pelo menos um pouco de atração pelo mesmo sexo no ano anterior.[41]

Os dois grupos enfrentam os mesmos desafios. Ambos são chamados ao arrependimento. E ambos são chamados a mudar a sua estrutura mental e adotar uma visão bíblica da sexualidade e, então, viver a partir das suas convicções em obediência ferrenha.

Antes de Christopher Yuan tornar-se cristão, ele visitava regularmente saunas gays onde se envolvia em múltiplos encontros sexuais anônimos e regados a drogas em um único dia. Ele acabou em uma prisão federal por tráfico de drogas, onde encontrou uma Bíblia em uma lata de lixo e converteu-se. Em um livro sobre a sua conversão, Out of a Far Country [Fora de um País Distante], ele escreve: “Sempre pensei que o oposto de homossexualidade era heterossexualidade. Mas, na verdade, o oposto de homossexualidade é

santidade”.[42] Todos os cristãos são chamados à santidade, não importa quais sejam os seus sentimentos sexuais. “[Minha] recém-descoberta identidade em Cristo levou-me a viver em obediência a Deus, independentemente da mudança ou não das minhas tentações”, explica Yuan. “O desafio da Bíblia não é a ausência de lutas, mas a liberdade de escolher a santidade em meio a elas.”[43]

Ninguém escolhe ter tentações pelo mesmo sexo, assim como ninguém escolhe sentir-se irado ou invejoso, ou ser tentado por drogas ou pornografia. A abordagem pastoral deve tomar cuidado para não criar um sentimento de culpa ou vergonha em alguém apenas por sentir-se tentado. Muitas pessoas passam anos orando desesperadamente para serem libertas dos desejos pelo mesmo sexo, lutando contra eles e escondendo-os, dominados pela culpa e vergonha. Rebecca contou-me: “Quando percebi que era atraída por mulheres, senti-me doente — como se estivesse coberta de lepra. Não contei nada a ninguém por anos”.

Acontece que tentação não é pecado. A Bíblia diz que o próprio Jesus, “como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hb 4.15). Amy Riordan estava envolvida em um relacionamento lésbico antes de tornar-se cristã, e por anos depois ela lutou com o vício em pornografia lésbica. Ela escreve que sofria intensa vergonha, até que percebeu a diferença entre tentação e pecado: “Não é pecado ser tentado. Jesus foi tentado o tempo todo, mas nunca pecou. Isso tirou um peso enorme de culpa de mim, que, na verdade, nunca deveria ter estado lá”.[44]

Onde temos escolha é na decisão sobre como responder às nossas tentações. Podemos escolher se compramos drogas, ou se pesquisamos pornografia na Internet, ou se nos envolvemos em comportamento homossexual. Todos são chamados a escolher a santidade, quer sejam atraídos pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto, quer sejam casados ou solteiros.

…

“DEUS ME FEZ GAY”

Alguns cristãos dizem que Deus criou as pessoas com uma atração pelo seu próprio sexo — “Deus me fez gay”. É verdade que a nossa sexualidade pode parecer muito natural. Riordan, escrevendo sobre as suas tentações lésbicas, diz: “Fiquei tanto tempo com esses pensamentos que eles pareciam fazer parte de mim. Os pensamentos sobre ser lésbica pareciam tão reais quanto o meu próprio nome”.[45]

Todavia, nem tudo que existe hoje reflete a maneira como Deus originalmente criou o mundo. Sam Allberry, um pastor cristão que é atraído pelo mesmo sexo e mantém-se celibatário, expressa bem isso: “O desejo por coisas que Deus proibiu são um reflexo de como o pecado me distorceu, não de como Deus me fez”.[46]

Tim Wilkins viveu por muitos anos como homossexual, mas agora está casado com uma mulher e tem filhos. “Se Deus criou algumas pessoas gays”, diz ele, então “Deus está fazendo um jogo cruel com elas. Ele projetou as mentes e emoções para a atração pelo mesmo sexo, mas criou a sua fisiologia em oposição direta a essa atração”.[47] Não podemos ser pessoas completas quando as nossas emoções estão em guerra com a nossa fisiologia.

O ideal é a integração — a harmonia entre as nossas identidades sexual e psicológica. Deste lado do céu, é claro, não deveríamos esperar perfeição, não mais do que esperamos em qualquer outra área da vida. Alguns programas de aconselhamento prometem resultados exagerados, como se qualquer pessoa que tente o bastante possa superar a sua atração pelo mesmo sexo e tornar-se heterossexual. Esses programas têm, muitas vezes, levado a decepções e desilusões dolorosas e, como resultado, provocaram críticas públicas intensas e inflamadas. A terapia pode, muito bem, oferecer benefícios psicológicos, tais como a cura emocional de traumas infantis. Contudo, nenhum programa tem a garantia de levar à completa libertação da tentação.[48]

Como enfatizou Francis Schaeffer repetidamente em livros como True Spirituality [Verdadeira espiritualidade], o processo de santificação leva à “cura substancial”, não à cura perfeita desse lado do céu.[49] Se exigimos tudo ou nada, muitas vezes terminamos com nada.

A cosmovisão bíblica tem recursos intelectuais para oferecer uma explicação equilibrada para o motivo pelo qual não podemos simplesmente obter a nossa identidade a partir das nossas inclinações naturais. As Escrituras são profundamente realistas sobre o impacto destrutivo da Queda. O que significa

dizer que o mundo é decaído? Todos sabemos que, quando fazemos algo da maneira errada, muitas vezes danificamos ou rompemos com algo — seja apenas uma peça de porcelana, seja um braço, um relacionamento ou, às vezes, até a nossa vida inteira. Quando os primeiros seres humanos fizeram algo de errado, eles quebraram tudo. Quebraram o mundo inteiro — incluindo a estrutura física do nosso corpo.[50] A Queda é a resposta bíblica ao motivo da existência do mal e do sofrimento e ao motivo dos nossos desejos e inclinações serem, em grande parte, distorcidos do ideal.

Deus, porém, promete trabalhar até mesmo com as ruínas de um mundo decaído. Quando Jesus encontrou um homem cego de nascença, os seus discípulos perguntaram: “Quem pecou, este ou seus pais?”. Jesus recusou-se a culpar qualquer um deles. A cegueira é uma consequência da vida em um mundo afetado pela Queda. Jesus prometeu sim, entretanto, que, mesmo tendo nascido assim, as obras de Deus poderiam manifestar-se nele (Jo 9.1-3).

A pergunta mais importante não é “De onde veio isso?”, mas “Como Deus pode trabalhar por meio disso?”.

Paulo assegura-nos de que “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados pelo seu decreto” (Rm 8.28). Todas as coisas — até mesmo aquelas que são dolorosas, danosas ou que estão fora do nosso controle. A maneira como respondemos a essas coisas tem o potencial de aprofundar e amadurecer o nosso caráter para que sejamos mais aptos a ministrar aos outros.

Se você duvida disso, leia 2 Coríntios para ser lembrado de que até mesmo o incesto, quando nos arrependemos dele, tem o potencial de tornar-nos mais santos. Em sua primeira carta, Paulo escreveu: “Geralmente, se ouve que há entre vós fornicação e fornicação tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai” (provavelmente um homem estava dormindo com a própria madrasta, 1 Co 5.1). Entretanto, na sua carta seguinte, Paulo conseguiu escrever: “Porque quanto cuidado não produziu isso mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que apologia, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vingança! Em tudo mostrastes estar puros neste negócio” (2 Co 7.11). Não importa qual seja a situação, a maneira de seguir em frente é perguntar: “Como Deus está operando para o bem nessa situação?”.

Muitas pessoas que experimentam atração homossexual oraram por anos, pedindo a Deus que tirasse delas esse sentimento. O próprio Paulo resistiu a um sofrimento persistente ao qual chamou de “espinho na carne” (2 Co 12.7). Isso não foi removido mesmo tendo ele, também, orado repetidamente para que Deus o tirasse. A resposta de Deus foi que o “espinho” criava uma vulnerabilidade que levava Paulo a uma dependência mais profunda dEle. A imagem do espinho é, provavelmente, tirada de Gênesis, onde a consequência da Queda é simbolizada pela imagem de “espinhos e cardos”. Cada um de nós sofre por viver em um mundo decaído, seja na nossa vida sexual, na nossa família, trabalho ou saúde. No entanto, quando nos voltamos para Deus no nosso sofrimento, nosso “espinho” pode transformar-se em um meio de santificação.

…

A GAROTA DE SMOKING

Como os cristãos podem superar a mensagem negativa de vergonha e culpa para comunicar uma visão integral e humana da sexualidade? Jean Lloyd, que já viveu como lésbica, explica o que não é útil dizer para uma pessoa atraída por pessoas do mesmo sexo.

Quando tinha 15 anos, Lloyd vestiu um smoking para o baile de Natal de sua escola, como símbolo rebelde da sua inclinação de gênero. Por vários anos, ela viveu abertamente como lésbica. Depois disso, permaneceu solteira e celibatária por mais de uma década. Então, escreve ela: “comecei a confiar naquEle que conhecia a verdade sobre a minha identidade mais do que eu mesma, que escreveu a sua imagem em meu ser e no meu corpo como fêmea e que projetou a sexualidade e estabeleceu limites sobre ela para o meu bem”. Para a sua própria surpresa, “surgiu uma centelha de desejo heterossexual”, e hoje ela está casada com um homem e tem dois filhos.[51]

Ao longo dos anos, diz Lloyd, muitos pastores passaram dos “sermões enérgicos sobre homossexualidade” às “declarações de amor”. Tudo muito bom. Só que alguns desses pastores foram mais além e rejeitaram a própria moralidade sexual

bíblica, taxando-a de “opressora, irracional ou cruel. De modo que amar as pessoas homossexuais também virou afirmar e incentivá-las em comportamentos sexuais e relacionamentos com o mesmo sexo”.[52]

Por favor, perceba que essa não é a resposta amorosa, escreve Lloyd. A resposta genuinamente amorosa é uma resposta que “me ajude a honrar o meu corpo ao viver de acordo com o projeto do Criador. Eu nasci assim: fêmea. Deus me criou como mulher. Por favor, não caia no dualismo gnóstico que divide a minha vida espiritual da vida que agora vivo em meu corpo”.[53] Em outras palavras, ela está dizendo: não me pressione para um dualismo que me aliena do meu corpo.

Uma resposta amorosa também coloca cada pessoa no padrão bíblico de castidade. Tendo desejos pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto, a mensagem da Bíblia sobre o propósito do sexo para ser desfrutado dentro do vínculo do matrimônio permanece a mesma. “Eu deveria receber a mesma atitude moral e a mesma responsabilidade de todos os outros na comunidade cristã”, escreve Lloyd. “Se os heterossexuais solteiros são chamados ao celibato e presume-se que, em Cristo, eles têm o poder para viver segundo seus mandamentos, então eu também deveria ter. Tratar-me com padrões diferentes é rebaixar a minha dignidade diante de Deus. Eu também sou chamada a ser santa.”[54]

O Salmo 139 diz que Deus “entreteceu” o nosso corpo no ventre — e isso inclui a nossa identidade masculina ou feminina. A estrutura fisiológica do nosso corpo não é um acidente evolutivo. Ela sinaliza um propósito divino para macho e fêmea, o de formarem alianças de amor mútuo e criarem uma nova vida. O ato de dar amor é o ato de dar vida. Como escreve O’Donovan: “Os cristãos têm, classicamente, acreditado que, no decreto do casamento, foi dada [...] uma estrutura teleológica que era um fato da criação e, portanto, algo inegociável”.[55] A moralidade diz como devemos participar completamente desse fato da criação — como seres totalmente humanos.

E OS “EUNUCOS”?

A Bíblia trata o casamento e o celibato com a mesma dignidade e valor e até mesmo ensina que algumas pessoas têm o “dom” do celibato. Porém, o que dizer daqueles que não sentem ter esse dom — que não sentem nenhum chamado

especial para serem solteiros — e não encontraram ninguém apropriado para casar, ou são atraídos por pessoas do mesmo sexo?

Paulo não escolheu o seu "espinho na carne", e a maioria de nós não consegue escolher a nossa área de maior sacrifício também. Quando Jesus foi perguntado sobre o casamento e a vida de solteiro, Ele usou o termo eunucos. Se você pesquisar sobre esse termo, descobrirá que muitos autores alegam que Jesus estava falando de homens homossexuais. Acontece que a evidência histórica não apoia essa interpretação. No período do Novo Testamento, explica um historiador, nem o grego nem o latim tinham termos para referir-se ao homem celibatário, por isso os cristãos usavam o termo eunucos para o celibato.[56]

O importante é que, quando Jesus falou sobre eunucos, incluiu pessoas que não escolheram a sua condição: "Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos por causa do Reino dos céus" (Mt 19.12).

Os eunucos que nasceram assim podem incluir o que hoje chamamos de pessoas intersexo, que nasceram com anomalias físicas e são, muitas vezes, inférteis. Deus incentiva-as com a promessa de que elas continuam com a possibilidade de obter uma colheita espiritual rica: "Canta alegremente, ó estéril que não deste à luz! Exulta de prazer com alegre canto e exclama, tu que não tiveste dores de parto! Porque mais são os filhos da solitária do que os filhos da casada, diz o SENHOR" (Is 54.1).

Os eunucos que foram castrados pelos homens não eram incomuns no mundo antigo. Em famílias influentes, escravos eram muitas vezes castrados se trabalhassem nos quartos das mulheres ou se servissem como escravos sexuais (os meninos eram castrados para manter o visual jovem). No governo, exigia-se que muitos oficiais de alto escalão fossem eunucos, especialmente se o seu trabalho envolvesse a proximidade com a rainha ou outros membros femininos da realeza. Exemplos do Antigo Testamento incluem o relato de Ester, que menciona "Hegai, eunuco do rei, guarda das mulheres" (Et 2.15). Os servos da rainha Jezabel consistiam de "dois ou três eunucos" (2 Rs 9.32). No Novo Testamento, o superintendente do tesouro da rainha Candace, da Etiópia, era um eunuco (At 8.27).

Os eunucos castrados por homens também incluíam os cativos aprisionados em batalha. (Se tivessem sangue real, a castração descartaria qualquer esperança de

fundar uma dinastia rival.) O rei Ezequias foi alertado por um profeta que “ainda até de teus filhos, que procederem de ti, e que tu gerares tomarão, para que sejam eunucos no paço do rei de Babilônia” (2 Rs 20.18; Is 39.7). Esses descendentes podem muito bem ter incluído Daniel e os seus três amigos: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Eles eram oficiais administrativos de alto escalão na Babilônia, e o seu supervisor é chamado “chefe dos seus eunucos [do rei]” (Dn 1.3).[57]

Quando o profeta Isaías prediz o retorno dos exilados para Israel, fala desses cativos eunucos. Ao eunuco é assegurado que ele não é “uma árvore seca”. Pois Deus promete aos “eunucos que [...] abraçam o meu concerto: Também lhes darei na minha casa e dentro dos meus muros um lugar e um nome, melhor do que o de filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles que nunca se apagará” (Is 56.3-5). Deus está prometendo que o celibato, assim como o casamento, pode ser abençoado por Ele. Cada um oferece desafios únicos que podem levar-nos a um relacionamento mais profundo com Deus para que, em última instância, tenhamos mais a dar em serviço aos outros.

Ed Shaw, um pastor que abraçou o celibato, aponta que, no mundo do Novo Testamento, a maior preocupação das pessoas não era desistir do sexo, mas abrir mão de ter filhos. Ter descendentes era a maneira de garantir que o seu nome continuaria vivo no futuro. Os filhos também eram a forma mais importante de segurança social em uma sociedade pré-moderna. As pessoas sem filhos não tinham ninguém para auxiliá-las na velhice. No entanto, muitas pessoas na Igreja Primitiva escolheram o celibato, mesmo sendo um sacrifício tão grande. Por quê? Para que a igreja “tivesse descendentes espirituais”, escreve Shaw.[58] Os celibatários tinham um compromisso radical com a comunidade da igreja como sendo a sua própria família.

O desafio à igreja de hoje é tornar-se uma comunidade com uma interdependência tão rica que seja novamente possível aos celibatários encontrarem a sua família entre os irmãos cristãos.

OS LIBERTOS DE FREUD

Para apoiar os solteiros, também precisamos recuperar o ideal da amizade íntima e intensa.[59] Precisamos libertar-nos da influência de Freud, que ensinou que

todos os relacionamentos são, no fundo, eróticos, uma atitude que deixou muitas pessoas desconfiadas das amizades muito próximas.

Nas palavras de Melinda Selmys, eros (amor sexual) e philia (amor de amizade) "são ambos expressões do mesmo instinto primordial — não o instinto biológico da reprodução, mas o instinto espiritual de tornar-se um. Eros leva esse instinto para a expressão física, a união de 'uma carne', enquanto philia leva para a união de almas". A Bíblia dá exemplos como o de Davi e Jônatas, em que "a alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma" (1 Sm 18.1).[60] Na igreja, deveríamos cultivar as amizades philia para que os solteiros possam experimentar a comunhão espiritual profunda na família de Deus.

Os argumentos para as relações com o mesmo sexo igualam intimidade e casamento, criando a impressão de que, se você não se casar, está fadado a uma vida de isolamento e miséria. Só que, de forma irônica, algumas igrejas também elevam o casamento a ponto de criar a mesma impressão, o que pode ser muito desalentador para os solteiros. Ron Belgau deve saber disso; descrevendo-se como gay católico, ele é celibatário. "Nossa cultura tornou-se muito centralizada no sexo, mas sexo e romance não são o mesmo que amor", escreve ele. "Amizades castas centradas em Cristo oferecem um caminho positivo e satisfatório para a santidade — mesmo que, às vezes, desafiador."[61]

As igrejas deveriam ensinar que o casamento é um tipo de intimidade, mas que muitos outros tipos de intimidade são possíveis e satisfatórios e também podem ser um meio de amar e servir aos outros.

Logo depois de converter-me ao Cristianismo, participei de uma escola bíblica luterana onde a administradora principal era uma mulher solteira forte e competente que compartilhava uma casa há décadas com outra mulher solteira. O seu amor e apoio mútuos era uma ilustração vívida da beleza dos relacionamentos longos, comprometidos e de cuidado entre pessoas solteiras.

Por fim, não deveríamos descartar o casamento. Um livro chamado Living the Truth in Love: Pastoral Approaches to Same Sex Attraction [Vivendo a Verdade em Amor: Abordagens Pastorais para a Atração pelo mesmo Sexo] conta a história de pessoas que ou se casaram, ou permaneceram casadas, mesmo tendo sentimentos homoeróticos.[62] Esses casamentos são, às vezes, chamados de casamentos de "orientação mista". Leia a história de Jeff Bennion:

Aos vinte e poucos anos, eu pensava que seria impossível ter um casamento feliz com uma mulher, e menos possível ainda que eu fosse feliz e realizado de todas as formas nesse casamento. Já faz mais de 11 anos agora, e estou mais feliz do que nunca. [...]

Não culpo as pessoas que duvidaram de mim — se eu mesmo não tivesse experimentado, duvidaria de mim mesmo, sendo tão contrário à narrativa cultural dominante por aí.[63]

Doug Mainwaring é outro exemplo. Ele largou o seu casamento, envolveu-se em relacionamentos sexuais com vários outros homens e chegou a tornar-se um defensor aberto da legalização do casamento homossexual. Então, depois de dez anos, Doug tornou-se cristão, casou-se novamente com a sua esposa e terminaram de criar seus filhos juntos. Ele escreve: “Ao longo do caminho, aprendi que casamento é mais do que apenas uma tradição ou uma construção social ou religiosa. O casamento conjugal monogâmico e complementar é uma pérola de grande valor na qual se investe toda a sua vida”.[64]

O casamento pode não ser possível para todos que têm sentimentos homoeróticos. Certamente, não deveria ser para aqueles que têm a esperança secreta de que ele “consertará” a pessoa. No entanto, deveria ser mantido como opção. Muitas pessoas com desejos pelo mesmo sexo escolhem silenciosamente dirigir o seu amor aos seus maridos ou esposas para experimentar o casamento e a criação de filhos.

Um amigo meu, cristão, que se diz “declaradamente gay”, leu essas histórias e respondeu: “Não acredito. Esses homens estão se enganando”. Como a Suprema Corte norte-americana, ele pensa que a orientação sexual é imutável. Porém, ironicamente, essa objeção é levantada apenas quando alguém deixa a identidade homossexual, e não o contrário. No mundo secular, quando alguém que viveu como heterossexual começa a viver como homossexual, é aplaudido por descobrir o seu eu autêntico. Mas, quando alguém se move na direção contrária, fica sujeito a intensas críticas, acusado de autoaversão internalizada e falsa consciência.

Na realidade, aqueles que escolhem o casamento com o sexo oposto estão

dizendo que não são definidos pelos seus sentimentos sexuais, mas pelos seus ideais morais. Certo homem contou a Mainwaring:

Ao longo dos anos, tive pensamentos passageiros sobre desistir da minha família e do meu casamento por um parceiro ou relacionamento do mesmo sexo, mas decidi que de maneira alguma destruiria a minha família e o meu casamento por isso. [...] Eu havia criado uma família e filhos e tinha responsabilidades para com eles que eu nunca abandonaria. Então, com o tempo, mesmo sentindo atração pelo mesmo sexo, escolhi não me estender sobre isso e permanecer fiel ao meu casamento e à minha família. E me realizei profundamente com isso.[65]

Nossos sentimentos não nos definem. O nosso comprometimento moral, sim. Encontramos satisfação quando encontramos maneiras de viver em congruência com os nossos comprometimentos mais profundos.

…

AMOR NO COSMOS

Uma senhora de 75 anos acabara de ouvir uma palestra envolvente de Rosaria Butterfield, uma ex-lésbica que se converteu ao Cristianismo. Depois da palestra, ela aproximou-se da palestrante e relatou que fora casada com outra mulher por 50 anos e que elas tinham filhos e netos.

Em uma voz quebrantada de dor, ela sussurrou: “Tenho ouvido o evangelho e entendo que posso perder tudo. Por que ninguém me disse isso antes? Por que as pessoas que eu amo não me disseram que, um dia, eu teria que fazer essa escolha?”.[66]

Onde estavam os cristãos que deveriam estar se aproximando dela com uma mensagem equilibrada de amor e verdade?

O ensino bíblico sobre sexualidade é resumido nos Dez Mandamentos: “Não adulterarás”. A interpretação cristã histórica é que a expressão sexual pertence ao laço amoroso do casamento. Um relacionamento sexual é o meio de expressar e renovar a união de uma só carne entre marido e esposa — repetir a sua história de amor repetidas vezes.

A Bíblia usa a sexualidade até como metáfora para o relacionamento íntimo que Deus aspira a ter com o seu povo. Em todo o Antigo Testamento, Israel é retratado como esposa infiel de Deus. Ezequiel 16 dá uma imagem particularmente vívida de Deus como o amor de Israel, que é personificado como uma mulher: “[...] dei-te juramento e entrei em concerto contigo, diz o Senhor JEOVÁ, e tu ficaste sendo minha” (v. 8). No Novo Testamento, a igreja é retratada como esposa de Cristo: “E eu, João, vi a Santa Cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido” (Ap 21.2).

A nossa sexualidade é parte da ordem criada que está manifestando a glória de Deus. Ela possui a “linguagem” que, em última instância, deve proclamar o amor e a fidelidade transcendente do próprio Deus.

O tema do casamento macho-fêmea não é apenas questão de alguns poucos versículos aqui e ali. A Bíblia é uma história de amor do começo ao fim — a história de um Deus que é Amor, que procura a sua esposa e resgata-a. Um hino clássico começa assim: “Da Igreja é fundamento Jesus, o Salvador”. E continua com a sua imagem dramática:

Dos céus desceu, buscou-a,

P’ra sua Noiva ser;

Comprou-a com o seu sangue,

Por ela quis morrer.[67]

O casamento deve refletir essa história de amor cósmica. Como escreve O'Donovan, "os seres humanos estão claramente ordenados, no nível biológico, para a união heterossexual como o modo humano de procriação. Não é possível negociar esse fato da nossa humanidade comum; só podemos acolhê-lo ou nos ressentirmos dele".[68]

Quando o acolhemos, afirmamos a bondade da criação. Afirmamos que a nossa masculinidade ou feminilidade não é um fato da natureza sem sentido ou opressivo, mas um reflexo da grande narrativa da história.

SEXO E LEVÍTICO

Quais são as objeções mais comuns ao ensino bíblico sobre a homossexualidade? Alguns estudiosos defendem que a Bíblia só proíbe a prostituição cultual como esta era praticada na antiga adoração cananeia — que o texto não chega a abordar relacionamentos homossexuais amorosos e comprometidos que, segundo alegam eles, eram desconhecidos na época.

Será que as passagens bíblicas limitam-se à prostituição cultual? Os leitores judeus com certeza não pensavam isso. Os judeus destacavam-se das nações ao redor por sua rejeição ao relacionamento homossexual de qualquer tipo.[69] Por 500 anos antes de Cristo e 500 anos depois, os escritores judeus concordaram que o comportamento homossexual ia contra a vontade de Deus.[70]

Um versículo-chave é Levítico 20.13: "Quando também um homem se deitar com outro homem como com mulher, ambos fizeram abominação". A forma de expressão aqui não qualifica, de modo algum, a limitação à prostituição cultual. Além disso, o versículo está no meio de proibições de práticas que são claramente erradas para todos os tempos e culturas: adultério, incesto e bestialidade (vv. 10-17).[71]

Ou então Levítico 18.22: "Com varão te não deitarás, como se fosse mulher: abominação é". Esse versículo vem logo depois de um versículo condenando o sacrifício de crianças a Moloque, a sangrenta deidade cananeia. Ninguém defende que, como o sacrifício de crianças é mencionado em relação à adoração de Moloque, logo o texto está condenando o sacrifício de crianças apenas na

adoração pagã, mas que outras formas de sacrifício de crianças ou infanticídio são liberados.

Como resultado, poucos estudiosos bíblicos dão muito crédito à alegação de que as proibições do relacionamento sexual entre homens estavam proibindo apenas as formas idólatras ou cultuais da prática. Além disso, nada no Novo Testamento sugere que Jesus ou os apóstolos negaram a convicção judaica unânime de que o comportamento homossexual é pecaminoso.

TRÊS TIPOS DE LEI

E o fato de que o Antigo Testamento refere-se a práticas que são claramente culturais, como proibições sobre misturar dois tipos de fibras nas roupas? Como é que alguém justifica a diferenciação e escolha entre as leis do Antigo Testamento? Na era do Novo Testamento, as controvérsias mais intensas eram sobre essa questão. Será que os cristãos ainda deveriam praticar os "costumes judaicos" (Gl 2.14) como a circuncisão e não comer alimentos sacrificados aos ídolos? A resposta foi não. As leis morais ainda se aplicam, mas as cerimoniais e civis, não.[72]

• As leis CERIMONIAIS eram simbólicas e governavam a adoração do Templo — sacrifícios, festas, comida, o sacerdócio, adoração, circuncisão e purificação ritual (as leis de purificação). Até mesmo no Antigo Testamento, essas leis não eram universais; não eram aplicadas às outras nações. Os profetas reconheciam a diferença entre as leis morais e cerimoniais: "Porque eu quero misericórdia e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos" (Os 6.6). Jesus citou o mesmo versículo para fazer os fariseus compreenderem a distinção (Mt 9.13) e rejeitou explicitamente as leis de purificação. "Ao dizer isso, Jesus declarou 'puros' todos os alimentos" (Mc 7.19, NVI).[73]

A proibição de tecer duas fibras diferentes juntas era uma lei cerimonial, que pretendia simbolizar pureza e santidade. De fato, a história do Antigo Testamento está repleta de símbolos e anúncios do Messias.[74] No entanto, ninguém precisa anunciá-los depois que a realidade já chegou. Paulo escreve:

“Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo” (Cl 2.16-17). A Igreja Primitiva parou de seguir as leis sacrificiais quando compreendeu que Cristo veio como sacrifício definitivo.

• As leis CIVIS eram necessárias porque Israel era uma nação. Até mesmo no Antigo Testamento, essas leis não eram universais; não eram aplicadas às outras nações. Elas acabaram quando o antigo Israel deixou de existir como Estado político.

A lei civil era baseada na lei moral, mas as duas não eram equivalentes. Jesus traçou a diferença quando disse que o divórcio é moralmente errado, mas foi permitido na lei civil por causa da “dureza do coração” das pessoas (Mt 19.8). Da mesma forma, práticas tais como escravidão e poligamia não eram apresentadas como moralmente ideais, mas eram legalmente permitidas. Ao contrário, as relações homossexuais não eram permitidas nem moral, nem legalmente.[75]

• As leis MORAIS aplicam-se universalmente a todas as pessoas em todos os tempos. A Bíblia condena todas as nações, não apenas Israel, pela ganância, injustiça, opressão, violência e imoralidade sexual. O Novo Testamento repete esses princípios morais para indicar que eles continuam válidos.

O próprio Jesus colocou o seu selo de aprovação na moralidade sexual do Antigo Testamento. Quando foi perguntado sobre casamento, Ele citou o texto de Gênesis como portador de autoridade. “Não tendes lido?”, perguntou Ele — implicando que o texto deveria ser tratado como conclusivo. “[...] no princípio, o Criador os fez macho e fêmea” (Mt 19.4). Os cristãos devem tirar da criação o seu modelo para a natureza humana.

“AMANTES DE HOMENS”

No Novo Testamento, uma passagem-chave é Romanos 1.26-27. O texto usa a expressão “contrário à natureza” que, tanto na cultura helênica quando na greco-romana, era uma maneira padrão de referir-se à prática homossexual.[76]

Na época, o termo natureza não era utilizado da maneira como utilizamos hoje, para significar um comportamento observado no mundo natural. Em vez disso, significava um comportamento que é normativo para a natureza humana — um comportamento que reflete a maneira como os seres humanos foram originalmente criados, que se encaixa no padrão para o ser humano. Nesse sentido do termo, todo o pecado é contrário à natureza humana, e Paulo continua relacionando exemplos representativos: “estando cheios de toda iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes ao pai e à mãe; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia” (Rm 1.29-31). Todos esses comportamentos são contrários ao que significa ser totalmente humano.[77]

Alguns estudiosos defendem que, nessa passagem, Paulo está proibindo apenas atos que são coercitivos, como sexo com crianças ou escravos, e que ele nem mesmo conhecia o tipo de relacionamento homossexual mútuo e amoroso que existe hoje. É verdade que os relacionamentos coercitivos eram comuns na Roma antiga (como vimos nos capítulos 3 e 4). Paulo, porém, poderia ter usado os termos para estupro ou prostituição, e ele não o faz. Além disso, ele coloca responsabilidade moral nos dois parceiros, o que não faria se um deles fosse uma vítima. Em vez disso, ele fala que os homens “inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros”, o que implica que estava pensando em relacionamentos mútuos (Rm 1.27).

Finalmente, alguns defendem que Paulo estava apenas se referindo à prática da prostituição cultual, conectada à adoração de ídolos.[78] Todavia, a ênfase de Paulo nessa passagem é que todos que rejeitam o verdadeiro Criador estão adorando ídolos: Eles “mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. [...] pois mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador” (Rm 1.23,25). Paulo está dizendo que qualquer um que rejeita o Criador prender-se-á em algo da ordem criada e colocará isso no lugar de Deus como realidade definitiva, o centro da sua vida e adoração.

Louis Crompton, que se identifica como homossexual, escreve: “Embora bem-intencionada”, a interpretação de que as palavras de Paulo não se aplicam aos homossexuais em relacionamentos comprometidos é contrária à história. “Em nenhum lugar, Paulo ou outro autor judeu desse período implica a menor aceitação das relações entre o mesmo sexo, sob quaisquer circunstâncias. A ideia de que os homossexuais pudessem ser redimidos pela devoção mútua teria sido completamente estranha a Paulo ou a qualquer outro judeu ou cristão primitivo”.[79]

Finalmente, não é verdade que o mundo antigo não conhecia nada sobre relacionamentos homossexuais comprometidos entre adultos. Muitos dos Césares tinham amantes homens e de maneira bem pública. A poesia de amor da época descreve paixões de homens por outros homens. Em Symposium [O Banquete], de Platão, Aristófanes diz que alguns homens são “amantes de mulheres”, enquanto outros “têm uma afeição por homens e os abraçam”. Aristófanes acrescenta que o seu caráter é revelado pelo que você ama, e já que os homens são superiores às mulheres, a conclusão é que os amantes de homens são superiores aos amantes de mulheres. Em suas palavras, amantes de homens são “o melhor de meninos e jovens, porque têm o máximo da natureza masculina. [...] Eles são valentes e masculinos, e têm uma fisionomia masculina, e abraçam o que é como eles”[80] — ou seja, outros homens.

É significativo que, embora autores como Aristófanes celebrassem o amor entre homens como superior ao amor entre homem e mulher, as leis grega e romana, contudo, limitavam o casamento civil às uniões entre sexos opostos. Claramente, as suas leis de casamento não eram motivadas por ódio ou fanatismo, mas pelo reconhecimento de que as sociedades precisam dar apoio legal e proteção ao único relacionamento capaz de criar filhos.

…

QUEM ESTÁ DO LADO ERRADO DA HISTÓRIA?

Os críticos defendem que a igreja cristã deve mudar a sua moralidade sexual, do

contrário ela corre o risco de ser deixada para trás — por colocar-se “do lado errado da história”. Só que a história prova exatamente o oposto. A moralidade sexual da igreja é um dos motivos pelos quais ela cresceu de maneira tão explosiva nos primeiros séculos, principalmente entre as mulheres.

Na sociedade romana ao seu redor, as esposas tinham uma posição muito inferior. Homens livres casavam-se com as suas esposas para obter herdeiros legais, mas aceitava-se que eles buscassem satisfação sexual com namoradas, amantes, prostitutas, cortesãs, outros homens e, em grande parte, com escravos da casa — homens e mulheres, adultos e menores (tipicamente adolescentes e jovens pós-puberdade). As esposas tinham que competir com várias outras pessoas pelo amor e atenção dos seus maridos.

Grande parte da infidelidade consistia em dormir com os seus próprios escravos. Por exemplo, Horácio recomenda que um homem extravase a sua energia sexual nos seus escravos porque eles estão sempre disponíveis. Se “houver uma menina-escrava ou um menino-escravo criado em casa à mão, a quem você puder pegar na hora”, por que não? Ele acrescenta: “Gosto de sexo fácil e à mão”.[81]

Relatos históricos mostram que as esposas, muitas vezes, reclamavam da infidelidade dos seus maridos, mas isso não adiantava muita coisa. Um poeta do primeiro século escrevendo em Roma chega a repreender as esposas por terem ciúmes dos maridos por eles terem relações com meninos escravos. Ele aconselha as esposas a aceitarem o fato de que “a relação sexual é mais prazerosa com meninos do que com mulheres”.[82] Há um motivo pelo qual o deus do amor, Cupido, era retratado como um menino.

Na Roma e na Grécia antigas (como vimos no capítulo 2), o sexo homem-homem era considerado moralmente aceitável quando envolvia um macho de alta posição dominando um macho de baixa posição social. Ser o parceiro passivo era considerado um sinal de humilhação. Relacionamentos com o mesmo sexo eram, portanto, uma maneira de provar a virilidade de alguém. Afinal de contas, as mulheres já tinham uma posição social inferior. Só que a penetração feita em outro homem era um meio de subjugá-lo, de desonrar a sua masculinidade tratando-o como fêmea, demonstrando, assim, a sua própria superioridade. Como resultado, escreve Sarah Ruden: “a sociedade pressionava o homem à brutalidade sexual com outros homens”. “Homens gregos e romanos, em público, ameaçavam os seus inimigos com o estupro.”

Os pais tinham que guardar seus filhos com cuidado. Ruden descreve um pai andando ao redor do local de trabalho do seu filho, preocupado em protegê-lo da sedução ou do sequestro. Também era normal, escreve ela: “nas famílias de qualquer posição, dedicar um escravo para a proteção do filho, especialmente no caminho não supervisionado de ida e volta da escola”.

O próprio Paulo pode muito bem ter presenciado essas coisas, tendo crescido na cultura romana. “Pedófilos flagrantes podem ter incomodado a ele e seus amigos no caminho para a escola, oferecendo amizade, tutoria, treinamento atlético, dinheiro ou presentes”, diz Ruden. Ele teria visto prostitutos nas ruas e nas portas de prostíbulos. Provavelmente viu leilões de escravos, onde jovens da sua idade eram vendidos a cafetões locais. Embora a sua própria família, judia, não tivesse tolerado o abuso sexual dos seus escravos, ele sabia que, entre os seus amigos não judeus, “os escravos da casa normalmente eram menos respeitados como válvula de escape para funções corporais do que os banheiros da casa, e que um papel autorizado dos meninos escravos era sexo anal com adultos livres”.[83]

Na cultura greco-romana, homens que se envolviam em sexo entre homens não eram homossexuais ou bissexuais no sentido moderno dos termos de uma orientação sexual e psicológica fixa. Eles simplesmente não achavam que houvesse qualquer limite moral sobre o comportamento sexual (com a exceção de que, em Roma, mas não na Grécia, homens e mulheres livres estavam fora de cogitação). Era considerado moralmente aceitável que um homem tivesse relações sexuais com homens e meninos com a mesma liberdade que tinha com mulheres e meninas.[84] Para o macho dominante na Roma antiga, quase todos eram aceitáveis, sem consideração por sexo ou idade. Portanto, a cultura antiga dá-nos um exemplo histórico concreto do caos social que resulta quando a sexualidade não está ligada ao casamento e à família.

Foucault e outros escreveram como se os antigos tivessem uma visão nobre do amor homoerótico como sendo algo espiritual e sublime. Essa imagem idealizada vem, em grande parte, de Platão, que escreveu que o amor sexual de um homem por um belo jovem desperta no adulto o amor pela beleza ideal. Acontece que a literatura da época não apoia essa interpretação espiritualizada. Como observa secamente Ruden: “Nenhuma das fontes, se lida de maneira objetiva, confirma isso”. Trata-se de uma “falsidade total”.[85]

No mundo antigo, quase nenhuma atividade sexual era considerada imoral em si

mesma, contanto que fosse praticada em “moderação”. A Igreja Primitiva teve que reunir coragem para posicionar-se contra uma cultura onde havia poucos limites a respeito do comportamento sexual. Desde o início, os cristãos opuseram-se aos “valores tradicionais”. Eles ficaram ao lado da verdade, contra as normas culturais predominantes.

A Igreja Primitiva pode ter estado “no lado errado da história”, mas é exatamente por isso que ela mudou a história.

CADA UM NA SUA

O Cristianismo foi radical porque canalizou o desejo sexual masculino para o casamento como a única saída aceitável. “Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula” (Hb 13.4). Como consequência, o Cristianismo elevou muito o status das mulheres, ao mesmo tempo em que protegeu todos os outros de serem tratados como campo livre para a sedução ou predação sexual.

O princípio está consagrado nos Dez Mandamentos: “Não cobiçarás a mulher do teu próximo” (Êx 20.17) — ou seus servos, ou seus filhos, ou ele mesmo.

A norma moral da monogamia significa, em essência, “cada um na sua”. A mulher não precisa competir com os outros pelo amor do seu marido. Não é surpresa, portanto, que as mulheres fossem atraídas ao Cristianismo de maneira especial. Como escreve o colunista Rod Dreher: “O Cristianismo, conforme articulado por Paulo, operou uma revolução cultural, restringindo e canalizando o eros masculino, elevando o status tanto da mulher quanto do corpo humano e infundindo amor — e sexualidade conjugal — ao casamento”.[86]

Não percebemos mais o quanto os Pais da Igreja sentiram-se chamados a abordar questões de sexualidade — especialmente a pederastia (homens mais velhos praticando sexo com meninos adolescentes). O Didaquê condena o que chama de “corrupção de meninos”, um termo comum na época para a pederastia. João Crisóstomo alerta que o status da mulher é reduzido quando os homens são vistos como objetos apropriados de desejo erótico: “As mulheres correm o perigo de tornarem-se supérfluas quando homens jovens tomam o seu lugar em

todas as atividades”.[87]

Atenágoras de Atenas convoca os cristãos a não serem como os seus vizinhos pagãos, que “instauram um mercado para a fornicação e estabelecem aos jovens estâncias infames para todos os tipos de prazeres vis — que não se abstêm nem mesmo de homens, homens com homens cometendo abominações escandalosas, afrontando todos os mais nobres e graciosos corpos de todas as formas possíveis, desonrando, assim, o fino artesanato de Deus”.[88]

Observe o argumento do bispo — que relações homem-homem desonram “o fino artesanato de Deus”. A cosmovisão bíblica honra o corpo humano como obra de arte de Deus. Os Pais da Igreja enraizaram a sua oposição aos relacionamentos homossexuais na Teologia da criação.

A ironia é que a ética sexual cristã, na verdade, dá maior significado à nossa identidade sexual do que o hedonismo romano antigo. Para os romanos, não fazia diferença moral se o objeto do desejo sexual masculino fosse macho ou fêmea — o que significa que ser macho ou fêmea não tinha qualquer significado moral. Ao contrário, a ética bíblica diz que a nossa identidade sexual tem a grande honra de ser parte da estrutura moral do universo.

Esses exemplos da história antiga ilustram como as normas sociais são importantes. Quando uma sociedade abandona a linha clara que restringe o sexo dentro do casamento entre homem e mulher, fica difícil colocar a linha em qualquer outro lugar.

A cultura antiga também fornece uma imagem vívida de lugar para onde a cultura ocidental pode estar indo. Conforme a influência cristã declina, será que a cultura ocidental retrocederá a uma liberdade sexual total como a que existia no mundo antigo? Se sim, os cristãos, mais uma vez, precisarão reunir coragem para serem radicalmente contraculturais. E, mais uma vez, precisarão estar preparados para ministrar às vítimas do abuso e predação sexual — aqueles feridos pela revolução sexual. Eles precisarão fazer o árduo trabalho de defender a beleza da ética sexual bíblica tanto com as suas palavras quanto com sua vida.

Os cristãos, mais uma vez, precisam tornar-se conhecidos como aqueles que honram a pessoa integral. O motivo pelo qual eles levantam a voz sobre as questões morais não deveria ser porque as suas crenças estão sendo ameaçadas ou porque se sentem “ofendidos”. Eles deveriam apagar a palavra ofendidos do

seu vocabulário. Afinal de contas, os cristãos são chamados a compartilhar das ofensas da cruz. Isso não diz respeito a nós.

Os cristãos devem deixar claro que estão levantando a voz porque se importam genuinamente com as pessoas. Não importa o quanto a questão da ética bíblica seja convincente, as pessoas raramente mudam de ideia baseadas somente em argumentos intelectuais. E a probabilidade de mudança é ainda menor se tudo o que ouvem é condenação moral. As pessoas precisam ser atraídas por uma visão que ofereça uma cosmovisão mais interessante, que afirme mais a vida. Os cristãos precisam apresentar a moralidade bíblica de maneira que esta revele a beleza da visão bíblica sobre o ser humano para que as pessoas realmente queiram que ela seja verdade, devendo confirmar as suas palavras com atitudes que tratem as pessoas com dignidade e valor genuínos.

UMA CASA PARA OS SEM-TETO

Para tornar o Cristianismo digno de confiança, devemos criar casas para alcançar aqueles que não têm casa ou família própria — incluindo aqueles com questões sexuais. Os cristãos estão, muitas vezes, agindo com padrões duplos, tratando o pecado sexual como se fosse mais pecaminoso que outras transgressões. Muitos absorveram a visão secular do século XIX que redefiniu o termo homossexual como um tipo psicológico inato e pervertido. Essas atitudes são claramente óbvias para aqueles que sofrem de atrações sexuais indesejadas e faz com que seja menos provável que busquem ajuda na igreja. Os cristãos precisam arrepender-se das suas atitudes não bíblicas e descobrir maneiras de comunicar-se com aqueles que lutam contra o pecado de qualquer tipo para que eles encontrem refúgio na igreja. Jesus disse que “não esmagará a cana quebrada” (Mt 12.20). As pessoas devem conseguir confiar que a igreja irá protegê-las e cuidará das partes machucadas e quebrantadas da sua vida.

Os cristãos devem lembrar-se constantemente de que o seu próprio caráter é decaído e desordenado — que eles têm tanta capacidade de pecar quanto todos os outros. Manter um ideal moral da sexualidade não deveria ter relação alguma com orgulho ou justiça própria. Isso se origina da convicção de que certos atos são mais saudáveis e mais satisfatórios porque estão alinhados com a maneira

como Deus criou a humanidade.

A igreja deveria aspirar a ser uma comunidade que acolhe os rejeitados e marginalizados. Um sentimento esmagador de solidão pode impulsionar as pessoas aos territórios homossexuais na sua busca por aceitação e um sentido de comunidade. Como vimos no capítulo 4, os cristãos têm a responsabilidade de criar estruturas nas quais solteiros celibatários possam desfrutar de relacionamentos profundos e expressar afeição não sexual.

Aqueles que lutam com questões sexuais têm, muitas vezes, um sofrimento profundo. Eles tiveram que trabalhar o seu Cristianismo a partir do zero, não apenas aceitá-lo porque foi o que aprenderam. Fizeram sacrifícios maiores do que a maioria — muitas vezes abrindo mão de esperanças de intimidade sexual e de uma família própria. Para sobreviver, tiveram que ir a fundo nos recursos espirituais do seu relacionamento com Deus. Como resultado, podem tornar-se "feridos que curam", com grandes fontes de compaixão, simpatia e sabedoria espiritual para oferecer em ministério aos outros. A igreja pode beneficiar-se da sua perspectiva e experiência.

COMO MUDAR A CULTURA

Será que é possível mudar a cultura pública sobre essas questões? Claro que sim. Podemos ter esperanças como na questão do aborto. Os millennials são agora o grupo mais a favor da vida nos Estados Unidos (veja o capítulo 2). Não há motivo pelo qual também não possamos mudar a cultura nas questões sexuais. Devemos trabalhar para educar e persuadir no nível da cosmovisão. E, acima de tudo, devemos amar e aceitar de maneira sacrificial as pessoas que lutam com essas questões e tentações. As atitudes em relação ao aborto mudaram quando os cristãos aceitaram meninas jovens com gravidez inesperada e apoiaram-nas, tanto no lado emocional quanto de maneira prática, com roupinhas de bebê, escolas e treinamento profissional. Como os cristãos podem oferecer apoio e ajuda prática similar para quem tem problemas na área sexual?

O maior impacto dos cristãos acontecerá quando os de fora olharem para eles e disserem o que foi dito da Igreja Primitiva: "Observem como eles amam uns aos outros!".[89]

A revolução sexual não acabou com a exigência de aceitação moral e legal dos relacionamentos de mesmo sexo. Ela está decolando rapidamente com exigências de leis de proteção para pessoas transgênero e gêneros estranhos de todas as variedades. Como podemos responder com uma abordagem de cosmovisão que saia da superfície e penetre fundo nas questões principais? Como podemos revelar a verdade e beleza da visão moral cristã?



Capítulo 6

TRANSGÊNERO, TRANSREALIDADE

“Deus deveria ter me feito menina”

Desde bebê, Brandon era quieto, sensível e submisso. Ainda pequenino, sua babá disse à sua mãe: “Ele é bonzinho demais para um menino”. Na pré-escola, enquanto os meninos empurravam-se em um lado da sala e as meninas sentavam-se em círculo para conversar, Brandon sentava-se com as meninas. Ele não se interessava por brincadeiras com armas ou caminhões. Preferia brincadeiras imaginárias com animais de brinquedo, atuando em complexos relacionamentos interpessoais. Desde pequeno, ele sentia que era diferente da maioria dos garotos.

Hoje, diríamos que ele está em não conformidade de gênero.

No Ensino Médio, Brandon já experimentava uma tensão dolorosa. Sentia-se claramente fora da imagem de masculinidade predominante, tipo John Wayne. E ainda preferia a companhia das meninas. Os meninos falavam de esportes e videogames; as meninas falavam de emoções e relacionamentos — as coisas que importavam para Brandon. Todavia, obviamente, as meninas nunca compartilhavam os seus sentimentos com ele de maneira tão aberta como com as suas outras amigas. Dessa forma, ele sentia que não era nem um menino de verdade, mas também não era aceito como menina.

Não importava aonde fosse, Brandon sentia a angústia de sentir-se deslocado. “Sinto o que as meninas sentem, interesso-me pelas coisas que as meninas se interessam”, disse ele aos seus pais. “Deus deveria ter me feito menina.”

No Ensino Médio, seus colegas organizaram um grupo de “masculinidade cristã”, mas ele enfatizava virtudes masculinas estereotipadas como liderança e assertividade. E os homens cuja força de caráter é cuidar e proteger?

Aos 14 anos, Brandon passava horas esquadrinhando a Internet atrás de informações sobre cirurgias de redesignação sexual. Entretanto, por fim, concluiu que isso não lhe daria os resultados que ele queria. “Percebi que a cirurgia não me transformaria em menina. Não mudaria os meus genes e cromossomos”, disse-me ele. “Uma pessoa não é um programa de computador que você pode apagar e reprogramar do zero.”

Na última conversa que tive com Brandon, ele formara-se na universidade com honras e estava no seu primeiro emprego. No final de nossa conversa, entretanto, ele bateu no peito e disse, com um sorriso tímido: “Acontece que ainda sou uma menina por dentro”.

Os jovens, hoje, vivem em uma sociedade que os provoca a questionar a sua identidade psicossexual como nunca antes.[1] Estão aprovando leis que tratam a atração sexual e a identidade de gênero como categoria protegida (como raça e religião) em escolas públicas, empresas, habitação, saúde pública, prisões e até mesmo igrejas.[2] Essas leis são conhecidas nos Estados Unidos como leis de SOGI — Sexual Orientation and Gender Identity [Orientação Sexual e Identidade de Gênero] —, e, quando analisamos a sua linguagem, descobrimos que elas pressupõem a mesma cosmovisão dividida de dois andares que diagnosticamos nos capítulos anteriores. As leis de SOGI são baseadas no pressuposto de que uma pessoa pode nascer no corpo errado. Assim, elas estabelecem uma contradição entre o corpo e um sentimento interno de ser macho ou fêmea, entre os fatos fisiológicos e os sentimentos subjetivos.

Os cristãos devem responder a isso com a apresentação de uma cosmovisão bíblica positiva que afirma o valor do corpo e a unidade do ser humano. Ao mesmo tempo, os cristãos deveriam ser os primeiros da fila a apoiar e cuidar das crianças que não se “encaixam” afirmando a diversidade de dons e temperamentos no Corpo de Cristo.

O SEU SEXO “DESIGNADO”

Muitas pessoas acham fácil reconhecer o dualismo de dois andares na narrativa transgênero. Um filme da BBC intitulado Transgender Kids [Crianças transgênero] diz: “No centro do debate sobre crianças transgênero, está a ideia de que o seu cérebro pode estar em guerra contra o seu corpo”.[3] Hoje, o tratamento aceito não é ajudar as pessoas a mudarem o seu sentimento interior de identidade de gênero para combinar com o seu corpo, mas a mudarem seu corpo (por meio de hormônios e cirurgias) para que este passe a combinar com os seus sentimentos.

Em outras palavras, quando uma pessoa sente uma dissonância entre corpo e

mente, a mente ganha. O corpo é descartado como algo irrelevante.

Podemos detectar essa visão inferiorizada do corpo na linguagem usada nas leis e políticas de SOGI. Eis um exemplo típico do código de educação da Califórnia: Gênero é "a identidade de gênero da pessoa e a sua aparência e comportamento relacionados, esteja ou não associada ao estereótipo do sexo designado a essa pessoa no nascimento".[4]

Qual é a palavra-chave aqui? Designado — como se o sexo da pessoa no nascimento fosse arbitrário, e não um fato biológico. A Gay and Lesbian Alliance Against Defamation (GLAAD) [Aliança gay e lésbica contra a difamação] diz: "Transgênero é um termo usado para descrever pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo que o médico anotou na sua certidão de nascimento".[5] A pessoa que lê isso pode imaginar o médico pensando: "Hum, que sexo será que devo anotar para esse bebê?", em vez de observando o fato científico.

O que essa linguagem implica é que não importam os fatos científicos. As leis de SOGI estão sendo utilizadas para impor uma cosmovisão de dois andares que deprecia o corpo físico como não tendo consequências, significado ou relevância sobre quem somos. Como escreve O'Donovan, a narrativa transgênero sugere que "o corpo é um acidente que aconteceu com o meu eu real; o eu real tem o sexo verdadeiro" separado do corpo. "O corpo é um objeto estabelecido contra o sujeito pessoal localizado na mente que pensa-sente".[6]

Considere um caso recente na Corte de Fourth Circuit, no qual uma menina que se identificava como garoto chamado G. G. exigiu o seu direito de usar o banheiro masculino. O juiz decidiu que "o sexo designado no nascimento de G. G., ou assim chamado 'sexo biológico', é feminino, mas a identidade de gênero de G. G. é masculina".[7]

O seu "assim chamado 'sexo biológico'" — entre aspas? Estamos falando de um juiz escrevendo uma regra formal para uma corte federal, e ele trata a própria existência do sexo biológico com desconfiança e desprezo. Aparentemente, ele acha que os fatos da fisiologia, anatomia, cromossomos e DNA são menos reais ou verificáveis do que os sentimentos subjetivos da menina sobre o seu gênero.

Encontrei um fórum na Internet debatendo o transgenerismo em que um comentário dizia: "Qual a importância de um pedaço de carne entre as pernas?".[8]

Por que isso deveria fazer alguma diferença no seu sentimento sobre quem você é?

Essa é uma visão devastadoramente reducionista do corpo. Os jovens estão absorvendo a ideia de que o corpo físico não é parte do seu eu autêntico — que o eu autêntico é apenas o eu da escolha autônoma. Isso é o Gnosticismo antigo em uma nova roupagem. Políticas que impõem a ideologia transgênero sobre crianças do jardim de infância estão ensinando-as a denegrir o seu corpo — a ver o seu sexo biológico como algo sem relevância para quem elas são como pessoas. A dicotomia de dois andares leva as pessoas a sentirem-se separadas do seu próprio corpo.

A biologia é mais do que um pedaço de carne entre as pernas. Em uma Ted Talk popular, a cardiologista Paula Johnson declarou: "Todas as células têm sexo — e o que isso quer dizer é que homens e mulheres são diferentes em tudo, até o nível celular e molecular. Significa que somos diferentes em todos os nossos órgãos, desde o cérebro até o coração, os pulmões, as articulações".[9] Em outras palavras, não importa qual seja a sua filosofia de gênero, quando estiver doente e o médico colocá-lo na mesa de cirurgia, ele continuará precisando saber o seu sexo biológico original para dar-lhe o melhor tratamento médico possível.

GÊNERO-QUEER, BIGÊNERO, PANGÊNERO

O termo transgênero foi expandido como termo guarda-chuva que cobre várias categorias que costumavam ser distintas, como travestis e transexuais. Como transgênero é mais aceito socialmente do que os termos anteriores, o termo passou a ter uso crescente nos anos recentes. Hoje, ele também é utilizado para incluir várias categorias novas tais como gênero-queer (pessoas que não se consideram nem masculinas nem femininas), bigênero, pangênero, gênero fluido e muitas outras.

Entre o público, há um sentimento de que deve haver uma base genética ou hormonal para os sentimentos de se estar no corpo errado. Há alguma evidência científica para apoiar essa suposição.[10] No capítulo 5, vimos que quase todos os nossos pensamentos e sentimentos têm correlações físicas. Estar ciente da nossa conexão mente-corpo pode motivar-nos a demonstrar compaixão às pessoas que

estão navegando por sentimentos transgênero. Não há, porém, nenhuma evidência científica conclusiva de que a transexualidade ou o transgenerismo sejam causadas por genes ou qualquer outro fator biológico.

E, mais importante, os próprios ativistas transgênero argumentam o oposto: eles insistem que a biologia é irrelevante para o gênero. Como vimos no capítulo 1 (pode ser útil reler essa parte), os ativistas trans argumentam que não há conexão entre corpo e identidade de gênero. Um vídeo da BBC apresenta uma jovem que se identifica como não binária dizendo: “Não importa em que esqueleto vivo de carne você nasceu; é o que você sente que o define”.[11] Na cosmovisão de dois andares, tudo o que conta é o sentimento. O corpo é rebaixado como nada mais do que um “esqueleto de carne”. Não se dá nenhum respeito ao bem intrínseco ou telos (propósito) do corpo humano. Não se concede nenhuma dignidade às capacidades únicas inerentes ao ser macho ou fêmea.

A narrativa transgênero separa completamente o gênero do sexo biológico.

Grande parte das leis e políticas de SOGI afirma explicitamente que as pessoas que solicitam o status de transgênero não precisam de diagnóstico médico, nem de relatórios de terapia hormonal ou cirurgia, nem de alterações nos documentos legais, nem de alteração na aparência. Como explica o pesquisador familiar Glenn Stanton: “A identidade de gênero não existe em qualquer sentido objetivo ou quantificável. Simplesmente, não há nenhum critério fisiológico, legal, médico ou de aparência física que uma pessoa transgênero deva satisfazer para ser diferenciado como tal. Essa ‘realidade’ só existe na mente do indivíduo que faz a solicitação”.[12] Isso não é baseado em fatos biológicos, mas estritamente em sentimentos interiores.

…

A MENTIRA DA TEORIA QUEER

O script transgênero fala para os jovens que a aceitação dos seus sentimentos transgêneros irá libertá-los para serem o seu “eu autêntico”. Porém, será que é

isso mesmo? Muitos que já tentaram dizem que não. Jonah Mix era um jovem de gênero não conforme que passou anos imerso na teoria queer. Ele chamava-se de "não binário" e usava meia-calça, delineador e esmalte nas unhas: "Foi naqueles círculos queer que eu ouvi pela primeira vez a advertência comum de nunca definir uma pessoa pelo seu corpo".

No fim, entretanto, ele percebeu que a promessa de libertação era uma mentira. Para descobrir se você identifica-se como homem, precisa primeiro definir o que é masculinidade. "Se não somos homens por causa do nosso corpo, somos homens por causa das nossas atitudes", escreve Mix. Você age com estereótipos masculinos? Então, é um homem. Você se comporta de maneiras que passam o estereótipo feminino? Então, você deve ser mulher. Ironicamente, a teoria queer, na verdade, reforça estereótipos rígidos de gênero.

Ao contrário, se remover a identidade do seu corpo, diz Mix, você pode envolver-se em um amplo leque de comportamentos sem ameaçar a segurança da sua identidade como homem ou mulher. "Quando somos definidos pelo nosso corpo, toda a amplitude da experiência humana permanece aberta. [...] Há liberdade no corpo."[13]

Da mesma forma, em um site trans, uma comentarista chamada Trish escreveu: "Quando era menina, eu gostava tanto das aulas de balé quanto de me jogar na lama. [...] Gostava de minissaia e queria ser astronauta quando crescesse. Eu vejo que o movimento trans está numa luta árdua para forçar todo mundo a escolher se vive na caixa azul ou na caixa rosa, sem poder misturar as cores. Para mim, isso é o oposto de liberdade".[14]

Quando Bruce Jenner anunciou que agora ele identificava-se como mulher e estava adotando o nome de Caitlyn, como a notícia foi anunciada ao mundo? A fotografia icônica espalhada pela Vanity Fair "ofereceu-nos uma amostra da ideia de mulher de Caitlyn Jenner", diz um artigo do New York Times: "um espartilho que destaca o decote, poses quentes, muito rímel e a perspectiva de muitas 'noites das meninas' com papos sobre cabelo e maquiagem. [...] Esse é o tipo de disparate que foi usado por séculos para reprimir as mulheres".[15] A caixa rosa.

Ao contrário do que diz a teoria queer pós-moderna, há maior diversidade e inclusão quando ancoramos a nossa identidade psicossexual na realidade objetiva e cientificamente verificável da nossa biologia como macho ou fêmea.

A BIOLOGIA VENCE

Nos anos recentes, houve um grande crescimento no número de adolescentes identificando-se como transgênero e solicitando tratamento hormonal e cirurgia. Em algumas escolas, grupos inteiros de amigos estão "saindo do armário" como transgênero ao mesmo tempo.[16] Será que essas crianças estão, ao mesmo tempo, descobrindo o seu eu verdadeiro e autêntico?

O colunista Rod Dreher às vezes publica mensagens de leitores nas suas colunas, e a mensagem abaixo captura o tom de muitos pais:

Como pai vivendo o pesadelo de ter uma adolescente que, de repente, anuncia que é transgênero, posso lhe dizer que NÃO há médicos que façam nada a não ser concordar. NÃO há nenhuma ciência por trás disso. NÃO há maneira de fazer um "diagnóstico" médico dela. [...] Três de suas amigas mais próximas já fizeram a transição completa, paga pelos pais, então é difícil para ela entender por que não faremos o mesmo. É a mesma coisa que ter a sua filha capturada por uma seita religiosa.

Por que os pais estão concordando com isso? "Porque não querem perder os filhos."[17] Muitas escolas adotaram a política de que os pais podem até mesmo não serem informados de qual gênero os seus filhos adotam na escola.

De onde veio a ideia de que a identidade de gênero pode ser separada do sexo biológico? Um dos primeiros a popularizar a ideia foi John Money, na Escola de Medicina Johns Hopkins. O seu primeiro exemplo foi David Reimer, nascido em 1965, que, como bebê, teve o pênis severamente danificado em uma circuncisão muito malfeita. "Não se preocupem", disse Money aos pais de David. A identidade de gênero é completamente maleável, e será fácil transformar esse menino biológico em uma menina usando a cirurgia de redesignação sexual,

juntamente com tratamentos hormonais e psicológicos. O caso foi amplamente divulgado, e quando eu estava na pós-graduação, ainda era apregoado como evidência irrefutável de que a instrução (escolha) era mais importante do que a natureza (biologia). Um macho biológico poderia ser induzido a pensar que era fêmea e viver como menina.

Mais tarde, surgiu a notícia de que Money estava mentindo. Ele sabia que David estava profundamente infeliz vivendo como menina. David recusava-se a brincar com bonecas, tentou apoderar-se dos carrinhos e armas de brinquedo do seu irmão e disse aos pais que se sentia um menino. Quando David tinha 14 anos, ficou tão deprimido que os pais finalmente lhe contaram o que havia acontecido. Ele imediatamente começou a viver como menino e chegou a casar-se com uma mulher.[18] O experimento de gênero não deu certo. A biologia venceu. Mesmo assim, o mito de que a identidade de gênero é independente do sexo biológico sobrevive.

AMA TEU CORPO

Por que não estamos estimulando as pessoas a terem uma visão mais positiva do corpo? Nuriddeen Knight, uma mulher negra que escreve para o Instituto Witherspoon, diz que o movimento transgênero faz com que se lembre de um tempo, não tão distante, em que pessoas negras de pele mais clara às vezes “se passavam” por brancas. Ela pergunta: Não há um paralelo quando um homem “passa” por mulher, ou vice-versa? Em ambos os casos, o motivo oculto parece ser uma forma de ódio a si mesmo: “Um negro que quer ser branco está praticando o ódio próprio, assim como um homem que quer ser mulher ou uma mulher que quer ser homem”.

Knight pergunta: Por que não “incentivamos as pessoas a amarem o corpo que possuem? Dizemos para as mulheres amarem as suas curvas, e amarem a sua idade, e amarem a cor da sua pele, mas não dizemos a elas (e aos homens) para amarem o sexo do seu corpo?”.[19]

Na pista de patinação onde o meu filho estava tendo aulas, uma pessoa entrou no gelo com cabelos compridos, maquiagem pesada e batom vermelho vibrante. Estava vestindo uma roupa de patinação brilhante, com saia curta e meias

coloridas. Entretanto, havia algo de errado na sua estrutura. Ela era alta, com perfil robusto, ombros largos e joelhos salientes. Em resumo, “ela” era, obviamente, um homem. Com a sua maquiagem exagerada, parecia quase um transformista. Os outros patinadores riram com sarcasmo e fizeram comentários pejorativos, mas não pude deixar de sentir compaixão por alguém claramente preso na rejeição ao seu próprio corpo.

Há um tipo correto de amor próprio que vem da aceitação do amor de Deus. A cosmovisão bíblica concede valor e dignidade à nossa identidade como macho ou fêmea. A Teologia de gênero está arraigada na Teologia da criação. O que Deus criou tem valor e dignidade intrínsecos.

MISTURANDO O BINÁRIO

Como a narrativa transgênero insiste que o corpo não importa — que não é o “eu real” —, alguns transgêneros nem se importam em modificar a sua aparência corporal. Um amigo apresentou-me a um músico local que se identifica como “gênero queer”. Ele parece completamente masculino, exceto quando usa delineador e, às vezes, uma blusa ou saia feminina. Mesmo assim, insiste em ser chamado de “ela”.

Para alguns ativistas de gênero, recusar-se a mudar a sua aparência é parte de uma estratégia intencional de eliminar completamente as categorias binárias de macho e fêmea. O ativista trans Rikki Wilchins, escrevendo no The Advocate, diz que, até agora, foi relativamente fácil avançar os direitos dos transgêneros porque a maioria das pessoas trans apresenta “ao menos algum grau de consonância entre a sua identidade de gênero e as noções corriqueiras de masculinidade ou feminilidade”. Porém, o que acontece quando eles recusam-se a mudar a sua aparência? “O que acontece quando um indivíduo ‘gênero queer’, que genuinamente se parece não binário ou masculino, declara em um mundo binário que ele/a se sentiria mais confortável acessando o banheiro feminino? Para dizer o mínimo, a ótica não vai funcionar mais.” Ou seja, uma mulher trans com corpo masculino não se parecerá com uma mulher, mas ainda exigirá acesso a espaços femininos, tais como banheiros públicos. Nesse ponto, escreve Wilchins, desafiaremos “toda a estrutura hetero-binária subjacente do mundo”.[20]

É exatamente isso que as leis e políticas de SOGI já estão fazendo. Elas exigem que as pessoas refiram-se às outras pelo seu gênero autoidentificado, mesmo quando elas não tenham feito cirurgia, ou tratamento hormonal, ou qualquer outra coisa para mudar a sua aparência externa.

Recentemente, uma amiga minha estava no banheiro de um restaurante quando um garçom homem entrou. Eu já tinha visto esse garçom quando chegamos ao restaurante mais cedo naquela noite, e a sua aparência era completamente masculina. (A minha amiga observou que ele também deixou o assento levantado.) Embora não tivesse feito nada para feminilizar a sua aparência, estava exigindo o direito de usar os espaços públicos femininos.

Em 2016, a Comissão de Direitos Humanos da cidade de Nova York lançou uma lista com 31 termos de expressão de gênero — andrógino, gênero queer, não binário, pangênero, bigênero, gênero fluido, terceiro sexo, dois espíritos e assim por diante — que os funcionários deveriam usar ou enfrentariam multas exorbitantes de até 250 mil dólares. É quase impossível acompanhar qual gênero uma pessoa alega ter, especialmente se essa pessoa não mudou a sua aparência.[21] Dessa maneira, as leis de SOGI estão fazendo exatamente o que os ativistas trans esperavam: estão desafiando a própria existência das categorias binárias de macho e fêmea.

POMOSSEXUAL

É claro, a lista de 31 termos de expressão de gênero da cidade de Nova York deve continuar aumentando. Pela lógica, poderia haver um número infinito de gêneros. Por quê? Porque se trata de um conceito que se refere apenas a sentimentos interiores, sem referência a nenhum atributo físico.

As políticas transgênero estão, portanto, levando-nos, de maneira inevitável, à visão pós-moderna de identidade psicossexual. Em seu influente livro Gender Trouble [O Problema do Gênero], Judith Butler defende que o gênero não é um atributo fixo, mas uma variável oscilante que muda de acordo com a preferência pessoal. Gênero é uma “ficção”, uma “invenção”, uma “fantasia” que pode ser feita e refeita à vontade. Isso foi chamado de visão pomossexual (pomo, neste caso, é uma abreviação de pós-moderno).[22]

O que significa, na prática, uma visão pomossexual? Um psicoterapeuta escrevendo em uma revista divulgada para "pessoas queer" explica que as pessoas "não querem encaixar-se em alguma caixa — gay, hetero, lésbica ou bissexual. [...] Elas querem ser livres para mudar de ideia". O artigo era endereçado às pessoas que haviam saído do armário e pensavam ter descoberto a sua verdadeira identidade; porém, mais tarde, foram atraídas a relacionamentos heterossexuais. "Então, o que eu sou?" — perguntavam elas. "Não se preocupem", disse o autor. "Estamos vendo um desafio à maneira antiga, modernista de pensar: 'Isso é quem eu sou, ponto final', e um movimento na direção de uma versão pós-moderna: 'Isso é quem eu sou nesse momento'."[23]

Quando o gênero é separado da biologia, ele torna-se algo que podemos escolher — e, portanto, algo que também podemos mudar.

Para usar a nossa metáfora de dois andares, o gênero tornou-se um conceito pós-moderno do andar superior — indefinível, manipulável, fluido e separado de qualquer conexão com os fatos biológicos do andar inferior. O gênero não tem ligação nenhuma com o corpo masculino ou feminino. Como escreve Butler, quando "o gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero torna-se um artifício oscilante, com a consequência de que homem e masculino podem facilmente significar um corpo feminino tanto quanto um corpo masculino, e mulher e feminino, um corpo masculino tanto quanto um corpo feminino".[24]

Pessoas que ainda mantêm uma mentalidade modernista alegam que a orientação sexual é natural. Já os pós-modernistas alegam que nada é natural — que a sexualidade é uma construção social.[25]

Na introdução, vimos que a divisão de dois andares corpo/pessoa deriva da mesma fonte que a divisão fato/valor. Portanto, não é surpreendente haver um paralelo: Primeiro os valores eram definidos como questão de escolha pessoal subjetiva, desconectados dos fatos, e agora o gênero foi definido da mesma forma.

Como sempre, os jovens são os primeiros a absorver as novas ideias. Uma pesquisa Fusion de 2015 descobriu que a maioria dos millennials acredita que o gênero é fluido.[26] Um artigo da revista World diz que essa ideia "é vista como libertadora, uma maneira de tomar controle da sua própria identidade, em vez de aceitar a que foi culturalmente 'designada'". Em algumas clínicas universitárias,

“os alunos não precisam mais marcar ‘masculino’ ou ‘feminino’ nos seus formulários de saúde. Em vez disso, pede-se que eles ‘descrevam o seu histórico de identidade de gênero’”.[27]

Ou seja, que identidades de gênero você abraçou durante a sua vida? Elas podem mudar.

Essa não é uma ideia alternativa. É a ideia convencional. Quase todo currículo de educação sexual nos Estados Unidos orienta-se a partir do Conselho de Educação e Informação Sexual dos Estados Unidos (SIECUS, na sigla em inglês). Seus pronunciamentos constituem a visão “oficial”. E o que o SIECUS diz? “A identidade de gênero refere-se ao sentimento interior que a pessoa tem de ser macho, fêmea ou uma combinação dessas duas coisas”, e “a compreensão das pessoas sobre a sua identidade de gênero pode mudar ao longo da sua vida.”[28]

Um programa da NPR apresentava estudantes que haviam abraçado o conceito pós-moderno de identidade de gênero falando em termos de qual pronome eles preferiam. Em uma faculdade, o apresentador do rádio disse: “as coisas eram tão fluidas que você podia inventar um pronome diferente para cada evento”. Você podia ir almoçar como ele e depois ir para a aula como ela. “Encontramos estudantes do Ensino Médio que disseram: [...] Eu rejeito o binário de gênero como movimento opressor da cultura dominante.”[29]

Essa visão pós-moderna está infiltrando-se até nas idades mais jovens. A mãe de uma menina de 12 anos disse aos repórteres: “Em alguns dias, Annie é uma menina; em outros, ela é um menino; e, em outros, ela é os dois”. Quando as duas saíram para comprar a roupa de Annie para a formatura, compraram tanto um vestido quanto um terno, porque não tinham certeza de qual gênero a menina teria na noite do evento. O artigo explica de maneira útil: “Annie acredita que o gênero é mais um atributo mental do que físico”.[30] O gênero tornou-se um atributo puramente mental, sem base na realidade física.

FACEBOOK: “O SEU EU VERDADEIRO E AUTÊNTICO”?

Há alguns anos, o Facebook anunciou que os seus usuários poderiam agora

escolher entre 50 gêneros diferentes. A empresa explicou que o seu objetivo era dar às pessoas uma chance de expressar "o seu eu verdadeiro e autêntico".[31] No entanto, não existem 50 sexos biológicos. Então, qual era o pressuposto? Que "o seu eu verdadeiro e autêntico" não tem qualquer relação com a sua biologia. A visão pomossexual representa uma desvalorização profunda do corpo.

Um artigo da revista Christianity Today [Cristianismo Hoje] apresentou uma entrevista com uma ministra da igreja Metodista Unida que passou por uma cirurgia de redesignação sexual e agora se apresenta como homem. A sua explicação era: "O meu corpo não combinava com quem eu sou".[32] Qual era o seu pressuposto? Que o seu corpo não era parte de "quem eu sou". Ela tratava o seu eu autêntico como completamente desconectado da sua identidade física.

O corpo tornou-se uma peça de matéria moralmente neutra que pode ser manipulada por qualquer propósito que o eu possa impor a ele — como pressionar um molde na argila ou estampar o rosto de Lincoln em uma moeda de cobre.

Porém, se o gênero não tiver relação nenhuma com a biologia, então, no que ele é baseado? Ninguém sabe. Em um livro intitulado Omnigender, a ex-evangélica Virginia Mollenkott diz que todas as identidades sexuais estão disponíveis agora. Uma crítica do livro em um periódico de Teologia concluiu (e isso foi escrito com toda seriedade): "Os argumentos contra a ordenação de mulheres precisam de uma reformulação geral já que não sabemos com certeza agora o que é uma mulher".

As pessoas hoje não sabem com certeza o que é um homem ou uma mulher.

Os cristãos devem lamentar que as pessoas estejam tão confusas com a sua identidade — pessoas que absorveram uma visão darwinista da natureza, como algo sem propósito ou significado moral; que pensam em seu corpo como apenas um pedaço de matéria sem nenhuma pista sobre quem elas são como pessoa; que pensam na sua identidade como macho ou fêmea sem nenhuma dignidade ou significado especial; que veem o seu corpo de forma negativa, como uma limitação da sua identidade autêntica. Por outro lado, como podemos apresentar a visão bíblica como algo radicalmente positivo e afirmador? O Cristianismo fornece a base para uma visão humana e sublime da pessoa como um todo integral.

A defesa do corpo exige que desafiemos o conceito darwinista da natureza como algo sem propósito ou direção. Ironicamente, a pura existência do dimorfismo sexual não pode ser explicada por qualquer teoria darwinista atual. Por que o sexo evoluiu, para começar? É muito mais eficiente para um organismo reproduzir-se de forma assexuada, simplesmente se dividindo ou fazendo uma cópia de si mesmo.

Como um sistema reprodutivo assexuado evoluiu para um sexuado? Quais foram os estágios intermediários? Não há nenhuma teoria universalmente aceita entre os cientistas baseada em evidências empíricas. E, conceitualmente, é difícil até mesmo conceber qualquer processo gradual que levaria, por meio de estágios viáveis, da reprodução assexuada para a sexuada. Até que as novas estruturas fossem completamente desenvolvidas, elas não funcionariam, e o organismo morreria. John Maddox, editor da respeitada revista Nature [Natureza], escreve: "A questão primordial é quando (e, então, como) a reprodução sexuada evoluiu. Apesar de décadas de especulação, não sabemos".[33] Em seu livro de 2001, The Cooperative Gene [O Gene Colaborativo], Mark Ridley escreveu que, para os biólogos evolucionistas, "o sexo é um quebra-cabeça que ainda não foi montado; ninguém sabe por que ele existe".[34] É muito mais plausível que a reprodução sexuada seja um produto do design inteligente — que os processos naturais foram guiados por um objetivo ou propósito.

Uma visão teleológica da natureza fornece a base para aceitarmos a bondade da natureza e afirmarmos o valor e a dignidade da ordem criada. O dimorfismo sexual não é uma limitação negativa imposta pela natureza. Nem é uma jogada opressora da cultura dominante. É uma forma positiva e saudável de interdependência que fala da nossa criação como seres sociais, concebidos para o amor e a interdependência mútua no casamento, na família e na comunidade.

…

EVOLUÇÃO E GÊNERO

De forma surpreendente, o próprio pós-modernismo é um produto do

pensamento evolutivo — não da evolução biológica, mas da evolução cultural. Suas raízes estão no pensamento de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, um filósofo do século XIX que ensinou uma forma de evolução panteísta. Em essência, ele aplicou a imagem de Descartes, de espírito na máquina, ao próprio universo: Deus foi redefinido como o espírito na máquina do universo, uma força espiritual que evolui no e por meio do mundo. Na teoria de Hegel, cada consciência individual é parte da consciência cósmica. A implicação disso é que o reino mental está em constante evolução. Todas as ideias — lei, moralidade, religião, arte, filosofia, política — são produtos do que Hegel chamou de "atualização da Mente Universal".[35] por meio da evolução da consciência.

Por isso, não há nenhuma verdade eterna e universal. Há apenas verdades parciais e relativas, assim como cada cultura desenvolve a sua própria perspectiva ao longo da história. A isso chamamos evolucionismo ou historicismo, e Nietzsche resume cuidadosamente: "Tudo evoluiu: não há fatos eternos, assim como não há verdades absolutas".[36]

Quase um século antes de Darwin, então, Hegel já estava ensinando as pessoas a interpretarem a história por meio de lentes evolutivas. (Nietzsche chegou a dizer: "sem Hegel, não haveria Darwin.").[37] Os seguidores de Hegel deixaram o seu Panteísmo de lado e secularizaram a sua filosofia. Todavia, eles retiveram o seu evolucionismo ou historicismo.[38] (Parece que eles não observaram que isso contém uma autocontradição fatal: diz que não há verdades universais — o que é, em si mesmo, uma alegação de verdade universal!)

Que impacto o evolucionismo ou historicismo teve sobre a ideologia sexual? Ele implica que tudo está em fluxo; não há guias firmes dizendo-nos quem somos ou como deveríamos agir. Veja, a própria possibilidade de moralidade está baseada na convicção de que há uma natureza humana criada por Deus e, portanto, há normas duradouras dizendo-nos como satisfazer a nossa natureza, como ser completamente humano. Todavia, se a evolução for verdade, então não há uma natureza humana universal e estável — e, portanto, nenhuma moralidade universal e estável.

O filósofo existencialista Jean Paul Sartre esclarece duramente essa lógica: "Não há natureza humana porque não há Deus que a tenha concebido. [...] O homem não é nada mais do que o que faz de si mesmo".[39] Assim como as espécies estão em constante mutação e evolução, também os indivíduos devem deixar para trás todos os padrões estáveis de comportamento e imergir no fluxo incessante da

vida, constantemente criando e recriando a si mesmos.

Em resumo, o eu é fluido. Não há projeto para o que significa ser humano. A moralidade está em constante evolução ao longo da história.

Esse contexto explica por que os teóricos pós-modernos do gênero, como Foucault e Butler, negam com vigor que qualquer ideal moral (digamos, casamento homem-mulher) esteja arraigado na natureza humana — porque eles negam que exista algo chamado natureza humana. Se você alega que algum princípio moral é congruente com a natureza, está se comprometendo com o que eles chamam de a falácia da "naturalização". É uma falácia porque, na visão deles, nenhuma moralidade é natural. Toda moralidade é uma construção histórica, um produto de uma cultura particular em um período particular da história. Os teóricos pós-modernistas dizem que o seu objetivo é "desnaturalizar" o gênero, o que significa negar que tenha qualquer base na natureza.

Destarte, o pós-modernismo leva o modernismo ao seu próximo passo lógico. O modernismo nega qualquer propósito ou teleologia na natureza. E, se a natureza não revela nenhum propósito, então ela também não pode informar a nossa moralidade. A moralidade é desnaturalizada.

Duas formas de reducionismo

PÓS-MODERNISMO

O Gênero É um Produto das Forças Sociais

MODERNISMO

A Sexualidade É um Produto das Forças Materiais

Ambos são formas de reducionismo: O modernismo reduz o corpo humano a um produto de forças materiais cegas e sem propósito. O pós-modernismo responde reduzindo o gênero a um produto de forças sociais.

IDENTIDADE SEXUAL COMBINADA

Por que os pós-modernistas querem desnaturalizar o gênero? Porque, quando reduzimos a moralidade sexual a uma simples construção social, somos, então, livres para desconstruí-la.

E por que os pós-modernistas querem a liberdade de mudar a moralidade sexual? Muitos teóricos de gênero pós-modernos importantes, incluindo Foucault e Butler, identificaram-se como homossexuais.[40] Assim, o seu verdadeiro "inimigo", nas palavras de Butler, é "a naturalização e entronização das normas heterossexistas".[41] Ou seja, o seu inimigo real é a moralidade heterossexual. Ela escreve sobre o seu "esforço obstinado para 'desnaturalizar' o gênero [...] e erradicar os pressupostos difundidos sobre a heterossexualidade natural ou presumida". O seu objetivo é enfraquecer "todo e qualquer" discurso moral que "torne ilegítimas as práticas sexuais e os gêneros minoritários".[42]

Em outras palavras, ela quer legitimar as suas próprias práticas sexuais minoritárias. Ela não está nem tentando fazer pesquisas objetivas, apesar da linguagem de tom acadêmico dos seus livros.

Lendo as obras de Butler, não se pode evitar o sentimento de compaixão pelo seu dilema. Ela dá expressão contundente às dificuldades que enfrentou com a sua não conformidade de gênero (ela era sujeita à "condenação forte e marcante").[43] Devemos ter sempre em mente que uma pessoa real, sofrendo dor real, está por trás da teoria de tom acadêmico. Ao mesmo tempo, não faz sentido aceitar uma teoria da sexualidade que foi cunhada especificamente para justificar práticas sexuais que não apenas violam a moralidade bíblica, como também aviltam o corpo e fragmentam a pessoa.

UNICÓRNIO DO GÊNERO — IDEOLOGIA TRANS PARA CRIANÇAS

Nos dias de hoje, até mesmo Butler está desatualizada. Uma organização chamada Trans Student Educational Resources [Recursos Educativos Estudantis Trans] publicou um desenho — o Unicórnio do Gênero — que desconstrói a sexualidade em cinco fatores separados que podem todos se contradizer: sexo atribuído no nascimento, identidade de gênero, expressão de gênero, atração física e atração emocional. O desenho do Unicórnio do Gênero é claramente projetado para atrair crianças pequenas e está sendo usado em escolas públicas em todos os Estados Unidos para ensinar aos alunos que não há um eu unificado.

Unicórnio do Gênero

Gráfico do
TSER
Trans Student Educational Resources



Identidade de Gênero:

- Fêmea/Mulher/Menina
- Macho/Homem/Menino
- Outro(s) Gênero(s)

Expressão de Gênero:

- Feminino
- Masculino
- Outro

Sexo Atribuído no Nascimento:

Fêmea | Macho | Outro/Intersexo

Atração Física a:

- Mulheres
- Homens
- Outro(s) Gênero(s)

Atração Emocional a:

- Mulheres
- Homens
- Outro(s) Gênero(s)

Para aprender mais, veja:
www.transstudent.org/gender

Desing de Landyn Pan e Anna Moore

Usado com permissão de Trans Student Educational Resources

A mensagem é que um ser humano é composto por partes e pedaços variados. O nosso sexo biológico é um fator relativamente menor, sem conexão com os outros quatro fatores que alimentam a nossa identidade psicossexual. Se a visão de Butler era semelhante a um brinquedo de criança com três blocos, que podiam ser misturados em qualquer direção (veja o capítulo 5), as escolas hoje estão ensinando que o brinquedo tem cinco blocos.

Até mesmo feministas estão protestando contra essa fragmentação drástica, argumentando que ela aliena-nos do nosso corpo. A filósofa Carol Bigwood escreve: “Se reduzimos o corpo como um todo a um fenômeno puramente cultural, e o gênero a um artifício oscilante, estaremos, então, perpetuando inadvertidamente a profunda alienação moderna entre o nosso ser humano e a natureza”. Em vez disso, deveríamos buscar superar nossa alienação da natureza, diz ela; deveríamos ter como objetivo a “renaturalização do corpo”.[44]

Outra filósofa feminista, Maxine Sheets-Johnson, protesta, da mesma forma, contra a “negação da biologia” no pós-modernismo. O que realmente precisamos, diz ela, é de um estudo cuidadoso das “estruturas biológicas inalteráveis. [...] Precisamos voltar-nos em direção ao do corpo”, não para longe dele.[45]

É claro, os seres humanos são muito mais do que seres biológicos. O caso é que nosso sexo biológico é um fato imutável, empiricamente verificável, de nós mesmos, ao passo que os nossos sentimentos podem mudar — e frequentemente o fazem. Portanto, faz sentido deixar os fatos biológicos informarem a nossa identidade de gênero.

O CORPO É UMA “CONSTRUÇÃO SOCIAL”

Como os teóricos do gênero respondem? Eles dizem que é impossível basear o gênero em fatos biológicos, porque não podemos conhecer objetivamente esses fatos — ou mesmo qualquer outro fato. Afinal de contas, só podemos extrair sentido dos fatos quando os interpretamos, e todas as interpretações são condicionadas pela nossa cultura e história. Todas as definições do que significa

ser biologicamente macho ou fêmea são produtos de forças culturais que, por sua vez, são produtos de forças culturais anteriores que, por sua vez [...] e assim por diante, em uma regressão infindável. Esse é o historicismo de Hegel aplicado ao corpo.

A conclusão pós-moderna é que não temos acesso ao que o corpo realmente é. Apenas sabemos o que alguma cultura determinada pensa que ele é. Butler escreve: “Não há recurso para um corpo que nem sempre foi interpretado por significados culturais. [...] ‘O corpo’ é, em si mesmo, uma construção”.[46]

Todavia, será que o corpo é, em si mesmo, uma construção social? Como podemos interpretar um reducionismo tão extremado? Lembre-se de que o pós-modernismo tem as suas raízes em Hegel, que ensinou um tipo de Panteísmo — que todos somos parte de uma Mente Mundial cósmica. A implicação é que, como indivíduos, não temos, na verdade, ideias originais e próprias. Em vez disso, nossos pensamentos são apenas expressões da mente cósmica. Nas palavras de Hegel, os indivíduos “são o tempo todo ferramentas inconscientes da Mente Mundial agindo dentro deles”.[47]

O Panteísmo de Hegel foi secularizado pelos seus sucessores — o mais conhecido deles sendo Marx, o qual afirmou que “virou Hegel em sua cabeça”. Com isso ele quis dizer que, na sua teoria, os seres humanos são ferramentas inconscientes não de forças mentais (de uma Mente Mundial), mas de forças materiais (classe econômica). O que permaneceu de Hegel em todos os seus sucessores, entretanto, foi a noção de que a consciência individual é parte de um grupo maior de consciência — que o nosso pensamento é moldado inexoravelmente pela cosmovisão da nossa classe, raça, gênero, grupo étnico e assim por diante. Não temos acesso a fatos científicos objetivos. O que pensamos ser fatos são, na verdade, construções culturais — incluindo os fatos biológicos sobre o sexo. Como escreve Butler: “Essa construção chamada ‘sexo’ é tão construída pela cultura quanto o gênero”.[48]

Uma ativista trans que é biologicamente mulher, mas identifica-se como homem, afirma essa alegação com ainda mais objetividade: “É uma escolha referir-se a certos corpos como masculinos e a outros como femininos, não um fato. [...] É uma posição ideológica — e não um fato científico”.[49]

Aparentemente, dizer “é uma menina” é tão ideológico quanto dizer “meninas vestem rosa”.

Os pós-modernistas afirmam libertar-nos de regras e papéis opressivos, mas será que essa visão é realmente libertadora? Nem um pouco. Ela diz que estamos presos dentro da cosmovisão atual da nossa cultura — que não temos acesso a verdades fora do que fomos ensinados a pensar em nossa cultura.[50]

A falha fatal nesse ceticismo radical é que ele é autossabotável. Se todos os seres humanos estão presos ao que lhes diz a sua cultura, sem acesso à verdade, como os pós-modernistas podem saber que as suas próprias afirmações são verdade?

Reduzir o sexo a uma construção social também é muito degradante para o corpo. A feminista lésbica Sheila Jeffreys escreve que o pós-modernismo parece estar "baseado no princípio místico de que a biologia não existe".[51] A filósofa feminista Susan Bordo diz que o pós-modernismo nega "a própria materialidade do corpo". Essa hostilidade tão extrema à biologia deveria ser rotulada de "antibiologismo", escreve ela. O antibiologismo imagina "o corpo como um plástico maleável, a ser moldado para os significados que escolhemos. É "uma imaginação nova e pós-moderna da liberdade humana da determinação corporal".[52]

O pós-modernismo é, portanto, a última e mais extrema versão da dicotomia corpo/mente — que trata o próprio corpo como infinitamente maleável, sem natureza definida em si mesmo.

Por que alguém teria uma visão tão extremada? Qual o apelo disso? Se o corpo não pode ser definido, então ele não coloca limites à nossa identidade de gênero. O objetivo é a liberdade completa de declarar-se homem ou mulher, ou ambos, ou nenhum.

O eu soberano não tolera ter as suas opções limitadas por qualquer coisa que não escolheu — nem mesmo o seu próprio corpo.

Por outro lado, o Cristianismo atribui ao corpo humano valor e dignidade muito mais ricos. Os seres humanos não precisam libertar-se do corpo para descobrir o seu eu verdadeiro e autêntico. Ao contrário, podemos celebrar a nossa existência corporal como um dom de Deus. Em vez de fugirmos do corpo, o objetivo é vivermos em harmonia com ele.

…

SE NÃO HÁ MULHERES, TAMBÉM NÃO HÁ DIREITOS

A ironia é que a teoria pós-moderna de gênero acaba tolhendo os direitos das mulheres. Uma página de sátiras cristãs na Internet, chamada The Babylon Bee [A abelha de Babilônia], publicou uma história no Dia Internacional da Mulher de 2017 apresentando uma manifestante que percebeu que, se o sexo for mesmo uma construção social, não faz sentido protestar pelos direitos das mulheres.

A mulher, subitamente, parou e pensou sobre como a sua presença no protesto sugeria que o conceito de mulher representava algo mais significativo do que uma construção social arbitrária imposta sobre as mulheres. “Esperem um minuto, pensem sobre o que estamos sugerindo aqui”, disse a mulher às suas parceiras de protesto enquanto abaixava o seu megafone, de acordo com testemunhas. “Ao participar desse protesto, não estamos sugerindo que ‘homem’ e ‘mulher’ são ideais que transcendem cultura e subjetividade?”[54]

O Bee estava usando humor para sublinhar um ponto sério: para proteger os direitos das mulheres, devemos poder, de fato, declarar o que é uma mulher. Se o pós-modernismo estiver correto — se o corpo em si mesmo for uma construção social —, então torna-se impossível defender direitos baseados no simples fato de ser mulher. Não podemos proteger legalmente uma categoria de pessoas se não conseguirmos identificar claramente essa categoria.

A visão pós-moderna de gênero já está sendo legalmente imposta por meio das leis de SOGI (Identidade de Gênero e Orientação Sexual, na sigla em inglês). Lembre-se de que, com as leis de SOGI, pessoas que alegam possuir uma identidade de gênero particular não precisam apresentar nenhuma evidência, diagnóstico, tratamento médico ou alteração na aparência. A pessoa passa a ter qualquer sexo que afirme ter.

As implicações já são familiares para qualquer um que leia os jornais. Mulheres trans com corpos masculinos estão reivindicando o direito aos espaços públicos das mulheres, tais como banheiros, vestiários, prisões, abrigos de sem-teto, abrigos de mulheres vítimas de violência, quartos de hospital, conferências de mulheres, dormitórios de faculdades, asilos, ligas esportivas e até mesmo centros de apoio a vítimas de estupro. O mais controverso são as escolas públicas, onde meninas trans com corpo masculino reivindicam acesso ao banheiro das meninas, vestiários, chuveiros e quartos de hotel em viagens escolares.

Os ativistas trans chegaram a protestar contra a utilização de termos como homem e mulher, porque alguns homens identificam-se como mulher e vice-versa. Os ativistas protestaram contra a prática de referir-se a "mulheres grávidas" ou "mães que amamentam", porque homens trans que nasceram mulher também podem ficar grávidos e amamentar. A Aliança de Parteiras da América do Norte mudou os seus impressos para apagar a palavra "mãe" e substituí-la por "indivíduos grávidos" e "pessoas em trabalho de parto".[55] Um livro de ilustrações chamado The Adventures of Toni the Tampon [As Aventuras de Toni, o Absorvente] informa crianças pequenas que homens são capazes de menstruar assim como as mulheres. Você agora é considerado transfóbico se disser "amamentação no seio". Deve dizer "amamentação no peito" para ser inclusivo aos homens trans.

Isso significa que não podemos mais definir as mulheres pelas suas funções biológicas — o que, por sua vez, significa que não podemos mais proteger legalmente as mulheres como uma classe. Se não pudermos nomear a opressão baseada no sexo, não poderemos lutar contra ela.

Mary Lou Singleton, da Frente de Liberação das Mulheres, diz: "Todo o trabalho da minha vida é lutar pela classe de pessoas que é oprimida com base no seu sexo biológico", incluindo atrocidades como casamento infantil forçado, infanticídio de bebês meninas e mutilação genital feminina, que acontecem em todo o mundo. Todavia, por causa do movimento de identidade de gênero, diz Singleton, agora é considerado "transfobia" o simples fato de chamarmos essas vítimas de mulheres e meninas.

"O que estamos vendo é o apagamento legal da realidade material do sexo", diz Singleton.[56] As proteções baseadas no sexo estão sendo eliminadas da lei.

SEM DIREITOS “INALIENÁVEIS”

O impacto a longo prazo das leis de SOGI será ainda mais destrutivo, entretanto, ao apagar o reconhecimento legal não apenas das mulheres, mas também da família. Stella Morabito, colaboradora sênior do The Federalist, explica: “Uma vez que tenhamos redefinido a humanidade como sem sexo, acabaremos com uma sociedade desumanizada na qual não pode haver ‘mãe’ ou ‘pai’, ‘filho’ ou ‘filha’, ‘marido’ ou ‘esposa’ sem a permissão do Estado”.

O Estado terá, então, poder sem precedentes para microgerenciar as famílias. “Se abolirmos da lei as distinções de sexo, poderemos abolir o reconhecimento estatal dos laços biológicos familiares, e o Estado poderá regulamentar os relacionamentos pessoais e consolidar o seu poder como nunca antes.”[57] O Estado poderá tomar decisões relativas a como os pais educam os filhos, que tratamento médico usam, que tipo de disciplina aplicam e assim por diante, muito além de qualquer regulamentação atual.

Fundamentalmente, o Estado pode decidir quem serão considerados os pais da criança, para começar. Até agora, era a natureza (relacionamento biológico) que definia quem era considerado pai e mãe. O Estado via o seu papel como apenas reconhecer a realidade natural. Entretanto, com as leis de SOGI, não haverá um pressuposto em favor dos pais biológicos da criança.

Quando o gênero for desnaturalizado, a paternidade também será desnaturalizada.

Os formulários federais nos Estados Unidos já estão sendo alterados para refletir essa família desnaturalizada. Em 2011, o Departamento de Estado da administração Obama anunciou que estava substituindo “mãe” e “pai” em seus formulários de passaporte por “progenitor 1” e “progenitor 2”.[58] O Free Application for Federal Student Aid (FAFSA) [Formulário Livre para Auxílio Estudantil Federal], que quase todos os estudantes universitários preenchem, usa os mesmos termos de gênero neutro.

Até agora, a família era vista como natural e pré-política, com direitos naturais. Isso significa que ela existia antes do Estado, e o Estado apenas reconhecia os seus direitos. Todavia, se a lei deixar de reconhecer o sexo natural, ela, então, não reconhecerá mais as famílias naturais, nem os pais naturais, apenas pais

legais. Isso significa que os pais não terão direitos naturais, apenas legais. Você, como mãe ou pai, terá apenas os direitos que o Estado decidir conceder a você.

E o que o Estado dá, o Estado pode também tomar. Os direitos humanos não são mais "inalienáveis".

Há um motivo pelo qual o romance clássico de Aldous Huxley, Admirável Mundo Novo, descreve um governo mundial tirânico que trata mãe e pai como palavras obscenas. Ao tornar a linguagem da família obscena, o Estado Mundial assegura que os seus cidadãos formem a sua primeira lealdade a ele mesmo — tornando-os mais fáceis de manipular e controlar.

SOGI — E AÍ?

As leis de SOGI dão um grande passo rumo àquele Admirável Mundo Novo. Vamos desvendar a lógica: a única maneira de a lei poder tratar John, uma mulher trans que é biologicamente homem, da mesma forma legal que Jennifer, que é biologicamente mulher, é negando a relevância da biologia e declarando o gênero como um estado de espírito — pensamentos, sentimentos e desejos. Pela lógica, as leis de SOGI devem negar a importância da biologia.

Considere a definição de gênero oferecida pela Campanha de Direitos Humanos, um grupo ativista gay: Gênero é "o conceito mais íntimo do eu como homem, mulher, uma mistura dos dois, ou nenhum deles — como os indivíduos percebem-se e como se chamam a si mesmos".[59] Gênero é como nos chamamos, um rótulo que escolhemos. Não descobrimos a nossa identidade de gênero, como se fosse um fato objetivo. Em vez disso, declaramos a nossa identidade. Trazemo-nos à existência pela palavra. A linguagem tem prioridade sobre a biologia. É qualquer palavra que escolhemos. A carne tornou-se palavra.[60]

Essas mudanças legais não afetam apenas pessoas homossexuais ou transgênero. Aos olhos da lei, agora ninguém tem um sexo natural ou biológico; todos os cidadãos são definidos não pelo seu corpo, mas pelo seu estado de espírito e sentimentos. É isso que significa o termo cisgênero (pessoas cujo gênero combina com o seu sexo). O termo foi cunhado para insinuar que, mesmo quando o seu gênero alinha-se com o seu sexo biológico, não há conexão

natural. A sua identidade básica como homem ou mulher, marido ou esposa, mãe ou pai, filho ou filha, irmã ou irmão, não deriva mais metafisicamente da sua biologia, mas deve ser determinada por um ato da vontade.

Porém, vontade de quem? Em última instância, ela virá de quem tem mais poder — ou seja, o Estado. “Não importa o que eu ou você entendamos pela palavra ‘gênero’”, explica Daniel Moody. “A única opinião que conta é a do Estado, já que só o Estado tem o poder de impor as suas crenças sobre nós. Na lei, a nossa identidade de gênero é definida sem referência ao nosso corpo, o que significa que a mudança de sexo para gênero é uma mudança do corpo para mente.”[61]

Ao rejeitar a base biológica da identidade de gênero, as leis de SOGI dão ao Estado o poder de definir a identidade de todos. (Analisaremos esses problemas com mais profundidade no capítulo 7.)

COMO ISSO FERE QUALQUER OUTRA PESSOA?

Toda prática social é a expressão de pressupostos fundamentais sobre o que significa ser humano. Quando uma sociedade aceita, apoia e aprova a prática, implicitamente ela compromete-se com a cosmovisão correspondente. E ainda mais, se essas práticas estão consagradas em lei. A lei funciona como mestre, educando as pessoas sobre o que a sociedade considera moralmente aceitável. Se os Estados Unidos aceitam o aborto, a eutanásia, o casamento livre de gênero e políticas transgênero, no processo absorverá a cosmovisão que justifica tais práticas — uma fragmentação de dois andares do ser humano que denigre o corpo e os laços biológicos como a família. E as consequências desumanizadoras alcançarão todos os aspectos da vida comum.

As pessoas, muitas vezes, perguntam: como a legalização do casamento homossexual poderia ferir qualquer outra pessoa? A resposta é que, quando as pessoas aceitam as leis de SOGI, no processo absorverão a cosmovisão correspondente — a definição desnaturalizada da pessoalidade humana como uma construção puramente social. Os direitos humanos estão baseados no conceito de natureza humana — no reconhecimento de que existem certos dados inegociáveis na natureza humana, anteriores ao Estado, os quais o Estado é obrigado a respeitar. Todavia, se, como alega o pós-modernismo, a própria

natureza humana não passa de uma construção social, algo que criamos conforme caminhamos, então não há nada no indivíduo que seja um dado — e, portanto, não há base para direitos humanos inalienáveis. Destarte, os direitos naturais são reduzidos a direitos legais, que o Estado pode mudar à vontade.

Tragicamente, pessoas transgênero sofrerão tanto quanto o restante de nós pela redução dos direitos humanos a meros direitos legais. O que parece estar ajudando as pessoas transgênero, em última instância, acabará prejudicando-as.

Terry Eagleton, um teórico da literatura marxista que virou católico, defende que não podemos ter direitos desassociados da crença em uma natureza humana universal. “Foi em virtude da nossa natureza humana compartilhada que temos reivindicações éticas e políticas uns sobre os outros.” E, historicamente, a fonte do conceito de direitos humanos foi o Cristianismo. Como observa Eagleton: “O próprio Iluminismo herdou os conceitos de justiça e igualdade universal da tradição judaico-cristã, a quem [ironicamente] ridicularizava com frequência”.[62]

Se essa tradição judaico-cristã continuar a ser ridicularizada, qual será a base para os direitos humanos?

Quando o falecido papa João Paulo II era um jovem que lutava contra o Marxismo, concluiu que o aspecto mais danoso do comunismo (e de todas as ideologias ateístas) era a visão inferiorizada da vida humana. “O mal dos nossos tempos” consiste na difamação da dignidade humana, escreveu ele. “Este mal está muito mais na ordem metafísica do que mesmo na ordem moral.”[63] Para usar termos bíblicos, há mais de uma maneira de se perder. A Bíblia fala de pessoas moralmente perdidas sem Cristo. Mas também é verdade que as pessoas estão metafisicamente perdidas quando vivem de acordo com cosmovisões não bíblicas.

Quando falamos com pessoas seculares, nós, cristãos, devemos envolver-nos na sua cosmovisão, confiantes de que temos o poder para “destruir fortalezas”. E quais são essas fortalezas? São os “argumentos” e “opiniões” que se opõem ao “conhecimento de Deus” (2 Co 10.4-5). Os cristãos precisam ajudar as pessoas a verem que a visão secular da natureza humana não se encaixa com quem as pessoas são. Não se encaixa com o mundo real. Como resultado, é inevitavelmente destrutiva, tanto na esfera pessoal quanto na política.

Os cristãos também devem demonstrar compaixão àqueles que são oprimidos

por uma sociedade pomossexual a desprezar o seu próprio corpo e rejeitar a sua identidade biológica. Amar a Deus significa amar aqueles que são a sua imagem no mundo, ajudando a libertar as pessoas presas por ideias destrutivas e desumanizadoras. Paulo escreveu: “o amor de Cristo nos constrange” (2 Co 5.14), e a mesma motivação deveria dirigir também os cristãos de hoje.

…

“DEUS DEVERIA TER ME FEITO MENINA”

O que aconteceu com Brandon, o garoto que conhecemos no início deste capítulo? Os jovens sofrem grande pressão para questionar a sua identidade de gênero, e é provável que, hoje, qualquer criança sofrendo do sentimento de alienação de Brandon seja incentivada a identificar-se como transgênero. Em vez disso, os seus pais trabalharam com ele de maneira intensa para ajudá-lo a aceitar-se como garoto — apenas um garoto mais sensível e emotivo do que o normal.

Os seus pais incentivaram-no a tomar a identidade do seu corpo. Brandon é um homem no físico, na anatomia, na fisiologia, na genética e nos cromossomos. Os nossos corpos são criados por Deus e foram idealizados para dar-nos orientações sobre a nossa identidade sexual.

Os pais de Brandon levaram-no para fazer testes de personalidade, como a tipologia de Myers-Briggs, para mostrar-lhe que é perfeitamente aceitável para um homem ser gentil e emotivo. Isso pode significar que Deus deu a ele o dom para profissões de cuidado, como psicólogo, conselheiro, ou na área da saúde. Da mesma forma, é aceitável que uma mulher seja responsável, racional e assertiva. Os pais de Brandon diziam continuamente a ele: “Não é você que está errado, são os estereótipos que estão”.

Eles refletiram sobre exemplos bíblicos, como Esaú e Jacó. Considere o contraste: Esaú — o homem do campo, o caçador, bruto e cabeludo, o favorito do seu pai. Jacó — o quieto, gentil, que preferia estar em casa (“habitava em

tendas” [Gn 25.27]) e próximo da sua mãe. Mesmo assim, a Bíblia nunca apresenta Jacó como menos masculino por ter esses atributos. Ao contrário, Deus honrou-o tornando-o um patriarca da nação hebraica, concedendo a ele a honra de dar o nome à nação de Israel.

No Novo Testamento, os dons do Espírito não são divididos por gênero. Profecia e ensino não são masculinos. Misericórdia e serviço não são femininos. O Espírito “[distribui], como lhe apraz, a cada um, individualmente” (1 Co 12.11, ARA).[64]

O maior homem que já viveu, Jesus Cristo, descreveu-se como “manso e humilde de coração” (Mt 11.29).

Amigos próximos da família de Brandon ajudaram a dar vida às lições. Um casal havia passado anos em aconselhamento conjugal frustrante. Nos livros que liam e nos vídeos a que assistiam, o marido sempre se encaixava nas qualidades do estereótipo feminino, enquanto a mulher encaixava-se nas qualidades do estereótipo masculino. Depois de jogar os livros para longe, esse casal literalmente salvou o seu casamento quando descobriu um conselheiro que usava a tipologia de Myers-Briggs. O conselheiro ajudou-os a ver que todo o leque de atributos de personalidade do ser humano está aberto para ambos os sexos — que não há problema em ser diferente das normas sociais predominantes.[65] Nesse casal, Brandon testemunhou em primeira mão um homem que era intuitivo e relacional como ele mesmo, sem colocar em risco a sua identidade masculina.

PRINCESAS E TARTARUGAS

Os pais de Brandon também o levaram a fazer um passeio pela história para mostrar que muitos estereótipos são arbitrários, baseados em papéis sociais que se transformam ao longo da história. (Eles usaram o capítulo 12 do meu livro Total Truth [Verdade Absoluta]).[66] Nas sociedades pré-industriais, a maior parte do trabalho era feita na fazenda da família ou em indústrias caseiras, onde o marido e a esposa trabalhavam lado a lado. Trabalho não era o emprego do pai; era a indústria familiar. Como resultado, as mulheres estavam envolvidas no trabalho produtivo econômico, enquanto os homens estavam muito mais envolvidos na criação e educação dos filhos do que a maioria está hoje.

O que mudou tudo isso foi a Revolução Industrial. Ela levou o trabalho para fora de casa — e essa mudança, aparentemente simples, mudou de forma dramática os papéis de gênero. Os pais tinham que seguir para o trabalho fora de casa, em escritórios ou fábricas, o que significava que não estavam mais intimamente envolvidos com a família. As mulheres não tinham mais acesso ao trabalho econômico que podia ser desempenhado em casa enquanto criavam os filhos. O resultado foi uma restrição muito maior dos papéis, tanto para os homens quanto para as mulheres — o que, por sua vez, levou a definições também mais restritas da masculinidade e da feminilidade.

Muitos jovens que hoje questionam os papéis de gênero estão ficando irritados com o remanescente desses estereótipos restritivos do século XIX. Os pais de Brandon asseguraram-lhe de que ele não precisava sentir-se pressionado a viver à altura de qualquer papel social que, por acaso, possa estar em voga em qualquer período particular da história — incluindo o nosso.

Cada período da história tem as suas próprias maneiras de definir as diferenças de gênero. Quando eu era criança, meus irmãos e eu usávamos o mesmo triciclo genérico. Hoje, os triciclos das meninas são cor-de-rosa com adesivos das princesas da Disney, enquanto os dos meninos são verdes com adesivos das Tartarugas Ninja. As crianças podem ser pressionadas para definições de gênero bastante restritivas. Mason, uma de minhas alunas que lutava por ser atípica na questão de gênero, comentou: “A ironia é que são precisamente esses estereótipos que levam os jovens de gênero não conforme para os braços das comunidades gay ou transgênero” na sua busca por um sentido de pertencimento e aceitação.

Infelizmente, as igrejas hoje mandam, muitas vezes, mensagens contraditórias para os jovens. Como observa Mark Yarhouse em Understanding Gender Dysphoria [Compreendendo a Disforia de Gênero], por um lado, há igrejas que buscam ser tão inclusivas e compassivas que espelham visões seculares que desconstroem o sexo e o gênero. Por outro lado, há igrejas que “corrigem demais”, tornando-se mais rigorosas, mais restritivas e muito mais rígidas ao impor papéis sexuais.[67] Devemos tomar cuidado de não adicionar nada às Escrituras quando batizamos expectativas de gênero que são, na realidade, historicamente contingentes e arbitrárias.[68]

Os cristãos deveriam estar na dianteira do pensamento criativo para recuperar as definições ricas do que significa ser homem ou mulher. A igreja deveria ser o

primeiro lugar onde os jovens podem encontrar libertação dos estereótipos não bíblicos — a liberdade de descobrir o que significa ser criado à imagem de Deus como pessoas integrais e remidas.

Como conheci Brandon pessoalmente, testemunhei em primeira mão a angústia e o isolamento que ele sofreu por causa da sua disforia de gênero. Por muitos anos, fui uma das poucas que teve a oportunidade de ficar ao seu lado, chorar com ele, condoer-se por ele e orar por ele. Como escreve Yarhouse: "Se você quer que uma pessoa [sofrendo de incongruência de gênero] escolha um caminho que pareça mais redentor, desejará fazer parte de uma comunidade redentora que facilite esse tipo de tomada de decisão",[69] mesmo que isso leve muitos anos.

LUTANDO CONTRA O BINÁRIO

Quando falamos sobre gênero nos dias de hoje, uma das primeiras perguntas que provavelmente ouviremos é: "E o intersexo?". Uma porcentagem muito pequena de pessoas nasce com genitais ambíguos ou não completamente formados devido a anormalidades genéticas e hormonais. Como resultado, os médicos podem não ter certeza do sexo do recém-nascido. (Essas pessoas antigamente eram chamadas de hermafroditas.) O tratamento padrão era "designar" um sexo e administrar hormônios e cirurgia plástica para deixar a criança alinhada com as expectativas do gênero.

Na retórica da guerra cultural, a existência de pessoas intersexo está sendo usada para tumultuar o binário macho/fêmea. Eles muitas vezes são incluídos sob o guarda-chuva do transgênero para sustentar a alegação de que não existe somente macho e fêmea, mas todo um leque entre eles.

Essa alegação, no entanto, é autocontraditória. Intersexo é uma condição biológica, enquanto os ativistas transgênero insistem que a biologia é irrelevante para a identidade de gênero.

Além disso, pessoas intersexo não estão protestando para eliminar o binário de gênero. De acordo com a Sociedade Intersexo da América do Norte: "Pessoas intersexo estão perfeitamente confortáveis adotando a identidade de gênero

masculina ou feminina e não estão buscando uma sociedade sem gênero nem se rotular como membros de uma classe de terceiro gênero".[70]

Se você se pergunta onde a narrativa trans obteve a expressão "sexo designado no nascimento", ela foi emprestada do tratamento de bebês intersexo. O termo "designado" pode ser útil na minúscula porcentagem de casos em que os genitais de um recém-nascido são genuinamente ambíguos. Contudo, não faz sentido aplicá-lo às pessoas transgênero, que eram claramente homem ou mulher no nascimento. Indivíduos transgênero têm marcadores de sexo típicos (por exemplo, genética, gônadas, genitais) que se alinham todos uns com os outros.[71]

A terminologia médica mais precisa para o intersexo é uma "desordem de desenvolvimento sexual" (DDS), e os cristãos normalmente a explicam como um resultado da Queda, assim como outras desordens. Em um mundo decaído, todos nascemos com deficiências e avarias em várias partes da nossa mente e corpo — um coração fraco, uma predisposição para depressão, uma tendência para ter pressão alta. O mundo está em desajuste. Portanto, não é surpreendente que os efeitos da Queda, por vezes, também se manifestem no aparelho reprodutor.

Dizer que uma condição é resultado da Queda não significa que ela seja culpa de alguém. Como disse Jesus acerca do homem que nasceu cego, ela não é uma punição direta por um pecado individual (veja o capítulo 5). Grande parte do sofrimento humano é devido à criação "gemendo" em sua "servidão da corrupção" (Rm 8.22,21). Os cristãos são chamados para acolher e apoiar pessoas intersexo e outros que sofrem por causa da ruptura da Criação.

Ainda assim, até mesmo alguns cristãos estão usando a existência de pessoas intersexo para tumultuar o binário macho/fêmea. A teóloga Megan DeFranza defende que a condição intersexo não é efeito da Queda, mas parte da boa criação original de Deus. Na perspectiva dela, Deus não criou apenas macho e fêmea, mas também todo um espectro de variações genéticas no meio disso. Insistir no binário macho/fêmea seria, segundo ela,"opressivo".[72]

É verdade que um amplo leque de variações genéticas em potencial foi construído na criação original, levando a diferentes raças de cães, variedade de rosas e raças de humanos ao longo da história. Todavia, também há condições que resultam de mutações, cópias erradas e outras disfunções no código genético. É razoável concluir que a condição intersexo seja um caso de

disfunção, porque a maioria das pessoas intersexo parece não ser saudável.

Even DeFranza, em um livro sobre o assunto, descreve de forma sistemática o intersexo utilizando termos como “deficiência”, “avaria”, “incapacidade” e “falta”. Por exemplo, a Síndrome de Insensibilidade Androgênica (SIA) ocorre quando os indivíduos “não são capazes de processar hormônios masculinos (andrógenos)” porque “as suas células não têm os receptores apropriados”. Ou, como já vimos, a Hiperplasia Adrenal Congênita (HAC) é uma “condição de deficiência de enzimas, causando mal funcionamento da glândula suprarrenal do feto, que resulta na produção demasiada de andrógeno fetal”. Ela “representa uma emergência médica real no período neonatal. HAC pode causar desidratação severa, levando à morte nas primeiras semanas de vida do bebê”.[73] A linguagem necessária para descrever a condição de grande parte dos intersexo sugere que é um caso de disfunção resultante da Queda.

INTERESSE PELO INTERSEXO

Nos últimos anos, as pessoas intersexo ganharam a atenção da mídia porque começaram a exigir o direito de escolher a sua própria identidade sexual. Quando os médicos “designam” um sexo, em casos raros, mais tarde fica claro que eles tomaram a decisão errada.

Considere Jim Bruce.[74] Embora ele tenha nascido com cromossomos XY (masculinos), os seus genitais não eram totalmente diferenciados. Logo depois do seu nascimento, em 1976, o órgão externo e testículos de Jim foram removidos cirurgicamente, e ele foi criado como menina. Mesmo assim, Jim lutou por anos, preferindo brincadeiras “brutas” e sendo atraído por meninas. “Eu sabia que não era uma menina”, disse ele a um repórter. Na puberdade, ele recebeu hormônios femininos. Finalmente, quando estava com 19 anos e lutava contra a depressão, localizou os seus relatórios médicos e ficou horrorizado: “Fui esterilizado no nascimento — e ninguém jamais me contou”.

Depois de descobrir a verdade, Jim teve os seios removidos cirurgicamente, tomou injeções de testosterona e começou a viver como homem.

Lianne Simon[75] é uma mulher intersexo cristã com uma linha celular XY/XO

(algumas das suas células são XY, enquanto outras têm apenas um X, uma condição conhecida como Disgenesia Gonadal Mista). Criada como menino, ela escreve: “Ninguém me disse que eu era intersexo quando era criança. Nem sei ao certo o quanto os meus pais sabiam. Naquela época, muitas vezes os médicos mantinham essas coisas em segredo”.

Acontece que Lianne era pequena (aos 9 anos, ela tinha o tamanho de uma criança de seis). Ela também sofria de micrognatia (uma mandíbula menor), que lhe dava um rosto de fada. Ela sentia-se como uma menina e era rejeitada pelos meninos por causa de seus maneirismos femininos. Seu corpo nunca passou pela puberdade, e ela padeceu de muita vergonha por não ser o menino que os pais gostariam que fosse. A universidade que ela frequentava ameaçou revogar a sua bolsa de estudos a menos que fizesse aconselhamento por causa dos seus problemas óbvios de gênero.

Só depois de adulta que Lianne finalmente fez uma análise cromossômica. Aos 21 anos, ela decidiu resolver a sua ambiguidade sexual na direção de ser uma mulher, usando hormônios e cirurgia, e hoje ela está casada.

Pessoas intersexo como Bruce e Lianne têm uma condição biológica genuína — e isso lhes causou intenso sofrimento. Quando eram recém-nascidos, médicos e pais tomaram a decisão de criar a criança como menino ou menina e, de forma trágica, eles estavam errados. Como resultado, hoje em dia, há uma pressão para deixar a criança amadurecer por um período maior antes de realizar a cirurgia a fim de obter uma avaliação mais precisa.[76]

Pessoas com anomalias genéticas e físicas deveriam ser aceitas, cuidadas e protegidas, não usadas como bolas políticas por aqueles que querem desconstruir o binário macho/fêmea. Como me disse Lianne: “Como você acha que nos sentimos sendo um peão no jogo de outra pessoa? Dói ser empurrado para o campo LGBT por todos os lados”.[77]

DESALINHADO

Ao contrário das pessoas intersexo, os transgêneros têm anatomia e cromossomos sexuais normais. Porém, o sofrimento psicológico causado pela

disforia de gênero também é real. A disparidade entre o corpo de alguém e o seu senso de gênero é, como todas as discordâncias, um efeito da Queda. Como escreve Allberry: “O pecado causa profunda alienação — primeiro e antes de tudo de Deus. [...] E nos alienamos de nós mesmos. O que deveria ser um todo integrado — nossa mente, nosso corpo e o nosso espírito — agora está profundamente fragmentado. Não nos sentimos mais alinhados conosco mesmos”.[78]

Hoje, as crianças sofrem, cada vez mais cedo, de um sentimento de estarem desalinhadas, e os cristãos precisam desenvolver uma abordagem pastoral que seja sensível e compassiva. O sentimento de ser do gênero “errado” não é algo que a criança escolhe. Algumas crianças, como Brandon, podem simplesmente ser um ponto fora da curva em termos de atributos de personalidade não conformados ao gênero. Em outros casos, os sentimentos podem ter raízes psicológicas complexas.

“Quando o meu filho era menor, gostava de vestir-se com roupas de menina”, disse-me Caroline. “Ele amava saias rodadas e todo tipo de babados, laços e brilhos.” Quando seu marido viu que o menino estava usando roupas de menina, ficou furioso. “Também fiquei preocupada, especialmente nesses dias quando todos já concluem que o seu filho pode ser gay ou transgênero”, confidenciou Caroline. “Só que eu também sabia que o meu filho identificava-se mais comigo do que com o pai, que não se conectava muito bem com ele. Imaginei que, se eu o deixasse expressar isso sem envergonhá-lo, provavelmente algum dia ele o superaria. E assim aconteceu.”

Por volta de 80 a 90% das crianças que experimentam alguma incongruência de gênero perde esses sentimentos antes da idade adulta.[79] As crianças que, por fim, aceitam a sua identidade sexual são chamadas “desistentes”.

O filme da BBC Transgender Kids [Crianças Transgênero] apresenta uma desistente chamada Alex. Aos 2 anos, ela disse aos pais que era um menino. Quando se recusavam a tratá-la como menino, ela tinha acessos de raiva. “Ela literalmente gritava: ‘Eu sou menino! Sou um menino!’”, enquanto cerrava os punhos e socava os seus genitais, lembra o pai. Criar Alex “era uma batalha, como estar em uma zona de guerra”. Felizmente, a família encontrou uma clínica que incentivou Alex a ser menos rígida no seu conceito de gênero — a considerar que “há muitas maneiras de ser menina”. Você pode ser uma menina que brinca de bonecas, ou pode ser uma menina que joga futebol. As duas são

igualmente aceitáveis.

Aos 8 anos, Alex entrou para o time de beisebol, onde, pela primeira vez, ela encontrou outras meninas como ela. “Eu vi essas outras meninas que eram talvez mais molecas. Elas gostavam de esportes, e eu nunca havia encontrado isso de verdade antes”, lembra Alex. Embora levasse mais quatro anos até a virada completa, esse foi o momento “quando comecei a me aceitar por quem eu era [...] uma menina que também tinha interesses de menino”.[80]

Infelizmente, ativistas trans negam a existência dos desistentes, dizendo que é mito. Em 2015, eles conseguiram até fechar a clínica onde Alex recebeu aconselhamento. Os terapeutas de afirmação transgênero insistem que até mesmo explorar “por que” uma pessoa tem disforia de gênero, em vez de aceitar imediatamente o eu autêntico da pessoa, é ofensivo, intolerante e transfóbico.[81]

Por que se considera aceitável mutilar o corpo de uma pessoa para combinar com o seu sentimento interno, mas intolerante ajudá-la a mudar o seu sentimento interno para combinar com o seu corpo? Os sentimentos podem mudar, já o corpo é um fato observável que não muda. Faz sentido tratá-lo como um marcador confiável de identidade sexual.

COLOCANDO AS PESSOAS EM CASULOS SEXUAIS

Estudos descobriram que a correlação mais forte tanto da orientação homossexual quanto do transgenerismo — muito mais do que qualquer ligação genética — é a não conformidade de gênero infantil, crianças que se comportam com o estereótipo do outro sexo.[82] Um amigo que lutou por anos com a atração homossexual disse-me: “Quando eu era jovem, gostava de música e poesia. O meu pai ficava estarrecido e continuava tentando ‘me endireitar’ me empurrando para os esportes e outras atividades mais tradicionais de menino”.

Na mesma linha, Christopher Yuan explora as possíveis raízes dos seus sentimentos homoeróticos: “Durante todo o período do colégio e até a faculdade, nunca fui completamente aceito. Eu era sensível, nerd e horrível nos esportes, e amava música e artes”.[83]

Essas crianças não conformes crescem sentindo-se desalinhadas com os padrões predominantes de masculinidade ou feminilidade.[84] Elas precisam de apoio e empatia enquanto trabalham o seu doloroso sentimento de alienação. As igrejas deveriam incentivá-las a valorizar o seu temperamento singular e a resistir à pressão de interpretá-lo como evidência de que devem ser transgêneros ou homossexuais.

Depois que me converti ao Cristianismo, frequentei uma Escola Bíblica onde uma colega era líder dos escoteiros. As suas amizades mais profundas eram com outras líderes escoteiras como ela — mulheres aventureiras, atléticas, independentes e, definitivamente, não cheias de babados ou femininas. Minha amiga sentia-se alienada pelo ideal da igreja do que era uma mulher cristã. Ela e três outras líderes escoteiras, todas cristãs, acabaram abraçando o lesbianismo.

Será que essas líderes escoteiras não estavam possivelmente confundindo temperamento com sexualidade? Uma aluna minha chamada Liam, que lutou contra sentimentos transgênero, disse: “A sociedade norte-americana está correndo o perigo de sexualizar o que são apenas atributos de caráter — colocando as pessoas em casulos sexuais baseados em atributos e comportamentos não sexuais”.

No Corpo de Cristo, deveríamos celebrar uma grande diversidade de personalidades dadas por Deus, mesmo que elas não se encaixem nos estereótipos correntes. O olho não é a orelha, e a mão não é o pé (veja 1 Co 12.12-27). Essa diversidade é uma coisa boa. Cada membro do corpo tem os seus próprios dons exclusivos e faz a sua própria contribuição distinta.

…

ACOLHENDO O ESTRANGEIRO

O Corpo de Cristo também deve tornar-se um lugar onde as casualidades da revolução sexual possam encontrar esperança e restauração. A pressão política sobre a comunidade médica hoje é para apressar a transição nas crianças com

disforia de gênero. Cari é uma mulher de 22 anos que, quando adolescente, fez a transição para homem por meio de hormônios e da mastectomia dupla. Poucos anos depois, ela desfez a transição. Cari lembra que, tão logo começou a questionar o seu gênero, foi levada a começar com os hormônios e fazer a cirurgia. “Se eu era trans (e o meu terapeuta nunca me deu a impressão de que eu pudesse não ser), as minhas opções eram ‘fazer a transição agora, fazer a transição mais tarde, ou viver uma vida infeliz/cometer suicídio’.”[85]

O filme da BBC Transgender Kids [Crianças Transgênero] apresenta uma jovem identificada como Lou que também fez a mastectomia dupla e, mais tarde, arrependeu-se. Na clínica de gênero, diz ela: “a hipótese desde o início era que, se eu me declarava ser transgênero, então era isso que eu devia mesmo ser. Ninguém, em nenhum momento, questionou os meus motivos. [...] A comunidade [me] disse várias vezes que, se você não faz a transição, prejudica-se e acaba se matando. Acabei me convencendo de que minhas opções eram a transição ou a morte.”[86]

Sob a pressão da ideologia trans, cada vez menos terapeutas estão parando para conversar com esses adolescentes vulneráveis para descobrir o que realmente está acontecendo. Será que isso é amar?

Walt Heyer é um ex-transexual que começou como travesti e depois passou pela cirurgia de redesignação sexual para viver como mulher. Depois de oito anos, ele tornou-se cristão e acabou fazendo a transição reversa para viver como homem. Ele descobriu que mudar as suas roupas, corte de cabelo, carteira de identidade, carteira de motorista e até mesmo os seus genitais não mudou quem ele era. Em suas palavras, ele percebeu que “a restauração da minha sanidade só viria revertendo a mudança de gênero e voltando a viver como o homem que Deus me criou para ser”.[87] Em suma, aceitando a sua identidade biológica como dom de Deus.

“Eu nasci homem, e ainda era um homem; o meu gênero nunca mudou”, conclui Heyer, apesar de várias cirurgias plásticas, hormônios, maquiagem, cabelo comprido, esmalte nas unhas, meia-calça e salto alto. “O fato biológico é que ninguém pode mudar de um gênero para o outro exceto na aparência.” A nossa única escolha é se aceitamos o nosso sexo biológico como dom de Deus ou se o rejeitamos. (O próprio fato de que moldar uma identidade transexual exige modificações corporais tão invasivas — tratamento hormonal, cirurgia de feminilização facial, eletrólise para remover os pelos corporais, treinamento

vocal e postural, transplante de cabelo, cirurgia em cima, cirurgia embaixo — tende a enfraquecer a alegação de que isso é natural e determinado pela biologia.)

Quando Heyer ainda se apresentava como mulher, começou a frequentar uma igreja. Tragicamente, a primeira igreja que ele visitou pediu-lhe que saísse. O pastor sênior chegou a ir até a sua casa, bateu na porta e disse: “Não queremos o seu tipo na nossa igreja”.[88] Pela graça de Deus, Walt encontrou outra congregação que o aceitou e apoiou durante vários anos dolorosos e tumultuados de cura emocional e espiritual enquanto ele passava pelo processo difícil de reverter a transição.

Será que a sua igreja está pronta para demonstrar amor e aceitação àqueles cujas vidas foram profundamente danificadas pelas teorias sexuais pós-modernas?

Muitas pessoas que experimentaram disforia de gênero ou atração pelo mesmo sexo tiveram experiências negativas na igreja. Eles foram transformados em pessoas que representavam um perigo para as outras pessoas da congregação e que deveriam resolver as suas questões sexuais antes de aparecerem na igreja. Os evangélicos pregam que só Cristo salva, mas depois contradizem as suas próprias palavras ao esperar que as pessoas consertem o seu comportamento antes de acolhê-las nos bancos da igreja. Para que as pessoas acreditem nos cristãos quando eles falam da necessidade de arrependimento, eles devem demonstrar arrependimento pelas suas próprias falhas que afastam as pessoas da igreja.

Depois, precisam comprometer-se a dar apoio — mesmo que seja a longo prazo, e mesmo para pessoas que talvez nunca mudem completamente deste lado do céu. Um grande amigo meu, Stephen, foi um molestador de crianças. Ele arrependeu-se e está na terapia e em programas de 12 passos há décadas. Agora ele mentoreia outros agressores sexuais. Tenho profundo respeito pela sua maturidade espiritual. Ele trabalhou vários níveis de cura espiritual e psicológica que muitos cristãos nem imaginam que existam. Por anos, Stephen esperou ser curado por Deus a ponto de ele conseguir casar e ter uma família. Entretanto, não foi isso que aconteceu, e ele percebeu que pode não ser completamente curado nesta vida — que a sua vocação pode ser ajudar os outros, sem nunca experimentar, ele mesmo, as alegrias de uma vida familiar normal. Será que a igreja está pronta para colocar-se ao lado de pessoas como Stephen, sabendo do seu passado, mas também do seu comprometimento firme com o Senhor?

(Aplicando ressalvas realistas, é claro. O próprio Stephen recusa qualquer posição de trabalho com crianças ou jovens.)

Um sábio ditado diz que a igreja não é um museu para santos, mas um hospital para pecadores. Para atrair "pacientes" em potencial, entretanto, precisa ficar claro que a igreja é um lugar de cuidado e cura.[89]

As igrejas também devem reconhecer que as pessoas com problemas de gênero não são apenas pessoas carentes com problemas. Muitos passaram por intensa cura emocional e psicológica e têm muito a oferecer no ministério aos outros. Como vimos no capítulo 3, o sofrimento pode ser uma oportunidade para o que os terapeutas chamam de crescimento pós-traumático. Tim Otto, que é celibatário, escreve: "Ser gay me forçou a questionar o mundo de forma mais profunda do que faria de outra maneira e me levou a ouvir a Jesus com cuidado, porque eu sabia que precisava de ajuda".[90] Um estudo de cristãos que se identificam como transgênero conclui: "Assim como na maioria das experiências de vida confusas e dolorosas, questões e preocupações de identidade de gênero levantam perguntas maiores de significado e propósito na vida que podem levar uma pessoa rumo ao sagrado".[91]

Até aqui, analisamos o sexo e o gênero, fundamentalmente, pela forma como estes se relacionam com o indivíduo e o comportamento pessoal. Todavia, as teorias seculares também afetam os nossos relacionamentos — especialmente agora que estão sendo aprovadas leis SOGI que afetam o casamento, a paternidade e a família. Isso nos leva para a teoria social, e, no próximo capítulo, descobriremos que o dualismo de dois andares é destrutivo não apenas para os indivíduos, mas também para os relacionamentos. Esse é um grande motivo pelo qual os nossos relacionamentos ficaram tão frágeis, deixando muitas pessoas, nos dias de hoje, solitárias e isoladas.



Capítulo 7

A DEUSA DA ESCOLHA ESTÁ MORTA

Do contrato social ao colapso social

Quando o seminarista Philip Holck casou-se, sua cerimônia de casamento incluiu dois votos: o primeiro com a sua esposa; o segundo com o filho dela, de 5 anos. Ajoelhado na altura do menino, ele disse: “Eu, Philip, aceito você, Matthew, como meu filho, para me unir a você, para compartilhar a minha vida com você, para brincar com você, para ensiná-lo e amá-lo até que a morte nos separe”. [1]

Trata-se de uma história tocante, mas o teólogo Ted Peters distorceu-a para apoiar uma visão nova e perigosa de família. Ele argumenta que todos os pais deveriam fazer um contrato legal explícito e articulado com cada filho — de preferência, em uma cerimônia pública, semelhante a um casamento.

O fundamento da família, diz ele, deve mudar da biologia para o contrato.

Até recentemente, o padrão na lei e no imaginário coletivo era a família biológica. É claro, há casais que, generosamente, acolhem e adotam crianças sem qualquer ligação biológica com eles. Mas o motivo pelo qual a adoção funciona é que os pais consideram a família natural como norma. Eles lutam para tratar os seus filhos adotivos como se fossem filhos biológicos. A adoção não nega o valor dos laços biológicos, mas pressupõe-nos.

Peters quer mudar isso. Ele quer exigir que até mesmo os pais biológicos façam um contrato legal com cada filho. Os laços biológicos não seriam mais a norma. Os pais tratariam os seus filhos biológicos como se fossem adotados. A base da família seria transformada: passando da biologia para a escolha.[2] Peters dá aulas em um seminário teológico luterano, mas, ainda assim, de forma surpreendente, diz que devemos descartar a moralidade cristã como algo “fora de moda” e “pré-científico”. Na verdade, ele diz que devemos rejeitar “qualquer formalismo pré-moderno baseado em ditos divinos, ou autoridade tradicional, ou lei natural, que tente dar um fim à escolha”.

Até mesmo os “ditos divinos” — as Leis de Deus? Sim. Peters escreve: “Gostemos ou não, o fim da linha para uma sociedade liberal em desintegração é a escolha individual. Não há como escapar disso”. Ele acrescenta com

severidade que não é bom “choramingar sobre escolhas individuais e condenar a busca da autorrealização. Essas são apenas as determinações culturais da nossa época”.[3]

Como vimos em capítulos anteriores, a elevação da escolha em detrimento da biologia, de fato, tornou-se “a determinação cultural” em relação à vida e à sexualidade — tanto para secularistas como para cristãos que se orientam pelo pensamento secular. Nesses capítulos, a ênfase foi em como o dualismo de dois andares — corpo/pessoa — afeta o indivíduo. Agora passaremos a ver como o mesmo dualismo danifica relacionamentos, especialmente como ele menospreza os laços biológicos dentro da família. Peters une-se a vários outros pensadores importantes ao defender que a base da família deveria ser alterada da biologia para o contrato. De onde veio essa ideia? Será que é mesmo uma boa ideia elevar o papel da escolha como característica definidora dos relacionamentos familiares?

Levantar a questão dos relacionamentos leva-nos para a teoria social. Neste capítulo, revelamos a filosofia social e política que molda o pensamento de muitos, mesmo que não tenham consciência disso — tanto no Ocidente quanto em qualquer lugar onde as ideias ocidentais estejam disseminadas em todo o mundo. Trata-se de uma teoria que minimiza comunidades naturais, como a família, em favor de comunidades construídas por meio de escolha ou contrato. Como resultado, representa ainda outra expressão da desvalorização da sociedade ocidental pelo corpo e pelos laços biológicos — com consequências desastrosas.

UM SONHO TOTALITARISTA

Parece muito óbvio que, se o fundamento da família for transferido para a escolha, as crianças ficariam à deriva, sem qualquer direito moral de seus próprios pais. A implicação é que os pais não são responsáveis por seus próprios filhos, a não ser que escolham ser. Será que alguém acredita realmente que os pais seriam mais comprometidos com os seus filhos se pensassem não ter nenhuma obrigação natural em relação a eles?

A ideologia da escolha também tem implicações políticas terríveis. Porque, se as

crianças devem ser escolhidas, se não pertencem aos seus pais biológicos como presentes de Deus, a quem elas pertencem de fato? Resposta: ao Estado. Se você ler com cuidado estudiosos como Peters, encontrará de maneira consistente o estatismo à espreita como uma hipótese oculta. Em uma passagem, Peters escreve: “A sociedade coloca os seus filhos ao cuidado de pais de criação como um bem”.[4]

Vamos parar por aí: É a sociedade que nos dá filhos? É a sociedade que nos dá os seus filhos? Essa visão reduz pais e filhos a partes isoladas, dependentes do Estado.

O estatismo tem sido um tema recorrente no tratamento da família desde o surgimento da cultura ocidental. Em um grau assustador, o pensamento político e social ocidental tem sido hostil ao papel da família nas visões propostas de sociedade ideal. Intelectuais seculares, de Platão a Rousseau, de B. F. Skinner a Hillary Clinton, sempre foram apaixonados pela ideia de colocar as crianças sob cuidado direto do Estado. Os regimes totalitaristas do século XX — erigidos por Hitler, Mussolini, Stalin e Mao — buscaram todos o controle rígido da educação pelo Estado, desde os primeiros anos, para infundir a aceitação da ideologia do regime sem questionamento.

A história mostra claramente que, quando os laços biológicos são menosprezados em favor da escolha, os indivíduos acabam perdendo o seu direito de escolha para o Estado. Exigir libertação dos relacionamentos naturais significa perder a liberdade para o Estado.

A ABOLIÇÃO DO CASAMENTO

Apesar do testemunho da história, pensadores importantes hoje continuam a pedir a destruição dos laços familiares em favor dos contratos. Martha Albertson Fineman, uma teórica do Direito feminista de renome internacional, exige em seu livro The Autonomy Myth [O Mito da Autonomia], “a abolição do casamento como categoria legal”, substituindo-o por contratos. Fineman quer substituir as palavras marido e esposa pelo termo livre de gênero “afiliado sexual” e substituir famílias por “relacionamentos entre dependentes e cuidadores” subsidiados pelo Estado.[5]

Na mesma linha, o influente sociólogo britânico Anthony Giddens declarou que o casamento e a família deveriam exigir contratos separados, com cada pai assinando um contrato individual e separado com cada filho.[6]

O que exatamente é um contrato? É uma troca limitada de bens e serviços. A sua característica distintiva é que, em um contrato, nós definimos o relacionamento, nós escolhemos os termos, nós escolhemos as condições sob as quais ficar ou sair, e assim por diante. Os termos e condições não são apresentados por Deus, ou pela lei moral, ou pela natureza humana. Se o acordo não gera mais os benefícios desejados, pode ser terminado. Um contrato é um negócio que acertamos com outros, que pode ser assinado ou quebrado à vontade.[7]

Essa ideia ressoa hoje porque, na vida prática, muitos de nossos relacionamentos são contratos: as nossas hipotecas, financiamentos e planos de telefonia. Em um contrato, dizemos: eu lhe darei algo (dinheiro) e, em troca, você me dará um serviço ou produto. Se tiver algum defeito, posso devolver. É psicologicamente fácil para as pessoas estenderem o modelo de contrato para todos os relacionamentos. A metáfora econômica tende a canibalizar todos os outros relacionamentos.

Por outro lado, a Bíblia apresenta os nossos relacionamentos mais profundos — com Deus e com a nossa família — como alianças. Em uma aliança, não concordamos em realizar um serviço, mas, ao contrário, adquirimos um status: como filhos de Deus, como marido ou esposa, como mãe ou pai. Não concordamos em fornecer um produto: entregamos o nosso próprio eu para o melhor ou o pior. Uma aliança não tem duração limitada: é para sempre. E não estabelecemos os nossos próprios termos: eles já estão definidos. Aceitamos um conjunto de obrigações e responsabilidades que já existem, definidas por Deus, expressas na lei moral e baseadas na natureza humana, segundo Deus a criou.

Esse comprometimento integral é o que perdemos quando redefinimos todos os relacionamentos como contratos. Nossos relacionamentos tornam-se fracos, frágeis, interessados só em si mesmos e são rompidos com facilidade.

…

COMEÇANDO PELO ÁTOMO

Por que, então, tantos pensadores importantes hoje nos encorajam a redefinir todos os relacionamentos como contratos? De onde veio a ideia de que a sociedade deveria tratar os indivíduos como agentes independentes, estabelecendo contratos baseados na escolha? Essa ideia tem uma história, e responderemos com mais efetividade se compreendermos essa história.

Desde tempos remotos, os relacionamentos humanos mais básicos eram considerados intrínsecos à natureza humana. É natural que pessoas de sexos opostos sejam atraídas uma para a outra e criem filhos juntas. Apesar da riqueza das várias normas e rituais que cercam o casamento, a família nuclear formou o centro da sociedade. No pensamento social cristão clássico, era Deus quem estabelecia o casamento, a família, a igreja e o Estado e que definia a sua natureza essencial — as suas tarefas, responsabilidades e normas morais.

Depois, no início da Europa moderna, surgiu uma ideia inovadora de que os relacionamentos humanos não eram nem naturais nem intrínsecos à natureza humana — que os seres humanos inventaram-nos e que, portanto, também poderiam mudá-los. E de onde veio essa ideia estranha?

Depois da revolução científica, as pessoas ficaram tão impressionadas com o seu sucesso surpreendente que muitos começaram a aplicar o que achavam ser uma cosmovisão científica a todos os outros campos do conhecimento — inclusive à teoria social. O auge da revolução científica foi a física de Newton, que retratava o mundo material como átomos chocando-se no vazio sob as forças da atração e da repulsão. A mesma metáfora logo foi aplicada também ao mundo social. Os filósofos sociais construíram o que eles chamavam de “Física Social”, modelada a partir da física de Newton. A sociedade civil foi retratada como se muitos “átomos” humanos se unissem e “se ligassem” em vários relacionamentos sociais.[8]

Essa imagem fez surgir ao que se chama de teoria do contrato social, inicialmente proposta por Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau. Ela está no centro do liberalismo clássico e deu surgimento ao que os norte-americanos chamam de liberalismo e de conservadorismo. Portanto, teve impacto por todo o espectro político.[9] Hoje, a maioria dos norte-americanos

absorve a teoria do contrato social com o próprio ar que respiram. Um professor da Universidade de Princeton diz que este é o pressuposto inconsciente que os alunos trazem para a sala de aula: “Mesmo sem nunca ter lido uma palavra de Locke, eles conseguem reproduzir a sua noção do contrato social sem uma dúvida no mundo”.[10]

Como a sua teoria deu surgimento ao modelo contratual da sociedade civil, é crucial dominarmos o que ela diz — e como está enfraquecendo o casamento e a família hoje.[11]

O HOMEM-COGUMELO

O objetivo dos teóricos do contrato social — Hobbes, Locke e Rousseau — era recomeçar do zero e repensar a sociedade civil desde o início. Eles levantaram a hipótese de como seria a natureza humana se nos livrássemos dos séculos acumulados de moral, leis, costumes, tradições, instituições sociais e religiões (especialmente as religiões). Se descascássemos todas as camadas da civilização com um bisturi até alcançar a própria natureza humana, nua e crua, o que restaria?

Os teóricos do contrato social imaginavam uma época, na névoa do passado, antes de toda a civilização, quando os seres humanos supostamente existiam em uma condição original, primordial, pré-social. A isso chamaram de “estado da natureza”. Até esse momento, não existia casamento, família, igreja, Estado ou sociedade civil. Tudo o que existia eram indivíduos autônomos, desconectados, impulsionados puramente pela autopreservação. Esses eram os “átomos” que preexistem a todas as instituições sociais.

No início, havia o indivíduo atomístico. Hobbes chega a pedir: “Olhe para os homens como se eles tivessem acabado de emergir da terra, como cogumelos, e crescessem sem qualquer obrigação mútua.”[12]

E se os seres humanos surgiram originalmente como cogumelos, sem obrigações naturais, de onde vêm os relacionamentos sociais? Resposta: eles foram criados por escolha. Como os átomos de Newton, os indivíduos unem-se e ligam-se em vários arranjos quando descobrem que fazer isso é bom para o seu próprio

interesse.

Quais são as implicações dessa metáfora baseada na física? Em primeiro lugar, significa que os relacionamentos não são parte da natureza humana, segundo esta existia originalmente. Em vez disso, eles são secundários, derivativos, criados por escolha. E, se são criados por escolha, a implicação é que também podem ser recriados por escolha. Podemos redefini-los da maneira que quisermos.

Em segundo lugar, não se imagina mais que os deveres sociais surgem de princípios morais, como justiça ou o bem comum. Em vez disso, eles são baseados no utilitarismo — quando as pessoas decidem que é de seu interesse ceder em contrato alguns de seus direitos. A sociedade é apenas um agregado de indivíduos afirmando os seus desejos. A única fonte de obrigações morais é a vontade individual.

Dessa maneira, a teoria do contrato social reduz todos os relacionamentos a... bem... contratos. Ela transformou-se em um ácido que dissolve todos os laços orgânicos ou naturais que transcendem a pura escolha. O seu princípio básico é que nenhum indivíduo pode ter uma obrigação à qual não consentiu. Essa visão sempre é apresentada em termos de libertar o indivíduo de ser oprimido pela convenção, tradição, classe e pela mão morta do passado. É por isso que a obra mais influente de Rousseau, O Contrato Social, inicia com a famosa frase: “O homem nasce livre, mas em toda parte encontra-se acorrentado”. O contrato era visto como a única base apropriada para uma sociedade livre, porque é baseado na escolha e, assim, preserva a autonomia original desfrutada no estado hipotético da natureza.

UM JARDIM DO ÉDEN SECULAR

Quando os teóricos do contrato social propuseram o conceito de um estado da natureza, tratava-se claramente de uma alternativa para o relato da origem em Gênesis. O filósofo político John Hallowell chama isso de uma versão secularizada do “mito cristão do jardim do Éden”.[13] No nascimento da modernidade, esses pensadores sentiram que, para propor uma nova filosofia política, eles precisariam fundamentá-la em um novo relato de criação. Em vez de reconhecer as estruturas sociais, conforme estas foram ordenadas e definidas

por Deus, o novo mito tratava-as como invenções da vontade humana.

O filósofo político George Grant diz que os teóricos do contrato social estavam "substituindo a criação da natureza, pelo estado da natureza como verdade primária". Estavam "desistindo da doutrina da criação".[14]

À primeira vista, o modelo de contrato era aplicado primeiramente ao domínio público da política e da economia. Como explica o filósofo político Michael Zuckert, a afirmação de "que todo governo repousa no consentimento é outra maneira de dizer que todo governo é artefato humano".[15] A implicação é que o Estado não é ordenado por Deus ou enraizado na natureza humana. É criado pelo consentimento de indivíduos autônomos e isolados que calculam o seu interesse próprio.

Hoje, o modelo do contrato está se infiltrando no domínio privado. Afinal de contas, se "nós, as pessoas", podemos criar o nosso próprio governo por meio do contrato, então por que "nós, as pessoas" não podemos criar a nossa própria definição de casamento, família e todas as outras instituições sociais também?[16] O filósofo político Michael Sandel, da Universidade de Harvard, declarou que o conceito corrente de indivíduo hoje é o "eu desimpedido", que para ele significa "desimpedido dos laços morais ou cívicos que não escolheu".[17]

A mesma filosofia está sendo incorporada à lei. Em Rights Talk [Conversa sobre Direitos], Mary Ann Glendon, professora de Direito e católica, diz que a lei norte-americana está, agora, modelada pela representação do "ser humano 'natural' como criatura solitária" da teoria do contrato social. Está "baseada na imagem do portador de direitos como um indivíduo desimpedido e autodeterminante, um ser conectado aos outros apenas por escolha".[18]

Ainda assim, como veremos no decorrer deste capítulo, a visão contratual de casamento e família tem consequências desastrosas. Em particular, afirma Sandel, ela levou ao abandono, em larga escala, de crianças. Números assombrosos de pais abandonam a sua família; milhões de mães abortam os filhos. A ampla maioria de casos de abuso infantil é perpetrada por um homem sem relação genética — o padrasto ou o namorado da mãe.[19] E, enquanto os laços familiares vão ficando cada vez mais frágeis, o Estado toma cada vez mais as funções da família, ficando ainda mais poderoso e opressor.

O pensamento contratual tornou-se um ácido que corrói as comunidades naturais

e orgânicas.

NÃO SOMOS ROBINSON CRUSOÉ

O que torna a teoria do contrato social tão corrosiva? O problema central é que ela favorece atos de consentimento acima de laços naturais ou orgânicos. É, portanto, ainda outra expressão da visão negativa da sociedade ocidental sobre a nossa existência corpórea — a sua desvalorização gnóstica do corpo. Como diz Oliver O'Donovan, o liberalismo "seguiu o caminho de desvalorização das comunidades naturais em favor daquelas criadas por atos de vontade".[20]

As instituições sociais do casamento e da família têm raízes na natureza — no fato natural de que os seres humanos são criaturas corpóreas que se reproduzem sexualmente; que as mães devotam grande parte de sua vida madura à gravidez, lactação e criação de filhos; que, durante esse período, precisam do apoio econômico do pai; que as crianças são impotentes e socialmente necessitadas, levando um longo período para amadurecer, o que significa que precisam de um comprometimento de amor e apoio longo e estável de ambos os pais. Finalmente, as famílias são conectadas a redes biológicas de avós, tios e tias, porque a família nuclear precisa do apoio de uma comunidade maior. Esses são fatos básicos da natureza. Como escreve Hallowell: "Indivíduos não criam a sociedade, mas nascem nela. [...] E esse fato, sozinho, impõe obrigações". Essas obrigações não exigem o nosso consentimento formal. Elas não são "uma questão de escolha, mas uma questão de fato".[21] Como esses são fatos da natureza, a atitude das pessoas em relação à família (não alguma família em particular, mas à própria instituição familiar) reflete a sua atitude em relação à natureza. Todavia, será que elas consideram a natureza como inerentemente boa, fonte de compromissos e obrigações que são benéficos e enriquecedores? Ou tratam a natureza como um conjunto de limites negativos sobre a sua independência e autonomia — limites dos quais elas esperam ser libertas?

A teoria do contrato social é baseada no indivíduo autônomo, separado de qualquer relacionamento natural. A criatura atomística correndo por entre as árvores parece ser um adulto completamente desenvolvido e independente — por exemplo, um homem de 21 anos. Acontece que essa imagem de Robinson

Crusoé não é verdadeira para todos. Ao contrário de Hobbes, não aparecemos do dia para a noite como cogumelos depois da chuva. Cada um de nós começa a vida como um bebê dependente e indefeso, nascido em uma família, clã, igreja, cidade e nação pré-existentes. Crescemos até a idade adulta apenas porque outras pessoas, especialmente os nossos pais, comprometem-se conosco de maneira sacrificial — para amar-nos, ensinar-nos e cuidar de nós.

Ao contrário do que disse Rousseau, não "nascemos livres". Os seres humanos são, intrinsecamente, seres sociais que se desenvolvem na interdependência e no cuidado. Como observou o filósofo Bertrand de Jouvenal, as teorias de contrato social "são visões de homens sem filhos que devem ter-se esquecido de sua infância".[22] Uma teoria política realista deve começar não com adultos racionais calculando os seus interesses, mas com o bebê indefeso que precisa de uma rede de amor e cuidado para tornar-se um adulto racional.[23]

O Cristianismo ensina que a natureza veio das mãos de Deus, e, portanto, os laços naturais são bons. O mandamento que diz "honra a teu pai e a tua mãe" (Êx 20.12) aponta para a verdade de que as sociedades são baseadas no fundamento do casal homem/mulher e os seus filhos. É claro, os seres humanos são mais do que seres biológicos. Somos também seres emocionais, intelectuais e espirituais. E quando a família está funcionando como deveria, ela fornece um ideal que vai além dos limites do sangue e da família. Jesus disse: "Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, este é meu irmão, e irmã, e mãe" (Mt 12.50). A metáfora utilizada por Jesus — que os cristãos são irmãos e irmãs — considera uma visão radicalmente positiva de família. A nossa experiência de amor familiar deve "educar-nos" no amor sacrificial que nos liga um ao outro na família de Deus. São os laços da biologia que nos treinam para estender amor além da biologia.

É por isso que deveríamos estar preocupados com os ácidos da autonomia que estão dissolvendo os laços baseados na biologia. Estamos perdendo a "escola" que nos ensina como funcionar com amor e responsabilidade além da família. Considere algumas questões importantes, começando pelo aborto.

…

O FETO COMO INTRUSO ALIENÍGENA

Muitos especialistas em ética têm desenvolvido argumentos a favor do aborto, alegando que não temos obrigações em relação ao outro a não ser que consintamos com isso. O corpo da mãe não é tratado como tendo uma orientação natural na direção do filho. Em vez disso, a maternidade é redefinida no modelo de um contrato social — como se o bebê no útero fosse um invasor da propriedade privada da mãe e precisasse de uma concordância formal para continuar vivendo. Uma feminista escreveu: "Eu possuo o meu corpo e decido o que permito que cresça nele".[24]

Alguns argumentos chegam a apresentar a criança nascitura como se fosse um agressor que deve ser parado para não ferir a mãe. Um artigo no blog de esquerda Daily Kos afirma de maneira direta: "Um feto é um maldito parasita e invade o corpo da mãe da mesma forma que um parasita também o faz". Em um âmbito mais acadêmico, a cientista política Eileen McDonagh escreve que o feto "deixa a mulher grávida sem o seu consentimento, viola gravemente sua integridade e liberdade corporal. [...] A imposição do feto constitui prejuízo suficiente para justificar o uso de força mortal para pará-lo".[25] O aborto é tratado como um ato de autodefesa contra um intruso.

Não é verdade, entretanto, que adquirimos responsabilidades em relação ao outro apenas com o nosso consentimento. Também adquirimos responsabilidades em relação àqueles conectados a nós pela biologia — não apenas os nossos filhos, mas os nossos pais, irmãos, irmãs e avós. Como resumem os filósofos Patrick Lee e Robert George: "Ignorar ou minimizar essas conexões corporais que ferem responsabilidades específicas — alegando que todos os deveres surgem de atos de consentimento — é outra manifestação de uma desconsideração geral pelo significado da natureza corpórea do ser humano".[26] Ou seja, esta é só mais uma manifestação do dualismo de dois andares corpo/pessoa. Uma visão inferior do corpo leva ao aviltamento dos laços biológicos.

Os relacionamentos biológicos transcendem a simples escolha racional. Considere os laços mãe-bebê. Durante a gravidez, o corpo da mãe produz ocitocina, o hormônio do apego, que a prepara para formar uma ligação próxima com o recém-nascido.[27] "Nunca fui alguém que gosta de bebês. Eu podia pegá-los ou largá-los", contou-me a minha amiga Patricia Samuelsen. "Mas, quando o

meu primeiro filho foi colocado em meus braços, houve uma explosão de emoção diferente de qualquer coisa que experimentei antes.”

Tive a mesma experiência quando dei à luz o meu primeiro filho. Muitas mães de primeira viagem relatam estar completamente despreparadas para a intensidade do laço emocional que toma conta delas.

O laço pai-bebê pode ser igualmente intenso. Estudos descobriram que segurar o seu bebê estimula a liberação de ocitocina nos pais.[28] Um pai de primeira viagem escreveu que, quando segurou o seu bebê recém-nascido nos braços pela primeira vez, “foi como se a própria química cerebral mudasse drasticamente, como se eu percebesse que a criatura gloriosa que eu tinha em meus braços seria agora a coisa mais importante da minha vida, uma responsabilidade sagrada”.[29]

O seu artigo chamava-se “A paternidade matou o cético em mim”.

Um dos meus alunos, Will Roberts, descreve uma experiência similar. Enquanto estava na faculdade, ele engravidou sua namorada, de 17 anos. Como a universidade ficava a uma hora de carro da sua casa, em suas palavras: “Eu realmente não me envolvi na gravidez dela. Estava na faculdade, saindo e me divertindo, gastando todo o meu tempo e energia nas minhas aulas”. Mas, quando ele acompanhou a namorada ao hospital para o nascimento do filho deles, ficou surpreendido pela intensidade de suas emoções: “No momento em que o meu filho nasceu, toda a minha disposição e amor mudaram, e quando o segurei pela primeira vez, era o fim. Eu estava perdidamente apaixonado pelo nosso filho! Era um milagre de Deus, e eu não conseguia explicar meu amor incondicional por ele”. A experiência intensa uniu o casal, e eles decidiram casar-se.

A profundidade da conexão não é produto de mera escolha racional. É algo muito mais profundo que está enraizado na nossa natureza.

Nossos laços naturais fazem-nos exigências morais e inspiram-nos a crescer e amadurecer. No clássico filme Sete Homens e um Destino, um pistoleiro vivido por Charles Bronson diz a um grupo de garotos do vilarejo: “Vocês acham que sou valente porque carrego uma arma. Bom, os pais de vocês são muito mais valentes porque carregam responsabilidade: por vocês, os seus irmãos, as suas irmãs e as suas mães. [...] Eles fazem isso porque amam vocês e querem fazer. Eu nunca tive esse tipo de coragem”.[30]

Quando aceitamos as responsabilidades morais que surgem a partir dos nossos laços naturais, o nosso caráter aprofunda-se. Tornamo-nos valentes. Adquirimos coragem.

LINHAS DE DESCENDÊNCIA

É verdade que os laços biológicos representam uma limitação em nossa liberdade. Não escolhemos os nossos pais; não escolhemos os nossos irmãos; não escolhemos nascer em um tempo, lugar, grupo familiar, grupo étnico, ou nacionalidade particular; não escolhemos os nossos filhos. Ainda assim, esses laços não escolhidos formam um aspecto significativo da nossa identidade. Não podemos negá-los sem perder uma parte de quem somos. Como disse Meilander, não somos apenas "espíritos livres, mas criaturas corpóreas. As linhas familiares e de descendência localizam-nos e identificam-nos".[31]

Além disso, somos chamados a demonstrar gratidão por esses laços biológicos: a honrar os pais que não escolhemos e a amar os filhos que não escolhemos, recebendo-os como presentes das mãos de Deus. Aprendemos a amar amando primeiro aqueles que nos são dados nessas linhas familiares. A questão é: será que aceitamos, ou rejeitamos essa "doação"?

Meu marido foi adotado de um orfanato na Alemanha, e, quando o nosso primeiro filho nasceu, era a primeira vez que ele tinha a oportunidade de ver alguém biologicamente relacionado a ele, compartilhando algumas de suas características físicas. Isso transformou a sua vida. Mas, para a maioria de nós, essa é uma experiência para a qual não damos importância. Raramente refletimos conscientemente sobre o quanto a nossa identidade é moldada pelo fato de sermos integrados biológica e geneticamente em uma família estendida. Meu marido é profundamente grato aos seus pais adotivos. Ainda assim, foi uma experiência emocional tocante quando ele sentiu pela primeira vez uma conexão biológica com outro membro da família.

Não somos simples "vontades" sem corpo. Somos criaturas biológicas que procriam "conforme a sua espécie". A família fornece uma metáfora rica para o Reino de Deus precisamente porque ela é a primeira experiência que temos de uma obrigação que transcende a simples escolha racional e que constitui a nossa

própria natureza.

SEXO SEM COMPROMISSO, RELACIONAMENTO SEM ALIANÇA

No casamento, também vemos o fruto mortal da visão contratual atomística da sociedade. De fato, o casamento começa com consentimento — mas é consentimento para entrar em uma aliança, não em um contrato. Em uma aliança, não concordamos apenas em desempenhar serviços específicos por um período de tempo limitado. Em vez disso, comprometemos o nosso próprio ser "na alegria e na tristeza, até que a morte nos separe". Prometemos cuidar sacrificialmente de qualquer filho que resulte da união conjugal.

Para usar linguagem moderna, o casamento é uma instituição social. O termo significa que, quando entramos no casamento, aceitamos um conjunto de direitos e obrigações que preexistem às nossas escolhas pessoais. Assim como sabemos que comportamento é aceitável na escola ou no trabalho, a instituição do casamento diz-nos que tipo de comportamento é aceitável em relação ao nosso cônjuge e filhos. Dessa maneira, quando nos casamos, submetemo-nos a expectativas externas que nos ajudam a alcançar os nossos ideais mais elevados. As instituições públicas emprestam força a nossos compromissos privados.

Por outro lado, uma visão contratual do casamento transforma cada pessoa em uma parte independente na transação, buscando o seu interesse próprio esclarecido — semelhante ao indivíduo autônomo no estado da natureza. De fato, a descrição de Rousseau dos contatos sexuais impessoais e temporários que supostamente aconteciam no estado da natureza soa muito como a cultura do sexo casual de hoje: "Machos e fêmeas uniam-se pelo acaso", escreve ele, "e separavam-se com a mesma facilidade".[32] Quando esses indivíduos desconectados casam-se, tratam o casamento como um contrato para suprir as suas próprias necessidades. (Desde o surgimento do divórcio sem culpa, o casamento é, na verdade, menos do que um contrato: em outros contratos, há ao menos penalidades legais para quebrar-se o acordo, enquanto que, no divórcio sem culpa, a parte prejudicada não tem recursos.)

O juiz Richard Posner, teórico legal mais citado de todos os tempos, esclarece de maneira marcante as implicações da visão contratual. A diferença entre

casamento e prostituição “não é fundamental”, escreve ele. No “casamento, os participantes podem compensar um ao outro por serviços desempenhados ao realizarem serviços recíprocos, dessa forma, não precisam preocupar-se em colocar preço em cada serviço, mantendo livros-caixa, e assim por diante”. A prostituição é apenas um caso dos mesmos serviços sendo trocados por dinheiro vivo.[33]

As pessoas podem não gostar dessa visão de casamento, mas muitos aceitaram a visão contratual que inevitavelmente leva a ela.

Alguns eruditos já estão começando a expressar uma hostilidade direta em relação ao casamento. Um artigo na revista New Republic diz: “O modelo atual de parceria monogâmica de coabitação para toda a vida nunca foi um ideal tão ultrapassado. [...] Prefiro manter o meu status de solteiro, servindo-me de algumas poucas amantes satisfatórias para preencher necessidades diferentes, em períodos diferentes da minha vida”.[34]

Como o casamento está sendo retratado em cores tão negativas, não é de surpreender que cada vez menos pessoas estejam se casando. Em 2016, dados de um recenseamento mostraram que a taxa de casamento tem decaído constantemente desde 1960.[35] Um estudo do National Marriage Project [Projeto Nacional de Casamento], da Universidade de Rutgers, descobriu que muitos jovens adultos hoje estão decidindo que dizer “sim” tornou-se arriscado demais — que não vale a pena o compromisso envolvido na perda da sua própria autonomia. “A cultura de acasalamento atual dos solteiros não está orientada para o casamento”, diz o estudo. “Em vez disso, descreve-se melhor como uma cultura de baixo comprometimento de ‘sexo sem compromisso, relacionamento sem aliança’.”[36]

VOCÊ APOIA A CIÊNCIA? APOIE A FAMÍLIA!

Mesmo assim, os dados da ciência social mostram, indubitavelmente, que uma cultura que exclui o casamento tem consequências trágicas. Filhos de pais não casados ou divorciados têm uma probabilidade muito maior de sofrer problemas emocionais, de comportamento e de saúde. Eles têm um risco maior de envolvimento com crime, pobreza, depressão, suicídio, dificuldades escolares,

gravidez fora do casamento e abuso de drogas e álcool. Um estudo descobriu que a ausência do pai durante a infância pode levar até a deficiências cerebrais: “Essa é a primeira vez que as descobertas das pesquisas mostraram que a privação paterna durante o desenvolvimento afeta a neurobiologia do filho”.[37]

Os liberais às vezes argumentam que as crianças, na verdade, não precisam de seus próprios pais; precisam apenas de outro adulto na casa para fornecer um segundo contracheque e um segundo par de mãos para o cuidado — nesse caso, as necessidades das crianças podem ser supridas pela coabitação ou por um novo casamento depois do divórcio. Mas, surpreendentemente, os estudos descobriram que nem a coabitação nem o recasamento oferecem os mesmos benefícios mensuráveis do casamento. Um estudo conclui: “A vantagem do casamento parece existir primariamente quando a criança é filha biológica de ambos os pais”. Até mesmo o instituto de pesquisa Child Trends, de inclinação esquerdista, teve que admitir: “Não é apenas a presença de dois pais [...], mas a presença de dois pais biológicos que parece fornecer a base para o desenvolvimento da criança”.[38]

Dois sociólogos da Universidade de Princeton concluem: “Se nos pedissem para projetarmos um sistema para certificar que as necessidades básicas das crianças estão sendo supridas, provavelmente inventaríamos algo bem similar ao ideal de dois pais”.[39] Quem respeita a ciência acima de todas as coisas também deveria ser pró-casamento.

É claro, há exceções animadoras. Pais adotivos enfrentam grandes desafios, muitas vezes superando o impacto do trauma e da negligência sofrida nos primeiros anos de uma criança. Pais solteiros piedosos também podem realizar maravilhas. (Pessoas como o renomado neurocirurgião Ben Carson, que foi criado por uma mãe solteira, são prova eloquente disso.) Todavia, a tendência estatística é inegável. O rabino Jonathan Sacks diz: “O colapso do casamento criou uma nova forma de pobreza, concentrada nas famílias com um único pai”. Essa tendência está criando uma divisão tão profunda na sociedade americana quanto a divisão racial histórica, diz Sacks, e “a injustiça de tudo isso eleva um clamor aos céus”. Vai entrar para a história como um exemplo trágico da arrogância de pensar: “sabemos mais do que as eras anteriores e podemos desafiar as lições da biologia e da história”.[40]

No passado, a maior causa da pobreza era econômica: desemprego e baixos salários. Hoje, a pobreza tem causas morais: famílias destruídas e filhos fora do

casamento. Os filhos de pais não casados ou divorciados têm maior probabilidade de demandar serviços sociais por meio do sistema educacional, do sistema de saúde, do sistema de saúde mental, da previdência social e da justiça criminal. Todas essas intervenções são invasivas e custam caro. Um estudo de 2008 descobriu que os filhos do divórcio e do não casamento custam 112 bilhões de dólares aos cofres públicos por ano.[41] A "babá Estado" não é barata.

O resultado final é que, na mesma medida que o casamento vai perdendo força, o Estado vai ficando cada vez mais invasivo e caro. E, à medida que o Estado passa a regular cada vez mais aspectos da vida familiar, os cidadãos vão perdendo, cada vez mais, as suas liberdades.

Como os custos da quebra do casamento são bancados por toda a sociedade, é razoável que toda a sociedade trabalhe junta para apoiar o casamento. Falando apenas racionalmente, o casamento é o meio menos restritivo e mais econômico para uma sociedade garantir que as crianças sejam bem cuidadas. Se você se importa com as crianças, e se você se importa com a liberdade, deveria trabalhar para criar uma cultura de casamentos fortes.

POR QUE O CASAMENTO É "SINGULARMENTE PERIGOSO"

As crianças não são as únicas que sofrem com a quebra do casamento. Os adultos também. Estatisticamente, quem se divorcia sofre de taxas mais altas de alcoolismo, doenças, depressão, doenças mentais e suicídio. Embora isso possa não ser verdade para todos os casos individuais, a tendência estatística é clara. Um pesquisador da Universidade de Yale descobriu que o efeito do divórcio sobre a sua saúde é equivalente a fumar um maço de cigarros por dia.[42]

Em nações em desenvolvimento, grande parte dos problemas de saúde são doenças infecciosas. Mas, no Primeiro Mundo, os problemas de saúde tendem a relacionar-se com o comportamento. A ciência está confirmando dramaticamente a sabedoria da visão bíblica de casamento.

Quando perguntado sobre o casamento, Jesus citou Gênesis. Os primeiros capítulos de Gênesis são cruciais, porque lá aprendemos o que era normativo para a natureza humana antes de o pecado entrar no mundo. "No princípio, o

Criador os fez macho e fêmea", disse Jesus, e então acrescentou: "Assim, não são mais dois, mas uma só carne" (Mt 19.4,6).

O que significa a expressão "uma só carne"? Obviamente, carne não significa apenas corpo, porque os cônjuges não se tornam literalmente um corpo, mas, sim, eles tornam-se uma unidade biológica. O motivo pelo qual a cultura formaliza o casamento com uma multiplicidade de ritos, rituais, cerimônias, votos e promessas é que, no casamento, dois indivíduos que não têm relação biológica são integrados em uma rede biológica. O casal torna-se a fonte de uma nova linhagem familiar dentro dessa rede à medida que eles e os seus filhos unem-se em uma rede interconectada de avós, tios, tias, primos, primas, sobrinhos e sobrinhas.

Em essência, o relacionamento não biológico do casamento deve começar a funcionar como se fosse um relacionamento biológico — um nó em uma família multigeracional. Em Gênesis 2.23, quando Adão vê Eva pela primeira vez, ele explode em poesia. "Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada". Em vários lugares da Bíblia, expressões como essa são usadas para relacionamentos familiares: Labão diz a Jacó, seu sobrinho: "Verdadeiramente és tu o meu osso e a minha carne" (Gn 29.14). Davi diz à sua tribo, Judá: "Vós sois meus irmãos, meus ossos e minha carne sois vós" (2 Sm 19.12). A implicação é que o casamento funciona como o fundamento das relações familiares — que marido e esposa funcionam como se fossem uma unidade biológica dentro da rede familiar.

E, num sentido significativo, eles são isso mesmo. Um casal desempenha uma função biológica que é singular ao relacionamento homem-mulher: eles têm filhos. Grande parte das exigências da vida pode ser desempenhada por indivíduos sozinhos. Eles podem caminhar, comer, dormir e trabalhar. A única coisa que não podem fazer sozinhos é criar filhos. Criar uma nova vida é exclusividade do relacionamento homem-mulher, funcionando como unidade biológica.

Por esse motivo, Eve Tushnet, uma escritora que se identifica como "gay e católica", opõe-se ao casamento homoafetivo. Ela aponta que as uniões homem-mulher têm consequências sérias que as uniões de mesmo sexo não têm — elas podem criar bebês. "Relacionamentos [homem-mulher] podem ser singularmente perigosos ou singularmente frutíferos. Assim, faz sentido ter uma instituição dedicada à sua estrutura e encaminhamento."[43]

O Estado nunca teve interesse político de regulamentar relacionamentos românticos ou qualquer outra forma de relacionamento emocional intenso. Você pode ter qualquer tipo de amizade que quiser e não precisa de uma licença do Estado. O Estado, todavia, sempre teve interesse em regulamentar o casamento. E sabem por que isso acontece? Por causa de sua singularidade na geração de nova vida. Ele é a fonte biológica de cidadãos, trabalhadores, eleitores, professores e empreendedores, sem os quais nenhuma sociedade sobreviveria.[44]

PERDENDO UMA ÉTICA PÚBLICA

Tragicamente, a redefinição do casamento civil para incluir as uniões homoafetivas está destruindo o que sobrou de uma cultura de apoio ao casamento. Na decisão do caso Obergefell da Suprema Corte norte-americana, o advogado que defendia o direito matrimonial de Michigan tentou explicar que o casamento legal não se desenvolvia para dar um status especial ao relacionamento romântico das pessoas, mas "desenvolvia-se para servir a propósitos que, por sua natureza, surgem da biologia" — ou seja, proteger qualquer filho concebido quando um homem e uma mulher têm um relacionamento sexual. Já o juiz Kennedy descartou a biologia e declarou que o propósito do casamento legal é proteger a "pessoalidade" dos casais homoafetivos. ("Negar a eles esse direito [o casamento] depreciaria as suas escolhas e diminuiria a sua pessoalidade.")

A Corte, então, consagrou na lei o dualismo corpo/pessoa em relação ao casamento.

Alguns defendem que a Suprema Corte norte-americana apenas expandiu o casamento para permitir que mais pessoas acessem os seus benefícios. Mas, na realidade, ela desnaturalizou o casamento. Assim como o gênero (veja o capítulo 6), o casamento está sendo tratado como se não tivesse qualquer relação com a complementaridade biológica dos sexos, nem com o relacionamento biológico entre pais e filhos.

O desprezo arrogante da Corte pela biologia é um tema comum no raciocínio legal liberal. Quando o juiz Vaughn Walker derrubou a Proposição 8 pró-casamento da Califórnia, definiu casamento como "o reconhecimento e

aprovação estatal da escolha de um casal de viver um com o outro, de permanecer comprometido um ao outro e de formar um lar baseado em seus próprios sentimentos mútuos".[45] Não há nada nessa definição sobre sexo. Nada sobre ter filhos. O juiz nem mesmo disse que sexo e procriação são um dos propósitos do casamento. Eles estão completamente fora da lista. Ele definiu casamento como uma escolha baseada apenas nos sentimentos.

O problema com essa definição é que ela poderia aplicar-se a colegas de quarto comprometidos, ou uniões poligâmicas, ou múltiplas outras combinações e permutas. Ela não reconhece nada de distintivo em relação ao casamento.

De maneira similar, Evan Wolfson, diretor executivo do grupo de direitos dos homossexuais Freedom to Marry [Liberdade para Casar], define o casamento como um "relacionamento de amor e dedicação a outra pessoa".[46] O colunista Andrew Sullivan, que se identifica como homossexual, define casamento como "primariamente uma maneira como dois adultos afirmam o seu compromisso emocional um com o outro".[47]

Essa é uma definição incrivelmente insípida de casamento. Não explica o que torna o casamento diferente de outros compromissos emocionais. Nem pode explicar por que o casamento tem exigências distintivas sobre nós, como fidelidade, exclusividade e permanência. Outros relacionamentos não têm essas exigências. Por que o casamento teria?

Ainda assim, essa é a definição de casamento que a Suprema Corte norte-americana escreveu na sua legislação no caso Obergefell. E, no processo, enfraqueceu o casamento para todos. Afinal de contas, qual é a força de um contrato baseado em uma conexão puramente emocional, considerando como as nossas emoções flutuam e mudam? Estamos perdendo uma ética pública que estrutura os compromissos privados das pessoas.

"ESTAMOS MENTINDO SOBRE O CASAMENTO"

Tragicamente, só foi possível dar às uniões de mesmo sexo o mesmo status legal do casamento porque o casamento já havia perdido grande parte do seu caráter singular. Muitos heterossexuais abraçaram uma visão recreativa do sexo e, no

processo, perderam a expectativa de que o sexo pertence ao relacionamento do casamento, caracterizado por fidelidade, exclusividade e permanência. Katz escreve: “No que diz respeito à busca pelo prazer, heterossexualidade e homossexualidade têm pouca distinção. Os heterossexuais estão cada vez mais parecidos com os homossexuais, exceto pelo sexo de seus parceiros”.[48]

É por isso que o cientista político e ativista gay Dennis Altman chama a aceitação do sexo recreacional de “homossexualização da América” (em um livro com esse título). Ele escreve: “O estilo de vida heterossexual não tem mais diferenças essenciais em relação ao estilo de vida gay e lésbico”.[49]

No caso Obergefell, a Suprema Corte norte-americana tornou essa equivalência oficial: rebaixou o casamento a nada mais que uma ligação emocional e pronunciou-o idêntico para casais homo e heterossexuais.

Mas, se o casamento é baseado apenas no compromisso emocional, qual é a base existente para limitá-lo aos casais de mesmo sexo? Por que não dar status legal a outros compromissos emocionais? Onde deveríamos traçar o limite? O ônus da prova está agora sobre quem quiser limitar o casamento a qualquer grupo.

De fato, para alguns, esse é exatamente o propósito. Eles apoiam o casamento para pessoas de mesmo sexo porque consideram este o primeiro passo para transformar o casamento de uma instituição pública com expectativas morais compartilhadas para uma escolha privada onde vale tudo. Judith Stacey, professora da Universidade de Nova York, escreve: “Há poucos limites para o tipo de casamento e padrões familiares que as pessoas podem desejar conceber”. Por exemplo: “Dois amigos podem decidir casar-se sem basear o seu laço em uma ligação erótica ou romântica”. Outros podem formar “casamentos de pequenos grupos”.[50]

A jornalista Masha Gessen, que se identifica como lésbica, diz que o objetivo real sempre foi a eliminação total do casamento. Em um discurso amplamente citado em uma conferência, ela disse: “A instituição do casamento não deveria existir”.

Lutar pelo casamento gay geralmente envolve mentir sobre o que faremos com o

casamento quando chegarmos lá — porque mentimos que a instituição do casamento não vai mudar, e isso é uma mentira. A instituição do casamento vai mudar e deve mudar. E, de novo, eu não acho que ela deveria existir.[51]

O comentarista cultural Richard Pearcey (que também é o meu marido) resume: "O objetivo final não é disponibilizar o casamento igualmente a todos, mas indisponibilizá-lo para todos".[52]

DES-CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Se o objetivo real do movimento homossexual for a eliminação do casamento, estamos bem no caminho de atingi-lo. Pois, se o casamento não é baseado na complementaridade biológica dos sexos, não há base lógica para as outras normas e obrigações ligadas ao casamento, como permanência, fidelidade e exclusividade.

A maioria dos casais de mesmo sexo já rejeita essas normas.[53] A maioria abraça uniões "abertas", ou seja, em que os parceiros concordam em manter relações sexuais com outros indivíduos. Um estudo descobriu que até mesmo casais de mesmo sexo — e que se definem como cristãos — rejeitam a norma da exclusividade.[54]

Publicações como o New York Times buscam dar à infidelidade um toque positivo com artigos alegando que a não exclusividade dos casais de mesmo sexo na verdade fortalece os seus laços emocionais.[55] Esses artigos afirmam que as uniões são mais fortes quando os casais dizem, em essência: "Quem se importa com o que você faz com o seu corpo, contanto que esteja emocionalmente comprometido comigo?". Essa é outra expressão da divisão corpo/pessoa.

Algumas pessoas podem, por motivos religiosos ou filosóficos, conseguir resistir a essa visão totalmente esvaziada de casamento. Mas os seres humanos são seres sociais; são afetados pela sociedade que os cerca. Como resultado, muitos

podem descobrir o seu compromisso com uma visão mais robusta de casamento sendo corroído. Se o casamento estiver fundamentado em uma ligação emocional não exclusiva, qual será a sua estabilidade e a sua durabilidade?

À medida que as instituições sociais como o casamento vão ficando cada vez mais frágeis, as pessoas também se tornam cada vez mais isoladas e desconectadas — de fato, tornam-se mais semelhantes aos indivíduos atomísticos no estado hipotético da natureza da teoria do contrato social, antes do surgimento da civilização. Parecemos estar revertendo a teoria do contrato social: Em vez de sair do estado da natureza povoado por indivíduos solitários e autônomos, estamos entrando em um estado onde os adultos são indivíduos isolados, que se conectam temporariamente aos outros apenas quando lhes interessa. Estamos regredindo para uma condição pré-civilizada.

No processo, estamos perdendo liberdade para o Estado. Como explica Hannah Arendt em The Origins of Totalitarianism [Origens do Totalitarismo], as pessoas mais vulneráveis ao controle totalitário são os indivíduos atomísticos, desconectados. O motivo é que elas não têm identidades ou lealdades concorrentes, nenhuma estrutura social para protegê-las do Estado que usa o seu poder para reforçar a sua ideologia. O indivíduo isolado é fácil de manipular e controlar.[56]

CASAMENTO SECULAR ENTRE CRISTÃOS

Infelizmente, até mesmo muitos evangélicos perderam a ideia de que o casamento envolve outras coisas além do romance e da conexão emocional. Professora em uma faculdade evangélica, Abigail Rine diz que os seus alunos não são capazes de reconhecer como o casamento civil homoafetivo redefine o conceito de casamento porque eles têm o mesmo conceito com apenas um leve toque de verniz religioso. Como resultado, “para eles, o argumento cristão contra o casamento homoafetivo é um apelo à autoridade de alguns versículos bíblicos desconexos e, portanto, convincente apenas para quem tem uma hermenêutica literalista”.[57]

Os estudantes não conseguem reconhecer que o que está em jogo não são alguns versículos espalhados, mas toda uma cosmovisão. Será que vivemos no universo

descrito pela teoria do contrato social — um cosmos vazio de átomos chocando-se no vazio, levados por puro interesse próprio? Ou será que vivemos em um cosmos moldado por um Deus pessoal que nos criou para estarmos em relacionamentos ordenados, direcionados para o bem comum?

Na cosmovisão bíblica, o casamento não é algo que os seres humanos possam, simplesmente, redefinir conforme a sua vontade. Ele vem com a sua própria definição de comunidade primeva, refletindo a comunidade da Trindade. Em uma sociedade saudável, os jovens envolvidos em amor romântico não precisam decidir sozinhos como criar um casamento do zero. A sua família estendida, a igreja, a lei e o éthos público, todos ajudam a moldar as expectativas dos jovens casais em relação ao que é o casamento e a quais responsabilidades ele envolve. É assim que as normas públicas ajudam-nos a ter casamentos mais felizes e saudáveis do que se fôssemos indivíduos isolados criando o nosso próprio roteiro de vida conforme caminhamos.

Em um sermão matrimonial, o teólogo Dietrich Bonhoeffer disse a um jovem casal: “Não é o amor de vocês que sustenta o casamento, mas, de agora em diante, é o casamento que sustenta o amor de vocês”.[58] O compromisso com o casamento, com as suas normas e obrigações, mantém marido e esposa conectados durante os altos e baixos de sua vida emocional.

FILHOS DE CASAIS DO MESMO SEXO

Redefinir o casamento legal também tem consequências sérias para as crianças. Dawn Stefanowicz, que foi criado por um pai homossexual (com múltiplos parceiros indo e vindo), escreve: “Cada vez mais, dizem-nos que permitir o acesso de casais homoafetivos à designação do casamento não vai privar ninguém de seus direitos. Isso é uma mentira”.[59] O casamento legal para casais homoafetivos nega às crianças o direito ou à sua mãe, ou ao seu pai, ou a ambos. Na verdade, o Estado está colocando um selo de aprovação na ideia de que as crianças podem ser intencionalmente privadas de seus pais biológicos.

Os apoiadores do casamento de mesmo sexo argumentam que você não precisa de um pai e uma mãe para formar uma família. Pais de mesmo sexo podem adotar ou obter filhos por meio de inseminação artificial, barriga de aluguel ou

fertilização in vitro. É claro que todos esses métodos continuam demandando contribuições de ambos, homem e mulher. Mas um ou os dois pais biológicos são negados.

E as crianças continuam sentindo a dor de seus pais perdidos. Falando por experiência própria, Stefanowicz escreve: “As crianças de lares homoafetivos muitas vezes vão negar o seu luto e fingir que não sentem falta de uma mãe ou pai biológico, sentindo-se pressionadas a falar positivamente devido ao ambiente político que cerca os lares LGBT”. Ainda assim, sabemos que as crianças sentem um vazio doloroso quando perdem (ou não chegam a conhecer) um de seus pais biológicos por causa de morte, divórcio ou adoção. Stefanowicz diz: “O mesmo acontece conosco, quando o nosso pai/mãe gay traz o seu parceiro do mesmo sexo para a nossa vida. O seu parceiro nunca poderá substituir o nosso pai/mãe biológico perdido”.[60]

Heather Barwick, que foi criada por sua mãe e uma parceira lésbica, relata uma experiência similar de perda. “O casamento e a criação de filhos por casais de mesmo sexo impede a presença de uma mãe, ou de um pai, para uma criança, enquanto lhe diz que isso não importa. Que é tudo a mesma coisa. Mas não é. Muitos de nós [...] estamos sofrendo.” Até chegar aos 20 anos, Heather era uma defensora do movimento LGBT. Mas, agora, ela quer que as pessoas conheçam a sua dor secreta. “A ausência do meu pai criou um buraco enorme dentro de mim, e eu me condoía por um pai todos os dias. Amava a parceira da minha mãe, mas outra mãe nunca poderia substituir o pai que eu perdi.”[61]

Crianças criadas por pais de mesmo sexo relatam que, quando expressam os seus sentimentos de tristeza, são criticadas por membros da família, amigos, professores e conselheiros, por serem politicamente incorretas.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que toda criança tem, “na medida do possível, o direito de conhecer e ser cuidada por seus pais”.[62] Ironicamente, hoje essa posição está sendo rejeitada como discriminação e insulto aos pais de mesmo sexo.

PAIS POR CONTRATO

O impacto legal do casamento homoafetivo vai além, entretanto — de maneiras que afetam todos os pais. Na maioria dos estados norte-americanos, a "presunção de paternidade" significa que a lei define paternidade pela mulher que dá à luz uma criança, com o seu marido como pai legal e biológico presumido da criança. Os seus nomes são colocados na certidão de casamento, que serve como fundamento para uma vida inteira de direitos e responsabilidades paternas. Mas, quando um casal de mesmo sexo tem um filho, ao menos um deles não é pai biológico. Que nome vai na certidão de nascimento? Quem tem direitos paternos?

No passado, se um pai biológico tivesse um parceiro do mesmo sexo, esse parceiro não era listado na certidão de nascimento do filho. A implicação da decisão do caso Obergefell, entretanto, é que casais de mesmo sexo têm a mesma presunção de paternidade de um casal heterossexual. Como explica o professor de direito Douglas NeJaime, os defensores dos homossexuais buscam há muito tempo elaborar um novo modelo de paternidade que não esteja baseado na biologia ou no gênero. E é exatamente isso que a decisão Obergefell deu a eles: A Corte "afirmou um modelo de paternidade baseado na escolha, em laços funcionais e não apenas nos biológicos. [...] Biologia e gênero perderam valor na formação da família real" baseada na escolha.[63]

Em outras palavras, ao aceitar a visão contratual do casamento, o Estado agora também deverá aceitar uma visão contratual da formação da família e da paternidade.

O motivo oculto é claro: quando casais do mesmo sexo têm filhos — seja por divórcio, seja por adoção, ou reprodução de terceira parte — esses filhos não têm relação biológica com um ou com os dois pais. Portanto, se pais do mesmo sexo precisam ter o mesmo status legal dos pais heterossexuais, logicamente o Estado deve apagar a hipótese de paternidade natural baseada na biologia.

A definição de paternidade deve ser desnaturalizada.

Até agora, o Estado era chamado a definir a paternidade apenas em casos de custódia contestada, quando um adulto que não é pai biológico requer os direitos parentais, como um padrasto, avô ou parceiro do mesmo sexo. O Estado, então, faz perguntas como: "A criança chama esse adulto de 'mãe'?", "Quanto tempo eles passam juntos?", e assim por diante. A corte tem que decidir quem conta como pai com bases relativamente subjetivas.

Entretanto, se a paternidade for separada da biologia, então o Estado definirá a paternidade para todas as crianças. O Estado decidirá quem conta como pai ou mãe. Em vez de reconhecer a paternidade como uma realidade pré-política que é logicamente anterior ao Estado — que o Estado é moralmente obrigado a aceitar —, a paternidade será tratada como algo criado pelo Estado.

E, se a paternidade é criada pelo Estado, então o Estado tem o direito de defini-la e controlá-la. Será muito mais fácil para as autoridades estatais intrometerem-se na família, tomar decisões sobre como as crianças serão criadas e educadas, ou até mesmo tomá-las de volta se os oficiais do Estado discordarem das crenças de seus pais. Jennifer Roback Morse prediz que "relacionamentos biológicos naturais serão substituídos de forma rotineira e sistemática por relacionamentos criados pelos governos e construídos socialmente".[64]

Assim, uma definição desnaturalizada do casamento leva inevitavelmente a uma definição desnaturalizada de paternidade. "O casamento civil fornece toda a base para presumir os direitos e responsabilidades dos pais biológicos em criar os seus próprios filhos", explica Morabito. "Se abolirmos o casamento civil, não existirão mais direitos por padrão, mas direitos a serem distribuídos ao bel-prazer do estado burocrático."[65]

Dessa maneira, de forma paradoxal, um modelo de família baseado na escolha acaba dando poder ao Estado.

No Canadá, hoje, é considerado "discriminatório" que as entidades estatais (como escolas públicas) defendam o casamento ou a paternidade homem-mulher. Na província de Alberta, o governo emitiu diretrizes instruindo professores e administradores escolares a não usarem os termos "mãe" e "pai" quando falam com os alunos. Em vez disso, devem usar apenas termos sem gênero, como "guardiões", "parceiros" ou "cuidadores".[66]

Os planejadores centrais sempre quiseram manter mais controle governamental sobre a família para que pudessem inculcar a sua própria ideologia em mentes jovens e criar cidadãos dóceis. Não é por acidente que, quando o poder do governo fica mais arrogante, referimo-nos a ele como "paternalista", ou falamos sobre a "babá" Estado. "Paternalismo é o que conseguimos em uma sociedade sem pais. Babás é o que conseguimos em uma sociedade sem mães", escreve o teólogo Brian Mattson. Essa é uma pista para um "importante princípio: que as famílias nucleares são um dos principais meios de limitar o Estado. Elas são o

fundamento da sociedade civil, uma zona de segurança entre o indivíduo e o poder bruto do Estado".[67]

A família é o primeiro daquilo que o teórico político Edmund Burke chamou de "pequenos pelotões" que se colocam entre o indivíduo e um Estado arrogante. A família é um bastião fundamental protegendo os direitos inalienáveis reconhecidos na Declaração de Independência dos Estados Unidos.

FILHOS, LTDA.: CONTRATE UM BEBÊ

Uma visão contratual da paternidade também é estimulada pelo uso crescente da reprodução artificial. Um artigo sobre o assunto começa de forma dramática: "'Sem sexo! Não foi utilizado sexo para produzir essa criança!'. Essa era a orgulhosa proclamação feita por um dos dois 'pais' da criança enquanto ela era levantada e exibida" em uma conferência sobre sexualidade.[68] O que acontece com a nossa visão de filhos quando eles são separados do ato sexual entre pais amorosos e tornam-se produtos criados em laboratório?

Por um lado, a reprodução assistida ajudou muitos casais heterossexuais a terem filhos quando um mal funcionamento biológico impedia o processo normal de concepção. Nesses casos, a fertilização in vitro é usada de maneira medicinal — para reparar ou contornar um processo natural que não está funcionando, ajudando a alcançar o seu propósito natural, ou teleologia. Como outras formas de medicina, ela usa a tecnologia para superar os efeitos da Queda a fim de reparar ou compensar uma deficiência ou mau funcionamento da natureza. E, como outras formas de tecnologia, pode ser uma expressão do princípio bíblico de domínio sobre a natureza.[69]

Hoje, entretanto, se espalha o pensamento de que qualquer pessoa que queira uma criança tem o direito de tê-la — mesmo se enfrenta barreiras biológicas como ser solteiro, estar na menopausa ou em relacionamentos de mesmo sexo. Em outras palavras, mesmo que não possa ter um filho pelos meios naturais. A tecnologia passou de um auxílio para a reprodução natural a ser um método de desafiar a natureza — de afirmar a escolha acima da reprodução natural.

Se você não puder conceber um filho, poderá contratar um.

Nesses casos, a reprodução artificial não está sendo usada para reforçar os laços naturais entre pais e filhos, mas para substituí-los por laços criados por escolha. Quando se produzem filhos no laboratório, diz um escritor católico, “a intenção conquista a biologia, o desejo triunfa sobre a natureza”.[70] É outro exemplo de exaltar-se a escolha enquanto se denigre o corpo. A perspectiva tecnocrática celebra o domínio ilimitado sobre o corpo e as suas funções.

Quando liberta de sua conexão com a paternidade natural, a reprodução artificial pode alimentar a perspectiva desumanizadora que mostra as crianças como mercadorias a serem manufaturadas por meio de processos tecnológicos para clientes que pagam. Os bebês resultantes podem ser considerados artefatos — como produtos despersonalizados que planejamos, criamos, modificamos e melhoramos. Além disso, os custos dos serviços reprodutivos de alta tecnologia podem “fazer a procriação parecer cada vez mais com negócios empresariais e compra de consumidores”, alerta Peters. As crianças tornam-se mercadorias a serem “avaliadas segundo padrões de controle de qualidade”. E, “se os pais pagadores não acreditam que estão recebendo o que o seu dinheiro vale, podem, até mesmo, rejeitar o produto”.[71]

Em anos recentes, houve vários casos em que pediram para mães de aluguel abortar quando o bebê nascituro aparentava ter uma deficiência — quando os pais pagadores consideraram que não estavam “recebendo o que o seu dinheiro valia”.[72]

A perspectiva tecnológica está apta a ver tudo, até mesmo as crianças, como material bruto sujeito ao controle humano e a ser refeito. Ao aplicar a tecnologia à reprodução, alerta Meilander, “estamos tentados a vermo-nos apenas como espíritos livres separados do corpo. [...] O que arriscamos aqui é uma separação entre corpo e pessoa que diminui o corpo e torna-o uma ‘coisa’”.[73]

Observe que o problema, de novo, é a dicotomia de dois andares — uma “separação entre corpo e pessoa que avilta o corpo”.

…

UMA “LIBERDADE” QUE DISSOLVE A LIBERDADE

Cada movimento de vanguarda da revolução moral secular é aclamado como um avanço para a libertação das regras morais opressoras do passado. Mas, na realidade, cada um desses passos acaba concedendo mais poder ao Estado.

Como vimos nos capítulos anteriores, uma expansão rápida do poder do Estado começou com o aborto. No passado, a lei reconhecia a pessoalidade como uma realidade pré-existente, algo que se seguia de forma metafísica ao ser biologicamente humano. A lei apenas o reconhecia como um fato prévio. Mas a única maneira de o Estado legalizar o aborto é negando a relevância da biologia e declarando que alguns humanos biológicos não são pessoas. O Estado tomou para si a autoridade de decidir quais seres humanos qualificam-se para o status de pessoalidade, definido em termos de capacidades mentais — a capacidade de pensar, sentir e desejar. O mesmo raciocínio pode ser aplicado também à eutanásia e ao suicídio assistido.

E o casamento? No passado, o Estado reconhecia o casamento como uma realidade pré-existente baseada na biologia, algo que se seguia naturalmente ao fato de que os seres humanos são uma espécie que se reproduz sexualmente. A lei apenas o reconhecia como um fato prévio. Mas a única maneira de a lei tratar um casal do mesmo sexo da mesma forma que um casal homem-mulher é negando a relevância da biologia e declarando o casamento como um estado mental — o que você pensa, sente e deseja. Nesse processo, o Estado tomou para si a autoridade para definir o que é casamento — quais compromissos emocionais são qualificados como casamento.

E a questão de gênero? No passado, a lei reconhecia o gênero como uma realidade pré-existente, algo que se seguia de forma metafísica ao seu sexo biológico. A lei apenas o reconhecia como um fato prévio. Mas a única maneira de a lei tratar mulheres trans (nascidas homens) da mesma forma que uma mulher biológica é negando a relevância da biologia e declarando o gênero como um estado mental — o que você pensa, sente e deseja. O Estado tomou para si a autoridade de definir o gênero legal independentemente do seu sexo biológico.

Por fim, o que dizer da paternidade? No passado, o Estado reconhecia a paternidade como uma realidade pré-existente, algo que se seguia de forma metafísica quando uma mãe e um pai davam à luz um filho. A lei apenas o reconhecia como um fato prévio. Todavia, a única maneira de a lei tratar pais do

mesmo sexo da mesma forma que pai e mãe biológicos é negando a relevância da biologia e declarando a paternidade como um estado mental — o que você pensa, sente e deseja. O Estado está tomando para si a autoridade de definir o que é um pai/mãe e quem se qualifica como um.

De maneira significativa, em cada caso, o Estado tomou a abordagem pós-moderna de descartar as realidades naturais e substituí-las por decretos legais. Ele recusa-se a subordinar-se ao respeito ao mundo criado.

O conceito de contrato é vendido ao público como uma maneira de expandir a escolha. Porém, na realidade, ele é o que nos tira dos relacionamentos naturais e criados e entrega o poder nas mãos do Estado.

SERÁ QUE VIVEMOS EM UM COSMOS VAZIO?

Em todas as decisões que tomamos, estamos afirmando uma cosmovisão. Podemos pensar que estamos apenas agindo de acordo com os nossos sentimentos do momento, mas, na realidade, estamos expressando as nossas convicções sobre o cosmos. Ou estamos expressando uma cosmovisão bíblica, ou estamos sendo cooptados pela cosmovisão secular. A revolução moral secular é construída sobre a convicção de que a natureza não tem nenhum significado moral e que somos inerentemente desconectados, átomos autônomos conectando-nos apenas por escolha. Como escreve Morse, quando seguimos o que dita a revolução sexual,

Agimos como se acreditássemos que estamos sozinhos em um universo indiferente e sem significado, como se não tivéssemos valor intrínseco, que os nossos atos sexuais não têm significado além daquele atribuído por nós mesmos, que os nossos atos sexuais são apenas atos de partículas irracionais chocando-se umas contra as outras sem nenhum motivo em particular e sem nenhum propósito particular em mente.[74]

O Cristianismo oferece uma alternativa genuína para um cosmos vazio e sem sentido. Ele diz que não estamos sozinhos, que o universo tem significado, que nós temos valor intrínseco, que a sexualidade tem o seu próprio propósito ou telos, que a comunidade humana é real e que há verdade, bondade e beleza objetivas. Além disso, não somos produtos do acaso irracional, mas criação de um Criador amoroso.

Cada um de nós foi chamado à existência por meio do amor, e temos o grande chamado de convidar outros para a experiência incrivelmente rica de viver em um cosmos centrado no amor.

…

A COMUNIDADE PRIMEVA

A chave para a sociedade ser reconstruída é recuperar o respeito pelas comunidades naturais. Deus não criou os seres humanos como átomos sociais. Ele criou a todos para o relacionamento. O retrato da origem definitiva feito na Bíblia não é o de indivíduos solitários desconectados vagando sob as árvores em um estado de natureza. O retrato é de um casal, conectado um ao outro desde o início na instituição social do casamento. A doutrina bíblica da criação diz que casamento e família constituem um padrão social que é original e inerente à própria natureza humana. A sua natureza essencial não pode ser remodelada conforme a nossa vontade. Qualquer esquema utópico que busque lançar a família dentro da lata de lixo da história estará trabalhando contra a própria natureza humana.

Contudo, a moralidade bíblica não é uma camisa de força. Ao longo da história e ao redor do mundo, pessoas criaram variações da estrutura básica do casamento e da família — diversos papéis sociais para marido e esposa, convenções variadas para a criação de filhos, maneiras contrastantes de dividir as funções econômicas, diferenças de tamanho e constituição da família estendida. Deus

concedeu aos seres humanos uma grande liberdade na maneira como modelam e remodelam o que lhes foi dado na criação.

A pedra angular da teoria social cristã é a Trindade.[75] Deus é uma tri-unidade: três Pessoas tão intimamente ligadas que constituem uma só Divindade. Deus não é "realmente" uma deidade, que apenas aparece de três formas. Nem é "realmente" três deidades, o que seria politeísmo. Na formulação teológica clássica, Deus é um no ser e três em pessoa. Ambos são igualmente reais, igualmente definitivos e igualmente integrais à natureza de Deus.

Isso pode soar paradoxal até você perceber que é uma maneira de dizer que a realidade definitiva inclui um equilíbrio perfeito entre individualidade e relacionamento. Ou, como dizem os filósofos, ela inclui tanto unidade quanto diversidade, tanto o um quanto os muitos. Cada uma das três pessoas da Trindade é individualmente singular, e, ainda assim, elas são tão unidas que formam uma única deidade. Da mesma forma, escreve John Wyatt, "cada pessoa é singular e, ainda assim, feita para relacionar-se com as outras. A pessoalidade não é algo que possamos ter em isolamento — no pensamento cristão, ela é um conceito relacional".[76]

A palavra hebraica para "unidade" é a mesma utilizada em referência a Deus e ao casamento: "Ouve, Israel, o SENHOR, o nosso Deus, é o único [echad] SENHOR" (Dt 6.4). E marido e esposa "serão ambos uma [echad] carne" (Gn 2.24). "Somos imagem" de Deus não apenas como indivíduos, mas também em nossos relacionamentos.

Quando é a primeira vez nas Escrituras que Deus declara que algo "não é bom"? Surpreendentemente, isso acontece antes da Queda — antes da entrada do pecado e do mal no mundo. Depois de criar Adão, Deus diz: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2.18). O relato de Gênesis enfatiza que os relacionamentos são centrais para o significado de ser humano.

A implicação é que, ao contrário do que preconiza a teoria do contrato social, os seres humanos não são indivíduos desconectados em sua origem e nascimento. Os relacionamentos não são invenções tardias de indivíduos autônomos que podem criá-los ou quebrá-los à vontade. Eles são parte da ordem criada e, portanto, "muito bons" (Gn 1.31). E as exigências morais que fazem sobre nós não são imposições sobre a nossa liberdade, mas expressões de nossa natureza verdadeira. Ao participarmos das instituições civilizadoras — família, igreja,

Estado e sociedade civil —, cumprimos a nossa natureza social e desenvolvemos as virtudes morais que nos preparam para o nosso propósito definitivo: que é nos tornarmos cidadãos da Jerusalém celestial.

TRABALHANDO "O RELACIONAMENTO"

A resposta bíblica à teoria do contrato social é que nós não criamos o casamento, mas entramos em uma instituição social pré-existente com a sua própria estrutura normativa. Como diz a linguagem elegante da antiga cerimônia de casamento, "entramos no estado sagrado do matrimônio".

Essa linguagem pode soar abstrata, mas pense desta maneira: todos que já experimentaram um relacionamento sabem que é mais do que a soma das partes. Você ouve casais falando sobre "você" e "eu" e "o relacionamento". Às vezes, eles dizem: "Precisamos trabalhar o relacionamento". Eles sentem que o seu relacionamento é uma realidade que está acima e além dos dois indivíduos envolvidos.

O casamento é uma entidade moral que leva os indivíduos a uma realidade além das suas próprias existências separadas. Essa ideia era tradicionalmente comunicada em termos do bem comum: havia um "bem" para cada pessoa no relacionamento (o propósito moral de Deus para o indivíduo). E havia um "bem comum" para as suas vidas juntos (o propósito moral de Deus para o casamento). Esse bem comum mais amplo enriquece as nossas vidas de uma maneira que não podemos experimentar se permanecermos como indivíduos autônomos.

Finalmente, o casamento não era um fim em si mesmo. Ele deveria ser dirigido à glória de Deus e ao bem comum da comunidade. O puritano John Cotton alertou os casais a não serem "tão levados pela afeição" um pelo outro que tenham como alvo "nada mais do que o próprio casamento". Ao contrário, eles deveriam ver o casamento como um meio "para equiparem-se melhor para o serviço ao Senhor e para levá-los para mais perto de Deus".[77]

De forma oposta à teoria do contrato social, o Cristianismo ensina que a ordem social e política não é apenas um expediente estratégico concebido por indivíduos para proteger os seus direitos. Antes, ela é parte da ordem criada, o

contexto para desenvolver a nossa natureza humana integral — para alcançar o nosso telos. Ela não é motivada pelos instintos mais baixos do interesse próprio e da autopreservação, mas por ideais morais mais altos como justiça, misericórdia, serviço e amor sacrificial.

QUEM SÃO OS VERDADEIROS MULTICULTURALISTAS?

A resposta bíblica não é apenas teórica. Os cristãos são chamados a formar uma sociedade modelo — a igreja local — para demonstrar ao mundo uma interação equilibrada entre individualismo e relacionamento, unidade e diversidade. A igreja não deveria ser apenas uma coleção de indivíduos, mas um corpo integrado e corporativo, unido por um bem comum. Antes de sua morte, Jesus orou pelos discípulos aos quais estava prestes a deixar, pedindo ao Pai "para que [fossem] um, assim como nós" (cf. Jo 17.11, grifo da autora). Jesus está dizendo que a comunhão de Pessoas dentro da Trindade é o paradigma para a comunhão dos membros dentro da igreja.

"A Igreja como um todo é um ícone do Deus Triuno, reproduzindo na terra o mistério da unidade na diversidade", escreve o bispo ortodoxo Timothy Ware. "Os seres humanos são chamados a reproduzir na terra o mistério do amor mútuo que a Trindade vive no céu."[78] E, quando aprendemos a praticar a unidade na diversidade dentro da igreja, podemos trazer o mesmo equilíbrio para todos os nossos relacionamentos sociais — a nossa família, escola, local de trabalho e governo.

Essa visão mais ampla significa que o Cristianismo não é reducionista: ele valoriza o reino biológico, mas não nos reduz ao nível biológico. Relacionamentos arraigados na biologia devem treinar-nos em uma qualidade de amor e unidade que transcende a biologia. Os cristãos renascem em uma comunidade redimida que excede todas as comunidades naturais.

Até mesmo a família, a comunidade biológica mais básica, não determina a nossa identidade primária. O nosso relacionamento com Deus determina. João escreve que todos que se tornam cristãos são "filhos de Deus [...], os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus" (Jo 1.12-13). Esse versículo tem um poder especial para aqueles com

famílias naturais doentes ou disfuncionais. A promessa libertadora da Bíblia é que é possível transcender o pecado e a fragmentação de nossas comunidades naturais porque a nossa identidade primária é como filhos de Deus.

Essa visão trinitária produz um equilíbrio maravilhoso na prática. Dentro de nossas igrejas, as diferenças baseadas na biologia — família, gênero, etnia, nacionalidade — podem ser celebradas com gratidão como dons de Deus. A nossa diversidade faz surgir comunidades com riqueza de texturas. Até mesmo no céu seremos reconhecidos como vindos "de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas", cada um com a sua própria herança cultural (Ap 7.9). Os cristãos são os verdadeiros multiculturalistas.

Ao mesmo tempo, essas características baseadas na biologia, em última instância, não definem os cristãos, nem os separam em facções hostis e conflitantes. Os cristãos são unidos pela maravilha e alegria de sua unidade espiritual. "Onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos" (Cl 3.11). Eles são adotados por uma comunidade redimida que transcende todas as categorias humanas.

MISSÃO DE RESGATE, NÃO GUERRA CULTURAL

Enquanto trabalhamos várias questões morais controversas, é crucial manter em vista o principal objetivo. Não é, antes de tudo, persuadir as pessoas a mudar o seu comportamento. É derrubar as barreiras que as impedem de tornarem-se cristãs. Não importa com quem estejamos falando, ou com que questão moral a pessoa esteja lutando, a sua primeira necessidade é ouvir o evangelho e experimentar o amor de Deus. A questão mais importante de sua vida é se ela terá um relacionamento com o Deus vivo que dure até a eternidade.

Recebi um e-mail de uma mulher dizendo que a sua sobrinha de 18 anos estava lutando com a questão de ser ou não transgênero. A mulher tinha me ouvido falar em um programa de rádio da Focus on the Family, e perguntou se ela deveria dar à sua sobrinha o meu livro Finding Truth [Descobrindo a Verdade]. A minha resposta foi: Com certeza. O livro não fala sobre questões morais, mas aborda a questão mais importante que todos enfrentamos: Será que o

Cristianismo é verdade? E como podemos saber disso? Como ele se compara às outras cosmovisões e religiões? Será que existe uma estratégia que podemos usar para testar as ideias e termos mais confiança de que encontramos a verdade?

Quando uma pessoa convence-se de que o Cristianismo é verdadeiro, ela, então, pode perguntar o que isso significa para a sua sexualidade. E, só depois, terá a força espiritual e os recursos para descobrir soluções para as suas questões sexuais.

O principal motivo para abordar questões morais é que elas tornaram-se uma barreira até mesmo para a mensagem da salvação ser ouvida. As pessoas são inundadas de retórica que lhes dizem que a Bíblia é cheia de ódio e nociva, rígida e negativa. Apesar de ser crucial sermos claros quanto ao ensino bíblico sobre o pecado, o contexto deve ser uma mensagem, acima de tudo, positiva: que somente o Cristianismo fornece a base para uma visão superior do valor e do significado do corpo como um dom de Deus. Em nossa comunicação com as pessoas que lutam com questões morais, precisamos alcançá-las com uma mensagem que lhes dê vida e que lhes afirme. Deveríamos trabalhar para atrair as pessoas com a beleza da visão bíblica da vida.

Como observa um psicólogo cristão, o objetivo é “mais missão de resgate do que guerra cultural”.[79]

Raramente é eficaz criticarmos a visão de outra pessoa a partir de nosso próprio ponto de vista. Isso apenas significa que eles discordam de você. É muito mais persuasivo quando você entra na perspectiva do outro e critica-o de dentro, mostrando como ele é falho por si mesmo. Para fazer isso, os cristãos precisam estar familiarizados com as cosmovisões seculares e aprender a revelar as suas implicações desumanizadoras e destrutivas. Só assim as outras pessoas estarão abertas a considerar o Cristianismo como uma alternativa confiável.

…

COMO SE ENVOLVER GLOBALMENTE

Quais são as implicações para as nossas próprias famílias e para o nosso envolvimento global? Foi uma família que me ajudou na minha conversão. Quando adolescente, afastei-me de minha criação luterana e não tinha intenção de voltar. Mais tarde, estudando na Alemanha, peguei um trem para L'Abri, um ministério evangelístico fundado por Francis e Edith Schaeffer nos belíssimos Alpes Suíços. (O nome significa "o abrigo" em francês.) Eu não pretendia ficar; ia apenas me encontrar rapidamente com alguns familiares que estavam viajando por lá. Mas, enquanto estava no L'Abri, fui surpreendida por duas coisas. Primeiro, ouvi argumentos para a veracidade do Cristianismo mais convincentes do que qualquer outro que eu já ouvira antes. E, em segundo lugar, testemunhei uma comunidade cristã mais amorosa do que qualquer outra que eu já vira antes.

O casal Schaeffer chegou à Suíça, inicialmente, ligado à formação do International Council of Christian Churches [Conselho Internacional de Igrejas Cristãs] e da Child Evangelism Fellowship [Aliança Pró-Evangelização das Crianças — APEC]. Quando suas filhas alcançaram a idade de ir para a faculdade, elas desceram a montanha para frequentar a Universidade de Lausanne. Quando amigos levantavam questões sobre Deus e religião, elas respondiam: "Você tem que falar com o meu pai. Ele é bom com perguntas assim".

Como a casa da família Schaeffer ficava incrustada em uma pequena vila no alto dos Alpes, os estudantes que visitavam muitas vezes ficavam o final de semana inteiro. Depois eles contavam sobre o lugar aos seus amigos, que contavam aos amigos, até que o chalé dos Schaeffer ficou lotado de estudantes dormindo nos sofás, nos corredores e nas varandas.

Dessa forma, a Comunidade L'Abri cresceu de maneira orgânica até virar um ministério residencial onde os jovens podiam ficar por vários meses e testemunhar em primeira mão a vida cristã, em conjunto, em comunidade. À medida que o ministério ia crescendo, outros casais e pessoas solteiras uniam-se à comunidade e também abriam as suas casas aos estudantes. Para muitos dos estudantes — inclusive para mim —, um grande fator para a conversão ao Cristianismo era ver a sua verdade incorporada nas atividades diárias das famílias cristãs, encarnando o evangelho com as suas vidas.

As conexões biológicas que unem os membros de uma família não são planejadas apenas para suprir as suas próprias necessidades, mas também para fornecer uma matriz de relacionamentos amorosos para ministrar aos outros —

para servir ao bem comum. Antes da Revolução Industrial, o lar desempenhava várias funções práticas. Era o lugar onde as pessoas educavam as crianças, cuidavam dos doentes e idosos, administravam a indústria familiar, serviam aos clientes e à comunidade e produziam um excedente para ajudar os pobres. O lar alcançava toda a sociedade mais ampla. Hoje, provavelmente pensamos em termos de servir ao bem maior por meio de nosso emprego, ativismo político ou organização voluntária. Mas e por meio de nossa família? Será que nutrimos e construímos os nossos relacionamentos familiares com o objetivo de formar uma rede amorosa o suficiente para atrair outras pessoas? Pensamos em criar uma base familiar forte o suficiente para servir aos necessitados?

A Bíblia diz: "Deus faz que o solitário viva em família" (Sl 68.6). Quem está construindo as famílias fortes e saudáveis que Deus pode usar para ministrar ao solitário, ao ferido e ao rejeitado?[80]

Alysse ElHage cresceu em um lar caótico. Os seus pais divorciaram-se quando ela tinha 2 anos de idade, e depois uma fila de homens entrava e saía de sua casa. Ela escreve: "Minha mãe casou-se várias vezes, o que significava que havia sempre homens diferentes (e às vezes crianças) entrando e saindo de nossas vidas. Um dia, eu tinha um meio-irmão ou uma meia-irmã, e, com a mesma rapidez, eles iam embora". Como qualquer criança pode sobreviver a esse tipo de caos sem desenvolver disfunções enormes?

"Graças a Deus, eu tinha uma corda de segurança", escreve ElHage. Sua mãe levava-a à igreja regularmente: "Por meio da comunidade da fé, fui exposta a famílias intactas, nas quais filhos tinham pai e mãe casados que se amavam e amavam aos filhos e criavam-nos em lares geralmente estáveis e felizes que eu invejava muito. Eu conseguia ver que existiam homens no mundo que não deixavam a sua família nem lhe faziam mal". Esses homens não eram perfeitos, segundo ElHage. Mas "encontrei esperança ao saber que casamentos felizes e completos não eram apenas contos de fadas, e que pais e maridos fiéis existiam de verdade".[81]

Você está transformando a sua casa em um lugar que dá esperança aos perdidos e solitários, aos feridos e sem esperança?

Essa mesma estratégia pode ser a melhor solução da igreja para os que lutam com pecados sexuais. A culpa e a vergonha deixam muitos se sentindo isolados e sozinhos. Rosaria Butterfield é uma ex-lésbica que passou mais de uma década

como professora de inglês especializada na teoria queer na Universidade de Siracusa, onde era conselheira para vários grupos de estudantes gays e lésbicas. Hoje, ela é convertida ao Cristianismo, casada com um homem e mãe de quatro filhos a quem ela educa em casa. Não é suficiente, segundo Butterfield, afirmar claramente o que a Bíblia ensina sobre moralidade sexual. Os cristãos também devem praticar a hospitalidade radical. Ela chama isso de compartilhar o evangelho com uma chave de casa. "Se você não está compartilhando o evangelho com uma chave de casa, especialmente com pessoas que estão morrendo rapidamente por causa da solidão — se você não está fazendo isso, por que não fazer?".

Deus promete que a sua ajuda está disponível para aqueles que são tentados: "Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar" (1 Co 10.13). Mas como Deus fornece um caminho? Qual é a sua responsabilidade? "E se a sua casa for um caminho de escape", pergunta Butterfield, "mas você está ocupado demais?".[82]

Pessoas que sofrem de fome física comem até comida insalubre, e pessoas com fome emocional são atraídas para relacionamentos insalubres. É quase impossível seguir a ética sexual bíblica se a compreendemos apenas como uma castidade negativa (não faça isso; é errado, é pecado). A igreja deve fornecer os relacionamentos saudáveis pelos quais as pessoas anseiam.[83]

Os apóstolos ordenavam que os cristãos fossem "hospitaleiros" (1 Pe 4.9), convidando pessoas para a sua casa e tratando uns aos outros como membros de uma família espiritual comum. E não apenas outros cristãos — somos também chamados a "receber bem aqueles [estrangeiros] que vêm à casa de vocês", acolhendo os diferentes e aqueles que podem fazer-nos sentir desconfortáveis.

Em seu livro After Virtue [Depois da Virtude], Alasdair MacIntyre escreve que, conforme a sociedade perde a sua cola de conexão, a resposta mais importante é construir formas locais e pequenas de comunidade, ensinando os nossos filhos e as nossas comunidades como restabelecer relacionamentos fortes em um mundo em declínio: "O que importa nesse estágio é a construção de formas locais de comunidade dentro das quais a civilidade e a vida moral e intelectual podem ser sustentadas durante a nova era obscura que já cai sobre nós".[84] As nossas famílias e igrejas devem tornar-se centros de civilização que vão além de nós mesmos com um modelo de comunidade humana.

As comunidades cristãs mais fortes (famílias, comunidades, grupos de solteiros) são aquelas levadas por uma visão maior — um senso de ministério. Se Deus deu a você um rendimento confiável, um cônjuge amoroso, uma igreja comunitária forte, um grupo de amigos confiável, esses dons não são só para você. Eles são para equipá-lo para alcançar e atrair aqueles que estão quebrados e procurando. Deus está dando a você a oportunidade de trazer a esperança de que o Cristianismo é real, e não apenas palavras — de colocar carne e osso na mensagem de esperança e cura.

Os cristãos devem estar preparados para ministrar ao ferido, aos refugiados da revolução moral secular cujas vidas foram destruídas por suas falsas promessas de liberdade e autonomia. Quando as pessoas são persuadidas de que, em última instância, elas são seres atomísticos desconectados, os seus relacionamentos serão cada vez mais frágeis e fragmentados. Quem nos cerca sofrerá cada vez mais de insegurança e solidão. A nova polarização pode ser uma oportunidade para as comunidades cristãs tornarem-se portos seguros, onde as pessoas possam testemunhar a beleza de relacionamentos que refletem o comprometimento e a fidelidade do próprio Deus.



GUIA DE ESTUDOS

O objetivo deste guia de estudos é ajudá-lo a interagir mais profundamente com as ideias expressas no livro Ama teu Corpo . À medida que você for parafraseando o que aprendeu, reforçando os conceitos nas suas próprias palavras, processará o conteúdo de forma mais plena. Você também juntará novas ideias ao conhecimento que já possui, o que lhe proporcionará uma absorção ainda maior do novo conteúdo.

O essencial para fazer o melhor uso de um guia de estudos não é, simplesmente, apresentar as suas próprias visões e opiniões. Se fizer isso, você estará, meramente, repetindo o que já sabe em vez de aprender algo novo. Nós ampliamos e aprofundamos o nosso pensar ao enfrentarmos ideias não familiares. A estratégia mais eficiente é começarmos cada resposta referindo-nos ao texto. Em primeiro lugar, faça um resumo do que você já aprendeu nas suas próprias palavras. Depois, sinta-se à vontade para apresentar as suas ideias. (Muitas perguntas pedirão, especificamente, que você expresse as suas ideias.)

O objetivo da apologética é aprender a comunicar as suas convicções cristãs de modo mais claro e persuasivo. À medida que você for preenchendo este guia de estudos, não pense somente em dar as “respostas certas”. Pense em como você explicaria essa ideia a uma pessoa que tivesse dúvidas e objeções à ética cristã. Utilize este guia de estudos como uma forma de treinamento para conversas reais que você terá. Como dizem os treinadores da área do esporte: “A sua dedicação nos treinos será a sua dedicação nos jogos”. Portanto, treine para entrar no jogo do mundo real.

Perguntas: Para cada pergunta, escreva uma resposta curta. Certifique-se de que leu todas as notas de rodapé relacionadas ao tema, bem como de incluir essas informações contextuais na sua resposta. (Você poderá pular as notas que somente apresentam citações.) Algumas perguntas incluem partes múltiplas, e a sua resposta deve abranger todas as partes.

Diálogos: Cada capítulo pede que você monte diálogos-amostra. Esse é o mesmo treinamento utilizado por apologistas profissionais. Em uma conversa real, você não poderá, simplesmente, despejar uma grande quantidade de informação sobre

a outra pessoa. Em vez disso, você precisará ir desenvolvendo, pouco a pouco, as suas ideias, em resposta às dúvidas e objeções da outra pessoa. Portanto, esforce-se para tornar os seus diálogos o mais próximo possível da realidade a fim de preparar-se para as conversas com pessoas reais. Os diálogos não precisam ser longos (quatro comentários por parte de cada personagem são suficientes), mas eles devem refletir uma conversa plausível.

Cada diálogo deve começar com uma pessoa hipotética levantando uma objeção com base no tema em questão. Depois, pense em uma resposta que mantenha a sequência da conversa. Divirta-se ao dar nomes criativos para as suas personagens. Os diálogos ajudarão você a superar a lacuna entre saber algo e saber como explicar isso às outras pessoas.

…

Se você estiver passando este guia de estudos para uma turma: Para cada capítulo, escolha somente um diálogo para apresentar em sala, enquanto responde aos outros diálogos como perguntas normais. Quando vier à sala de aula, imprima duas cópias do seu diálogo para que possa lê-lo em voz alta, de forma dramatizada, ao lado de um aluno escolhido para a representação.

INTRODUÇÃO UM GUIA PARA A TERRA DESOLADA

1. Que visão da moralidade cristã foi expressa pela Suprema Corte norte-americana na sua decisão sobre o caso Windsor? Que visão da liberdade religiosa foi expressa pela Comissão Americana de Direitos Civis em 2016? Você já ouviu essas mesmas atitudes serem expressas em algum outro lugar? Apresente um ou dois exemplos a partir da sua própria experiência. Como você responderia a isso?

2. Explique como está surgindo um secularismo global. Quais são as implicações para as missões? Às vezes, as pessoas perguntam se os meus livros sobre cosmovisão aplicam-se somente à cultura norte-americana. Digo a elas o que um missionário disse para mim: que a cultura americana está sendo exportada para o mundo inteiro! Como resultado, ao ler Ama teu Corpo, você aprenderá como interagir com pessoas que vivem em qualquer parte da comunidade global.

3. Explique o conceito dividido de verdade. No passado, os ateus costumavam argumentar que o Cristianismo é falso; hoje eles estão mais propensos a argumentar que ele não é nem mesmo uma questão de verdadeiro ou falso, mas somente uma questão de sentimentos e experiência pessoal. Isto é, eles colocam-no no andar superior dos "valores pessoais" (vide nota de rodapé nº 13). Como isso deveria modificar a forma como apresentamos o Cristianismo ao povo?

4. Apresente uma breve explicação das duas correntes do pensamento ocidental: a tradição iluminista vs o movimento romântico. Como elas estão relacionadas à separação entre fato e valor? Que corrente de pensamento é definida pelo termo modernismo e qual corrente é definida pelo termo pós-modernismo?

CAPÍTULO 1 EU ME ODEIO

1. Explique a teoria da pessoalidade. De que maneira ela é uma consequência da separação entre fato e valor? De que maneira ela expressa uma visão aviltada da vida e do corpo humano?

2. Defina o que é uma visão teleológica da natureza. Que evidência existe de uma visão teleológica da biologia e do cosmos físico?

3. De que maneira o Darwinismo apresentou uma alternativa à visão teleológica da natureza? De que maneira isso afetou não somente o pensamento científico, mas também o pensamento moral?

4. Explique, de modo breve, como o dualismo entre corpo/pessoa está no centro dos argumentos mais comuns de cada uma destas questões:

• Aborto

• Eutanásia

• Hedonismo sexual

• Homossexualidade

• Transsexualismo ou transgenerismo

5. Explique de que maneira a Bíblia apoia uma visão elevada do corpo. Faça um contraste entre a visão bíblica e a visão gnóstica.

6. Quais são as implicações da encarnação para a nossa visão do corpo? Quais são as implicações da ressurreição corpórea de Cristo? Nós costumamos fazer pouco caso da ascensão de Cristo. Porém, qual é o significado da ascensão?

7. Por que Jesus chorou diante do túmulo de Lázaro? Como esse evento ajuda a ilustrar a resposta bíblica ao problema do mal?

8. O que o Novo Testamento quer dizer quando fala da nossa verdadeira cidadania pertencer ao céu? Como esse significado real contrasta com a forma

como esses versículos são normalmente compreendidos?

9. O que é o ascetismo? Qual é a resposta de Paulo ao ascetismo? Na sua experiência pessoal, você considera o ascetismo comum nos dias de hoje?

10. Explique a divisão entre o sagrado e o secular. Por que ela representa um problema? Utilizando material do texto, de que maneira você argumentaria que ela não é bíblica?

11. Por que nós, às vezes, sentimo-nos separados do nosso corpo? Você já teve essa experiência?

12. Explique como manter o equilíbrio entre Criação, Queda e Redenção.

• **Diálogo**

“Por que os cristãos são tão odiosos e intolerantes?” Você está conversando com um não cristão que concorda com a declaração da Suprema Corte norte-americana de que a moralidade cristã é odiosa e nociva. Explique que a posição bíblica sobre o aborto, homossexualidade e outras questões é, na verdade, inspirada por uma visão elevada do corpo.

• **Diálogo**

Você está conversando com um cristão que pensa que este mundo tem pouco

valor e que a nossa ênfase deve ser em chegarmos ao céu. De que maneira você defenderia a ideia de que a Bíblia ensina uma visão elevada acerca da criação e do corpo?

CAPÍTULO 2 A ALEGRIA DA MORTE

1. Por que algumas pessoas defendem que as leis que legalizam o aborto são neutras? Com base no texto, de que maneira você defenderia que elas não são neutras? (Leia também a página 65.)

2. Por que Descartes pensava que esse dualismo de dois andares funcionaria como uma defesa do Cristianismo? (Certifique-se de ler a nota de rodapé nº 12.) Por que a defesa que ele fez deu errado?

3. De que maneira o dualismo de dois andares afeta o modo como as pessoas pensam sobre o aborto? (Releia o material relevante do capítulo 1 e inclua-o na sua resposta.) Por que é logicamente inevitável pensarmos em termos dualistas se aceitarmos o aborto?

4. Se a pessoalidade não está fundamentada em sermos biologicamente humanos, no que ela está fundamentada? Quais são os problemas de qualquer critério proposto?

5. De que maneira o mesmo raciocínio utilizado para apoiar o aborto também acaba apoiando o infanticídio? Que outras práticas ele também acabaria apoiando?

6. Algumas pessoas argumentam que as leis contra o aborto acabariam impondo uma crença religiosa. Fazendo uso do material desse texto, como você responderia a essa objeção?

7. O movimento pró-vida baseia-se em evidências científicas as quais dão conta de que a vida começa na concepção. Faça um resumo dessas evidências com base no texto. Você as considera persuasivas? Por quê? Acrescente qualquer evidência adicional com a qual você esteja familiarizado.

8. Explique como os apoiadores do aborto começaram a negar a ciência, passando a confiar nos conceitos não científicos, não empíricos e metafísicos da pessoalidade. Em suma, eles passaram para o andar superior.

9. Redefina, nas suas próprias palavras, o contra-argumento para dizer que os argumentos em favor do aborto são excludentes, ao passo que os argumentos em favor da vida são inclusivos.

10. De que maneira o materialismo evolucionista reduz o conceito de direitos humanos a um “mito cristão”? Alguma cosmovisão fora do Cristianismo oferece alguma base para os direitos humanos? Defenda a sua resposta.

11. Um casal cristão recebe um diagnóstico de possíveis defeitos de nascença no filho ainda dentro do útero. Os médicos aconselham ambos a procederem o aborto. O marido diz à esposa: “Eu tenho uma opção, mas a escolha é sua”. Você considera que os homens têm direito de expressar a sua opinião sobre o aborto? Por quê?

12. Há várias interpretações errôneas de Êxodo 21.22-25. Releia a nota de

rodapé nº 56 e explique como esse versículo, normalmente, é mal compreendido e como a academia bíblica passou a interpretá-lo recentemente.

13. Faça um resumo do argumento de que a oposição do Cristianismo ao aborto e ao infanticídio, na verdade, expressa uma visão elevada das mulheres. Você concorda? Por quê?

14. Cite algumas formas concretas pelas quais os cristãos podem vivenciar o ensino bíblico sobre o elevado valor da vida humana. Apresente exemplos a partir da sua própria experiência.

• Diálogo

“Mamãe, papai, estou grávida. Quero fazer um aborto.” Imagine que esta seja a sua filha falando, ou que o garoto envolvido seja o seu filho. Ou, imagine que você está conversando com uma amiga que deseja fazer um aborto. Fazendo uso do material desse capítulo, ensaie como você responderia à pessoa nessa situação. Explique que, de forma lógica, o aborto implica uma visão dualista do ser humano — uma visão que, inevitavelmente, desvaloriza os estágios iniciais da vida humana.

• Diálogo

Você é um estudante universitário que está conversando com um professor que afirma que o aborto é baseado na religião e isso não pode ser defendido no ambiente público. De modo respeitoso, interaja com o seu professor para fazer com que ele(a) veja que, na realidade, as pessoas que rejeitam o aborto confiam na ciência, ao passo que aquelas que apoiam o aborto rejeitam a ciência e

confiam puramente no conceito metafísico de pessoalidade.

CAPÍTULO 3 CARO COMPONENTE VALIOSO

1. De que maneira a teoria da pessoalidade, baseada no conceito dos dois andares, está no centro dos argumentos em favor da eutanásia e do suicídio? De que modo até mesmo as pessoas comuns são afetadas, apesar de não terem acesso aos trabalhos acadêmicos sobre bioética? Qual é a sua posição e como você a fundamenta?

2. Por que o Darwinismo levou muitas pessoas a aceitarem a eutanásia? Faça um resumo do pensamento dessas pessoas influentes. Quais são as ideias que elas têm em comum?

- Ernst Haeckel
- Jack London
- Margaret Sanger
- Oliver Wendell Holmes Jr.
- Clarence Darrow

3. “Não imponha sua visão sobre os outros.” Com base no texto, como você responderia a uma pessoa que fizesse essa afirmação?

4. Descreva as questões éticas envolvidas no uso de embriões para pesquisas. Qual é a sua posição e como você a fundamenta?

5. Explique a razão por que não compactuamos com a venda de seres humanos. De que maneira a venda de seres humanos, ou de partes do seu corpo, aviltam a pessoa humana?

6. De que modo o dualismo cartesiano desenvolve-se em cenários futuristas trans-humanos? Certifique-se de memorizar a famosa frase de C. S. Lewis ao final dessa seção.

7. Darwin escreveu um livro chamado A Origem das Espécies; ele, todavia, negava a realidade das espécies. Explique esse paradoxo. Quais são as implicações morais de negar a existência das espécies?

8. O que o texto afirma ser uma base bíblica para a tecnologia genética? Você concorda ou não com isso? Explique por quê?

9. O que acontece com os direitos humanos se eles não forem baseados simples e somente no fato de que somos humanos? Faça um resumo da essência do infame discurso feito por Richard Rorty na UNESCO como exemplo.

10. Algumas pessoas consideram que o movimento pelo direito dos animais contradiz a teoria da pessoalidade. Explique por que isso não é verdade. A seguir, apresente a base bíblica para o respeito pela natureza.

11. De que maneira a visão que o Novo Testamento expressa pelas crianças difere radicalmente da visão predominante na cultura greco-romana? Na sua opinião, qual a probabilidade de as culturas anteriormente cristãs retrocederem

às atitudes romanas com relação às crianças?

12. Se você descobrisse que um filho seu ainda não nascido sofresse de uma doença que ameaçasse a sua vida, você optaria por um aborto? Explique a sua posição, qualquer que seja ela.

13. Descreva a posição cristã que deu início ao “movimento de cuidados paliativos”.

• Diálogo

“Filhos, nós convocamos esta reunião para informar a vocês que decidimos desligar os equipamentos que mantém a vovó viva.” Imagine que você, ou os seus pais, estão tomando a decisão de optar pela eutanásia de uma avó que esteja incapacitada, mas não prestes a morrer. Fazendo uso do material do texto, construa um argumento contra a eutanásia.

• Diálogo

Um cristão, profissional instruído, recentemente me perguntou o que há de errado com o suicídio assistido. Apesar de participar regularmente dos cultos na igreja, aquele homem estava tão influenciado pelo pensamento secular que não compreendia mais as razões bíblicas para a rejeição do suicídio. Imagine que você fosse a pessoa a quem ele tivesse feito essa pergunta e escreva a sua resposta.

CAPÍTULO 4 SEXO ESQUIZOFRÊNICO

1. De que modo a cultura do sexo casual reflete o dualismo cartesiano?

2. O texto afirma que: “Alguns podem pensar que o hedonismo sexual dá ao sexo importância demais, porém, na realidade, ele dá ao sexo importância de menos”. Explique. Você concorda?

3. O texto diz que “A ironia é que, quando os jovens experimentam a sua sexualidade, normalmente acham que estão se rebelando contra a cultura adulta. Só que, na realidade, eles só estão seguindo o script que a cultura adulta está apresentando a eles. Explique. Você concorda que é preciso coragem para praticar a castidade nos dias de hoje?

4. De acordo com o texto, por que algumas pessoas são atraídas para o sexo impessoal, seja por intermédio de outra pessoa, seja pela pornografia? De que maneira você argumentaria que a visão cristã da sexualidade é, na verdade, mais positiva do que a visão secular?

5. Na sua opinião, por que tantos jovens ficam apáticos diante da pornografia? Faça uma lista das consequências negativas da pornografia.

6. Descreva como o corpo cria uma ligação química quando mantemos relações sexuais. Quais são as implicações desse fato?

7. Por que a pornografia é viciante? Descreva o processo de vício.

8. Qual é o impacto da filosofia materialista sobre as teorias da moralidade sexual?

9. Faça resumos breves sobre as ideias dos pensadores abaixo. Quais são os temas que eles têm em comum?

• Freud

• Sanger

• Kinsey

• Reich

• Foucault

10. Por que os pensadores materialistas transformam o prazer sexual em um ídolo? Na sua resposta, explique a dinâmica de Romanos 1. Explique como as visões materialistas do sexo, que tentaram manter a sexualidade no andar de baixo, acabaram tratando-o como um substituto da religião.

11. Como é possível mentirmos com o nosso corpo? Dê alguns dos seus exemplos pessoais.

12. O texto cita a seguinte frase de Timothy Keller: “Sexo é a maneira como Deus designou para duas pessoas dizerem reciprocamente um ao outro: ‘Eu pertenço completa, permanente e exclusivamente a você’”. Você concorda com essa frase? Por quê?

13. Explique como os três atos do drama bíblico — a Criação, a Queda e a Redenção — aplicam-se à nossa sexualidade.

14. Faça um resumo do ensino bíblico sobre o solteirismo. De que maneira as igrejas poderiam melhorar o apoio e ensino aos solteiros?

15. De que modo a educação sexual secular normalmente costuma transmitir a ideia de que os bebês é que “são os inimigos”? Como você explicaria a visão bíblica sobre o sexo e a família para uma pessoa que possui essa visão secular?

• **Diálogo**

“Mãe, pai, eu e minha namorada estamos apaixonados e não acho errado que façamos sexo. Todos os meus amigos fazem.” Imagine que estas sejam palavras vindas do seu filho. Ou imagine que tenham sido ditas por um amigo seu. Utilizando o material deste livro, na forma de um diálogo, ensaie a forma como você argumentaria em favor da visão bíblica da sexualidade.

• **Diálogo**

Você está conversando com um cristão que insiste que devemos somente pregar a Palavra e não nos preocuparmos em estudar cosmovisões. Utilizando o exemplo de pensadores que modelaram as ideias do mundo ocidental sobre a sexualidade, explique como as cosmovisões modelam o modo de pensar das pessoas — a forma como elas se infiltram no mundo das artes, da educação, das revistas e no cinema. Explique que essas ideias são difíceis de serem derrubadas

porque funcionam como substitutas das religiões.

CAPÍTULO 5O CORPO IMPRUDENTE

1. O que desencadeou a mudança nos sentimentos de Sean Doherty, que sentia atração exclusiva por pessoas do mesmo sexo e passou a sentir atração por uma mulher a ponto de casar-se com ela?

2. Faça um resumo das descobertas científicas que demonstram que os sentimentos sexuais têm correlação física. Qual é a sua interpretação dessas descobertas?

3. De que maneira o envolvimento no comportamento de atração pelo mesmo sexo implica um dualismo entre corpo/pessoa (mesmo que as pessoas envolvidas não estejam conscientes disso)?

4. O texto afirma que a ética sexual cristã é pró-corpo, ao passo que a ética sexual secular é anticorpo. De que maneira o livro defende esse ponto de vista? Você concorda? Por que concorda, ou por que não?

5. Explique o dualismo de Kant. Como ele abriu caminho para o pós-modernismo? De que maneira a citação de Camille Paglia captura o contraste entre uma cosmovisão secular e uma visão bíblica acerca da moralidade sexual?

6. A ideia de que o desejo sexual é fixo e central para a nossa identidade é uma invenção recente. Explique quando e como essa ideia foi inventada. (Leia a nota

de rodapé nº 29. Consulte também o capítulo 4, nota de rodapé nº 57). Que problemas são criados quando se coloca a sexualidade no centro da identidade de uma pessoa? De que maneira a APA (American Psychology Association [Sociedade Americana de Psicologia]) rejeitou o "roteiro gay"?

7. O que os cientistas querem dizer quando afirmam que os desejos e sentimentos sexuais são fluidos e mutantes? Quais são as implicações dessas novas descobertas?

8. Explique o significado da metáfora utilizada por Timothy Keller a respeito do guerreiro anglo-saxão e o cidadão urbano de Manhattan. Você concorda com o ponto de vista de Keller? Por quê?

9. Christopher Yuan afirma que o contrário da homossexualidade não é a heterossexualidade, mas, sim, a santidade. Explique o que ele quer dizer. Qual é a diferença entre tentação e pecado?

10. "Foi Deus que me fez gay." Imagine que você tivesse um amigo que fizesse essa afirmação. Como você responderia?

11. Jean Lloyd, uma ex-lésbica, orienta os pastores sobre como dar uma resposta verdadeiramente amorosa às pessoas com atração pelo mesmo sexo. Faça um resumo das suas orientações. Você concorda com ela? Por quê?

12. O que o termo eunuco significa quando é utilizado nas Sagradas Escrituras? Quais seriam algumas estratégias que as igrejas poderiam utilizar para ajudar os solteiros, sejam eles atraídos pelo sexo oposto, sejam pelo mesmo sexo, a viverem uma ética bíblica do sexo? Você tem exemplos a apresentar a partir da

sua própria experiência?

13. Algumas pessoas concordam que versículos bíblicos como Levítico 18.22 referem-se somente à prostituição templária, tal como ela era praticada nos antigos cultos idólatras cananeus, e não se aplicam a relacionamentos amorosos e que implicam relacionamentos comprometidos do mesmo sexo. Como você responderia a isso? Como você fundamentaria a sua resposta?

14. Explique os três tipos de leis contidas no Antigo Testamento. Como essa distinção esclarece o ensino bíblico acerca de questões morais como a homossexualidade?

15. Explique por que a moralidade sexual bíblica, na verdade, aumentou a popularidade do Cristianismo do período da Igreja Primitiva. Quais seriam algumas implicações para a Igreja nos dias de hoje?

• Diálogo

“Mãe, pai, eu sou gay.” Imagine que essas sejam palavras vindas do seu filho. Ou, imagine que um amigo seu tenha procurado você. Utilizando material do texto, de que maneira você responderia? Escreva como seria essa conversa.

• Diálogo

Você está falando com alguém próximo a você, amigo ou familiar, que está questionando a ética bíblica sobre as relações sexuais com o mesmo sexo.

Utilizando material do texto, em forma de diálogo, expresse qual seria a sua melhor defesa da ética bíblica.

CAPÍTULO 6 TRANSGÊNERO, TRANSREALIDADE

1. Explique como a narrativa transgênero expressa o dualismo dos dois andares entre corpo/pessoa, com a depreciação que ele faz do corpo.

2. O texto alega que a narrativa transgênero, na verdade, reforça os estereótipos de gênero. Você concorda ou discorda disso? Explique o porquê da sua resposta.

3. Uma mulher de pele negra citada no texto sugere que um homem que deseje ser mulher, ou vice-versa, está aprisionado no “ódio a si mesmo”. Você concorda? Por quê?

4. O texto afirma: “Pela lógica, poderia haver um número infinito de gêneros”. Explique por quê.

5. O pós-modernismo afirma que o gênero é uma construção social. O que isso significa? Você concorda ou discorda? Explique o porquê da sua resposta.

6. De que maneira Hegel levou-nos ao historicismo e pós-modernismo? Explique os passos nessa progressão e o que os pós-modernistas querem dizer com “desnaturalização” do gênero.

7. O texto afirma que o pós-modernismo (o andar superior) leva o modernismo (o andar de baixo) à sua conclusão lógica. Explique. Em que sentido tanto o pós-modernismo quanto o modernismo são formas de reducionismo?

8. Por que algumas feministas rejeitam as teorias sexuais pós-modernas? O que você pensa acerca desses argumentos?

9. Por que os pós-modernistas afirmam que até mesmo os fatos biológicos são construções sociais? Qual é o erro fatal dessa forma de ceticismo?

10. O texto defende que o pós-modernismo destrói a base dos direitos da mulher. Por quê? Você concorda ou não com isso?

11. O texto argumenta que as leis SOGI (Leis de Orientação Sexual e Identidade de Gênero) aumentarão em muito o poder do Estado. Explique por quê.

12. Mark Yarhouse, na obra Understanding Gender Dysphoria [Entendendo a Disforia de Gênero], afirma que, por um lado, existem igrejas que se utilizam de ideias seculares para descontruir o sexo e o gênero. Por outro lado, existem igrejas que "exageram na correção" ao tornarem-se mais austeras, mais restritivas e mais rígidas na imposição dos papéis sexuais. Você já conheceu alguma igreja que segue uma dessas linhas? Qual é a sua resposta à forma como os pais de Brandon lidaram com os anos de luta com a disforia de gênero?

13. As pessoas que procuram desestabilizar o binarismo entre macho e fêmea costumam alegar a existência de pessoas intersexo. Como o Cristianismo poderia responder a esse fenômeno do intersexo?

14. A correlação mais contundente entre o homossexualismo e o transgenerismo é a não conformidade de gênero na infância. Como isso sugere uma estratégia sensível e compassiva para se tratar dessas crianças?

• Diálogo

“Mãe, pai, eu sou trans. Você pagaria uma cirurgia de mudança de sexo para mim?”. Imagine que estas sejam palavras vindas do seu filho ou filha. Ou imagine que você esteja falando com um amigo que luta contra a identidade de gênero. Utilizando material do texto, de que maneira você responderia? Escreva como seria essa conversa.

• Diálogo

Muitas pessoas nos dias de hoje não estão mais perguntando: “O Cristianismo é verdadeiro?”. Na verdade, elas estão se perguntando: “Por que os cristãos são tão fanáticos?”. Explique, em uma conversa em tom gentil, por que a ética bíblica a respeito das pessoas com atração pelo mesmo sexo ou disforia de gênero é, na verdade, mais amorosa, humana e apoiadora dos direitos humanos do que a ética secular.

CAPÍTULO 7 A DEUSA DA ESCOLHA ESTÁ MORTA

1. Qual é a diferença entre um contrato e uma aliança? Na sua opinião, qual é a atratividade de um contrato para muitas pessoas do mundo contemporâneo? (Por que eles preferem, por exemplo, que o casamento seja um contrato, e não uma

aliança?)

2. De que maneira a teoria do contrato social modelou a física newtoniana? Por que os pensadores sociais tomaram a física como modelo?

3. A teoria do contrato social é a fonte do liberalismo clássico. Descreva os princípios da teoria do contrato social.

4. Por que os primeiros pensadores políticos da era moderna propuseram o que eles chamaram de “estado da natureza”? De que maneira isso deveria suplantar a ideia do jardim do Éden e como isso difere do relato bíblico acerca das origens da sociedade humana? Resuma o impacto dessas diferenças sobre a visão resultante da natureza e dos relacionamentos humanos.

5. Explique como a teoria do contrato social está moldando a atitude das pessoas em relação a cada um dos seguintes temas. Em cada um dos casos, explique também como você criticaria essas atitudes.

• Aborto

• Casamento

• Casamento entre pessoas do mesmo sexo

• Reprodução artificial

6. Explique como a cosmovisão dos dois andares, com o seu desprezo pela biologia, está aumentando o seu poder sobre o Estado em relação ao aborto, eutanásia, casamento, gênero e criação de filhos.

7. Quais são as implicações da Trindade para a teoria social cristã? (Consulte também as análises sobre a Trindade nas seções anteriores do livro.)

8. Explique como os cristãos podem receber de bom grado a nossa natureza biológica como um dom de Deus sem reduzir a nossa identidade ao nível biológico.

9. Muitos cristãos pensam que o argumento bíblico contra a prática homossexual baseia-se em alguns versículos dispersos. Como você argumentaria que o que está em jogo é uma cosmovisão completa? (Utilize o material desse capítulo todo, especialmente as páginas 251-252 e 257-262.)

10. Por que as famílias e as igrejas locais são cruciais para responder construtivamente ao que Alasdair MacIntyre chama de "Nova Idade das Trevas"? Cite algumas formas práticas de fazer isso.

• Diálogo

"O corpo é meu e sou eu quem decide o que cresce nele." Você está tendo uma conversa sobre o aborto com uma moça que faz essa afirmação. Utilizando material do texto, de que maneira você responderia a ela? Escreva como seria essa conversa.

• Diálogo

“De que maneira a legalização do casamento homossexual poderia ferir qualquer outra pessoa? A vida sexual de uma pessoa não diz respeito a nenhuma outra pessoa.” Um amigo faz essa objeção em uma conversa com você sobre o tema. Como você responderia a ele? Explique como uma visão desnaturalizada do casamento leva a uma visão desnaturalizada da família e a um grande aumento do poder do Estado. (Para redigir esse diálogo, também faça uso de material do capítulo 6 deste livro.)



NOTAS

• Introdução

[1] Chairman Martin R. Castro, “Peaceful Coexistence: Reconciling Nondiscrimination Principles with Civil Liberties”, US Commission on Civil Rights, 29 de setembro de 2016.

[2] Para exemplos específicos, vide John Corvino e Maggie Gallagher, Debating Same-Sex Marriage (Nova York: Oxford University Press, 2012); Ryan T. Anderson, Truth Overruled: The Future of Marriage and Religious Freedom (Washington, DC: Regnery, 2015).

[3] Vide Gabriele Kuby, The Global Sexual Revolution: Destruction of Freedom in the Name of Freedom (Kettering, OH: Angelico Press, 2015).

[4] Leonardo Blair, “Nearly Two-Thirds of Christian Men Watch Pornography Monthly: They Are Watching at the Same Rate as Secular Men, Says Study”, The Christian Post, 27 de agosto de 2014.

[5] Mike Genung, “How Many Porn Addicts Are There in Your Church?” Crosswalk, 17 de junho de 2005.

[6] Linda Lyons, “How Many Teens Are Cool with Cohabitation?” Gallup.com, 13 de abril de 2004.

[7] Bradley R. E. Wright, Christians Are Hate-Filled Hypocrites… and Other Lies You've Been Told (Minneapolis: Bethany, 2010), p. 133.

[8] Os "millennials" são definidos como as pessoas que nasceram entre 1981 e 1996. Caryle Murphy, "Most U.S. Christian Groups Grow More Accepting of Homosexuality", Pew Research Center, 18 de outubro de 2015.

[9] Samuel Smith, "70% of Women Who Get Abortions Identify as Christians, Survey Finds", The Christian Post, 25 de novembro de 2015.

[10] Stanley Hauerwas, Vision and Virtue (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1974), p. 155.

[11] C. S. Lewis, "Man or Rabbit?" God in the Dock (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), p. 108-109.

[12] Francis Schaeffer popularizou a metáfora dos dois andares em livros como Escape from Reason [A Morte da Razão] e The God Who Is There [O Deus que Intervém], em The Complete Works of Francis A. Schaeffer, vol. 1 (Wheaton, IL: Crossway, 1982). Ele foi influenciado pela análise mais acadêmica do dualismo feita por Herman Dooyeweerd em Roots of Western Culture: Pagan, Secular, and Christian Options (Toronto: Wedge, 1979; orig., Zutphen, Netherlands: J. B. van den Brink, 1959); In the Twilight of Western Thought (Nutley, NJ: Craig, 1972; orig., Presbyterian & Reformed, 1960); bem como o seu conjunto de quatro volumes A New Critique of Theoretical Thought (Ontario: Paideia Press, 1984; originalmente publicado em holandês em 1935).

[13] Reconheci essa ligação pela primeira vez ao escrever uma revisão da obra The Wedge of Truth, de Phillip E. Johnson. Vide Nancy Pearcey, “A New Foundation for Positive Cultural Change: Science and God in the Public Square”, Human Events, 15 de setembro de 2000. Os historiadores normalmente identificam a separação entre fato e valor como tendo origem no filósofo David Hume. Por ser um empirista radical, Hume argumentava que, como as verdades morais não podem ser detectadas empiricamente, elas não são reais. O que consideramos fatos morais seriam, na realidade, somente “sentimentos e desejos”. Entretanto, foi Kant quem formalizou a divisão (como veremos no capítulo 5). Foram os positivistas lógicos que propuseram uma forma particularmente agressiva dessa separação — de que as afirmações morais e teológicas não são somente falsas, mas cognitivamente sem sentido. Para mais detalhes, consulte o meu livro Saving Leonardo: The Secular Assault on Mind, Meaning, and Morals (Nashville: B&H, 2010).

[14] Anthony Quinton, conforme citado por Simon Critchley, “Introduction”, A Companion to Continental Philosophy, editado por Simon Critchley e William R. Schroeder (Oxford, UK: Blackwell, 1998), p. 7; Critchley, “Introduction”, p. 14. No século XX, essas duas tradições filosóficas foram chamadas de analítica (andar inferior) e continental (andar superior). Um filósofo afirmou que: “Às vezes, parece que a filosofia analítica e a continental são, na verdade, duas filosofias separadas e que não têm muita coisa em comum”. Michael Dummett, Origins of Analytical Philosophy (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996), p. 193.

[15] Para ter acesso a uma análise sobre o porquê de todas as cosmovisões não bíblicas, em última análise, produzirem as duas histórias e gerarem contradições internas, vide o meu livro Finding Truth: 5 Strategies for Unmasking Atheism, Secularism & Other God Substitutes (Colorado Springs: David C. Cook, 2015).

[16] Para saber como a separação entre as visões iluminista e romântica é expressa nas artes e ciências humanas, confira o meu livro Saving Leonardo.

• Capítulo 1 - Eu me Odeio

[1] Vide Jennifer Roback Morse, The Sexual Revolution and Its Victims (San Marcos, CA: Ruth Institute Books), 2015.

[2] Miranda Sawyer, “I Knew Where I Stood on Abortion. But I Had to Rethink” [Eu sabia a minha posição sobre o aborto, mas precisei revê-la]. The Guardian, 7 de abril de 2007.

[3] Ibid.

[4] A análise do dualismo feita por Schaeffer é similar à feita pelo falecido papa João Paulo II. Vide o meu ensaio, “Evangelium Vitae: John Paul Meets Francis Schaeffer”, The Legacy of John Paul II, editado por Tim Perry (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007). Descobri pela primeira vez que a análise do dualismo de Schaeffer poderia ser aplicada aos argumentos do aborto ao ler Robert George, A Clash of Orthodoxies (Wilmington, DE: Intercollegiate Studies Institute, 2001). Vide também Robert George e Christopher Tollefsen, Embryo: A Defense of Human Life (Nova York: Random House, 2008); Patrick Lee e Robert George, Body-Self Dualism in Contemporary Ethics and Politics (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2008); Gerard V. Bradley e Robert P. George, “Marriage and the Liberal Imagination” Scholarly Works (1995), paper 878.

Outras fontes sobre o dualismo nos debates sobre o aborto são os escritos de William E. May, tais como “Philosophical Anthropology and Evangelium Vitae”, http://www.christendom-awake.org/pages/may/philanthropol.htm; “What Is a Human Person and Who Counts as a Human Person?” [O que é uma Pessoa Humana e Quem Conta como Ser Humano?] http://www.christendom-awake.org/pages/may/humanperson.htm.

[5] Em contraste com o dualismo, o monismo defende que a realidade consiste de uma única substância. O materialismo é monista porque defende que existe somente uma substância, a saber: a matéria. O panteísmo é, igualmente, monista porque defende que existe somente uma única substância, a saber: o espírito. Vide J. P. Moreland e Scott Rae, Body and Soul (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000). Dentre os filósofos cristãos que defendem o dualismo em contraponto ao materialismo, estão Alvin Plantinga e Richard Swinburne. Vide os ensaios deles em Persons: Human and Divine, editado por Peter Van Inwagen e Dean Zimmerman (Nova York: Oxford University Press, 2007).

[6] Pearcey, Saving Leonardo, p. 85.

[7] Vide, por exemplo, Brian Charlesworth e Deborah Charlesworth, Evolution: A Very Short Introduction (Oxford, UK: Oxford University Press, 2003), capítulo 5.

[8] Howard A. Smith, “Does Science Suggest Humans Have a Cosmic Role? Almost in Spite of Themselves, Scientists Are Driven to a Teleological View of the Cosmos” [A Ciência Sugere que os Seres Humanos Têm um Papel Cósmico? Quase apesar deles mesmos, os Cientistas São Levados a Aceitar um Visão Teleológica do Cosmos] Nautilus, dezembro de 2016.

Para saber mais sobre o DNA, confira a minha análise em The Soul of Science (Wheaton, IL: Crossway, 1994), ch. 10; Stephen C. Meyer, Signature in the Cell (Nova York: Harper Collins, 2099). Para saber mais sobre ajuste fino, vide Hugh Ross, The Creator and the Cosmos: How the Latest Scientific Discoveries of the Century Reveal God, terceira edição (Colorado Springs: Nav Press, 2001); Guillermo Gonzalez e Jay Richards, The Privileged Planet: How Our Place in the Cosmos Is Designed for Discovery (Nova York: Routledge, 2014). Para ler mais sobre Teleologia na natureza, vide William Dembski, Being as

Communion: A Metaphysics of Information (Nova York: Routledge, 2014).

[9] Jacques Barzun, Darwin, Marx, Wagner (Chicago: University of Chicago Press, 1981), p. 11.

[10] Richard Dawkins, The Blind Watchmaker (Nova York: Norton, 1980), p. 5.

[11] Charles Taylor, Sources of the Self: The Making of Modern Identity (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989), p. 148-149.

[12] O filósofo David West resume essa mudança nas seguintes palavras: Quando a natureza era considerada “uma manifestação da vontade de Deus”, o objetivo do conhecimento era “cumprir os desígnios de Deus” e viver em harmonia com os seus propósitos. Porém, se a natureza não revelar o propósito de Deus, então o objetivo do conhecimento é meramente melhorar “a nossa capacidade de prever e controlar a natureza” para atender às nossas próprias necessidades e preferências. Continental Philosophy: An Introduction, 2. ed. (Cambridge, Inglaterra: Polity Press, 2010), p. 15. De modo semelhante, Roger Lundin do Wheaton College explica: “Com a perda da crença no significado espiritual e ético da criação e do corpo humano”, estes se tornaram “essencialmente mecanismos amorais para serem usados para qualquer fim privado que tenhamos”. The Culture of Interpretation: Christian Faith and the Postmodern World (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), p. 102. Como João Paulo II explica, a natureza não é mais considerada como intrinsecamente boa, revelando a bondade do seu Criador, mas só instrumentalmente boa à medida que ela é utilizada para se atingir os propósitos humanos (Veritatis Splendor, §46).

[13] “Peter Jennings Interviews Sen. John Kerry”, ABC News, 22 de julho de 2004.

[14] Wesley J. Smith, “Personhood Theory: Why Contemporary Mainstream Bioethics is Dangerous”, National Review, 25 de março de 2005.

[15] Vide Wesley Smith, The Culture of Death (Nova York: Encounter Books, 2000), p. 73-78. Em alguns casos, pode haver boas razões para não se prolongar a vida por “medidas extraordinárias”, ou seja, procedimentos dolorosos e invasivos que levam as pessoas a morrerem ligadas a máquinas em ambientes hospitalares estéreis. Confira o capítulo 3 deste livro. Só que água e comida não deveriam ser considerados “medidas extraordinárias”.

[16] Wendy Shalit, Girls Gone Mild: Young Women Reclaim Self-Respect and Find It’s Not Bad to Be Good (Nova York: Random House, 2007).

[17] Kathy Dobie, “Going All the Way: A Reporter Argues That Young Women Are Fooling around with Their Emotional Health”, Washington Post, 11 de fevereiro de 2007; Nona Willis-Aronowitz, “The Virginity Mystique”, The Nation, 19 de julho de 2007.

[18] “What Kids Want to Know About Sex and Growing Up”, Children’s Television Workshop, 1992, a “1-2-3 Contact Extra” special program. O vídeo prossegue definindo a homossexualidade como “duas pessoas do mesmo gênero proporcionando prazer uma à outra”. Em outras palavras, se o sexo estiver tão desconectado de quem você é como pessoa, por que o seu gênero teria alguma importância? Analisaremos isso no capítulo 5.

[19] Benoit Denizet-Lewis, “Friends, Friends with Benefits and the Benefits of the Local Mall”, New York Times, 30 de maio de 2004.

[20] Oliver O’Donovan, Transsexualism and Christian Marriage (Cambridge, Inglaterra: Grove Books, 1982, 2007), p. 19.

[21] Jessica Savano, “I Am Not My Body”, Kickstarter, https://www.kickstarter.com/projects /216830801/i-am-not-my-body.

[22] Beth Felker Jones, Marks of His Wounds (Oxford, UK: Oxford University Press, 2007), p. 4, grifo (itálico) acrescentado.

[23] Susan Bordo, Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body (Berkeley: University of California Press, 1993, 2003), p. 301, 245. Você poderia redarguir que até mesmo Paulo disse que “disciplinava” o seu corpo e fazia dele um “escravo”. Todavia, o contexto bíblico, claramente demonstra que Paulo estava falando da sua luta contra o pecado, o que, normalmente, se expressa em atos físicos. A Bíblia não ensina que o corpo, em si mesmo, é a fonte do mal. Para ter acesso a uma análise mais completa, consulte a segunda metade deste capítulo.

[24] Joseph Fletcher, Morals and Medicine (Boston: Beacon, 1954), p. 218.

[25] “O racionalismo científico encabeçado por Descartes é, acima de tudo, um ataque ao corpo. O seu primeiro princípio é que o corpo humano, junto com toda a matéria, deve ser encarado como um objeto do poder”. Michael Waldstein, “Introduction”, in John Paul II, Man and Woman He Created Them: A Theology of the Body (Boston: Pauline Books & Media, 1997, 2006), p. 95.

Como foi dito no Colóquio de Ramsey, as posições morais seculares assumem “o pressuposto de que o corpo é pouco mais do que um instrumento para a

satisfação do desejo e que a satisfação do desejo é a essência do eu. A partir de fundamentos bíblicos e filosóficos, nós rejeitamos esse dualismo radical entre o eu e o corpo. Os nossos corpos têm a sua própria dignidade, suportam as suas próprias verdades e são partícipes da nossa pessoalidade de modo fundamental". The Ramsey Colloquium, "The Homosexual Movement", First Things, março de 1994.

[26] Gilbert Meilander, Bioethics: A Primer for Christians, 3. ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996, 2005, 2013), p. 6.

[27] Donn Welton, "Biblical Bodies", Body & Flesh: A Philosophical Reader, editado por Donn Welton (Oxford, UK: Blackwell, 1998), p. 255.

[28] Peter Brown, The Body and Society: Men, Women, and Sexual Renunciation in Early Christianity (Nova York: Columbia University Press, 1988), lix–lx.

[29] Rabbi Lord Jonathan Sacks, "The Love That Brings New Life into the World", anotações de uma palestra feita no Vaticano em 17 de novembro de 2014, http://rabbisacks.org/love-brings-new -life-world-rabbi-sacks-institution-marriage/.

[30] Citado por Brown, Body and Society, p. 68.

[31] A palavra que Jesus utilizou é "a palavra grega mais forte para expressar a ideia de indignação furiosa, referindo-se a um cavalo de batalha que empina as patas dianteiras e solta ar quente pelas ventas, ao seguir resolutamente para a batalha. A expressão "bufar no espírito", que é a expressão mais forte do grego para expressar ira, é a utilizada para referir-se a Jesus". Os Guinness, The Dust

of Death (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973), p. 384-385.

[32] Brown, Body and Society, lx.

[33] John Donne (1572-1631), “Death, Be Not Proud (Holy Sonnet 10)”, poets.org, https:// www.poets.org/poetsorg/poem/death-be-not-proud-holy-sonnet-10.

[34] C. S. Lewis, The Great Divorce (Nova York: Macmillan, 1946), p. 28.

[35] Muitas pessoas levantam uma objeção aqui: Os cristãos não tomam o conceito de ressurreição emprestado das religiões pagãs de mistério com os seus relatos de deuses que morriam e ressuscitavam? Não. Os estudiosos não encontraram qualquer história que envolva ressurreição antes de Jesus. Até mesmo o estudioso cético Bart Ehrman afirma: “A maioria dos estudiosos concorda [...] que não existe qualquer evidência inequívoca de que nenhum pagão, antes do Cristianismo, cria na morte e ressurreição de deuses”. Bart Ehrman, Did Jesus Exist? The Historical Argument for Jesus of Nazareth (Nova York: HarperOne, 2012), p. 230. N. T. Wright afirma que a “negação da ressurreição corpórea também está lá em Homero, Platão e Plínio, e falamos aqui, consistentemente, de um período de mil anos de paganismo que chega até a época de Jesus”. Craig A. Evans and N. T. Wright, Jesus: The Final Days, editado por Troy Miller (Louisville: Westminster John Knox, 2008), p. 77, 84.

Quando os relatos de morte e ressurreição dos deuses, de fato, aparecem, eles não tinham a intenção de relatar acontecimentos históricos, mas como metáforas do ciclo anual das estações. “[Estes] cultos encenavam a morte e a ressurreição do seu deus como metáfora, cujo referente concreto era o ciclo de semeadura e colheita.” N. T. Wright, The Resurrection of the Son of God (Minneapolis: Fortress, 2003), p. 80.

[36] N. T. Wright, Surprised by Hope (Nova York: HarperOne, 2008), p. 50.

[37] Ibid.

[38] Vide N. T. Wright, Paul for Everyone: The Prison Letters: Philippians, Colossians, and Philemon (Louisville: Westminster John Knox, 2004), p. 126-127.

[39] C. S. Lewis, Mere Christianity, edição revista e ampliada (Nova York: HarperCollins, 1952, 1980), p. 37.

[40] Para uma análise mais ampla do motivo por que a Bíblia não endossa o ascetismo, vide Ranald Macaulay e Jerram Barrs, Being Human: The Nature of Spiritual Experience (Downers Grove, IL: IVP Academic, 1998).

[41] Lewis, Mere Christianity, p. 64. Existem também formas liberais de teologia que insistem que Jesus não realizou milagres reais no mundo físico — que Ele, na verdade, não caminhou sobre a água, nem curou enfermos, tampouco ressuscitou dentre os mortos — mas que estas eram somente formas mitológicas de falar que a Igreja Primitiva encontrou para expressar a sua fé. A teologia liberal é semelhante ao Gnosticismo no seu desdém pela vida corporal neste mundo.

[42] Citado em Felker Jones, Marks of His Wounds, p. 39.

[43] Welton, “Biblical Bodies”, p. 250.

[44] Obra atribuída a Justino Mártir, “The Dignity of the Body”, https://www.ewtn.com/faith /teachings/rbodb2.htm.

• Capítulo 2 - A Alegria da Morte

[1] Antonia Senior, “Yes, Abortion Is Killing. But It’s the Lesser Evil”, The Times, 1º de julho de 2010.

[2] A título de exemplo, um livro-texto de embriologia afirma: “Um zigoto é o princípio de um novo ser humano (isto é, um embrião). [...] O desenvolvimento humano começa na fertilização quando um gameta macho (ou espermatozoide) une-se com um gameta feminino (óvulo) para formar uma única célula — um zigoto. Essa célula altamente especializada e totipotente marca o início de cada um de nós como indivíduo único”. Keith L. Moore e T. V. N. Persaud, The Developing Human: Clinically Oriented Embryology, 5. ed. (2003), p. 2, 16. Para ter acesso a outras citações de livros-textos, vide Sarah Terzo, “41 Citações de Livros-textos Médicos que Provam o Início da Vida Humana na Concepção”, LifeNews.com, 8 de janeiro de 2015.

Em algum ponto, todos somos questionados: Uma mulher não pode fazer o que bem entender com o seu próprio corpo? Sim, só que o feto não faz parte do corpo da mãe. Como uma enfermeira obstetra escreveu:

É a placenta e o cordão umbilical que separam a mãe do bebê e provam que o feto nunca fez parte do corpo da mãe. [...] A placenta e o cordão umbilical existem, exatamente, porque o bebê tem um sistema circulatório diferente do da

sua mãe, e o sangue de ambos não pode ser misturado. Se algo acontece, como, por exemplo, um ferimento traumático que provoca a mistura dos sangues, as complicações são muito graves. Se o feto não fosse um ser humano separado, mas tão-somente uma outra parte do corpo da mãe, ele não precisaria de uma placenta e de um cordão umbilical para separá-lo da mãe. Ele poderia, simplesmente, crescer dentro das suas cavidades corporais, como um tumor, sem qualquer barreira entre os dois para proteção mútua. (Cynthia Isabell, "How a Formerly Pro-Choice Nursing Instructor Discusses Abortion with her Students", The Torch, 2 de agosto de 2016.)

[3] Dentro de poucas horas, o óvulo recentemente fertilizado tem um eixo de alto a baixo (significando que o local onde a cabeça e os pés surgirão já está determinado desde o início). "Até mesmo o mais tenro embrião, ao que parece, é mais do que somente uma coleção amorfa de células; ele é um organismo integrado e que se autodesenvolve." Meilander, Bioethics, p. 32.

Algumas pessoas caricaturam os argumentos pró-vida ao afirmar que, se protegemos os embriões, então também deveríamos proteger os espermatozoides e os óvulos. Só que os gametas não são organismos completos ou distintos. Eles fazem parte do corpo masculino ou feminino. Caso se combinem, eles não sobrevivem; antes, o seu material genético entra para o novo organismo que é criado. Vide Robert George, Conscience and Its Enemies, edição atualizada e ampliada. (Wilmington, DE: Intercollegiate Studies Institute, 2016), p. 200-201.

[4] Joseph Fletcher, Humanhood: Essays in Biomedical Ethics (Buffalo, NY: Prometheus Books, 1979), p. 11, itálico acrescentado.

[5] "Hans Küng Joins Abortion Debate in Mexico", California Catholic Daily, 6 de abril de 2007.

[6] Peter Singer, “The Sanctity of Life”, Foreign Policy, setembro/outubro de 2005.

[7] Roe v. Wade, 410 U.S. 113 (1973).

[8] Para Platão, o corpo, por meio das suas exigências físicas, é o que nos desvia constantemente daquilo que verdadeiramente importa — a vida espiritual e intelectual. Nas suas palavras, o corpo “impede-nos de buscar a verdade; ele é o que nos enche de amores e cobiças e temores e fantasias de toda espécie e tolices intermináveis”. Bordo, Unbearable Weight, p. 145.

[9] Como argumentou Foucault, a proposta de Descartes segundo a qual a natureza é mecânica não se trata de uma descoberta empírica, mas de uma suposição metafísica — “metafísica porque a ideia de que somos fisicamente nada mais do que máquinas não foi uma ideia científica e que pudesse ser confirmada, mas algo que surge a partir de uma visão básica e não verificável daquilo que, realmente, consiste e é, portanto, ‘metafísico’”. Citado por John McCumber, Time and Philosophy: A History of Continental Thought (Montreal: McGill-Queen’s University Press, 2011), p. 326.

[10] A frase é de Gilbert Ryle, “The Ghost in the Machine”, The Concept of Mind (Londres: Hutchinsons, 1949).

[11] Daniel Dennett, “The Origins of Selves”, Cogito 3 (outono de 1989): 163-173. O próprio Dennet discorda dessa posição, mas observa que essa é a forma como a maioria dos ocidentais pensa, estejam eles cientes disso ou não.

[12] Muitos outros adeptos da cosmovisão mecanicista também eram cristãos, notadamente Marin Mersenne e Pierre Gassendi, ambos clérigos, bem como os

pioneiros da ciência Robert Boyle e Isaac Newton. Eles também entendiam a filosofia mecanicista como um modo de defender o Cristianismo. Afinal de contas, uma máquina precisa de um inventor, um projetista (ou "Designer"). Se o Universo for semelhante a uma ferramenta mecânica, então alguém deve tê-lo criado e dado corda nessa máquina. Além disso, as ferramentas são inventadas com um propósito, para cumprir uma função. Destarte, uma cosmovisão mecanicista implicava que o Universo fora criado com um propósito. Como escreveu o historiador John Herman Randall: "Todo o formato da ciência newtoniana praticamente forçou as pessoas, como uma hipótese científica necessária, a acreditarem em um Criador exterior". The Making of the Modern Mind (Nova York: Columbia University Press, 1926, 1940), p. 276.

Até mesmo a famosa frase de Descartes "Penso, logo existo" (Cogito, ergo sum) tinha a intenção de ser uma afirmação religiosa. Como o pensamento é uma atividade espiritual, seu argumento servia como resposta àqueles que negavam a existência do espírito humano. E, a partir daí, Descartes construía um argumento em favor da existência de Deus. Ele argumentava que, como Deus é bom, Ele não nos enganaria ao criar-nos de forma que estivéssemos sujeitos à ilusão constante. Portanto, o que "eu penso" pode ser digno de confiança. Para saber mais sobre Descartes, vide meu livro The Soul of Science: Christian Faith and Natural Philosophy (Wheaton, IL: Crossway, 1994).

[13] T. Z. Lavine, From Socrates to Sartre: The Philosophic Quest (Nova York: Bantam Books, 1984), p. 128. Vide também Stephen Shapin, The Scientific Revolution (Chicago: University of Chicago Press, 1996), p. 30ss.

[14] Jacques Maritain, The Dream of Descartes (Nova York: Philosophical Library, 1944), p. 179. O próprio Descartes pode não ter desejado uma polarização tão extremada. Vide John W. Cooper, Body, Soul, and Life Everlasting: Biblical Anthropology and the Monism-Dualism Debate (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), p. 14-15.

[15] Dos muitos livros sobre esse assunto, vide, por exemplo, Carolyn Merchant, The Death of Nature (Nova York: HarperCollins, 1980).

[16] E o que dizer da gravidez gemelar? Há quem argumente que o fenômeno dos gêmeos monozigóticos (ou gêmeos idênticos) prova que o embrião, nos primeiros dias da sua gestação, não é um indivíduo humano. Todavia, a gravidez gemelar pode ser considerada uma forma de clonagem natural: Num estágio muito inicial, um embrião pode separar-se de um grupo de células e tornar-se um organismo distinto. Todavia, isso não significa que o embrião fosse somente uma massa indiferenciada de células antes disso. Imagine uma tênia (um tipo de verme intestinal): Partes de uma tênia podem separar-se e tornar-se um organismo completo. Só que isso nao significa que a tênia original não era um membro completo da sua espécie. Ambos continuam a existir como indivíduos plenos, assim como gêmeos idênticos continuam a existir e a desenvolver-se como indivíduos plenos. Vide George, Conscience and Its Enemies, p. 211-212.

[17] Fletcher, Humanhood, p. 12. De modo semelhante, Mary Anne Warren, da Universidade Estadual de São Francisco, afirma que a pessoalidade baseia-se na capacidade de consciência, raciocínio, atividade automotivada, comunicação e autoconsciência em “Sobre o Status Moral e Legal do Aborto”, The Monist 57, n. 1 (1973): 43-61. Sobre a inadequação desse critério funcional para a pessoalidade, vide Francis J. Beckwith, “Abortion, Bioethics, and Personhood”, The Southern Baptist Journal of Theology 4, n. 1 (2000): 16-25.

Já houve quem sugerisse que, se determinarmos o fim da vida pela morte cerebral, talvez possamos determinar o início da vida pelo nascimento do cérebro. O problema é que o desenvolvimento cerebral pré-natal é demasiadamente gradual e contínuo para permitir um ponto claro de transição.

Exemplos de marcos propostos incluem a formação inicial do córtex cerebral (cf. Haring 1972) e a primeira leitura detectável de um eletroencefalograma cortical (cf. Gertler 1986). A maior dificuldade com essa abordagem é que o

desenvolvimento do cérebro pré-natal é um processo gradual e não apresenta pontos de transição definidos e qualitativos que poderiam ser, mais naturalmente, associados às transformações importantes de uma não pessoa para uma pessoa. Além disso, muitos dos pontos de referência propostos para demarcar a transição dependem tanto das nossas técnicas de estudo das funções cerebrais do feto quanto do cérebro do feto propriamente dito. Por exemplo, se tivéssemos que medir a função cortical por uma escala mais sensível do que o eletroencefalograma, poderíamos encontrar atividade cerebral em uma idade gestacional ainda anterior. Se fôssemos medir a função cortical de forma mais seletiva do que um eletroencefalograma, isto é, utilizando um método que distingue tipos diferentes de atividade neural, poderíamos descobrir que o córtex não começa a funcionar como um córtex humano normal até uma idade gestacional bem avançada. Como Green (por exemplo, em 2002) demonstrou, o estudo do desenvolvimento do cérebro pré-natal não revelou qualquer fissura óbvia que separasse o tecido de um humano jovem não pessoa, de um humano jovem pessoa, nem mesmo de humanos jovens que pudessem ser considerados futuras pessoas. (Martha J. Farah and Andrea S. Heberlein, “Personhood and Neuroscience: Naturalizing or Nihilating?” The American Journal of Bioethics 7, n. 1 [2007]: 37-48).

[18] Scott Klusendorf, The Case for Life (Wheaton, IL: Crossway, 2009), p. 53.

[19] Friedrich Nietzsche, The Will to Power, tradução de Walter Kaufmann e R. J. Hollingdale (Nova York: Random House, 1967), sect. 765, itálico acrescentado.

[20] Sawyer, “I Knew Where I Stood on Abortion. But I Had to Rethink”.

[21] John Harris, “Wrongful Birth”, Philosophical Ethics in Reproductive Medicine, editado por D. R. Bromham, M. E. Dalton, e J. C. Jackson (Manchester: Manchester University Press, 1990), p. 156-171.

[22] James Watson, “Children from the Laboratory”, Prism: The Socioeconomic Magazine of the American Medical Association 1, n. 2 (1973): 12-14, 33-34. O comentário de Francis Crick foi publicado pelo Pacific News Service, janeiro de 1978.

[23] Citado por Mark Oppenheimer, “Who Lives? Who Dies? — The Utility of Peter Singer”, Christian Century (3 de julho de 2002), p. 24-29.

[24] Lois Rogers, “Babies with Club Feet Aborted”, The Sunday Times (28 de maio de 2006).

[25] Floyd vs Anders, p. 444 F. Supp. 535, at 539 (1977).

[26] “Abortion Doctor Kermit Gosnell Convicted of First-Degree Murder”, U.S. News, 13 de maio de 2013.

[27] George Will, “Johns Hopkins’s and Planned Parenthood’s Troubling Extremism”, Washington Post, 5 de abril de 2013.

[28] Citado por Melanie Hunter, “Scarlett Johansson: ‘Abortion is a Human Rights Issue’”, CNS News, 18 de outubro de 2016. Confira a resposta de J. Richard Pearcey, “Scarlett Johansson’s Non-Inclusive, Blood-Stained ‘Human Right’”, CNS News, 19 de outubro de 2016.

[29] Scott Klusendorf, “How to Defend Your Pro-Life Views in 5 Minutes or Less”, Life Training Institute, http://prolifetraining.com/resources/five-minute-

1/.

O que dizer das exceções mais comuns, como o estupro e o incesto? Pense nisso desta forma: Uma criança deveria ser levada à pena de morte por causa de um crime cometido pelo pai? Além disso, pesquisas mostram que 75-80% das mulheres que engravidam depois de um estupro escolhem levar adiante a gravidez em vez de fazerem um aborto. Por quê? Porque o aborto não apaga o trauma do estupro. “Trata-se de um trauma adicional para a mulher, de forma que ele potencializa em vez de amenizar o trauma do estupro.” Isabell, “How a Formerly Pro-Choice Nursing Instructor Discusses Abortion”.

Duas vítimas de estupro explicam por que levaram a gravidez até o fim. Uma delas entregou a criança para adoção, e outra decidiu criar o filho. Crystal Blount, “I Became Pregnant at 14 after Rape. If You Think I Should Have Had an Abortion, Consider This” [Eu Engravidei com 14 Anos depois de um Estupro. Se Você Acha que Eu Deveria Fazer um Aborto, Pense Nisso]. Life News, 14 de maio de 2015; Jennifer Christie, “My Son Was Conceived in Rape, but His Life Has Dignity and a Purpose”, Live Action News, 3 de abril de 2016.

[30] Confira os vídeos amadores produzidos pela Central do Progresso Médico no endereço eletrônico http://www.centerformedicalprogress.org/cmp/investigative-footage/. A ONG Planned Parenthood alega não estar revendendo partes de corpos de fetos para obter lucro, mas somente cobrando uma “taxa de manuseio”. Entretanto, essa taxa de manuseio é tão alta que a prática acabou se tornando uma fonte de renda para a organização.

[31] Leon Kass, Life, Liberty, and the Defense of Dignity: The Challenge for Bioethics (São Francisco: Encounter Books, 2002), p. 17. Vide também a página 286.

[32] Alberto Giubilini e Francesca Minerva, “After-Birth Abortion: Why Should the Baby Live?” Journal of Medical Ethics 39 (2013): 261-263. Os autores

argumentam que: “O status moral de um infante é equivalente ao de um feto, ou seja, nenhum deles pode ser considerado uma ‘pessoa’ em um sentido moral relevante”. Recém-nascidos “podem ou não se tornar pessoas específicas, a depender da nossa decisão”, argumentam os autores. Até então, o recém-nascido não impõe qualquer obrigação sobre nós “porque não somos justificados ao tomar por certo que ele existirá como pessoa no futuro. Se ele existirá ou não é exatamente do que se trata a nossa decisão”. Os autores utilizam o termo “aborto pós-parto” em vez de “eutanásia” porque o melhor interesse da pessoa que morre não é necessariamente o critério fundamental da decisão.

[33] Ibid.

[34] Vide “Lives Not Worth Living: The Nazi Eugenic Dream in Our Own Time”, sem autor informado, Aleteia, 13 de setembro de 2014.

[35] Libby Anne, “Abortion, Heartbeats, and Souls”, Love, Joy, Feminism, 11 de fevereiro de 2012. http://www.patheos.com/blogs/lovejoyfeminism/2012/02/abortion-heartbeats-and -souls.html. De modo similar, a Coalisão Nacional Pró-Aborto afirma que as leis são, “na verdade, um meio de reforçar o conceito religioso de que a alma está presente no corpo a partir do momento da concepção”. Citado por Pamela Winnick, A Jealous God: Science’s Crusade Against Religion (Nashville: Thomas Nelson, 2005), p. 18.

[36] Aqueles que, de fato, falam no aborto em termos de almas tendem a abraçar as ideias da reencarnação de origem oriental, ou da Nova Era — e, de modo irônico, eles tipicamente aceitam o aborto. Starhawk, uma autora proeminente do neopaganismo feminista e do culto à deusa, escreveu:

“A religião da Deusa não tem regras rígidas e herméticas a respeito de quando

um conjunto de células fetais torna-se um ser [...]. As mulheres são agentes morais, e, nas tradições pagãs e da Deusa, cada um de nós é a sua própria autoridade espiritual. Temos o direito de enfrentar, nós mesmas, essas questões, e não as recebermos predeterminadas por autoridades governamentais. Nós temos o direito de determinar o que acontece dentro do nosso corpo. Negar esse direito às mulheres é convidar a intromissão governamental em toda espécie de escolha privada e pessoal". (Starhawk and M. Macha Nightmare, The Pagan Book of Living and Dying [São Francisco: HarperSanFrancisco, 1997]; extratos em https://www.onfaith.co/onfaith/2008/09/25 /abortion-and-the-goddess/4187)

De modo semelhante, Erin Pavlina alega ser uma médium "que se conecta com os seus guias espirituais". Ela afirma que uma criança é concebida quando um espírito que habita no etéreo decide reencarnar em uma família específica. "Se você perder um filho por aborto, aborto natural ou com tenra idade [...] por favor, fique tranquilo de não haver sentimentos ruins, tristezas, ressentimentos, ou raiva da parte da alma que retorna cedo para o etéreo. Tudo isso faz parte do ciclo da vida. E tudo acaba operando de forma perfeita, ao final." De um post retirado do seu blog, "Do Aborted or Miscarried Babies Come Back?" Erin Pavlina, http:// www.erinpavlina.com/blog/2010/04/do-aborted-or-miscarried-babies-come-back/.

[37] A bioquímica Dianne N. Irving escreveu: "A questão de quando um ser humano começa é estritamente científica e deveria ser respondida por embriologistas — não por filósofos, bioéticos, teólogos, políticos [...]. A questão sobre quando uma pessoa humana começa é uma questão filosófica". "When Do Human Beings Begin? 'Scientific' Myths and Scientific Facts", International Journal of Sociology and Social Policy, fevereiro de 1999.

[38] Vide Marvin Olasky, The Tragedy of American Compassion (Wheaton, IL: Crossway, 1992).

[39] Dick Teresi, The Undead: Organ Harvesting, the Ice-Water Test, Beating Heart

Cadavers — How Medicine Is Blurring the Line between Life and Death (Nova York: Vintage Books, 2012), p. 127, 198. Teresi é o ex-editor da Science Digest e Omni.

[40] "Consensus Statement on Conscientious Objection in Healthcare", Practical Ethics, 29 de agosto de 2016, http://blog.practicalethics.ox.ac.uk/2016/08/consensus-statement-on-conscientious-objection-in-healthcare/.

[41] Paul Bloom, "The Duel between Body and Soul", New York Times, 10 de setembro de 2004, itálico acrescentado. Para ter acesso a uma resposta, vide Patrick Lee e Robert P. George, "Dualistic Delusions", First Things 150 (Fevereiro de 2005): 5-7.

[42] Fish escreveu: "Um defensor da posição pró-vida entende o aborto como um pecado contra um Deus que infunde a vida no momento da concepção; um defensor da posição pró-vida entende o aborto como uma decisão a ser tomada de acordo com a melhor opinião científica acerca de quando ocorre o início da vida, segundo sabemos". "Why We Can't All Just Get Along", First Things 60 (Fevereiro de 1996): 18-26.

[43] Citado por Deborah Danielski, "Deconstructing the Abortion License", Our Sunday Visitor, 25 de outubro de 1998.

[44] Sarah Knapton, "Bright Flash of Light Marks Incredible Moment Life Begins When Sperm Meets Egg", The Telegraph, 26 de abril de 2016.

[45] Jennie Bristow, "Abortion: Stop Hiding behind the Science", Spiked, 22 de

outubro de 2007.

[46] Alissa Tabirian, “MSNBC: Royal Baby? Parents’ ‘Feelings’ Say When Life Begins, ‘Not Science’”, CNS News, 23 de julho de 2013.

[47] E com relação ao argumento de que se as pessoas tivessem mais acesso a métodos contraceptivos haveria um número menor de abortos? Nenhuma forma de contracepção funciona de modo perfeito. Todavia, a falsa confiança criada pela contracepção leva as pessoas a fazerem sexo com mais frequência, o que gera mais “falhas de contracepção”; logo, mais abortos. Jennifer Roback Morse, “The Sexual Revolution Reconsidered: The Future of Marriage”, The City (inverno de 2015), p. 39. Vide também Abby Johnson, “Sorry Folks. Contraception Access Increases Abortions. And Here’s the Proof”. LifeSite News, 11 de março de 2015.

[48] Mary Elizabeth Williams, “So What If Abortion Ends Life?”, Salon, 23 de janeiro de 2013.

[49] Vide Lydia Saad, “Generational Differences on Abortion Narrow”, Gallup.com, 12 de março de 2010. “Uma pequena maioria (51%) dos ‘millennials’ acredita que é moralmente errado fazer um aborto, em comparação com os 37% que considera esse procedimento moralmente aceitável.” Daniel Cox, Robert P. Jones, Thomas Banchoff, “A Generation in Transition: Religion, Values, and Politics among College-Age Millennials”, PRRI, 19 de abril de 2012, http://publicreligion.org/research/2012/04 /millennial-values-survey-2012/. Para ter acesso a um resumo dessas enquetes, vide Kelsey Hazzard, “The Pro-Life Generation: Abortion Won’t Be Around Long If Young Americans Have a Say”, Life News, 7 de janeiro de 2014.

[50] Jeff Jacoby, “American Millennials Rethink Abortion, for Good Reasons”,

Boston Globe, 9 de junho. Jacoby mostra que somente 24% dos votantes, com idade inferior a 30 anos, continuam desejando manter o aborto legal em todos os casos: “Mais do que qualquer outra faixa etária, na verdade, os jovens adultos, hoje, são mais propensos a pensar que o aborto deveria ser considerado ilegal em todas as circunstâncias”.

[51] Yuval Noah Harrari, Sapiens: A Brief History of Humankind (Nova York: HarperCollins, 2015), p. 108-110.

[52] Ruben Navarrette Jr., “I Don’t Know If I’m Pro-Choice after Planned Parenthood Videos”, The Daily Beast, 10 de agosto de 2015.

[53] Ibid.

[54] Vincent M. Rue, Priscilla K. Coleman, James J. Rue e David C. Reardon, “Induced Abortion and Traumatic Stress: A Preliminary Comparison of American and Russian Women”, Medical Science Monitor 10, n. 10 (2004): SR5-16.

[55] Timothy Keller, Generous Justice (Nova York: Penguin, 2010), p. 6.

[56] Êxodo 21.22-25 costumava ser uma passagem problemática por causa de uma tradução antiga que dizia: “Se homens que estiverem brigando atingirem uma mulher grávida e ela abortar, mas não houver ferimento grave, o agressor deverá ser multado em qualquer coisa que o marido da mulher lhe exigir e o tribunal aceitar. Porém, se houver ferimento sério, tu tomarás vida por vida, olho por olho, dente por dente”. Esta redação era interpretada como significando que a vida de um bebê não nascido era considerada de menor valor e equivalente a

uma simples multa, mas que se a mãe morresse, então a Lei de Talião (“dente por dente, olho por olho”) era aplicada.

Entretanto, as traduções mais recentes não utilizam a palavra abortar. Em vez disso, elas dizem “Se [eles] atingirem uma mulher grávida e ela der à luz prematuramente, mas não houver um ferimento grave, o agressor deverá ser multado em qualquer coisa que o marido da mulher lhe exigir e o tribunal aceitar” (v. 22). O termo hebraico que denota o aborto é shakal, e não é utilizado nesse caso. Em vez disso, o termo utilizado é yasa’, o qual, normalmente, é usado em conjunto com o nascimento de um bebê vivo. Literalmente, ele significa “a criança vem avante”. Desse modo, os eruditos bíblicos, hoje, acreditam que o versículo está falando de uma mulher que dá à luz um bebê vivo, e esse bebê não apresenta qualquer ferimento por ter nascido prematuramente. Vide Moreland and Rae, Body and Soul, p. 235; Greg Koukl, “What Exodus 21.22 Says about Abortion”, Stand to Reason, 4 de fevereiro de 2013; John Piper, “The Misuse of Exodus 21:22-25 by Pro-Choice Advocates”, Desiring God, 8 de fevereiro de 1989.

[57] Matt Walsh, “Wake Up, Christians. There Is No Place for You in the Democratic Party”, The Blaze, 28 de julho de 2016, itálico no original.

[58] As citações dos Pais da Igreja são de O. M. Bakke, When Children Became People: The Birth of Childhood in Early Christianity, traduzido por Brian McNeil (Minneapolis: Fortress Press, 2005), p. 128, 131, 132; Rodney Stark, The Rise of Christianity (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1996), p. 124-135. Para obter uma visão geral, vide Michael Gorman, Abortion and the Early Church (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1982). Por vezes, os cristãos discordam acerca do momento em que a vida começa. Por exemplo, em uma época pré-científica, às vezes considerava-se que a vida começava com o “despertar”, isto é, quando a mãe começava a perceber os primeiros movimentos do bebê no seu útero. Todavia, os cristãos sempre concordaram que tão logo a vida passasse a existir, extingui-la era algo imoral.

[59] Stark, Rise of Christianity, p. 117.

[60] Sob a lei romana, na verdade, era proibido permitir que uma criança deformada sobrevivesse. Sarah Ruden escreveu: “A lei que proibia os romanos de deixarem um recém-nascido deformado, de ambos os sexos, viver estava nas Doze Tábuas, as quais tinham o status semelhante ao da Constituição Norte-Americana, nos dias de hoje”. Paul among the People: The Apostle Reinterpreted and Reimagined in His Own Time (Nova York: Image Books, 2010), p. 109.

[61] M. R. Reese, “The Discovery of a Mass Baby Grave under Roman Bathhouse in Ashkelon, Israel”, Ancient Origins, 4 de dezembro de 2014.

[62] Vide Jo-Ann Shelton, As the Romans Did: A Sourcebook in Roman Social History (Oxford, UK: Oxford University Press, 1998), p. 28.

[63] Vide Mara Hvistendahl, Unnatural Selection: Choosing Boys Over Girls, and the Consequences of a World Full of Men (Nova York: PublicAffairs, 2011).

[64] Assista ao documentário It’s a Girl, dirigido por Evan Gray Davis (2012), http://www.its agirlmovie.com/.

[65] Gorman, Abortion and the Early Church, p. 15.

[66] Para ter acesso a uma boa descrição no nível popular do hedonismo sexual na Grécia e na Roma antiga, vide Matthew Rueger, Sexual Morality in a Christless

World (St. Louis: Concordia, 2016). Como observou Louis Crompton: “As oportunidades eram amplas para os senhores romanos porque os escravos representavam 40% da população da Roma antiga”. Homosexuality and Civilization (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003), p. 80.

[67] Brown, Body and Society, p. 25.

[68] “No ano de 428 d.C., o imperador cristão Teodósio II emitiu uma lei banindo o uso da coerção na área sexual.” Kyle Harper, From Shame to Sin: The Christian Transformation of Sexual Morality in Late Antiquity (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013), p. 8, 15-16.

[69] Felker Jones, Marks of His Wounds, p. 90.

[70] Ruden, Paul among the People, p. 107.

[71] “The Epistle of Mathetes to Diognetus”, Early Christian Writings, http://www.early christianwritings.com/text/diognetus-roberts.html.

[72] Stark, Rise of Christianity, p. 105, 95.

[73] Jennifer Roback Morse, “Young Women Are Gambling On a Losing Game”, The Blaze, 1º de junho de 2016.

[74] Morse, “Sexual Revolution Reconsidered”.

[75] Hanna Rosin, “Boys on the Side”, The Atlantic, setembro de 2013.

[76] C. Moreau et al., “Previous Induced Abortions and the Risk of Very Preterm Delivery: Results of the EPIPAGE Study”, BJOG: An International Journal of Obstetrics and Gynecology 112, n. 4 (Abril de 2005): 430-37.

[77] Morse, “Young Women Are Gambling On a Losing Game”.

[78] Nancy Pearcey, “Why I Am Not a Feminist (Any More)”, Human Life Review, verão de 1987. Para uma análise mais aprofundada, vide o meu livro Total Truth [Verdade Absoluta], capítulo 12.

[79] Morse, “Young Women Are Gambling On a Losing Game”.

[80] Um estudo feito com homens nas salas de espera de clínicas de aborto descobriu que eles sentiam-se “culpados”, “tristes” e “temerosos”, mesmo quando se esforçavam por apoiar as parceiras. Arthur B. Shostak, Ross Koppel, Jennifer Perkins, “Abortion Clinics and Waiting Room Men: Sociological Insights”, Men and Abortion, 2015, http://www.menandabortion.com/articles.html#wait.

[81] Citado por Tony Reinke, “Lecrae Confesses Abortion, Invites Others into the Light”, Desiring God, 15 de janeiro de 2017. Vide também Christina Martin, “Grammy-Winning Rapper Lecrae: I Found a Photo of the Girlfriend I Asked to Abort My Baby and I ‘Just Broke Down’”, LifeSite News, 16 de janeiro de 2015.

[82] Ibid. Lecrae descreve a sua história na canção “Good, Bad, Ugly” from Anomaly (2014).

[83] Danny David, “Study: Abortion Is the Leading Cause of Death in America”, Live Action News, 11 de agosto de 2016. “O aborto é responsável por [...] 61,1% da morte de americanos negros e de incríveis 64% das mortes de hispano-latinos — o que faz do aborto, de longe, a principal causa de morte de negros e hispano-latinos”.

[84] Citado em Reinke, “Lecrae Confesses Abortion”.

[85] Julie Roys, “The Secret Shame of Abortion in the Church”, Christianity Today, fevereiro de 2015.

[86] Números exatos são difíceis de precisar; todavia, até mesmo os defensores do aborto concordam que existe pelo menos o dobro de centros de acompanhamento gestacional que funcionam como clínicas de aborto. Vide C. Eugene Emery Jr., “Tallies Are Too Sketchy to Say Anti-Abortion Centers Outnumber Abortion Providers 2 to 1”, PunditFact, 17 de maio de 2016.

[87] Citado por Ben Johnson, “Under Blackmail Threat, Pro-Life Rep’s Wife Shares Moving Testimony of Regret, Healing from Past Abortion”, LifeSite News, 25 de maio de 2016.

[88] Ibid.

[89] John M. Glionna, “South Korean Pastor Tends an Unwanted Flock”, Los Angeles Times, 19 de junho de 2011.

[90] Citado pelo padre Mark Hodges, “Indiana Installs First ‘Safe Haven’ Boxes to Save Abandoned Newborns”, LifeSite News, 10 de maio de 2016.

• Capítulo 3 - Caro Componente Valioso

[1] Phillip K. Dick, “The Pre-Persons”, disponível online em Pro Life New Zealand, 29 de dezembro de 2012, http://prolife.org.nz/the-pre-persons-phillip-k-dick/.

[2] Ibid.

[3] Ibid.

[4] “Sun Columnist Katie Hopkins Calls for ‘Euthanasia Vans’ as Britain Has ‘Far Too Many Old People’”, RT.com, 28 de julho de 2015.

[5] Daniel Callahan, Selling Limits: Medical Goals in an Aging Society (Nova York: Simon and Schuster, 1987), citado por Philip Smith, “Personhood and the Persistent Vegetative State”, The Linacre Quarterly 57, n. 2 (Maio de 1990): 49.

[6] Um estudo de 1993 descobriu que 90% dos pacientes de UTIs morrem porque o tratamento foi intencionalmente restringido ou descontinuado. Vide Teresi, Undead, p. 242.

[7] Hauerwas, Vision and Virtue, p. 176. Vide também Wesley Smith, The Culture of Death, capítulo 3.

[8] Singer, “The Sanctity of Life”.

[9] Tom L. Beauchamp, “The Failure of Theories of Personhood”, Kennedy Institute of Ethics Journal 9, n. 4 (Dezembro de 1999): 320.

[10] Citado por Richard Weikart, The Death of Humanity and the Case for Life (Washington, DC: Regnery, 2016), p. 272. Para saber mais sobre o movimento de eugenia nos Estados Unidos, vide John West, Darwin Day in America: How Our Politics and Culture Have Been Dehumanized in the Name of Science (Wilmington, DE: ISI Books, 2007), especialmente o capítulo 7.

[11] Ian Dowbiggin, citado por Weikart, Death of Humanity, p. 274.

[12] Cynthia Eagle Russett, Darwin in America: The Intellectual Response 1865–1912 (São Francisco: W. H. Freeman, 1976), p. 175.

[13] Jack London, “The Law of Life”, McClure’s Magazine 16 (março de 1901).

[14] Para ter acesso a uma análise do impacto do Darwinismo sobre as artes e as Ciências Humanas, consulte o meu livro Saving Leonardo.

[15] Margaret Sanger, “The Wickedness of Creating Large Families”, Women and the New Race (1920), http://www.bartleby.com/1013/5.html.

[16] Citado por Albert W. Alschuler, Law without Values: The Life, Work, and Legacy of Justice Holmes (Chicago: Chicago University Press, 2000), p. 28, 27. Para saber mais sobre a influência do Darwinismo em Holmes, vide o meu livro Total Truth [Verdade Absoluta], capítulo 8.

[17] Clarence Darrow, Washington Post, 18 de novembro de 1915.

[18] John Zmirak, “We’re Euthanizing Minors and Chemically Castrating 8-Year-Olds”, The Stream, 19 de setembro de 2016.

[19] Teresi, Undead, p. 89-90.

[20] O Ato de Determinação de Morte Uniformizado, adotado em 1981, declara que “o cérebro todo precisa deixar de funcionar, irreversivelmente”. Todavia, o Ato não especifica como essa função é mensurada; portanto, é muito fácil diagnosticar erroneamente a morte cerebral. Em um estudo, 65% dos médicos e enfermeiros não conseguiram identificar os critérios determinados para a morte cerebral (Teresi, Undead, p. 254).

[21] Teresi, Undead, p. 252, 274.

[22] Wesley Smith, “The Abandonment of Assisted Suicide”, First Things, 4 de março de 2008. Outros estudos descobriram que “as doenças mentais elevam o risco de suicídio ainda mais que as doenças físicas. Aproximadamente 95% das pessoas que se suicidam apresentaram alguma doença psiquiátrica diagnosticável nos meses que antecederam o suicídio. A maioria sofria de depressão que poderia ter sido tratada”. Herbert Hendin, Seduced by Death: Doctors, Patients, and Assisted Suicide (Nova York: W.W. Norton, 1998), p. 34-35.

[23] Emily Barone, “See Which States Allow Assisted Suicide”, Time, 3 de novembro de 2014.

[24] Ali Venosa, “Healthy, Retirement-Aged Woman Chooses Death by Assisted Suicide Because Old Age ‘Is Awful’”, Medical Daily, 4 de agosto de 2015.

[25] Susan Donaldson James, “Death Drugs Cause Uproar in Oregon”, ABC News, 6 de agosto de 2008.

[26] Peter Singer, Practical Ethics, 2. ed. (Nova York: Cambridge University Press, 1993), p. 192.

[27] Fletcher, Morals and Medicine, p. 191. Ele também escreveu: “Um paciente que perdeu completamente a capacidade de comunicar-se passou para um estado submoral, saindo do foro da consciência e passando para além de um ser moral” (201).

[28] Steve Reich, “Three Tales” opera (2002). Consulte o livreto on-line aqui:

http://www .stevereich.com/threetales_lib.html.

[29] Meilander, Bioethics, p. 11.

[30] John Wyatt, “What Is a Person?” Nucleus (primavera de 2004): 10-15.

[31] David Hart, “The Anti-Theology of the Body”, The New Atlantis 9 (verão de 2005): 65-73. Hart parece estar parafraseando C. S. Lewis, que conclama os cristãos a “lembrarem-se de que a pessoa mais enfadonha e desinteressante com quem você conversou um dia poderá, no futuro, ser uma criatura que, caso você a encontre, sinta-se fortemente tentado a adorá-la”. C. S. Lewis, The Weight of Glory (Grand Rapids: Eerdmans, 1949), p. 14-15.

[32] Charles Krauthammer, “President Obama and Stem Cells — Science Fiction”, Washington Post, 13 de março de 2009.

[33] John Zmirak, “Welcome to Our Brave New World: An Interview with Wesley J. Smith”, Godspy — Faith At the Edge, 15 de dezembro de 2004.

[34] Como escreveu O’Donovan, a prática de produzir embriões com a expressa “intenção de explorar o seu status especial para uso em pesquisas é a mais clara demonstração que se pode ter do princípio de que, quando começamos a fazer seres humanos, nós necessariamente deixamos de amá-los”. Begotten or Made? (Oxford, UK: Oxford University Press, 1984), p. 65.

[35] Ariana Eunjung Cha, “Stanford Researchers ‘Stunned’ por Stem Cell

Experiment That Helped Stroke Patient Walk", Washington Post, 2 de junho de 2016. Células-tronco adultas também já foram exitosas no tratamento de esclerose múltipla. Vide Erin Davis, "Canadian Doctors Have Successfully Reversed the Effects of MS in a Patient Using Stem Cells", Notable, 10 de junho de 2016. Células adultas já foram, inclusive, "reprogramadas" para produzir células-tronco pluripotentes. Vide "Human Pluripotent Stem Cells Without Cloning or Destroying Embryos", StemCellResearch.org, 20 de novembro de 2007.

[36] "Células-tronco oriundas de embriões ainda não foram utilizadas para nenhuma forma de terapia, ao passo que as células-tronco oriundas de adultos já foram bem-sucedidas em vários pacientes, inclusive em caso de infarto (morte de parte do tecido cardíaco)." Wolfgang Lillge, "The Case for Adult Stem Cell Research", 21st Century Science & Technology Magazine (inverno de 2001-2002).

[37] Joshua Riddle, "Ben Shapiro Destroys Sarah Silverman's Planned Parenthood Tweet", Young Conservatives, 4 de agosto de 2015.

[38] Jacob M. Appel, "Are We Ready for a Market in Fetal Organs?" The Huffington Post, 17 de abril de 2009.

[39] Citado por Scott Rae, "Commercial Surrogate Motherhood", Bioethics and the Future of Medicine, editado por John Filner, Nigel Cameron e David Schiedermayer (Grand Rapids: Eerdmans, 1995), p. 234.

[40] Julie Bindel, "Surrogacy and Gay Couples", New Feminism, 2 de junho de 2015.

[41] Adina Portaru, “Renting Wombs Is a Human Wrong, not a Human Right”, Public Discourse, 27 de abril de 2016.

[42] Scott Rae, “Commercial Surrogate Motherhood”, p. 234-235.

[43] John Gray, Straw Dogs (Londres: Granta, 2002), p. 6.

[44] Nick Bostrom, “Transhumanist Values”, Ethical Issues for the 21st Century, editado por Frederick Adams (Philosophical Documentation Center Press, 2003); reproduzido por Review of Contemporary Philosophy 4 de maio de 2005.

[45] Lee Silver, Remaking Eden: Cloning and Beyond in a Brave New World (Nova York: Avon Books, 1998).

[46] Mortimer J. Adler, The Difference of Man and the Difference It Makes (Nova York: Fordham University Press, 1967), p. 264.

[47] C. S. Lewis, The Abolition of Man (Nova York: HarperCollins, 1944, 1947, 1971, 1974), p. 55.

[48] Citado por Gary Drevitch, “Tinkering with Morality”, Psychology Today, 9 de março de 2015.

[49] Citado por Lisa Miller, “The Trans-Everything CEO”, Nova York Magazine, 8 de setembro de 2014.

[50] Citado por Wesley Smith, “Biohazards: Advances in Biological Science Raise Troubling Questions about What It Means to Be Human”, São Francisco Chronicle, 6 de novembro de 2005.

[51] Citado por E. O. Wilson, The Diversity of Life (Nova York: Norton, 1992, 1999), p. 302.

[52] David King, “An Interview with Professor Brian Goodwin”, GenEthics News 11 (março / abril de 1996): 6-8. Goodwin é o autor de How the Leopard Changed Its Spots (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994, 2001).

[53] João Paulo II, Evangelium vitae, §19, 20.

[54] Já escrevi sobre esta e muitas outras formas pelas quais os pressupostos cristãos provocaram o surgimento da ciência moderna em The Soul of Science, especialmente no capítulo 1.

[55] Vide o meu livro The Soul of Science, bem como Nancy Pearcey, “Technology, History, and Worldview”, Genetic Ethics: Do the Ends Justify the Genes? editado por John F. Kilner, Rebecca D. Pentz e Frank E. Young (Grand Rapids: Eerdmans, 1997).

[56] Adrian Woolfson, An Intelligent Person’s Guide to Genetics (Nova York: Overlook Press, 2006), prefácio.

[57] Luc Ferry, A Brief History of Thought: A Philosophical Guide to Living (Nova York: Harper Perennial, 2011), p. 77, itálico no original.

[58] Richard Rorty, “Moral Universalism and Economic Triage”, apresentado no Segundo Fórum de Filosofia da UNESCO, Paris, 1996. Re-impresso por Diogenes 44, n. 173 (1996).

[59] Zmirak, “Welcome to Our Brave New World”.

[60] John H. Evans, What Is a Human? What the Answers Mean for Human Rights (Nova York: Oxford University Press, 2016). Evans também descobriu que as pessoas que aceitam a teoria da pessoalidade são, na maioria, filósofos profissionais, cientistas e eticistas. A maioria do público não aceita essa teoria. Entretanto, não está claro que eles possuam uma fundamentação clara para defendê-la.

[61] Singer, Practical Ethics, p. 169.

[62] Bakke, When Children Became People, p. 38.

[63] Vide Harper, From Shame to Sin, especialmente capítulo 1, e Brown, Body and Society. Ruden afirma que o abuso sexual de jovens escravos masculinos por parte dos seus senhores era comum apesar de os meninos nascidos livres também serem vulneráveis aos estupros. Os pais precisavam manter sempre os olhos sobre os seus filhos para protegê-los dos predadores sexuais. Entre os gregos e romanos, o parceiro ativo era elogiado como viril e masculino (mesmo quando agiam de forma cruel e maldosa), ao passo que o parceiro passivo (a vítima) era visto com repúdio e tido como fraco e nojento. Em contraste, no

Novo Testamento, Paulo trata o parceiro ativo como igualmente culpado e, de fato, condena as relações homossexuais como uma forma de injustiça (cf. Rm 1.18). Como a pederastia era aceita na cultura romana, e os perpetradores até mesmo admirados, “Os ouvintes de Paulo em Roma [...] teriam ficado surpresos ao ouvirem que a justiça aplicava-se à homossexualidade, dentre todas as coisas” (Paul among the People, p. 71).

[64] Martha Nussbaum, Philosophical Interventions (Oxford, UK: Oxford University Press, 2012), p. 73.

[65] Bakke, When Children Became People, p. 285.

[66] Ibid., p. 163.

[67] Lydia Saad, “U.S. Support for Euthanasia Hinges on How It’s Described”, Gallup.com, 29 de maio de 2013.

[68] Anne Lamott, “At Death’s Window”, Los Angeles Times, 25 de junho de 2006.

[69] Anne Lamott, “The Rights of the Born”, Los Angeles Times, 10 de fevereiro de 2006.

[70] Vide o meu capítulo sobre o sofrimento, “Does Suffering Make Sense?” in How Now Shall We Live? (Carol Stream, IL: Tyndale, 1999).

[71] Steve Taylor, “Can Suffering Make Us Stronger?” Psychology Today, 4 de novembro de 2011.

[72] Citado por Taylor, “Can Suffering Make Us Stronger?” A expressão “noite escura da alma” vem de São João da Cruz, um místico católico do século XVI.

[73] Ella Frech, “Me Before You: Dear Hollywood, Why Do You Want Me Dead?”, Aleteia, 2 de junho de 2016.

[74] Ibid.

[75] Martin Pistorius e Megan Lloyd Davies, Ghost Boy (Nashville: Thomas Nelson, 2013), p. 15. Vide também Peter Holley, “Meet the Man Who Spent 12 Years Trapped Inside His Body Watching ‘Barney’ Reruns”, Washington Post, 13 de janeiro de 2015.

[76] Teresi, Undead, p. 181-182, 197.

[77] Essa tradição também pode explicar por que Jesus esperou quatro dias para efetuar a ressurreição de Lázaro dentre os mortos — para que ninguém pudesse alegar que Lázaro, simplesmente, teria voltado à vida por conta própria. Vide Eli Lizorkin-Eysenberg, “Resurrection of Lazarus, Jews and Jewish Tradition (John 11:1-44)”, Jewish Studies, Israel Institute of Biblical Studies, 28 de novembro de 2013.

[78] Entrevista pessoal. Vide também Joseph Banks, “One Heart, One Love”,

Medium, 17 de outubro de 2015, https://medium.com/@joseph3banks/one-heart-one-love-b4de709ccdb#.lltdsyp2b.

[79] Nancy Flanders, “Mother of Baby Jacen, Born with Anencephaly, Refuses Abortion”, Live Action News, 10 de abril de 2015.

[80] Marshall Shelley, “Two Minutes to Eternity”, Christianity Today, julho de 2011.

[81] Gwen Dewar, “The Social Abilities of Newborns”, Parenting Science, http://www.parenting science.com/newborns-and-the-social-world.html.

[82] Vide Smith, Culture of Death, especialmente as páginas 23-24, 104-105.

[83] Ian Haines, “I Believed That Euthanasia Was the Only Humane Solution. I No Longer Believe That”, The Age, 20 de novembro de 2016.

[84] Wesley J. Smith, “Assisted Suicide and the Corruption of Palliative Care”, First Things, 15 de maio de 2008.

[85] Wesley J. Smith, “Doctor Sued for Saying No to Euthanasia”, National Review, 27 de setembro de 2015; Andy Walton, “Belgian Catholic Nursing Home Has to Pay Damages for Refusing Euthanasia”, Christianity Today, 1º de julho de 2016.

• Capítulo 4 - Sexo Esquizofrênico

[1] Donna Freitas, The End of Sex (Nova York: Basic Books, 2013), p. 168-175. Vide também “Save the Date: Kerry Cronin on the Love Lives of College Students”, U.S. Catholic 77, n. 9 (Setembro de 2012).

[2] Freitas, End of Sex, p. 31, 177, itálico acrescentado.

[3] Janet Reitman, “Sex & Scandal at Duke”, Rolling Stone, 1º de junho de 2006.

[4] Citado por Laura Sessions Stepp, Unhooked: How Young Women Pursue Sex, Delay Love, and Lose at Both (Nova York: Penguin, 2007), p. 243.

[5] Nancy Jo Sales, “Tinder and the Dawn of the ‘Dating Apocalypse’”, Vanity Fair, Setembro de 2015. Para ter acesso a uma breve descrição do dualismo a partir de uma perspectiva cristã, vide Patrick Lee e Robert P. George, Conjugal Union (Nova York: Cambridge University Press), p. 74.

[6] Katy Steinmetz, “Miley Cyrus: ‘You Can Just Be Whatever You Want to Be’”, Time, 15 de junho.

[7] Sales, “Tinder and the Dawn of the ‘Dating Apocalypse’”.

[8] Kate Taylor, “Sex on Campus: She Can Play That Game Too”, New York Times, 12 de julho de 2013.

[9] George Bernard Shaw, “Too True to Be Good: A Political Extravaganza”, Plays Extravagant (Londres: Penguin, 1981), p. 93.

[10] Freitas, End of Sex, p. 38. Em uma entrevista, Freitas explica como ela começou a interessar-se pela pesquisa da cultura do sexo casual:

Eu lecionava para uma turma na qual as conversas sobre a cultura do sexo casual e de como isso era incrível e libertador haviam entrado para o centro do debate [...]. Todavia, mais ou menos no meio do semestre, os alunos mudaram em 180 graus a sua atitude em relação a essa cultura. Uma aluna admitiu abertamente que, sendo honesta, ela detestava a cultura do sexo casual e não sabia por que ela mesma continuava a tomar parte naquilo — no geral, porque ela achava que deveria fazer parte daquilo, ela supunha. Depois dela, todos os outros alunos acabaram concordando com ela e, subitamente, a minha turma de calouros e estudantes do último ano estava encarando a aparente realidade de que, apesar de todos fingirem amar a cultura do sexo casual, na realidade, ninguém gostava daquilo, mas tinham medo de ser a única pessoa do campus que se sentia daquela maneira. Isso me surpreendeu de verdade — e fiquei com vontade de saber se outros alunos de outros campi também se sentiam daquela forma. Por isso, eu me propus a descobrir. (Amelia Evrigenis, “Author Discusses New Book, ‘The End of Sex’”, The College Fix, 23 de julho de 2013)

Freitas descobriu que as únicas Universidades que não têm a cultura do sexo casual são as Universidades Evangélicas. Vide Donna Freitas, Sex and the Soul (Oxford, UK: Oxford University Press, 2008).

[11] Singer, Practical Ethics, p. 2.

[12] Naomi Wolf, “Casual Sex Finds a Cool New Position”, The Sunday Times, 12 de janeiro de 2013.

[13] Melinda Selmys, Sexual Authenticity: An Intimate Reflection on Homosexuality and Catholicism (Huntington, IN: Our Sunday Visitor, 2009), p. 85.

[14] Meilander, Bioethics, p. 20.

[15] Alice Owens, “My Rape Convinced Me That Campus Hookup Culture Is Really Messed Up”, Verily, 6 de julho de 2015.

[16] Shalit, Girls Gone Mild, p. 85.

[17] Miriam Grossman, Unprotected: A Campus Psychiatrist Reveals How Political Correctness in Her Profession Endangers Every Student (Nova York: Penguin, 2007), p. 3.

[18] Citado por Stepp, Unhooked, p. 220-221.

[19] Selmys, Sexual Authenticity, p. 83.

[20] Citado por Stepp, Unhooked, p. 225-226.

[21] Juli Slattery e Dannah Gresh, Pulling Back the Shades (Chicago: Moody, 2014), p. 46.

[22] Wolf, “Casual Sex Finds a Cool New Position”.

[23] Gail Dines, “Is Porn Immoral? That Doesn’t Matter: It’s a Public Health Crisis”, Washington Post, 8 de abril de 2016.

[24] Belinda Luscombe, “Porn and the Threat to Virility”, Time, 31 de março de 2016.

[25] David Schultz, “Divorce Rates Double When People Start Watching Porn”, Science, 26 de agosto de 2016.

[26] Pesquisadores alemães estudaram exames de ressonância magnética de 65 homens saudáveis e descobriram que quanto mais pornografia eles visualizavam, menos massa cinzenta era encontrada nas áreas do cérebro associadas à recompensa e motivação. Vide Simone Kühn e Jürgen Gallinat, “The Brain on Porn: Brain Structure and Functional Connectivity Associated with Pornography Consumption”, Journal of the American Medical Association, julho de 2014.

[27] “Teens and Young Adults Use Porn More Than Anyone Else”, Barna, 28 de janeiro de 2016.

[28] Melinda Liszewski, “Sex Before Kissing: How 15-Year-Old Girls Are Dealing with Porn-Addicted Boys”, originalmente publicada como “Growing Up in

Pornland: Girls Have Had It with Porn Conditioned Boys", Collective Shout, 8 de março de 2016.

[29] Cecilia Rodriguez, "Sex-Dolls Brothel Opens in Spain and Many Predict Sex-Robots Tourism Soon to Follow", Forbes, 28 de fevereiro de 2017.

[30] Theresa Crenshaw, The Alchemy of Love and Lust, citado por Morse, Sexual Revolution and Its Victims, p. 150.

[31] Emily Morse, "Sunday Sex Tip: How to Keep It Casual without Getting Attached (Can It Even Be Done?)", Glamour, 27 de julho de 2014.

[32] Para conhecer uma análise acessível sobre esses hormônios, vide Joe McIlhaney Jr. e Freda McKissic Bush, Hooked: New Science on How Casual Sex Is Affecting Our Children (Chicago: Northfield Publishing, 2008), especialmente o capítulo 2.

[33] Grossman, Unprotected, p. 8.

[34] Lauren F. Winner, Real Sex (Grand Rapids: Brazos Press, 2006), p. 88.

[35] Peter Moore, "Young Americans Are Less Wedded to Monogamy Than Their Elders", YouGov, p. 3 de outubro de 2016.

[36] Vide William M. Struthers, Wired for Intimacy: How Pornography Hijacks the

Male Brain (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009).

[37] Citado por Shalit, Girls Gone Mild, p. 102.

[38] Anne Maloney, “What the Hook-up Culture Has Done to Women”, Crisis, 14 de junho de 2016.

[39] Dan e Alex são citados por Sales, “Tinder and the Dawn of the ‘Dating Apocalypse’”.

[40] Justin Petrisek, “Gentlemen Speak: Single Guys Share What They’re Really Looking for in a Relationship”, Verily, 17 de fevereiro de 2016.

[41] Roger Libby, The Naked Truth about Sex: A Guide to Intelligent Sexual Choices for Teenagers and Twentysomethings (Freedom Press, 2013), p. 142.

[42] Vide Slattery and Gresh, Pulling Back the Shades, p. 99-100. Um estudo descobriu que, “na vida real, o mundo pouco comentado do sexo dentro do casamento é, na verdade, aquele que mais satisfaz as pessoas”. Outro estudo descobriu que “pessoas casadas e fiéis são as mais sexualmente satisfeitas dentre todos os grupos sexualmente ativos”. Glenn Stanton, Why Marriage Matters (Colorado Springs: Piñon Press, 1997), p. 42, 46.

[43] Roy Porter, The Creation of the Modern World (Nova York: W.W. Norton, 2000), p. 258, 260.

[44] Como explicou João Paulo II, na filosofia materialista, o corpo foi "reduzido à pura materialidade". "Ele é, simplesmente, um complexo de órgãos, funções e energias a ser utilizado de acordo com o único critério de prazer e eficiência". O resultado é que a sexualidade "é despersonalizada e explorada". Evangelium vitae, §23.

[45] Brian Leiter, "Morality Critics", The Oxford Handbook of Continental Philosophy, editado por Brian Leiter e Michael Rosen (Oxford, UK: Oxford University Press, 2007), capítulo 20.

[46] Para mais detalhes sobre os arquitetos da revolução sexual, vide o meu livro Total Truth [Verdade Absoluta], p. 142-146; o meu artigo "Creating the 'New Man': The Hidden Agenda in Sex Education", Bible-Science Newsletter, maio de 1990; e o meu capítulo "Salvation through Sex?" in How Now Shall We Live?.

[47] Jonathan Ned Katz, The Invention of Heterosexuality (Chicago: University of Chicago Press, 1995), p. 59-60, 61. Freud transmitia essa visão mecanicista até mesmo na escolha do seu linguajar, referindo-se constantemente aos impulsos, instintos e motivações.

[48] Sigmund Freud, Civilization and Its Discontents, traduzido por David McLintock (Londres, UK: Penguin, 2004), p. 40. Freud chegou a dizer que a razão mais comum de as mulheres serem estúpidas era a repressão sexual: "Penso que a indubitável inferioridade intelectual de tantas mulheres pode remontar à inibição de pensamento que é essencial para a supressão sexual". "'Civilized' Sexual Morality and Modern Nervous Illness", Sexual-Probleme (Sexual Problems), originalmente publicado em 1908; reproduzido por Read Books Ltd., 2013, p. 28.

[49] Margaret Sanger, The Pivot of Civilization (Nova York: Brentano's, 1922), p. 232. Sanger acreditava, literalmente, que a restrição sexual causava uma grande variedade de disfunções físicas e psicológicas e até mesmo o retardamento mental. Se a nossa sexualidade pudesse ser expressada de forma livre e plena, prometia ela, nós nos tornaríamos, literalmente, gênios.

A ciência moderna está nos ensinando que a genialidade não é uma espécie de dom oriundo da parte dos deuses [...]. Antes, ela é resultado da remoção das inibições e constrangimentos fisiológicos e psicológicos que tornam possível a liberação e direcionamento das energias internas primordiais do homem [o seu eufemismo para a energia sexual] no sentido da sua expressão plena e divina. (Ibid., p. 232-233)

[50] Ibid., p. 271.

[51] Alfred Kinsey, Wardell Pomeroy e Clyde Martin, Sexual Behavior in the Human Male (Filadélfia: W. B. Saunders, 1948), p. 263, itálico acrescentado. O próprio Kinsey tomou parte em uma variedade de encontros sexuais com alunos e profissionais associados de ambos os sexos, experimentando práticas como o sexo grupal e o sadomasoquismo.

[52] Paul Robinson, The Modernization of Sex, 2. ed. (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1988), p. 49-50, 85.

[53] Wilhelm Reich, The Sexual Revolution (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1974), xxiii, xxvi, itálico no original.

[54] Citado por Eustace Chesser, Salvation through Sex: The Life and Work of

Wilhelm Reich (Nova York: William Morrow, 1973), p. 44.

[55] Ibid., p. 67.

[56] Robert Rimmer, The Harrad Experiment (Amherst, NY: Prometheus Books, 1990), p. 157, 167. O segundo personagem está citando o filósofo Alan Watts.

[57] Michel Foucault, The History of Sexuality, vol. 1 (Nova York: Random House, 1976, 1978), p. 78, 156. Foucault é mais um crítico da moralidade (vide Leiter and Rosen, Oxford Handbook of Continental Philosophy, p. 726-733). Ele, porém, retrata tanto a moralidade quanto a ciência (especialmente a profissão de médico) como fontes de opressão. No século XIX, diz ele, as questões morais foram transformadas em regras científicas para a saúde mental e física. Tanto os médicos quanto os psiquiatras e os departamentos governamentais de saúde envolveram-se nisso. Como escreveu Foucault, uma moralidade cientificamente fundamentada foi apresentada como o meio para expandir-se a "força, o vigor, a saúde e a vida". History of Sexuality, p. 125.

O desfecho foi que os princípios morais não eram mais impostos pela Igreja, mas pelo Estado e pelas instituições médicas. E eles eram expressos não mais em termos de certo e errado, mas na linguagem supostamente objetiva da ciência e da medicina — normalidade e perversão. Todavia, esse discurso científico continuava funcionando como instrução moral — como um "grande sermão sexual", segundo dizia Foucault — e, por isso, ele denunciou-o como igualmente opressor. Ele acusa aqueles que o aceitam como sendo cúmplices da sua própria opressão. Por isso, ele conclamou as pessoas a ver através da sua cumplicidade e resistir a todas as normas e estereótipos sexuais.

O que deveríamos colocar no lugar de uma moralidade fundamentada na ciência? O puro poder e prazer. Um dos autores favoritos de Foucault foi o Marquês de Sade, e ele seguiu de Sade ao adotar práticas sexuais sadomasoquistas como uma forma de, supostamente, atingir níveis mais

elevados de prazer. Foucault também tomou parte na cultura das drogas da década de 1970, fazendo uso de substâncias psicotrópicas como a maconha, o haxixe, o ópio, o LSD e a cocaína. Vide Weikart, Death of Humanity, p. 254.

[58] "New Survey: Taxpayer Dollars Funding Programs That Pressure Teens to Have Sex", National Abstinence Education Association, 24 de setembro de 2015, http://www.thenaea.org /newsroom/taxes_funding_teen_pressuring_programs.html. O fundo federal para educação sexual atualmente envia 95% do dinheiro para o tipo de programa que os adolescentes afirmam pressioná-los a fazer sexo ao tratar isso como algo normal e que se espera deles.

[59] Para saber mais sobre como os aspectos da ordem criada são elevados à posição de ídolos, vide o meu livro Finding Truth.

[60] John Donne, "The Ecstasy", Poetry Foundation, https://www.poetryfoundation.org /poems-and-poets/poems/detail/44099.

[61] C. S. Lewis, Mere Christianity (Nova York: Macmillan, 1960), p. 96.

[62] Timothy Keller, The Meaning of Marriage (Nova York: Penguin, 2011), p. 257.

[63] Citado por John F. Crosby, "Embodiment", Lay Witness, outubro de 2000.

[64] John Wyatt, "What Is a Person?"

[65] Por exemplo: “[...] a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora [...]” (Rm 16.25-26); “e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que, desde os séculos, esteve oculto em Deus, que tudo criou” (Ef 3.9).

[66] Alex Morris, “Tales From the Millennials’ Sexual Revolution”, Rolling Stone, 31 de março de, 2014.

[67] Conforme resumo feito por John R. Crosby, “John Paul II’s Vision of Sexuality and Marriage”, The Legacy of Pope John Paul II, editado por Geoffrey Gneuhs (Nova York: Crossroad, 2000), p. 63. E o que dizer das palavras de Jesus de que no céu não haverá casamento? No céu, continuaremos a ser homens e mulheres, como veremos no exemplo do Cristo ressurreto, bem como no de Moisés e Elias. Todavia, expressaremos o amor e a doação mútua de outras formas, tal qual os solteiros o fazem neste lado do céu.

[68] Lecrae Moore, Unashamed (Nashville: B&H, 2016), p. 80.

[69] Amanda Marcotte, “Conservative Relatives Can’t Let the Planned Parenthood ‘Scandal’ Go? Try These Talking Points”, Salon, 5 de agosto de 2015.

[70] Ruden, Paul among the People, p. 15.

[71] Ibid., p. 16-18. Jesus utilizou a palavra porneia ao fazer a sua exceção no caso do divórcio: “Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição [porneia], faz que ela cometa adultério; e qualquer

que casar com a repudiada comete adultério". Jesus não diz "a não ser por causa de adultério", que é uma palavra diferente no grego. A Tradução Literal de Young coloca o termo como "prostituição", tal como lemos na Versão Almeira Revista e Corrigida em português.

[72] Ruden, Paul among the People, p. 17. Paulo, obviamente, também tinha em mente o uso do termo no hebraico: "Nenhum judeu do século I poderia ter falado de porneia (imoralidades sexuais) sem ter em mente a lista das transgressões sexuais proibidas de Levítico 18 e 20, particularmente o incesto, o adultério, as relações entre o mesmo sexo e a bestialidade". Robert A. J. Gagnon, "The Bible and Homosexual Practice", in Dan O. Via e Robert A. J. Gagnon, Homosexuality and the Bible: Two Views (Minneapolis: Fortress Press, 2003), p. 72.

[73] Eusebius, The History of the Church, p. 184-185, cf. citação em "Potamiaena 205 A.D.", Women of Christianity, 17 de maio de 2011, http://womenofchristianity.com/potamiaena-205-a-d/.

[74] Jones, Marks of His Wounds, p. 80.

[75] Citado por Taylor, Sources of the Self, p. 223.

[76] Welton, "Biblical Bodies".

[77] Scott Rae e Paul Cox, Bioethics: A Christian Approach in a Pluralistic Age (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p. 104.

[78] Dan Allender e Tremper Longman, Intimate Allies: Rediscovering God's Design for Marriage and Becoming Soulmates for Life (Wheaton, IL: Tyndale, 1999), p. 254.

[79] Oliver O'Donovan, Resurrection and Moral Order, 2. ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1986, 1994), p. 71.

[80] Keller, The Meaning of Marriage, p. 241-242.

[81] Stephen Hull, "Roman Prostitutes Were Forced to Kill Their Own Children and Bury Them in Mass Graves at English 'Brothel'", Daily Mail, 30 de agosto de 2011.

[82] Vide, por exemplo, Beth Felker Jones, Faithful: A Theology of Sex (Grand Rapids: Zondervan, 2015).

[83] Julia Duin, "No One Wants to Talk About It", Breakpoint Online, 7 de outubro de 2002, http://www.djchuang.com/sex/singles/bpsingles.htm.

[84] Liuan Huska, "Cohousing: The New American Family", Christianity Today, novembro de 2016.

[85] Extraído de uma entrevista em Jenny Taylor, A Wild Constraint: The Case for Chastity (Londres, UK: Continuum, 2008), p. 121.

[86] Jennifer Fulwiler, “How I Became Pro-Life”, 28 de janeiro de 2008, http://jenniferfulwiler.com /2008/01/how-i-became-pro-life/.

[87] Ibid.

[88] Jennifer Fulwiler, Something Other Than God (São Francisco: Ignatius, 2014), p. 210.

[89] G. K. Chesterton, G. K.’s Weekly, 29 de janeiro de 1928.

[90] Susan Berry, “Pediatricians: Abstinence on the Rise”, Breitbart.com, 23 de junho de 2016.

[91] “Sex Education Politics and the War on Young Women”, National Abstinence Education Association, http://www.thenaea.org/docs/The_War_On_Young_Women.pdf.

[92] Vide Tim Stafford, “What’s Wrong with Sex Before Marriage?”, Christianity Today, http://www.christianitytoday.com/iyf/advice/lovesexdating/whats-wrong-with-sex-before-marriage.html.

[93] Nancy Pearcey, “Sex, Lies, and Secularism”, Christian Research Journal 34, n. 4 (2011).

[94] Glenn T. Stanton, “CDC Study Says Teen Virgins Are Healthier”, The

Federalist, 29 de novembro de 2016.

[95] Sage Patterson, “Her Campus Was Teaching Students How to Have Threesomes — So She Started Her Own ‘Sex Week’”, Faithit, 16 de maio de 2016.

[96] Ibid.

[97] Rene Thompson, “Battle of the UNM Sex Weeks”, ABQ Free Press, 11 de março de 2016.

• Capítulo 5 - O Corpo Imprudente

[1] A seção a seguir é baseada em Sean Doherty, “‘Love Does Not Delight in Evil, but Rejoices with the Truth.’ A Theological and Pastoral Reflection on My Journey Away From a Homosexual Identity”, Anvil 30, n. 1 (março de 2014).

[2] Alguns ativistas dos direitos dos gays rejeitaram o termo homossexual como pejorativo. Já Andrew Sullivan, que se identifica a si mesmo como homossexual, defende-o como um “termo clinicamente neutro” que deveria continuar a ser utilizado. “Sticks and Stones and ‘Homosexual’”, The Daily Dish, 25 de março de 2014, http://dish.andrewsullivan.com/2014/03/25/sticks-and-stones-and-homosexual/.

Quantas pessoas nos Estados Unidos identificam-se como homossexuais? O público tende a superestimar em muito esse número. “Uma pesquisa recente

sintetizada por Gary Gates, do Instituto Williams, um grupo especializado da Faculdade de Direito da UCLA, sugere que, entre os adultos dos Estados Unidos, Canadá e Europa, 1,8% das pessoas sejam homens e mulheres bissexuais, 1,1% sejam homens gays e 0,6% sejam lésbicas. Vide Stanton L. Jones, “Same-Sex Science”, First Things, fevereiro de 2012.

[3] A partir de uma perspectiva evolucionista, a atração pelo mesmo sexo claramente não é adaptativa porque os indivíduos homossexuais não se reproduzem. Várias teorias já foram propostas para desprezar essa desvantagem reprodutiva; por exemplo, que os homens homossexuais contribuem para o sucesso reprodutivo das suas irmãs ao serem bons parceiros na criação dos sobrinhos. Todavia, essa hipótese não tem bom suporte científico. Vide J. Michael Bailey et al., “Sexual Orientation, Controversy, and Science”, Psychological Science in the Public Interest 17, n. 2 (2016).

[4] Stanton L. Jones do Wheaton College relata um grande estudo sobre gêmeos que fez uso do Registro de Gêmeos da Suécia. Dentre os setenta e um pares de gêmeos idênticos masculinos, dos quais pelo menos um deles identificava-se como homossexual, somente em um de cada sete casos (9,8%) o segundo gênero também se identificava como homossexual, o que não é considerado estatisticamente representativo:

Estudos recentes mostram que fatores familiares, culturais e ambientais contribuem para a atração por indivíduos do mesmo sexo. Famílias desfiguradas, pais ausentes, mães mais velhas, e nascer e ser criado em ambientes urbanos são todos fatores associados à experiência, ou atração homossexual. Até mesmo a causa contribuinte hipotética mais desprezada, o abuso sexual infantil, recebeu, recentemente, validação empírica significativa como fator contribuinte parcial a partir de um estudo longitudinal sofisticado que abrangeu 30 anos, publicado no Archives of Sexual Behavior. [...] Afirmar que as variáveis psicológica e ambiental desempenham um papel na causa não significa que a biologia não desempenhe um papel, pelo menos não na medida que muitos estudiosos pró-causa gay afirmam. (Jones, “Same-Sex Science”)

Em uma brochura, a Associação Norte-americana de Psicologia declara: “Apesar de muita pesquisa ter sido feita sobre possíveis influências genéticas, hormonais, desenvolvimentais, sociais e culturais sobre a orientação sexual, não surgiram descobertas que permitam aos cientistas concluírem que a orientação sexual seja determinada por qualquer fator, ou fatores, específicos”. “Answers to Your Questions: For a Better Understanding of Sexual Orientation & Homosexuality”, 2008, http://www.apa.org /topics/lgbt/orientation.pdf. Pesquisas recentes sugerem que fatores ambientais podem desempenhar um papel, muito embora em um estágio tão inicial da vida elas não sejam questões de escolha. Vide Sarah Knapton, “Homosexuality ‘May Be Triggered by Environment after Birth’”, The Telegraph, 8 de outubro de 2015.

[5] Francis Collins, The Language of God (Nova York: Simon & Schuster, 2006), p. 260.

[6] John Corvino, “Nature? Nurture? It Doesn’t Matter”, The Gay Moralist, 12 de agosto de 2004, http://johncorvino.com/2004/08/nature-nurture-it-doesnt-matter/, itálicos no original.

[7] Bessel van der Kolk, The Body Keeps the Score (Nova York: Viking, 2014), p. 152.

[8] Elinor Burkett, “What Makes a Woman?”, New York Times, 6 de junho de 2015.

[9] J. Michael Bailey, que conduziu alguns desses estudos, concluiu que “a orientação sexual masculina é inata”. Vide “Sexual Orientation: Nature or Nurture?”, What’s the Story? A Multidisciplinary Discussion of Same-Sex

Marriage & Religious Liberty, simpósio em 11 de dezembro de 2007, The Catholic University of America, Columbus School of Law, Interdisciplinary Program in Law & Religion, Washington, DC.

[10] Van der Kolk, Body Keeps the Score, p. 297. O fato de a amígdala poder ser reconfigurada é especialmente relevante porque alguns estudos concentraram-se no papel da amígdala nas reações sexuais. Por exemplo, vide Nikhil Swaminathan, “Brain Scans Provide Evidence That Sexual Orientation Is Biological”, Scientific American, 16 de junho de 2008.

[11] Anthony Newberg e Mark Robert Waldman, How God Changes Your Brain (Nova York: Ballantine, 2009); Andrew Newberg and Eugene D’Aquill, “Why God Won’t Go Away: Brain Science & the Biology of Belief”, Andrew Newberg (blog), http://www.andrewnewberg. com/books/why-god-wont-go-away-brain-science-the-biology-of-belief.

[12] Van der Kolk, Body Keeps the Score, p. 95.

[13] “Crianças que crescem no padrão não heterossexual são, em média, substancialmente mais propensas a inconformidade de gênero do que as crianças que são criadas para serem heterossexuais.” J. Michael Bailey et. al, “Sexual Orientation, Controversy, and Science”, Association for Psychological Science 17, n. 2 (2016): 45-101. Outro estudo concluiu que “o comportamento de desconformidade de gênero na infância é um prognosticador antecipado de futuras orientações não heterossexuais”. Gu Li, Karson T. F. Kung e Melissa Hines, “Childhood Gender-Typed Behavior and Adolescent Sexual Orientation: A Longitudinal Population-Based Study”, Developmental Psychology, 20 de fevereiro de 2017.

[14] “Queer concentra-se nas incompatibilidades entre sexo, gênero e desejo [...].

Demonstrando a impossibilidade de qualquer sexualidade ‘natural’, isso acaba colocando em questão até mesmo termos não problemáticos como ‘homem’ e ‘mulher’.” Annamarie Jagose, Queer Theory: An Introduction (Nova York: Nova York University Press, 1996), p. 3.

[15] Judith Butler, Gender Trouble (Nova York: Routledge, 1990), p. 30-31.

[16] Doherty, “‘Love Does Not Delight in Evil, but Rejoices with the Truth’”.

[17] Ibid.

[18] No diagnóstico que faz da dicotomia entre natureza/liberdade, Dooyeweerd sugere que, historicamente, o ideal de liberdade surgiu primeiro durante a Renascença. Foi o impulso pela autonomia humana que motivou o desenvolvimento de uma concepção mecanicista da natureza, pois, se a natureza for uma máquina, então só precisamos descobrir as suas leis para que possamos dominá-la e manipulá-la. Todavia, inevitavelmente, o paradigma mecanicista será também aplicado aos seres humanos (por meio do acondicionamento psicológico, da engenharia social, da manipulação genética, etc.). Desse modo, paradoxalmente, o ideal de liberdade, por fim, acaba nos levando à perda da liberdade. Vide Dooyeweerd, Roots of Western Culture, capítulo 6. C. S. Lewis desenvolve um argumento semelhante em The Abolition of Man.

[19] Robert Solomon e Kathleen Higgins, A Short History of Philosophy (Nova York: Oxford University Press, 1996), p. 215. E. L. Allen escreveu: “Kant nos deu dois mundos, um de liberdade e o outro da natureza”. From Plato to Nietzsche (Greenwich, CT: Fawcett Publications, 1962 [1957]), p. 129. Dooyeweerd descreve a divisão kantiana nos seguintes termos: “Acima deste domínio sensorial da ‘natureza’, existia um domínio ‘suprassensorial’ da liberdade moral que não era governado pelas leis mecânicas da natureza, mas

por normas ou regras de conduta que pressupunham a autonomia da personalidade humana". Roots of Western Culture, p. 171.

[20] Immanuel Kant, Critique of Pure Reason, citado em T. Z. Lavine, From Socrates to Sartre: The Philosophical Quest (Nova York: Bantam Books, 1984), p. 197.

[21] Immanuel Kant, "Preface to Second Edition", Critique of Pure Reason, 2. ed. revista, traduzida por Norman Kemp Smith (Nova York: Palgrave Macmillan, 2007), p. 12. Descartes propôs um dualismo metafísico (baseado em quem nós somos). Kant propôs um dualismo epistemológico (baseado e como nós somos).

[22] Robert Solomon, Continental Philosophy Since 1750: The Rise and Fall of the Self (Nova York: Oxford University Press, 1988), p. 6, itálico acrescentado. Kenneth Schmitz escreveu: "O ponto central da mudança [kantiana] [...] é a afirmação de absolutismo por parte da consciência humana moderna" — isto é, de que "além de estabelecer os seus próprios termos, a consciência humana estabelece os termos da própria realidade". At the Center of the Human Drama: The Philosophical Anthropology of Karol Wojtyla / Papa João Paulo II (Washington, DC: Catholic University of America Press, 1993), p. 137, 136.

[23] Kant esperava que o indivíduo autônomo estivesse atrelado a uma lei moral universal baseada na razão — o que ele chamava de "imperativo categórico". Só que isso se mostrou um sonho irrealista. Sem qualquer fonte transcendente de lei (sem lei divina), cada indivíduo poderia criar as suas próprias leis, e a moralidade ficava reduzida a uma escolha arbitrária. Nietzsche previu o resultado ao escrever que todos deveriam "inventar a sua própria virtude, os seus próprios imperativos categóricos". Friedrich Nietzsche, "The Antichrist", The Portable Nietzsche, editado e traduzido por Walter Kaufmann (Nova York: Penguin, 1982), p. 577 [11].

[24] “Contra aquele positivismo que, para diante do fenômeno, ao dizer ‘existem somente fatos’, eu diria: não, são exatamente os fatos que não existem, somente interpretações.” Nietzsche, The Portable Nietzsche, p. 458.

[25] João Paulo II revela-nos o que isso significa: Existe uma “oposição”, uma “dialética, quando não um conflito absoluto” no pensamento moderno entre os conceitos de natureza e liberdade. (Observe que ele está utilizando os termos de Kant.) Quando a natureza é definida como “desprovida de qualquer significado e valores morais”, ela, então, fica reduzida à matéria-prima para a atividade humana”. Veritatis Splendor, §48, 46.

[26] Camille Paglia, “Rebel Love: Homosexuality”, Vamps and Tramps (Nova York: Vintage Books, 1994), p. 71.

[27] Vide Mark Yarhouse, Homosexuality and the Christian (Bloomington, MN: Bethany, 2010); e Mark Yarhouse, Understanding Sexuality Identity: A Resource for Youth Ministry (Grand Rapids: Zondervan, 2013).

[28] Katz, Invention of Heterosexuality.

[29] Para ter acesso a um relato histórico sobre como os cientistas assumiram a tarefa de definir a moralidade, vide Julie Reuben, The Making of the Modern University (Chicago: University of Chicago Press, 1996). No século XIX, à medida que a ética cristã ia perdendo influência, as questões morais foram sendo assumidas pela ciência. Muitos ocidentais começaram a nutrir esperanças de que as ciências biológicas e sociais dariam respostas aos problemas morais. Afinal de contas, declara Reuben: “Estas disciplinas tratam da natureza da vida e da sociedade humana e, portanto, tocavam na questão moral central: Qual é a melhor forma de viver?”. Além disso, a biologia revela os efeitos negativos à saúde dos comportamentos como a embriaguez e licenciosidade sexual.

Positivamente afirmada, portanto, a biologia parecia encorajar a vida pura, os bons hábitos e a reforma no sistema público de saúde. Como escreveu um biólogo do século XIX: “As regras de conduta [...] formuladas como preceitos religiosos, agora foram estabelecidas como as leis da biologia”. As questões morais foram, portanto, transformadas em regras científicas em prol da saúde física e mental das pessoas.

[30] Foucault, History of Sexuality, p. 42, 43. Para ter acesso a uma perspectiva cristã sobre a invenção relativamente recente, tanto do conceito da identidade heterossexual como da homossexual, vide Jenell Williams Paris, The End of Sexual Identity (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2011).

[31] “Diretamente contrário à sabedoria convencional de que as pessoas com atrações exclusivamente pelo mesmo sexo representam o ‘tipo’ prototípico do indivíduo da minoria sexual, e daqueles com padrões bissexuais são exceções pouco frequentes, o posto é verdadeiro. Pessoas com padrões não exclusivos de atração são inquestionavelmente a ‘norma’, e aquelas com atração exclusiva do mesmo sexo são a exceção.”. Deborah L. Tolman e Lisa M. Diamond, eds., APA Handbook of Sexuality and Psychology, vols. 1 e 2 (2014): 633.

[32] Lisa Diamond, “Just How Different Are Female and Male Sexual Orientation?” palestra feita na Cornell University, 7 de outubro de 2013. Vide também Lisa Diamond, Sexual Fluidity (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008). Dados adicionais em apoio à fluidez são a descoberta inesperada de que “as lésbicas têm taxas significativamente maior de gravidez do que os seus pares heterossexuais. Isso também é verdade para adolescentes gays do sexo masculino. Eles são substancialmente mais propensos a engravidar as suas parceiras sexuais do que homens heterossexuais”. Glenn Stanton, “Why Are So Many Lesbians Getting Pregnant?” Public Discourse, 19 de abril de 2017.

[33] Aleksandr Solzhenitsyn, The GULAG Archipelago, parte III (Nova York: HarperCollins, 1974, 1985), p. 249.

[34] Timothy Keller, Preaching: Communicating Faith in an Age of Skepticism (Nova York: Penguin, 2015), p. 135-136.

[35] Yarhouse afirma que aqueles que trabalham com adolescentes não deveriam pressupor que um adolescente identifica-se como “gay” somente porque ele ou ela relata sentir atração pelo mesmo sexo. Em um estudo, “o percentual de adolescentes que experimentam atração pelo mesmo sexo foi quase três vezes maior do que o das pessoas que se identificavam como gays”. Understanding Sexual Identity, p. 99, 104.

[36] Ibid.

[37] Citado por Stephanie Simon, “A New Therapy on Faith and Sexual Identity”, Wall Street Journal, p. 6 de agosto de 2009. Vide também Mimi Swartz, “Living the Good Lie”, New York Times, 16 de junho de 2011.

[38] Donna Minkowitz, “Recruit, Recruit, Recruit”, The Advocate (29 de dezembro de 1992).

[39] Darrel Yates Rist, “Sex on the Brain: Are Homosexuals Born That Way?” The Nation 255, n. 12 (19 de outubro de 1992). De modo semelhante, em um artigo intitulado “The ‘Born That Way’ Trap” [A Armadilha do ‘Nasci Assim’], (maio/junho de 1991), Lindsy Van Gelder rotula o argumento “não podemos fazer nada contra isso” como um pretexto. Ela escreve: “Pessoalmente, eu não acho que ‘nasci assim’. Ela estima que cerca de 50% das lésbicas escolheram ser assim e conclama as feministas a apoiarem “uma celebração franca e incontrita da sua escolha sexual”. Muitas outras citações podem ser encontradas em Queer by Choice, um website que se descreve como “um ponto de encontro radical de

pessoas que escolheram ser ‘queer’”. Vide http://www.queerbychoice.com/experiquotes.html.

[40] O’Donovan, Begotten or Made?, p. 29.

[41] Diamond, “Just How Different Are Female and Male Sexual Orientation?” Vide também Lisa Diamond, “I Was Wrong! Men’s Sexuality Is Pretty Darn Fluid Too”, artigo apresentado na The Society for Personality and Social Psychology (SPSP), pré-conferência, Austin, Texas, janeiro de 2014. Reportagem de Justin Lehmiller, “Women Aren’t the Only Ones Who Are Sexually Fluid — Men Have a Pretty ‘Flexible’ Sexuality Too”, Sex & Psychology, 24 de fevereiro de 2014. Diamond descobriu que, entre aqueles que haviam “se assumido” anteriormente como homossexuais, 84% das mulheres e 78% dos homens relatavam haver mudado a sua identificação sexual pelo menos uma vez (de homossexual para bissexual, queer, não definido ou heterossexual).

Um estudo de grupos cristãos de terapia que durou sete anos descobriu que 23% dos participantes relatou a conversão da atração homossexual para a heterossexual; 30% relatou uma redução do desejo pelo mesmo sexo a ponto de sentir-se “livre para uma vida casta”. O restante relatou alguma mudança continuada ou nenhuma mudança. Os resultados estão resumidos em Yarhouse, Homosexuality, p. 88-89.

[42] Christopher Yuan e Angela Yuan, Out of a Far Country (Colorado Springs: Waterbrook, 2011), 187.

[43] Christopher Yuan, “Torn: Rescuing the Gospel from the Gays-vs.-Christians Debate,” revisão de livro, The Gospel Coalition, 7 de janeiro de 2013.

[44] Amy Riordan, “My Path to Freedom” Walking in Freedom (blog), http://walkinginfreedom.net/my-path-to-freedom-healing-from-bi-sexuality-part-1/, itálico no original.

[45] Amy Riordan, “When the Enemy Attacks Your Sexual Identity (It Starts with Just a Thought),” Walking in Freedom (blog), http://walkinginfreedom.net/are-you-being-lied-to-about -your-sexual-identity/.

[46] Sam Allberry, Is God Anti-Gay? edição revista e ampliada. (UK: The Good Book Company, 2015), 32. Sam Allberry, junto com Sean Doherty e Ed Shaw, que são citados neste capítulo, estão associados a Living Out, um ministério britânico que trabalha com pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo.

[47] Tim Wilkins, “Cruel Joke or Medical Anomaly?” Cross Ministry, http://www.crossministry.org/index.php?option=com_content&view=article&id=261:cruel-joke-or-medical-anomaly&catid=65:articles-by-tim&Itemid=278.

[48] A mais controvertida é a terapia reparativa, ou terapia de conversão. A terapia reparativa para menores foi considerada ilegal em cinco estados e em Washington, DC. Nesses estados, é ilegal que um assistente licenciado de saúde mental ajude um menor a mudar a sua orientação sexual, ou identidade de gênero, mesmo a pedido do cliente. Outros vinte estados introduziram legislações similares. Entretanto, apesar de pesadas críticas públicas, estudos têm mostrado que a terapia não é nociva. Vide Yarhouse, Homosexuality, p. 90-95.

[49] Francis Schaeffer, True Spirituality, in The Complete Works of Francis Schaeffer (Wheaton, IL: Crossway, 1988).

[50] Vide Greg Koukl, The Story of Reality (Grand Rapids: Zondervan, 2017).

[51] Jean C. Lloyd, “The Girl in the Tuxedo: Two Variations on Sexual Orientation and Gender Identity”, Public Discourse, 5 de fevereiro de 2005.

[52] Jean C. Lloyd, “Seven Things I Wish My Pastor Knew about My Homosexuality”, Public Discourse, 10 de dezembro de 2014.

[53] Ibid.

[54] Ibid.

[55] O’Donovan, Resurrection and Moral Order, p. 69.

[56] Harper escreve: “Não existe uma palavra natural para virgindade masculina no grego ou no latim. [...] O sentido normal de parthenos era ‘senhorita ou moça solteira’. Os homens castos do movimento cristão incipiente procuraram, precariamente, um termo que expressasse, de modo adequado, o seu ideal pouco comum. [...] Normalmente, os cristãos acabaram encontrando circunlóquios para designar a abstinência sexual masculina, tais como eunouchia”. From Shame to Sin, p. 52, 104.

[57] Richard M. Davidson, Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament (Grand Rapids: Baker, 2007), p. 301. O historiador judeu do século I, Flávio Josefo, afirmou que Daniel, Mesaque, Sadraque e Abede-Nego eram eunucos.

[58] Ed Shaw, Same-Sex Attraction and the Church: The Surprising Plausibility of the Celibate Life (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2015), p. 112. Shaw atribui esse ponto de vista a Stanley Hauerwas.

[59] Vide Sam Allberry, “Why Single Is Not the Same As Lonely”, The Gospel Coalition, 11 de julho de 2016. Vide também Wesley Hill, Spiritual Friendship (Grand Rapids: Brazos Press, 2015); Eve Tushnet, Gay and Catholic (Notre Dame: Ave Maria Press, 2014).

[60] Melinda Selmys, “John Paul II, Intimate Friendship, and the Fluidity of Philia and Eros”, 15 de fevereiro de 2016, http://www.patheos.com/blogs/catholicauthenticity/2016/02/john-paul-ii-intimate-friendship-and-the-fluidity-of-philia-and-eros/?repeat=w3tc. Há quem tenha sugerido que Davi e Jônatas tinham um relacionamento homossexual. Só que, no original hebraico, as mesmas palavras são utilizadas para descrever o amor que Jacó tinha pelo seu filho Benjamim (a sua “alma” ou “vida” estava “entrelaçada” com a do menino; vide Gn 44.30).

[61] Ron Belgau, “Spiritual Friendship in 300 Words”, 29 de agosto de 2012, https://spiritual friendship.org/2012/08/29/spiritual-friendship-in-300-words/.

[62] Doug Mainwaring, “Married and Same-Sex Attracted: Are We Hiding the Light of the Gospel under a Basket?” Living the Truth in Love: Pastoral Approaches to Same Sex Attraction, editado por Janet E. Smith e Father Paul Check (São Francisco: Ignatius, 2015). Vide também Doug Mainwaring, “I’m Gay and I Oppose Same-Sex Marriage”, Public Discourse, 8 de março de 2013; Sean Doherty, “Is It Ever Responsible for People with Same-Sex Attraction to Get Married?” Living Out, http://www.livingout.org/is-it-ever-responsible-for-people-with-same-sex-attraction-to-get-married. Vide também NPR Staff, “Attracted to Men, Pastor Feels Called to Marriage with a Woman”, NPR, 4 de janeiro de 2015. Conselhos práticos para casais quando eles aprendem que um dos cônjuges tem atração pelo mesmo sexo podem ser encontrados em Yarhouse,

Homosexuality, capítulo 7.

[63] Doug Mainwaring, “It’s Possible: Gays and Lesbians Can Have Happy Marriages”, Public Discourse, 11 de julho de 2016.

[64] Ibid.

[65] Ibid.

[66] Rosaria Butterfield, “Love Your Neighbor Enough to Speak Truth”, The Gospel Coalition, 31 de outubro de 2016.

[67] S. J. Stone, “The Church’s One Foundation”, 1866.

[68] O’Donovan, Transsexualism and Christian Marriage, p. 6. Outros relacionamentos também são importantes para o ser humano, obviamente, escreveu O’Donovan, mas eles “não revelam o significado da natureza biológica dessa forma”.

[69] Por exemplo, o livro 3 dos Oráculos Sibilinos, provavelmente escritos por um judeu que viveu no Egito entre os anos 163 e 45 a.C., afirma que os judeus “importam-se com o santo matrimônio e não tomam parte em relações sexuais ímpias com meninos, como fazem os fenícios, egípcios e romanos, gregos farsantes e muitas outras nações, persas e gálatas e toda a Ásia”. Citado por David F. Greenberg, The Construction of Homosexuality (Chicago: University of Chicago Press, 1988), p. 200 n88.

[70] Preston Sprinkle, People to Be Loved (Grand Rapids: Zondervan, 2015), p. 67-68.

[71] Se o autor de Levítico tivesse desejado limitar a aplicação desses versículos, ele poderia ter utilizado o termo que designava os prostitutos cultuais, mas não o fez.

Na história da interpretação destas proibições levíticas, elas nunca foram tomadas como indiciando somente os atos homossexuais no contexto da prostituição cultual. Ao contrário, elas eram levadas no sentido mais amplo possível. Por exemplo, o historiador judeu do século I, Flávio Josefo, explicou aos leitores gentios que "a Lei [de Moisés] reconhece somente a relação sexual que está de acordo com a natureza, aquela que ocorre com uma mulher. [...] Mas abomina a relação sexual de homens com homens" (Contra Apião 2.199). Não existem limitações colocadas na proibição com relação à idade, condição de escravo, contexto idólatra, ou troca de dinheiro. A única limitação é o sexo dos participantes. (Robert A. J. Gagnon, The Bible and Homosexual Practice: Texts and Hermeneutics [Nashville: Abingdon, 2001], p. 312-32, 130)

Vide também Robert Gagnon, "Does Leviticus Only Condemn Idolatrous Homosexual Practice? — An Open Letter from Robert Gagnon," post reproduzido no blog de Timothy Dalrymple Philosophical Fragments, 28 de março de 2013, http://www.patheos.com/blogs/philosophicalfragments/2013/03/28 /bible-condemn-idolatrous-homosexual-practice-gangnon-lee-torn/.

[72] A distinção entre esses três tipos de lei tem origem na Igreja Primitiva, quando os teólogos procuravam explicar porque as leis civis e cerimoniais judaicas não tinham mais vigência sobre os cristãos, ao passo que a lei moral ainda estava em voga. Encontramos referências nos Pais da Igreja, bem como em Tomás de

Aquino, Lutero e Calvino. Vide Jonathan Bayes, “The Threefold Division of the Law”, publicado inicialmente em Reformation Today 177, http://www.christian.org.uk/wp-content/downloads /the-threefold-division-of-the-law.pdf.

[73] As Sagradas Escrituras deixam claro que as leis de purificação eram aplicadas simbolicamente às pessoas e não somente aos alimentos. Pedro teve uma visão de alimentos imundos e ouviu uma voz vinda do céu dizendo: “Não faças tu comum ao que Deus purificou”. Ele interpretou corretamente a visão, como significando que “Deus lhe havia mostrado que nenhum homem se deveria chamar comum ou imundo” (cf. Atos 10.15, 28).

[74] Vide Richard B. Hayes, The Conversion of the Imagination (Grand Rapids: Eerdmans, 2005).

[75] No Novo Testamento, por um lado, práticas como a escravidão foram radicalmente relativizadas. Comparada à nossa identidade em Cristo, o nosso status social, político e econômico é muito menos importante: “Porque o que é chamado pelo Senhor, sendo servo, é liberto do Senhor; e, da mesma maneira, também o que é chamado, sendo livre, servo é de Cristo” (1 Co 7.22). Por outro lado, Paulo também diz aos escravos: “Não te dê cuidado; e, se ainda podes ser livre, aproveita a ocasião” (v. 21). Como essas duas questões se coadunam? O Novo Testamento está instando os cristãos a seguirem o costume da sua cultura sempre que possível, para deixar claro que o Cristianismo não é, fundamentalmente, um programa de revolução social, mas de transformação interior. Todavia, se você conseguir encontrar maneiras de expressar essa transformação interior mudando as suas circunstâncias exteriores, “aproveita a ocasião”.

E os cristãos fizeram exatamente isto. Como vimos no capítulo 2, assim que tiveram “a ocasião” de influenciar as leis de Roma, os cristãos consideraram ilegal o sexo com escravos. No século IV, Gregório de Nissa escreveu “o

primeiríssimo ataque ao regime escravocrata” (Harper, From Shame to Sin, p. 182). Depois,

já no século VII, Batilda (esposa do Rei Clovis II) tornou-se famosa pela sua campanha em impedir o comércio de escravos e pedir a libertação de todos os escravos; em 851, Ansgário de Hamburgo começou os seus esforços no sentido de impedir o tráfico de escravos por parte dos Vikings. O fato de a Igreja batizar voluntariamente os escravos é tido como uma prova de que eles tinham alma, e não demorou para reis e bispos — inclusive Guilherme, o Conquistador (1027-1087) e os santos Vulstano (1009-1095) e Anselmo — proibirem a escravização de cristãos. [...] No século XII, Tomás de Aquino deduziu que a escravidão era um pecado, e uma série de Papas defendeu esta posição, começando em 1435 e culminando nos três maiores pronunciamentos contra a escravidão pelo Papa Paulo III em 1537. (Rodney Stark, “The Truth about the Catholic Church and Slavery”, Christianity Today, 1 de julho de 2003)

A triste ironia é que, na época em que os americanos começaram a praticar a escravidão no Novo Mundo, havia uma convicção arraigada, havia muitos séculos, de que a escravidão era errada. Os senhores de escravo não estavam seguindo a tradição cristã, como acusam os críticos. Eles estavam violando um ensinamento moral cristão de longa data.

[76] Richard B. Hays, The Moral Vision of the New Testament: A Contemporary Introduction to New Testament Ethics (Nova York: HarperOne, 1996), p. 387. Para ter acesso a uma boa análise no nível popular dos versículos bíblicos e do contexto greco-romano, vide Sprinkle, People to Be Loved.

[77] Alguns eruditos argumentam que Paulo não está condenando todos os relacionamentos homossexuais, mas somente aqueles praticados pelas pessoas que são “naturalmente” heterossexuais. A expressão “contrário à natureza” é interpretada como significando a natureza e as inclinações do indivíduo. Todavia, não existe qualquer evidência de que Paulo, no século I, estivesse

usando o termo “natureza” no sentido individualizado e psicológico que passou a ser comum no século XXI. É muito mais provável que ele estivesse usando o termo no sentido estoico, helênico e judeu, referindo-se à ordem criada.

[78] Por exemplo, Justin Lee, in Torn: Rescuing the Gospel from the Gays-vs.-Christians Debate (Nova York: Jericho Books, 2012), restringe Romanos 1 a uma condenação que abarca somente um “grupo específico de pessoas” que, inicialmente, se voltou à idolatria e, depois, tomou parte nos ritos de fertilidade dos templos pagãos. Todavia, a ênfase de Paulo é que todas as cosmovisões não cristãs acabam idolatrando alguma parte da ordem criada. Vide o meu livro Finding Truth.

[79] Crompton, Homosexuality and Civilization, p. 114.

[80] O discurso de Aristófanes no Symposium de Platão in Collected Works of Plato, 4. ed. traduzida por Benjamin Jowett (Oxford, UK: Oxford University Press, 1953).

[81] Craig A. Williams, Roman Homosexuality, 2. ed. (Nova York: Oxford University Press, 2010), p. 33.

[82] Ibid., p. 25, 54.

[83] Ruden, Paul among the People, p. 53, 51, 55, 48.

[84] Como escreveu Dennis Prager: “É, provavelmente, impossível para nós, que

vivemos milhares de anos [depois], percebermos a amplitude do que o sexo indisciplinado poderia ter causado na vida de um homem e na vida da sociedade. Ao longo de todo o mundo antigo, e até um passado recente em muitas partes do mundo, a sexualidade permeava praticamente toda a sociedade". Tudo começava com a visão que estas sociedades tinham dos deuses:

Os deuses de, praticamente, todas as civilizações tomavam parte em relações sexuais. No Oriente Médio, a deusa babilônica Ishtar seduziu um homem, Gilgamesh, o herói babilônico. Na religião egípcia, o deus Osíris manteve relações sexuais com a sua irmã, a deusa Ísis, e ela deu à luz o deus Hórus. Em Canaã, El, o deus supremo, fez sexo com Aserá. Na fé Hindu, o deus Krishna era sexualmente ativo, tinha muitas esposas e assediava Radha; o deus Samba, filho de Krishna, seduzia homens e mulheres mortais. Nas crenças gregas, Zeus casou-se com Hera, perseguia mulheres, sequestrou o belo jovem Ganimedes e masturbava-se em outras ocasiões; Poseidon casou-se com Anfitrite, interessou-se por Deméter e estuprou Tântalo. Em Roma, os deuses interessavam-se sexualmente tanto por homens, quanto por mulheres. Diante da atividade sexual dos deuses, não é surpreendente que as próprias religiões estivessem repletas de todas as formas de atividade sexual [especialmente na forma da prostituição cultual — que envolvia tanto homens, quanto mulheres]. (Dennis Prager, "Judaism's Sexual Revolution: Why Judaism [and then Christianity] Rejected Homosexuality", Crisis 11, no. 8 [Setembro de 1993])

[85] Ruden, Paul among the People, p. 49, 59.

[86] Rod Dreher, "Sex After Christianity", The American Conservative, 11 de abril de 2013.

[87] Bakke, When Children Became People, p. 144. No mundo antigo, os homens podem não ter precisado das mulheres para o sexo, mas precisavam delas para obter herdeiros legítimos. Hoje, os homens precisam somente de uma clínica de reprodução. "Para os casais gays que procuram arranjar uma criança para

adornar o seu ‘casamento’, as mães dos filhos são descartadas assim que a criança nasce. [...] As mulheres não passam de meras reprodutoras. Quando, na história da humanidade, as mulheres tiveram um tratamento mais indigno? Nunca”. Doug Mainwaring, “The Grand Pretension: Genderlessness and Genderless Marriage”, American Thinker, 20 de maio de 2016.

[88] Bakke, When Children Became People, p. 141.

[89] Tertuliano relatou que os romanos exclamavam: “Vejam como eles se amam uns aos outros!” “A Love without Condition”, History of the Early Church, http://www.earlychurch.com/un conditional-love.php.

• Capítulo 6 -Transgênero, Transrealidade

[1] Quantas pessoas são afetadas pela disforia de gênero? A estimativa mais frequentemente citada é de cerca de 0,2 a 0,3 por cento da população. Vide Tanya Lewis, “Bruce Jenner’s Transition: How Many Americans Are Transgender?” LiveScience, 27 de abril de 2015. Para ter acesso a uma declaração da Associação de Médicos e Dentistas Cristãos sobre o transgenerismo, vide https://cmda.org/resources /publication/transgender-identification-ethics-statement.

[2] Vide, por exemplo, Nelson Chan, Jeanette Hawn, e Roya Ladan, “Clearing Up the Law on Transgender Rights”, California Labor and Employment Law Review 30, n. 4 (julho de 2016); Tyler O’Neil, “Massachusetts Forces LGBT ‘Accommodation’ Rules on Churches”, PJMedia, 9 de setembro de 2016.

[3] “Transgender Kids: Who Knows Best?” BBC, 12 de janeiro de 2017.

[4] “About SB 777”, Rescue Your Child, http://rescueyourchild.com/SB_777.html.

[5] “Transgender FAQ”, GLAAD, http://www.glaad.org/transgender/transfaq.

[6] O’Donovan, Transsexualism and Christian Marriage, p. 12.

[7] G. G. v. Gloucester County School Board, United States Court of Appeals for the Fourth Circuit, No. 15-2056, decided: 19 de abril de 2016.

[8] “Colorado Transgender First-Grader Coy Mathis Wins Civil Rights Case”, comentário postado por lannister80, 24 de junho de 2013, http://forums.macrumors.com/threads/colorado-transgender -first-grader-coy-mathis-wins-civil-rights-case.1601025/.

[9] Paula Johnson, “His and Hers [...] Healthcare”, TED talk, dezembro de 2013.

[10] J. N. Zhou et al., “A Sex Difference in the Human Brain and Its Relation to Transsexuality”, Nature (2 de novembro de 1995). Alguns especulam que o desenvolvimento do sexo cerebral em um bebê pode seguir um caminho diferente do sexo apresentado pelo seu corpo. “A diferenciação sexual das genitálias ocorre nos dois primeiros meses da gravidez”, escreve Dick Swaab, um pesquisador do Instituto de Neurociência da Holanda em Amsterdã, “e a diferenciação sexual do cérebro começa durante a segunda metade da gravidez”. A genitália e o cérebro, portanto, estão sujeitos a ambientes diferentes de “hormônios, nutrientes, medicação e outras substâncias químicas”, separados por várias semanas no útero, o que pode afetar a diferenciação sexual. Citado por

Robin Marantz Henig, “How Science Is Helping Us Understand Gender”, National Geographic, janeiro de 2017.

Porém, a verdade é que, a esta altura, ninguém sabe o que causa o transexualismo. A dificuldade com as explicações genéticas é que a condição é tão rara que a maioria dos estudos influentes inclui somente seis ou sete indivíduos. Eles também computaram pessoas que estiveram ativamente envolvidas em comportamento do tipo cross-sex e utilizaram terapia com hormônio feminino de maneiras que, provavelmente, afetaram as regiões do cérebro que estavam sendo investigadas. Para ter acesso a um resumo da pesquisa, vide Mark Yarhouse, Understanding Gender Dysphoria (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2015), capítulo 3.

[11] “Boy or Girl?” [Menino ou Menina?] vídeo do YouTube, 1:40, postado por BBC The Social, 24 de outubro de 2016, https://www.youtube.com/watch?v=udI-Go8KK2Q&feature=youtu.be, itálicos acrescentados.

[12] Glenn Stanton, “5 Reasons Target’s Trans Bathroom Policy Really Stepped In It”, The Federalist, 29 de abril de 2016.

[13] Jonah Mix, “The Body and the Lie”, Medium, 25 de setembro de 2016, https://medium.com/@JonahMix/the-body-and-the-lie-fc6b03c3ff9a#.rtgdjj6ek.

[14] “I Didn’t Like Doing All the Stereotypical Girl Things”, Transgender Reality, 14 de dezembro de 2015, comentado por Trish, 11 de janeiro de 2016, http://transgenderreality.com/2015/12/14/i-didnt -like-doing-all-the-stereotypical-girl-things/. Vide também Lindsay Leigh Bentley, “I Am Ryland—The Story of a Male-Identifying Little Girl Who Didn’t Transition”, Lindsay Leigh Bentley (blog), 30 de junho de 2014, http://lindsayleighbentley.com/2014/06/30/i-am-ryland-the-story -of-a-male-

identifying-little-girl-who-didnt-transition/.

[15] Burkett, “What Makes a Woman?”

[16] “About”, First, Do No Harm: Youth Gender Professionals, https://youthtranscritical professionals.org/about/.

[17] Rod Dreher, “The Cult of Transgender”, The American Conservative, 10 de agosto de 2016.

[18] Vide Elaine Woo, “David Reimer, 38; After Botched Surgery, He Was Raised as a Girl in Gender Experiment”, Los Angeles Times, 13 de maio de 2004; “Who was David Reimer?”, Intersex Society of North America, http://www.isna.org/faq/reimer; John Colapinto, “Gender Gap”, Slate, 23 de junho de 2004. Infelizmente, David continuou a ser atormentado pelo tormento da sua infância e, em 2004, com trinta e oito anos, ele suicidou-se.

[19] Nuriddeen Knight, “An African-American Woman Reflects on the Transgender Movement”, Public Discourse, 4 de junho de 2015.

[20] Riki Wilchins, “We’ll Win the Bathroom Battle When the Binary Burns”, The Advocate, 29 de abril de 2016.

[21] Fr. Mark Hodges, “NYC Will Fine Employers up to $250,000 for Referring to ‘Trans sexuals’ by Their Natural Gender”, LifeSite News, 23 de dezembro de 2015. Sobre os trinta e um gêneros, vide Robert Gehl, “NYC Just Released a

List of Officially Recognized Genders", The Federalist Papers, n.d., http://www.thefederalistpapers.org/us/nyc-just-released-a-list-of-officially-recognized-genders.

Da perspectiva dos transexuais, existem preocupações genuínas a respeito de banheiros e vestiários. Diamond Dee, um ex-transexual que se converteu ao Cristianismo, afirma ter dificuldades em usar o vestiário masculino nas academias porque o seu corpo é tão feminilizado em função da sua cirurgia de mudança de sexo e dos muitos anos do uso de hormônios femininos. Entretanto, a melhor forma de equilibrar essas preocupações com o direito à privacidade da maioria da população é oferecer banheiros exclusivos para pessoas transgêneros, assim como a maioria das academias oferecem banheiros exclusivos para famílias com filhos pequenos. Sobre Diamond Dee, vide "Yes! Jesus Loves Transgenders: The Diamond Dee Interview Part 2", vídeo do YouTube, 2:07, postado por triplexchurch on 15 de julho de 2015.

[22] Butler, Gender Trouble, passim; Carol Queen e Lawrence Schimel, editores, PoMoSexuals (São Francisco: Cleis Press, 1997).

[23] Citado por Linda Markowitz, "A Different Kind of Queer Marriage", Utne Reader, setembro/outubro de 2000. Markowitz escreveu:

Durante anos, lésbicas, homens gays e bissexuais repetiram como se fossem bonecos movidos à corda: "Amor é amor, independentemente do corpo em que ele se expressa, e nós merecemos direitos iguais". Só que a nova "fluidez" das identidades sexuais deixa-nos em um estado de confusão linguística. Um gay assumido que retrocede e casa-se com uma mulher deveria continua a chamar-se um gay? Uma lésbica assumida que retrocede e casa-se com um homem deveria continuar a chamar-se de lésbica? Esta nova safra de pessoas "queer" está em luta acerca de como elas mesmas devem ser chamadas, e a comunidade de gays e lésbicas tem reações fortes, independentemente da etiqueta que eles acabem aceitando receber.

[24] Butler, Gender Trouble, p. 9.

[25] Os ativistas gays têm debatido essa questão entre si há um bom tempo sob os termos essencialismo vs construtivismo. O essencialismo sexual considera a identidade sexual como um fato natural, uma identidade inerente, imutável e arraigada na biologia. O construtivismo considera a identidade sexual como um fato social, um produto da cultura. Para um resumo do tema, vide Gayle Madwin, "What Is the Difference between Essentialist and Social Constructionist Techniques for Fighting Homophobia?" http://www.queerbychoice.com/essentialism.html.

[26] Jorge Rivas, "Half of Young People Believe Gender Isn't Limited to Male and Female", Fusion, 3 de fevereiro de 2015.

[27] Gene Edward Veith, "Identity Crisis: College Adminstrators Encourage Some Students to Rebel against Their 'Assigned' Gender Roles", World, 27 de março de 2004.

[28] SIECUS, "Guidelines for Comprehensive Sexuality Education", 3. ed., http://www.siecus.org/_data/global/images/guidelines.pdf, itálicos adicionados.

[29] Margot Adler, "Young People Push Back Against Gender Categories", NPR, 16 de julho de 2013.

[30] Lucy Mae Beers, "'Some Days Annie Is a Girl, Some Days Annie Is a Boy and Some Days She's Both': The 12-Year-Old Whose Gender Changes on a

Daily Basis Depending on How They Feel", Daily Mail, 23 de março de 2016.

[31] Página de diversidade do Facebook, postado em 15 de fevereiro de 2014. O Facebook continuou aumentando o número até que, finalmente, desistiu de tentar enquadrar o número explosivo de identidades de gênero e começou a deixar com que os próprios usuários informassem a sua identidade de gênero.

[32] Citado por John W. Kennedy, "The Transgender Moment: Evangelicals Hope to Respond with Both Moral Authority and Biblical Compassion to Gender Identity Disorder", Christianity Today 52, n. 2 (fevereiro de 2008).

[33] John Maddox, What Remains to be Discovered (Nova York: The Free Press, 1998), p. 252.

[34] Mark Ridley, The Cooperative Gene (Nova York: The Free Press, 2001), p. 111.

[35] Georg Wilhelm Friedrich Hegel, The Philosophy of Right, parágrafo 342, https://www.utm.edu/staff/jfieser/class/316/pri/2-316-hegel.htm.

[36] Friedrich Nietzsche, Human All Too Human: A Book for Free Spirits (1878), in The Nietzsche Reader, editado por Keith Ansell Pearson e Duncan Large, traduzido por Marion Faber (Oxford, UK: Blackwell, 2006), p. 162 [2].

[37] Friedrich Nietzsche, The Gay Science (1882), http://www.lexido.com/EBOOK_TEXTS/THE_GAY_SCIENCE_FIFTH_BOOK

S=357.

[38] Sobre o historicismo como o principal legado de Hegel, vide John McCumber, Time and Philosophy.

[39] Jean Paul Sartre, “Existentialism Is a Humanism”, (1946), in Existentialism from Dostoeyvsky to Sartre, editado por Walter Kaufman (Londres: Meridian, 1989).

[40] Foucault morreu de AIDS em 1984. Butler descreve-se como uma lésbica “sapatão” e uma “machorra” em “Maria Cyber Interviews Judith Butler”, http://www.scribd.com/doc/56581872 /Judith-Butler-Interview#scribd. Ela explica que escreveu Gender Trouble especificamente para defender os relacionamentos entre “sapatões-fêmeas”. Vide “The Body You Want: Liz Kotz Interviews Judith Butler”, Artforum 31, n. 3 (Novembro de 1992): 82–89.

[41] Judith Butler, Bodies That Matter (Nova York: Routledge, 1993), p. 58.

[42] Butler, Gender Trouble, xxi, 31, viii, xiv, e passim.

[43] Ibid., xx.

[44] Carol Bigwood, “Renaturalizing the Body”, Body & Flesh, p. 103.

[45] Maxine Sheets-Johnson, “Corporeal Archetypes and Power”, Body & Flesh, p.

150, 152, itálico acrescentado.

[46] Butler, Gender Trouble, p. 11, 12.

[47] Hegel, Philosophy of Right, parágrafo 344, citado por Robert C. Solomon, Continental Philosophy Since 1750: The Rise and Fall of the Self (Oxford: Oxford University Press, 1988), p. 57.

[48] Butler, Gender Trouble, p. 9.

[49] Chase Strangio, “What Is a ‘Male Body’?” Slate, 19 de julho de 2016.

[50] Vide Terry Eagleton, Illusions of Postmodernism (Malden, MA: Blackwell, 1996), p. 14, 37, 38. Eagleton comenta que, ironicamente, o pós-modernismo alega ser “materialista e, portanto [...] segue suprimindo a parte mais obviamente materialista dos seres humanos, a saber, a sua constituição biológica” (58).

[51] Sheila Jeffreys, Gender Hurts: A Feminist Analysis of the Politics of Transgenderism (Nova York: Routledge, 2014), p. 53.

[52] Susan Bordo, Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body (Berkeley: University of California Press, 1993, 2003), p. 301, 245. Elizabeth Grosz afirma que o efeito da visão pós-moderna de Butler “é a negação da materialidade ou da especificidade material e determinação aos corpos [...]. É torná-los infinitamente influenciáveis, maleáveis”. Volatile Bodies: Towards a Corporeal Feminism (Bloomington: Indiana University Press, 1994), p. 190. A

própria Butler reconhece que a principal objeção levantada contra a sua teoria é que ela “nega a materialidade do corpo” (Butler, Bodies That Matter, prefácio).

Os críticos de Foucault também levantam objeções similares. Eles dizem que os seus escritos criam a impressão de que a sexualidade é puramente uma construção social, criada por relações sociais e de poder, sem qualquer relação com o corpo real. Como Foucault observa em History of Sexuality (151ss), os seus críticos costumam perguntar: Você não está desprezando “o corpo, a anatomia, o biológico, o funcional?” Você não “fala de sexo como se o sexo não existisse?” A resposta de Foucault era que, apesar do sexo poder iniciar puramente com a anatomia e fisiologia, nós não temos acesso ao significado do nosso corpo, exceto por meio de construções culturais impostas pelas estruturas do poder cultural:

Ora, é exatamente esta ideia de sexo em si mesma que não podemos aceitar sem um exame. O “sexo” é mesmo o ponto de ancoragem que sustenta as manifestações da sexualidade, ou não seria ele somente uma ideia complexa que se formou no interior da expressão da sexualidade? Seja qual for o caso, pode-se ver como esta ideia do sexo tomou forma nas diferentes estratégias de poder e no papel definido que ele nela desempenhou.

[53] Bordo, Unbearable Weight, p. 275. O’Donovan resume esse dualismo como um “reducionismo do corpo para uma questão não diferenciada, na qual o espírito propôs-se a exercer liberdade ilimitada”. Transsexualism and Christian Marriage, p. 19.

[54] “International Women’s Day Protester Suddenly Realizes She’s Reinforcing Harmful Social Construct of Gender”, The Babylon Bee, 8 de março de 2017.

[55] Laura Donnelly, “Don’t Call Pregnant Women ‘Expectant Mothers’ As It

Might Offend Transgender People, BMA [British Medical Association] Says", The Telegraph, 29 de janeiro de 2017. Vide também Trevor MacDonald, "Transphobia in the Midwifery Community", Huffington Post, 15 de setembro de 2016.

[56] Citado por Brandon Showalter, "Transgender Policies Cause 'Erasure' of Females, 'Voyeurism', 'Eugenics' on Children, Say Women's Rights Activists", Christian Post, 19 de fevereiro de 2017.

[57] Entrevistado em Claire Chretien, "Bathrooms Are Just the Beginning: A Scary Look into the Trans Movement's End Goals", LifeSite News, 6 de maio de 2016. Vide também Stella Morabito, "A De-Sexed Society Is a De-Humanized Society", Public Discourse, 25 de maio de 2016.

[58] Andrew Malcolm, "Obama State Department deletes 'Mother, 'Father' from forms for More Correct 'Parent One, 'Parent Two'", Los Angeles Times, 7 de janeiro de 2011. Atendendo a protestos públicos, o Departamento de Estado comprometeu-se e modificou a forma de expressar, passando a ser "Mãe ou Cuidador Um" e "Pai ou Cuidador Dois". Vide Matthew Lee, "State Department Steps Back on Gender-Neutral Parentage, Won't Replace Terms 'Mother', 'Father'", Associated Press, 9 de janeiro de 2011.

[59] Human Rights Campaign, "Sexual Orientation and Gender Identity Definitions", s.v. "Gender Identity", http://www.hrc.org/resources/sexual-orientation-and-gender-identity-terminology-and-definitions.

[60] Vide Daniel Moody, The Flesh Made Word (CreateSpace Independent Publishing Platform), 2016.

[61] Daniel Moody, “Why You Shouldn’t Use Transgender Pronouns”, The Federalist, 18 de outubro de 2016.

[62] Eagleton, Illusions of Postmodernism, p. 113, 116. Ironicamente, até mesmo Judith Butler veio a perceber o problema. Por anos ela rejeitou o conceito de uma natureza humana universal em favor do construtivismo social. Só que, apesar de trabalhar para a Comissão Internacional para os Direitos Humanos de Gays e Lésbicas, ela veio a perceber que não se pode argumentar em favor dos direitos humanos sem fazer uso de algum tipo de conceito do que venha a ser um ser humano — algum conceito acerca da natureza humana universal (Butler, Gender Trouble, xviii).

[63] Citado por Avery Dulles, “John Paul II and the Mystery of the Human Person”, America 190, n. 3 (4 de fevereiro de 2004).

[64] Tikva Frymer-Kensky escreveu:

A Bíblia não apresenta qualquer característica do comportamento humano como “feminino” ou “masculino”, nenhuma divisão de atributos entre os polos “feminino” e “masculino”, nenhum indício de distinções de polaridades como a agressividade masculina-receptividade feminina, inovação masculina-conservação feminina, arrojo masculino-contenção feminina, subjugação masculina-objetificação feminina, racionalidade masculina-emocionalidade feminina, produção masculina-processamento feminino, conquistas masculinas-laços femininos, ou qualquer uma das outras polaridades pelas quais estamos acostumados a pensar nas distinções de gênero. (Citado por Davidson, Flame of Yahweh, p. 221)

[65] O pai era um INFP (gentil, sensível, emotivo, relacional) ao passo que a mulher era ESTJ (centrada, responsável, racional, assertiva, organizada). No

modelo Myers-Briggs, só existe um único traço de personalidade que difere entre homens e mulheres: Mais homens mostram-se como T (racionais, lógicos, objetivos), ao passo que mais mulheres mostram-se como F (emotivas, sensíveis, relacionais) — cerca de 65% em cada um dos casos. Entretanto, à medida que o movimento feminista tornou mais socialmente aceitável que mulheres assumam a liderança, mais mulheres começaram a mostrar-se como T, o que pode sugerir que essa diferença é, pelo menos em parte, cultural.

[66] Vide também Nancy Pearcey, “A Plea for Changes in the Workplace”, Pro-Life Feminism: Different Voices, editado por Gail Grenier Sweet (Toronto: Life Cycle Books, 1985); e Nancy Pearcey, “Why I Am Not a Feminist (Any More)”, Human Life Review, verão de 1987.

[67] Yarhouse, Understanding Gender Dysphoria, p. 155. Vide também Vaughan Roberts, Transgender (UK: The Good Book Company, 2016).

[68] “Toda a pesquisa sobre as diferenças de gênero [...] demonstra consistentemente que, mesmo quando existem diferenças estatisticamente relevantes entre homens e mulheres, essas diferenças são muito pequenas, na sua magnitude, quando comparadas com as variações entre as mulheres e entre os homens.” Heather Looy and Hessel Bouma III, “The Nature of Gender”, citado em Yarhouse, Understanding Gender Dysphoria, p. 37, itálico acrescentado.

[69] Yarhouse, Understanding Gender Dysphoria, p. 154.

[70] April Herndon, “Why Doesn’t ISNA Want to Eradicate Gender?” Intersex Society of North America, FAQ, http://www.isna.org/faq/not_eradicating_gender.

[71] Um relatório enviado para a Comissão Europeia, no ano de 2011, afirma: “As pessoas intersex diferem das pessoas ‘trans’ à medida que a sua condição não está baseada no gênero, mas, sim, na sua constituição biológica (características genéticas, hormonais e físicas)”. Citado por Emily Greenhouse, “A New Era for Intersex Rights?”, The Nova Yorker, 30 de dezembro de 2013.

[72] Megan DeFranza, Sex Difference in Christian Theology: Male, Female, and Intersex in the Image of God (Grand Rapids: Eerdmans, 2015), p. 144.

[73] Ibid., p. 25, 30, 31, itálico acrescentado.

[74] Susan Donaldson James, “Intersex Children: Boy or Girl and Who Decides?”, ABC News, 17 de março de 2011.

[75] A história de Lianne Simon vem das suas comunicações pessoais e de vários artigos no seu website, http://www.liannesimon.com/.

[76] Vide Charlotte Greenfield, “Should We ‘Fix’ Intersex Children?”, The Atlantic, 8 de julho de 2014. Em alguns casos, as pessoas podem nem mesmo saber que são intersexo porque a sua aparência externa é normal. Elas, talvez, só descubram que têm um problema genético depois de casarem e descobrirem que são estéreis. Por exemplo, uma mulher com Síndrome da Completa Insensibilidade Andrógina pode não saber que ela tem os cromossomos XY. Na Bíblia, ela poderia, muito bem, ser a mulher estéril.

[77] Personal communication, 6 de abril de 2017. LGBT significa “lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros”.

[78] Sam Allberry, “What Christianity Alone Offers Transgender Persons”, The Gospel Coalition, 10 de janeiro de 2017.

[79] A American College of Pediatricians escreveu: “De acordo com o DSM-V, cerca de 98% de meninos com confusão de gênero e 88% das meninas confusas acabam aceitando o seu sexo biológico depois de passar naturalmente pela puberdade”. American College of Pediatricians, “Gender Ideology Harms Children”, atualizado em 17 de agosto de 2016, http://www.acpeds.org/the-college-speaks /position-statements/gender-ideology-harms-children. De acordo com outro estudo, quando as crianças que registraram sentimentos transgêneros foram identificadas como não tendo recebido tratamento médico ou cirúrgico, tanto na Universidade Vanderbilt, como na Clínica Portman de Londres, 70-80% delas deixou de lado esses sentimentos espontaneamente. Paul McHugh, “Transgender Surgery Isn’t the Solution”, The Wall Street Journal, atualizado em 13 de maio de 2016, e Paul McHugh, “Surgical Sex”, First Things, novembro de 2004.

Tragicamente, muitos transexuais permanecem gravemente angustiados e até mesmo suicidas depois de passarem pela cirurgia de mudança de sexo. Vide David Batty, “Sex Changes Are Not Effective, Say Researchers”, The Guardian, 30 de julho de 2004. Um estudo sueco de 2003 descobriu que a mortalidade pós-operativa e as taxas de suicídio dos transsexuais são muitas vezes mais altas do que a população em geral. (E isso ocorre na Suécia, que tem uma história de ser um país que apoia os indivíduos transgêneros.) Vide Yarhouse, Understanding Gender Dysphoria, p. 118.

[80] “Transgender Kids: Who Knows Best?” BBC. Há pouca, se é que há, pesquisa feita com crianças cujos pais são transgêneros. Vide Denise Shick, “When My Father Told Me He Wanted to Be a Woman”, Public Discourse, 27 de março de 2015.

[81] A clínica de identidade de gênero da Central de Ajuda para Vícios e Saúde Mental, Toronto, Canadá, foi fechada em dezembro de 2015. Muitos observadores acreditam que isso se deu porque a clínica apoiava "desistentes" (ou seja, ajudava as crianças a sentirem-se confortáveis com o próprio corpo) em vez de praticar somente o "modelo afirmativo" (isto é, facilitar a identificação das crianças como transgêneros), o que, hoje em dia, é considerado mais politicamente correto. Vide Jesse Singal, "How the Fight over Transgender Kids Got a Leading Sex Researcher Fired", New York Magazine, 7 de fevereiro de 2016.

[82] "Crianças que crescem no padrão não heterossexual são, em média, substancialmente mais propensas a inconformidade de gênero do que as crianças que são criadas para serem heterossexuais". J. Michael Bailey et. al, "Sexual Orientation, Controversy, and Science" Psychological Science in the Public Interest 17 n. 2 (2016): 45–101.

E o que dizer de homens que eram bem masculinos antes de apresentarem-se como transgêneros, tal como é o caso de Bruce Jenner? O Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders [Manual Diagnóstico e Estatístico de Desordens Mentais] divide as pessoas com disforia de gênero em duas categorias. As pessoas com disforia de gênero instalada nos estágios iniciais da vida são pessoas que apresentam essa não conformidade desde o início da infância. Só que elas provavelmente tendem a resolver esses sentimentos na vida adulta. As pessoas com disforia de gênero instalada nos estágios mais recentes da vida normalmente eram conformes ao longo da infância. Na verdade, elas tendem a ser hipermasculinas, trabalham em profissões como a área militar, polícia, ou na área do atletismo. Elas normalmente se casam e têm filhos antes de decidirem fazer a transição, ou podem começar a fazer primeiro o "cross-dressing" (ou travestismo). Vide Yarhouse, Understanding Gender Dysphoria, p. 96-99. Bruce (Caitlin) Jenner parece ser um exemplo da segunda categoria. Vide "'He'd Wear Women's Clothes, Shoes, and Lingerie': Bruce Jenner, 'the Secret Cross-Dresser'", The Daily Mail, 11 de janeiro de 2002.

Algumas pessoas podem fazer uso do travestismo como estimulante sexual (isto é, como um fetiche). Pode ser que a Bíblia esteja se referindo a esse grupo

quando alerta: “Não haverá trajo de homem na mulher, e não vestirá o homem veste de mulher; porque qualquer que faz isto abominação é ao SENHOR, teu Deus” (Dt 22.5).

[83] Yuan and Yuan, Out of a Far Country, p. 20.

[84] “A maioria dos estudos relata que um número três vezes maior de homens, do que mulheres, busca o realinhamento de gênero”. Nicola Tugnet et al., “Current Management of Male-to-Female Gender Identity Disorder in the UK”, Postgraduate Medical Journal 83, n. 984 (outubro de 2007). Tanto a disforia de gênero como a homossexualidade, historicamente, têm sido mais comuns entre homens do que entre mulheres, possivelmente porque os padrões de gênero para os homens sejam mais rígidos e restritos. É socialmente muito mais aceito que uma moça seja uma “moleca” do que um garoto seja “marica” ou “efeminado”. Nos anos recentes, entretanto, a taxa de moças que buscaram tratamento em clínicas de gênero aumentou exponencialmente. Vários estudos estão resumidos neste post: “Why Are More Girls Than Boys Presenting to Gender Clinics?” 4thWaveNow (blog), 10 de julho de 2015, https://4thwavenow.com/2015/07/10/why-are-more-girls-than-boys-presenting-to-gender-clinics/.

Algumas pessoas sugerem que 1 Coríntios 6.10, que utiliza a palavra “efeminados”, poderia ser aplicável às pessoas transgêneros. Todavia, Harper afirma que o significado do termo grego não pode ser diretamente traduzido: Um malakos, “macio”, referia-se a uma pessoa que se entregava a prazeres excessivos. Como descrevia um documento antigo: “acima de tudo com o mínimo autocontrole”, ele era possuído por uma “loucura aguda e escaldante por sexo, pelo coito tanto com mulheres, quanto como homens”. From Shame to Sin, p. 52, 104.

[85] Entrevista com Cari em “In Praise of Gatekeepers: An Interview with a Former Teen Client of TransActive Gender Center”, 4thWaveNow, 21 de abril de

2016, https://4thwavenow.com/2016/04 /21/in-praise-of-gatekeepers-an-interview-with-a-former-teen-client-of-transactive-gender-center/. Cari descreve o seu retorno da transição neste vídeo: “Response to Julia Serano: Detransition, Desistance, and Disinformation,” YouTube video, 17:02, uploaded by Cari Stella em 9 de agosto de 2016, https://www.youtube.com/watch?v=9L2jyEDwpEw.

[86] Lou acrescenta: “Eu não entendia que o grau de desconexão e o ódio que eu sentia do meu corpo poderia ser considerado um problema de saúde mental”. Assista ao filme da BBC: “Transgender Kids: Who Knows Best?” Um estudo de 2014 descobriu que 62,7% das pessoas diagnosticadas com disforia de gênero sofrem de transtornos comórbidos do eixo 1, ou doenças mentais — o que significa que eles deveriam receber tratamento para estas desordens mentais em vez de ser levados a fazer tratamento hormonal ou submeter-se a cirurgias. Vide Azadeh Mazaheri Meybodi, Ahmad Hajebi e Atefeh Ghanbari Jolfaei, “Psychiatric Axis I Comorbidities among Patients with Gender Dysphoria”, Psychiatry Journal, agosto de 2014.

Uma descoberta altamente consistente — embora surpreendente — é a ligação entre disforia de gênero e autismo:

Uma descoberta na pesquisa transgênero é farta: a conexão entre a não conformidade de gênero e o transtorno do espectro autista (TEA). Segundo John Strang, um neuropsicólogo pediatra da Central do Transtorno do Especto Autista e do Programa de Desenvolvimento de Gênero e Sexualidade no Sistema Nacional de Saúde Infantil de Washington, DC, crianças e adolescentes no espectro do autismo têm sete vezes mais chances do que as outras a desenvolverem não conformidade de gênero. Inversamente, as crianças e adolescentes nas clínicas de gênero têm de seis a quinze vezes mais probabilidade do que os outros jovens a desenvolverem o TEA. (Henig, “How Science Is Helping Us Understand Gender”)

[87] Walt Heyer, “Transgender Characters May Win Emmys, But Transgender

People Hurt Themselves", The Federalist, 22 de setembro de 2015. Outros exemplos de arrependimento de mudança de sexo podem ser encontrados em Stella Morabito, "Trouble in Transtopia: Murmurs of Sex Change Regret", The Federalist, 11 de novembro de 2014.

[88] Walt Heyer, Perfected with Love (Maitland, FL: Xulon Press, 2009), p. 15.

[89] Vide Tim Otto, Oriented to Faith: Transforming the Conflict over Gay Relationships (Eugene, OR: Wipf & Stock, 2014), p. 89.

[90] Ibid., p. 7.

[91] Mark Yarhouse and Trista Carrs, "MTF Transgender Christians' Experiences: A Qualitative Study", Journal of LGBT Issues in Counseling 6, n. 1 (janeiro de 2012).

• Capítulo 7 - A Deusa da Escolha Está Morta

[1] Nancy Pearcey, "I Take You... Revisão da obra de Ted Peters For the Love of Children", First Things, fevereiro de 1998.

[2] Ao contrário da alegação de Peter, a "adoção não é um contrato. Ninguém assina um 'contrato de adoção', no qual uma parte concorda em entregar um filho à outra, que passa a ter direitos sobre a criança. Não. A adoção confere o status permanente de pai a uma pessoa. Jennifer Roback Morse, "Privatizing Marriage Is Unjust to Children", Public Discourse, 4 de abril de 2012.

[3] Pearcey, “I Take You...”

[4] Ibid.

[5] Martha Albertson Fineman, The Autonomy Myth (Nova York: The New Press, 2005). O motivo de Fineman querer transformar as relações familiares em contratos é libertar as mulheres da tarefa de cuidar dos filhos. Ela escreveu:

Uma fonte de insatisfação com a privatização da dependência é a contínua divisão desigual do trabalho familiar entre os dois sexos, que sobrecarrega mais as mulheres do que os homens. Dentro da família, existe também a delegação de responsabilidades, já que o cuidado dos dependentes tradicionalmente tem sido, e continua em larga escala, sendo atribuída às pessoas no papel de esposa, mãe, avó, filha e nora. [...] Obviamente, o meu objetivo em desenvolver este argumento, em última análise, é forçar o Estado e o mercado a assumirem (um pouco) mais responsabilidade pelos dependentes. (Martha Albertson Fineman, “Contract and Care”, Chicago-Kent Law Review 76, n. 3, 1406–7)

De modo interessante, uma revisão feita por um leitor da Amazon capturou sucintamente a mensagem de Fineman: “[Eu] obtive uma compreensão muito grande do relacionamento cuidador em lugar do casamento. [...] O casamento é uma instituição ultrapassada que precisa ser reformulada!!!”

[6] Anthony Giddens, The Third Way (Cambridge, UK: Polity, 2000). Cass Sunstein, que trabalhou como czar regulador do Presidente Obama de 2009 a 2012, escreveu em um livro em conjunto com Richard Thaler: “Defendemos que os estados deveriam abolir o ‘casamento’ na forma atual e, em lugar dele, fundamentar-se em uniões civis” — as quais são determinadas por leis de

contrato. Nudge: Improving Decisions about Health, Wealth, and Happiness (Nova York: Penguin, 2008, 2009), p. 212, 117-118, 224. Sunstain acrescenta: “Na nossa proposta, a palavra casamento não apareceria mais em nenhuma lei, e as Certidões de Casamento não seriam mais oferecidas, nem reconhecidas por qualquer nível de governo” (217).

[7] Vide John Witte, From Sacrament to Contract: Marriage, Religion, and Law in the Western Tradition (Louisville: Westminster John Knox, 1997).

[8] Vide Steven Forde, Locke, Science, and Politics (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2013). Os filósofos atomistas da revolução científica estavam revivendo intencionalmente o antigo atomismo grego, especialmente o ensinado por Epicuro, o qual, de igual modo, aplicava a sua filosofia à vida social, ensinando um individualismo radical no qual os seres humanos não eram seres naturalmente sociais, mas “átomos” autônomos. Vide David Koyzis, Political Visions and Illusions (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003), p. 48-49.

[9] Locke inspirou a Revolução Americana; Rousseau, a Revolução Francesa. Hoje, os conservadores tendem a seguir Locke, e os liberais tendem a seguir Rousseau. Vide Kim Holmes, “The Great Divide: The Ideological Legacies of the American and French Revolutions”, The Heritage Foundation, 12 de agosto de 2014, http://www.heritage.org/political-process /report/the-great-divide-the-ideological-legacies-the-american-and-french.

Na maior parte do mundo, o que os americanos chamam de conservadorismo (a ênfase nas liberdades individuais) denomina-se liberalismo, ao passo que os que os americanos chamam de liberalismo (o aumento do governo via estado de bem-estar) é chamado de democracia social, indicando as suas raízes no socialismo. Nos Estados Unidos, entretanto, até mesmo o estado de bem-estar social não é justificado a partir de um apelo ao socialismo, mas por um apelo ao individualismo — como uma forma de maximizar as oportunidades individuais para as pessoas em situação de desvantagem. Vide Koyzis, Political Visions and

Illusions, p. 60.

[10] Eric O. Springsted, The Act of Faith: Christian Faith and the Postmodern World (Grand Rapids: Eerdmans, 2002), x.

[11] A seção seguinte baseia-se no meu livro Total Truth [Verdade Absoluta], apêndice 1, “How American Politics Became Secularized” [Como a Política Americana Tornou-se Secularizada]. Vide também Nancy Pearcey, “The Creation Myth of Modern Political Philosophy”, discurso apresentado na Sexta Preleção Anual Kuyper, patrocinada pelo Center for Public Justice, 2000, http://www.arn.org/docs/pearcey/np_creationmyth0801.htm.

[12] Thomas Hobbes, On the Citizen, editado por Richard Tuck e Michael Silverthorne (Nova York: Cambridge University Press, 1998), p. 102.

[13] John Hallowell, Main Currents in Modern Political Thought (Lanham, MD: University Press of America, 1984), p. 102-103.

[14] George Grant, English-Speaking Justice (Toronto, ON: House of Anansi Press, 1974, 1975), p. 16, 19.

[15] Michael Zuckert, The Natural Rights Republic (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1996), p. 29.

[16] Nos anos recentes, a teoria do contrato social recebeu um novo impulso quando John Rawls propôs uma versão moderna influente na obra A Theory of

Justice, edição revisada (Cambridge, MA: Belknap Press, 1999). Apesar de algumas novas características, a versão de Rawl ainda trata os seres humanos, fundamentalmente, como calculadores racionais dos seus interesses próprios.

[17] Michael Sandel, Democracy's Discontent (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996).

[18] Mary Ann Glendon, Rights Talk (Nova York: Simon and Schuster, 1991), p. 48. Outras nações, observa Glendon, têm leis de privacidade que tratam os seres humanos como possuidores de uma dimensão social e, portanto, proporcionam um maior apoio e proteção aos nossos relacionamentos sociais. Por exemplo, muitas nações exigem que uma mulher que pense em abortar receba aconselhamento sobre alternativas de ajuda e apoio para prosseguir com a gravidez e dar à luz o bebê. Em contraste, a Suprema Corte dos Estados Unidos derrubou essas exigências alegando serem uma violação à "privacidade" das mulheres envolvidas.

[19] Para ter acesso a estatísticas, vide W. Bradford Wilcox, "Suffer the Little Children: Cohabitation and the Abuse of America's Children", Public Discourse, 22 de abril de 2011.

[20] Oliver O'Donovan, Desire of the Nations: Rediscovering the Roots of Political Theology (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996), p. 276.

[21] John Hallowell, The Moral Foundation of Democracy (Chicago: University of Chicago Press, 1954), p. 85.

[22] Bertrand de Jouvenal, cf. citação de Joyce Appleby, Capitalism and a New

Social Order: The Republican Vision of the 1790s (Nova York: Nova York University Press, 1984), p. 36.

[23] Vide Jennifer Roback Morse, Love and Economics: Why the Laissez-Faire Family Doesn't Work (Dallas: Spence Publishing, 2001). Críticas semelhantes ao contrato social são feitas por autoras feministas como Virginia Held, Feminist Morality (Chicago: University of Chicago Press, 1993) e Christine Di Stefano, Configurations of Masculinity: A Feminist Perspective on Modern Political Theory (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1991).

[24] Lindy West, "I Set Up #ShoutYourAbortion Because I Am Not Sorry, and I Will Not Whisper", The Guardian, 22 de setembro de 2015.

[25] Sasharusa, "The Fetus Is a Parasite", Daily Kos, 15 de abril de 2012; Eileen McDonagh, Breaking the Abortion Deadlock: From Choice to Consent (Nova York: Oxford University Press, 1996). Só que Peter Baklinski rebate o argumento:

A ciência apresenta um quadro completamente diferente acerca do relacionamento real entre um bebê no útero e a sua mãe, demonstrando que, longe de ser um parasita, a criança não nascida pode ajudar a curar a sua mãe pelo resto da sua vida, à medida que células benignas da criança passam para o corpo da mãe durante a gravidez. [...] Um tipo de células fetais que entram no corpo da mãe são as células-tronco do bebê. As células-tronco têm o que Pinctott chama de "propriedades mágicas" no sentido de que elas podem "transformar-se" em outros tipos de células por intermédio de um processo chamado diferenciação. As células-tronco do feto podem, na verdade, transformar-se nas células da própria mãe, que comporão o seu fígado, coração, cérebro, etc. [...] As células-tronco do feto migram para as partes afetadas da mãe e oferecem-se como um remédio, tornando-se parte do corpo da própria mãe. (Peter Baklinski, "Just a 'Parasite'? Cutting Edge Science Shows Fetal Cells Heal Mother for Life", LifeSite News, 4 de janeiro de 2012)

[26] Lee e George, Body-Self Dualism in Contemporary Ethics and Politics, p. 147, 149. Como escreveu David Crawford, o liberalismo pressupõe “que, no que diz respeito às instituições e ações públicas, a pessoa humana é essencialmente desprovida de gênero ou família. Ela pode ser ligada a estes somente por um ato de escolha, considerado inteiramente arbitrário do ponto de vista público”. Portanto, o liberalismo “tacitamente pressupõe uma visão dualista do homem segundo a qual o corpo é reduzido à matéria subpessoal a ser relacionada, de modo privado, ao domínio livre e espiritual da pessoa por um ato de escolha ou pelas preferências inatas de determinada pessoa”. “Recognizing the Roots of Society in the Family, the Foundation of Justice”, Communio 34 (outono de 2007): 409.

[27] M. Galbally, A. J. Lewis, M. V. Ijzendoorn, e M. Permezel, “The Role of Oxytocin in Mother-Infant Relations: A Systematic Review of Human Studies”, Harvard Review of Psychiatry 19, n. 1 (janeiro–fevereiro de 2011).

[28] Alan Boyle, “This Is Your Brain on Fatherhood: Dads Experience Hormonal Changes Too, Research Shows”, NBC Science News, 15 de junho de 2013.

[29] Nathan Rabin, “Fatherhood Killed the Cynic in Me”, Yahoo News, 4 de julho de 2015.

[30] The Magnificent Seven [Sete Homens e um Destino], dirigido por John Sturges (Beverly Hills, CA: United Artists, 1960).

[31] Meilander, Bioethics, p. 20.

[32] Jean-Jacques Rousseau, A Discourse on Inequality (Nova York: Penguin, 1984), p. 92.

[33] Richard Posner, Sex and Reason (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992), 131. No ano 2000, Fred Shapiro, um bibliotecário da Faculdade de Direito de Yale, calculou que Posner era, de longe, o erudito de direito mais citado “de todos os tempos”. Vide Lincoln Caplan, “Rhetoric and Law”, Harvard Magazine (janeiro-fevereiro de 2016).

[34] Helen Croydon, “It’s Time to Ditch Monogamy”, New Republic, 25 de abril de 2014.

[35] United States Census Bureau, “Women’s Marital Status”, https://www.census.gov/content /dam/Census/library/visualizations/time-series/demo/families-and-households/ms-1b.pdf; “Men’s Marital Status”, https://www.census.gov/content/dam/Census/library/visualizations/time-series/demo/families-and-households/ms-1a.pdf.

[36] Barbara Dafoe Whitehead e David Popenoe, “Sex without Strings, Relationships without Rings: Today’s Young Singles Talk about Mating and Dating”, Report of the National Marriage Project (New Brunswick: Rutgers University, 2000), p. 6.

[37] Napp Nazworth, “Fatherlessness Harms the Brain, Neurobiologists Find”, Christian Post, 1º de dezembro de 2013. Vide também “The Consequences of Fatherlessness”, The National Center for Fathering, http://www.fathers.com/statistics-and-research/the-consequences-of-fatherlessness/; David Blankenhorn, Fatherless America: Confronting Our Most Urgent Social Problem (Nova York: Basic Books, 1995); Elizabeth Marquardt, Between Two Worlds: The Inner Lives of Children of Divorce (Nova York:

Crown Books, 2005); editado por W. Bradford Wilcox, ed., When Marriage Disappears: The Retreat from Marriage in Middle America (Charlottesville, VA: University of Virginia, National Marriage Project; Nova York: Institute for American Values, 2010); Mary Eberstadt, Adam and Eve After the Pill: Paradoxes of the Sexual Revolution (São Francisco: Ignatius Press, 2012); Glenn Stanton, Why Marriage Matters (Colorado Springs: Pinon Press, 1997). Um artigo recente resume as descobertas:

Uma pesquisa feita pelo sociólogo do Estado da Pensilvânia, Paul Amato (2005) sobre os prejuízos de longo prazo causado pelo divórcio aos filhos demonstrou que, se os Estados Unidos tivessem o mesmo nível de estabilidade familiar dos anos 1960, o país teria 70.000 menos tentativas de suicídio entre os jovens a cada ano; cerca de 600.000 crianças a menos estariam fazendo terapia e 500.000 atos a menos de delinquência de adolescentes. [...] Os adultos também são vulneráveis a pensamentos e atos suicidas depois do divórcio. Um estudo de 2010, feito pela Rutgers, acerca dos suicídios entre norte-americanos de meia-idade descobriu que as taxas de divórcio dobraram entre os adultos de meia-idade e idosos desde a década de 1990, o que levou ao isolamento social. Este estudo demonstrou que, em 2005, os homens de meia-idade não casados tinham 3,5 vezes mais probabilidade de morrer por suicídio do que os homens casados e as suas contrapartes femininas 2,8 vezes mais do que as mulheres casadas. (Rick Fitzgibbons, “Divorce Is Killing Our Children, but We’re Too Drowned in PC Nonsense to Talk about It”, LifeSite News, 5 de maio de 2016)

[38] Para saber mais sobre esses e outros estudos relacionados, vide Ryan Anderson, Truth Overruled: The Future of Marriage and Religious Freedom (Washington, DC: Regnery, 2015), p. 30-31.

[39] Sara McLanahan and Gary Sandafur, Growing Up with a Single Parent: What Hurts, What Helps (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994), p. 38.

[40] Rabbi Lord Jonathan Sacks, “The Love That Brings New Life into the World”,

anotações de uma palestra feita no Vaticano em 17 de novembro de 2014, http://rabbisacks.org/love-brings-new-life-world-rabbi-sacks-institution-marriage/.

[41] Para saber mais sobre esses e outros estudos relacionados, vide Anderson, Truth Overruled, p. 32.

[42] Para acessar esse e outros estudos relacionados, vide Stanton, Why Marriage Matters, p. 81; e Linda Waite and Maggie Gallagher, The Case for Marriage: Why Married People Are Happier, Healthier, and Better Off Financially (Nova York: Random House, Doubleday, 2000).

[43] Citado por Mark Oppenheimer, “A Gay Catholic Voice Against Same-Sex Marriage”, New York Times, 5 de junho de 2010.

[44] Para ter acesso a uma apresentação dos argumentos a favor do casamento, vide Sherif Girgis, Ryan T. Anderson e Robert P. George, What Is Marriage? Man and Woman: A Defense (Nova York: Encounter Books, 2012). Um argumento comum é que a única diferença entre uniões do mesmo sexo e do sexo oposto é que as primeiras são estéreis — e como casais do sexo oposto estéreis têm permissão legal para casarem-se, é certo que casais do mesmo sexo também recebam permissão legal para casarem-se. Só que até o surgimento do movimento homossexual, ninguém considerava que a existência de casais estéreis justificava as uniões do mesmo sexo. Por que não? Historicamente, o Estado sempre liberou o tipo de união que levasse à geração de filhos. Perguntar acerca da fertilidade de cada casal que se apresentava para casar seria considerado uma invasão inaceitável de privacidade. Além disso, a maioria dos casais só descobre que é infértil depois de muitos anos de casamento. E, mesmo que eles tenham a intenção de ter filhos quando se casam, é comum que muitos mudem de ideia. Quase 90% dos casais geram filhos. Portanto, o curso racional é o que os estados têm feito historicamente: Liberar as uniões entre homem e mulher por ser esta a única forma de relacionamento que pode gerar

descendentes, mesmo que isso nem sempre ocorra.

[45] Judge Vaughn Walker, Perry v. Schwarzenegger, 591 F.3d 1126 (9th Cir. 2009), p. 67.

[46] Citado por Blankenhorn, Future of Marriage, p. 122.

[47] Andrew Sullivan, “Introduction”, Same-Sex Marriage: Pro and Con, editado por Andrew Sullivan (Nova York: Vintage Books, 1997, 2004), xxiii.

[48] Katz, Invention of Heterosexuality, p. 186-187.

[49] Ibid., p. 187.

[50] Citado por Blankenhorn, Future of Marriage, p. 133.

[51] Johanna Dasteel, “Homosexual Activist Says Gay ‘Marriage’ Isn’t about Equality, It’s about Destroying Marriage”, LifeSite News, 1º de maio de 2013.

[52] J. Richard Pearcey, “The Revolt of Intelligence Against ‘Marriage Equality’”, The Pearcey Report, 18 de março de 2013. Este artigo apareceu pela primeira vez em American Thinker.

[53] Um estudo descobriu que “82 por cento dos gays havia tido contato sexual com outra pessoa além do seu principal parceiro”. E o que dizer dos rompimentos nos casamentos? Um estudo feito na Noruega e na Suécia, países que sancionaram as relações do mesmo sexo desde a década de 1990, descobriu que os relacionamentos gays masculinos têm 50% a mais de chance de romperem-se do que os casamentos heterossexuais, ao passo que os relacionamento lésbicos têm 167% a mais de chance do que os casamentos heterossexuais. (Não, isto não é um erro de digitação.) Stanton L. Jones, “Same-Sex Science”, First Things, fevereiro de 2012. Vide também Hanna Rosin, “The Dirty Little Secret: Most Gay Couples Aren’t Monogamous”, Slate, 26 de junho de 2013.

[54] Para saber mais sobre este estudo, vide Corvino and Gallagher, Debating Same-Sex Marriage, p. 136.

[55] Scott James, “Many Successful Gay Marriages Share an Open Secret”, New York Times, 28 de janeiro de 2010.

[56] “As massas surgiram a partir dos fragmentos de uma sociedade altamente atomizada. [...] A principal característica do homem das massas não é a sua brutalidade e atraso, mas o seu isolamento e falta de relacionamentos sociais normais.” Hannah Arendt, The Origins of Totalitarianism (Nova York: Harcourt Brace, 1951), p. 310-311.

[57] Abigail Rine, “What Is Marriage to Evangelical Millennials?” First Things, 14 de maio de 2015.

[58] Citado por Blankenhorn, Future of Marriage, p. 213.

[59] Dawn Stefanowicz, “A Warning from Canada: Same-Sex Marriage Erodes Fundamental Rights”, Public Discourse, 24 de abril de 2015.

[60] Ibid.

[61] Heather Barwick, “Dear Gay Community: Your Kids Are Hurting”, The Federalist, 17 de março de 2015. Katy Kaust, outra filha adulta de uma lésbica com a sua parceira, escreveu:

Eu me identifico com o instinto que estas crianças têm de protegerem o seu pai gay. Na verdade, eu mesma fiz isso. Lembro-me de ter dito repetidas vezes: “Sou muito feliz pelos meus pais terem se divorciado. Só assim pude conhecer essas duas mulheres maravilhosas”. Eu engolia o elogio e saboreava as honras. A amiga da minha mãe ficava deslumbrada com o meu nível de maturidade, de experiência de vida. Eu dizia isso o tempo todo, e a cada vez a minha atuação ia melhorando. Isso era tudo o que os adultos na minha vida desejavam ouvir. Eu poderia trabalhar no “serviço público de propaganda” para pais gays. Hoje em dia, tenho vergonha do que fazia, porque eu era uma farsa. O divórcio dos meus pais foi o acontecimento mais traumático que ocorreu em todos os meus trinta e oito anos de vida. (“Dear Justice Kennedy: An Open Letter from the Child of a Loving Gay Parent”, Public Discourse, 2 de fevereiro de 2015)

Morabito escreveu: “Toda vez que um dos pais está ausente — por qualquer motivo — a criança sente uma dor profunda”. A criação de filhos por pais do mesmo sexo “exige que essas crianças carreguem esse peso sozinhas e reprimam essa dor profunda em silêncio”. “15 Reasons ‘Marriage Equality’ Is about Neither Marriage Nor Equality”, The Federalist, 26 de junho de 2015.

[62] United Nations, “Universal Declaration of Human Rights” (General Assembly resolution 217 A), 10 de dezembro de 1948, http://www.un.org/en/universal-

declaration-human-rights/.

[63] Douglas NeJaime, “With Ruling on Marriage Equality, Fight for Gay Families Is Next”, Los Angeles Times, 26 de junho de 2015.

[64] Jennifer Roback Morse, “4 Questions about Surrogacy for Conservatives Who Support Gay Marriage”, The Daily Caller, 2 de junho de 2015; vide também Jennifer Roback Morse, “Privatizing Marriage Will Expand the Role of the State”, Public Discourse, 3 de abril de 2012.

[65] Stella Morabito, “Bait and Switch: How Same Sex Marriage Ends Family Autonomy”, The Federalist, 9 de abril de 2014.

[66] Alberta Government, “Guidelines for Best Practices”, 2016, https://education.alberta.ca/media/1626737/91383-attachment-1-guidelines-final.pdf. Por exemplo, “Formulários, websites, cartas e outras formas de comunicação da escola utilizam linguagem inclusiva e que não faz referência a gênero (por exemplo, cuidadores, familiares, parceiros, ‘estudante’ ou ‘seu’ em lugar de Sr., Srª., mãe, pai, o, a, etc.)”.

[67] Brian Mattson, “The Family’s Fair-Weather Friends, Part 2”, Dr. Brian Mattson, 30 de junho de 2015, http://drbrianmattson.com/journal/2015/6/30/the-familys-fair-weather-friends-part-two.

[68] Jean C. Lloyd, “The Wrong Kind of Rights: Same-Sex Marriage, Third-Party Reproduction, and the Sexualization of Children”, Public Discourse, 5 de maio de 2015.

[69] Rae e Cox, Bioethics, p. 105. Vide também Nancy Pearcey, “Technology, History, and Worldview”, Genetic Ethics.

[70] Rickard Newman, “Journey to Baby Gammy: How We Justify a Market in Children”, Public Discourse, 18 de agosto de 2014.

[71] Peters, For the Love of Children, p. 54, 72.

[72] Por exemplo, Steven Ertelt, “Lesbian Couple Asks Surrogate to Abort Baby after Learning She Had Down Syndrome”, LifeSite News, 2 de setembro de 2014.

[73] Meilander, Bioethics, p. 20.

[74] Morse, “The Sexual Revolution Reconsidered”, p. 47.

[75] Sobre as implicações sociais da Trindade, vide os meus livros Total Truth [Verdade Absoluta], p. 132-133, 138, e Finding Truth, p. 130-131, 209-212; bem como Stanley Grenz, The Social God and the Relational Self: A Trinitarian Theology of the Imago Dei (Louisville: Westminster John Knox, 2001). Vide também John D. Zizioulas, Being As Communion: Studies in Personhood and the Church (Crestwood, NY: St. Vladimir’s Seminary Press, 1985); Miroslav Volf, After Our Likeness: The Church as the Image of the Trinity (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), especialmente o capítulo 5, “Trinity and Church”.

[76] Wyatt, “What Is a Person?”

[77] Citado por Taylor, Sources of the Self, p. 223, 224, 226.

[78] Timothy Ware, The Orthodox Church (Londres, UK: Penguin, 1997), p. 240; Kallistos [Timothy] Ware, The Orthodox Way (Crestwood, NY: St. Vladimir’s Seminary Press, 2002), p. 38-39.

[79] Sam R. Williams, “A Christian Psychology of and Response to Homosexuality”, outubro de 2011, https://identifynetwork.org/wp-content/uploads/2015/07/A-Christian-Psychology-and-Response-to-Homosexuality.pdf.

[80] Um motivo da fragilidade das famílias modernas é que ela perdeu muitas das suas funções antigas, tal como educar os filhos, trabalhar em conjunto em algum empreendimento familiar, cuidar dos doentes e mais velhos e assim por diante. Hoje em dia, tudo o que restou é o vínculo emocional, mas isso não é suficiente. Muitos jovens educados no método de educação domiciliar são motivados por uma visão mais abrangente de renovar a família por meio da recuperação das suas funções tradicionais. Vide o meu livro Total Truth [Verdade Absoluta], capítulo 12, e o meu artigo, “Is Love Enough? Recreating the Economic Base of the Family”, The Family in America 4, n. 1 (janeiro de 1990), http://www.arn.org/docs/pearcey/np_familyinamerica.htm.

[81] Alysse ElHage, “How Could Going to Church Help My Family?” I Believe in Love, 3 de dezembro de 2015.

[82] Rosaria Butterfield, entrevistada por Phillip Holmes, “A Safe Place for Sexual

Sinners", Desiring God, 7 de janeiro de 2016. Vide também Rosaria Butterfield, The Secret Thoughts of an Unlikely Convert (Pittsburg: Cross and Crown, 2012).

[83] Segundo o Instituto para Estudo e Serviço das Minorias Sexuais da Universidade de Alberta, entre 20 e 40 por cento dos jovens sem-teto são LGBTQ. "A razão número um para o abandono do lar é a rejeição por parte dos pais", declarou o diretor, Kris Wells. Citado por Erika Stark, "Calgary Parents Gather to Discuss LGBTQ Guidelines", CBC News, 22 de março de 2016.

[84] Alasdair MacIntyre, After Virtue, 3. ed. (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007), p. 263. Para ter acesso a uma visão atualizada e detalhada dos cristãos reconstituindo-se a partir do nível da igreja local, vide Rod Dreher, The Benedict Option (Nova York: Penguin, 2017).



ÍNDICE REMISSIVO

A

“A Epístola a Diogneto”, 75-76

a abstinência sexual e o comportamento saudável, 150-151

aborto, 20-22, 24-25, 49-83, 151-152

“regularizadas e redimidas pelo”, 110

como anticiência, 63-65

como dicotomia entre corpo/pessoa, 29

como um ato de autodefesa contra um intruso, 240

desrespeita as mulheres, 76

e o cultivo de bebês, 98

e os homens, 67-69

entre os cristãos, 13

mudança de atitude acerca do, 193

na Grécia e na Roma antiga, 106

posição dos “millennials” sobre o, 66-67, 193

aborto com escolha de sexo, 71-72

aborto pós-nascimento/pós-parto, 58-59, 295n32

acomodações mistas, 136
Adão e Eva
a Queda de, 142-143
relações sexuais, 140-142
Adler, Mortimer, 100
adoção, 231-232, 242
de embriões, 115-116
Adoções Cristãs Luz da Noite, 115
adultério, 74, 123
afeição não sexual, 193
afiliado sexual, 233
aflição do mundo decaído, 176-177
Ágata de Catânia (mártir), 149
Agostinho, 44, 70
agressores sexuais, 228
aliança, 234
casamento como, 242
Aliança pela Justiça Reprodutiva, 156
Allberry, Sam, 175, 224, 321n46, 322n59, 336n78
Altman, Dennis, 249
Amato, Paul, 344n37

amígdala, 160, 317n10

amizade, 150, 180

amor

pelo corpo, 201-202

pelo próximo, 48

amor familiar, 239

andrógino, 203

anencefalia, 114

Anne, Libby, 59, 296n35

antidepressivos, 131

antigo paganismo, 42

Antigo Testamento sobre a moralidade sexual, 186

Appel, Jacob, 98, 304n38

Arendt, Hannah, 250, 346n56

Aristófanes, 187-188, 326n80

arrependimento, 172, 174, 228, 339n87

ascetismo, 42-44, 146, 270, 289n40

Atenágoras de Atenas, 70, 191

Ato de Defesa do Casamento, 11

atomismo grego, 340n8

atomístico 236, 250, 266, 340n8

atração pelo mesmo sexo, 31-32, 158-159, 161, 170, 174-176, 181-182, 228, 277-278, 280, 315n3, 320n35, 322n46, 323n62

causa genética, 159

eu autêntico, 168

não é adaptativa, 315n3

autismo, 338-339n86

autorrealização, 99, 232

B

Bakke, O. M., 106, 108, 299n58, 306n62, 306n65, 327n87, 327n88

Baklinski, Peter, 342n25

Banks, Joseph e Janelle, 114

barriga de aluguel, 77, 98-99, 252

Barwick, Heather, 252

Barzun, Jacques, 25, 286n9

Basílio de Cesareia, 70

Beardslee, William, 126

Beauchamp, Tom, 88-89

bebês

abandono de, 82-83

como os inimigos do sexo, 151-152

Bebês floco de neve, 115

Belgau, Ron, 181

bem comum, 260, 264

Bennion, Jeff, 181

Bíblia

ética encarnacional da, 37

sobre a moralidade sexual, 139-143, 146, 183, 185-186

sobre o aborto, 70

sobre o casamento, 74-76

sobre o corpo, 31-32, 36-37, 42-46, 146-148, 163-164, 190-191

bigênero, 198, 203

Bigwood, Carol, 210, 332n44

binário de gênero como algo opressor, 205

Bindel, Julie, 99, 304n40

bioética e pessoalidade, 95

biólogos evolucionistas, sobre a origem da reprodução sexual, 206-207

Blackmun, Harry, 51

Bloom, Paul, 62, 297n41

Bonhoeffer, Dietrich, 251

Bordo, Susan, 34-35, 212, 288n23, 291n8, 332n52, 333n53

Bostrom, Nick, 100, 304n44

Boyle, Robert, 292n12

Bristow, Jennie, 63, 297n45

Brown, Peter, 37, 40, 288n28

Bruce, Jim, 223

Buck vs Bell (1927), decisão do caso, 90

Burke, Edmund, 254

Butler, Judith, 161-162, 203-204, 208-212, 317n15, 330n22,24, 332n40,41,42,46,48,52, 334n60

Butterfield, Rosaria, 5, 183, 265, 323n66, 349n82

Byron, Lord, 57

C

“carnismo”, 101

“clone de mente”, 101

“contrário à natureza”, 186, 326n77

“corpo do pecado”, 45

Callahan, Daniel, 88, 302n5

Cantares de Salomão, 147

carne, significado bíblico da, 43

Carson, Ben, 245

casamento

como “estado sagrado”, 260

como “grande mistério”, 141

como aliança, 242

como contrato, 253

como imagem visual do relacionamento humano-divino, 140

como instituição social, 243

conexão com a biologia/unidade biológica, 164, 246

definição desnaturalizada do, 253-255

e atração apaixonada, 148

e cosmovisão bíblica, 251

e prostituição, 243

eliminação total do, 249, 250

fidelidade no, 75

redefinição do, 247-249

tipo de intimidade, 181

união pessoal no, 139

casamento secular, 251

casamentos de “orientação mista”, 181

castidade, 178

castração, 179

celibatários, 193

celibato, 151, 178-180

Central de Controle de Doenças (CDC), 153, 154

Centro Nacional de Doação de Embriões, 115

centros de gravidez de crise, 81

cérebro, diferenciação sexual do, 328n10

chamado para trabalhar, 142

Chatfield, Stephanie, 81

Chesterton, G. K., 152, 314n89

Children's Television Workshop, 30, 287n18

cirurgia de redesignação sexual, 201, 205, 227

cisgênero, 216

Clinton, Hillary, 233

coabitação, 13

Coalisão Religiosa pelo Direito ao Aborto, 70

Collins, Francis, 159, 316n5

Como eu Era antes de Você (filme), 112

compaixão

eutanásia como uma forma de, 93

por aqueles que sofrem eventos traumáticos, 111

comunidades cristãs e compaixão em uma sociedade pomossexual, 218

um senso de ministério, 266

comunidades destruídas pelo pensamento contratual, 238

comunidades intencionais, 150-151

comunismo, 218

confundindo temperamento com sexualidade, 226

consciência humana como centro da realidade, 166

consciência, evolução da, 207

Conselho de Educação e Informação Sexual dos Estados Unidos, 204

construtivismo [...] identidade sexual, 330n25

contracepção, falsa confiança criada pela, 297n47

contrato, 234-237

casamento como, 253

controle das vidas passa para o Estado, 257

vide também teoria do contrato social

vs aliança, 242

controle de morte, 90. Vide também eutanásia

controle de natalidade, 72, 76, 90

controle totalitário/rígido

e a autonomia dos indivíduos, 250

e o cuidado com os filhos, 233

coração, como o eu íntimo, 45

corpo

como algo extrínseco à pessoa, 23, 167

como algo intrínseco à pessoa, 37

como construção social, 211-213

como instrumento de justiça, 45, 47

como instrumento do pecado, 45

como máquina de prazer, 123-124, 133

como moral, 26, 158

como uma máquina, 52-53

dignidade do, 146, 199

e alma, 36-37

e pessoa, 36, 140

linguagem corporal, 138-140

objetificado e instrumentalizado, 124

obsessão pelo, 34-35

redenção do, 143

rejeição do, 34-35

renaturalização do, 210

separado do eu autêntico, 16, 33, 197-198

teleologia do, 28, 32

corpo da mulher desrespeitado no aborto, 71-72

corpo espiritual, 44

Corvino, John, 159, 283n2, 316n6, 346n54

cosmovisão(ões) Vide também cosmovisão cristã; cosmovisão secular

de práticas sociais, 95-96

e moralidade, 138

e o casamento, 251

não vêm com rótulos organizados, 65, 137

cosmovisão cristã, 192, 258

como “fora de moda” e “pré-científico”, 232

e as pesquisas científicas, 102-103

sobre a pessoalidade, 28

cosmovisão mecanicista, 52, 292n12

cosmovisão secular/ética secular, 12-13, 17, 20, 66, 110, 122, 137, 155, 235, 258

contra o corpo, 163

desdém gnóstico pelo corpo, 163

e visão materialista da natureza, 122-123

moralidade da, 13-14, 20

Cotton, John, 260

Cox, Paul, 147, 314n77

Cranford, Ronald, 28-29, 92

Crawford, David, 343n26

Credo Apostólico, 39

crescimento por meio do sofrimento, 110-111

crescimento pós-traumático, 111

criação, 141

bondade da, 184, 207, 258-260

diferenciação sexual na, 34

doutrina abandonada pela teoria do contrato social, 237

e a benevolência do sexo, 140-141

e a integração de corpo e alma, 142

redenção de toda a, 40, 46

valor elevado da, 164

Criação – Queda – Redenção, 46, 141, 270, 276

Crick, Francis, 56

Crisóstomo, João, 70, 73, 108, 191

Cristianismo

acerca do corpo e da alma, 22-23

como contracultura, 37, 71, 74, 146, 192

cosmovisão outrora dominante na cultura ocidental, 35

dignidade ao corpo, 213

e o ensino do valor das crianças, 107-108

influência do ascetismo, 43

origem ao conceito de direitos universais, 103

respeita a teleologia da natureza e o corpo, 25

status elevado da mulher, 190

Crompton, Louis, 187, 300n66, 326n79

Cronin, Kerry, 119, 307n1

Crusoé, Robinson, 238-239

cuidados paliativos, 116-117, 274

cultura da morte, 117-118

cultura do álcool e do sexo casual, 121

cultura do sexo casual, 30, 118, 131, 153, 243, 274, 308n10

cursos de educação sexual, 127, 137, 151, 152-153, 154

custos de tratamento médico, suicídio assistido, 93

Cyrus, Miley, 121, 308n6

D

“desistentes”, 225, 336n81

“despertamento”, 60

“dor total”, 116

Darrow, Clarence, 90, 273, 302n17

Darwin, Charles, 25-26, 89-90, 102, 104, 136, 207, 273, 286n9, 309n10,12

Dawkins, Richard, 25, 94, 286n10

de Jouvenal, Bertrand, 239, 342n22

de Sade, Marquês, 312n57

Declaração de Independência, 55, 64, 67, 95, 255

Declaração Universal dos Direitos Humanos, 252

Dee, Diamond, 330n21

defeitos genéticos, 56, 89

deficientes

assassinato de, 59

pessoalidade dos, 87-88

DeFranza, Megan, 222, 335n72

Delong, Alison, 93

Dennett, Daniel, 52, 292n11

Descartes, René, 51-53, 120, 165, 207, 271, 288n25, 291n9, 292n12, 292n14, 318n21

Desistindo do Segredo, 80

Dez Mandamentos, 45, 183, 190

Diamond, Lisa, 168, 174, 320n31,32, 321n41

Dick, Philip K., 85, 87, 301n1

dicotomia corpo/mente no pós-modernismo, 212

dicotomia ou dualismo corpo/pessoa, 20-22, 32, 50-51, 51-52, 167

e a família, 232

e a sexualidade, 29

e o aborto, 29

e o aviltamento dos laços biológicos, 240

e o transgenerismo, 197

dicotomia entre natureza/liberdade, 165, 317n18

Didaquê, 70, 191

dimorfismo sexual, 206-207

direito de morrer, 28

direitos dos animais, 17, 87, 105

direitos humanos, 104, 215, 217, 334n62

como um “mito cristão”, 67

negados para não pessoas, 104

direitos iguais, 55, 67, 95, 103

e apelo a um Criador, 55

pressupõe um Criador, 62, 67

direitos inalienáveis, 62, 67, 215-216

direitos legais, 215, 217

direitos naturais, 215, 217

discriminação com base na função do córtex cerebral, 56

Discussão Pré-Sexo (DPS), 132-133

disforia de gênero, 33, 220-221, 224, 225, 227, 228, 279-280, 328n1, 337n82, 337n84, 338n86

Disgenesia Gonadal Mista, 223

divisão entre sagrado e secular, 44, 146, 150

divórcio

e os filhos, 244, 245

efeitos na saúde causados pelo, 246

entre os cristãos, 13

DNA, 24, 26, 56, 100, 101, 159, 197, 286n8

Doherty, Sean, 157-158, 163, 174, 276, 315n1, 317n16 321n46, 323n62

dois espíritos, 203

Donne, John, 40, 138, 289n33

dons do Espírito, 219

Dooyeweerd, Herman, 284n12, 317n18, 318n19

dopamina, 130

dor, 56

Dreher, Rod, 190, 200

dualismo, 22-23

denigre o mundo material, 42

nas discussões sobre o aborto, 285nn4,5

dualismo cartesiano/de dois andares, 52-53, 101, 120, 124, 165, 273, 274
dualismo/dicotomia/divisão/cosmovisão dos dois andares, 14-16
e a atração por pessoas do mesmo sexo, 31-32, 162
e a cultura do sexo casual, 120-121
e a eutanásia, 87
e a reprodução artificial, 256
e o aborto, 21, 27, 58-59, 63
e o ataque ao corpo, 35-36
e o culto ao corpo, 34
e o transgenerismo, 34, 196-198
em Descartes, 52
dualismo epistemológico, 318n21
dualismo metafísico, 318n21

E

“espinho na carne”, 177, 179
“esquadrões da morte móveis”, 87
“estado da natureza”, 236-237, 281
“eu desimpedido”, 237
e cosmovisão, 258

Eagleton, Terry, 217, 332n50, 334n52

Ehrman, Bart, 289n35

Eisner, Thomas, 102

eletroencefalograma (EEG), 92, 293n17

ElHage, Alysse, 264-265, 349n81

eliminação completa das categorias binárias de macho e fêmea, 202-203, 221-222, 280

embrião

adoção de, 115-116

como biologicamente humanos, 62

como não pessoas, 56

encarnação, 36, 38, 41, 95, 270

engenharia genética, 17, 87, 99

Epístola de Barnabé, 70

eros (amor sexual), 180

escolha, 100

e a família, 232, 233

ideologia da, 233

na identidade sexual, 172

escravidão

no Novo Testamento, 325-326n75

nos Estados Unidos, 104

escravidão sexual na cultura romana, 73-74

escravos sexuais, 106

espécie, 102

especismo, 51, 56

essencialismo sexual, 330n25

Estado

com o poder de definir a identidade de todos, 216-217

como paternalista, 254

cresce na mesma medida que o casamento vai perdendo força, 245

definindo o que é um pai/mãe, 257

e a definição de gênero, 257

e o aborto, 256-257

e o casamento, 247-248, 257

e o cuidado com os filhos, 233

recebendo poder pelo modelo de família fundamentado na escolha, 254

estado vegetativo persistente, diagnóstico errôneo do, 28, 95, 114

estatismo, 233

estrutura de interpretação e a sexualidade, 172-173

estupro, 19, 73, 127, 187, 189, 214, 295n29

ética da lei natural, 25

ética utilitarista, 132

eu

autônomo, 167

como algo fluido, 208

co mo desimpedido, 237

cria o mundo, 166

Eu, Robô (filme), 52

eu/ser autêntico, 16

e a homossexualidade, 182

e gênero, 205

e o desejo pelo mesmo sexo, 168

mente como, 53

sem conexão com o corpo, 33

terapeutas sobre o, 225

eugenia, 83, 87, 89-90, 100, 302n10

eunucos, 178-180, 322n57

eutanásia, 28-29, 85-118

como política de Estado, 61

eutanásia involuntária, 94

eutanásia voluntária, 93

Evans, John H., 104, 305n60

evolução, 25-26, 89-90, 99, 100, 102, 134, 136, 207-208

F

Facebook, categorias de gênero do, 205

família

como “pequenos pelotões”, 254

como contrato, 233-234

como uma rica metáfora para o Reino de Deus, 242

da biologia para o contrato, 231

fragilidade da, 349n80

limita o poder do Estado, 254

serve ao bem comum, 264

família de Deus, 181, 239

fatos

e interpretações, 167, 211

e valor, 14-16, 21, 61

Ferry, Luc, 103, 305n57

fertilidade, 49, 76-78

fertilização in vitro, 115, 252, 255

embriões em excesso derivados da, 115

feto

como não sendo uma pessoa, 51, 66

como intruso alienígena, 240-241

e a mãe, 342-343n25

filhos

abandono de, 82-83, 238

como mercadorias a serem manufaturadas, 256

como pré-pessoas, 85-86

de casais do mesmo sexo, 251-252

depreciação dos, 106-9

e o divórcio, 244

filhos de Deus, cristãos como, 40, 143, 171, 234, 261-260

Fineman, Martha Albertson, 233, 339n5

Fish, Stanley, 62-63, 297n42

física de Newton (ou newtoniana), 235, 280

Fletcher, Joseph, 35, 50, 55, 94

Floyd vs Anders, decisão do caso, 57

fluidez sexual, 169-170

fornicação, 145, 177, 191

fortalezas, 218

Foucault, Michel, 136, 137, 168, 190, 208, 209, 275, 291n9, 311n57, 319n30,

332n40, 332n52

Frech, Ella, 112-113

Freitas, Donna, 120, 121, 307nn1,2, 308n10

Freud, Sigmund, 133, 137, 180, 275, 310nn47,48

Frymer-Kensky, Tikva, 334n64

Fulwiler, Jennifer, 151-152, 314nn86,88

G

Gassendi, Pierre, 292n12

gêmeos, filhos, 114, 159, 292n16, 315n4

gênero, 197

como algo independente do corpo, 33

como escolha pessoal, 204

como ficção, 203

definição de, 216

desnaturalizar o, 209

separado do sexo biológico/da biologia, 201, 204

um estado mental, 257

gênero fluido, 198, 203

Gênero-queer, 198-199, 202, 203

George, Robert, 62-63, 240, 285n4, 291n3, 297n41, 307n5, 345n44

Gessen, Masha, 249

gestos, 139

Giddens, Anthony, 233, 340n6

Glassgold, Judith, 171

Glendon, Mary Ann, 237, 341n18

Gnosticismo, 37, 38-39, 146, 198, 290n41

Goodwin, Brian, 102, 305n52

Gordon, Bruce, 115-116

Gorman, Michael, 73, 299n58, 300n65

Gosnell, Kermit, 57, 294n26

governo. Vide Estado

Grant, George, 237, 341n14

gravidez não planejada, 81, 151

Gray, John, 99, 304n43

Gregório de Níssa, 325n75

Gresh, Dannah, 127, 309n21

Grossman, Miriam, 125, 129, 309nn17,33

Grosz, Elizabeth, 332n52

Guinness, Os, 39, 289n31

H

Haeckel, Ernst, 89, 273

Haines, Ian, 117, 307n83

Hallowell, John, 237, 238, 341n13, 342n21

Harper, Kyle, 322n56, 338n84

Harrari, Yuval, 67, 298n51

Harris, John, 56, 294n21

Harris-Perry, Melissa, 64

Hart, David, 95, 303n31

Hauerwas, Stanley, 13, 88, 284n10, 302n7

hedonismo romano, 191

hedonismo sexual

e o aborto, 73

objetifica o corpo, 123-124

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, 207, 211, 279, 331nn35,38, 332n47

hermafroditas, 221. Vide também intersexo

Herodes, 145

heterossexualidade, 168, 174, 209, 248, 277

Heyer, Walt, 227-228, 339nn87,88

híbridos humano-animal, 101

Hiperplasia Adrenal Congênita (HAC), 223

Historicismo, 207-208, 211

Hobbes, Thomas, 235-236, 239

Holanda, legalização do suicídio assistido, 87, 117

Holmes, Oliver Wendell, Jr., 90, 273

homens, acovardando-se diante do aborto, 67-69

homossexual, como termo pejorativo, 315n2

homossexualidade, 31-32, 169

a geração de “millennials” evangélica sobre a, 13

e eu autêntico, 182

honrando pai e mãe, 239

Hopkins, Katie, 87, 302n4

Horácio, 145, 188

hormônio do apego, 129

hormônios, 129

hospitalidade, 265

Hughes, James, 101-102

humano “não pessoa”, 21

humanos

beleza e a grandeza dos seres, 95

como átomos sociais, 235, 236, 251, 258, 340n8

como máquinas, 94
como seres sem sexo, 215
produção de, 96-98
Hume, David, 284n13
Huxley, Aldous, 216

I

“igualdade no casamento”, 164
“instrumentalizar” o corpo, 34, 124
identidade pessoal, 25
identidade psicossexual, 144, 196, 200, 203, 210
identidade sexual
como homem e mulher, 163-164
e identidade psicológica, 175
ídolos, 44, 45, 138, 185, 187,
igreja
acolhendo o estrangeiro, 227-229
corpo de Cristo, 46
deveria valorizar as mulheres, 78-79
e o aborto, 54

Ilíada (Homero), 73

Iluminismo, 15, 132

imagem de Deus, 35, 37, 38, 47, 48, 56, 87, 103-104, 122, 141, 171, 221, 259

imoralidade sexual, 73, 145, 146, 186

imperativo categórico, 97, 318n23

incesto, 124, 177, 184, 295n29

individualismo, 261, 340n8, 341n9

indivíduos autônomos, 30, 236, 237, 250, 259, 260

e a lei moral universal, 318n23

e a perda do bem comum, 260

e a sexualidade, 30

e a teoria do contrato social, 236, 239

e o casamento, 242-244

e o Totalitarismo, 250

Inês de Roma (mártir), 149

infância, 108-109, 127, 146, 161, 239, 244, 280, 317n13, 337n82

infantes

abandono de, 82-83

como pessoas, 295n32

infanticídio, 58, 75, 107, 109

como política de Estado, 61

no mundo greco-romano, 71-72
infertilidade/infértil, 77, 345n44
infidelidade, 188, 250
inteligência artificial, 101
interesse(s) próprio(s)/pessoal(is), 237, 243, 251, 260, 341n16
intersexo, 179, 221-224, 280, 335n76
intimidade emocional, 120, 121
intimidade física e a intimidade emocional, 120
intolerância, 11, 12
Irving, Dianne N., 297n37

J

Jeffreys, Sheila, 212, 332n51
Jenner, Bruce, 200, 337n82
Jesus Cristo
ascensão de, 39, 41
como filho não nascido, 69-70
encarnação, 38-39
executado, 39-40
ressurreição de, 39-41

selo de aprovação na moralidade sexual do Antigo Testamento, 186

sobre a família, 239

sobre o casamento, 246

vida e morte de, 108

João Paulo II, papa, 102, 143, 167, 218, 285n4, 287n12, 305n53, 310n44, 318n22, 319n25

Johansson, Scarlett, 57-58, 294n28

Johnson, Maxine Sheets, 211, 332n45

Johnson, Paula, 198, 328n9

Jones, Beth Felker, 34, 74, 287n22

Judas, traição de [...] com um beijo, 139

justiça própria, 192

Justino Mártir, 47-48, 70

K

Kant, Immanuel, 165-167, 173, 277, 284n13, 318nn19,20,21,23, 319n25

Kass, Leon, 58, 295n31

Katz, Jonathan Ned, 133, 168, 248

Kaust, Katy, 347n61

Keller, Timothy, 69, 139, 170-171, 276, 277, 298n55, 313n62, 314n80, 320n34

Kelsey, Monica, 83

Kennedy, Anthony, 247

Kerry, John, 27

Kinsey, Alfred, 134-135, 275, 311n51

Klusendorf, Scott, 55, 58

Knight, Nuriddeen, 201-202, 329n19

Krauthammer, Charles, 97, 303n32

Küng, Hans, 51, 291n5

Kurzweil, Ray, 101

L

“lebensunwertes Leben”, 59

L’Abri, 264, 374

Lady Gaga, 159

Lamott, Anne, 109-110, 306nn68,69

Lázaro, 39, 40, 150, 270, 307n77

Lee Jong-rak, 82

Lee, Justin, 326n78

Lee, Patrick, 240, 285n4, 297n41, 307n5

Lei do Refúgio Seguro de Indiana, 82-83

leis cerimoniais, 185

leis civis, 185-186, 324n72

leis da natureza, 52, 103, 165

leis morais, 185, 186

Leis SOGI (leis de orientação sexual e identidade de gênero), 196-197, 199, 203, 213-214, 215, 216-217, 229, 279

Lenin, Vladimir, 104

Lésbica Até a Formatura, 169

Lewis, C. S., 13, 40, 44, 101, 139, 273, 284n11, 289nn34,39,41, 303n31, 305n47, 312n61, 318n18

Libby, Roger, 132, 310n41

liberação sexual, 133, 134, 135, 137-138

liberalismo clássico, 235, 238, 281, 341n9, 343n26

liberdade no corpo, 200

liberdade religiosa, 12, 268

ligação entre a espiritualidade e a sexualidade, 144

Lloyd, Jean, 177-178, 278, 322nn51,52, 348n68

Locke, John, 235, 340n9

London, Jack, 89-90

Longman, Tremper, III, 147, 314n78

Lundin, Roger, 286n12

Lutero, Martinho, 146, 324n72

Luzia (mártir), 149

M

“millennials” sobre o aborto, 66-67, 193, 298n49

“morte com dignidade”, eutanásia como uma, 117

MacIntyre, Alasdair, 266, 281, 349n84

Maddox, John, 206, 331n33

Mainwaring, Doug, 182, 323n62, 327n87

Maloney, Anne, 131, 310n38

Maniqueísmo, 37, 146

Maritain, Jacques, 53, 292n14

Marx, Karl, 211

massacre de Ruanda, 104

materialismo, 23, 25

e a ética secular, 122-123

e a natureza, 164

e o dualismo de pessoalidade, 91

e o prazer, 132

e o sexo, 133-137

sobre direitos inalienáveis, 67

Mattson, Brian, 254, 348n67

McDonagh, Eileen, 240, 342n25

McHugh, Paul, 131, 336n79

Meilander, Gilbert, 36, 95, 124, 242, 256, 288n26, 291n3, 303n29, 308n14

Melitão de Sardes, 39

mente

como eu autêntico, 53

estrutura a realidade, 165-166

Mersenne, Marin, 292n12

Minkowitz, Donna, 172, 320n38

Mix, Jonah, 199, 329n13

modernismo/modernidade, 15-16, 208-209, 235, 269, 279

Mollenkott, Virginia, 206

Money, John, 201

monismo, 285n5

monogamia, 129, 190

Moody, Daniel, 216, 334nn60,61

Moore, Dudley, 57

Moore, Lecrae, 80, 144, 313n68

Morabito, Stella, 215, 254, 333n57, 339n87, 347n61, 348n65

moralidade

como algo que evolui, 208

como construção social, 164

como desnaturalizada, 208

é uma construção histórica, 208

não arbitrária, 25

mordomos do mundo físico, 46

Morse, Jennifer Roback, 76-77, 254, 258, 285n1, 297n47, 300nn73,74,77,79, 339n2, 342n23, 347n64

morte

como “perda da pessoalidade”, 92

como construção social, 92

como parte não natural da criação, 40

morte cerebral, 92, 293n17, 303n20

mosteiros, 150-151

movimento do direito de morrer, 28, 87

mulheres

desrespeito na sociedade industrial, 77-78

direitos das, 71-76, 213-214

efeitos do aborto sobre as, 68

na cultura greco-romana, 71-74

objetificação das, 128

multiculturalistas, 261-262

N

“natural” como um termo opressor, 161

“noite escura da alma”, 111

desconformidade de gênero/disforia/inconformidade/não conformidade, 161, 195, 209, 226, 280, 317n13, 337n82, 338n86

não binário, 199, 202, 203

não conformidade de gênero infantil, 226

natureza, 184

a ser conquistada, 34-35

alienação da, 210

como fatos de valor neutro, 26

e o desenvolvimento sexual, 173

visão teleológica da, 23, 164, 207

natureza humana, 122, 186

e moralidade, 208

e os relacionamentos humanos, 235, 259

requer ordem social e política, 260

Navarrette, Ruben, Jr., 68, 298n52

nazistas, 59, 89, 100, 102

Neal, Judith, 111

NeJaime, Douglas, 253, 347n63

neoplatonismo, 146

neuroplasticidade, 130, 160

Newton, Isaac, 235, 292n12

Nietzsche, Friedrich, 55, 100, 167, 207, 294n19, 318n23

nova criação, 40, 41

novos céus e nova terra, 39-41

Nussbaum, Martha, 107

O

“o critério de Harvard”, 91-92

Obergefell decisão do caso, 164, 169, 247, 248, 249, 253

ocitocina, 129, 240-241

ódio a si mesmo, 201-202, 279

ofensas da cruz, 192

organismo, 136

orgasmo, 134, 135

orientação sexual, 159, 161, 182, 189, 204, 316n4, 317n9, 322n48

Orwell, George, 65

os Pais da Igreja sobre sexualidade, 191

Otto, Tim, 229, 339n89

O’Donovan, Oliver, 9, 32, 173, 178, 184, 197, 238, 287n20, 295n34, 304n34, 308n68, 314n79, 321n40, 322n55, 323n68, 328n6, 333n53, 342n20

P

“pessoalização” radical da masculinidade e da feminilidade, 143

“pós-humano”, 99

pacientes como pessoas, 116-117

Paglia, Camille, 9, 167, 277, 319n26

pais adotivos, 242

pais solteiros, 245

pais, ausência dos... na infância, 244-245

pangênero, 198, 203

Panteísmo hindu, 146

Panteísmo, 146, 207, 211

parto, 77, 114, 129, 143, 179, 214

paternalismo, 254

Paternidade

desnaturalizada, 215, 254
direitos paternos, 253
e o poder do Estado, 257
visão contratual da, 253, 255-256
Patterson, Sage, 155-156
Paulo
sobre “contrário à natureza”, 326n77
sobre a luta contra o pecado, 288n23
sobre a mutualidade do casamento, 75
sobre o corpo, 43
Pavlina, Erin, 296n36
pecado
e alienação, 224
origina-se no coração, 45
pé torto, 57
Pearcey, Richard, 249
pederastia, 191, 306
pedófilos, 135, 189
Perkins, William, 147
personalidade, diversidade de, 226
pesquisa com embriões humanos, 96

pesquisa de células-tronco adultas, 97-98, 304nn35-36

pesquisa genética, 102-103

pesquisas com células-tronco embrionárias, 17, 97, 304n36

pessoa, pessoalidade

conjunto adicional de critérios para, 29, 60-61, 96

definição desnaturalizada da, 217

dos casais homoafetivos, 247

e a criação, 38

e a imagem de Deus, 56

e a sexualidade, 143

que separa/em oposição à natureza e ao corpo, 20, 58

surgimento/começo da, 55, 60

Peters, Ted, 231-232, 233, 339n1, 348n71

Pharaoh, Gill, 93

philia (amor existente na amizade), 180-181

Piper, John, 80

Pistorius, Martin, 113-114

Planned Parenthood [Paternidade Planejada] vs Casey (1992), 79

Planned Parenthood [Paternidade Planejada] vs Danforth (1976), 79

Planned Parenthood [Paternidade Planejada], 53, 58, 90, 134, 156, 294n27, 295n30, 298n52, 304n37, 313n69

Plantinga, Alvin, 286n5

Platão, 51, 72, 167, 187, 190, 233, 289n35, 291n8, 326n80

Platonismo, 37, 146

pó da terra, seres humanos criados a partir do, 38, 47

pobreza e a desagregação da família, 245

Pollack, Robert, 94

pomossexual, 203-205, 218

porneia, 144-145, 313nn71,72

pornografia, 127-129

entre os cristãos, 12

poder viciante da, 130, 160

Porter, Roy, 132

pós-modernismo, 15-16, 165-167

ceticismo radical, 212

dicotomia corpo/mente, 212

identidade psicossexual, 203

materialista, 332n50

negação da biologia, 211

reducionismo de, 208-209

teoria de gênero, 164

teorias morais pós-modernas/ teoria da moral, 11, 165

Posner, Richard, 243, 343n33

Prager, Dennis, 326n84

pré-pessoas, 85-86

Prevenção de Risco Sexual, programas de, 153

prisões, em ambientes de um só sexo, 169

problema do ajuste fino, 24

procriar/procriação, 70, 97, 184, 248, 256

programas de recuperação para aqueles que se arrependem de seu aborto, 80

proibições levíticas às relações sexuais com o mesmo sexo, 184-185

prostituição cultual/templária, 184, 187, 278, 324n71, 327n84

prostituição, 73, 145, 186, 187, 243, 313n71

Psicoterapia, 131

puritanos, 144, 147

Q

Queda, 176-177

“desordem de desenvolvimento sexual”, 222

e alienação, 142-143

Queer, teoria, 161-163, 199-200, 265

R

“relacionamentos entre dependentes e cuidadores”, 233

“roteiro gay”, 168, 171

Rachel’s Vineyard, 80

Rádio Pública Nacional, 66

Rae, Scott, 99, 147

Randall, John Herman, 292n12

Rawls, John, 341n16

realidade, equilíbrio perfeito entre individualidade e relacionamento, 259

reencarnação, 296n36

Reforma, visões sobre o corpo, 146-147

Reich, Steve, 94, 303n28

Reich, Wilhelm, 135, 275, 311nn53,54

Reimer, David, 201, 329n18

Reino de Deus como família, 242

relação sexual

desconectado das relações pessoais, 121

e a intimidade pessoal/união física, 126-127, 139

relação sexual como ato de adoração, 136

relacionamentos, 260

arraigados na biologia, 261

chamado ao relacionamento como vocação humana, 142

relacionamentos homossexuais no mundo antigo, 187-188

relativismo, 14

reprodução artificial, 255-256

reprodução sexuada e biologia evolucionista, 206-207

reprodução/reproduzir, 97

chave para o avanço evolutivo, 136

ressurreição, 39, 40, 41-42, 44, 289n35

Reuben, Julie, 319n29

revelação de Deus, em “dois livros”, 23

revolução científica, e teoria social, 235

Revolução Industrial, 220, 264

revolução sexual, 12, 20, 135, 136, 144, 151, 156, 191, 193

Ridley, Mark, 206

Rimmer, Robert, 135-136, 311n56

Rine, Abigail, 251, 347n57

Rist, Darrel Yates, 172, 320n39

RNA, 24

Roberts, Will, 241

Robinson, Paul, 135, 311n52

Roe vs Wade decisão sobre o caso (1973), 21, 51, 85, 110

Rorty, Richard, 103-104

Rosin, Hanna, 76

Rothblatt, Martine, 101

Rousseau, Jean-Jacques, 233, 235-236, 239, 243, 340n9

Ruden, Sarah, 145, 189, 190, 299n60, 306n63

S

“semana do sexo”/Semana Sexual (nas Universidades), 124, 155-156

“sexo designado no nascimento”, 222

Sacks, Jonathan, 38, 245

sacrifício de crianças, 184

sadomasoquismo/sadomasoquistas, 124, 311n51, 312n57

Samuelsen, Patricia, 240

Sandel, Michael, 237, 238, 341n17

Sanger, Margaret, 90, 134, 273, 275, 302n15, 311n49

santidade, 42-43, 70, 174-175

santificação leva a “cura substancial”, 176-177

Sartre, Jean Paul, 208, 332n39

Saunders, Cecily, 116, 117

Savano, Jessica, 33, 287n21

Sawyer, Miranda, 20, 21, 56

Schaeffer, Edith, 263-264

Schaeffer, Francis, 14-15, 21, 176, 263-264, 284n12, 285n4, 322n49, 374

Schiavo, Terry, 28

seleção natural (evolução), 25, 67

Selmys, Melinda, 123-124, 126, 180

Senior, Antonia, 49-50

sentimentos

como o verdadeiro eu, 162-64

e identidade, 158, 163, 164, 167, 168, 171-172

Sete Homens e um Destino (filme), 241

sexo biológico, 197-198, 199, 201, 210-211

sexo casual, 17, 20, 30, 118, 120, 121, 123, 125, 129, 130, 131, 152-155, 243, 274, 308n10

sexo robótico, 128

sexo, sexualidade

como amoral, 123-124

como construção social, 33

como estrutura moral de interpretação, 170-171

como ídolo, 150

como imagem do amor de Deus pelo seu povo, 183-184
como parte de um plano maior de Deus, 173
como parte do nosso projeto mais profundo, 168
como uma forma de religião, 133-137
desconstrói a, 209-210
despersonalizado, 127-129
e a comunhão das pessoas, 141
e a dicotomia corpo/pessoa, 29
fora do casamento, 139
integrada com a pessoa total, 31
Shalit, Wendy, 30, 124, 287n16, 309n16, 310n37
Shaw, Ed, 180, 321n46
Shaw, George Bernard, 122, 308n9
Silver, Lee, 100, 304n45
Silverman, Sarah, 98
Simon, Lianne, 223-224, 335n75
Síndrome da Insensibilidade Androgênica (SIA), 222
síndrome do encarceramento, 113
Singer, Peter, 51, 56, 88-89, 94, 105, 123, 291n6, 294n23, 302n8
Singleton, Mary Lou, 214
Skinner, B. F., 233

Slattery, Juli, 127, 309n21, 310n42

Smith, Howard, 24

Smith, Wesley, 28, 97, 104, 287nn14,15, 302n7, 303n22, 303n33, 305n50, 307nn84,85

sociedades industrializadas, desrespeito pelo corpo feminino nas, 77-78

sofrimento e graça, 110-112

Solomon, Robert, 165, 166, 318nn19,22, 332n47

solteiros na igreja, 148-150

Solzhenitsyn, Aleksandr, 169, 320n33

Stacey, Judith, 249

Stanton, Glenn, 154, 199, 310n42, 315n94, 320n32, 329n12, 344n37

Starhawk, 296n36

Stark, Rodney, 71, 75, 299nn58,59, 300n72, 326n75

Stefanowicz, Dawn, 251-252, 347n59

Steinberg, Gary, 97

suicídio assistido, 11, 20, 92-93, 109, 112, 113, 116, 117, 257, 274. Vide também eutanásia

Sullivan, Andrew, 248, 315n2, 346n47

Sunstein, Cass, 340n6

Swaab, Dick, 328n10

Swinburne, Richard, 286n5

T

“tecnologias reprodutivas”, 97

“tráfico reprodutivo”, 99

Tanto o um quanto os muitos, 259

Taylor, Charles, 26

tecnologia desafia a natureza, 255

tecnologias, 101

teleologia

e a sexualidade, 168

visão teleológica da natureza, 23-24, 164, 207

tentação, 173-175, 176, 265, 277

Teodósio II, imperador cristão, 300n68

teoria da pessoalidade, 21-22, 23, 61

como subjetivos e arbitrários, 58, 59

e a cultura do sexo casual, 120

e a divisão fato/valor, 61

e eutanásia, 28, 87-88, 96

e o aborto, 27, 49-50, 51, 53-54, 96

e os desrespeitos pelos direitos humanos, 104

rejeição dos fatos biológicos, 64

teoria do contrato social, 235-237, 238, 239, 250, 251, 259, 260, 280-281, 341n16

teoria social, 229, 232, 235

terapia de conversão, 322n48

terapia reparativa, 322n48

terceiro sexo, 203

Teresi, Dick, 60-61, 91-92, 297n39, 302nn6,19, 303nn20,21, 307n76

Tertuliano, 70, 327n89

Thaler, Richard, 340n6

tipologia de Myers-Briggs, 219, 334n65

tornando-se algo global, 12

tradição romântica, 15-16

tráfico sexual, 74, 99, 128

Trans Student Educational Resources, 209

transexualidade/transexualismo, 32, 198, 329n10

transfóbico, 214, 225

transgenerismo/transgêneros, 13, 32-34, 195-229

desassocia o gênero do sexo biológico, 197-199

sentimentos, 336n79

visão devastadoramente reducionista do corpo, 197

transumanismo, 99-101

tratamento médico, custo de, 93

tratamentos de fertilidade, 76-78

Trindade, 141, 158, 251, 259, 261, 281, 348n75

trissomia do cromossomo, 114

Tushnet, Eve, 247, 323n59

U

übermenschen (superpessoas), 100

ultrassom, 58, 66, 114

uma só carne, 31, 75, 183, 246

Unicórnio do Gênero, 209-210

unidade e/na diversidade, 261

unidade entre corpo/pessoa, 34, 126, 142

uniões de mesmo sexo, 247-248

Filhos de casais do mesmo sexo, 251-252

untermenschen (sub-pessoas), 100

V

“vida meramente biológica”, 62-63

van der Kolk, Bessel, 160-161, 316n7, 317n10,12

Van Gelder, Lindsy, 320n39

variações aleatórias (evolução), 25

vasopressina, 129

verdade(s) universal(is), 207

vício, 45, 159, 175, 275

vida começa na concepção, 20, 27, 49, 53, 60, 64, 271

vínculo entre mãe e filho, 240-241

vínculo entre pai e filho, 241

visão recreativa do sexo, 248

W

Walker, Vaughn, 247

Walsh, Matt, 70, 299n57

Ware, Timothy, 261, 348n78

Warren, Mary Anne, 293n17

Watson, James, 56, 294n22

Welton, Donn, 37, 46, 147, 288n27, 290n43, 314n76

Wendland, Robert, 28-29

West, David, 286n12

Wilchins, Rikki, 202

Wildgrove, David, 57

Wilkins, Tim, 175, 322n47

Will, George, 57, 294n27

Williams, Mary Elizabeth, 64-65, 298n48

Windsor, decisão do caso, 11, 268

Winner, Lauren, 130, 310n34

Wolf, Naomi, 123, 127, 308n12, 309n22

Wolfson, Evan, 248

Woolfson, Adrian, 103, 305n56

Wright, N. T., 41, 289n35,36,38

Wyatt, John, 95, 141, 259, 303n30, 313n64, 348n76

Y

Yale, Universidade de, Semana Sexual, 124

Yamaguchi, Kristi, 57

Yarhouse, Mark, 6, 220-221, 279, 319n27, 320n35, 321n41, 322n48, 323n62, 329n10, 335n67,68,69, 336n79, 337n82, 339n91

Yuan, Christopher, 174, 226

Z

Zarr, Hannah, 79-80

zigoto, 59, 290n2

Zmirak, John, 91, 302n18, 303n33



COMENTÁRIOS SOBRE O LIVRO

“A ideologia liberal secular repousa sobre um erro, e Nancy Pearcey, em seu mais novo e maravilhoso livro, coloca o dedo bem na ferida. Ao abraçar aborto, eutanásia, conduta e relacionamentos homossexuais, o transgenerismo e afins, o secularismo liberal concebe o corpo não como um aspecto da realidade pessoal do ser humano, compartilhando plenamente o seu valor e dignidade intrínsecos, mas, ao contrário, como um instrumento extrínseco da mente, psiquê ou ego — o que é considerado como a ‘pessoa’ verdadeira. Essa instrumentalização do corpo cobre, de alto a baixo, a ética liberal secular; mesmo assim, como mostra Pearcey, isso é tanto filosófica quanto teologicamente insustentável. Os aspectos mental-espiritual e corporal da pessoa humana são uma unidade. O corpo é, verdadeiramente, parte da realidade pessoal do ser humano e compartilha de forma plena a sua dignidade inerente. A partir disso, como demonstra Pearcey, seguem-se muitas questões para a ética da vida e da morte, da sexualidade e do casamento.”

Robert P. George, professor da Cadeira McCormick de Jurisprudência,
Universidade de Princeton

“Nancy Pearcey desmascara as consequências práticas de longo alcance do dualismo mente-corpo melhor do que qualquer pessoa que eu conheça. Este livro não é apenas uma boa leitura para todos os cristãos bem informados, mas deveria ser utilizado como livro básico para a filosofia aplicada. Recomendo-o de todo o coração.”

Jennifer Roback Morse, fundadora e presidente, The Ruth Institute

“Um grande livro... Nancy Pearcey sabe que, no centro dos debates polêmicos da

atualidade, se encontram concepções opostas da pessoa humana: será que somos seres livres e racionais, capazes de conhecer a verdade, ou será que somos poeira cósmica sem significado, resultado de forças materiais cegas? Será que somos feitos à imagem e semelhança de Deus, criados homem e mulher, um para o outro no casamento, ou será que somos espíritos em máquinas, seres sem corpo que podem utilizar nossos corpos para satisfazer quaisquer desejos que venhamos a ter? Ama teu Corpo mostra como os debates sobre aborto, eutanásia, casamento homossexual e identidade de gênero dependem da antropologia. Pearcey defende uma compreensão sólida da dignidade da pessoa integral."

Ryan T. Anderson, PhD, pesquisador sênior,

The Heritage Foundation; autor de Truth Overruled:

The Future of Marriage and Religious Freedom [Verdade Rejeitada: o futuro do casamento e da liberdade religiosa]

"Nancy Pearcey demonstra em cada página como compreender a cosmovisão secular a fim de lutarmos contra ela com eficácia na América pós-cristã. Ama teu Corpo é um livro obrigatório."

Rosaria Butterfield, ex-professora, Universidade de Siracusa; autora de The Secret Thoughts of an Unlikely Convert [Pensamentos Secretos de um Convertido Improvável]

"Nancy Pearcey vai direto ao ponto fundamental de nossos dias: qual é o fundamento do valor dos seres humanos? A maneira como respondemos a essa pergunta determinará as normas culturais sobre aborto, suicídio assistido e ética sexual. Por anos, tenho alertado o pessoal pró-vida de que o nosso problema principal é uma cosmovisão destrutiva que define os seres humanos por função, e não por natureza. Se você quer combater a cultura, simplesmente leia este livro. Porém, não o leia simplesmente. Domine-o."

Scott Klusendorf, presidente, Life Training Institute; autor de The Case for Life [O Argumento para a Vida]

“O grupo de pensadores sérios que fala com tanta clareza e sabedoria sobre a aplicação da verdade cristã na sociedade contemporânea infelizmente é pequeno. Nancy Pearcey é um dos pontos mais brilhantes desse grupo seleto. Cada um de seus livros é uma pérola. Ama teu Corpo amplia com riqueza o baú do tesouro que é a sua obra completa. E todos nos beneficiamos. Recomendo-o de todo o coração.”

Glenn T. Stanton, diretor, Global Family

Formation Studies, Focus on the Family

“Nancy Pearcey presenteia-nos mais uma vez com um livro que será de grande utilidade para muitos. Escrevendo com profunda compaixão e clareza de pensamento, ela ajuda-nos a compreender melhor a cosmovisão que se encontra por trás das grandes mudanças culturais que temos experimentado recentemente no Ocidente. Este livro equipará e inspirará muitas pessoas. Pearcey é uma guia maravilhosa.”

Sam Allberry, The Gospel Coalition; autor de Is God Anti-Gay? [Será que Deus É contra os Homossexuais?]

“Neste trabalho, Nancy Pearcey apresenta uma análise astuta e, ao mesmo tempo, acessível das raízes intelectuais encontradas nas doenças morais mais importantes da época: aborto, eutanásia, imoralidade sexual e redefinição de família. Pearcey leva-nos além do ‘não deverás’ para mostrar-nos por que os

caminhos de Deus são os melhores. Altamente recomendado!”

Richard Weikart, professor de história, Universidade Estadual da Califórnia, Stanislaus; autor de The Death of Humanity:

And the Case for Life [A Morte da Humanidade: e o argumento pela vida] e Hitler’s Religion [A Religião de Hitler]

“A clareza e a erudição cuidadosa, características de Nancy Pearcey, conduzem o leitor ao longo da história de nossas percepções oscilantes sobre o significado de ser humano. Ela desfaz as cosmovisões conflitantes que fundamentam questões centrais da identidade humana, tais como eutanásia, aborto, a cultura do sexo casual e ideias afins. Com a mente de uma filósofa e a sensibilidade de uma mãe e professora, a erudição de Pearcey surge com toda plenitude. Ama teu Corpo é uma leitura altamente agradável, perspicaz e informativa.”

Mary Poplin, professora de educação, Universidade de Graduação Claremont; autora de Is Reality Secular? Testing the Assumptions of Four Global Worldviews [A Realidade É Secular? Testando as suposições de quatro cosmovisões globais]

“Em uma era na qual o debate moral é cada vez mais um jogo de slogans e monólogos, Nancy Pearcey, em Ama teu Corpo, compartilha uma sabedoria penetrante em relação ao papel que as compreensões fundamentalmente diferentes da natureza da realidade têm em nossos debates culturais sobre as dolorosas escolhas morais que enfrentamos sobre a vida e a sexualidade. Este livro agradável é um depósito de tesouros de percepções críticas.”

Stanton L. Jones, ex-reitor e professor de psicologia, Wheaton College; coautor de God’s Design for Sex

[O Projeto de Deus para o Sexo]

“Como as suas outras obras monumentais, Total Truth [Verdade Absoluta], Saving Leonardo [Salvando Leonardo] e Finding Truth [Encontrando a verdade], Ama teu Corpo, de Nancy Pearcey, é outra análise cultural brilhante e realista dos problemas inerentes e das consequências práticas que derivam da secularização. Pearcey ajuda-nos a compreender não apenas a aplicação atual da secularização em nossa pessoalidade, família e sociedade, mas também suas implicações devastadoras na visão de quem somos e de onde vivemos.”

Paul R. Shockley, professor de Bíblia e Teologia,

Faculdade de Estudos Bíblicos — Houston

“Os futuros líderes devem ter respostas sobre o valor da vida de cada indivíduo. Nancy Pearcey mais uma vez desenterra a verdade. Ama teu Corpo traz clareza e entendimento para a variedade de visões complexas e confusas nos debates sobre amor e sexualidade. Este livro é uma leitura essencial para todos!”

Becky Norton Dunlop, Ronald Reagan Distinguished Fellow, The Heritage Foundation

“Pearcey convida-nos a adentrar as Escrituras para celebrar o corpo como um bom presente de Deus. Ela refuta a ideia de que o Cristianismo é ‘antissexo’ e ‘anticorpo’ com um entendimento bíblico do significado do ser humano e uma visão positiva do corpo como criação de Deus. No final, só o evangelho é um romance de verdade.”

Kelly Monroe Kullberg, fundadora, The Veritas Forum; autora de Finding God Beyond Harvard

[Encontrando Deus além de Harvard]

“Ama teu Corpo, de Nancy Pearcey, é aquilo que esperamos dela — oportuno, relevante, perspicaz, maravilhosamente documentado e completamente cristão. Ela continua o seu grande trabalho usual de criticar as tendências culturais através das lentes da cosmovisão cristã. Recomendo este livro do fundo do meu coração.”

Scott B. Rae, deão da faculdade e professor de ética cristã, Escola de Teologia Talbot, Universidade de Biola

“Nancy conseguiu de novo! Com a sua mente aguçada, profundidade de análise e escrita clara e concisa, ela proporcionou-nos o melhor livro sobre a ideologia sexual pós-moderna. Expõe o fundamento dessa ‘nova’ sexualidade e mostra como apresentar a verdade linda e cheia de vida da sexualidade humana construída na criação. Este livro é obrigatório para qualquer um que entre na luta para restaurar a glória e a dignidade de ‘homem e mulher criados à imagem de Deus’.”

Darrow L. Miller, co-fundador de Disciple Nations Alliance; autor de Nurturing the Nations [Discipulando Nações]



SOBRE A AUTORA

Nancy R. Pearcey é autora de Total Truth [Verdade Absoluta], um livro vencedor do Prêmio ECPA Gold Medallion de 2005, como o melhor livro sobre o Cristianismo e Sociedade. Também ganhou o Prêmio ECPA Gold Medallion no ano 2000 com o livro E Agora: Como Viveremos? (escrito em parceria com Chuck Colson e com o romancista Harold Fickett e publicado pela CPAD). Dentre outros livros de sua autoria, estão The Soul of Science [A Alma da Ciência] e Saving Leonardo: A Call to Resist the Secular Assault on Mind, Morals, and Meaning [Salvando Leonardo: Um Chamado à Resistência Diante do Assalto à Mente, à Moral e ao Significado]. Seu livro mais recente é Finding Truth: 5 Principles for Unmasking Atheism, Secularism & Other God Substitutes [Encontrando a Verdade: 5 Princípios para Desmascarar o Ateísmo, o Secularismo e outros Deuses Substitutos].

Nancy Pearcey já escreveu capítulos para vários livros e já publicou mais de cem artigos em veículos renomados como o Washington Post, The Washington Times, First Things, American Thinker, Human Events, Christianity Today, Books & Culture, World, Human Life Review, American Enterprise, The Daily Caller e Regent University Law Review. Participa, com frequência, de programas de rádio e televisão em emissoras como a Fox & Friends, NPR e C-SPAN.

Considerada pela revista The Economist como “a principal intelectual feminina do mundo evangélico norte-americano”, Nancy já fez preleções para equipes do Capitol Hill e da Casa Branca; para atores e autores de Hollywood; cientistas em laboratórios como Sandia e Los Alamos; artistas no Movimento Internacional das Artes; estudantes e professores em universidades como Princeton, Stanford, Dartmouth, USC, Universidade Estadual de Ohio, Universidade da Geórgia e St. John’s College; além de grupos educacionais e ativistas como a Heritage Foundation em Washington, DC.

Pearcey é professora de Apologética e professora residente na Houston Baptist University, editora-chefe do The Pearcey Report e membro do Discovery Institute. Dentre os seus cargos anteriores, estão o de professora convidada no Biola University’s Torrry Honors Institute, professora de estudos de cosmovisão

na Cairn University e de Professora Titular da Cátedra de Francis A. Schaeffer no Instituto Mundial de Jornalismo.

Uma ex-agnóstica, Nancy estudou a cosmovisão cristã no Instituto L'Abri com o Prof. Francis Schaeffer, na Suíça. Formou-se em Bacharel de Artes na Universidade Estadual de Iowa e fez o mestrado no Covenant Theological Seminary, além de ter prosseguido estudos de graduação em História e Filosofia no Instituto de Estudos Cristãos de Toronto – Canadá. Em 2007, recebeu um doutorado honoris causa da Cairn University.

De 1977 a 1990, Pearcey escreveu artigos para Associações Bíblicas sobre a intersecção entre Ciência e Cosmovisão. De 1991 a 1999, foi editora-fundadora do programa diário de rádio BreakPoint, onde escreveu mais de mil comentários e liderou uma equipe de redatores. Durante sete anos, foi coautora de uma coluna mensal ao lado de Chuck Colson, na revista Christianity Today.

Nancy e seu marido, Rick, têm dois filhos, ambos educados no método de educação domiciliar.